

BALZAC 13

A COMÉDIA HUMANA

**ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
RURAL**

OS CAMPONESES
O MÉDICO RURAL



BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

BALZAC 13

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
RURAL

OS CAMPONESES
O MÉDICO RURAL



BIBLIOTECA AZUL

HONORÉ DE BALZAC A COMÉDIA HUMANA 13

ORIENTAÇÃO, INTRODUÇÕES E NOTAS DE **PAULO RÓNAI**
TRADUÇÃO DE **CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E**
VIDAL DE OLIVEIRA



BIBLIOTECA AZUL

PLANO DA PRESENTE EDIÇÃO DE A COMÉDIA HUMANA

DIVISÃO GERAL

ESTUDOS DE COSTUMES

Cenas da vida privada	vol. I-IV
Cenas da vida provinciana	vol. V-VII
Cenas da vida parisiense	vol. VIII-XI
Cenas da vida política	vol. XII
Cenas da vida militar	vol. XII
Cenas da vida rural	vol. XIII-XIV
ESTUDOS FILOSÓFICOS	vol. XV-XVII
ESTUDOS ANALÍTICOS	vol. XVII

DIVISÃO POR VOLUMES

1 *Paulo Rónai: A Vida de Balzac*

Ao “Chat-qui-pelote”. O Baile de Sceaux. Memórias de Duas Jovens Esposas. A Bolsa. Modesta Mignon.

2 Uma Estreia na Vida. Alberto Savarus. A Vendeta. Uma Dupla Família. A Paz Conjugal. A Senhora Firmiani. Estudo de Mulher. A Falsa Amante. Uma Filha de Eva.

3 A Mensagem. O Romeiral. A Mulher Abandonada. Honorina. Beatriz. Gobseck. A Mulher de Trinta Anos.

4 O Pai Goriot. O Coronel Chabert. A Missa do Ateu. A Interdição. O Contrato de Casamento. Outro Estudo de Mulher.

5 Úrsula Mirouët. Eugênia Grandet. Os Celibatários: Pierrette; O Cura de Tours.

6 Um Conchego de Solteirão. Os Parisienses na Província: O Ilustre Gaudissart; A Musa do Departamento. As Rivalidades: A Solteirona; O Gabinete das Antiguidades.

7 Ilusões Perdidas.

8 História dos Treze: Ferragus; A Duquesa de Langeais; A Menina dos Olhos de Ouro. História da Grandeza e da Decadência de César Birotteau. A Casa Nucingen.

9 Esplendores e Misérias das Cortesãs. Os Segredos da Princesa de Cadignan. Facino Cane. Sarrasine. Pedro Grassou.

10 Os Parentes Pobres: A Prima Bete; O Primo Pons.

11 Um Homem de Negócios. Um Príncipe da Boêmia. Gaudissart II. Os Funcionários. Os Comediantes sem o Saberem. Os Pequenos Burgueses. O Averso da História Contemporânea.

12 Um Episódio do Terror. Um Caso Tenebroso. O Deputado de Arcis. Z. Marcas. — A Bretanha em 1799. Uma Paixão no Deserto.

13 Os Camponeses. O Médico Rural.

14 O Cura da Aldeia. O Lírio do Vale.

15 A Pele de Onagro. Jesus Cristo em Flandres. Melmoth Apaziguado. Massimilla Doni. A Obra-Prima Ignorada. Gambara. A Procura do Absoluto.

16 O Filho Maldito. Adeus. As Maranas. O Conscrito. “El Verdugo”. Um Drama à Beira-Mar. Mestre Cornelius. A Estalagem Vermelha. Sobre Catarina de Médicis. O Elixir da Longa Vida. Os Proscritos.

17 Luís Lambert. Seráfita. — Fisiologia do Casamento. Pequenas Misérias da Vida Conjugal. Apêndice: Prefácio do Autor a A Comédia Humana.

**ESTUDOS DE COSTUMES •
CENAS DA VIDA RURAL**

OS CAMPONESES

O MÉDICO RURAL

A COMÉDIA HUMANA

13

**ESTUDOS
DE COSTUMES •
CENAS DA
VIDA RURAL**

OS CAMPONESES

TRADUÇÃO DE **CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

INTRODUÇÃO

Os Camponeses (*em francês: Les Paysans*) é um dos livros póstumos de Balzac. Na vida do autor só a primeira parte desse romance foi publicada, tendo saído em folhetim do jornal *La Presse*, de 3 a 21 de dezembro de 1844. Em 1855, isto é, cinco anos depois da morte do romancista, a *Revue de Paris* publicou novamente a parte já impressa, mais uma segunda parte até então inédita. A primeira edição em volumes data do mesmo ano.

Balzac passou os últimos quinze anos de sua vida preocupado com esse romance, a cuja história acidentada o maior dos balzaquistas, o Visconde Spoelberch de Lovenjoul, consagrou em 1901 um volume inteiro: *La Genèse d'un Roman de Balzac: Les Paysans*. Começou-o em 1834, quando o Conde e a Condessa Hanska, aos quais a administração de seu latifúndio da Polônia causava constantes preocupações, lhe pediram que escrevesse um romance sobre O Grande Proprietário. Nas páginas iniciais escritas então pintou o antagonismo entre a grande propriedade e a burguesia das cidadezinhas.

Em janeiro de 1836 aparece nos seus papéis o título “Quem tem terra, tem guerra”, que ficou sendo o da primeira parte de *Os Camponeses*.

Em novembro de 1839, o escritor, numa carta a Gautier, define o romance como “a pintura da luta, no fundo da roça, entre os grandes proprietários e os proletários, e a influência da desmoralização pelo abandono das doutrinas católicas”.

Modificado o assunto, apareceu o título definitivo *Os Camponeses*; em maio de 1840 Balzac oferece o romance como pronto a *La Presse* e recebe por conta dos honorários um adiantamento; mas depois substitui-o sucessivamente por outros trabalhos, sendo que só em fins de 1844 entrega os originais da primeira parte.

Os da segunda foram compostos em caracteres velhos de tipografia para uso exclusivo do romancista, que se servia das provas de tais composições para em suas margens anotar correções e acréscimos. São provas dessa composição, revistas pelo autor, mas não entregues a *La Presse*, que a viúva aproveitou na publicação de 1855, depois de “submetê-las à indispensável revisão”.

Os leitores que acompanham a presente edição receberão essa informação com justa desconfiança, lembrados do tratamento indigno que a Condessa infligiu a duas outras obras inacabadas de Balzac, *Os Pequenos Burgueses* e *O Deputado de Arcis*, entregando-as ao pseudoescritor Charles Babou para completá-las. O colaborador póstumo impingiu então, nos livros que o grande romancista não teve o tempo de

terminar, “desfechos” abaixo de medíocres, mais extensos do que as partes escritas por Balzac.

Felizmente Os Camponeses escapavam a essa desgraça; conforme assegura Marcel Bouteron, o melhor conhecedor da obra balzaquiana e organizador da edição da Pléiade: “A tarefa da sra. de Balzac era delicada e ela desempenhou-a com muita inteligência... Se poupou a Os Camponeses o polimento dos hábeis, teve entretanto de recorrer a alguns acréscimos e a algumas articulações discretas, para tornar publicáveis as provas incorretas e fragmentárias deixadas pelo romancista. Entretanto, apesar da inteligência dos retoques da sra. de Balzac, nós lhe preferimos, todas as vezes em que nos foi conservado e era possível utilizá-lo, o próprio texto dos fragmentos originais de Balzac”.

O que salvou Os Camponeses de sorte igual à de Os Pequenos Burgueses e O Deputado de Arcis não foi nenhum arrependimento da viúva responsável pela falsificação desses dois romances, mas o estado de relativo adiantamento em que Balzac, ao morrer, deixara os originais. O leitor que ignorasse a história do livro poderia mesmo pensar que se trata de obra acabada, pois o enredo chega a um desenlace, e não falta ao fim uma dessas frases pitorescas, tão felizmente apanhadas, em que Balzac sabia condensar uma lição, um sentido filosófico. Mas conforme os planos do escritor, resultantes do contrato relativo ao romance, este devia ter muito mais que o dobro de sua extensão atual. Esse plano, convém salientá-lo, foi elaborado depois de já existirem os fragmentos que compõem a atual segunda parte; quer dizer que Balzac, apesar de ter chegado ao remate, ainda pretendia aumentar o livro. Como sabemos, ele elaborava e ampliava seus romances nas provas tipográficas, a última das quais frequentemente tinha três a quatro vezes mais matéria do que a primeira. Era o que ia fazer, sem a menor dúvida, com Os Camponeses, se a sua existência, cada vez mais atrapalhada por doenças e compromissos inexecutáveis, pela mania da coleção e a paixão do arrivismo, e sobretudo pelas atitudes enigmáticas e os caprichos absurdos da Condessa Hanska (possuída de verdadeira febre migratória), não lhe tivesse tirado a pena da mão.

O conhecimento desses pormenores é importante, pois nos faz compreender a extraordinária diferença de ritmo das duas partes do romance: enquanto a primeira é uma vagarosa exposição épica, fazendo prever uma narrativa complexa e cheia de episódios, a segunda é um rápido suceder-se de incidentes bruscos, apenas esboçados e às vezes surpreendentes. Mas as duas partes têm diferenças mais substanciais: enquanto a primeira é um possante romance social no sentido mais amplo da palavra, com importante documentação sociológica, de largos horizontes políticos e econômicos, a segunda, sobretudo nos capítulos V a X, reunidos de fragmentos pela Condessa (pois dos capítulos I a IV existiam provas continuadas), é uma narrativa romanesca do tipo tradicional, e, embora também contenha páginas esplêndidas, não mais nos dá a

impressão de algo poderosamente novo na literatura.

Um dos lugares-comuns do romantismo, herdado de Rousseau, é a bondade natural do homem. Ora, se os homens são bons por natureza, os melhores devem ser aqueles que levam a vida mais natural: quer dizer, os camponeses. O próprio Balzac, influenciado fortemente pela pregação de Rousseau, adotara como tese fundamental de seus Estudos Filosóficos a ideia de que o pensamento é um mal e corrompe o homem. Muitos de tais Estudos, como veremos nos volumes a seguir da presente edição, são meras ilustrações ou demonstrações dessa afirmação previamente aceita. Mas, à medida que o talento de Balzac se tornava mais maduro e sua visão mais larga, o artista verificou a contradição entre as ideias rousseaunianas e os dados da observação. Ao cabo de algum tempo teve de reconhecer que o quadro idealista dos costumes campestres, tão frequente nos romances da época, não correspondia à realidade. Entre os depoimentos significativos a esse respeito nas obras da fase madura, talvez nenhum seja tão explícito como o trecho seguinte de Um Conchego de Solteirão, escrito em 1842:

“Sem querermos desgostar os criadores de idílios e os filantropos, os habitantes do campo têm poucas noções sobre certas virtudes; e, neles, os escrúpulos provêm de uma atenção interesseira e não de um sentimento do bem e do belo. Criados diante da pobreza, do trabalho constante e da miséria, essa perspectiva lhes faz considerar como permitido tudo quanto os pode tirar do inferno da fome e do trabalho incessante, principalmente quando a lei não se opõe a isso. Se há exceções a essa regra, são raras. A virtude, socialmente falando, é companheira do bem-estar e começa com a instrução.”

As palavras “socialmente falando” indicam o ponto de vista em que Balzac se colocará ao consagrar pela primeira vez toda a sua atenção ao problema das relações entre grandes proprietários e camponeses, fazendo dele assunto do romance que nos ocupa. Não se trata mais de casos sentimentais: “O drama aqui não é restrito à vida privada”. A atitude geral do escritor difere essencialmente da de seus colegas de ofício, e ele o sente tão bem que não qualifica a si mesmo romancista, mas sim historiador de costumes. Em nenhum outro livro, aliás, ele se empenha tanto em esclarecer e definir a sua tarefa; é aqui que o ouvimos enunciar esta distinção fundamental: “O historiador de costumes obedece a leis mais duras do que as que regem o historiador de fatos; aquele deve tomar tudo provável, até o verdadeiro, ao passo que, no domínio da história propriamente dita, o impossível é justificado pela razão de ter acontecido”.

Prevendo a incompreensão que lhe podia trazer a quebra de um tabu romântico — a bondade dos humildes —, o escritor insiste em proclamar a sua imparcialidade: “Não esperem paixão; nem por isso a verdade será menos dramática. De resto, o historiador jamais deve esquecer que sua missão consiste em dar a cada um a sua parte: o rico e o desgraçado são iguais perante a sua pena; para ele, o camponês tem a grandeza de suas

misérias, como o rico a pequenez de seus ridículos. Enfim, o rico tem paixões, e o camponês apenas necessidades: este é, pois, duplamente pobre; e, se do ponto de vista político suas agressões devem ser reprimidas implacavelmente, do ponto de vista humano e religioso ele é sagrado”.

Como demonstra esse trecho e, aliás, todo o romance, Balzac definia os problemas das relações entre proprietários e camponeses em termos inequívocos de luta de classe, e é por isso que os marxistas, apesar da posição conservadora que adotou, o põem em lugar tão alto. O próprio Marx, em certo trecho de O Capital, exalta precisamente Os Camponeses desse escritor “notável pela sua compreensão profunda das revelações reais”. Já citei, à página 39 do volume I da presente edição, um trecho entusiástico de Engels a respeito da obra de Balzac, de quem os socialistas aceitam o diagnóstico sem adotar-lhe a terapêutica — uma espécie de caridade social, subordinada à Igreja Católica.

O registro da animosidade dos camponeses contra os latifundiários nada tem de exagerado. Há muito os comentadores do nosso romance assinalaram o que o relato das frustrações do General Montcornet deve a um episódio real ainda mais trágico, o assassinio do proprietário e escritor Paul-Louis Courier, em 1823, pelos camponeses de suas terras.

Talvez seja Os Camponeses a primeira obra literária em que aparece (em 1844!) o nome do comunismo, “essa lógica viva e ativa da Democracia”. Balzac assinala-o como o principal inimigo da ordem social capitalista e alerta contra ele todos os que possuem alguma coisa. Em mais de um trecho chega a atribuir a seus camponeses uma consciência social excessivamente nítida, que eles — naquela altura dos acontecimentos — dificilmente poderiam ter (“Balzac possui gênio em demasia: distribui-o a seus camponeses”, observa Jules Renard); mas, se a notação psicológica falhou, o registro do processo social é de uma segurança notável.

Observe-se ainda que os verdadeiros protagonistas do livro não fazem parte da massa do proletariado agrário, mas sim pertencem à classe relativamente reduzida de seus exploradores imediatos: camponeses enriquecidos, usurários da roça, taverneiros, cabos eleitorais, pequenos potentados locais com tendência ascendente para a burguesia e que enriquecem igualmente à custa dos ricos e dos pobres. Muito mais que o senhor aristocrata, cujo contato com a terra não é íntimo e que passa a maior parte da sua vida na corte, eles espremem e tiranizam o povo da gleba: mas, como pela sua ação destruidora facilitam o desmoronamento e o parcelamento dos latifúndios, trabalham, em última análise, em proveito deste e contra aquele.

Mais de uma vez Balzac realçou a importância deste livro dentro de sua obra. Não somente em suas cartas à Condessa Hanska encarece o tamanho da tarefa a realizar — “é um mundo, um mundo a ser movimentado” —, notando que, durante a composição, “o que não acontece uma vez em cem, os compositores leem a obra, e se espalhou um rumor de admiração, coisa

tanto mais bela por se tratar de um livro dirigido contra o povo e a democracia”, e acrescentando, algum tempo depois, que “a França inteira abriu os olhos e os ouvidos para esta obra”. Na dedicatória profética a Gavault, chama-o, publicamente, “o mais importante de quantos livros decidi escrever”.

O autor não se iludia quanto à relevância de sua obra. “Os Camponeses”, anota Thierry Bodin no prefácio da nova edição da Plêiade, “além da anedota da decadência de uma propriedade, é a descrição analítica de uma sociedade inteira, e a revelação da luta das classes na França da Restauração e da Monarquia de Julho.” Ele, porém, parece ter-se iludido quanto à recepção por parte dos leitores. Esse romance *sui generis*, no qual aparecem verdadeiras dissertações sobre assuntos tão pouco literários como o comércio da madeira, enquanto um tema tão tradicionalmente literário como a respiga era examinado à luz das posturas municipais sobre contravenções, aborreceu o público dos romances-folhetim, que Dumas e Sue tinham viciado com suas histórias frenéticas cheias de suspense. Muitos assinantes de La Presse protestaram. A apresentação das personagens, minuciosíssima pelo cuidado de situá-las exatamente no respectivo ambiente social, cansava mesmo pessoas de cultura, e esta nota irritada do Diário de Delacroix, o grande pintor romântico, deve exprimir as reações de mais de um leitor: “Os Camponeses interessaram-me de início, mas, à medida que a narrativa progride, tomam-se quase tão insuportáveis quanto as tagarelices de Dumas: sempre os mesmos pormenores liliputianos, pelos quais ele julga conferir algo característico a cada uma de suas personagens. Que confusão e que minúcia! Para que esses retratos em pé de miseráveis comparsas cuja multiplicidade tira qualquer interesse à obra? Isso não é literatura”.

Houve protestos de outra espécie, como, por exemplo, um em Le Moniteur de l'Armée, contra o crime de “apagar a glória de nossos generais” de que Balzac se teria tornado culpado ao atribuir traços ridículos à personagem do General Montcornet.

Tais reclamações não serviam para melhorar as relações, já bastante frias em razão dos atrasos de Balzac, entre este e Emile de Girardin, diretor de La Presse, que terminaram por um rompimento. A dificuldade de colocar noutro jornal a continuação deve ter contribuído para desencorajar o romancista. Depois de retomar inúmeras vezes as provas da segunda parte sem nunca lhe acabar a revisão, em 2 de março de 1846 Balzac, obedecendo a um convite da sra. Hanska, resolve pôr-se a caminho da Itália e encosta o livro inacabado com um suspiro de alívio: “A gente tem sempre o tempo de fazer um livro que não pode fazer”.

Empreender a defesa de Os Camponeses seria fácil, mas obrigar-nos-ia a antecipações suscetíveis de diminuir o prazer da leitura. É difícil resistir à vontade de inventariar as inúmeras riquezas do romance; lembremos pelo menos as profundas observações sobre a maneira por que a força das leis

acaba por se embotar longe dos centros urbanos, o que constitui um complemento moderno e prático da famosa obra de Montesquieu sobre O Espírito das Leis; e, por contraste, algumas paisagens de comovedora beleza, em que a serenidade da natureza se opõe, indiretamente, à luta impiedosa e cruel dos homens entre si.

Os Camponeses, com O Cura da Aldeia e O Médico Rural, forma um grandioso tríptico em que Balzac desenvolve sua concepção da sociedade com pretensões de doutrinador. Esses livros é que mostram melhor todo o alcance de seu pensamento.

Nem falta ao livro o elemento autobiográfico. Quem está a par da vida do autor facilmente descobrirá semelhanças entre as relações ambíguas do casal Montcornet com Emílio Blondet e a situação equívoca dos Hanski e Balzac.

Mas parece-nos que, aos olhos de um leitor do século XX, Os Camponeses realmente não precisam de advogado. O tempo encarregou-se de demonstrar o acerto da visão de Balzac. Com o ampliar-se da perspectiva, o romance vem ganhando partidários entusiastas. Marcel Barrière compara-o a A Terra, de Zola, para demonstrar-lhe a superioridade.

Mais perto de nós, Alain elogia o livro como a imagem mais perfeita de uma sociedade natural. “O quadro do poder de Gaubertin, dos parentes de Gaubertin, dos aliados de Gaubertin, dos fregueses de Gaubertin comprador e vendedor de madeira, é uma análise daquilo que uma sociedade real tem de biológico.” Assinalando o livro à meditação dos políticos, o pensador acha-o superior a muitos sociólogos apriorísticos “que fazem rir. Mas Balzac não faz rir; ele nos recoloca na situação eterna do homem”.

PAULO RÓNAI

OS CAMPONESES

AO SR. S.P.B. GAVAULT¹

Escreveu J.J. Rousseau no começo de A Nova Heloísa: “Vi os costumes de meu tempo, e publiquei estas cartas”. Por que não lhe dizer, imitando o grande escritor: Estudo a marcha de minha época, e publico esta obra?

O fim deste Estudo, de uma assustadora verdade enquanto os homens quiserem fazer da filantropia um princípio em vez de considerá-la um acidente, é pôr em relevo as principais figuras de um povo esquecido por tantos escritores à procura de assuntos novos. Esse esquecimento talvez seja apenas cautela, num tempo em que o Povo recolhe a herança de todos os cortesãos da Realeza. Fizemos poesia com os criminosos, apiedamo-nos dos carrascos, quase que endeusamos o Proletário... Algumas seitas se comoveram, e gritam pela voz de seus escritores: “Trabalhadores, levantai-vos!”, do mesmo modo que já se disse ao Terceiro Estado² “Levanta-te!” Vê-se bem que nenhum desses Eróstratos³ teve coragem de mergulhar nos confins da roça para estudar a conspiração permanente dos que ainda chamamos de fracos contra os que se julgam fortes, a conspiração do camponês contra o rico... Trata-se aqui de esclarecer, não o legislador de hoje, mas o de amanhã. No meio da vertigem democrática a que se entregam tantos escritores cegos, não é urgente pintar enfim esse camponês que torna inaplicável o Código Civil, fazendo a propriedade transformar-se numa coisa que é e não é? O senhor verá esse sapador infatigável, esse roedor que retalha e divide o solo, que parte e reparte em mil pedaços uma jeira de terra, eternamente convidado a esse festim por uma pequena burguesia que faz dele, ao mesmo tempo, seu auxiliar e sua presa. Esse elemento insocial, criado pela Revolução, acabará absorvendo a Burguesia, como a Burguesia devorou a Nobreza. Elevando-se, pela sua própria mesquinhez, acima da lei, esse Robespierre de uma só cabeça e vinte milhões de braços trabalha incessantemente, acororado em todas as comunas, entronizado no Conselho Municipal, promovido a guarda nacional em todos os cantões da França por esse ano de 1830,⁴ que se esqueceu de que Napoleão preferiu correr os riscos da desgraça a armar o

povo.

Se, durante oito anos, cem vezes abandonei e cem vezes retomei este livro, o mais importante de quantos me decidi a escrever, foi por terem todos os meus amigos, inclusive o senhor, compreendido que a coragem poderia vacilar diante de tais dificuldades, de tantas miudezas ligadas a um drama realmente terrível e tão cruamente sangrento; mas, entre as razões que me fazem hoje quase temerário, conte o desejo de concluir uma obra destinada a prestar-lhe testemunho da minha viva e imorredoura gratidão a um devotamento que foi para mim um consolo tão grande no infortúnio.

DE BALZAC

PRIMEIRA PARTE

QUEM TEM TERRA TEM GUERRA

I — O CASTELO

Ao st. Nathan⁵

Aigues, 6 de agosto de 1823.

Meu caro Nathan, que com tuas fantasias proporcionas ao público sonhos deliciosos: vou fazer-te sonhar com a realidade. Tu me dirás se porventura nosso século poderá legar sonhos iguais aos Nathan e aos Blondet de 1823. Medirás a distância que nos separa do tempo em que as Florinas⁶ do século XVIII, ao despertar, achavam num contrato de casamento um castelo como o das Aigues.

Caríssimo, se receberes minha carta pela manhã, estarás vendo de tua cama, a cinquenta léguas mais ou menos de Paris, no começo da Borgonha, numa grande estrada real, dois pavilhõezinhos de tijolo vermelho, ligados (ou separados) por uma cerca pintada de verde?... Pois foi aí que a diligência depositou este teu amigo.

De cada lado dos pavilhões serpeia uma sebe, viva, de onde se escapam espinheiros que fazem lembrar uma nuca penugenta. Aqui e ali, salta com insolência um rebento de árvore. No talude do fosso, lindas flores banham suas hastes numa água verde, dormente. À direita e à esquerda, esta sebe une duas alas do bosque, e a dupla campina a que serve de limite terá sido conquistada, sem dúvida, por mão de homem.

Junto a esses pavilhões desertos e empoeirados começa uma esplêndida avenida de olmos centenários, cujas copas em forma de guarda-sol se inclinam umas sobre outras, formando longa e majestosa abóbada. Cresce erva pela avenida, onde mal se observam os sulcos traçados pela dupla roda das carruagens. A idade dos olmos, a largura das duas aleias paralelas, o aspecto venerável dos pavilhões, a cor escura dos cunhais de pedra, tudo indica estarmos nas proximidades de um castelo quase real.

Antes de chegar à cerca, do alto de uma dessas elevações de terreno que, nós franceses, chamamos um tanto vaidosamente de montanha, a cujo pé se acha a aldeia de Couches, último ponto de muda, eu avistava o longo vale das Aigues, no fim do qual a estrada faz uma volta para ir em linha reta à pequena subprefeitura de La-Ville-aux-Fayes, onde impera o sobrinho do nosso amigo Des Lupeaulx.⁷ Florestas imensas,

dispostas no horizonte sobre uma vasta colina debruada pelo rio, dominam esse rico vale, emoldurado ao longe pelos montes de uma pequena Suíça chamada Morvan. Essas espessas florestas pertencem às Aigues, ao Marquês de Ronque-rolles⁸ e ao Conde de Soulanges,⁹ cujos castelos e parques, e cujas aldeias, vistos de longe e do alto, tornam verossímeis as fantásticas paisagens de Bruegel-de-Veludo.¹⁰

Se estes pormenores não te trouxeram à lembrança todos os castelos de Espanha que já desejava possuir na França, não serás digno desta narrativa de um parisiense estupefato. Estou afinal me deliciando com um campo em que a Arte se mistura à Natureza, sem que uma fique prejudicada pela outra; onde a Arte parece natural e a Natureza é artista. Encontrei o oásis com que tantas vezes sonhamos diante de certos romances: uma natureza enfeitada e luxuriante, acidentada que não se embaralham, algo de selvagem e desganhado, de secreto, de fora do comum. Pula a cerca e vamos andando.

Quando o meu olhar curioso quis abranger a avenida onde o sol penetra apenas pela manhã e à tarde, zebrando-a com seus raios oblíquos, a vista foi barrada pelo contorno de um morro; mas, depois desse desvio, a longa avenida é cortada por um bosquezinho, e chegamos à encruzilhada em cujo centro se levanta um obelisco de pedra, exatamente como um eterno ponto de admiração. Das bases desse monumento, terminado por uma bola eriçada de espinhos (que ideia!), pendem algumas flores amarelas ou purpúreas, conforme a estação. Certamente, as Aigues foram construídas por uma mulher ou para uma mulher — um homem não teria ideias tão graciosas — e o arquiteto deve ter recebido instruções especiais.

Depois de atravessar esse bosque, plantado como sentinela, cheguei a uma deliciosa dobra de terreno, no fundo da qual borbulha um riacho que achesse sobre uma ponta de pedra musgosa, de uma cor soberba, o mais belo dos mosaicos empreendidos pelo tempo. A avenida torna a subir ao longo do curso d'água, por uma inclinação suave. Divisa-se ao longe o primeiro quadro: um moinho com uma barragem, sua calçada e suas árvores, seus patos, seus panos estendidos, sua casa coberta de palha, suas redes e seus instrumentos de pesca, sem falar num ajudante de moleiro, que já me observava. Em qualquer lugar onde nos encontremos no campo, e quando nos julgamos sós, estamos servindo de alvo a dois olhos cobertos por um barrete de algodão. Um trabalhador larga a enxada, um vinhateiro ergue o dorso cansado, uma pequena guardadora de cabras, de vacas ou de carneiros sobe a um salgueiro para nos espionar.

A avenida logo se transforma numa aleia de acácias, conduzindo a uma grade do tempo em que a serralheria fazia dessas filigranas aéreas, bastante parecidas com os traços enfileirados no modelo de um professor de caligrafia. De cada lado da grade estende-se um largo

fosso, cujo duplo cume é guarnecido pelos dardos e lanças mais ameaçadores, verdadeiros ouriços de ferro. Essa grade, aliás, é enquadrada por dois pavilhões de porteiro, semelhantes aos do Palácio de Versalhes e coroados por vasos de proporções colossais. O puro dos arabescos se avermelhou, a ferrugem misturou nele as suas cores; mas esse portão, chamado da Avenida, e que revela o dedo do Grande Delfim, a quem devemos as Aigues, me pareceu ainda mais belo por causa disso. Na extremidade de cada um dos fossos aparecem muralhas não rebocadas, onde as pedras, encaixando-se numa argamassa de barro avermelhado, mostram suas cores múltiplas — amarelo ardente de sílex, branco de greda, castanho-rubro de pedra de moinho — e as mais caprichosas formas. À primeira vista, o parque é sombrio, seus muros estão ocultos por plantas trepadeiras e árvores que há cinquenta anos não veem machado. Dir-se-ia uma floresta que voltasse a ser virgem, por um fenômeno limitado exclusivamente às florestas. Os troncos estão entrelaçados de lianas, que passam de um a outro. Visgos de um verde brilhante pendem de todas as bifurcações de galho onde pôde aninhar-se a umidade. Encontrei heras gigantescas, arabescos selvagens que só florescem a cinquenta léguas de Paris, onde o terreno não custa bastante caro para que o poupemos. Assim compreendida, a arte exige muito terreno. Aqui, pois, nada de penteado; não se percebe o ancinho; o sulco dos carros vive cheio d'água, a rã prepara tranquilamente seus girinos, brotam as flores mais raras da floresta, e a urze é tão bonita como em janeiro sobre a tua lareira, no rico vaso oferecido por Florina. Esse mistério embriaga, inspira vagos desejos. Os cheiros da floresta, perfumes adorados pelas almas sedentas de poesia, a que agradam os musgos mais inocentes, os criptógamos mais venenosos, as terras úmidas, os salgueiros, o bálsamo, o serpão, as águas verdes de um charco, a estrela arredondada dos nelumbos amarelos, todas essas vigorosas fecundações se entregam às nossas narinas, cada qual confiando um pensamento, talvez sua alma. E eu pensava num vestido cor-de-rosa, ondulando através dessa alameda curva.

A aleia termina bruscamente num último tufo de verdura, onde tremem bétulas, olmos, todas essas árvores palpitantes, família inteligente de troncos graciosos e porte elegante — as árvores do amor livre! Dali, meu caro, eu via um tanque coberto de ninfeias, de plantas de folhas largas e estendidas, ou de folhas miudinhas; no tanque apodrecia um barco pintado de branco e preto, faceiro como a chalupa de um canoeiro do Sena, leve como uma casca de noz. Do outro lado, ergue-se um castelo datado de 1560, de tijolos de um lindo vermelho, com amarração de pedra e cercaduras nos cunhais e nos caixilhos, que têm ainda vidros pequenos (ó Versalhes!). A pedra é talhada em forma de diamante, mas côncava, como o palácio ducal de Veneza na fachada

que dá para a Ponte dos Suspiros. Esse castelo só tem de regular o corpo central, de onde desce um patamar soberbo, de escadaria em espiral e em duplo lança, com balaústres arredondados, finos no começo e grossos mais em cima. Essa parte principal é acompanhada de pequenos torreões de campanário, onde o chumbo desenha as suas flores, e de pavilhões modernos, com galerias e vasos mais ou menos gregos. Aí, meu caro, nada de simetria. Esses ninhos, reunidos ao acaso, estão por assim dizer empalhados em algumas árvores viçosas, cuja folhagem sacode sobre os tetos os seus mil dardos castanhos, sustenta o musgo e dá vida a largas fendas de muro em que o olhar se compraz. Há o pinheiro italiano, de casca vermelha, com o seu majestoso guarda-sol; há um cedro de duzentos anos, chorões, um abeto do norte, uma faia que vai mais longe ainda; depois, em frente à torrezinha principal, os arbustos mais curiosos, um teixo podado que lembra algum antigo jardim francês, destruído; e hortênsias e magnólias. Enfim, são os Invalides dos heróis da horticultura, ora na moda ora esquecidos, como todos os heróis.

Uma chaminé com esculturas originais, a um canto, fumegando a grandes jatos, certificou-me de que aquele delicioso cenário não era o de um espetáculo da Ópera. A cozinha denunciava seres vivos. Estás me vendo, a mim, Blondet que imaginavas andar em regiões polares, e me encontro em Saint-Cloud, no meio desta ardente paisagem borgeuinhona? O sol derrama o seu calor mais picante, o martimpescador está à beira do tanque, zinem cigarras, estalam cápsulas de sementes, o grilo cricrila, as dormideiras deixam fluir sua morfina em lágrimas licorosas, tudo se recorta nitidamente no azul-escuro do éter. Por sobre a terra avermelhada do eirado, escapam-se as alegres chamas desse ponche natural, que inebria os insetos e as flores, que nos queima os olhos e amorena o rosto. A uva se emperla, seu pâmpano mostra um véu de fios brancos cuja delicadeza humilharia as próprias rendeiras. Enfim, ao longo da casa brilham ranúnculos azuis, chagas cor de aurora, ervilhas-de-cheiro. Algumas tuberosas distantes, bem como algumas laranjeiras, perfumam o ar. Depois da poética exalação dos troncos, que, me servira de preparação, vinham as irritantes pastilhas desse harém botânico. No alto do patamar, como a rainha das flores, contemplo, enfim, essa mulher de branco, cabeça descoberta, com uma sombrinha forrada de seda branca, mais branca do que os jasmins estrelados que se insinuam descaradamente nas balaustradas — uma francesa nascida na Rússia, que me diz: “Já não o esperava mais!”. (Ela me vira desde a curva.) Com que perfeição todas as mulheres, inclusive as mais ingênuas, sabem preparar um cenário! O rumor dos criados, servindo, anunciava-me que o almoço fora retardado até a chegada da diligência. Ela não ousou vir ao meu encontro. Não é esse o nosso sonho, o de todos os amantes do belo nas suas diferentes formas, do

belo seráfico que Luini¹¹ pôs no *Casamento da Virgem*, seu lindo afresco de Saronno, do belo que Rubens achou para a sua refrega da *Batalha do Thermodon*, do belo que cinco séculos elaboraram nas catedrais de Sevilha e de Milão, do belo dos sarracenos em Granada, do belo de Luís XIV em Versalhes, do belo dos Alpes e do belo da Limagne?¹²

Dessa propriedade, que nada tem de demasiado principesco nem de demasiado capitalista, mas onde habitaram o príncipe e o arrecadador-geral, o que basta para explicá-la, dependem dois mil hectares de floresta, um parque de novecentas jeiras, o moinho, três quintas, uma imensa granja em Couches, e vinhedos, — o que deveria produzir uma renda de setenta e dois mil francos. Eis aí as Aigues, meu caro, onde me esperavam há dois anos, e onde estou neste momento, no *quarto persa*, reservado para os amigos do peito.

Do alto do parque, na direção de Couches, corre uma dúzia de riachos claros, límpidos, vindos do Morvan, e que se lançam todos no tanque, depois de ornar com a sua fita líquida os vales do parque e seus jardins magníficos. O nome das Aigues vem desses encantadores cursos d'água. Suprimiu-se a palavra *Vives*, pois nos velhos papéis a terra se chamava Aigues-Vives, em contraposição a Aigues-Mortes. O tanque despeja-se no curso d'água da Avenida, por um longo canal reto, margeado por chorões em toda a sua extensão. Esse canal, assim ornado, produz um efeito delicioso. Vogando nele, num banco de chalupa, a gente imagina estar sob a nave de uma catedral imensa, cujo coro fossem as partes da casa que se acham na extremidade. Se o sol poente lançar sobre o castelo seus tons alaranjados, entrecortados de sombra, e iluminar o vidro das janelas, então parece que estamos diante de vitrais flamejantes. No fim do canal, avista-se uma aldeia, Blangy — cerca de sessenta casas e uma igreja de França, isto é, uma casa malconservada, guarnecida com um campanário de madeira, coberto de telhas quebradas. Ali existem uma casa burguesa e um presbitério. Aliás, a comuna é bastante vasta, e compõe-se de duzentos outros fogos esparsos, a que essa povoação serve de capital. Aqui e ali a comuna é cortada por pequenos jardins, e os caminhos são assinalados por árvores frutíferas. Os jardins, como verdadeiros jardins campestres, têm de tudo: flores, cebolas, couves, latadas, groselheiras e muito estrume. A aldeia parece ingênua; tem essa simplicidade enfeitada, que os pintores procuram tanto. Enfim, à distância, percebe-se a cidadezinha de Soulanges, construída à beira de um vasto tanque, como elemento decorativo do lago de Thoune.

Quando passeamos nesse parque de quatro portões, cada qual de um estilo soberbo, a Arcádia mitológica torna-se para nós desinteressante como a Beauce. A Arcádia fica na Borgonha, e não na Grécia, está nas Aigues e não alhures. Um rio feito à custa de riachos atravessa o parque em sua parte baixa, num movimento serpentino,

imprimindo-lhe uma tranquilidade fresca, um ar de solidude que lembra tanto mais as Chartreuses¹³ quanto numa ilha artificial se encontra uma cartuxa seriamente arruinada, de uma elegância interna digna do voluptuoso financista que a mandou fazer. As Aigues, meu caro, pertenceram àquele Bouret¹⁴ que gastou dois milhões para hospedar Luís XV uma vez. Quantas paixões ardentes, quantos espíritos de escol e quantas circunstâncias felizes não foram necessários para criar este belo sítio? Certa amante de Henrique IV reconstruiu o castelo no seu lugar atual, e acrescentou-lhe a floresta. A favorita do Grande Delfim, srta. Choin, a quem as Aigues foram presenteadas, aumentou-as com algumas granjas. Bouret pôs no castelo, para uma das celebridades da Opera, todos os requintes das casas secretas de Paris. Devem-lhe as Aigues a restauração do andar térreo, em estilo Luís XV.

Fiquei estupefato ao admirar a sala de jantar. A vista é logo atraída pelo teto pintado a fresco, no gosto italiano, onde esvoaçam os mais loucos arabescos. Mulheres de estuque, terminando em folhagens, sustentam, de espaço a espaço, cestas de frutas em que carregam as ramagens do forro. Nos painéis que rodeiam cada mulher, admiráveis pinturas, devidas a um artista desconhecido, representam as glórias da mesa: salmões, cabeças de javali, moluscos, todo o universo comestível, enfim, que, por meio de semelhanças fantásticas, faz lembrar homens, mulheres e crianças, rivalizando com as mais caprichosas criações da China, país onde, a meu ver, melhor se compreende a decoração. Junto ao pé, a dama encontra a mola de uma campainha para chamar os criados, a fim de que só apareçam no momento próprio e nunca interrompam a conversa ou perturbem uma atitude. A decoração das portas representa cenas voluptuosas. Os vãos são todos em mosaico de mármore. A sala é aquecida por baixo. E de cada janela se descortinam vistas deliciosas.

Esta dependência comunica-se com uma sala de banho, por um lado, e por outro com um toucador que dá para o salão. A sala de banho é revestida de ladrilhos de Sèvres, pintados de uma só cor; o chão é de mosaico; a banheira, de mármore. Numa alcova, dissimulada por uma tela pintada em cobre e que se levanta por meio de um contrapeso, há uma marquise de madeira dourada, no estilo mais Pompadour. O teto é em lápis-lazúli, recamado de ouro. A pintura dos ladrilhos é feita de acordo com desenhos de Boucher.¹⁵ Assim, acham-se reunidos o banho, a mesa e o amor.

Meu caro, depois do salão, que oferece todas as magnificências do estilo Luís XIV, vem a magnífica sala de bilhar, de que não conheço rival em Paris. A entrada desse andar térreo é uma antecâmara semicircular, no fundo da qual se dispôs a mais graciosa das escadarias, iluminada do alto, e que conduz a acomodações construídas em diferentes épocas. E dizer-se, meu caro, que em 1793 se cortaram pescoços de

arrecadadores-gerais! Santo Deus! Como é que não se compreende que as maravilhas da Arte se tornam impossíveis num país sem grandes fortunas, sem a garantia de existências faustosas? Se a Esquerda faz questão absoluta de matar os reis, que nos deixe ao menos alguns principezinhos desse tamanho assim.

Hoje, estas riquezas acumuladas pertencem a uma mulher de senso artístico, que, não satisfeita em restaurá-las magnificamente, as conserva com amor. Pretensos filósofos, que se preocupam com essas belas coisas fingindo preocupar-se com a Humanidade, chamam-nas de extravagâncias. Ficam em êxtase diante das fábricas de tecidos padronizados e das vulgares invenções da indústria moderna, como se fôssemos hoje maiores e mais felizes do que no tempo de Henrique IV, Luís XIV e Luís XV, que imprimiram às Aigues, todos eles, o selo de seus reinados. Que palácio, que castelo real, que habitações, que belas obras de arte, que estofos bordados a ouro deixaremos nós? As saias de nossas avós são hoje procuradas para cobrir nossas poltronas. Usufrutuários egoístas e mesquinhos, tudo arrasamos e plantamos couves onde se erguiam maravilhas. Ontem a charrua passava sobre Persan, que esvaziara a bolsa do chanceler Maupeou;¹⁶ a picareta demolia Montmorency, que custara somas loucas a um dos italianos do séquito de Napoleão; finalmente, o Val, criação de Regnault Saint-Jean-d'Angély¹⁷ e Cassan, construída pela amante do Príncipe de Conti,¹⁸ ao todo quatro habitações reais, acabam de desaparecer, somente no vale do Oise. Preparamos em redor de Paris a campanha romana, para depois de uma devastação cuja tempestade soprará do norte sobre os nossos castelos de gesso e nossos ornamentos de massa.

Estás vendo, meu caro, aonde nos leva o hábito de encher linguíça no jornal? Eis-me fazendo uma espécie de artigo. Terá o espírito, como as estradas, seus sulcos de carro? Mas paro aqui, pois estou perdendo a direção, estou me perdendo a mim mesmo, e acabarias bocejando. O resto fica para amanhã.

Aguardo o segundo toque de sino, anunciador de um desses planturosos almoços de que há muito perdemos o costume, como coisa rotineira, é claro, nas salas de jantar parisienses.

Eis aqui a história da minha Arcádia. Em 1815, morria nas Aigues uma das *impuras* mais célebres do século passado, cantora esquecida pela guilhotina e pela aristocracia, pela literatura e pela finança, depois de haver estado ligada à finança, à literatura e à aristocracia, e passado de raspão pela guilhotina; esquecida como tantas outras velhas encantadoras, que vão expiar no campo a juventude adorada e que substituem por outro amor perdido, o do homem pelo da natureza. Essas mulheres vivem em companhia das flores, do aroma dos bosques, do céu, dos efeitos de luz, de tudo o que encanta, brilha, vibra e se expande — pássaros, lagartos, flores, ervas; não compreendem, não

sabem explicar como, mas ainda amam; amam tão bem que, pelas doçuras do campo, esquecem duques, marechais, rivalidades, arrecadadores-gerais, suas loucuras e seu luxo desenfreado, seus *strass* e seus diamantes, suas sandálias de salto alto e seu carmin.

Meu caro, colhi informações preciosas sobre a velhice da srta. Laguerre, pois a velhice das raparigas parecidas com Florina, Marieta, Susana do Val-Nobre e Túlia¹⁹ me preocupava de vez em quando, exatamente como já não me lembra mais que criança se preocupava com o destino das luas velhas.

Assustada com o rumo dos negócios públicos, a srta. Laguerre, em 1790, veio instalar-se nas Aigues, que Bouret adquirira para ela e onde os dois tinham passado várias estações; a sorte da Dubarry²⁰ causou-lhe tal pavor que ela enterrou os seus diamantes. Tinha então cinquenta e três anos apenas, e, na expressão da sua criada-grave, que se casou com um gendarme, uma tal sra. Soudry, a quem todos tratam sem pestanejar de “sra. *maireesse*”,²¹ *estava mais linda do que nunca*. Meu caro, a natureza tem lá suas razões para mimar tanto essa espécie de criaturas; os excessos, em vez de matá-las, as engordam, conservam e rejuvenescem; sob uma aparência linfática, têm nervos que sustentam seu maravilhoso vigamento; estão sempre lindas, pela mesma razão que tornaria feia a mulher virtuosa. Decididamente, o acaso não é nada moral.

A srta. Laguerre viveu aqui de maneira irrepreensível e — por que não dizer? — erma, uma santa, depois da sua famosa aventura. Certa noite, num desespero de amor, ela foge da Ópera com as vestes do palco, vai para o campo e passa a noite chorando à beira da estrada. (Ter-se-ia caluniado o amor no tempo de Luís XV?) Estava tão desacostumada de ver a aurora, que a saudou cantando uma de suas mais belas árias. Pela sua atitude, como pelos seus ouropéis, atrai os camponeses, que, espantados com os seus gestos, sua voz, sua beleza, cuidam tratar-se de um anjo e põem-se de joelhos diante dela. Se não fosse Voltaire, teríamos tido mais um milagre em Bagnolet.²² Não sei se o bom Deus terá levado a crédito da rapariga a sua virtude tardia, pois o amor deve repugnar bastante a uma mulher tão farta de amor como devia sê-lo uma impura da velha Ópera. A srta. Laguerre nascera em 1740, e o seu período áureo transcorreu em 1760, quando o senhor de... (não me acode o nome) era chamado *o primeiro amanuense da guerra*, por causa de sua ligação com ela. Abandonou esse nome inteiramente desconhecido na região, passando a intitular-se Senhora das Aigues, para se prender mais à propriedade que lhe aprazia administrar com um gosto profundamente artístico. Quando Bonaparte se tornou primeiro-cônsul, ela acabou de arredondar o seu domínio com bens da Igreja, aplicando nisso o produto da venda de seus diamantes. Como uma cantora lírica não sabe administrar muito bem sua fortuna,

confiou a um intendente a gestão da propriedade, passando a ocupar-se apenas com o parque, suas flores e suas frutas.

Tendo morrido e tendo sido enterrada em Blangy, o tabelião de Soulanges, cidadezinha situada entre La-Ville-aux-Fayes e Blangy e capital do cantão, procedeu a minucioso inventário, acabando por descobrir os herdeiros da cantora, que não soubera da existência deles. Onze famílias de pobres lavradores das cercanias de Amiens, dormindo em esteiras, uma bela manhã acordaram entre colchas de ouro. Tornou-se necessário pôr os bens em hasta pública. As Aigues foram então compradas por Montcornet,²³ que, quando comandante de tropas na Espanha e na Pomerânia, lograra economizar a soma necessária a essa arrematação, incluído o mobiliário. Esse lindo recanto devia pertencer sempre ao Ministério da Guerra. Sem dúvida, o general foi sensível à influência do voluptuoso andar térreo, e ainda ontem eu sustentava perante a condessa que o seu casamento fora determinado pelas Aigues.

Para apreciar a condessa, meu caro, cumpre saber que o general é um homem violento, rubicundo, de cinco pés e nove polegadas de altura, redondo como uma bola, pescoço grosso, espáduas de serralheiro que lhe deviam modelar orgulhosamente a couraça. Montcornet comandou os couraceiros na batalha de Essling,²⁴ que os austríacos chamam de *Gross-Aspern*, e não morreu quando aquela bela cavalaria foi repelida contra o Danúbio. Conseguiu atravessar o rio montado numa enorme tora de madeira. Encontrando a ponte partida, os couraceiros, por ordem de Montcornet, tomaram a sublime resolução de dar meia-volta e resistir ao exército austríaco inteiro, que, no dia seguinte, levava trinta e tantos carros cheios de couraças... Os alemães criaram para esses couraceiros uma palavra que significa *homens de ferro*.²⁵ Montcornet tem um ar de herói da Antiguidade. Seus braços são nervudos e grossos; seu peito, largo e sonoro; sua cabeça distingue-se pelo aspecto leonino; sua voz é dessas que sabem dirigir uma carga no aceso das batalhas; mas tem apenas a coragem do homem sanguíneo, faltam-lhe espírito e visão larga. Como tantos generais a que o bom senso militar, a desconfiança própria do homem constantemente em perigo e o hábito de comando conferem uma aparência de superioridade, Montcornet impõe-se à primeira vista; parece um titã, mas esconde um pigmeu, como o gigante de papelão que saúda Elizabeth à entrada do castelo de Kenilworth.²⁶ Bom e colérico, cheio de orgulho imperial, tem a causticidade de um soldado, a resposta sempre pronta e a mão ainda mais ágil. Se foi soberbo no campo de batalha, é insuportável no lar; só conhece o amor de caserna, o amor dos militares, a quem os antigos, esses engenhosos fazedores de mitos, deram por patrono Eros, filho de Marte e de Vênus. Esses deliciosos cronistas das religiões abasteceram-se com uma dezena de

amores diferentes. Estudando os pais e os atributos desses amores, descobriremos a mais completa nomenclatura social — e nós que imaginávamos ter inventado alguma coisa! Quando o globo se revirar como um doente que sonha e os mares se tomarem continentes, os futuros franceses hão de encontrar no fundo do nosso oceano atual uma máquina a vapor, um jornal e uma constituição, envoltos num bloco de coral.

Sim, meu caro, a Condessa de Montcornet é uma mulherzinha frágil, delicada e tímida. Que dizes desse casamento? Para quem conhece-a sociedade, tais acasos são tão comuns que os casamentos bem ajustados chegam a constituir exceção. Eu vim ver como essa mulherzinha franzina maneja os seus cordéis para manobrar esse gordo, grande e quadrado general, exatamente como ele próprio manobrava os seus couraceiros.

Se Montcornet fala alto diante de sua Virgínia, a condessa põe-lhe um dedo nos lábios e ele se cala. O soldado vai fumar seu cachimbo ou seu charuto num quiosque, a cinquenta passos do castelo, e volta recendendo. Orgulhoso de sua sujeição, vira-se para ela como um urso embriagado de uva e diz quando se lhe propõe qualquer coisa: “Se a condessa quiser...”. Quando chega aos aposentos da esposa, com esse andar pesado que faz as pedras estalarem como tábuas, e se ela grita aterrorizada: “Não entre!”, ele, militarmente, faz meia-volta pelo flanco direito pronunciando estas palavras humildes: “Mande me dizer quando poderei falar-lhe...” — na mesma voz com que, às margens do Danúbio, gritara aos couraceiros: “Meus filhos, é preciso morrer, e bem, quando não se pode fazer de outro jeito!”. Ouvi essa frase tocante, dita por ele referindo-se à esposa: “Não a amo simplesmente; estimo-a e venero-a”. Quando o invade uma dessas cóleras que rompem todas as comportas e se esparramam em cascatas indomáveis, a mulherzinha recolhe-se ao quarto deixando-o gritar. E só quatro ou cinco dias depois lhe diz: “Não se enraiveça; você poderia romper um vaso no peito, já não falando no mal que me faz”. Aí o leão de Essling foge para ir enxugar uma lágrima. Quando aparece no salão e estamos conversando: “Vá-se embora, ele está lendo uma coisa para mim”, diz ela, e o general nos deixa.

Não há como os homens fortes, grandes e coléricos, como os raios da guerra, os diplomatas de cabeça olímpica e os homens de gênio para terem essa confiança prévia, essa generosidade diante da fraqueza, esse constante sentimento de proteção, esse amor sem ciúmes, essa simplicidade com as mulheres... Palavra de honra: acho a sabedoria da condessa tão superior às virtudes secas e odiosas como o cetim de uma conversadeira está acima do veludo de Utrecht de um tolo canapé burguês.

Meu caro, há seis dias que estou nesta admirável casa de campo, e

não me farto de admirar as maravilhas do parque, dominado por sombrias florestas, onde a gente encontra bonitos atalhos à beira d'água. A natureza e seu silêncio, os tranquilos prazeres, a vida fácil a que ela me convida, tudo me seduziu... Oh! Eis aqui a verdadeira literatura; nunca há falhas de estilo numa campina. A felicidade estaria em esquecer tudo aqui, até mesmo os *Debates*.²⁷ Deves ter adivinhado que choveu durante duas manhãs... Enquanto a condessa dormia, enquanto Montcornet corria através de suas propriedades, eu cumpri à força a promessa, tão imprudentemente feita, de te escrever.

Até agora, apesar de nascido em Alençon, descendente de um velho juiz e de um prefeito (é o que dizem), e apesar de conhecer o campo, eu achava uma fábula a existência dessas terras que nos rendem por mês quatro a cinco mil francos. Para mim, o dinheiro se traduzia em duas palavras horríveis: trabalho e editor, política e jornal... Quando teremos uma terra em que o dinheiro brote de alguma bonita paisagem? É o que desejo a nós ambos, em nome do Teatro, da Imprensa e do Livro. Assim seja.

Florina vai sentir ciúmes da falecida srta. Laguerre. Nossos modernos Bouret já não têm uma aristocracia francesa que os ensine a viver; reúnem-se três para pagar um camarote na Ópera, cotizam-se para um prazer, e não cortam mais os in-quarto, magnificamente encadernados, para os tornar iguais aos in-octavo de suas bibliotecas; mal adquirem livros brochados... Para onde vamos? Adeus, meus filhos! Queiram sempre bem ao afetuoso BLONDET.²⁸

Se por um acaso milagroso não se houvesse conservado esta carta, que escapou à pena mais preguiçosa da nossa época, seria quase impossível descrever as Aigues. Sem esta descrição, a história duplamente horrível que lá se passou ficaria talvez menos interessante. Muitas pessoas esperam, sem dúvida, ver a couraça do antigo coronel da Guarda Imperial clareada por um jato de luz, e sua cólera flamejante caindo como uma tromba sobre a sua mulherzinha, de maneira a se encontrar no fim da história o que se acha no fim de tantos livros modernos: um drama de alcova. Poderia o drama de hoje brotar nesse belo salão com ornatos de porta de uma cor azulada, onde tagarelavam as figuras amorosas da Mitologia, e lindos pássaros fantásticos estavam pintados no teto e sobre as janelas; onde, sobre a lareira, monstros de porcelana riam a bandeiras despregadas; onde, nos vasos mais ricos, dragões azul e ouro reviravam a cauda em voluta, contornando a borda que a fantasia japonesa esmaltara com suas rendas de cores; onde duquesas, espreguiçadeiras, sofás, consolos e aparadores inspiravam essa preguiça contemplativa que amolece qualquer energia? Não, o drama aqui não é restrito à vida privada, agita-se mais alto ou mais baixo do que ela. Não esperem paixão; nem por isso a verdade será menos dramática. De resto, o historiador jamais deve esquecer que sua

missão consiste em dar a cada um a sua parte: o rico e o desgraçado são iguais perante sua pena; para ele, o camponês tem a grandeza de suas misérias, como o rico a pequenez de seus ridículos. Enfim, o rico tem paixões, e o camponês apenas necessidades: este é, pois, duplamente pobre; e, se do ponto de vista político suas agressões devem ser reprimidas implacavelmente, do ponto de vista humano e religioso ele é sagrado.

II — UMA BUCÓLICA ESQUECIDA POR VIRGÍLIO²⁹

Quando o parisiense chega ao campo vê-se privado de todos os seus hábitos, e sente logo o peso das horas, não obstante as atenções mais engenhosas de seus amigos. Por isso, na impossibilidade de perpetuar as conversas a dois, tão rapidamente esgotadas, os castelões e as castelãs nos dizem com ingenuidade: “O senhor se aborrecerá bastante por aqui”. Realmente, para gozar as delícias do campo é preciso ter nele algum interesse, conhecer-lhe os trabalhos e o concerto alternado de mágoa e prazer, símbolo eterno da vida humana.

Uma vez que o sono recuperou o seu equilíbrio, que já reparamos as fadigas da viagem e nos adaptamos aos hábitos campestres, o momento mais difícil de passar, para um parisiense que não seja caçador nem agricultor e use sapatos finos, é a parte da manhã. Entre a hora de levantar e a do almoço, as mulheres dormem ou fazem *toilette* e são inabordáveis, o dono da casa sai cedo para o trabalho, e o parisiense se vê, pois, sozinho de oito a onze horas, momento estabelecido para o almoço em quase todos os castelos. Ora, depois de procurar distrair-se com os pormenores da *toilette*, ele perde logo esse recurso. Se não trouxe algum trabalho impossível de realizar, e que levará de volta ainda intacto, dele conhecendo apenas as dificuldades, o escritor é obrigado a vagar pelas alamedas do parque, contemplando estupidamente o que encontra e contando as grandes árvores. Ora, quanto mais fácil a vida, mais fastidiosas são essas ocupações, a menos que pertençamos à seita dos quakers torneiros,³⁰ à honrada corporação dos carpinteiros ou dos empalhadores de aves. Se tivéssemos de permanecer no campo, como os donos, distrairíamos nosso tédio com alguma paixão pelos lepidópteros, pelas conchas, pelos insetos ou pela flora do departamento, mas um homem razoável não se entrega a um vício para passar quinze dias. Assim, a mais esplêndida de todas as propriedades, os castelos mais deslumbrantes bem depressa se tornam insípidos para os que deles só possuem a vista. Os encantos da natureza parecem mesquinhos comparados com a sua representação no teatro. Paris cintila então por todas as suas facetas. Sem o interesse particular que nos prende, como Blondet, aos *lugares honrados pelos passos e*

iluminados pelos olhos de uma certa pessoa, invejariamos aos pássaros as suas asas, para voltarmos aos perpétuos e comovedores espetáculos de Paris e às suas lutas dilacerantes.

A longa carta escrita pelo jornalista fará supor aos espíritos penetrantes que ele havia atingido, moral e fisicamente, aquela fase peculiar às paixões satisfeitas e às felicidades saciadas, que as aves engordadas à força representam perfeitamente, quando, com a cabeça afundada no peito estufado, se estiram sobre as patas, não podendo nem querendo olhar para a comida mais apetitosa. Por isso, ao terminar sua formidável carta, Blondet sentiu necessidade de sair dos jardins de Armida³¹ e preencher a mortal lacuna das três primeiras horas do dia, pois entre o almoço e o jantar o tempo pertencia à castelã, que sabia encurtá-lo. Conservar no campo durante um mês um homem de espírito, como fez a sra. de Montcornet, sem ver-lhe no rosto o sorriso falso da saciedade, sem surpreender o bocejo oculto de um tédio que se adivinha sempre, eis um dos mais belos triunfos de mulher. A afeição que resiste a este gênero de prova deve ser eterna. Não se compreende que as mulheres deixem de utilizar essa experiência para julgar os seus bem-amados; é impossível que lhe resista um tolo, um egoísta, um espírito estreito. O próprio Felipe II,³² que era o Alexandre da dissimulação, teria revelado o seu segredo no decorrer de um mês de intimidade no campo. Por isso vivem os reis em perpétua agitação, não dando a ninguém o direito de vê-los durante mais de um quarto de hora.

Não obstante as delicadas atenções de uma das mulheres mais encantadoras de Paris, Emílio Blondet voltou pois a encontrar o prazer, por tanto tempo esquecido, da vadiação, quando, ao terminar a carta, foi, como recomendara, chamado por Francisco, primeiro criado de quarto, designado especialmente para servi-lo, a fim de ir explorar o vale do Avonne.

Avonne é o riacho que, engrossado acima de Couches, graças a numerosos ribeiros, alguns deles originários das Aigues, vai lançar-se, à altura de La-Ville-aux-Fayes, num dos afluentes mais consideráveis do Sena. A disposição geográfica do Avonne, navegável num percurso de cerca de quatro léguas, valorizou extraordinariamente, após a invenção de Jean Rouvet,³³ as florestas das Aigues, de Soulanges e de Ronquerolles, situadas no alto das colinas ao pé das quais corre esse riozinho encantador. O parque das Aigues ocupava a parte mais larga do vale, entre o rio, que a chamada floresta das Aigues guarnece dos dois lados, e a grande estrada real, indicada ao longe pelos velhos olmos entrançados, numa encosta paralela à dos chamados montes do Avonne, primeiro degrau do magnífico anfiteatro que é o Morvan. Por mais vulgar que seja a comparação, a verdade é que o parque, disposto assim no fundo do vale, parecia um imenso peixe cuja cabeça tocasse na

aldeia de Couches, e a cauda no burgo de Blangy, pois, mais comprido do que largo, ele se estendia, ao centro, numa largura de cerca de duzentas jeiras, ao passo que media apenas trinta em Couches e quarenta em Blangy. A situação da propriedade, entre três aldeias, a uma légua da cidadezinha de Soulanges, de onde a gente mergulha a vista nesse Éden, talvez haja fomentado a guerra e sugerido os excessos que constituem o principal interesse desta cena. Se, visto da estrada real ou da parte alta de La-Ville-aux-Fayes, o paraíso das Aigues induz os viajantes a cometerem o pecado da inveja, como poderiam ser mais moderados os burgueses ricos de Soulanges e La-Ville-aux-Fayes, que o admiravam continuamente?

Esse último pormenor topográfico é necessário para fazer compreender a situação e a utilidade dos quatro portões pelos quais se entrava no parque das Aigues, inteiramente cercado de muros, salvo nos pontos onde a natureza colocara alguns *pontos de vista* e onde se tinham cavado largos fossos. Esses quatro portões, conhecidos como portão de Couches, portão do Avonne, portão de Blangy e portão da Avenida, revelavam tão bem o espírito das diferentes épocas em que foram construídos que serão descritos no interesse dos arqueólogos, mas tão sucintamente quanto Blondet já o fizera com o primeiro.

Após oito dias de passeios com a condessa, o ilustre redator do *Journal des Débats* conhecia a fundo o pavilhão chinês, as pontes, as ilhas, a cartuxa, o chalé, a geleira babilônica, os quiosques, enfim todos os meandros inventados pelos arquitetos-paisagistas, e a que podem prestar-se novecentas jeiras de terra; queria, pois, distrair-se nas nascentes do Avonne, que o general e a condessa lhe gabavam diariamente, formulando todas as noites o projeto, esquecido todas as manhãs, de visitá-las. Com efeito, acima do parque das Aigues tem o Avonne a aparência de uma torrente alpestre. Ora cava o seu leito entre rochas, ora se enterra como uma cuba profunda; aqui, riachos vão cair-lhe bruscamente no leito, em cascatas; ali, ele se espraia ao jeito do Loire, fazendo a areia aflorar e tornando impraticável a navegação, pela contínua mudança de canal. Blondet tomou o caminho mais curto, através dos labirintos do parque, para chegar ao portão de Couches. Este portão exige algumas palavras, aliás cheias de pormenores históricos, sobre a propriedade. O criador das Aigues foi um caçula da casa de Soulanges, enriquecido com o casamento, e que pretendia mofar do mano mais velho. Essa intenção valeu-nos as maravilhas de Isola Bella, no Lago Maior. Na Idade Média, o castelo das Aigues estava debruçado sobre o Avonne. Desse castelo restava somente a entrada, constituída de um pórtico semelhante ao das cidades fortificadas e ladeado por dois torreões redondos. Por cima da abóbada do pórtico erguia-se poderosa silharia, ornada de vegetação e cortada por três largas janelas de pinásio. A escada em caracol disposta num dos

torreões conduzia a dois quartos; a cozinha ocupava o segundo torreão. O teto do pórtico, de forma aguda como todo vigamento antigo, distinguia-se por dois cata-ventos pregados nas pontas de um topo, decorado com uma dessas caprichosas obras de serralheria que os sábios chamam de acrotério. Não haverá muitas localidades com uma prefeitura tão suntuosa como essa edificação. Por fora, o fecho do arco da abóbada ostentava ainda o brasão dos Soulanges, conservado graças à dureza da pedra de qualidade em que o gravara o cinzel do talhador de imagens: *de blau, com três bordões de peregrino de prata, postos em pala, e uma faixa de goles brocante, carregada de cinco cruzetas de ouro, de pé aguçado*, trazendo a diferença heráldica imposta aos ramos cadetes. Blondet decifrou a divisa: JE SOULE AGIR,³⁴ um desses trocadilhos que os cruzados se divertiam em fazer com os seus nomes, e que recorda uma bela máxima de política, esquecida infelizmente por Montcornet, como se verá. A porta, que uma bonita rapariga abriu para Blondet, era de madeira velha, reforçada com ferragens trançadas. Alertado pelo ranger dos gonzos, o guarda pôs a cara fora da janela, mostrando-se de camisola.

“Como?! Nossos guardas ainda estão dormindo a essa hora?”, disse consigo mesmo o parisiense, julgando-se muito competente em matéria de hábitos campestres.

Após um quarto de hora de marcha, atingiu ele as nascentes do rio, à altura de Couches; sua vista foi então arrebatada por uma dessas paisagens cuja descrição, como a da história francesa, deveria ser feita em mil volumes ou num só. Contentemo-nos com duas palavras.

Uma rocha barriguda e aveludada por árvores anãs, roída na base pelo Avonne, disposição que a faz um tanto parecida com uma enorme tartaruga atravessada n’água, figura um arco, de onde a vista abarca pequeno lençol d’água, límpido como um espelho, onde o Avonne se diria adormecido, e que é fechado ao longe pelas grandes rochas das cascatas, onde pequenos salgueiros, como feitos de mola, ondulam continuamente ao sabor das águas.

Para lá das cascatas, os flancos da colina, talhados abruptamente como uma escarpa do Reno vestida de musgo e de urzes, mas cortados igualmente por arestas xistosas, soltam aqui e ali brancos e espumejantes regatos, aos quais serve de taça um pequeno campo sempre regado e sempre verde; depois, em contraste com a natureza solitária e selvagem, veem-se do outro lado desse caos pitoresco, na extremidade do campo, por entre a massa da aldeia e do seu campanário, os derradeiros jardins de Couches.

Eis aí as duas palavras. Mas e o sol nascente, e a pureza do ar, e o acre orvalho, e o concerto das águas e dos bosques?... Procurem imaginá-los!

“Palavra de honra, é quase tão lindo como na Ópera!”, disse consigo mesmo Blondet, tornando a subir ao longo do Avonne inavegável, cujos

meandros realçavam ainda mais o canal reto, profundo e silencioso do baixo Avonne, emoldurado pelas grandes árvores da floresta das Aigues.

Blondet não levou muito longe o seu passeio matinal; foi logo detido por um dos camponeses, comparsas deste drama, tão necessários à ação que hesitaríamos talvez entre eles e as principais personagens.

Chegando a um grupo de rochedos onde a nascente principal conjo que se comprime entre duas portas, percebeu o fino escritor um homem que se mantinha numa imobilidade digna de espicaçar sua curiosidade jornalística, se o aspecto e o vestuário daquela estátua viva já não o houvessem intrigado profundamente.

Reconheceu na humilde personagem um daqueles velhos tão apreciados pelo lápis de Charlet;³⁵ aparentava-se aos soldados desse Homero dos militares, pela solidez da estrutura capaz de suportar o infortúnio, e a seus imortais varredores, por um rosto avermelhado, violáceo, rugoso, incapaz de resignação. Um chapéu de feltro grosseiro, cujas abas se prendiam ao barrete por meio de cordões, protegia das intempéries sua cabeça quase calva. Daí se escapavam duas mechas de cabelo, que um pintor pagaria a quatro francos a hora para poder copiar essa neve deslumbrante, arrumada como a de todos os clássicos Padres-Eternos. Pela maneira como as faces reentravam, prolongando a boca, adivinhava-se que o velho desdentado frequentava mais a pipa do que a arca de pão. A barba, rala e branca, punha algo de ameaçador no perfil, pela rigidez dos fios cortados rente. Os olhos, demasiado pequenos para o rosto enorme, inclinados como os de um porco, exprimiam ao mesmo tempo astúcia e preguiça, mas naquele momento emitiam uma espécie de clarão, voltados que estavam diretamente para o rio. Como única roupa, dispunha o pobre homem de uma velha blusa, outrora azul, e de uma calça desse pano grosseiro que em Paris serve para fazer embalagem. Qualquer pessoa da cidade estremeceria ao ver-lhe nos pés os tamancos furados, sem sequer um pouco de palha para diminuir-lhes as fendas. Seguramente, blusa e calça apenas teriam algum valor na cuba de uma papelaria.

Examinando esse Diógenes campestre, Blondet admitiu a realidade do tipo de camponês que se vê nas velhas tapeçarias, nos velhos quadros e nas velhas esculturas, e que até então lhe parecera fantástico. Não condenou absolutamente a Escola do Feio, compreendendo que o Belo, no homem, é apenas uma exceção lisonjeira, uma quimera em que ele se esforça por acreditar.

“Que ideias, que costumes poderá ter um ente desta espécie, e em que pensará ele?”, conjecturava Blondet, cheio de curiosidade. “Será meu semelhante? Só temos em comum a forma, e mesmo assim...” Apreciava aquela rigidez peculiar ao tecido das pessoas que vivem ao ar livre, habituadas a enfrentar intempéries, a suportar os excessos do frio e do calor, a aguentar tudo, enfim, que faz da pele um couro quase

curtido e dos nervos um aparelho contra a dor física tão poderoso quanto o dos árabes ou o dos russos.

“Eis aí os peles-vermelhas de Cooper”,³⁶ concluiu. “Não é preciso ir à Argentina para ver selvagens.”

Embora o parisiense estivesse a apenas dois passos, o velho não virou a cabeça. Olhava sempre para a margem oposta, com a fixidez que os faquires da índia imprimem aos seus olhos vidrados e aos seus membros anquilosados. Vencido por essa espécie de magnetismo, mais comunicativo do que se supõe, Blondet acabou olhando para a água.

— Ora, muito bem, velhinho, afinal que há aí dentro? — perguntou ele depois de um bom quarto de hora, durante o qual nada percebera que justificasse aquela atenção profunda.

— Psiu!... — disse baixinho o velho, fazendo sinal a Blondet para que não agitasse o ar com a voz. — O senhor vai assustá-la...

— O quê?

— A lontra, meu caro senhor. Se ela nos ouvir, é capaz de escafeder-se por baixo d'água!... Olhe, eu não dizia? Saltou, está vendo? Repare onde a água está espumando... Oh! Ela está espiando um peixe; mas, quando quiser voltar, meu garoto pega. O senhor sabe, lontra é o que há de mais raro. É uma caça científica, muito delicada, pois não. Nas Aigues me dariam dez francos por esta, pois a condessa não come carne, e amanhã não é dia de carne. Nos bons tempos a defunta patroa chegava a dar vinte francos, e ainda me devolvía a pele! Mosquito — exclamou baixinho —, presta atenção...

Do outro lado do Avonne, Blondet viu dois olhos brilhantes como olhos de gato sob a cabeleira desgrenhada de um menino de cerca de doze anos, deitado de barriga para baixo, que fazia sinal para indicar a lontra e advertir ao velho que não a perdesse de vista. Dominado pela ardente esperança do velho e do menino, Blondet deixou-se picar pelo demônio da caça. Esse demônio de duas garras, a Esperança e a Curiosidade, nos leva para onde quiser.

— A gente vende a pele aos chapeleiros — continuou o velho. — É tão bonita, tão macia! Põe-se nos barretes.

— Acredita nisso, meu velho? — disse Blondet, sorrindo.

— Certamente o senhor deve entender mais disso do que eu, apesar dos meus setenta anos — respondeu humilde e respeitosamente o velho, tomando um ar de coroinha —, e bem poderia me dizer por que isso agrada tanto aos condutores e aos negociantes de vinho...

Mestre da ironia, e já suspeito ante a palavra *científico*, por se lembrar do Marechal de Richelieu,³⁷ Blondet desconfiou de uma zombaria da parte do velho camponês, mas foi tranquilizado pela ingenuidade da atitude e pela estupidez da expressão.

— Na minha mocidade a gente encontrava muita lontra, o lugar é tão favorável! — prosseguiu o homenzinho. — Mas foram tão caçadas que

agora é uma sorte perceber de sete em sete anos o rabo de uma... Por isso é que o subprefeito de La-Ville-aux-Fayes... o senhor conhece? Apesar de parisiense é um bonito rapaz, como o senhor, e gosta de curiosidades. Então, sabendo da minha habilidade em caçar lontra, pois conheço esse bicho como o senhor deve conhecer o alfabeto, então ele me disse assim: “Tio Fourchon, quando o senhor encontrar uma lontra me traga ela aqui”, me disse ele, “que eu pagarei bem, e se for malhada de branco nas costas”, me disse ele, “darei trinta francos”. Foi o que ele me disse no porto de La-Ville-aux-Fayes, tão certo como eu creio no Padre, no Filho e no Espírito Santo. Há também um sábio em Soulanges, o dr. Gourdon, nosso médico, que fez um gabinete de história natural como não há igual em Dijon, o primeiro sábio destas redondezas, que me daria por ela uns bons cobres!... Ele sabe empalhar homens e animais! Ora, pois, o meu rapaz me garante que essa lontra tem pelo branco... Se é assim, lhe disse eu, esta manhã o bom Deus está nosso amigo! O senhor está vendo a água borbulhar?... Oh, lá está ela... Esse bicho vive numa espécie de toca, mas passa dias inteiros debaixo d’água. Ah! Ela percebeu o senhor e está desconfiada. Não há bicho mais esperto do que esse, é pior do que mulher.

— Talvez seja por isso que elas são chamadas de lontras, no feminino — disse Blondet.

— Pois sim, o senhor que é de Paris sabe melhor do que a gente; mas para nós teria feito melhor ficando na cama até mais tarde, pois não está vendo essa espécie de onda? Lá se vai ela por debaixo... Vamos, Mosquito! A bichinha percebeu este moço, e é capaz de nos fazer esperar até meia-noite. Vamos embora... e nossos trinta francos por água abaixo!

Mosquito levantou-se, mas pesaroso; fitando o lugar onde a água borbulhava, mostrava-o com o dedo e não perdia de todo a esperança. Esse menino de cabelos crespos, rosto moreno como o dos anjos nos quadros do século XV, parecia estar de calção, pois sua calça acabava no joelho, em pontas enfeitadas de espinhos e folhas secas. Esse vestuário essencial mantinha-se por meio de dois cordões de estopa à guisa de suspensórios. A camisa de aniagem, da mesma qualidade que a calça do velho, mas engrossada pelos remendos toscos, deixava ver o peito crestado. Assim, a roupa de Mosquito vencia em simplicidade a do próprio tio Fourchon.

“O pessoal aqui é de muito boa índole”, pensou Blondet. “Nos subúrbios de Paris, o burguês que espantasse a caça levava xingamento grosso!”

E como nunca tivesse visto uma lontra, nem mesmo no museu, ficou encantado com esse episódio do passeio.

— Vamos — prosseguiu ele comovido porque o velho se afastava sem pedir coisa alguma —, o senhor se considera um caçador fracassado...

Se o senhor tem certeza de que a lontra está ali...

Da outra margem, Mosquito levantou o dedo mostrando as bolhas de ar que subiam do fundo do Avonne e vinham expirar em forma de campainha, no meio da bacia.

— Ela voltou — disse o tio Fourchon. — Ela respirou, a velhaca, foi ela que fez essas bolhinhas! Como é que esse bicho se arranja para respirar debaixo d'água? É tão esperto que até caça da ciência!

— Pois bem — respondeu Blondet, a quem essa última frase pareceu uma brincadeira antes devida ao espírito camponês do que ao indivíduo. — Espere um pouco e apanhe a lontra.

— E o nosso dia, meu e de Mosquito?

— Quanto vale o seu dia?

— De nós dois, eu e meu aprendiz?... Cinco francos! — disse o velho, encarando Blondet com uma hesitação que revelava o exagero do preço.

O jornalista tirou dez francos do bolso, dizendo:

— Pois tome dez, e eu lhe darei outros tantos pela lontra...

— E não é caro se ela tiver pintas brancas nas costas, pois o subprefeito me disse que o nosso museu só tem uma dessa qualidade. Mas como é instruído o nosso subprefeito, puxa! E não tem nada de bobo. Se eu caço lontras, já o sr. des Lupeaulx caça a filha de seu Gaubertin, que tem um bonito dote no baú... Olhe, meu caro senhor, sem lhe querer dar ordens, mas vá-se colocar no meio do rio, naquela pedra ali adiante... Quando a gente tiver acuado a lontra, ela então desce na correnteza, é uma astúcia desses animais. Para pescar elas sobem a um ponto mais acima da toca, pois sabem que ficando empanturradas de peixe deslizam melhor à tona d'água. Quando eu digo que é um bicho fino... Se eu tivesse aprendido a ser esperto na escola delas, a essa hora estaria vivendo das minhas rendas... Mas aprendi muito tarde que é preciso subir a corrente bem cedo para apanhar a presa antes dos outros! Enfim, foi praga que me rogaram quando nasci. Nós três juntos talvez sejamos mais espertos que essa lontra...

— Mas como, velho nigromante?

— Ué! Nós camponeses somos tão bestas que acabamos por entender as bestas. Vamos fazer o seguinte. Quando a lontra quiser voltar para casa, a gente assusta de cá, o senhor assusta de lá; assustada pelos dois lados, ela corre para a margem; e, se não tomar o rumo da terra, está perdida. Esse bicho não sabe andar, foi feito para nadar com pés de pato. Oh! O senhor vai se divertir, é um verdadeiro jogo de carambola. A gente caça e pesca ao mesmo tempo!... O general que hospeda o senhor nas Aigues voltou aqui três vezes, de tanto que ele teimou!

Munido de um galho cortado pelo velho, que lhe recomendou servir-se dele para fustigar o rio de acordo com as suas instruções, Blondet foi

se postar no meio do Avonne, saltando de pedra em pedra.

— Está bem aí, moço.

E Blondet lá ficou, sem perceber a fuga do tempo pois de instante a instante um gesto do velho fazia-o esperar um feliz desfecho; de resto, nada faz passar mais o tempo do que a expectativa da ação intensa que se seguirá ao profundo silêncio da escuta.

— Tio Fourchon — disse baixinho o menino, vendo-se sozinho com o velho —, tem mesmo uma lontra...

— Você está vendo?...

— Ali!

O velho ficou estupefato, percebendo através da água o pelo castanho-ruivo de uma lontra.

— Ela vem para o meu lado! — disse o pequeno.

— Dá um golpezinho seco na cabeça dela e cai n'água para ela ficar lá no fundo sem poder fugir...

Mosquito mergulhou no Avonne como uma rã assustada.

— Vamos, vamos, moço! — disse o tio Fourchon a Blondet, lançando-se também no Avonne e deixando os tamancos na praia. — Assuste a bicha! Não está vendo? Ela está nadando na sua direção...

O velho correu para o lado de Blondet, cortando a água e gritando no tom sério que as pessoas da roça conservam nos instantes de maior vivacidade.

— Não está vendo ali, junto das pedras?!

Colocado pelo velho de maneira a receber de chapa os raios de sol, Blondet batia na água sem desconfiar.

— Siga! Siga para o lado das pedras! — gritou o tio Fourchon. — A toca da lontra está ali, à sua esquerda.

Movido pela impaciência que a longa espera tinha estimulado, Blondet tomou um banho de pés, deslizando por cima das pedras.

— Coragem, moço, coragem! O senhor está quase... Ah! Com vinte mil diabos! Ela está passando pelas suas pernas! Ah! Passou!... passou!... — exclamou o velho, desesperado.

E, como possuído pelo ardor da caçada, avançou pelas profundezas do rio até em frente de Blondet.

— Ficamos sem ela por sua culpa!... — disse o tio Fourchon, a quem Blondet estendeu a mão e que saiu da água como um tritão vencido. — Lá está a cadela, por baixo dos rochedos! Soltou o peixe — concluiu o homenzinho, olhando ao longe e mostrando qualquer coisa que flutuava. — De qualquer modo pegamos a tenca, pois é uma tenca de verdade!

Nesse momento um criado de libré, montado a cavalo e puxando outro animal pela rédea, apareceu a galope na estrada de Couches.

— Olhe, parece que o pessoal do castelo está procurando o senhor — disse o velho. — Se quiser atravessar de novo o rio, eu lhe dou a mão...

Ora, tanto faz me molhar. Até evita lavar a roupa...

— E o resfriado? — disse Blondet.

— Pois sim! Não vê que o sol queimou a mim e a Mosquito feito cachimbos de barro? Meu caro senhor, segure em mim. O senhor é de Paris, não sabe se equilibrar nessas pedras, apesar de saber tanta coisa... Se ficar muito tempo aqui, o senhor que escreve nos papéis impressos, pelo que me dizem, há de aprender bastante no livro da natureza.

Blondet chegara à outra margem do Avonne quando Carlos, o escudeiro, o avistou.

— Ah — exclamou este —, o senhor não avalia a aflição da senhora condessa quando lhe disseram que o senhor tinha saído pelo portão de Couches; ela imagina que o senhor se afogou. O segundo sinal do almoço foi dado três vezes, a grandes badaladas, depois de termos gritado por todo canto no parque, onde o cura ainda está procurando o senhor...

— Quantas horas são, Carlos?

— Onze e três quartos.

— Ajude-me a montar a cavalo.

— Será que por acaso o senhor foi na conversa da lontra do tio Fourchon?... — perguntou o criado, vendo a água escorrer das botas e das calças de Blondet.

Esta simples pergunta esclareceu o jornalista.

— Nem uma palavra sobre isto, Carlos, e serei gentil com você.

— Ora, valha-me Deus, até o senhor conde caiu no logro — respondeu o criado. — Logo que chega às Aigues uma pessoa de fora o tio Fourchon fica à espreita, e se o burguês vai ver as nascentes do Avonne ele vende a sua lontra... E representa tão bem que o senhor conde voltou três vezes, pagando ao velho três dias para ver a água correr.

“E eu que julgava ter visto em Pothier, Baptiste moço, Michot e Monrose os maiores comediantes de hoje!...”,³⁸ disse Blondet consigo mesmo. “Que valem eles ao pé deste mendigo?”

— Oh! O tio Fourchon conhece bem esse jogo — disse Carlos. — E toca mais de um instrumento, pois diz também que tem o ofício de cordoeiro. A oficina dele fica pegada ao muro do portão de Blangy. Se o senhor tiver a ideia de tocar numa corda, ele o embrulhará de tal jeito que o senhor acaba movendo a roda e fazendo um pouco de corda. Ele então pede a gratificação que o aprendiz deve ao mestre. A senhora condessa caiu na armadilha e deu vinte francos. É o rei dos finórios — concluiu Carlos, servindo-se de uma palavra decente.

Essa tagarelice de lacaio permitiu a Blondet entregar-se a certas reflexões sobre a profunda astúcia dos camponeses, lembrando tudo aquilo que ouvira dizer a seu pai, juiz em Alençon.³⁹ Depois, voltando-

lhe à memória, iluminadas pelas confidências de Carlos, as brincadeiras ocultas sob a maliciosa simplicidade do tio Fourchon, confessou-se *tapeado* pelo velho mendigo da Borgonha.

— O senhor não imagina — disse Carlos, chegando ao patamar das Aigues — como é preciso a gente desconfiar de tudo no campo. Principalmente aqui, onde o general não é lá muito estimado...

— Por quê?

— Ora, porque... Não sei — respondeu Carlos com ar idiota, esse ar com que os criados sabem disfarçar suas recusas aos superiores, dando muito que pensar a Blondet.

— Então está aí, seu andarilho? — disse o general, que viera ao patamar atraído pelo barulho dos cavalos. — Ei-lo! Fique tranquila — gritou à esposa, cujo passo leve se fazia ouvir. — Agora só nos falta o padre Brossette. Vai procurá-lo, Carlos! — ordenou ao criado.

III — A TAVERNA

O chamado portão de Blangy, construído por Bouret, compunha-se de duas largas pilastras com bastiões vermiculados, cada uma delas encimada por um cão sentado sobre as patas traseiras e tendo um escudo entre as dianteiras. A proximidade do pavilhão onde morava o administrador dispensara o arrecadador-geral de construir uma sala de portaria. Entre as pilastras, um portão suntuoso, no gênero do que Buffon mandou fundir para o Jardim Botânico, abria para uma pequena área calçada que conduzia à estrada cantonal, outrora conservada cuidadosamente pelas Aigues e pela casa de Soulanges, ligando Couches, Carneux, Blangy e Soulanges a La-Ville-aux-Fayes como uma guirlanda, de tal modo essa estrada é florida de granjas cercadas de sebes e semeada de casinhas entre roseirais.

Aí, ao pé de graciosa muralha que se estendia até um fosso de onde o castelo dominava a paisagem do vale até para lá de Soulanges, achavam-se o moirão apodrecido, a velha roda e as estacas denteadas que constituem a oficina de um cordoeiro de aldeia.

Por volta das doze e meia, no momento em que Blondet se sentava à cabeceira da mesa, em frente do padre Brossette, e recebia as carinhosas repreensões da condessa, o tio Fourchon e Mosquito chegavam ao seu estabelecimento. Dali, sob pretexto de fabricar cordas, Fourchon vigiava as Aigues e podia ver a entrada e a saída dos donos. Assim, uma persiana aberta, os passeios a dois, o menor incidente na vida do castelo — nada escapava à espionagem do velho, que só há três anos se estabelecera como cordoeiro, circunstância mínima em que nem os guardas nem os criados nem mesmo os proprietários tinham reparado ainda.

— Dê uma volta pelo portão do Avonne enquanto eu vou enfundar as velas — disse o tio Fourchon. — Quando você espalhar a coisa, eles hão de ir me procurar no Grand-I-Vert, onde vou me refrescar um pouco. Dá sede ficar daquele jeito em cima d'água! Se você fizer como estou dizendo, arrancará um bom almoço daquela gente. Trate de falar com a condessa e de me xingar bastante, para que eles fiquem com vontade de vir aqui me pregar um sermão. Pois é: haverá uns bons copos de vinho para enxugar...

Após essas instruções finais, que o ar malicioso de Mosquito tornava quase supérfluas, o velho cordoeiro, com a sua lontra debaixo do braço, desapareceu na estrada cantonal.

A meio caminho da aldeia e do bonito portão, quando Emílio Blondet chegou às Aigues, havia uma dessas casas que só se veem em França nos lugares onde a pedra é escassa. Pedacos de tijolo apanhados aqui e ali; grandes pedras engastadas como diamantes no barro argiloso e formando paredes sólidas, embora carcomidas, num conjunto sustentado por grossos ramos e coberto de junco e de palha; porta e janelas toscas — tudo nessa cabana provinha de achados felizes ou de dádivas extorquidas pela importunação.

O camponês tem para com a sua casa o instinto do animal para com o seu ninho ou a sua toca, e esse instinto manifestava-se em todos os característicos daquela choupana. Em primeiro lugar, a janela e a porta olhavam para o norte. Assentada numa pequena elevação, em lugar mais pedregoso que um campo de vinha, a casa devia ser salubre. Subia-se até ela por três degraus feitos engenhosamente com pranchas e estacas e calçados de pedrinhas. Assim, as águas escoavam-se com rapidez. Depois, como na Borgonha a chuva raramente vem do norte, nenhuma umidade poderia apodrecer os alicerces, por mais frágeis que eles fossem. Embaixo, ao longo da estrada, estendia-se uma cerca rústica, escondida sob tufos de espinheiro e espinhos-de-Cristo. Um caramanchão, com suas mesas toscas e bancos grosseiros, convidava os passantes a se sentarem, cobrindo com o seu dossel o espaço entre a choupana e a estrada. Do lado de dentro, os bordos do talude ofereciam como decoração rosas, goivos e violetas, todas essas flores que não custam nada. Um pé de madressilva e um jasmineiro entrançavam seus raminhos sobre o teto, já recoberto de musgo apesar de tão pouco antigo.

A direita da casa, o proprietário fizera um estábulo para duas vacas. Em frente a essa construção de tábuas ordinárias, o terreno de chão batido servia de pátio; a um canto, via-se enorme monte de esterco. Do outro lado da casa e da latada, erguia-se o telheiro de colmo, sustentado por dois troncos de árvore, e nele se guardavam a ferramenta dos vinhateiros, seus tonéis vazios, feixes de lenha empilhados em redor da protuberância formada pelo forno, cuja boca, nas casas dos

camponeses, geralmente se abre sob o pano da chaminé.

Ligava-se à casa cerca de uma jeira de terra, murada por uma sebe viva e coberta de vinhedos, cultivados como costumam fazê-lo os camponeses, e tão bem esterçados, com a terra tão bem preparada, os sarmentos tão bem enterrados, que os seus pâmpanos eram os primeiros a verdejar num círculo de três léguas. Algumas árvores — amendoeiras, ameixeiras, damasqueiros — ostentavam aqui e ali, no cerrado, suas finas copas. Entre as cepas, geralmente se cultivava feijão ou batata. Abrindo uma brecha na aldeia, por trás do pátio, dependia ainda dessa habitação um terrenozinho úmido e baixo, propício ao plantio de couve, cebola, alho — legumes prediletos da classe operária — e vedado por meio de uma porteira, onde passavam as vacas amassando o chão e deixando espalhada nele a sua bosta.

A casa, constituída de dois compartimentos de rés do chão, tinha saída para o vinhedo. Do lado do parreiral, uma rampa de madeira, encostada à parede e coberta por um telhado de colmo, subia até o celeiro iluminado por um olho-de-boi. Sob essa escadaria rústica, uma adega, toda em tijolo da Borgonha, guardava algumas pipas de vinho.

Se bem que a bateria da cozinha do camponês consista ordinariamente em dois utensílios, com os quais se faz tudo — o fogareiro e o caldeirão de ferro —, havia excepcionalmente naquela choupana duas caçarolas enormes, dependuradas por baixo do pano da chaminé, em cima do forninho portátil. Não obstante esse sintoma de prosperidade, o mobiliário estava em harmonia com o aspecto exterior da casa. Assim, para guardar água, um pote; como baixela, colheres de pau ou de estanho, e pratos de barro, escuro por baixo e branco por cima, porém rachados e soldados com ferrinhos; por fim, em redor da mesa sólida, cadeiras de pinho, e como soalho o chão batido. De cinco em cinco anos as paredes eram caiadas, assim como as pobres vigas do teto, das quais pendiam presuntos, réstias de cebola, pacotes de velas e sacos onde o camponês conserva as suas sementes; perto da arca de pão, um armário antigo, de nogueira velha, guarda a escassa roupa branca, a roupa de todo dia e os trajes de cerimônia da família.

Sobre o pano da chaminé reluz um autêntico fuzil de caçador furtivo, pelo qual ninguém daria nem cinco francos: a madeira está chamuscada e o cano, de mau aspecto, não parece limpo. Pensam que a defesa de uma cabana fechada a trinco, e cuja porta exterior, aberta na cerca, nunca se fecha, não exige mais do que isso, e estarão perguntando para que servirá uma arma dessas. Em primeiro lugar, se a madeira do cabo é das mais ordinárias, o cano, cuidadosamente escolhido, provém de um fuzil de primeira, dado sem dúvida a algum guarda-caça. Por isto, seu proprietário nunca erra o tiro; há entre ele e sua arma o conhecimento íntimo que o operário tem de sua ferramenta. Se for preciso desviar o cano um milímetro abaixo ou acima do alvo,

pois ele se alça ou desce na delicada avaliação, o caçador furtivo o saberá perfeitamente, e obedece a essa lei sem errar. De resto, um oficial de artilharia acharia em bom estado as peças essenciais da arma: nada de mais nem de menos. Em tudo aquilo de que se apropria e que deve servir-lhe, o camponês desenvolve a forma conveniente, dando-lhe o necessário e nada mais. Perfeição exterior é coisa que ele jamais compreenderá. Juiz infalível das necessidades, em tudo, conhece todos os graus da força, e quando trabalha para o burguês sabe dar o mínimo possível em troca do máximo possível. Enfim, esse fuzil irrisório tem uma boa parte na vida da família; daqui a pouco saberão como.

Apanharam bem os mil pormenores dessa cabana colocada a quinhentos passos do belo portão das Aigues? Estão a vê-la, agachada ali como um mendigo diante do palácio? Pois bem, seu teto coberto de musgo aveludado, suas galinhas cacarejantes, o porco que vagueia, toda essa poesia campestre tem um sentido terrível. Junto à cancela um grande mastro erguia até certa altura um festão murcho, formado por três ramos de pinheiro e uma folhagem de carvalho atados num trapo. Por cima da porta um pintor de feira, em paga do almoço, pintara numa tabuleta de dois pés quadrados, sobre fundo branco, um I maiúsculo em verde, com este trocadilho de doze letras, para quem soubesse ler: *Au Grand-I-Vert (hiver)*. À esquerda da porta brilhavam as cores vivas de outra tabuleta vulgar: *Deliciosa cerveja de março*, na qual, de cada lado da caneca de onde sai um jorro de espuma, aparecem muito lampeiros um hussardo e uma dama extremamente decotada, ambos coloridos grosseiramente. Por isso, apesar das flores e do ar campestre, exalava-se da choupana esse cheiro forte e nauseante de vinho e comida que nos invade em Paris quando passamos em frente aos botecos de subúrbio.

Já conhecem os lugares. Eis agora as pessoas e sua história, que encerra mais de uma lição para os filantropos.

O dono do Grand-I-Vert, Francisco Tonsard, recomendava-se à atenção dos filósofos pela arte com que resolveu o problema da vida ociosa e da vida ocupada, de modo a tornar a ociosidade proveitosa e a ocupação nula.

Operário de todas as especialidades, sabia cultivar a terra, mas para si só. Para os outros, abria valos, fazia feixes, descascava árvores ou derrubava-as. Nestes serviços, o burguês fica à mercê do trabalhador. Tonsard devia o seu pedaço de terra à generosidade da srta. Laguerre. Desde a mais verde mocidade trabalhava alguns dias para o jardineiro do castelo, pois não havia outro para podar as árvores da alameda, as ruas arborizadas, as sebes, os castanheiros-da-índia. Seu nome já indicava um dom hereditário. Na roça há privilégios obtidos e conservados com arte igual à que empregam os comerciantes para conquistar os seus. Certo dia, quando passeava, a proprietária ouviu Tonsard — um rapaz tão desempenado — dizer: “Afinal, eu precisava só

de uma jeira de terra para viver, e viver feliz!”. Acostumada a fazer os outros felizes, a boa criatura deu-lhe um trato de vinha em frente ao portão de Blangy, em troca de que ele ficasse nas Aigues, onde passou a viver entre os criados, que o consideravam o melhor rapaz da Borgonha.

O pobre Tonsard (assim o chamava todo mundo) trabalhou cerca de trinta dias dos cem a que estava obrigado; no resto do tempo entreteve-se com futilidades, e principalmente com a criada de quarto da patroa, embora ela fosse feia como todas as criadas de quarto das atrizes bonitas. Rir em companhia da srta. Cochet significava tanta coisa que Soudry, o feliz gendarme citado na carta de Blondet, vinte e cinco anos depois, ainda olhava Tonsard com maus olhos. O armário de nogueira e o leito de colunas e de delícias, ornamentos do quarto de dormir, sem dúvida eram fruto de alguma *risadinha*.

De posse do terreno, à primeira pessoa que lhe disse que fora presente da patroa respondeu Tonsard: “Ora essa! Foi bem comprado e bem pago. Algum dia os burgueses já nos deram qualquer coisa? Então cem dias não valem nada? Isso me custou trezentos francos e é pedra só!”. O dito não foi além das camadas populares.

Tonsard construiu pessoalmente a casa, apanhando aqui e ali o material, fazendo com que um e outro lhe dessem uma demão, rebuscando no castelo coisas refugadas ou pedindo-as e obtendo-as sempre. Uma porta estragada de Montreuil, demolida a fim de ser transportada para mais longe, foi aproveitada no estábulo. A janela veio de uma velha estufa desmontada. Os resíduos do castelo serviram pois para levantar essa fatal choupana.

Salvo da convocação graças a Gaubertin, administrador das Aigues, cujo pai era promotor público no departamento e que, de resto, não podia recusar coisa alguma à srta. Cochet, Tonsard casou-se logo que a casa ficou pronta e a vinha em boas condições. Rapaz de vinte e três anos, familiar das Aigues, o pândego, a quem a patroa acabava de dar uma jeira de terra e que parecia trabalhador, teve a habilidade de apregoar todos os seus dons negativos, e conquistou a filha de um sitiante da propriedade de Ronquerolles, situada para lá da floresta das Aigues. Esse sitiante mantinha uma granja a meias, que decaía nas suas mãos por falta de uma companheira. Viúvo inconsolável, tratava de afogar no vinho as suas mágoas, à maneira inglesa; quando deixou de pensar na sua pobre e querida defunta, viu-se casado com a bebida, segundo uma pilhéria da aldeia. Em pouco tempo, de sitiante o sogro passou a jornaleiro bebedor e preguiçoso, mau e rabugento, capaz de tudo, como as pessoas do povo que de uma certa prosperidade voltam a cair na miséria. Esse homem, que os conhecimentos práticos, a leitura e a ciência da escrita colocavam acima dos outros trabalhadores, mas que os vícios punham ao nível dos mendigos, acabava de enfrentar, como vimos, um dos homens mais finos de Paris, numa bucólica esquecida

por Virgílio.

A princípio mestre-escola em Blangy, tio Fourchon perdera o lugar por causa de seu mau procedimento e de sua ideia sobre instrução pública. Ajudava as crianças a fazer barquinhos e pombos de papel com seus abecedários, de preferência a ensinar-lhes a ler; repreendia-as de um modo tão curioso quando tinham surripiado algumas frutas que seus pitos podiam ser considerados lições sobre a arte de escalar muros. Cita-se ainda, em Soulanges, sua resposta a um menino que, chegando tarde, se desculpara assim: “Ah, mestre, eu fui dar de beber ao nosso *cavola...*”. “*É cavalo, animola!*”

De professor passou a correio da roça. Nesse cargo, que constitui uma espécie de reforma para tantos soldados velhos, tio Fourchon era censurado todos os dias. Quando estava bêbado, levava para uma comuna a mala de outra, e, quando em jejum, lia as cartas. Foi logo demitido. Não podendo ser coisa alguma no serviço público, acabou por se tornar “fabricante”. No campo, os indigentes exercem uma indústria qualquer, todos arranjam uma aparência de vida honesta. Aos setenta anos, o velho empreendeu a cordoaria em pequena escala, um dos comércios que menos capital exigem. A oficina, como já vimos, é o primeiro muro que aparece; as máquinas não custam mais de vinte francos; o aprendiz, como o mestre, dorme numa granja e vive do que apanha. A rapacidade da lei sobre portas e janelas expirará *sub dio*.⁴⁰ Pede-se emprestada a matéria-prima para a fabricação. Mas a renda principal do tio Fourchon e de seu aprendiz Mosquito, filho natural de uma de suas filhas naturais, provinha da caça às lontras, e ainda de almoços e jantares oferecidos por pessoas que, não sabendo ler nem escrever, utilizavam os talentos de Fourchon na hipótese de uma carta a responder ou de uma conta a apresentar. Enfim, ele sabia tocar clarineta, e acompanhava um de seus amigos, o rabequista de Soulanges, um tal Vermiguel, nos casamentos de aldeia ou nos dias de grande baile no Tivoli de Soulanges.

Vermiguel chamava-se Miguel Vert, mas o trocadilho feito com o seu nome verdadeiro se tornou de uso tão generalizado que, nos documentos, Brunet, oficial da Justiça de Paz de Soulanges, escrevia Miguel João Jerônimo Vert, por alcunha Vermiguel, prático. Vermiguel, rabequista notável no antigo regimento da Borgonha, em sinal de reconhecimento pelos serviços que lhe prestava o tio Fourchon, arranjara-lhe aquele lugar de prático concedido no campo aos que sabem assinar o nome. Tio Fourchon servia pois de testemunha ou de prático nos atos judiciais, quando “seu” Brunet vinha lavrar autos nas comunas de Cerneux, Couches e Blangy. Ligados por uma amizade que contava já vinte anos de farra, constituíam quase uma firma comercial.

Unidos pelo vício como Mentor e Telêmaco⁴¹ o foram antigamente pela virtude, Mosquito e Fourchon viajavam, como eles, à busca de pão

*panis angelorum*⁴² únicas palavras latinas que restavam na memória do velho Fígaro de aldeia. Iam mercadejando os restos do Grand-I-Vert e dos castelos, pois os dois juntos, nos anos mais ocupados e prósperos, nunca chegaram a fabricar, em média, trezentas e sessenta braças de corda. Em primeiro lugar, nenhum comerciante, num raio de vinte léguas em redor, teria confiado estopa a Fourchon ou a Mosquito. Antecipando os milagres da química moderna, o velho sabia muito bem transformá-la em bendito suco de uva. Depois, suas tríplices ocupações como escrivão público em três comunas, prático do juízo de paz e tocador de clarineta prejudicavam — dizia ele — o desenvolvimento do seu comércio.

Assim, Tonsard viu desfazer-se logo a esperança, tão docemente acalentada, de conquistar algum conforto com o aumento de suas propriedades. Por uma circunstância bastante comum, o genro preguiçoso encontrou um sogro vadio. E as coisas deviam piorar ainda mais pelo fato de que a sra. Tonsard, dotada de certa beleza campestre, grande e bem-feita não gostava de trabalho de roça. Tonsard atribuía à mulher a culpa do fracasso paterno, e maltratava-a por essa espécie de vingança peculiar ao povo, cuja vista, preocupada unicamente com o efeito, raramente remonta até a causa.

Achando pesada a sua cruz, a mulher quis aliviá-la. Serviu-se dos vícios de Tonsard para dominá-lo. Gulosa, gostando de ter suas comodidades, estimulou a preguiça e a gula do marido. Antes de tudo soube conquistar as graças da criadagem do castelo, sem que Tonsard lhe reprovasse os meios, à vista dos resultados. Pouco se importava ele com o que fizesse sua mulher, desde que ela fizesse tudo quanto ele queria. Eis aí a transação secreta de metade dos casais. A Tonsard instalou, pois, o botequim do Grand-I-Vert, cujos primeiros fregueses foram criados das Aigues, guardas e caçadores.

Gaubertin, intendente da srta. Laguerre e um dos primeiros clientes da bela Tonsard, deu-lhe algumas pipas de um vinho excelente para atrair freguesia. O efeito desses presentes, periódicos enquanto o administrador era solteiro, e a fama de beleza pouco selvagem que chamou para a sra. Tonsard a atenção dos don-juans do vale tornaram frequentadíssimo o Grand-I-Vert. Na qualidade de amiga da boa mesa, a mulher transformou-se em excelente cozinheira, e embora seus dotes só se exercitassem em pratos habituais no campo, como guisado de lebre, carne com molho, caldeirada de peixe, omelete, adquiriu ela nas redondezas a reputação de saber preparar admiravelmente esses jantares que a gente come até limpar o prato, com tempero excessivo que convida a beber. Assim, em dois anos se tornou senhora do marido, conduzindo-o por uma inclinação má, a que ele precisamente queria abandonar-se.

O malandro vivia caçando clandestinamente, sem medo de nada. As

relações de sua mulher com o intendente Gaubertin, com os guardas particulares e com as autoridades rurais e o relaxamento reinante garantiam-lhe a impunidade. Logo que os filhos cresceram, fez deles um instrumento de seu bem-estar, sem se mostrar mais exigente com os seus costumes do que o fora com os de sua mulher. Tinha duas moças e dois rapazes. E ele, que, como a esposa, mal ganhava para o sustento, teria visto acabar-se a boa vida se não mantivesse em vigor na casa a lei quase marcial de trabalharem todos pela manutenção do seu conforto, do qual participava, aliás, a família. Depois que esta se educou à custa das pessoas a quem sua mulher sabia arrancar presentes, eis quais foram o código e o orçamento do Grand-I-Vert:

A velha mãe de Tonsard e as duas filhas deste, Catarina e Maria, iam constantemente ao mato, voltando duas vezes por dia vergadas ao peso de feixes que lhes chegavam aos tornozelos e iam até meio metro acima das cabeças. Apesar de guarnecido por fora de madeira seca, o recheio compunha-se de lenha verde, cortada, não raro, entre as árvores novas. Rigorosamente, Tonsard abastecia-se na floresta das Aigues de lenha para o inverno. O pai e os filhos caçavam sem parar. De setembro a março, lebres, coelhos, perdizes, tordos, cabritos monteses, toda a caça que não se consumia em casa era vendida em Blangy e na cidadezinha de Soulanges, capital do cantão, onde as duas filhas de Tonsard vendiam leite e de onde traziam diariamente as novidades, espalhando lá as das Aigues, de Cerneux de Couches. Quando não era mais possível caçar, os três Tonsard preparavam armadilhas. Se estas rendiam pouco, a Tonsard fazia pastéis para La-Ville-aux-Fayes. Por ocasião da colheita, sete Tonsard — a velha, os dois rapazes até completarem dezessete anos, as duas moças, o velho Fourchon e Mosquito — respigavam as searas, apanhando quase dezesseis alqueires por dia de centeio, trigo, cevada — qualquer grão, enfim, que pudesse ser moído.

As duas vacas, a princípio conduzidas pela menina mais nova ao longo das estradas, fugiam geralmente para os pastos das Aigues; como, porém, a qualquer delito demasiado evidente para que o guarda pudesse eximir-se de observá-lo os meninos apanhavam ou ficavam privados de alguma gulodice, tinham eles adquirido uma habilidade rara em perceber os passos do inimigo, e dificilmente o guarda campestre ou o guarda das Aigues os surpreenderiam em falta. De resto, as relações desses dignos funcionários com Tonsard e sua mulher tapavam-lhes os olhos com uma nuvem. Puxados por longas cordas, os animais obedeciam tanto mais a um chamado, a um grito especial que os reconduzia ao terreno comum quanto sabiam que, passado o perigo, poderiam acabar o seu bom bocado no terreno do vizinho. A velha Tonsard, cada vez mais débil, sucedera a Mosquito desde que Fourchon passou a ter em sua companhia o neto natural, sob pretexto de cuidar

de sua educação. Maria e Catarina apanhavam grama no mato. Lá descobriam os lugares onde cresce o feno silvestre, tão fino, tão bonito, que elas cortavam, secavam, enfeixavam e armazenavam; tiravam daí dois terços do alimento das vacas no inverno, levando-as aliás, nos dias bonitos, para pastar nos lugares bem conhecidos onde floresce a grama. Em certos pontos do vale das Aigues, como em todas as regiões dominadas pelas cadeias de montanhas, há terrenos que, como no Piemonte e na Lombardia, dão grama no inverno. Esses campos, chamados de *marciti* na Itália, têm grande valor, mas na França não suportam o gelo excessivo nem a neve demasiada. Esse fenômeno é devido sem dúvida a uma exposição particular e à infiltração de águas que conservam a temperatura elevada.

Os dois bezerros rendiam cerca de oitenta francos. O leite, descontado o tempo em que as vacas pariam ou criavam, rendia cerca de cento e sessenta francos e provia, além disso, às necessidades da casa em matéria de laticínios. Tonsard ganhava uns cinquenta escudos em biscates aqui e ali. A cozinha e o vinho davam, livre de despesas, uns cem escudos, pois as farras, essencialmente passageiras, só se verificavam poucas vezes e durante certas estações; de resto, os farristas preveniam Tonsard e sua mulher, os quais compravam então na cidade a pequena quantidade de carne e outras provisões que se fazia necessária. Nos anos comuns, o vinho do cercado de Tonsard era vendido a vinte francos o pipote, sem casco, a um taverneiro de Soulanges com quem ele mantinha relações. Em certos anos planturosos, Tonsard colhia doze pipotes na sua propriedade, porém a média era de oito pipotes, e ele guardava metade para o gasto. Nas regiões vinícolas, a respiga das vinhas constitui o que se chama de rebusca. Na rebusca, a família Tonsard recolhia umas três pipas de vinho. Observando o uso, mas pouco escrupulosa nos processos, penetrava nos vinhedos antes que os vindimadores tivessem saído, assim como se atirava às searas quando os feixes amontoados ainda esperavam carreta. Assim, as sete ou oito pipas de vinho, tanto rebuscado como colhido, se vendiam por bom preço. Da quantia apurada, o Grand-I-Vert tinha, porém, de deduzir as perdas provenientes do consumo de Tonsard e de sua mulher, ambos habituados a comer os melhores pedaços e beber vinho melhor do que o posto à venda, que lhes era fornecido pelo seu correspondente em Soulanges, em pagamento do outro que lhes mandavam. O dinheiro ganho pela família chegava, assim, a perto de novecentos francos, pois ainda engordavam dois porcos por ano, um para o gasto, outro para vender.

Com o tempo, trabalhadores e vadios da região afeiçoaram-se à taverna do Grand-I-Vert, tanto pelos dotes da mulher de Tonsard como pela camaradagem existente entre aquela família e a gente miúda do

vale. As duas moças, admiravelmente belas, conservavam os costumes maternos. Enfim, a ancianidade do Grand-I-Vert, que remontava a 1795, fazia dele uma coisa sagrada no campo. Desde Couches até La-Ville-aux-Fayes, os trabalhadores lá iam fechar os seus negócios, saber as novidades colhidas pelas filhas de Tonsard, por Mosquito e por Fourchon ou trazidas por Vermiguel e Brunet, o mais célebre oficial de justiça de Soulanges, quando este ia procurar o seu práctico. Ali se fixava o preço do feno, do vinho, dos dias de serviço e das empreitadas. Juiz soberano nessas matérias, Tonsard atendia a consultas tomando um trago com os fregueses. Soulanges, como se dizia na região, passava por ser uma cidade exclusivamente mundana, de distrações, ao passo que Blangy era o burgo comercial, esmagado, entretanto, pelo grande centro de La-Ville-aux-Fayes, que em vinte e cinco anos se tornara a capital daquele vale magnífico. A feira de animais e sementes instalava-se na praça de Blangy, e seus preços serviam de tabela para o distrito.

Permanecendo em casa, a esposa de Tonsard conservara-se fresca, branca, arredondada, em contraste com as mulheres do campo, que fenecem tão rapidamente como as flores e já são velhas aos trinta anos. Gostava também de apresentar-se bem-vestida. Era apenas limpa, mas na aldeia limpeza quer dizer luxo. As filhas, mais bem trajadas do que fora de esperar à vista de sua pobreza, seguiam o exemplo materno. Por baixo de vestidos relativamente quase elegantes, usavam roupa branca mais fina do que a das camponesas ricas. Nos dias de festa, apresentavam-se com bonitas *toilettes*, obtidas sabe Deus como. Por um preço facilmente pago, a criadagem das Aigues lhes trazia vestidos de criadas de quarto, comprados em Paris, que elas reformavam para seu uso. Essas duas moças, boêmias do vale, não recebiam um vintém dos pais, que unicamente lhes davam comida e as faziam dormir com a avó em catres horrendos, no celeiro, onde os irmãos, por sua vez, dormiam enroscados no feno, como animais. Nem pai nem mãe se preocupavam com essa promiscuidade.

A idade do ferro e a idade do ouro se assemelham mais do que parece. Em uma, nada nos preocupa, na outra, preocupamo-nos com tudo; para a sociedade, o resultado talvez seja o mesmo. A presença da velha Tonsard, parecendo antes uma necessidade do que uma garantia, era mais uma imoralidade.

Por isso é que o padre Brossette, depois de estudar os costumes de seus paroquianos, disse ao bispo esta frase profunda: “Excelência, vendo como os camponeses se escudam na miséria é que percebemos como eles têm medo de ficar sem o pretexto dos seus desregramentos”.

Embora todo mundo soubesse como aquela família era pobre de princípios e de escrúpulos, ninguém achava nada que dizer quanto aos costumes do Grand-I-Vert. No começo desta Cena torna-se necessário, de uma vez por todas, explicar às pessoas habituadas à moralidade das

famílias burguesas que em matéria de costumes domésticos os camponeses não têm nenhuma delicadeza; só invocam a moral, a propósito de uma filha seduzida se o sedutor é rico e medroso. Até que o Estado os arrebate, os filhos constituem um capital, um instrumento de conforto. O interesse, sobretudo depois de 1789, tornou-se o único móvel de suas ideias; para eles, nunca se trata de saber se uma ação é legal ou imoral, mas se é proveitosa. A moralidade, que não se deve confundir com religião, começa com a prosperidade, como nas esferas superiores vemos a delicadeza florescer na alma quando a fortuna já dourou o mobiliário. O homem absolutamente honesto e moral é uma exceção na classe camponesa. Os curiosos perguntarão por quê. De todas as razões que poderíamos apontar para semelhante estado de coisas, eis a principal: pela natureza de suas funções sociais, os camponeses vivem uma vida puramente material, próxima do estado selvagem, a que os convida à união constante com a natureza. O trabalho, quando esmaga o corpo, tira ao pensamento sua ação purificadora, sobretudo entre as pessoas ignorantes. Enfim, para os camponeses a miséria é uma *razão de Estado*, como dizia o padre Brossette.

Ligado a todos os interesses, Tonsard ouvia as queixas de cada um e orientava as fraudes úteis aos necessitados. Aparentemente boa pessoa, a mulher favorecia com seus cochichos os malfeitores da região, jamais recusando aprovação ou mesmo adjutório às suas tramas, quaisquer que fossem, contra o *burguês*. Na taverna, autêntico ninho de víboras, cultivava-se pois, vivaz e peçonhento, o ódio do proletário e do camponês ao patrão e ao rico.

A vida feliz dos Tonsard tornou-se então um péssimo exemplo. Cada qual perguntava a si mesmo: por que não apanhar na floresta das Aigues, como Tonsard, lenha para o forno e a cozinha e para aquecimento no inverno? Por que não dispor de uma vaca para a alimentação, não procurar caça para comer ou vender, como eles? Por que não colher sem semear, na colheita e na vindima, como aquela família? Assim, o furto dissimulado, que destrói os bosques, dizima os campos, os prados e as vinhas, tornando-se geral no vale, degenerou logo em direito nas comunas de Blangy, Couches e Cerneux, sobre as quais se estendia o domínio das Aigues. Por motivos que serão ditos no devido tempo e lugar, essa chaga afetou muito mais a propriedade das Aigues do que as dos Ronquerolles e dos Soulanges.

De resto, não creiam que Tonsard, sua mulher, seus filhos e sua velha mãe dissessem algum dia, de caso pensado: “Vamos viver de furtos, e cometê-los com habilidade!”. Tais hábitos tinham se desenvolvido lentamente. À lenha seca a família misturou um pouco de lenha verde; depois, encorajada pelo hábito e por uma impunidade calculada, necessária a planos que esta narrativa irá desenvolvendo, em

vinte anos chegara a *tirar sua lenha*, a viver só de furto! Assim, o pasto das vacas, o abuso da respiga e da rebusca estabeleceram-se gradativamente. Uma vez que a família e os vagabundos do vale tinham experimentado os benefícios desses quatro direitos conquistados pelos pobres do campo, e que vão até a pilhagem, compreende-se que os camponeses já não pudessem renunciar a isto senão coagidos por uma força superior à sua audácia.

No momento em que começa esta história, Tonsard, tendo perto de cinquenta anos de idade, homem grande, forte e mais gordo que magro, cabelos crespos e negros, tez vivamente colorida, jaspeado como um tijolo de tons violáceos, olhos alaranjados, orelhas caídas e largamente debruadas, de constituição musculosa, mas envolta numa carne mole e enganadora, testa achatada, lábio inferior pendente, dissimulava o seu verdadeiro caráter sob uma estupidez atravessada pelos clarões de uma experiência que se parecia tanto mais com espírito quanto a convivência do sogro lhe ensinara certo modo de falar *zombeteiro*, para usarmos de uma expressão do dicionário Vermiguel-Fourchon. O nariz, achatado na ponta como se o dedo celeste houvesse querido marcá-lo, dava-lhe uma voz que partia do céu da boca, tal como sucede com certas pessoas desfiguradas pela doença, trancando a comunicação pelas fossas nasais, que o ar atravessa penosamente. Os dentes superiores, acavalados, realçavam ainda mais esse defeito, terrível na opinião de Lavater,⁴³ pois eram de uma brancura de dente de cão. Sem a falsa bonacheirice do vadio e o desleixo do boêmio campesino, esse homem assustaria as pessoas menos perspicazes.

Se o retrato de Tonsard, a descrição de sua taverna e a de seu sogro figuram em primeiro plano, podem acreditar que esse lugar é devido ao homem, ao estabelecimento e à família. Antes de tudo, esta vida, tão minuciosamente explicada, é o tipo da que levavam cem outros lares no vale das Aigues. Depois, sem ser mais do que um instrumento de ódios ativos e profundos, Tonsard teve enorme influência na batalha que se deveria travar, pois foi conselheiro de todos os queixosos da classe baixa. Como se verá, sua taverna servia constantemente de ponto de reunião para os assaltantes, do mesmo modo que ele se tornou chefe deles, pelo terror que inspirava no vale, menos por suas ações do que por aquilo que se esperava dele. Como as ameaças desse caçador furtivo eram tão temidas quanto as ações, não precisou executar nenhuma.

Toda revolta, oculta ou declarada, tem sua bandeira. O emblema dos rapinantes, dos vagabundos e dos faladores era, pois, o terrível mastro do Grand-I-Vert. Ali a gente se divertia — coisa tão rara e tão procurada, no campo como na cidade. De resto, não havia albergues numa estrada cantonal de quatro léguas, que os carros carregados percorriam facilmente em três horas; por isso, todas as pessoas que iam de Couches para La-Ville-aux-Fayes paravam no Grand-I-Vert, nem que

fosse apenas para se refrescar. Enfim, iam lá o moleiro das Aigues, adjunto do *maire*, e seus empregados. A própria criadagem do general não desdenhava o boteco, que as filhas de Tonsard tornavam atraente, de modo que o Grand-I-Vert se comunicava subterraneamente com o castelo por meio dos criados e podia saber a respeito dele tudo que estes sabiam. É impossível, quer pelo interesse quer por meio de benefícios, romper o eterno entendimento dos criados com o povo. A libre sai do povo e continua a ser-lhe fiel. Esta camaradagem funesta explica as reticências com que Carlos, no patamar, encerrara sua conversa com Blondet.

IV — OUTRO IDÍLIO

— Com mil diabos, papai! — exclamou Tonsard, vendo entrar o sogro e suspeitando que ele estivesse em jejum. — Sua fome hoje está apressada. Não temos nada para lhe dar... E aquela corda? Aquela que nós devíamos fazer? É extraordinário como o senhor trabalha num dia e, no outro, não encontra nada feito. Há muito tempo já que o senhor devia ter trançado a corda que dará cabo de sua vida, pois está nos saindo muito caro...

A brincadeira do camponês e do operário reveste-se de grande aticismo. Consiste em dizer tudo que pensa, exagerando-o pela expressão grotesca. Não se faz de outro modo nos salões. Nestes, a finura de espírito substitui o pitoresco da grosseria — eis a única diferença.

— Aqui não tem sogro nenhum! — disse o velho. — Você me trate como freguês. Quero uma garrafa do melhor.

Dizendo isto, Fourchon, com a moeda de cem *sous* que na sua mão reluzia como um sol, bateu na mesa ordinária a que se sentara e que um forro de gordura, bem como as queimaduras negras, as manchas de vinho e os entalhes tornavam bastante curiosa. Ao tinir da moeda, Maria Tonsard, lançando-se como uma corveta em pleno cruzeiro, dirigiu ao avô um olhar feroz, que lhe brotou dos olhos azuis como uma faísca, e sua mãe saiu do quarto, atraída pela música do metal.

— Você vive maltratando meu pai — disse ela ao marido. — Entretanto, de um ano para cá ele tem ganhado bastante dinheiro, Deus queira que honestamente. Vamos ver isso?... — exclamou, saltando sobre a moeda e arrancando-a das mãos de Fourchon.

— Vai, Maria — disse gravemente Tonsard. — Em cima da prateleira ainda há uma do *engarrafado*.

No campo, o vinho é de uma só qualidade, mas vende-se sob duas espécies: em pipa e engarrafado.

— Onde arranjou isso? — perguntou a filha ao pai, fazendo deslizar a

moeda para o seu próprio bolso.

— Filipina, você ainda acaba mal — respondeu o velho, sacudindo a cabeça e desistindo de recuperar o seu dinheiro.

Sem dúvida, Fourchon já verificara a inutilidade de uma luta com sua filha e com seu terrível genro.

— Mais uma garrafa de vinho que vocês me vendem por cem *sous*! — concluiu, em tom amargo. — Mas também será a última. Vou passar a ser freguês do Café da Paz.

— Cale a boca, papai! — disse a alva e corada taverneira, bastante parecida com as matronas romanas. — Você está precisando de uma calça, uma camisa limpa, um chapéu novo. Finalmente, quero lhe arranjar um colete...

— Já lhe disse que isso me arruinaria! — exclamou o velho. — Quando pensarem que eu sou rico, ninguém me dará mais nada.

A garrafa trazida pela loura Maria deteve a eloquência do velho, não isenta desse traço peculiar às pessoas que se permitem dizer tudo, não recuando diante de nenhum pensamento, embora medonho.

— Então o senhor não quer nos dizer onde pilhou tanto dinheiro? — perguntou Tonsard. — Nós também iríamos lá...

Enquanto arrematava uma armadilha, o feroz taverneiro espiava a calça do sogro, e logo percebeu nela o círculo em relevo, desenhado pela segunda moeda de cinco francos.

— À saúde de vocês — disse o tio Fourchon. — Estou ficando capitalista!

— Se o senhor quisesse, seria — respondeu Tonsard. — Bem que tem meios para isso. Mas o diabo abriu por baixo do seu nariz um buraco por onde escorrega tudo...

— Ora! Passei o logro da lontra naquele pequeno burguês de Paris que está nas Aigues. É só.

— Se viesse mais gente para ver as nascentes do Avonne o senhor estava rico, tio Fourchon...

— É — prosseguiu ele, esvaziando a garrafa. — Mas, de tanto brincar com as lontras, elas ficaram zangadas, e eu apanhei uma que vai me render mais de vinte francos.

— Papai, aposto que você fez uma lontra de filaça... — disse a filha, olhando para ele com ar finório.

— Se você me der uma calça, um colete e um suspensório para eu não envergonhar muito Vermiguel no nosso estrado no Tivoli, pois o tio Socquard vive resmungando perto de mim, eu lhe darei a moeda, minha filha. Sua ideia vale bem isso. Posso enganar de novo o burguês das Aigues, que com esse golpe é capaz de se dedicar às lontras...

— Vá buscar outra garrafa — disse Tonsard à filha. — Se seu pai tivesse mesmo uma lontra, ele mostrava para nós — continuou, dirigindo-se à mulher, e procurando ferir a suscetibilidade de

Fourchon.

— Estou com muito medo de que ela vá parar na frigideira de vocês! — exclamou o velho, que piscou um dos olhinhos esverdeados, olhando para a filha. — Filipina já surripiou minha moeda, e quantas vocês já consumiram nessa conversa de me vestir e me alimentar?... E ainda me dizem que sou esganado e que ando nu!

— Papai, o senhor não vendeu sua última roupa para beber vinho de cheiro no Café da Paz?... — perguntou a filha. — Por sinal, que Vermiguel não queria deixar...

— Vermiguel?... Vermiguel, a quem eu dei de beber? Vermiguel é incapaz de trair nossa amizade! Com certeza foi aquela arroba de presunto mofado com duas patas, que ele não se envergonha de chamar de sua mulher!

— Ele ou ela — respondeu Tonsard —, ou Bonnébault...

— Se for Bonnébault, que é um dos maiores paus-d'água do mundo — atalhou Fourchon —, eu... eu... chega!

— Mas, seu pândego, que é que tem que o senhor venda suas roupas? Vendeu porque quis vender, o senhor é maior! — exclamou Tonsard, dando uma palmadinha no joelho do velho. — Vamos, faça concorrência às minhas pipas, molhe bem a garganta! O pai da sra. Tonsard tem direito a isso, e antes assim do que levar o seu sobrinho para Socquard!

— Quem diria que há quinze anos o senhor amola o pessoal do Tivoli e ainda não descobriu o segredo do vinho de cheiro de Socquard! O senhor, que é tão esperto!... — disse a filha ao pai. — Entretanto, sabe muito bem que com esse segredo nós ficaríamos tão ricos como Rigou!

— No Morvan e na parte da Borgonha que se estende a seus pés, do lado de Paris, esse vinho de cheiro, exprobrado pela mulher de Tonsard ao pai Fourchon, é uma bebida bastante cara, desempenhando um grande papel na vida dos camponeses. Sabem prepará-lo mais ou menos bem os tendeiros e botequineiros, nos lugares onde há dessas casas. Esse abençoado licor, composto de vinho escolhido, açúcar, canela e outras especiarias, é preferido a todos os disfarces ou misturas de aguardente, que se chamam de Ratafia, Cento-e-sete-anos, Água-dos-bravos, Cássis, Vespetro, Espírito-de-sol etc. Encontra-se o vinho de cheiro até na fronteira da França com a Suíça. No Jura, em lugares selvagens aonde chegaram alguns turistas respeitáveis, pelo que dizem os caixeiros-viajantes, os estalajadeiros dão o nome de vinho de Siracusa a esse produto industrial, de resto excelente, e que nos sentimos encantados por poder pagar a três ou quatro francos a garrafa, graças à sede infernal produzida pela ascensão aos picos. Ora, nas casas do Morvan e da Borgonha, a dor mais ligeira, o menor sobressalto de nervos serve de pretexto para o vinho de cheiro. Antes e depois do parto, como no seu decurso, as mulheres adicionam-lhe torradas com açúcar.

O vinho de cheiro já devorou fortunas de camponeses. Por isso, mais de uma vez esse licor fascinante tem dado azo a repreensões maritais.

— Não há jeito! — respondeu Fourchon. — Socquard sempre se trancou para fabricar o seu vinho de cheiro! Ele não confiou o segredo nem à defunta mulher. Manda vir tudo de Paris para a fabricação!

— Ora, não atormente seu pai! — exclamou Tonsard. — Se ele não sabe, paciência, é porque não sabe mesmo. Não se pode saber tudo!

Fourchon foi invadido pela inquietação ao ver a fisionomia do genro se adoçar tanto quanto suas palavras.

— Que é que você quer me roubar? — perguntou ingenuamente o velho.

— Eu? — disse Tonsard. — Eu não tenho nada que não seja legítimo na minha fortuna. E, quando lhe tiro qualquer coisa, desconto no dote que o senhor me prometeu.

Tranquilizado com essa grosseria, Fourchon baixou a cabeça como homem vencido e convencido.

— Aqui está uma bonita armadilha — continuou Tonsard, aproximando-se do sogro e pondo-lhe a armadilha sobre os joelhos. — Eles lá nas Aigues vão precisar de caça, e nós venderemos a deles mesmos. Só se Deus não estivesse do nosso lado...

— Servicinho bom — disse o velho, examinando o objeto malfazejo.

— Vamos, papai, deixe a gente arranjar uns cobres — disse a filha. — Teremos nossa fatia no bolo das Aigues...

— Oh, gente faladeira! — exclamou Tonsard. — Se eu for enforcado, não há de ser por causa de algum tiro de fuzil, mas da língua de sua filha.

— Então pensam que as Aigues serão vendidas a varejo para o triste bico de vocês? — perguntou Fourchon. — Essa é muito boa! Há trinta anos que o tio Rigou nos chupa a medula dos ossos, e vocês não perceberam ainda que os burgueses serão piores do que os nobres? Nesse negócio, meus filhos, os Soudry, os Gaubertin e os Rigou nos farão dançar com a música do *Eu cá tenho bom fumo, e você não!* O hino nacional dos ricos, pois é! Camponês será sempre camponês. Vocês não estão vendo (mas vocês não entendem nada de política) que o governo instituiu tantos impostos sobre o vinho só para tomar de novo o nosso cum-quibus e conservar a gente na miséria? Burguesia e governo, tudo é uma coisa só. Que seria deles se nós todos fôssemos ricos?... Cultivariam suas terras, fariam sua colheita? Eles precisam de desgraçados! Eu fui rico durante dez anos, e me lembro muito bem do que pensava sobre os miseráveis...

— De qualquer jeito, é preciso expulsá-los — respondeu Tonsard —, já que estão querendo dividir as grandes propriedades... Depois, a gente vira contra os Rigou. Se eu fosse Courtecuisse, que ele vai depenando aos poucos, há muito tempo já que teria acertado nossas contas. E com

umas *balas* bem diferentes das que ele recebe do pobre diabo...

— Você tem razão — respondeu Fourchon. — Como diz o tio Nizeron, que continuou republicano quando já ninguém mais era, o povo tem sete fôlegos. Ele não morre, o tempo está a seu favor...

Fourchon caiu num vago torpor, e Tonsard aproveitou-se disso para retomar a armadilha; mas, pegando-a, com uma tesourada, cortou a calça do velho, enquanto este levantava o copo para beber, e pôs o pé sobre a moeda que rolara na parte do chão sempre úmida, onde os consumidores esvaziavam seus copos. Embora praticada rapidamente, a subtração talvez chegasse a ser percebida pelo velho, se não fosse a chegada de Vermiguel.

— Sabe onde está o velhinho, Tonsard? — exclamou o funcionário, ao pé da cerca.

O grito de Vermiguel, o furto da moeda e o esgotamento do copo ocorreram simultaneamente.

— Presente, meu oficial! — exclamou o pai Fourchon, estendendo a mão a Vermiguel para ajudá-lo a subir os degraus da taverna.

De todas as caras da Borgonha, a de Vermiguel dir-se-ia a mais borguinhona. O prático não era vermelho, mas escarlata. Sua face, como certas partes tropicais do globo, explodia aqui e ali em pequenos vulcões extintos, que desenhavam essa espécie de musgo chato e verde, chamado tão poeticamente por Fourchon de *flores de vinho*. A cabeça ardente, em que todas as feições tinham sido dilatadas ao extremo pelas bebedeiras contínuas, parecia ciclópica, iluminada à direita por uma pupila viva, amortecida do outro lado por um olho recoberto de uma nuvem amarelada. Cabelos ruivos, sempre desgrenhados, e uma barba semelhante à de Judas tornavam Vermiguel tão temível na aparência quanto era doce na realidade. O nariz em trombeta dir-se-ia um ponto de interrogação a que a boca, extremamente rasgada, parecia responder sempre, mesmo quando não estava aberta.

Homem de pequena estatura, Vermiguel usava sapatos ferrados, calça de veludo verde-garrafa, um velho colete remendado com panos diversos, que parecia ter sido feito de uma colcha, paletó de algodão grosso, azul, e chapéu cinzento de abas largas. Esse luxo imposto pela cidade de Soulanges, onde Vermiguel acumulava as funções de porteiro da prefeitura, tambor, carcereiro, rabequista e prático, era sustentado pela sra. Vermiguel, terrível adversária da filosofia rabelaisiana.⁴⁴ Essa virago de bigodes, com um metro de largura e cento e vinte quilos de peso, entretanto ágil, estabelecera o seu império sobre Vermiguel, o qual, surrado por ela durante os pifões, deixava ainda que ela agisse quando em jejum. Por isso dizia o tio Fourchon, desprezando a indumentária de Vermiguel: “É a libré de um escravo”.

— Basta falar no sol, ele aparece — continuou Fourchon, repetindo uma pilhéria baseada no rosto rutilante de Vermiguel, que realmente se

parecia com esses sóis de ouro, pintados na tabuleta dos albergues de província. — Será que a sra. Vermiguel desceu o pau nas suas costas, para que você tenha fugido de seus quatro-quintos, pois não é possível chamar aquela mulher de cara-metade... ? Que é que trouxe você aqui tão cedo, a toque de caixa?

— Sempre a política! — respondeu Vermiguel, evidentemente habituado a essas brincadeiras.

— Ah! O comércio de Blangy vai mal. Vamos, então, protestar uns títulos? — disse o tio Fourchon, enchendo um copo de vinho para o amigo.

— O nosso *macaco* vem aí atrás — respondeu Vermiguel, levantando o cotovelo.

Na gíria dos trabalhadores, *macaco* é patrão. Essa palavra fazia parte do vocabulário Vermiguel-Fourchon.

— Quem será que seu Brunet vem amofinar por aqui? — perguntou a mulher de Tonsard.

— Ora pipocas! — exclamou Vermiguel. — Há três anos que vocês entregam a eles a camisa do corpo... Puxa, esse burguês das Aigues tem sabido explorar vocês! Desse jeito o Tapeceiro vai bem... Como diz o tiozinho Brunet: “Se houvesse no vale três proprietários como esse, minha fortuna estaria feita!”...

— Mas que foi que eles inventaram de novo contra os pobres? — indagou Maria.

— Meu Deus! — exclamou Vermiguel. — Deixem estar que a coisa não é nada idiota! E vocês acabarão se rendendo... Que remédio? Eles estão com muita força, de dois anos para cá: três guardas e um guarda montado, espertos que nem formiga, e um guarda campestre que é uma goela aberta. E ao menor pretexto a soldadesca sai à rua por causa deles... Acabam esmagando vocês...

— Ah, pois sim — disse Tonsard. — Nós estamos muito por baixo... O mais resistente não é o pau, é a grama...

— Vá confiando nisso — respondeu o tio Fourchon ao genro. — Você tem propriedades...

— Enfim — prosseguiu Vermiguel —, esse general gosta de vocês, e da manhã à noite não pensa noutra coisa. Eles disseram assim: “A criação desses miseráveis come o nosso pasto; pois vamos tomar a criação deles. Quando não tiverem mais criação, não poderão comer eles próprios o capim do pasto”. Como vocês todos têm condenações nas costas, eles disseram ao nosso *macaco* que tomasse as vacas do pessoal. Vamos começar esta manhã em Couches. Vamos lá tomar a vaca da velha Bonnébault, a da mãe de Godain e a da sra. Mitant.

Ouvindo o nome de Bonnébault, Maria, que namorava o neto da proprietária da vaca, saltou pelo cercado da vinha, depois de olhar de soslaio para seu pai e sua mãe. Como uma enguia passou através de

uma abertura da sebe, e lançou-se na direção de Couches com a rapidez de uma lebre perseguida.

— Eles vão fazer tanta coisa — disse tranquilamente Tonsard — que acabarão quebrando as costelas, e é pena, pois não arranjam outras com suas mãezinhas.

— Lá isso é possível — comentou Fourchon. — Mas sabe de uma coisa, Vermiguel? Não posso estar à sua disposição antes de uma hora. Tenho negócios importantes no castelo...

— Mais importantes do que as custas de três diligências a cinco *sous*?... É preciso gostar muito de pinga, como dizia o pai Noé!

— Estou lhe dizendo, Vermiguel, que o meu comércio me obriga a ir ao castelo das Aigues — repetiu Fourchon, tomando um ar de importância cômica.

— Aliás, mesmo sem isso meu pai faz muito bem em desaparecer. Será que o senhor quer mesmo encontrar as vacas?...

— O sr. Brunet é um bom homem, e ficará muito satisfeito se encontrar somente bosta — respondeu Vermiguel. — Um homem como ele, obrigado a trotar à noite pelas estradas, é prudente.

— Com razão — disse Tonsard, secamente.

— Então — prosseguiu Vermiguel — ele disse assim ao sr. Michaud: “Irei logo que acabar a audiência”. Se quisesse achar as vacas, iria amanhã às sete horas... Mas, afinal de contas, será obrigado a ir. Ninguém apanha Michaud duas vezes, aquilo é um cão de caça legítimo. Ah, bandido!

— Sacripantas dessa laia deviam é ficar no Exército — disse Tonsard. — Isso só presta para jogar em cima do inimigo... Eu gostaria bem que ele me perguntasse meu nome! Não adianta se dizer veterano da Guarda Nova: tenho certeza que, depois de jogarmos as cristas, eu ainda ficaria com uma espora a mais do que ele!

— Ah, a propósito — disse a sra. Tonsard, dirigindo-se a Vermiguel. — Quando é que a gente vai ver os cartazes da festa de Soulanges? Já estamos a 8 de agosto...

— Fiz a encomenda na oficina do sr. Bournier, em La-Ville-aux-Fayes — respondeu Vermiguel. — Em casa da sra. Soudry me disseram que haverá fogo de artifício no lago...

— Quanta gente nós teremos, hem!

— Serão dias cheios para Socquard — disse o taverneiro com inveja —, se não chover.

Ouviu-se o trote de um cavalo vindo de Soulanges, e cinco minutos depois o oficial de justiça amarrava o seu animal na estaca fincada especialmente para esse fim junto à porteira das vacas. Depois, mostrou a cabeça na porta do Grand-I-Vert.

— Vamos, vamos, meus filhos, não podemos perder tempo — disse ele, fingindo estar com pressa.

— Ah! — exclamou Vermiguel. — Aqui há um rebelde, sr. Brunet. — O tio Fourchon está de gota.

— Ele tem muitas gotas — replicou o oficial de justiça —, mas a lei não exige que fique em jejum.

— Perdão, sr. Brunet — disse Fourchon. — Nas Aigues me esperam para negócio. Estamos em entendimentos sobre uma lontra...

Brunet, homenzinho seco, de tez biliosa, todo vestido de preto, olhos vermelhos, cabelos crespos, boca apertada, nariz afilado; ar jesuítico, voz rouca, apresentava o fenômeno de uma fisionomia, de um aspecto e de um caráter em harmonia com a profissão. Conhecia tão bem o Direito, ou melhor, a chicana, que era ao mesmo tempo o terror e o conselheiro do cantão; por isso, não deixava de desfrutar certa popularidade entre os camponeses, aos quais, quase sempre, pedia pagamento em gêneros.

Todas essas qualidades ativas e negativas, essa habilidade, em suma, valia-lhe a clientela do cantão, salvo um confrade, mestre Plissoud, de que trataremos mais tarde. Esta casualidade de um oficial de justiça que faz tudo e não faz nada é comum nos juizados de paz do interior.

— Então, a coisa está esquentando?... — disse Tonsard a Brunet.

— Ora, vocês estão explorando demais o homem... Ele se defende! — respondeu o oficial de justiça. — Os negócios de vocês terminarão mal. O governo acaba se intrometendo.

— Então os desgraçados como nós têm de arrebentar? — perguntou a mulher de Tonsard, oferecendo ao oficial de justiça um copinho sobre um pires.

— Os desgraçados podem arrebentar, nunca haverá falta deles — replicou sentenciosamente Fourchon.

— Mas, afinal de contas, vocês arrasam de verdade as matas — replicou o oficial de justiça.

— Ora, tanto barulho por causa de uns miseráveis gravetos! — disse a mulher de Tonsard.

Nesse momento, ouviu-se um barulho horrível, porque inexplicável. O galope de uns pés furiosos, de mistura com um tinido de armas, dominava o sussurro de folhagens e ramos arrastados por passos ainda mais precipitados. Duas vozes, tão diferentes quanto os dois galopes, soltavam exclamações ruidosas. Todos os circunstantes, na taverna, adivinharam a perseguição de um homem e a fuga de uma mulher; mas por que motivo?... A incerteza não durou muito.

— É mamãe — disse Tonsard, erguendo-se. — Estou reconhecendo o seu *chocalho*!

E de repente, depois de galgar os degraus estragados do Grand-I-Vert, num derradeiro esforço cuja energia só é possível ao coração dos contrabandistas, a velha Tonsard caiu, de pernas para o ar, no meio da taverna. A imensa camada de lenha do seu feixe fez um barulho

tremendo ao se chocar com o alto da porta e o soalho. Todo mundo se afastou. Mesas, garrafas e cadeiras, atingidas pelos ramos, espalharam-se. O barulho não seria maior se desabasse a chaminé.

— Fui liquidada com um tiro! Esse patife me matou!...

O grito, a atitude e a corrida da velha explicaram-se com o aparecimento, no patamar, de um guarda vestido de verde, chapéu debruado com alamar de prata, espada à cinta, bandoleira de couro com as armas de Montcornet e Troisville de cima para baixo, colete vermelho de uniforme, polainas de couro subindo acima do joelho.

Após um momento de hesitação, disse o guarda vendo Brunet e Vermiguel:

— Tenho testemunhas.

— De quê? — perguntou Tonsard.

— Esta mulher escondeu no feixe de lenha um carvalho de dez anos, cortado em gravetos. Um verdadeiro crime!

Ao ser pronunciada a palavra testemunha, Vermiguel julgou de bom aviso ir lá fora tomar um pouco de ar.

— De quê?! De quê?!... — exclamou Tonsard, postando-se diante do guarda, enquanto sua mulher levantava a sogra. — Quer dar o fora, Vatel?... Você autua e prende pelas estradas. Lá está a sua casa, bandido, mas saia daqui. Minha casa me pertence, ouviu? O pobre é rei na sua choupana!

— Houve flagrante delito. Sua mãe tem de me acompanhar...

— Prender minha mãe, na minha casa?! Você não tem esse direito. Meu domicílio é inviolável! Pelo menos isso é sabido. Você trouxe um mandado do dr. Guerbet, nosso juiz de instrução?... Ah! Aqui só entra a Justiça. Você não é a Justiça, apesar de ter jurado no tribunal que faria a gente arrebentar de fome, seu guarda-florestal de uma figa!

A fúria do guarda chegara a um tal paroxismo que ele quis se apoderar do feixe; mas a velha, horrendo pergaminho negro dotado de movimento, como só se vê igual no quadro das *Sabinas*,⁴⁵ de David, gritou-lhe:

— Se você encostar a mão aí, eu lhe arranco os olhos!

— Pois bem, a senhora terá coragem de desatar o feixe na presença do sr. Brunet? — disse o guarda.

Embora afetasse esse ar de indiferença que o hábito do ofício dá aos servidores do foro, o oficial de justiça dirigiu à taverneira e ao seu marido um piscar de olhos que queria dizer: Mau negócio!... Quanto ao velho Fourchon, num gesto significativo, mostrou à filha, com o dedo, o monte de cinza acumulado no fogão. A mulher de Tonsard, compreendendo ao mesmo tempo o perigo que a sogra corria e o conselho de seu pai, tomou um punhado de cinza e lançou-o nos olhos do guarda. Vatel soltou um urro. Esclarecido pela mesma luz que o guarda ia perdendo, Tonsard empurrou-o brutalmente sobre os degraus

irregulares do lado de fora, onde os pés de um cego escorregariam com facilidade, tanto assim que Vatel foi rolando até a estrada, sem fuzil. Num instante o feixe foi desmanchado, e as achas retiradas e escondidas com uma presteza que nenhuma palavra poderia exprimir. Não querendo ser testemunha dessa operação já prevista, Brunet precipitou-se sobre o guarda para levantá-lo; sentou-o sobre o talude e foi molhar o lenço na água para lavar os olhos da vítima, que, apesar do sofrimento, tentava arrastar-se até o rio.

— Vatel, você não está com a razão — disse o oficial de justiça. — Você não tem direito de entrar nas casas, está compreendendo?...

A velha, mulherzinha meio corcunda, tanto lançava chispas pelos olhos como injúrias pela boca desdentada e coberta de espuma, conservando-se no limiar da porta, de mãos nas cadeiras e gritando tão alto que de Blangy poderiam escutá-la:

— Ah, tratante, foi bem-feito, está ouvindo? Vá para o inferno! Dizer que eu estava cortando árvores! Eu, a mulher mais honesta da aldeia! E me tocar como um bicho malfazejo! Vocês são todos uns azarentos! Você e seus companheiros, que inventam infâmias para atizar a guerra entre nós e o patrão de vocês!

O guarda ia deixando que o oficial de justiça lhe limpasse os olhos, e este, fazendo o curativo, continuava a demonstrar que, do ponto de vista jurídico, ele fora passível de censura.

— Miserável — disse Vatel, finalmente. — Ela faz a gente perder o fôlego. Estava no mato desde ontem à noite...

Como todo mundo ajudou a recepção do tronco cortado, as coisas na taverna se regularizaram prontamente. Tonsard apareceu então à porta, com ar altivo.

— Vatel, meu filhinho, se você tiver outra vez a ideia de violar meu domicílio, meu fuzil é que responderá — disse ele. — Você não sabe o seu ofício... Depois disso, deve estar sentindo calor. Se quiser um copo de vinho, a gente oferece. Pode ver se o feixe de minha mãe tem algum raminho suspeito. É urze só!

— Canalha!... — disse ao oficial de justiça, baixinho, o guarda campestre, atingido mais vivamente no coração por aquela ironia do que o fora pela cinza nos olhos.

Nesse momento, o escudeiro Carlos, que fora mandado à procura de Blondet, apareceu à porta do Grand-I-Vert.

— Mas que foi que lhe aconteceu, Vatel? — perguntou ele ao guarda.

— Ah! — respondeu o outro, enxugando os olhos, que banhara no regato para acabar de limpá-los. — Estão ali uns mentirosos que por minha causa hão de amaldiçoar o dia em que nasceram.

— Se é assim, sr. Vatel — disse friamente Tonsard —, verá que nós aqui na Borgonha não morremos de careta.

Vatel desapareceu. Pouco curioso de descobrir a chave do enigma,

Carlos deu uma espiada na taverna.

— Apareça no castelo, o senhor e sua lontra, se ela existir — disse ele ao tio Fourchon.

O velho levantou-se precipitadamente e acompanhou Carlos.

— Muito bem, mas afinal onde é que está essa lontra? — perguntou-lhe Carlos, sorrindo com ar de dúvida.

— Por aqui — respondeu o cordoeiro, caminhando na direção do Thune.

Esse é o nome do riacho formado pela junção das águas do moinho com as do parque das Aigues. O Thune corre sempre ao longo da estrada cantonal até o pequeno lago de Soulanges, que ele atravessa, e daí torna a encontrar o Avonne, depois de alimentar os moinhos e as águas do castelo de Soulanges.

— Lá está ela. Eu a escondi no canal das Aigues, com uma pedra no pescoço.

Agachando-se e levantando-se, sentiu o velho que a moeda não estava mais no seu bolso, onde o dinheiro parava tão pouco que ele devia perceber facilmente se estava cheio ou vazio.

— Ah, malandros! — exclamou. — Enquanto eu caço lontras, eles caçam o sogro! Tomam tudo que eu ganho, e ainda dizem que é para o meu bem... Se não fosse o meu pobre Mosquito, consolo da minha velhice, eu já teria me afogado. Os filhos são a desgraça dos pais. O senhor não é casado, sr. Carlos. Pois não se case nunca! Não precisará se arrepender de ter semeado a má semente! E eu que estava pensando em comprar um pouco de filaça! De filaça, nem um fio... Aquele moço tão delicado me deu dez francos; pois bem, a essa hora a lontra já está me saindo cara!

Carlos desconfiava tanto de Fourchon que tomou suas lamentações sinceras como preparação do que, em estilo de copa, ele chamava de *golpe*. Cometeu o erro de deixar perceber essa opinião, através de um sorriso que surpreendeu o malicioso velho.

— Mas então, tio Fourchon, compostura, hem?... O senhor vai falar com a condessa — advertiu o criado, observando a porção de rubis que flamejavam no nariz e nas faces do velho.

— Estou lúcido, Carlos, e a prova é que, se você quiser me regalar na copa com as sobras do almoço e uma ou duas garrafas de vinho de Espanha, eu direi três palavrinhas que evitarão a você uma boa sova...

— Pois diga, que eu darei ordem a Francisco para lhe servir um copo de vinho.

— Combinado?

— Combinado.

— Pois bem, você costuma conversar com a minha neta Catarina, por baixo do arco da ponte do Avonne. Godain gosta dela, viu vocês dois, e tem a burrice de ser um homem ciumento... Digo burrice, porque um

camponês não deve ter sentimentos; que só se permitem aos ricos. Portanto, se você for ao Tivoli no dia da festa de Soulanges para dançar com ela, dançará, mas é na corda bamba!... Godain é avarento e ruim. É muito capaz de lhe quebrar o braço, e você não pode dar parte dele...

— Então é muito caro. Catarina é bonita, mas não vale tanto assim — disse Carlos. — Afinal, por que é que Godain está zangado comigo? Os outros não se zangam...

— Ah, mas ele gosta é para casar...

— Aquela terá de apanhar muito!...

— Não sei — disse o velho. — Ela puxou à mãe, na qual Tonsard nunca encostou a mão, de medo que ele tem do seu pontapé! Uma mulher que sabe se mexer ajuda bastante a gente... Aliás, se for se meter a sebo com Catarina, apesar de forte, Godain não leva vantagem...

— Tome, tio Fourchon, aqui estão quarenta *sous* para beber à minha saúde, no caso em que a gente não possa saborear um copo de Alicante...

Fourchon virou o rosto, ao embolsar a moeda, para que Carlos não visse a expressão de ironia e prazer que lhe foi impossível reprimir.

— Catarina é uma sem-vergonha — prosseguiu o velho. — Ela gosta de vinho Málaga, e você deve aconselhá-la a ir buscá-lo nas Aigues, idiota!

Carlos encarou o tio Fourchon com uma admiração ingênua, sem perceber o imenso interesse que tinham os adversários do general em introduzir mais um espião no castelo.

— O general deve estar feliz — insinuou o velho. — Os camponeses agora andam tão sossegados. Que diz ele? Continua satisfeito com Sibilet?

— Só o sr. Michaud é que amola um pouco o sr. Sibilet. Dizem que acabará fazendo com que ele vá embora — respondeu Carlos.

— Ciúmes de ofício! — exclamou Fourchon. — Aposto que você gostaria bem de ver Francisco despedido, e passar a primeiro criado-grave no lugar dele...

— Meu Deus! Ele ganha mil e duzentos francos! Mas não se pode mandá-lo embora, ele conhece os segredos do general...

— Como a sra. Michaud sabia os da condessa — replicou Fourchon, fixando o olhar de Carlos. — Vamos, rapaz, você sabe se o conde e a condessa dormem em quartos separados?...

— Ora! Se fosse assim, ele não gostaria tanto da senhora condessa...

— É só isso que você sabe?... — indagou ainda Fourchon.

Tiveram de calar-se. Carlos e Fourchon estavam diante das janelas da cozinha.

Ao começar o almoço, Francisco, o primeiro criado-grave, veio dizer em voz baixa a Blondet, mas de modo que o conde o escutasse:

— Senhor, diz o menino do tio Fourchon que eles acabaram pegando uma lontra, e antes de levá-la ao vice-prefeito de La-Ville-aux-Fayes pergunta se o senhor não quer ficar com ela.

Embora mestre na mistificação, Emílio Blondet não pôde deixar de ruborizar-se como uma virgem a quem se conte uma história um tanto livre, de que ela perceba o sentido.

— Ah! Você andou caçando lontras esta manhã com o tio Fourchon! — exclamou o general, com um acesso de riso.

— Que foi? — perguntou a condessa, inquieta com o riso do marido.

— Se um homem inteligente como ele — prosseguiu o general — se deixou enganar pelo tio Fourchon, um couraceiro reformado não precisa se envergonhar de ter caçado essa lontra, extremamente parecida com o terceiro cavalo que a posta nos cobra sempre e que nunca ninguém viu!

E, entre novas explosões de gargalhadas, acrescentou o general:

— Já não me espanto de você ter mudado as calças e os sapatos. Teve de nadar. Quanto a mim, não fui tão longe na mistificação, fiquei à flor d'água; mas também você é mais inteligente do que eu...

— Meu amigo — interrompeu a sra. de Montcornet —, você se esquece de que eu não sei de que você está falando...

A essas palavras, ditas em tom ácido que a perturbação de Blondet provocou na condessa, o general ficou sério, e o próprio Blondet contou a sua pesca da lontra.

— Mas, se essa pobre gente arranjar uma lontra, não é assim tão culpada — disse a condessa.

— Sim, mas há dez anos que ninguém vê lontra por aqui — retrucou o impiedoso general.

— Senhor conde — informou Francisco —, o pequeno jura por todos os santos que pegou uma...

— Pois, se pegou, eu compro — disse o general.

— Deus não privou as Aigues de lontras para sempre — observou o padre Brossette.

— Ah, senhor cura — exclamou Blondet —, se o senhor vai jogar Deus contra mim...

— Afinal, quem está aí? — perguntou a condessa.

— Mosquito, senhora condessa. Aquele garoto que anda sempre com o tio Fourchon — respondeu o criado-grave.

— Mande-o entrar... se a condessa quiser — disse o general. — Ele talvez nos divirta.

— Precisamos pelo menos nos informar — disse a condessa. Alguns instantes após, aparecia Mosquito em sua seminudez. Vendo aquela personificação da indigência no meio de uma sala de jantar de que um

único entrepano, pelo seu valor, daria quase uma fortuna para aquela criança descalça, de pernas nuas, peito nu, cabeça descoberta, era impossível a gente não se deixar levar pelos impulsos da caridade. Como dois carvões ardentes, os olhos de Mosquito fitavam alternadamente os esplendores da sala e os da mesa.

— Então você não tem mãe? — perguntou-lhe a sra. de Montcornet, que não podia explicar de outra maneira tanta miséria.

— Não, senhora. Mamãe morreu de tristeza porque não tornou a ver papai, que foi para a guerra em 1812 sem ter casado com ela *no direito*. Ele *esfriou*, com sua licença... Mas eu tenho o vovô Fourchon, que é bom como Nosso Senhor Jesus Cristo, se bem que de vez em quando ele bate na gente.

— Meu amigo, como é possível que haja na sua propriedade criaturas tão desgraçadas?... — disse a condessa fitando o general.

— Senhora condessa — interveio o pároco —, nesta comuna só existem desgraças voluntárias. O senhor conde tem boas intenções, mas nós lidamos com pessoas sem religião, que só têm um pensamento: viver à custa dele.

— Mas, meu caro cura, o senhor está aqui para corrigi-los — disse Blondet.

— Cavalheiro — respondeu o padre Brossette. — O senhor bispo me mandou aqui como para uma missão entre os selvagens; mas, como tive a honra de dizer a ele, os selvagens da França são intratáveis. Fazem questão de não nos escutar, ao passo que é possível interessar até os índios da América.

— Seu padre — disse Mosquito —, o pessoal ainda me ajuda um pouco, mas se eu fosse à missa ninguém me ajudaria mais, e até me dariam cascudos.

— A religião deveria começar dando-lhe umas calças, meu caro padre — disse Blondet. — Os senhores, nas suas missões, não começam agradando os selvagens?...

— Ele venderia imediatamente a roupa — respondeu em voz baixa o padre Brossette. — E eu não tenho ordenado que me permita fazer tal negócio.

— O senhor cura tem razão — disse o general, contemplando Mosquito.

A política do garoto consistia em fingir que não pescava nada do que se dizia, quando era contra ele.

— A inteligência deste malandro prova que ele sabe distinguir entre o bem e o mal — prosseguiu o conde. — Está na idade de trabalhar, e só pensa em cometer delitos impunemente. Os guardas sabem muito bem quem ele é!... Quando eu ainda não era *maire*, ele já sabia que o proprietário que assiste a um delito em suas terras não pode lavrar auto de infração. Ficava afrontosamente com as suas vacas no meu pasto,

sem sair quando me avistava, ao passo que agora ele foge!

— Ah, isso não está direito — disse a condessa. — Não se deve tirar nada dos outros, meu filhinho...

— Dona, a gente precisa comer, e meu avô me dá mais pancada do que biscoito. Bofetada não enche barriga. Quando as vacas têm leite eu tiro um bocadinho, isso me sustenta um pouco... O senhor conde será assim tão pobre que não pode me deixar aproveitar um pouco do seu pasto?...

— Mas quem sabe se ele não comeu nada até agora — exclamou a condessa, comovida diante de tão profunda miséria. — Deem-lhe pão e esse resto de galinha para almoçar — acrescentou, dirigindo-se ao criado-grave. — Onde é que você dorme?

— No inverno, dona, em qualquer lugar onde tolerem a gente. E ao relento, quando o tempo é bom.

— Que idade você tem?

— Doze anos.

— Mas ainda é tempo de pô-lo no bom caminho — disse a condessa ao marido.

— Isso dará um soldado — respondeu o general, rudemente. — Está bem preparado. Eu sofri tanto quanto ele, e aqui estou.

— Perdão, general, não sou registrado, eu é que não vou me arriscar! — disse o menino. — Minha mãe, coitada, era solteira e teve filho no campo. Sou filho das ervas, como diz vovô. Mamãe me salvou da milícia. Eu tanto me chamo Mosquito como qualquer outra coisa... Vovô me explicou bem minhas vantagens. Meu nome não está nos *papéis* do governo, e quando chegar a hora da conscrição meto o pé na estrada! Ninguém me pega.

— Você gosta de seu avô? — perguntou a condessa, tentando ler naquele coração de doze anos.

— Ora! Ele me bate quando está bêbado, mas que é que a senhora quer? No fundo, é bem camarada. E depois, diz ele que está cobrando porque me ensinou a ler e escrever...

— Você sabe ler?... — disse o conde.

— Uai, como não, senhor conde? Até letra fina. E tão de verdade como a lontra que nós pegamos.

— Que é isto aqui? — disse o conde, mostrando-lhe o jornal.

— O *Co-di-tiano* — respondeu Mosquito, hesitando apenas três vezes.

Todo mundo riu, até o padre Brossette.

— Ah, meu Deus, o senhor está me obrigando a ler jornal — exclamou Mosquito, desesperado. — Vovô diz que isso foi feito para os ricos, e que a gente acaba sempre sabendo mais tarde o que está escrito nele.

— Esse menino tem razão, general — disse Blondet. — Ele me

despertou o desejo de tornar a ver o meu vencedor desta manhã. Agora percebo que a mistificação dele era uma arma...

Mosquito compreendia perfeitamente que estava se exibindo para divertimento dos burgueses. O discípulo de Fourchon mostrou-se digno do mestre, e desatou a chorar.

— Como é que vocês podem trocar de um menino descalço?... — disse a condessa.

— E que acha natural que o avô cobre em tapas o preço de sua educação... — disse Blondet.

— Escute filhinho. Vocês pegaram uma lontra? — indagou a condessa.

— Pegamos sim, tão certo como a senhora é a pessoa mais bonita que eu já vi ou hei de ver — respondeu a criança, enxugando as lágrimas.

— Onde está ela? — disse o general.

— Ah, seu conde, vovô escondeu; mas ainda estava esperneando quando nós chegamos à cordoaria... O senhor pode mandar chamar vovô, ele mesmo quer fechar o negócio.

— Levem-no para a copa — disse a condessa a Francisco. — Ele almoçará lá enquanto espera o tio Fourchon, que você mandará chamar por intermédio de Carlos. Trate de arranjar um jaleco, umas calças e uns sapatos para esse menino. Os que chegam aqui completamente nus devem sair vestidos...

— Deus lhe pague, dona! — disse Mosquito, ao sair. — O senhor cura pode ter certeza de que, vindo da senhora, eu vou guardar essas roupas para os dias de festa.

Emílio e a sra. de Montcornet entreolharam-se, admirados com essa presença de espírito, e os dois pareciam dizer ao cura, num olhar: “Ele não é assim tão tolo...”

— Certamente, minha senhora — disse o cura, depois que o menino saiu —, nada devemos esperar da Miséria. Na minha opinião ela tem causas ocultas, que a Deus compete julgar; causas físicas, muitas vezes inelutáveis, e causas morais, oriundas do caráter, produzidas por inclinações que acusamos e que, infelizmente para a sociedade, costumam resultar de qualidades sem aplicação. Milagres acontecidos nos campos de batalha já ensinaram que os piores malandros podem transformar-se em heróis... Aqui, porém, estamos em circunstâncias excepcionais, e, se a sua benevolência não for acompanhada de reflexão, a senhora e o senhor conde correrão o risco de sustentar seus inimigos...

— Nossos inimigos? — exclamou a condessa.

— O tio Fourchon e seu genro Tonsard constituem o cérebro da gente miúda do vale; são consultados nas menores coisas. Essa gente é de um maquiavelismo incrível. Fique sabendo que dez camponeses

reunidos numa taverna são o capital de um grande político...

Nesse momento, Francisco anunciou o sr. Sibilet.

— É o ministro das Finanças — disse o general, sorrindo. — Mande-o entrar. Ele explicará a gravidade da questão — acrescentou, olhando para sua mulher e Blondet.

— Tanto mais que ele quase não a esconde do senhor — disse baixinho o cura.

Blondet avistou então a personagem de que ouvira falar desde a sua chegada, e que desejava conhecer: o administrador das Aigues. Viu um homem de estatura mediana, de perto de trinta anos, ar aborrecido e rosto desgracioso em que o riso ficava mal. Sob a testa preocupada, olhos de um verde movediço fugiam um do outro, dissimulando assim o pensamento. Trajando sobrecasaca escura, calça e colete pretos, Sibilet tinha cabelos compridos e lisos, o que lhe dava um aspecto clerical. As calças mal disfarçavam os joelhos cambaios. Embora sua tez pálida e suas carnes flácidas sugerissem uma constituição doentia, Sibilet era robusto. O tom de sua voz, um tanto surda, harmonizava-se com esse conjunto pouco lisonjeiro.

Blondet trocou furtivamente um olhar com o padre Brossette, e o do jovem padre mostrou ao jornalista que as suspeitas deste quanto ao administrador já eram uma certeza para o cura.

— Meu caro Sibilet — disse o general —, você avaliou em um quarto da renda o que nos furtam os camponeses?

— Em muito mais, senhor conde — respondeu o administrador. — Os pobres tiram do senhor mais do que o Estado lhe pede. Um pequeno malandro como Mosquito respiga os seus dois alqueires por dia. E as velhas, que parecem agonizantes, na época da respiga recobram a agilidade, a saúde e a mocidade. O senhor poderá ser testemunha desse fenômeno — prosseguiu, dirigindo-se a Blondet —, pois dentro de seis dias começará a colheita, retardada pelas chuvas de julho. O centeio vai ser cortado na semana que vem. Só se deveria respigar com um atestado de indigência fornecido pelo *maire* da comuna. Sobretudo, as comunas não deviam deixar ninguém respigar em seus territórios, a não ser os seus próprios indigentes; mas os moradores de uma respigam em outra, sem atestado. Se nós temos quarenta pobres na comuna, a eles se juntam quarenta vagabundos. Enfim, as próprias pessoas remediadas deixam suas ocupações para respigar e rebuscar. Aqui, toda essa gente apanha uns trezentos alqueires por dia, a colheita dura quinze dias, são quatro mil e quinhentos alqueires que se tiram do cantão. Por isso é que a respiga representa mais do que a dízima. Quanto à pastagem clandestina, consome perto da sexta parte do produto dos nossos campos. No tocante às matas, o prejuízo é incalculável: chegam a derrubar árvores de seis anos... O seu prejuízo, senhor conde, sobe a vinte e tantos mil francos por ano.

— Então, minha senhora? — disse o general à condessa. — Está escutando?

— Não haverá exagero? — perguntou a sra. de Montcornet.

— Infelizmente não, minha senhora — respondeu o cura. — O pobre tio Niseron, aquele velho de cabeça branca que, apesar de suas convicções republicanas, acumula as funções de sineiro, maceiro, coveiro, sacristão e cantor, enfim, o avô daquela pequena Genoveva que a senhora colocou em casa da sra. Michaud...

— A Pechina! — disse Sibilet, interrompendo o padre.

— Como? Pechina? — perguntou a condessa. — Que quer dizer?

O cura explicou:

— Condessa, ao encontrar Genoveva na estrada, numa situação deplorável, a senhora exclamou em italiano: *Piccinal* Essa palavra ficou sendo um apelido, e se deformou tanto que hoje a comuna inteira chama a sua protegida de Pechina. A pobre criança é a única menina que vai à igreja, em companhia da sra. Michaud e da sra. Sibilet.

— E ela não se sente muito bem com isso! — disse o administrador. — É maltratada, reprovam sua religião...

— Pois bem — prosseguiu o cura —, aquele pobre velho de setenta e dois anos apanha, aliás honestamente, perto de um alqueire e meio por dia; mas a rigidez de seus princípios lhe proíbe vender esses restos, como fazem os outros: guarda-os para o consumo. Em atenção a mim, o sr. Langlumé, adjunto do senhor conde, mói gratuitamente o seu grão, e minha criada lhe assa o pão, juntamente com o meu.

— Tinha me esquecido da minha pequena protegida — disse a condessa, a quem as palavras de Sibilet haviam assustado. — Sua chegada aqui — prosseguiu, olhando para Blondet — fez-me virar a cabeça. Mas depois do almoço iremos juntos ao portão do Avonne, e eu lhe mostrarei, em carne e osso, uma dessas figuras de mulher criadas pelos pintores do século XV.

Nesse momento, conduzido por Francisco, tio Fourchon fez ouvir o barulho dos seus tamancos quebrados, que depositou à entrada da copa. A um sinal de cabeça da dona da casa para Francisco, Fourchon, seguido por Mosquito, este com a boca cheia, apresentou-se com uma lontra na mão, dependurada a um cordão preso às patas amarelas, estreladas como as dos palmípedes. Lançou sobre os quatro amos sentados à mesa e sobre Sibilet esse olhar impregnado de desconfiança e servilismo, que serve de disfarce aos camponeses; depois, brandiu o anfíbio com ar triunfante.

— Ei-la — exclamou, dirigindo-se a Blondet.

— Esta lontra é minha, pois eu a paguei — respondeu o parisiense.

— Oh, moço — retrucou Fourchon — a sua fugiu, e a esta hora lá está no seu buraco, de onde não quis sair. Ela era fêmea, ao passo que este aqui é macho!... Mosquito viu quando ele vinha de longe, logo que o

senhor foi embora. Tão certo como o senhor conde se ter coberto de glória com os seus couraceiros em Waterloo, esta lontra é minha, como as Aigues são do senhor general... Mas por vinte francos ela será sua. Senão, vou levá-la para o nosso vice-prefeito, caso o dr. Gourdon achar que é muito cara. Como nós caçamos juntos esta manhã, dou preferência ao senhor, é justo.

— Vinte francos? — disse Blondet. — Em bom francês, não se pode chamar a isso *dar* preferência...

— Oh, moço! — exclamou o velho. — Eu sei tão mal o francês que, se o senhor quiser, pedirei o preço em borguinhão. Desde que eu receba o dinheiro, para mim é indiferente, falo até em latim. *Latinus, latina, latinum!* Afinal de contas, foi o que o senhor me prometeu de manhã. Aliás, meus filhos já me tomaram o seu dinheiro, que eu andei chorando pelo caminho ao vir para cá. Pergunte ao Carlos. Não posso citá-los por dez francos e contar seus delitos ao tribunal. Mal eu arranjo alguns *sous* eles me furtam, dando de beber... É duro ser obrigado a ir tomar um copo de vinho fora da casa de minha filha... Mas os filhos de hoje são assim... Foi o que nós lucramos com a Revolução. Agora tudo é para os filhos, acabaram com os pais! Ah, eu cá educo Mosquito de um modo diferente, e o marotinho gosta de mim... — concluiu, dando uma palmada no neto.

— Parece-me que o senhor está é fazendo dele um gatuninho igual aos outros — disse Sibilet. — Não há dia em que ele não durma sem uma culpa na consciência.

— Ah, sr. Sibilet, a consciência dele está mais limpa do que a sua... Coitadinho, que é que ele tira, afinal de contas? Um bocado de grama. Antes isso do que estrangular um homem! Meu Deus, ele não sabe matemática como o senhor, não aprendeu ainda a subtrair, somar, multiplicar... O senhor nos faz muito mal, isso é que é! Diz que nós somos uma súcia de bandidos, mas o senhor é que é culpado da desarmonia entre nós, que somos pessoas de bem, e o nosso amo que aí está, e que é um homem direito... E não há terra mais honrada do que esta! Vejamos: será que nós possuímos renda? Pois eu não ando quase inteiramente nu, e Mosquito também? Dormimos ao relento, de manhã tomamos banho de orvalho, e, a menos que nos invejem o ar que respiramos e os raios de sol que bebemos, não vejo o que é que os senhores podem querer tirar da gente... Os burgueses furtam ao pé da lareira; é melhor do que apanhar o que está caído à beira do mato. Para o sr. Gaubertin, que chegou aqui nu como um espeto e hoje tem dois milhões, não há guardas campestres nem guardas montados. É fácil de dizer: “ladrões!”. Há quinze anos que o tio Guerbet, coletor de Soulanges, viaja à noite pelas nossas aldeias com a sua arrecadação, e até hoje ninguém lhe pediu um vintém! Isso não aconteceria numa terra de ladrões... O furto não nos tem enriquecido. Afinal, somos nós ou são

os burgueses que têm com que viver sem fazer nada?

— Se o senhor trabalhasse, teria hoje uma renda — disse o cura. — Deus abençoa o trabalho.

— Não quero desmenti-lo, senhor padre, pois o senhor sabe mais do que eu, e talvez possa me explicar o seguinte: Aqui estou eu, não é mesmo? O preguiçoso, o vagabundo, o imprestável tio Fourchon, que teve educação, que já possuiu um sítio, que caiu na desgraça e não se levantou mais!... Pois bem, que diferença há entre mim e esse bravo, esse honrado tio Viseron, vinhateiro de setenta anos (ele é da minha idade), que durante sessenta cavou a terra, se levantou todos os dias antes do amanhecer para ir trabalhar, forjando um corpo de ferro e uma bela alma? Está tão pobre quanto eu. Pechina, a neta dele, trabalha em casa da sra. Michaud, ao passo que o meu pequeno Mosquito é livre como um passarinho... Então aquele pobre homem, como recompensa de suas virtudes, recebe o mesmo castigo que eu pelos meus vícios? Ele não sabe o que é um copo de vinho, é sóbrio como um apóstolo, e enterra os mortos, ao passo que eu faço os vivos dançarem. Ele comeu o pão que o diabo amassou, enquanto eu me divertia como um bom filho do demo. Progredimos tanto um como o outro, temos a mesma neve na cabeça, o mesmo dinheiro na algibeira, e eu ainda forneço a ele corda para tocar sino. É republicano, e eu não sou publicano, eis aí. Pode o camponês ir pelo bom ou pelo mau caminho, como quiserem, ele vai como veio, de trapo, e os senhores de pano fino!...

Ninguém interrompeu o tio Fourchon, cuja eloquência parecia devida ao vinho engarrafado; a princípio Sibilet quis cortar-lhe a palavra, mas um gesto de Blondet emudeceu o administrador. Pelos olhares do escritor, compreenderam o cura, o general e a condessa que ele queria estudar ao vivo a questão do pauperismo, e vingar-se talvez de Fourchon.

— E como é que o senhor compreende a educação de Mosquito? Como faz para torná-lo melhor que as suas filhas?... — perguntou Blondet.

— Não lhe fala em Deus — disse o cura.

— Oh, não, não, seu cura! A gente não dizemos para ele temer a Deus, mas aos homens! Deus é bom, e, pelo que os senhores dizem, nos prometeu o reino dos céus, já que os ricos ficariam com o reino da terra. Eu digo a ele: “Mosquito, evite a cadeia, é de lá que a gente sai para o cadafalso. Não furete, arranje de maneira que os outros deem! O furto leva ao assassinato, e o assassinato chama a justiça dos homens. Da navalha da Justiça é que é preciso ter medo, ela garante o sono dos ricos contra a insônia dos pobres. Aprenda a ler. Com instrução, você achará meio de juntar dinheiro sob a proteção da lei, como o honrado sr. Gaubertin. Será administrador, pois então? Como o sr. Sibilet, que, com o consentimento do senhor conde, tira o seu pedaço... O bom é a gente

ficar perto dos ricos, há migalhas por baixo da mesa...”. Eis o que eu chamo uma educação sólida e decente. Por isso é que o marotinho está sempre do lado da lei... Será um bom sujeito, e tomará conta de mim.

— E que vai fazer dele?

— Para começar, um criado — respondeu Fourchon —, porque vendo de perto os patrões ele ficará perfeito, é claro! O bom exemplo há de ensiná-lo a fazer fortuna com a lei na mão, como os senhores... Se o senhor conde o pusesse nas cavalariaças, ele ficaria muito satisfeito... pois, se tem medo dos homens, não tem medo dos animais.

— O senhor tem espírito, tio Fourchon — exclamou Blondet.

— Sabe bem o que diz, e não deixa de ter razão.

— Oh, isso é que não. Minha razão ficou lá no Grand-I-Vert, com as minhas duas moedas de cem *sous*...

— Como é que um homem como o senhor foi-se deixando cair na miséria? Porque, no atual estado de coisas, o camponês só pode se queixar de si mesmo pela falta de sorte; é livre, pode enriquecer. Não é como antigamente. Se souber juntar seu pecúlio, encontra um terreno à venda e pode comprá-lo. Fica sendo um proprietário!

— Conheci o tempo antigo e conheço o de hoje, meu caro e ilustre doutor — respondeu Fourchon. — Mudou a tabuleta, mas o vinho é sempre o mesmo... *Hoje* é apenas o irmão mais moço de *ontem*. Vamos, bote isso no seu jornal! Então fomos libertados? Continuamos a pertencer à mesma aldeia, e o senhor feudal está sempre perto; para mim ele se chama Trabalho. A enxada, que é toda a nossa riqueza, não nos saiu das mãos. Tanto vale ser para o senhor ou para o imposto, que suga a melhor parte de nosso trabalho, a gente tem que suar a vida inteira...

— Mas vocês podem aprender um ofício, tentar a sorte noutro lugar — disse Blondet.

— O senhor fala em conquistar fortuna?... Mas para onde iria eu? Para sair do meu departamento, preciso de um passaporte que custa quarenta *sous*! Há quarenta anos que eu não ouço um miserável níquel de quarenta *sous* tinir nas minhas algibeiras com seu vizinho. Para ir para a frente, é preciso ter tantos escudos quantas são as aldeias que a gente topa, e não há muitos Fourchon que tenham com que visitar seis aldeias! Só a conscrição nos arranca de nossas comunas. E para que nos serve o Exército? Para fazer os coronéis viverem à custa do soldado, como os burgueses vivem à custa do camponês. Em cem coronéis haverá um saído de nossas entranhas? É como na sociedade: um que enriquece para uma centena que cai. Por culpa de quem caem eles? Deus é quem sabe, e os usurários também! O melhor que temos a fazer é ficar em nossas comunas, onde estamos encurralados como carneiros pela força das coisas, como antes estávamos encurralados pelos nobres. Eu, por mim, pouco me importo com o que me prende aqui. Presos pela

lei da necessidade, presos pela lei da senhoriagem, estamos condenados perpetuamente à terra. Onde estivermos, temos de cavá-la com enxada, temos de estercá-la e cultivá-la para os senhores, que nasceram ricos, como nós nascemos pobres. A massa há de ser sempre a mesma, ela continua sendo o que era... Entre nós, as pessoas que sobem não são tão numerosas como são entre os senhores as pessoas que degringolam... Sabemos muito bem disso, apesar de não sermos sábios. Não convém nos acusar a todo momento. Nós deixamos os senhores tranquilos, pois então deixem a gente viver... Porque, do contrário, se isso continua, serão obrigados a nos alimentar em suas prisões, onde a gente passa melhor do que na palha. Querem continuar dominando? Seremos sempre inimigos, hoje como há trinta anos. Os senhores têm tudo, nós não temos nada; não podem exigir ainda nossa amizade!

— Eis o que se chama uma declaração de guerra — disse o general.

— Meu senhor — replicou Fourchon —, quando as Aigues pertenciam àquela pobre dona (Deus tenha piedade da sua alma, pois parece que na mocidade ela cantou a injustiça), nós éramos felizes. Ela nos deixava ganhar a vida nos seus campos, tirar lenha nas suas matas, e nem por isso ficou mais pobre! E o senhor, pelo menos tão rico quanto ela, o senhor nos persegue tal e qual como se nós fôssemos animais ferozes, arrastando a gente humilde ao tribunal! Pois olhe, isso acaba mal! O senhor será responsável por algum desatino! Acabo de ver o seu guarda, esse coisinha do Vatel, que quase mata uma pobre mulher por causa de um pedaço de pau. Acabarão fazendo do senhor um inimigo do povo, nos serões o pessoal se azedará contra o senhor e o amaldiçoará tanto quanto abençoava a defunta patroa!... A maldição dos pobres cresce, meu senhor! Fica maior do que os seus carvalhos mais altos, e o carvalho da madeira para a forca... Ninguém aqui lhe diz a verdade? Pois aqui está a verdade. Todas as manhãs eu espero a morte, não arrisco, pois, grande coisa dizendo ao senhor ainda por cima a verdade! Eu que faço os camponeses dançarem nas grandes festas, acompanhando Vermiguel no Café da Paz, em Soulanges, ouço o que eles conversam; pois bem, estão com má vontade, e tornarão esta terra inabitável para o senhor. Se esse danado do Michaud não mudar, nós obrigaremos o senhor a mudá-lo... Ora, vamos lá, este conselho e a lontra valem bem vinte francos!...

Enquanto o velho pronunciava essa última frase, ouviram-se passos de homem, e a pessoa a quem Fourchon assim ameaçava se apresentou sem se ter anunciado. Pelo olhar que Michaud lançou ao orador dos pobres, era fácil verificar que a ameaça chegara aos seus ouvidos, e toda a audácia de Fourchon desapareceu. Esse olhar produziu no pescador de lontras o efeito que o gendarme produz no ladrão. Fourchon sabia estar em falta, e Michaud parecia ter direito de pedir-lhe contas de

palavras destinadas evidentemente a aterrorizar os moradores das Aigues.

— Eis o ministro da Guerra — disse o general, dirigindo-se a Blondet e mostrando-lhe Michaud.

— Minha senhora, desculpe ter entrado no salão sem perguntar se queria receber-me — disse esse ministro à condessa —, mas a urgência do assunto exige que eu fale ao meu general...

Enquanto se desculpava, Michaud ia observando Sibilet, a quem as palavras audaciosas de Fourchon causavam uma alegria íntima, que o rosto não revelava a nenhuma das pessoas sentadas à mesa, pois o velho as preocupava estranhamente, ao passo que Michaud, observando Sibilet sem cessar, por motivos secretos, ficou impressionado com o seu ar e a sua atitude.

— Ele ganhou bem os vinte francos, como disse, senhor conde — exclamou Sibilet. — A lontra não é cara...

— Dê-lhe vinte francos — disse o general ao seu criado-grave.

— Então o senhor está me tomando o animal? — perguntou Blondet ao conde.

— Vou mandar empalhá-lo — respondeu este.

— Ah, o nosso caro doutor tinha me prometido a pele, senhor conde... — interveio Fourchon.

— Está bem — exclamou a condessa —, o senhor terá cem *sous* pela pele. Agora, deixe-nos...

O cheiro forte e selvagem dos dois vagabundos empestava de tal modo a sala de jantar que a sra. de Montcornet, cujos sentidos delicados sofriam com isso, teria sido obrigada a sair se Mosquito e Fourchon continuassem ali por mais tempo. Foi a esse inconveniente que o velho ficou devendo os seus vinte e cinco francos. Ele se retirou, olhando sempre para o sr. Michaud com ar amedrontado e fazendo-lhe intermináveis cumprimentos.

— O que a gente *dizíamos* ao senhor conde era para o bem do senhor, seu Michaud — acrescentou ele.

— Ou para o bem das pessoas que o pagam — replicou Michaud, lançando-lhe um olhar penetrante.

— Saíam depois de servido o café — disse o general aos criados —, e sobretudo fechem as portas.

Blondet, que ainda não tinha visto o guarda-geral das Aigues, experimentava, ao encará-lo, impressões bem diferentes das que Sibilet acabara de proporcionar-lhe. Tanto o administrador causava repulsa quanto Michaud inspirava estima e confiança.

Logo à primeira vista o guarda-geral atraía a atenção, graças ao rosto harmonioso, de um oval perfeito e de contornos finos, que o nariz dividia igualmente, perfeição que falta à maior parte dos rostos franceses. Seus traços, embora regulares, não eram destituídos de

expressão, talvez devido à tez harmoniosa, onde dominavam esses tons de ocre e vermelho que são indício de coragem física. Os olhos castanho-claros, vivos e perfurantes, não regateavam a expressão do pensamento, olhando sempre de frente. A testa, larga e pura, era ainda realçada por abundantes cabelos negros. Honradez, decisão, límpida confiança animavam esse belo rosto, em cuja testa o ofício das armas tinha deixado algumas rugas. A suspeita e a desconfiança, uma vez nascidas, ali se refletiam. Como todo homem selecionado para a cavalaria de classe, seu porte, belo e ainda esbelto, justificava que se dissesse dele ser bem talhado. Michaud, que conservava os bigodes, as suíças e a barba em colar, lembrava o tipo marcial que um dilúvio de pinturas e gravuras patrióticas esteve a ponto de tornar-se ridículo. Esse tipo tinha o defeito de ser comum no Exército francês, mas a continuidade das mesmas emoções, as agruras do acampamento, de que não escapavam grandes nem pequenos, os esforços idênticos de comandantes e soldados no campo de batalha terão, talvez, contribuído para tornar comum tal fisionomia. Com o seu uniforme de pano azul-rei, Michaud conservava o colarinho de cetim preto e as botas do militar, como também ostentava sua atitude um pouco rígida. As espáduas retraíam-se, o busto era estufado, como se Michaud ainda estivesse no quartel. Floria em sua botoeira a fita vermelha da Legião de Honra. Enfim, para arrematar com duas palavras sobre o moral este esboço puramente físico, se o administrador, desde que entrara em serviço, nunca deixara de dizer “senhor conde” a seu patrão, jamais Michaud tratara o seu chefe a não ser de “meu general”.

Blondet trocou mais uma vez com o padre Brossette um olhar que queria dizer “Que contraste!”, mostrando-lhe o administrador e o guarda-geral; depois, para averiguar se o caráter, a palavra e a expressão se harmonizavam com aquela estatura, aquela fisionomia e aquela atitude, encarou Michaud, dizendo-lhe:

— Meu Deus! Saí cedo esta manhã, e ainda encontrei os seus guardas dormindo.

— A que horas? — perguntou, inquieto, o ex-militar.

— Às sete e meia.

Michaud dirigiu ao general um olhar quase malicioso.

— E qual o portão por onde o senhor saiu? — indagou Michaud.

— Pelo portão de Couches. O guarda, em manga de camisa, me olhava pela janela — respondeu Blondet.

— Certamente Galhardo acabava de se deitar — replicou Michaud.

— Quando o senhor me disse que saíra cedo, imaginei que se tivesse levantado ao amanhecer, e então, para que o meu guarda já estivesse de volta, era preciso que ele tivesse adoecido; mas, às sete e meia, estava indo para a cama. Nós passamos as noites em claro — prosseguiu, depois de uma pausa, respondendo assim ao olhar espantado da

condessa —, mas essa vigilância está sempre fracassando! O senhor mesmo acaba de dar vinte e cinco francos a um homem que ainda há pouco ajudava tranquilamente a esconder os sinais de um furto cometido pela manhã em sua propriedade. Enfim, meu general, conversaremos sobre isto quando o senhor tiver acabado, porque é preciso tomar uma resolução.

— O senhor faz valer demais o seu direito, caro sr. Michaud, e *summum jus, summa injuria*.⁴⁶ Se não usar de tolerância, acabará ficando em aperturas — disse Sibilet. — Gostaria que tivesse ouvido o tio Fourchon, que, com o vinho, falou um pouco mais francamente do que de costume.

— Ele me assustou — confessou a condessa.

— Não disse nada que eu já não soubesse há muito tempo — respondeu o general.

— Ora, aquele pândego não estava embriagado. Ele representou o seu papel, e em proveito de quem?... O senhor talvez saiba! — prosseguiu Michaud, fazendo Sibilet corar ante o olhar fixo que lhe lançou.

— *O rus!*...⁴⁷ — exclamou Blondet, olhando de soslaio para o padre Brossette.

— Essa pobre gente está sofrendo — disse a condessa —, e há alguma coisa de verdade no que Fourchon acaba de nos *berrar*, pois não se pode dizer que ele tenha *falado*...

— A senhora condessa — respondeu Michaud — pensa que durante catorze anos os soldados do imperador tenham vivido num mar de rosas?... Meu general é conde, grande-oficial da Legião, tem rendas vitalícias; a senhora me acha invejoso dele, eu, simples alferes, que comecei como ele, que me bati como ele? Por acaso procuro eu negar sua glória, furtar seus rendimentos, recusar as honras devidas a seu posto? O camponês deve obedecer como obedecem os soldados, deve ter a honradez do soldado, seu respeito aos direitos adquiridos, e tratar de fazer-se oficial, com lealdade, pelo seu trabalho e não pelo furto. A relha do arado e o fuzil são gêmeos. E o soldado tem isso a mais sobre o camponês, a morte está sempre rondando sua cabeça.

— Eis o que eu gostaria de dizer-lhes do púlpito! — exclamou o padre Brossette.

— Tolerância? — prosseguiu o guarda-geral, respondendo ao conselho de Sibilet. — Bem que eu toleraria uns dez por cento de prejuízo sobre o rendimento bruto das Aigues; mas, da maneira como vão as coisas, são trinta por cento que o senhor perde, meu general, e, se o sr. Sibilet tem uns tanto por cento da receita, não compreendo a tolerância dele, pois renuncia de muito bom grado a mil ou mil e duzentos francos por ano.

— Meu caro sr. Michaud — replicou Sibilet, em tom rabugento —, eu

já disse ao senhor conde que prefiro perder mil e duzentos a perder a vida. Não poupo conselhos ao senhor, a esse respeito!...

— A vida? — exclamou a condessa. — Mas então isso pode ameaçar a vida de alguém?

— Não devíamos discutir aqui negócios de Estado — interrompeu, sorrindo, o general. — Tudo isto, minha senhora, significa apenas que Sibilet, na sua qualidade de financista, é medroso e poltrão, ao passo que o meu ministro da Guerra é valente e, como o seu general, não tem medo de agir.

— Diga antes prudente, senhor conde! — exclamou Sibilet.

— Ora essa! Então, estamos aqui como os heróis de Cooper nas florestas da América, cercados por armadilhas dos selvagens? — perguntou ironicamente Blondet.

— Vamos, senhores! — disse a sra. de Montcornet. — O ofício que lhes toca é o de administrar, sem nos assustar com o rumor das rodas da administração.

— Ah, senhora condessa! — exclamou o cura. — Talvez seja necessário que a senhora saiba quanto custa aqui em suor uma dessas suas lindas toucas.

— Isso não, pois assim eu poderia privar-me delas, tornar-me respeitosa diante de uma moeda de vinte francos, ficar avarenta como todas as pessoas do campo, e perderia muito com isso — replicou, rindo, a condessa. — Olhe, meu caro padre, dê-me o braço. Deixemos o general com seus dois ministros, e vamos ao portão do Avonne ver a sra. Michaud, que eu ainda não visitei depois da minha chegada. E cuidaremos da minha pequena protegida.

E a bela mulher, já esquecida dos andrajos de Mosquito e Fourchon, dos seus olhares de ódio e dos terrores de Sibilet, retirou-se para ir pôr o chapéu e calçar-se.

O padre Brossette e Blondet atenderam ao convite da dona de casa, saindo, e foram esperá-la no terraço, em frente ao castelo.

— Que pensa de tudo isso? — perguntou Blondet ao padre.

— Eu sou um pária — respondeu o cura. — Vigiam-me como a um inimigo do povo. A todo momento sou obrigado a abrir os olhos e os ouvidos da prudência para evitar as armadilhas que me preparam com intenção de se livrar de mim. Aqui entre nós: chego a pensar que um dia eles me darão um tiro de fuzil...

— E o senhor não se retira?... — disse Blondet.

— Não se deserta a causa de um imperador, quanto mais a de Deus! — respondeu o padre, com uma simplicidade que impressionou Blondet.

O escritor tomou-lhe a mão, apertando-a cordialmente.

— O senhor deve compreender, portanto — prosseguiu o padre —, que eu não posso saber coisa alguma do que se trama. Contudo, parece-

me que o general está sofrendo aqui a influência do que no Artois e na Bélgica se chama de *má vontade*.

Neste ponto, tornam-se necessárias algumas palavras sobre o cura de Blangy.

Esse padre, quarto filho de uma boa família burguesa de Autun, era homem inteligente e prezava muito o estado eclesiástico. Pequeno e frágil, compensava o seu rosto mofino com esse ar teimoso que fica tão bem aos borguinhões. Por devotamento, aceitara aquele posto secundário, pois suas convicções religiosas eram reforçadas pelas convicções políticas. Havia nele um padre do tempo antigo. Sentia-se apaixonadamente preso à Igreja e ao clero, via as coisas em conjunto e o egoísmo não lhe deturpava a ambição: *servir* era a sua divisa; servir a Igreja e a Monarquia no ponto mais perigoso, servir na última fileira, como um soldado que sente estar destinado, mais cedo ou mais tarde, ao generalato, pelo seu desejo de agir bem e pela sua coragem. Não transigia com nenhum de seus votos — de castidade, de pobreza, de obediência.

Ao primeiro olhar, esse padre eminente adivinhou a afeição de Blondet pela condessa. Compreendeu que, colocado entre uma Troisville⁴⁸ e um escritor monarquista, devia mostrar-se homem de espírito, pois sua batina seria sempre respeitada. Quase todas as noites vinha servir de quarto parceiro no uíste. O escritor, que soubera reconhecer o valor do padre Brossette, demonstrava tanta consideração por ele que os dois simpatizaram um com o outro, como acontece a todo homem de espírito encantado por descobrir um confrade ou, se quiserem, um ouvinte. A espada procura a bainha.

— Mas, senhor padre, o senhor que pelo seu devotamento se acha acima da sua posição, a que atribui esse estado de coisas?

— Não quero dizer-lhe banalidades depois de um parêntese tão lisonjeiro — respondeu, sorrindo, o padre Brossette. — O que se passa neste vale acontece por toda parte na França, e prende-se às esperanças que o movimento de 1789 espalhou entre os camponeses. A Revolução afetou mais profundamente certas regiões do que outras, e esta beira da Borgonha, tão próxima de Paris, é uma das tais em que o sentido daquele movimento foi interpretado como o triunfo do gaulês sobre o franco. Historicamente, os camponeses ainda estão no dia seguinte ao da Jacquerie⁴⁹, a derrota ficou-lhes gravada no cérebro. Não se lembram mais do fato, ele passou ao estado de ideia instintiva. Essa ideia está no sangue dos camponeses, como a ideia de superioridade estava outrora no sangue dos nobres. A Revolução de 1789 foi a vingança dos derrotados. Os camponeses fincaram pé no solo que a lei feudal lhes interditara durante mil e duzentos anos. Daí o amor que nutrem pela terra, dividindo-a entre si a ponto de cortarem um sulco em duas partes, o que anula a arrecadação do imposto, pois o valor da propriedade não

chegaria para cobrir os gastos da ação de cobrança!...

— É tal a teimosia deles nesse ponto, ou a desconfiança, como o senhor preferir, que em mil cantões, dos três mil de que se compõe o território francês, é impossível ao rico adquirir a terra de um camponês — disse Blondet, interrompendo o padre. — Os camponeses cedem uns aos outros os seus quinhões, mas não se desfazem deles sob nenhuma condição para o burguês. Só a desapropriação consegue colocar a propriedade do camponês sob a lei comum das transações. Muita gente já observou este fato, sem achar explicações para ele.

— A explicação é a seguinte — prosseguiu o padre Brossette, percebendo com razão que para Blondet cada pausa equivalia a uma pergunta. — Doze séculos não representam nada para uma casta que o espetáculo histórico da civilização jamais distraiu de sua ideia principal, e que ainda conserva orgulhosamente o chapéu de abas largas e copa de seda de seus amos, desde o dia em que a abolição dessa moda lhe permitiu adotá-la. O amor consagrado violentamente a Napoleão, cujo segredo ele próprio não conhecia tão bem quanto imaginava, e cujas raízes mergulhavam até as entranhas do povo, esse amor que pode explicar o milagre da sua volta em 1815, provinha exclusivamente de tal ideia. Unido permanentemente ao povo por um milhão de soldados, Napoleão, aos olhos dele, era ainda o rei saído das entranhas da Revolução, o homem que lhe assegurava a posse dos bens nacionais. Sua sagração estava embebida nessa ideia...

— Ideia que 1814 desgraçadamente abalou, e que a Monarquia deve considerar sagrada — disse vivamente Blondet —, pois o povo pode encontrar no trono um príncipe que tenha recebido do pai, como um bem de herança, a cabeça de Luís XVI.

— Aí vem a condessa. Calemo-nos — disse baixinho o padre Brossette. — Fourchon assustou-a, e é preciso conservá-la aqui, no interesse da Religião, do Trono e até mesmo desta propriedade.

Michaud, o guarda-geral, sem dúvida tinha ido às Aigues por causa da agressão de que Vatel fora vítima. Antes, porém, de relatar a decisão que se ia tomar no Conselho de Estado, o encadeamento dos fatos exige que narremos sucintamente as circunstâncias em que o general comprara as Aigues; os graves motivos que fizeram de Sibilet administrador dessa magnífica propriedade; as razões que tornaram Michaud guarda-geral; e, por fim, os antecedentes a que eram devidos o estado dos ânimos e os temores manifestados por Sibilet.

Este resumo terá o mérito de introduzir alguns dos principais atores do drama, desenhando-lhes os interesses e fazendo compreender os perigos da situação em que se encontrava o General Conde de Montcornet.

VI — UMA HISTÓRIA DE LADRÕES

Por volta de 1791, visitando sua propriedade, a srta. Laguerre admitiu como intendente o filho do ex-bailio de Soulanges, por nome Gaubertin. A pequena cidade de Soulanges, hoje simples sede de cantão, era capital de um condado importante, ao tempo em que a casa de Borgonha movia guerra à casa de França. La-Ville-aux-Fayes, hoje sede de vice-prefeitura, como simples feudozinho dependia então de Soulanges, como as Aigues, Ronquerolles, Cerneux, Couches e quinze outras comunas. Os Soulanges continuaram condes, ao passo que os Ronquerolles hoje são marqueses, graças ao jogo desse poder chamado Corte, que fez duque o filho do Capitão du Plessis passando por cima das principais famílias da Conquista.⁵⁰ Isso prova que as cidades, como as famílias, têm destinos muito versáteis.

O filho do bailio, rapaz sem a menor fortuna, sucedia a um intendente enriquecido por uma administração de trinta anos, e que preferiu a terça parte da famosa Companhia Minoret⁵¹ à gestão das Aigues. No seu próprio interesse, o futuro fornecedor de víveres indicara para administrador Francisco Gaubertin, já então maior e seu guardalivros havia cinco anos, encarregando-o de cobrir a sua retirada; este, grato às instruções recebidas do seu professor de intendência, prometeu-lhe obter quitação da srta. Laguerre ao vê-la tão assustada com a Revolução. Tornando-se promotor público no departamento, o antigo bailio ficou sendo o protetor da cantora atemorizada. Esse Fouquier-Tinville⁵² de província inventou um falso motim contra a rainha de teatro, evidentemente suspeita por causa de suas ligações com a aristocracia, para dar ao filho o mérito de uma salvação fictícia, com o auxílio da qual se obteve a quitação do antecessor. A cidadã Laguerre fez então de Francisco Gaubertin o seu primeiro-ministro, não só por política mas também em sinal de reconhecimento.

O futuro fornecedor de víveres da República não acostumou mal a proprietária. Entregava-lhe, em Paris, cerca de trinta mil libras por ano, se bem que as Aigues já então devessem render pelo menos quarenta mil. A ignorante cantora de ópera ficou, pois, maravilhada quando Gaubertin lhe prometeu trinta e seis mil.

Para justificar perante o tribunal das probabilidades a fortuna atual do administrador das Aigues, é necessário explicar-lhe o começo. Protegido pelo pai, o jovem Gaubertin foi nomeado *maire* de Blangy. Pôde assim, apesar das leis, *aterrorizando* (segundo expressão da época) os devedores, que a seu arbítrio seriam ou não atingidos pelas esmagadoras requisições da República, obrigá-los ao pagamento em dinheiro. Quanto ao administrador, prestava contas à sua burguesa em bônus, enquanto durou o curso dessa espécie de papel-moeda que, se não fez a fortuna pública, pelo menos fez a de muitos particulares. De

1792 a 1795, durante três anos, o jovem Gaubertin recolheu, nas Aigues, cerca de cento e cinquenta mil libras, com as quais começou a operar na praça de Paris. Cheia de bônus, a srta. Laguerre foi obrigada a apurar dinheiro com os seus diamantes, já então inúteis; confiou-os a Gaubertin, que os vendeu, entregando-lhe fielmente o produto em dinheiro. Esse rasgo de honestidade comoveu muito a proprietária, que passou então a confiar em Gaubertin como em Piccinni.⁵³

Em 1796, época do seu casamento com a cidadã Isaura Mouchon, filha de um antigo convencional amigo de seu pai, Gaubertin possuía trezentos e cinquenta mil francos em dinheiro; e, como lhe pareceu que o Diretório⁵⁴ ia durar, quis, antes do casamento, que a srta. Laguerre aprovasse os seus cinco anos de gestão, dando como pretexto a nova era.

— Vou ser pai de família — disse ele. — A senhora sabe qual é a reputação dos intendentés. Meu sogro é um republicano de probidade romana, além disso pessoa influente, e eu quero provar que sou digno dele.

A srta. Laguerre fechou as contas de Gaubertin nos termos mais lisonjeiros.

Para inspirar confiança à proprietária das Aigues, procurara o administrador, nos primeiros tempos, conter os camponeses, receando, com razão, que a renda ficasse prejudicada com as devastações e que fossem menores as próximas gratificações do negociante de madeira; mas o povo soberano andava então muito cônscio do seu poder, e a srta. Laguerre, com medo de seus reis ao vê-los tão de perto, disse a seu Richelieu que acima de tudo ela queria morrer em paz. As rendas do antigo Primeiro Prêmio de Canto excediam tanto as despesas que ela deixou se estabelecerem os mais funestos precedentes. Assim, para não demandar, tolerou a invasão de suas terras pelos vizinhos. Vendo o parque cercado de muros intransponíveis, não receava ser perturbada nos prazeres imediatos, nem desejava outra coisa senão paz, como verdadeira filósofa que era. Alguns milhares de libras de renda a mais ou a menos, indenizações pedidas pelos negociantes de madeira sobre a importância do arrendamento das matas, à vista dos estragos dos camponeses, que valia isso aos olhos de uma antiga cantora lírica, pródiga e despreocupada, a quem suas cem mil libras não tinham custado senão prazer, e que acabava de suportar uma redução de dois terços em sessenta mil francos de renda?

— Ora! — dizia ela, com a leviandade das Impuras do Antigo Regime. — Todo mundo precisa viver, até a República!

A terrível srta. Cochet, sua criada-grave e seu vizir-fêmea, tentava esclarecê-la, vendo o domínio que Gaubertin ia tomando sobre ela, a quem ele começou logo a tratar de senhora, apesar das leis

revolucionárias sobre a Igualdade; mas, por sua vez, Gaubertin advertiu a srta. Cochet, mostrando-lhe uma denúncia que teria sido recebida por seu pai e na qual ela era rudemente acusada de *ter relações com Pitt e Cobourg*.⁵⁵ Desde então, as duas potências dividiram entre si o domínio, mas à Montgomery.⁵⁶ A criada elogiava Gaubertin perante a srta. Laguerre, como Gaubertin lhe gabava a criada. De resto, a cama desta última já estava feita; ela se sabia deitada sobre um colchão de sessenta mil francos, no testamento da patroa. E a patroa já não podia dispensar a srta. Cochet, tanto se acostumara com ela. A rapariga conhecia todos os segredos de *toilette* de sua “querida patroa”; tinha o dom de fazer dormir sua “querida patroa”, à noite, com mil histórias, e de acordá-la no dia seguinte com palavrinhas doces; enfim, até a hora da morte de sua “querida patroa”, jamais achou que ela estivesse mudada: e, quando a “querida patroa” foi posta no caixão, aí então lhe pareceu melhor do que nunca.

Os lucros anuais de Gaubertin e da srta. Cochet, seus ordenados e interesses se tornaram tão consideráveis que o mais extremoso dos pais não se mostraria tão afeiçoado quanto eles à excelente senhora. Ninguém é capaz de imaginar como o espertalhão seduz sua vítima. A mãe não é tão carinhosa nem tão previdente com sua filha quanto um profissional do tartufismo o é com sua “vaca leiteira”. Por isso mesmo, que sucesso as representações de *O Tartufo*⁵⁷ a portas fechadas! Eis o que é a amizade. Molière morreu muito cedo; do contrário, ele nos mostraria o desespero de Orgon caceteado pela família, atormentado pelos filhos, saudoso das lisonjas de Tartufo e lamentando-se: “Bom tempos!...”.

Nos últimos oito anos de vida, a srta. Laguerre não recebeu mais de trinta mil francos, dos cinquenta mil que rendia efetivamente a propriedade das Aigues. Como se vê, Gaubertin chegara ao mesmo resultado administrativo que o seu antecessor, embora as taxas de arrendamento e o preço dos produtos agrícolas houvessem aumentado consideravelmente de 1791 a 1811, já não falando nas contínuas aquisições da srta. Laguerre. Mas o plano concebido por Gaubertin para herdar as Aigues, após o esperado falecimento de sua dona, obrigava-o a manter aquela propriedade magnífica em um estado patente de depreciação quanto às rendas ostensivas. Introduzida nessa combinação, a srta. Cochet devia compartilhar de seus lucros. Como, ao declinar de seus dias, com as vinte mil libras de renda em títulos chamados de *consolidadas* (tanto a linguagem política se presta a pilhérias) gastasse apenas esses vinte mil francos por ano, a ex-rainha de teatro espantava-se com as aquisições feitas anualmente pelo administrador para empregar os fundos disponíveis — ela que antigamente sacava sempre adiantado sobre os rendimentos! O efeito das poucas necessidades de sua velhice parecia-lhe um resultado da

honradez de Gaubertin e da srta. Cochet.

— Duas pérolas! — dizia ela aos visitantes.

De resto, Gaubertin guardava em suas contas aparência de probidade. Lançava exatamente na receita o produto dos arrendamentos. Tudo o que devia impressionar a fraca inteligência da cantora, em matéria de aritmética, era claro, límpido, preciso. O administrador tirava seus lucros da despesa, dos gastos de exploração, dos negócios a fechar, das obras, dos processos que inventava, das reparações — pormenores que a patroa jamais verificava, e que às vezes lhe acontecia duplicar, em entendimento com os empreiteiros, cujo silêncio era comprado a preços vantajosos. Esse desembaraço atraía sobre Gaubertin a estima pública, e louvores à patroa saíam de todas as bocas, pois além dessa chuva de trabalho ela distribuía muito dinheiro em esmolas.

— Deus conserve nossa querida patroa! — Era a exclamação geral.

Realmente, todos recebiam dela alguma coisa, a título de donativo ou por via indireta. Para castigo de sua mocidade, a velha artista era rigorosamente saqueada, e tão bem saqueada que todos usavam de certa moderação, para que as coisas não chegassem a um ponto em que ela abrisse os olhos, vendesse as Aigues e voltasse para Paris.

Esse interesse de rapinagem foi causa do assassinio do infeliz Paul-Louis Courier,⁵⁸ que cometeu o erro de anunciar a venda de sua propriedade, dizendo que levaria consigo a esposa, a cuja sombra viviam muitos Tonsard da Touraine. Com aquele receio, os rapinantes das Aigues só em última extremidade cortavam uma árvore nova, quando não achavam mais galhos ao alcance da foice amarrada na ponta de uma vara. Cometia-se o menor número possível de faltas, no próprio interesse do furto. Entretanto, durante os últimos anos de vida da srta. Laguerre, o costume de apanhar lenha tinha se tornado o abuso mais afrontoso. Em certas noites de luar, chegava-se a juntar nada menos de duzentos feixes de lenha. Quanto à respiga e à rebusca, as Aigues perdiam com isso, como demonstrou Sibilet, um quarto de sua produção.

A srta. Laguerre proibira a Cochet de casar-se enquanto a patroa fosse viva — com essa espécie de egoísmo de patroa em face da criada, de que há tantos exemplos em qualquer país, e não é mais absurdo do que a mania de guardar até o último suspiro bens perfeitamente inúteis à felicidade material, com risco de sermos envenenados por herdeiros impacientes. Por isso, vinte dias depois do enterro da srta. Laguerre, a srta. Cochet desposou o cabo da gendarmeria de Soulanges, chamado Soudry, belíssimo homem de quarenta e dois anos que a partir de 1800, quando se criou a gendarmeria, ia vê-la quase todos os dias nas Aigues e, durante a semana, jantava pelo menos quatro vezes com ela e os Gaubertin.

Durante toda a sua vida, a patroa teve a mesa servida exclusivamente para si e para seus convidados. Apesar da familiaridade, jamais a srta. Cochet ou os Gaubertin foram admitidos à mesa do Primeiro Prêmio de Canto da Academia Real de Música e Dança, que conservou até a hora derradeira sua etiqueta, seus hábitos de *toilette*, seu carmim, suas sandálias, seu carro, seus criados e sua divina, majestade. Deusa no teatro, deusa na cidade, deusa permaneceu até nos confins do campo, onde sua memória até hoje é abençoada e equivale certamente à da Corte de Luís XVI no espírito da *primeira sociedade* de Soulanges.

Esse Soudry, que logo ao chegar à região cortejara a srta. Cochet, possuía a mais bela casa de Soulanges, cerca de seis mil francos e a esperança de quatrocentos francos de reforma, no dia em que deixasse o serviço. Tornando-se sra. Soudry, a srta. Cochet adquiriu grande consideração em Soulanges. Embora guardasse absoluto segredo sobre o montante de suas economias — colocadas em Paris, como os fundos de Gaubertin, em casa do comissário dos negociantes de vinho do departamento, um tal Leclerc, filho do lugar, que o administrador comanditava —, a opinião geral considerava a antiga criada-grave uma das maiores fortunas daquela cidadezinha de mil e duzentas almas.

Com grande espanto da região, o sr. e a sra. Soudry legitimaram, pelo casamento, um filho natural do primeiro, a quem deveria pertencer desde então a fortuna da sra. Soudry. No dia em que adquiriu mãe oficial, esse filho concluía em Paris o seu curso de Direito, propondo-se a fazer por lá mesmo o seu estágio, a fim de ingressar na magistratura.

É quase inútil assinalar que um mútuo entendimento de vinte anos gerou a mais sólida amizade entre os Gaubertin e os Soudry. Uns e outros deviam, até o fim de seus dias, considerar-se reciprocamente, *urbi et orbi*,⁵⁹ as pessoas mais honradas da França. Esse interesse, baseado no conhecimento recíproco das nódoas secretas da alva túnica de suas consciências, é um dos laços que menos se desatam entre nós. Os senhores que leem este drama social têm tal certeza disso que, para explicar a constância de certos devotamentos que lhes faz corar o egoísmo, costumam dizer a respeito de duas pessoas: “Certamente cometeram algum crime juntas!”.

Após vinte e cinco anos de gestão, o intendente via-se, pois, com seiscentos mil francos em dinheiro, e a srta. Cochet possuía cerca de duzentos e cinquenta mil. A movimentação ágil e permanente desses capitais, confiados à casa Leclerc e Cia., do quai de Béthune, na ilha Saint-Louis, rival da famosa casa Grandet,⁶⁰ ajudou muito a fortuna desse comissário de vinhos e a de Gaubertin. Depois da morte da srta. Laguerre, Geni, filha mais velha do administrador, foi pedida em casamento por Leclerc, chefe da firma do quai de Béthune. Gaubertin acalentava então a esperança de se tornar dono das Aigues graças a uma conspiração urdida no cartório de mestre Lupin, tabelião que, havia

doze anos, ele estabelecera em Soulanges.

Lupin, filho do último intendente da casa de Soulanges, prestava-se a vistorias frouxas, a avaliações cinquenta por cento abaixo do valor, a afixações inéditas de editais, a todas essas manobras infelizmente tão comuns no interior das províncias para adjudicar atrás da porta, como diz o povo, imóveis importantes. Dizem que se organizou ultimamente, em Paris, uma empresa cujo fim é explorar os autores dessas tramóias, ameaçando-os de oferecer maiores lances. Mas, em 1816, a França não estava, como hoje, abrasada por uma Publicidade flamejante, e os cúmplices podiam, pois, contar com a partilha das Aigues, feita secretamente entre a ex-criada Cochet, o tabelião e Gaubertin, que se reservava *in petto* para lhes oferecer uma soma que os desinteressasse dos seus quinhões, quando a propriedade passasse para o seu nome. O advogado incumbido por Lupin de promover a arrematação no tribunal vendera o seu cargo, sob palavra a Gaubertin, para o filho deste, de sorte que facilitou a espoliação, se é que os onze lavradores da Picardia, para quem aquela herança tinha caído das nuvens, se consideravam espoliados.

No momento em que todos os interessados julgavam duplicadas as suas fortunas, um advogado de Paris, na véspera da adjudicação definitiva, apareceu para encarregar um dos advogados de La-Ville-aux-Fayes, que por sinal era um dos seus antigos escreventes, de adquirir as Aigues, e obteve-as por um milhão e cento e cinquenta mil francos. Quando a arrematação atingiu um milhão e cem mil francos, nenhum dos conspiradores ousou fazer maior lance. Gaubertin suspeitou de uma traição por parte de Soudry, como Lupin e Soudry se julgaram enganados por Gaubertin, mas a declaração do nome do comprador veio reconciliá-los. Embora respeitando o plano concebido por Gaubertin, Lupin e Soudry, o advogado de província absteve-se de esclarecer o seu antigo patrão. Pelo seguinte: no caso de indiscrição dos novos proprietários, esse funcionário ministerial teria contra si demasiada gente para que pudesse continuar na localidade. Tal mutismo, peculiar ao homem do interior, será aliás perfeitamente justificado pelas peripécias deste estudo. Se o homem do interior é dissimulado, é porque se vê obrigado a isso; sua justificativa está no perigo que ele corre, admiravelmente expresso neste provérbio: *É preciso uivar com os lobos*, que nos dá o sentido da personagem de Filinto.⁶¹

Quando o General Montcornet tomou posse das Aigues, Gaubertin não se sentiu bastante rico para deixar o emprego. A fim de casar a filha mais velha com o rico banqueiro do Entreposto, era obrigado a dotá-la com duzentos mil francos; devia pagar trinta mil pelo emprego comprado para seu filho; não lhe restavam, pois, mais do que trezentos e setenta mil francos, dos quais cedo ou tarde precisaria tirar o dote de

Elisa, sua última filha, a quem desejava proporcionar um casamento pelo menos tão brilhante quanto o da mais velha. O administrador queria observar o Conde Montcornet, para saber se poderia desgostá-lo das Aigues, contando realizar então em seu exclusivo proveito o plano frustrado.

Com a finura peculiar às pessoas que enriquecem pela astúcia, Gaubertin acreditou na semelhança, aliás bastante provável, do caráter de um velho militar com o de uma velha cantora. Uma cantora de ópera, um general de Napoleão: não teriam os mesmos hábitos de prodigalidade, a mesma despreocupação? A rapariga, como ao soldado, não é caprichosamente e pelo fogo que chega a fortuna? Se há militares espertos, astuciosos, políticos, não constituem exceção? E, na maioria dos casos, o soldado, sobretudo um sargento acabado como Montcornet, deve ser simples, confiante, inexperiente em negócios, pouco habilitado para os mil pormenores da gestão de uma propriedade. Gaubertin vangloriou-se de apanhar e de manter o general na armadilha em que a srta. Laguerre acabara os seus dias. Ora, o imperador, calculadamente, permitira antes a Montcornet ser na Pomerânia o que Gaubertin estava sendo agora nas Aigues; o general era, pois, um entendido em matéria de forragem de intendência.

Indo plantar suas couves, conforme a expressão do primeiro Duque de Biron, o velho couraceiro queria tratar dos negócios para se consolar da sua queda. Embora tivesse entregado aos Bourbon o seu corpo de exército, este serviço, prestado por diversos generais e chamado licenciamento do exército do Loire,⁶² não foi suficiente para resgatar o crime de haver acompanhado o homem dos Cem Dias no seu último campo de Batalha. Em presença dos estrangeiros, foi impossível ao par de 1815 manter-se nas fileiras do Exército, e com maior razão ainda ficar no Luxemburgo. De acordo, pois, com os conselhos de um marechal no ostracismo, Montcornet foi literalmente plantar batatas. Não era destituído dessa astúcia peculiar aos velhos lobos da caserna, e, logo nos primeiros dias consagrados ao exame de suas propriedades, viu em Gaubertin um verdadeiro intendente de ópera-bufa, um malandro, como os haviam encontrado quase todos os marechais e os duques de Napoleão, esses cogumelos nascidos nas camadas populares.

Percebendo a profunda experiência de Gaubertin em matéria de administração rural, o dissimulado couraceiro sentiu como seria útil conservá-lo para ficar a par daquela agricultura correcional; fingiu, por isso, que adotava a mesma atitude da srta. Laguerre — falsa despreocupação que enganou o administrador. Essa ingenuidade aparente durou o tempo necessário para que o general conhecesse o verso e o reverso das Aigues, o pormenor das rendas, a maneira de arrecadá-las, como e onde se furtava, os melhoramentos e as economias

a fazer. Depois, um belo dia, tendo surpreendido Gaubertin com a boca na botija, conforme a expressão consagrada, o general encheu-se de uma dessas cóleras peculiares a tais domadores de nações. Cometeu então um desses erros capitais, suscetíveis de abalar toda a vida de um homem que não tivesse a sua grande fortuna ou a sua resistência, e do qual surgiram, aliás, as desgraças, grandes e pequenas, de que formiga esta história. Discípulo da escola imperial, acostumado a criticar rudemente, cheio de desdém para com os paisanos, Montcornet supôs que não precisava de luvas de pelica para botar pela porta afora um intendente malandro. A vida civil e suas mil precauções eram desconhecidas por esse general já azedado pelo ostracismo; humilhou, pois, profundamente Gaubertin, que de resto provocara esse tratamento desenvolto com uma resposta cujo cinismo excitara a fúria de Montcornet.

— Você vive à custa da minha propriedade? — perguntou-lhe o conde, em tom de mofa e severidade.

— Então o senhor acha que eu posso viver de brisa? — respondeu Gaubertin, rindo.

— Retire-se, canalha! Está expulso! — exclamou o general, vibrando-lhe umas chicotadas que o administrador sempre negou, pois as recebeu a portas fechadas.

— Não saio sem minha quitação — disse friamente Gaubertin, depois de se afastar do valente couraceiro.

— Veremos o que pensa de você a Polícia Correccional — respondeu Montcornet, sacudindo os ombros.

Vendo-se ameaçado de processo na Polícia Correccional, Gaubertin encarou o conde e sorriu. Esse sorriso teve a virtude de afrouxar o braço do general, como se os seus nervos fossem cortados. Expliquemos o sorriso.

Havia já dois anos, o cunhado de Gaubertin, um tal Gendrin, por muito tempo juiz no tribunal de primeira instância de La-Ville-aux-Fayes, tornara-se presidente do mesmo tribunal, graças à proteção do Conde de Soulanges. Nomeado par de França em 1814 e permanecendo fiel aos Bourbon durante os Cem Dias, o sr. de Soulanges pedira essa nomeação ao guarda dos selos. Tal parentesco assegurava a Gaubertin certo prestígio na região. Numa cidadezinha, o presidente de tribunal é, aliás, relativamente mais importante do que um primeiro presidente de corte régia; este último, na capital, sempre encontra equivalentes no general, no bispo, no prefeito, no recebedor-geral, ao passo que o simples presidente de tribunal não os tem, pois o procurador régio e o vice-prefeito são amovíveis ou demissíveis. O jovem Soudry, camarada do filho de Gaubertin tanto em Paris como nas Aigues, acabava então de ser nomeado substituto do procurador régio na sede do departamento. Antes de se tornar cabo de gendarmaria, Soudry pai, furriel de

artilharia, ferira-se numa ocorrência, ao defender o sr. de Soulanges, então adjunto-geral. Ao criar-se a gendarmaria, o Conde de Soulanges, passando a coronel, pedira para o seu salvador a brigada de Soulanges, e mais tarde solicitou o posto em que Soudry filho havia começado. Enfim, sendo o casamento da srta. Gaubertin coisa decidida no quai de Béthune, o contabilista infiel sentia-se mais forte na região do que um general de divisão em disponibilidade.

Se esta história não oferecesse outro ensinamento além do que ressalta da briga do general com o seu administrador, já seria de grande utilidade a muitas pessoas para se conduzirem na vida. Para quem sabe ler Maquiavel com proveito,⁶³ está demonstrado que a prudência humana consiste em nunca ameaçar, em fazer sem dizer, facilitar a retirada do inimigo não pisando no rabo da cobra, como diz o provérbio, e evitar ferir o amor-próprio dos nossos inferiores como se evita um assassinio. Por mais danoso que seja aos nossos interesses, o Fato se perdoa e explica-se de mil maneiras; mas o amor-próprio, que sangra sempre com o golpe recebido, nunca perdoa a Ideia. A personalidade moral é mais sensível e, de certo modo, mais viva que a personalidade física. O coração e o sangue são menos impressionáveis que os nervos. Enfim, por mais que façamos, nosso ser interior nos domina. É possível reconciliar duas famílias que se entredevoraram, como na Bretanha ou na Vendeia, por ocasião das guerras civis, mas não se reconciliarão jamais espoliados e espoliadores, nem muito menos caluniadores e caluniados. Não nos devemos injuriar senão nos poemas épicos, antes de nos matarmos uns aos outros. O selvagem e o camponês, que tem muito de selvagem, só falam para preparar armadilhas aos adversários. Desde 1789 a França tenta fazer com que os homens acreditem, contra toda evidência, que são iguais; ora, dizer a um homem “Você é um malandro!” constitui uma brincadeira sem consequência, mas provar-lhe tal coisa, pegando-o em flagrante e chicoteando-o, ameaçá-lo com a polícia sem processá-lo judicialmente é reconduzi-lo à desigualdade de condições. Se a massa não perdoa nenhuma superioridade, como poderia o patife perdoar um homem de bem?

Antes Montcornet houvesse despedido o seu intendente sob pretexto de pagar velhas obrigações, pondo em seu lugar algum antigo militar; certamente, nem Gaubertin nem o general se teriam iludido, um compreenderia o outro; mas o segundo, poupando o amor-próprio, lhe teria aberto a porta para se retirar. Então, Gaubertin deixaria tranquilo o grande proprietário, esqueceria sua derrota na audiência de arrematação e procuraria, talvez, empregar seus capitais em Paris. Expulso ignominiosamente, o administrador guardou contra o antigo patrão um desses rancores que são um elemento da vida na província, e cuja duração, persistência e tramas espantariam até os diplomatas

habituaados a não se espantar com coisa alguma. Um desejo ardente de vingança aconselhou-o a retirar-se para La-Ville-aux-Fayes e ali ocupar uma posição de onde pudesse prejudicar Montcornet, provocando-lhe aborrecimentos bastantes para forçá-lo a vender as Aigues.

Tudo enganou o general, pois as aparências de Gaubertin não eram de natureza a preveni-lo ou assustá-lo. Por tradição, o administrador fingira sempre não pobreza, mas uma vida apertada. Herdara de seu predecessor essa regra de conduta. Assim, de quinze anos àquela data, a todo propósito punha em relevo seus três filhos, sua mulher, as enormes despesas determinadas por uma família numerosa. A srta. Laguerre, a quem Gaubertin dizia que era demasiado pobre para custear a educação de um filho em Paris, fizera todas as despesas, e dava cem luíses por ano ao seu caro afilhado, pois era madrinha de Cláudio Gaubertin.

No dia seguinte, acompanhado pelo guarda Courtecuisse, Gaubertin com grande dignidade foi pedir quitação ao general, mostrando-lhe os recibos dados em termos lisonjeiros pela finada patroa, e rogou-lhe ironicamente que procurasse onde estavam os imóveis e as propriedades dele, Gaubertin. Se ele recebia gratificações dos negociantes de madeira e dos sitiantees pela renovação dos contratos de arrendamento — explicou —, a srta. Laguerre sempre os autorizara, e não somente lucrava deixando que as recebesse como comprava com isso a sua tranquilidade. As pessoas do lugar se deixariam matar por amor dela, ao passo que, continuando assim, o general preparava para si mesmo uma porção de aborrecimentos.

Gaubertin — e esse último traço é frequente na maior parte das profissões em que a gente se apodera da propriedade alheia por meios não previstos no Código — julgava-se um autêntico homem de bem. Em primeiro lugar, havia tanto tempo que dispunha do dinheiro extorquido pelo terror aos sitiantees da srta. Laguerre, a quem pagava em bônus, que já o considerava legalmente adquirido. Era uma operação de câmbio. Com o tempo, pensava mesmo ter corrido certo risco aceitando os escudos. Depois, legalmente ela não devia mesmo receber senão bônus. *Legalmente é um* advérbio robusto, aguenta o peso de tantas fortunas! Enfim, desde que existem intendentees e grandes proprietários, isto é, desde a origem da sociedade, o intendente formulou para seu uso um raciocínio de que se servem hoje as cozinheiras, e que aqui está na sua simplicidade:

“Se a minha burguesa”, diz consigo mesma cada cozinheira, “fosse pessoalmente ao mercado, talvez comprasse os gêneros mais caro do que por meu intermédio; portanto, ela ganha com isso, e o lucro que tiro daí fica mais bem colocado na minha algibeira do que na do negociante.”

“Se a srta. Laguerre explorasse diretamente as Aigues, não tiraria

mais de trinta mil francos. Os camponeses, negociantes e operários furtariam a diferença. É mais natural que eu guarde essa diferença para mim e lhe poupe muitos aborrecimentos”, raciocinava Gaubertin.

Só a religião católica tem poder de impedir semelhantes capitulações de consciência; mas desde 1789 a religião não dispõe de força sobre dois terços da população na França. É por isso que os camponeses, com sua inteligência tão viva, levados à imitação pela miséria, tinham chegado no vale das Aigues a um estado alarmante de desmoralização. Iam à missa de domingo, mas fora da igreja, porque ordinariamente combinavam encontrar-se ali para suas compras e negócios.

Pode-se agora avaliar todo o mal produzido pela incúria e pela moleza do antigo Primeiro Prêmio de Canto da Academia Real de Música. Por egoísmo, a srta. Laguerre traía a causa dos que possuem, expostos ao ódio dos que não possuem. A partir de 1792 todos os proprietários da França tornaram-se solidários uns com os outros. Ah! Se as famílias feudais, menos numerosas do que as famílias burguesas, não compreenderam essa solidariedade em 1400, sob Luís XI, nem em 1600, sob Richelieu, poderemos acreditar que, apesar das pretensões do século XIX em matéria de progresso, a Burguesia se mostrará mais unida do que o foi a Nobreza? Uma oligarquia de cem mil ricos tem todos os inconvenientes da democracia sem ter suas vantagens. O *cada um por si e Deus por todos* e o egoísmo de família matarão o egoísmo oligárquico, tão necessário à sociedade moderna, que a Inglaterra pratica admiravelmente há três séculos. Por mais que se faça, os proprietários não compreenderão a necessidade de disciplina, que tornou a Igreja um modelo admirável de governo, senão no momento em que se sentirem ameaçados em suas casas — mas aí será tarde. A audácia com que o Comunismo, essa lógica viva e ativa da Democracia, ataca a Sociedade na ordem moral anuncia que a partir de agora o Sansão popular, tornando-se prudente, solapa as colunas sociais no porão em vez de sacudi-las na sala do festim.

VII — ESPÉCIES SOCIAIS DESAPARECIDAS

A propriedade das Aigues não podia passar sem administrador, pois o general não queria renunciar aos prazeres do inverno em Paris, onde possuía um palácio magnífico na rue Neuve-des-Mathurins. Procurou, pois, um sucessor para Gaubertin, mas certamente não se empenhou mais do que Gaubertin em arranjar-lhe um à sua feição.

De todos os cargos de confiança, nenhum há que exija ao mesmo tempo tantos conhecimentos nem tanta atividade como o de administrador de um grande domínio. Essa dificuldade só é conhecida

pelos proprietários ricos cujas terras estejam situadas para além de uma certa zona em redor da capital e que começam a uma distância de cerca de quarenta léguas desta. Aí, cessam as explorações agrícolas cujos produtos acham em Paris colocação certa e que dão renda assegurada por longos contratos, para os quais existem numerosos pretendentes, também ricos. Os arrendatários destas últimas vão de cabriolé fazer seus pagamentos em notas de banco, quando seus comissários no Mercado não se encarregam de efetuá-los. Por isso mesmo, no Sena-e-Oise, Sena-e-Marne, Oise, Eure-e-Loir, Sena Inferior e Loiret, as terras para arrendar são tão procuradas que os capitais nem sempre se colocam nelas a um e meio por cento. Comparado com a renda das propriedades na Holanda, na Inglaterra e na Bélgica, ainda é enorme esse produto. Mas, a cinquenta léguas de Paris, uma propriedade importante abrange tantas explorações distintas, tantos produtos de natureza diferente que constitui uma indústria, com todas as eventualidades da fábrica. Tal proprietário rico não passa de um produtor obrigado a colocar seus artigos, nem mais nem menos do que um fabricante de ferro ou de tecidos de algodão. Nem sequer ele evita a concorrência: a pequena propriedade e o camponês são competidores encarniçados, descendo a transações intoleráveis a pessoas bem-educadas.

O administrador deve conhecer agrimensura, usos da região, seus modos de venda e exploração, um pouco de chicana para defender os interesses que lhe foram confiados e contabilidade comercial. Deve ser dotado de saúde excelente e de um gosto especial pelo movimento e pela equitação. Incumbido de representar o dono e sempre em contato com ele, não poderia ser um homem do povo. Como há poucos administradores com o ordenado de mil escudos, o problema parece insolúvel. Como encontrar tantas qualidades por preço módico, num país onde as pessoas que as possuem são admitidas em todos os empregos?... Fazer vir alguém que desconheça a região será pagar caro a experiência que esse alguém irá adquirir. Preparar um rapaz escolhido na localidade é, muitas vezes, alimentar uma ingratidão futura. Cumpre, assim, escolher entre a honradez inepta, que prejudica por inércia ou miopia, e a habilidade, que cuida de si. Daí a nomenclatura social e a história social dos intendentes, assim definidos por um grão-senhor polonês:

— Temos três espécies de administrador — dizia ele —: o que só pensa em si mesmo; o que pensa em nós e em si mesmo; quanto ao que só pensaria em nós, nunca foi encontrado. Feliz o proprietário que puser a mão no segundo!

Já se pôde observar, em outra parte, a personagem de um administrador que cuidava dos seus interesses e dos do patrão.⁶⁴ Gaubertin é o intendente exclusivamente preocupado com a sua

própria fortuna. Apresentar o terceiro termo deste problema seria oferecer à admiração pública uma personagem inverossímil, que a velha Nobreza entretanto conheceu⁶⁵, mas que desapareceu com ela. Com a constante divisão das fortunas, os costumes aristocráticos serão inevitavelmente modificados. Se atualmente já não há na França vinte fortunas geridas por intendentess, daqui a cinquenta anos não haverá cem grandes propriedades com administradores, a menos que se façam alterações na lei civil. Cada proprietário rico terá de velar pessoalmente por seus interesses.

Esta transformação, já iniciada, sugeriu a seguinte resposta a uma velha espirituosa a quem se perguntava por que, a partir de 1830, permanecia em Paris durante o verão: “Não vou mais aos castelos desde que eles se transformaram em sítios”. Mas que sairá desse debate cada vez mais caloroso, de homem para homem, entre o rico e o pobre? O presente estudo foi escrito apenas para esclarecer essa terrível questão social.

Pode-se compreender a estranha perplexidade de que o general foi preso depois de despedir Gaubertin. Como toda pessoa livre de fazer ou deixar de fazer alguma coisa, ele dissera a si mesmo, vagamente: “Expulsarei esse pândego!”. Mas não contara com o imprevisto, esqueceria as explosões de sua cólera espumante, a cólera do sargentão sanguíneo, no momento em que alguma falta reabrisse os olhos à sua cegueira voluntária.

Proprietário pela primeira vez e filho de Paris, Montcornet não se munira previamente de administrador; depois de estudar a região, sentia como um intermediário se tornava indispensável a um homem nas suas condições para lidar com tantas pessoas e de tão baixa escala.

Gaubertin, a quem a violência da cena, que durou duas horas, revelara o embaraço em que o general iria se meter, saiu da sala, montou no seu cavallinho, galopou até Soulanges e foi consultar os Soudry.

A esta frase: “Eu e o general nos separamos; quem será que podemos indicar-lhe para administrador sem que ele desconfie?”, os Soudry compreenderam o pensamento do amigo. Não se esqueçam de que o cabo Soudry, chefe de polícia do cantão, havia já dezessete anos fora enriquecido, pela mulher, com a astúcia peculiar às criadas de cantoras de ópera.

— Ele teria de procurar muito para achar alguém que valesse o nosso querido Sibilet — disse a sra. Soudry.

— Está frito! — exclamou Gaubertin, ainda rubro de humilhação. — Lupin — acrescentou, dirigindo-se ao tabelião, que assistia à conferência —, vá a La-Ville-aux-Fayes prevenir Marechal, para o caso em que o nosso belo couraceiro peça informação a ele.

Marechal era o advogado que, após a feliz aquisição das Aigues, fora

naturalmente recomendado a Montcornet como conselheiro pelo seu antigo patrão, que cuidava dos negócios do general em Paris.

Esse tal Sibilet, filho mais velho do escrivão do Tribunal de La-Ville-aux-Fayes, escrevente sem eira nem beira com vinte e cinco anos de idade, apaixonara-se loucamente pela filha do juiz de paz de Soulanges.

Esse digno magistrado, por nome Sarcus, com mil e quinhentos francos de vencimentos, desposara uma jovem sem fortuna, irmã mais velha do farmacêutico de Soulanges, sr. Vermut. Embora filha única, a srta. Sarcus, tendo como dote único sua beleza, devia antes morrer do que viver com o ordenado de um escrevente na província. O jovem Sibilet, aparentado com Gaubertin em virtude de uma aliança bem difícil de reconhecer nos cruzamentos de família, que tornam primos quase todos os burgueses das cidadezinhas, ficou devendo aos cuidados de seu pai e de Gaubertin um magro lugar no Cadastro. O desgraçado teve a medonha felicidade de tornar-se pai de dois filhos em três anos. O escrivão, carregado por sua vez com mais cinco filhos, não podia socorrer o filho mais velho. O juiz de paz só possuía uma casa em Soulanges e cem escudos de renda. A jovem sra. Sibilet passava, pois, a maior parte do tempo em casa do pai, e lá vivia com seus dois filhos. Adolfo Sibilet, obrigado a correr abaixo e acima pelo departamento, vinha visitar sua Adelina de tempos em tempos. Talvez o casamento assim compreendido explique a fecundidade das mulheres.

A exclamação de Gaubertin, embora fácil de compreender graças a este resumo da existência dos jovens Sibilet, exige ainda algumas explicações.

Adolfo Sibilet, soberanamente insípido como pudemos ver por este esboço, pertencia a esse gênero de homens que só podem chegar até o coração feminino pelo caminho da *mairie* e do altar. Dotado de uma flexibilidade comparável à das molas, ele cedia sempre sem pôr de lado suas ideias. Esta disposição enganosa se assemelha à covardia, mas a aprendizagem dos negócios com um tabelião de província fizera com que Sibilet contraísse tal defeito sob uma aparência casmurra, que simulava uma força ausente. Muitas pessoas falsas escondem sob a aspereza sua falta de elevação; tratem-nas asperamente, e é como se dessem uma alfinetada num balão. Assim era o filho do escrivão. Mas como os homens, na sua maioria, não são observadores, e entre os observadores três quartos só observam depois da hora, o ar zangado de Adolfo Sibilet era tido como sinal de uma franqueza rude, de uma capacidade louvada pelo patrão e de uma honradez intratável, que nenhum cadinho ainda fundira. Há pessoas que são ajudadas pelos seus defeitos, como outras o são pelas suas qualidades.

Adelina Sarcus, bonita moça que a mãe, falecida três anos antes deste casamento, educara tão bem quanto se pode educar uma filha única numa cidadezinha, amava o jovem e belo Lupin, filho único do

tabelião de Soulanges. Desde os primeiros capítulos desse romance, o pai Lupin, que ambicionava para seu filho a srta. Elisa Gaubertin, mandou o jovem Amaury para a casa do seu correspondente, mestre Crottat, tabelião em Paris.⁶⁶ Ali, sob pretexto de aprender a fazer atos e contratos, Amaury fez muitos atos de loucura e contraiu dívidas, arrastado por um certo Jorge Marest, escrevente de cartório e rapaz rico,⁶⁷ que lhe revelou os mistérios da vida parisiense. Quando mestre Lupin foi procurar o filho em Paris, Adelina já se chamava sra. Sibilet. Com efeito, ao se apresentar o apaixonado Adolfo, o velho juiz de paz, estimulado pelo pai Lupin, apressou o casamento, a que Adelina se submeteu por desespero.

O Cadastro não é carreira. Como tantas outras repartições sem futuro, é uma espécie de fenda na escumadeira governamental. As pessoas que se atiram nessas fendas (serviço de topografia, administração de pontes e estradas, magistério etc.) percebem sempre um pouco tarde que outros mais espertos, sentados ao lado delas, por meio da máquina chamada Orçamento sugam o suor do povo — como dizem os jornalistas da Oposição — todas as vezes que a escumadeira mergulha no Imposto. Trabalhando de manhã à noite e ganhando pouco no trabalho, Adolfo verificou logo a estéril profundidade do seu buraco. Assim, trotando de comuna em comuna e gastando o ordenado em sapatos e despesas de viagem, pensava ele em como arranjar um lugar estável e rendoso.

Ninguém pode imaginar, a menos que seja vesgo e tenha dois filhos de um casamento legítimo, como três anos de sofrimentos entremeados de amor tinham desenvolvido a ambição nesse rapaz cujo espírito e olhar eram igualmente vinhos e cuja felicidade era mal assentada, para não dizer capenga. O motivo principal das más ações secretas e das covardias ignoradas talvez seja uma felicidade incompleta. Talvez o homem aceite melhor a miséria sem esperança do que essas alternativas de sol e amor através de chuvas contínuas. Se com isso o corpo adquire moléstias, a alma contrai a lepra da inveja. Nos espíritos inferiores, essa lepra transforma-se em cupidez, ao mesmo tempo covarde e brutal, audaciosa e oculta; nos espíritos cultivados, produz doutrinas antissociais de que se servem como de um banquinho para suplantar os seus superiores. Não se poderia tirar daí um provérbio: “Dize-me o que tens e eu te direi o que pensas”?

Embora gostasse da esposa, Adolfo dizia consigo mesmo a toda hora: “Fiz uma bobagem! Tenho três grilhetas e duas pernas só. Devia ter esperado enriquecer para depois me casar. Sempre se acha uma Adelina, e Adelina me impedirá de achar fortuna”.

Adolfo, parente de Gaubertin, fizera a este três visitas em três anos. Com poucas palavras, Gaubertin reconheceu no coração do seu aliado essa lama que quer ser cozinhada nas ardentes concepções do furto

legal. Saudou maliciosamente aquele caráter disposto a curvar-se às exigências de um plano desde que tirasse proveito dele. A cada visita, Sibilet resmungava:

— Então, primo, vai me arranjar um emprego? Dê-me um lugar de escriturário e faça-me seu substituto. Há de ver-me no trabalho! Sou capaz de derrubar montanhas para dar à minha Adelina, não digo luxo, mas um conforto razoável. O senhor fez a fortuna do sr. Leclerc; por que não me coloca no banco, em Paris?

— Veremos isso mais tarde — respondia o ambicioso parente. — Eu coloco você. Vá adquirindo conhecimentos. Tudo é útil...

Com tais disposições, a carta em que a sra. Soudry recomendava a seu protegido que viesse a toda a pressa fez Adolfo correr a Soulanges arquitetando mil castelos de Espanha.

Sarcus pai, a quem os Soudry demonstraram a necessidade de dar um passo em favor do genro, no dia seguinte mesmo apresentou-se ao general e sugeriu-lhe Adolfo para administrador. A conselho da sra. Soudry, que se transformara em oráculo da cidadezinha, o velhote levou consigo a filha, cujo aspecto, de fato, predispôs favoravelmente o Conde Montcornet.

— Não decidirei sem tomar informações — respondeu o general —, mas não procurarei mais ninguém antes de verificar se seu genro satisfaz todas as condições necessárias ao lugar. O desejo de fixar nas Aigues uma criatura tão encantadora...

— Mãe de dois filhos, general — atalhou Adelina com bastante finura, para evitar a galanteria do couraceiro.

Todos os passos do general foram admiravelmente previstos pelos Soudry, por Gaubertin e por Lupin, que proporcionaram ao candidato a proteção, na sede do departamento onde funcionava uma corte de apelação, do conselheiro Gendrin, parente afastado do presidente do Tribunal de La-Ville-aux-Fayes; do Barão Bourlac,⁶⁸ procurador-geral, a quem Soudry filho, procurador régio, estava subordinado; e, finalmente, a de um conselheiro de prefeitura chamado Sarcus, primo em terceiro grau do juiz de paz. Desde o advogado de La-Ville-aux-Fayes até o pessoal da Prefeitura, aonde o general foi pessoalmente, todo mundo se mostrou, pois, favorável ao pobre funcionário do Cadastro, aliás irrepreensível. O casamento tornava Sibilet interessante como um romance de Miss Edgeworth,⁶⁹ apresentando-o, aliás, como homem desinteressado.

O tempo que o administrador expulso teve de passar ainda nas Aigues foi aproveitado para criar embaraços ao antigo patrão, como se poderá avaliar por uma só das pequenas cenas representadas por ele. Na manhã da partida, fez de modo a encontrar Courtecuisse, o único guarda que mantinha nas Aigues, cuja extensão exigia pelo menos três.

— Então, sr. Gaubertin — disse-lhe Courtecuisse —, brigou com o

nosso burguês?

— Já lhe contaram? — respondeu Gaubertin. — Pois é fato. O general tem a mania de tratar a gente como se nós fôssemos seus couraceiros. Ele não conhece os borquinhões. O senhor conde não estava satisfeito com os meus serviços e, como eu também não estava satisfeito com as maneiras dele, nós nos despedimos um ao outro. Quase a socos, porque ele é furioso como uma tempestade... Tome cuidado com a pele, Courtecuisse! Ah, meu velho, e eu que pensava poder lhe dar um patrão melhor...

— Eu sei — respondeu o guarda —, e eu o teria servido bem. Meu Deus, a gente já se conhecia há vinte anos! O senhor me pôs aqui no tempo da nossa querida e santa patroa. Ah, que mulher boa aquela! Dessa qualidade não há mais... Nossa terra perdeu sua mãezinha...

— Diga-me uma coisa, Courtecuisse. Você é capaz de dar a gente uma boa mão?

— Então o senhor fica por aqui? Disseram que o senhor ia para Paris!

— Não. Enquanto espero o fim das coisas, ficarei negociando em La-Ville-aux-Fayes... O general não sabe que lugar é este. Ele acabará odiado, está percebendo?... Veremos como isso anda. Faça o seu serviço na moleza. Ele dará ordem a você para tratar as pessoas com violência, pois sabe muito bem onde está o furo do saco.

— Ele me mandará embora, meu caro sr. Gaubertin, e o senhor sabe como eu estou satisfeito no portão do Avonne...

— Daqui a pouco o general estará desgostoso com a propriedade e você não ficará fora muito tempo se por acaso ele o despedir. E daí, está vendo aquelas matas lá adiante? — acrescentou, mostrando a paisagem. — Lá eu serei mais forte do que os patrões!

Essa conversa ocorrera num campo.

— Esses tais *arminacs* de Paris podiam bem ficar por lá no seu lamaçal... — disse o guarda.

Desde as lutas do século XV, a palavra *arminacs* (*armagnacs*, ou parisienses, antagonistas do Duque de Borgonha) ficou sendo um termo injurioso na orla da Alta Borgonha, onde se foi corrompendo de vários modos, conforme as localidades.

— Ele vai voltar para lá, mas é surrado! — exclamou Gaubertin. — E um dia nós cultivaremos o parque das Aigues, porque é furtar o povo consagrar ao prazer de um homem novecentas jeiras das melhores terras do vale!

— Nossa mãe! Daria para sustentar quatrocentas famílias... — disse Courtecuisse.

— Se você quiser duas jeiras lá dentro, é preciso que nos ajude a pôr fora da lei aquele cão!

No momento em que Gaubertin fulminava esta sentença de excomunhão, o honrado juiz apresentava ao célebre coronel de

courageiros o seu genro Sibilet, acompanhado de Adelina e de seus dois filhos, que tinham vindo num carrinho de vime emprestado pelo escrivão do juiz de paz, um sr. Gourdon, irmão do médico de Soulanges, mais rico do que o magistrado. Esse espetáculo, tão contrário à dignidade da magistratura, se observava em todos os juizados de paz e tribunais de primeira instância, onde a fortuna do escrivão eclipsa a do presidente, quando seria mais natural fixar um ordenado para os escrivães e reduzir na mesma proporção as custas de processo.

Satisfeito com a candura e o caráter do digno magistrado, e com a graça e as maneiras de Adelina, um e outra de boa-fé nas suas promessas, pois pai e filha ignoraram sempre a missão diplomática que Gaubertin impusera a Sibilet, o conde fez logo ao jovem e enternecedor casal concessões que tornaram a situação do administrador igual à de um vice-prefeito de primeira classe.

O pavilhão construído por Bouret para servir de miradouro e alojar o administrador, elegante construção ocupada por Gaubertin e cuja arquitetura está suficientemente indicada pela descrição do portão de Blangy, foi conservado para moradia dos Sibilet. O general não suprimiu o cavalo que a srta. Laguerre concedera a Gaubertin, devido à extensão da propriedade, à distância dos mercados onde se fazia negócio e à vigilância. Concedeu-lhe vinte e cinco sesteiros de trigo, três pipas de vinho, madeira à vontade, aveia em abundância e ainda três por cento sobre a receita. Se a srta. Laguerre devia receber mais de quarenta mil libras de renda em 1800, queria o general, com razão, ter sessenta mil em 1818, depois das numerosas e importantes aquisições que fizera. O novo administrador poderia, pois, chegar um dia a ganhar perto de dois mil francos em dinheiro. Instalado, alimentado, aquecido, isentado de impostos, garantido o custeio do cavalo e das galinhas, o conde ainda lhe permitia cultivar uma horta, prometendo não discutir com ele por causa de alguns dias de jardinagem. Certamente, tais vantagens representavam mais de dois mil francos. Assim, para quem ganhava mil e duzentos francos no Cadastro, ter as Aigues para administrar era o mesmo que passar da miséria à opulência.

— Devote-se aos meus interesses — disse-lhe o general — e esta não será a minha última palavra. Em primeiro lugar, poderei obter para o senhor a arrecadação de Couches, Blangy e Cerneux, fazendo-as separar da arrecadação de Soulanges. Enfim, quando tiver elevado minhas rendas a sessenta mil francos líquidos, será novamente recompensado.

Infelizmente, Adelina e o digno juiz de paz, na expansão de sua alegria, cometeram a imprudência de contar à sra. Soudry a promessa do conde com referência à arrecadação, sem se lembrar de que o coletor de Soulanges era um tal Guerbet, irmão do mestre de posta de Couches e, como se verá mais tarde, aliado dos Gaubertin e dos Gendrin.

— Não será fácil, minha querida — disse a sra. Soudry —, mas isso

não impede que o senhor conde dê os seus passos. As coisas mais extraordinárias acontecem facilmente em Paris. Eu vi o cavaleiro Gluck⁷⁰ prosternar-se aos pés da finada srta. Laguerre para que ela cantasse o seu papel, e ela, que se teria deixado matar por amor de Piccinni (um dos homens mais deliciosos daquele tempo), acabou cantando... Por sinal, nunca ele entrou nos aposentos dela sem me passar o braço pela cintura e me chamar de *sua linda marota*...

— Ora essa! — exclamou o cabo quando sua esposa lhe deu a notícia. — Então ele pensa que vai tomar conta da nossa terra e desarrumar tudo a seu gosto, mandando volver à esquerda e à direita os moradores do vale como se fossem couraceiros do seu regimento? Esses oficiais estão acostumados a mandar... Paciência! Os senhores de Soulanges e de Ronquerolles estão do nosso lado. Coitado do tio Guerbet! Mal sabe ele que estão querendo furtar as rosas mais bonitas de sua roseira...

Essa frase no gênero Dorat,⁷¹ a antiga srta. Cochet ouvira-a de sua patroa, que a ouvira de Bouret, que a ouvira de algum redator do *Mercure*,⁷² e Soudry a repetia tanto que se tornou proverbial em Soulanges.

O tio Guerbet, coletor de Soulanges, era o homem de espírito, isto é, o trocista da cidadezinha, e um dos heróis do salão da sra. Soudry. A frase do cabo reflete perfeitamente a opinião que se formara sobre o burguês das Aigues, de Couches a La-Ville-aux-Fayes, e por toda parte foi profundamente envenenada, graças a Gaubertin.

A instalação de Sibilet verificou-se no fim do outono de 1817. Transcorreu o ano de 1818 sem que o general pusesse os pés nas Aigues, pois as preocupações do seu casamento com a srta. de Troisville, celebrado nos primeiros dias de 1819, o retiveram, durante a maior parte do verão anterior, nas proximidades de Alençon, no castelo do sogro, fazendo corte à noiva. Além das Aigues e do seu palácio magnífico, o General Montcornet possuía sessenta mil francos em títulos públicos e percebia o soldo dos oficiais em disponibilidade. Embora Napoleão houvesse nomeado conde do Império esse ilustre tarimbeiro, dando-lhe por armas um escudo *esquartelado: o primeiro de blau, com um deserto de ouro e três pirâmides de prata; o segundo de sinople, com três buzinas de caça de prata; o terceiro de goles, com um canhão de ouro montado numa carreta de sable, tendo em chefe um crescente de ouro; o quarto de ouro, com uma coroa de sinople, com essa divisa digna da Idade Média: TOQUE DE CARREGAR!*, Montcornet sabia que era filho de um marceneiro do faubourg Saint-Antoine,⁷³ se bem que de bom grado o esquecesse. Ora, ele morria de desejo de ser nomeado novamente par de França. Não dava a menor importância à grande fita da Legião de Honra, à sua cruz de São Luís e aos seus cento e quarenta mil francos de renda. Atormentado pelo demônio da aristocracia, a vista de um cordão azul punha-o fora de si. O sublime

courageiro de Essling teria lambido a lama da Ponte Real⁷⁴ para ser recebido pelos Navarreins, os Lenoncourt, os Grandlieu, os Maufrigneuse, os d'Espard, os Vandenesse, os Chaulieu, os Verneuil, os d'Hérouville⁷⁵ etc.

A partir de 1818, quando lhe foi demonstrada a impossibilidade de uma reviravolta em favor da família Bonaparte, Montcornet se fazia elogiar ruidosamente no faubourg Saint-Germain⁷⁶ por algumas damas da sua amizade, oferecendo seu coração, sua mão, seu palácio e sua fortuna em troca de uma aliança qualquer com alguma família ilustre.

Após esforços inauditos, a Duquesa de Carigliano⁷⁷ encontrou exatamente o que convinha ao general em um dos três ramos da família de Troisville, o do visconde, a serviço da Rússia desde 1789 e que voltara da emigração em 1815. Pobre como um caçula, o visconde desposara uma Princesa Sherbellov, possuidora de uma fortuna de cerca de um milhão, mas dois filhos e três filhas o empobreceram. Sua família, antiga e poderosa, contava um par de França, o Marquês de Troisville, detentor do nome e das armas, e dois deputados, ambos com linhagem numerosa e agrupados em proveito próprio junto ao Orçamento, ao Ministério e à Corte como peixes em redor de uma bolinha de pão. Assim, ao ser apresentado pela marechala, uma das duquesas napoleônicas mais devotadas aos Bourbon, Montcornet foi acolhido favoravelmente. Em troca de sua fortuna e de uma ternura cega pela esposa, o general pediu a nomeação de marquês e de par de França, mas os três ramos da família Troisville só lhe prometeram apoio.

— Você sabe o que significa isso — disse a marechala ao seu velho amigo, que se queixava da vagueza da promessa. — A gente não pode dispor do rei, é preciso conquistá-lo...

No contrato de casamento, Montcornet instituiu Virgínia de Troisville sua herdeira. Completamente dominado pela esposa, como se vê pela carta de Blondet, esperava ainda um começo de posteridade. Foi recebido por Luís XVIII, que lhe deu o cordão de São Luís e permitiu-lhe esquartelar com as armas dos Troisville o seu ridículo brasão, prometendo-lhe o título de marquês quando, pelo seu devotamento, houvesse merecido o pariato.

Alguns dias após essa audiência, o Duque de Berry foi assassinado,⁷⁸ o Pavilhão Marsan passou a dominar, o ministério Villèle⁷⁹ assumiu o poder e todos os fios trançados pelos Troisville foram rompidos. Foi preciso ligá-los a novas estacas ministeriais.

— Vamos esperar — disseram os Troisville a Montcornet, que aliás foi cumulado de gentilezas no faubourg Saint-Germain.

Isso pode explicar por que o general só voltou às Aigues em maio de 1820.

A felicidade, inefável para o filho de um comerciante do faubourg Saint-Antoine, de possuir uma esposa jovem, elegante, suave,

espiritual, uma Troisville, enfim, que lhe abria as portas de todos os salões do faubourg Saint-Germain, os prazeres que Paris iria prodigalizar-lhe, todas essas alegrias fizeram-no esquecer de tal modo o incidente com o administrador das Aigues, que o general perdeu completamente a lembrança de Gaubertin e até do nome dele. Em 1820, levou a condessa às Aigues para mostrar-lhe a propriedade, e aprovou as contas e os atos de Sibilet sem reparar muito neles, pois a felicidade não gosta de discutir. Satisfeita por ter descoberto na esposa do administrador uma criatura encantadora, a condessa deu-lhe presentes e determinou algumas mudanças nas Aigues a um arquiteto vindo de Paris. As Aigues receberam então esse último toque, que as tornou um monumento único das diferentes elegâncias de cinco séculos.

Em 1821, o general foi quase intimado por Sibilet a chegar antes de maio. Tratava-se de assunto grave. O contrato de arrendamento por nove anos, ao preço de trinta mil francos, firmado em 1812 por Gaubertin com um negociante de madeira expirava a 15 de maio daquele ano.

Assim, antes de mais nada cioso de sua reputação, Sibilet não queria intrometer-se na renovação do contrato. “O senhor conde bem sabe que eu desse vinho não bebo”, escrevia ele. Além disso, o negociante de madeira pretendia ter direito à indenização, dividida com Gaubertin, que a srta. Laguerre se deixara extorquir pelo seu horror a demandas. Essa indenização se baseava na devastação das matas pelos camponeses, que tratavam a floresta das Aigues como se tivessem nela o direito de cortar árvores. Os irmãos Gravelot, negociantes de madeira em Paris, recusavam-se a pagar a última prestação, dispondo-se a provar, por meio de vistoria, que as matas tinham sofrido redução de um quinto, e argumentavam com o mau precedente estabelecido pela srta. Laguerre.

“Já citei esses senhores perante o tribunal de La-Ville-aux-Fayes”, dizia Sibilet na carta, “pois eles escolheram para domicílio, para os fins do contrato, o lugar de residência do meu antigo patrão, mestre Corbinet. Receio uma condenação.”

— Trata-se de nossas rendas, querida — disse o general mostrando a carta à sua mulher. — Quer ir às Aigues mais cedo do que no ano passado?

— Vá você. Eu irei encontrá-lo logo nos primeiros dias da primavera — respondeu a condessa, bastante satisfeita por ficar sozinha em Paris.

Conhecendo a ferida destruidora que ia consumindo a flor de suas rendas, o general partiu, pois, sozinho, com intenção de tomar medidas enérgicas. Mas, como se verá, fazia seus cálculos sem contar com Gaubertin.

VIII — AS GRANDES REVOLUÇÕES DE UM PEQUENO VALE

— Com que então, mestre Sibilet — disse o general ao administrador, dando-lhe um tratamento familiar como prova de quanto apreciava os conhecimentos do antigo escrevente.⁸⁰ — Estamos, como diz a expressão ministerial, em circunstâncias graves?

— Sim, senhor conde — respondeu Sibilet, acompanhando o general.

O feliz proprietário das Aigues passeava em frente ao escritório, ao longo de um espaço onde a sra. Sibilet cultivava flores e em cuja extremidade começava o vasto campo regado pelo magnífico canal que Blondet já descreveu. Dali percebia-se à distância o castelo das Aigues, do mesmo modo que das Aigues se via o pavilhão do escritório, de perfil.

— Mas onde estão as dificuldades? — prosseguiu o general. — Eu sustentarei a demanda com os Gravelot. Ferida de dinheiro não mata. E anunciarei tanto o arrendamento da minha floresta que, graças à concorrência; hão de me dar por ela o justo valor...

— Os negócios não vão desse jeito, senhor conde — observou Sibilet. — E se o senhor não encontrar arrendatário, o que fará?

— Eu mesmo abaterei minhas toras e venderei minha madeira...

— O senhor vai virar negociante de madeira? — perguntou Sibilet, observando o movimento de ombros do general. — Está muito bem. Não nos preocupemos com os seus negociantes aqui. Mas e em Paris? Precisarás alugar lá um depósito, pagar patente e impostos, pagar direitos de navegação e de barreira, despesas de desembarque e de empilhamento, contratar, por fim, um guarda-livros...

— É impraticável — disse vivamente o general, assustado. — Mas por que é que eu não arranjaría um arrendatário?

— O senhor conde tem inimigos por aí...

— Quais?

— Em primeiro lugar, o sr. Gaubertin...

— Aquele malandro que você substituiu?

— Mais baixo, senhor conde!... Minha cozinheira pode ouvir...

— Como?! Então não posso falar, em minha casa, de um miserável que me furtou?

— Pela sua tranquilidade, senhor conde, vamos mais para longe. O sr. Gaubertin é *marre* em La-Ville-aux-Fayes...

— Ah, é? Pois meus cumprimentos a La-Ville-aux-Fayes. Com mil diabos, isso é que é uma cidade bem administrada!...

— Faça-me a honra de escutar, senhor conde, e creia que se trata de coisas mais sérias, de seu futuro aqui.

— Estou escutando. Vamos nos sentar neste banco.

— Senhor conde, quando o senhor mandou embora o sr. Gaubertin ele teve de arranjar uma situação, pois não era rico...

— Não era rico, e furtava aqui mais de vinte mil francos por ano!

— Não pretendo desculpá-lo, senhor conde — prosseguiu Sibilet. — Eu queria ver as Aigues prosperando, ainda que fosse só para provar a desonestidade de Gaubertin; mas não nos iludamos, temos nele o patife mais perigoso de toda a Borgonha, e está em condições de prejudicar o senhor.

— Como? — disse o general, tornando-se preocupado.

— Tal como o senhor está vendo, Gaubertin controla cerca de um terço do abastecimento de Paris. Agente-geral do comércio de madeiras, ele dirige os trabalhos na mata, a derrubada, a guarda, a flutuação, a retirada da água e o embarque. Em contato permanente com os operários, é dono dos preços. Levou três anos para conquistar essa posição, mas está firme nela como numa fortaleza. Tornando-se preferido por todos os negociantes, não favorece mais a um do que a outro; regularizou todo o serviço em proveito deles, e os negócios andam muito melhor e são feitos de maneira menos custosa do que se cada um tivesse o seu guarda-livros, como antes. Assim, por exemplo, ele soube afastar tão bem os concorrentes que se tornou senhor absoluto das adjudicações; a Coroa e o Estado são seus tributários. Os *cortes* da Coroa e do Estado, que se vendem em hasta pública, pertencem aos negociantes de Gaubertin; hoje ninguém é bastante forte para disputá-los. No ano passado o sr. Mariotte, de Auxerre, estimulado pelo diretor dos Domínios,⁸¹ quis fazer concorrência a Gaubertin; antes de mais nada, Gaubertin obrigou-o a pagar os mantimentos pelo seu valor; depois, quando foi hora de atacar o serviço, os trabalhadores avonnenses pediram tais preços que o sr. Mariotte foi obrigado a mandar vir outros de Auxerre, e os de La-Ville-aux-Fayes deram uma surra neles. Houve um processo correcional contra o chefe da coligação e contra o cabeça da briga. Esse processo custou dinheiro ao sr. Mariotte, sem falar na odiosidade de ter feito condenar alguns pobres-diabos, e ele pagou todas as custas, pois os vencidos não tinham níquel. Processo contra indigentes só rende ódio para quem vive junto deles. Deixe-me dizer-lhe de passagem esta máxima, pois terá que lutar contra todos os pobres deste cantão. E não é tudo! Feitas as contas, o pobre tio Mariotte, homem direito, tem prejuízo com a adjudicação. Obrigado a pagar tudo à vista, ele vende a prazo; para arruiná-lo, Gaubertin entrega madeira a prazos incríveis, e ele dá a sua a cinco por cento abaixo do preço líquido, pelo que o seu crédito está seriamente abalado. Enfim, até hoje o sr. Gaubertin persegue e aborrece tanto esse pobre homem que, segundo dizem, ele vai deixar não só Auxerre, mas o próprio departamento, no que faz bem. Com esse golpe, por muito tempo os proprietários ficarão escravizados

aos negociantes que agora firmam os preços, como os vendedores de imóveis, no Palácio dos Leiloeiros em Paris. Mas são tantos os aborrecimentos que Gaubertin evita aos proprietários, que eles ganham com isso.

— Mas como?

— Em primeiro lugar, cedo ou tarde qualquer simplificação beneficia todos os interessados — respondeu Sibilet. — Depois, os proprietários ficam seguros quanto à renda. Em matérias de exploração agrícola, isto é o principal, o senhor verá! Enfim, o sr. Gaubertin é o pai dos operários, paga bem, dá sempre trabalho. Ora, como as famílias deles moram no campo, as matas dos negociantes que confiam seus interesses a Gaubertin, como fazem os srs. de Soulanges e de Ronquerolles, não são devastadas. Lá se apanha lenha seca, e é só.

— Esse malandro do Gaubertin não perdeu tempo!... — exclamou o general.

— É um homem orgulhoso — prosseguiu Sibilet. — E, como ele mesmo diz, administra a mais bela metade do departamento, em vez de ser administrador das Aigues. Tira pouca coisa de todo mundo, e esse pouco sobre dois milhões lhe dá quarenta ou cinquenta mil francos por ano. “*Os fogões de Paris é que pagam tudo*”, diz ele. Eis aí o seu inimigo, general! Por isso minha opinião era que o senhor capitulasse, fazendo as pazes com ele. O senhor sabe, ele está ligado a Soudry, o cabo da gendarmeria de Soulanges, e ao sr. Rigou, nosso *maire* em Blangy. Os guardas campestres são criaturas dele; assim, torna-se impossível a repressão dos delitos que prejudicam tanto o senhor. De dois anos para cá, sobretudo, suas matas estão estragadíssimas. Por isso, os srs. Gravelot têm probabilidade de ganhar a demanda. Eles dizem assim: “De acordo com as cláusulas do contrato, a guarda das matas está a seu cargo; o senhor não as guarda e nos prejudica; pague-nos, portanto, uma indenização”. É bastante justo, mas não chega a ser razão para vencer uma demanda.

— É preciso saber aceitar uma demanda e perder dinheiro com ela, para não ter outra no futuro!... — disse o general.

— Assim o senhor faz Gaubertin muito feliz.

— Como?

— Demandar com os Gravelot é lutar corpo a corpo com Gaubertin, que os representa — prosseguiu Sibilet —, e Gaubertin não deseja outra coisa senão essa demanda. Ele já disse isso. E anda se gabando de que levará o senhor até o Supremo Tribunal.

— Ah, que malandro!... Que...

— Se quiser explorar diretamente o negócio — disse Sibilet, escavacando a ferida com o punhal — o senhor cairá nas mãos dos trabalhadores, que lhe pedirão o *preço burguês*, em vez do *preço comercial*, e o farão comer fogo, isto é, porão o senhor na contingência

de vender com prejuízo, como o pobre Mariotte. Se tratar do arrendamento, não achará arrendatários, pois não fique esperando que alguém arrisque por um particular aquilo que o tio Mariotte arriscou pela Coroa e pelo Estado. Vamos admitir que o homenzinho se queixe de suas perdas à Administração. A Administração é um senhor parecido com este seu criado quando estava no Cadastro: um senhor digno, de sobrecasaca puída, lendo jornal diante da mesa. Seja de mil e duzentos ou de doze mil francos o seu ordenado, nem por isso o funcionário é mais carinhoso. Diante do Fisco, representado por esse senhor, quem ousará falar em reduções, em critérios mais benignos?... Ele responderá, aparando a pena: “Ta-ra-ta-tá!”. O senhor está fora da lei, senhor conde...

— Que fazer? — exclamou o conde, cujo sangue fervia, pondo-se a marchar a largos passos em frente do banco.

— Senhor conde — respondeu Sibilet, brutalmente —, o que eu vou lhe dizer é contra os meus interesses: é preciso vender as Aigues e sair daqui!

Ouvindo esta frase o general deu um pulo, como se uma bala o houvesse atingido, e olhou para Sibilet com ar diplomático.

— Um general da Guarda Imperial recuar diante desses malandros, e quando a senhora condessa está se dando tão bem nas Aigues?... — exclamou finalmente. — Eu preferia antes ir esbofetear Gaubertin na praça de La-Ville-aux-Fayes até que ele se batesse comigo, para matá-lo como um cão!

— Senhor conde, Gaubertin não é tolo para se arriscar com o senhor. De resto, não se insulta impunemente o *maire* em uma vice-prefeitura tão importante como La-Ville-aux-Fayes.

— Farei com que ele seja demitido, os Troisville me apoiarão. Trata-se de minhas rendas...

— O senhor não conseguiria isso, Gaubertin tem muita influência! E criaria dificuldades para si mesmo, sem poder se livrar mais delas...

— E a demanda?... — perguntou o general. — É necessário pensar no presente.

— Senhor conde, farei com que o senhor a ganhe — disse Sibilet, com arzinho finório.

— Bravo Sibilet — disse o general, apertando a mão do administrador. — Mas de que jeito?

— O senhor ganhará o processo no Supremo Tribunal. Na minha opinião, os Gravelot têm razão, mas não basta estar baseado no Direito e no Fato, é preciso estar de acordo com a Forma, e eles se descuidaram da Forma, que sempre domina o Fundo. Os Gravelot deviam intimá-lo a vigiar melhor as matas. Não se pede uma indenização, no fim do contrato, por perdas sofridas durante uma exploração de nove anos. Há um artigo de contrato que permite abrir exceção a esse respeito. O

senhor perderá em La-Ville-aux-Fayes, talvez ainda perca na Corte; mas ganhará em Paris. Terá perícias caríssimas, gastos ruinosos. Mesmo ganhando, gastará entre doze e quinze mil francos; mas ganhará, se fizer questão de ganhar. A demanda não o reconciliará com os Gravelot, porque será mais ruínosa para eles do que para o senhor. O senhor se tornará um pesadelo para eles, ficará com fama de demandista, haverão de caluniá-lo, mas ganhará...

— Que fazer? — repetiu o general, em quem os argumentos de Sibilet produziam o efeito dos tópicos mais violentos.

Nesse momento, lembrando-se das chicotadas que vibraram em Gaubertin, ele teria querido dá-las em si mesmo, e seu rosto em fogo revelava a Sibilet o seu tormento.

— Que fazer, senhor conde?... Só há um recurso: transigir. Mas o senhor não pode transigir diretamente... Eu devo fingir que estou furtando! Ora, quando toda a nossa fortuna e o nosso consolo estão em nossa honradez, nós, pobres-diabos, dificilmente podemos assumir as aparências da malandragem. Sempre nos julgam pelas aparências. Em tempos passados Gaubertin salvou a vida da srta. Laguerre, parecendo roubar-lhe; foi por isso que ela recompensou o seu devotamento, reservando-lhe no testamento um solitário de dez mil francos, que a sra. Gaubertin usa com uma corrente de ouro na testa.

O general lançou a Sibilet um segundo olhar tão diplomático quanto o primeiro, mas o administrador não pareceu atingido por essa desconfiança envolta em bonomia e em sorriso.

— Minha desonestidade alegraria tanto o sr. Gaubertin que eu faria dele um protetor — continuou Sibilet. — Assim, ele me escutará com a maior atenção quando eu fizer a seguinte proposta: “Poderei arrancar do senhor conde vinte mil francos para os srs. Gravelot, com a condição de que eles dividam comigo essa quantia”. Se os nossos adversários concordarem, eu devolverei ao senhor dez mil francos, o senhor conde só perderá os outros dez mil, salvará as aparências e o processo estará liquidado.

— Você é um homem direito, Sibilet — disse o general, tomando-lhe a mão e apertando-a. — Se puder arranjar o futuro tão bem como o presente, passarei a achar você a pérola dos administradores!...

— Quanto ao futuro — prosseguiu o administrador —, o senhor não morrerá de fome deixando de cortar madeira durante dois ou três anos. Comece por vigiar bem as suas matas. Daqui até lá, certamente, muita água correrá no Avonne. Gaubertin pode morrer, pode se considerar bastante rico para se retirar do comércio; enfim, o senhor tem tempo de lhe arranjar um concorrente. O bolo é bastante apetitoso para ser dividido. O senhor procurará um outro Gaubertin para enfrentá-lo.

— Sibilet — disse o velho militar, maravilhado com essas diferentes soluções —, darei a você mil escudos se conseguir tal coisa; quanto ao

resto, depois pensaremos nisso.

— Senhor conde — disse Sibilet —, antes de mais nada vigie as suas matas. Vá ver em que estado os camponeses as puseram durante os seus dois anos de ausência... Que é que eu podia fazer? Sou administrador, não sou guarda. Para vigiar as Aigues o senhor precisa de um guarda-geral montado e de três guardas particulares...

— Nós nos defenderemos. É a guerra? Pois bem, havemos de fazê-la! Isso não me assusta — disse Montcornet, esfregando as mãos.

— É a guerra dos escudos — observou Sibilet —, e esta lhe parecerá mais difícil do que a outra. Matamos os homens, não matamos os interesses. O senhor luta com o inimigo num campo de batalha onde combatem todos os proprietários, a *execução*! Produzir não é nada; é preciso vender, e para vender é preciso estar em boas relações com todo mundo.

— Terei a meu lado as pessoas daqui...

— Como?

— Fazendo bem a elas.

— Fazer bem aos camponeses do vale, aos pequenos burgueses de Soulanges?... — disse Sibilet, tornando-se horivelmente vesgo pela ironia que flamejou mais num olho do que no outro. — O senhor conde não sabe o que está querendo fazer. Nosso Senhor Jesus Cristo, aqui, morreria crucificado pela segunda vez!... Se quer a sua tranquilidade, senhor conde, imite a finada srta. Laguerre, deixe-se pilhar, ou então faça medo aos outros. O povo, as mulheres e as crianças se governam da mesma maneira: pelo terror. Foi esse o grande segredo da Convenção e do Imperador.

— Ora essa! Então estamos na floresta de Bondy?⁸² — exclamou Montcornet.

— Meu caro — disse Adelina, aparecendo —, o almoço está à espera. Desculpe, senhor conde, mas ele não tomou nada desde esta manhã, e já foi até Ronquerolles para entregar trigo.

— Vá, Sibilet, vá.

No dia seguinte, pela manhã, levantando-se bem antes do amanhecer, o antigo couraceiro voltou a passar pelo portão do Avonne, desejoso de conversar com o seu único guarda e sondar-lhe as disposições.

Uma porção de sete a oito jeiras da floresta das Aigues ladeava o Avonne. Para preservar a majestosa fisionomia do rio, haviam-se deixado grandes árvores na margem de um e outro lado do canal, quase em linha reta, numa extensão de três léguas. A amante de Henrique IV, a quem tinham pertencido as Aigues, tão apaixonada pela caça como o Bearnês,⁸³ mandou construir em 1593 uma ponte inclinada, de um só arco, para passar dessa à outra parte da floresta muito mais considerável, adquirida por ela e situada sobre a colina. O portão do

Avonne foi então construído para servir de ponto de reunião das caçadas, e sabe-se que magnificência os arquitetos empregavam nessas construções consagradas ao prazer máximo da nobreza e da Coroa. Dali partiam sete avenidas cuja reunião formava meia-lua. No centro dessa meia-lua erguia-se o obelisco, dominado por um sol outrora dourado, que de um lado ostentava as armas de Navarra e do outro as da Condessa de Moret. Outra meia-lua, talhada à beira do Avonne, ligava-se à do portão por meio de uma aleia reta, em cuja extremidade se via o tope anguloso de uma ponte veneziana.

Entre duas belas grades, de um estilo semelhante ao daquela grade magnífica, infelizmente demolida, que cercava o jardim da place Royale, em Paris, elevava-se um pavilhão de tijolo com amarração de pedras talhadas, como as do castelo, em forma de diamante, com o teto muito agudo e janelas de caixilhos de pedra talhada da mesma maneira. Esse velho estilo, que dava ao pavilhão um caráter principesco, não fica bem nas cidades, salvo nas prisões; mas no interior das matas ganha, no conjunto, particular esplendor. Um maciço de verdura formava uma cortina atrás da qual o canil, a antiga falcoaria, a faisoaria e as casas dos picadores caíam em minas, depois de terem enchido de admiração a Borgonha.

Em 1595, saiu desse esplêndido pavilhão uma caçada real, precedida daqueles belos cães que Paolo Veronese⁸⁴ e Rubens tanto apreciavam e onde se empinavam aqueles cavalos de grandes ancas cetinosas, de um branco azulado, que só existem na obra prodigiosa de Wouwermans;⁸⁵ seguida por aqueles criados em grande libre e animada por aqueles picadores com botas de funil e calças de couro amarelo, que ornaram os Vandermeulen.⁸⁶ O obelisco erigido para celebrar a estada do Bearnês, e sua caçada em companhia da bela Condessa de Moret, registrava-lhes a data por baixo das armas de Navarra. Essa amante ciumenta, cujo filho foi legitimado, não quis que aí figurassem as armas de França, que eram a sua condenação.

Quando o general avistou esse monumento magnífico, o musgo esverdeava os quatro cantos do telhado. As pedras dos cunhais, roídas pelo tempo, pareciam bradar contra a profanação, em mil bocas abertas. Os caixilhos de chumbo, desconjuntados, deixavam cair os vidros octogonais das janelas, que se diriam vazadas. Goivos amarelos floriam entre os balaústres, e a hera deslizava pelos buracos suas garras brancas e peludas.

Tudo acusava essa incúria ignóbil, esse selo pregado pelos usufrutuários no que possuem. Dois quadros de janela, no primeiro andar, estavam tapados com feno. Por uma janela do rés do chão percebia-se um cômodo cheio de ferramentas e feixes de lenha; e por outra, mostrando o focinho, uma vaca informava que, para não percorrer a distância entre o pavilhão e a faisoaria, Courtecuisse tinha

convertido em estábulo a sala grande do pavilhão, uma sala estucada em caixotões, em cujo fundo se viam pintados os brasões de todos os proprietários das Aigues!...

Estacarias sujas enxovalhavam as imediações do pavilhão, encerrando porcos por baixo de cobertas de tábua, galinhas e patos em pequenos quadrados de onde se retirava o esterco de seis em seis meses. Trapos secavam sobre espinheiros, que irrompiam descaradamente aqui e ali.

No momento em que o general chegou pela avenida da ponte, a sra. Courtecuisse limpava a caçarola em que acabara de fazer café com leite. Sentado ao sol, numa cadeira, o guarda contemplava sua mulher como o teria feito um selvagem. Ouvindo passos de um cavalo, voltou a cabeça e reconheceu o senhor conde; ficou envergonhado.

— Ora viva, Courtecuisse! — disse o general ao velho guarda. — Meu caro, não me espanto de que cortem minhas árvores antes dos Gravelot. Você pensa que seu emprego é uma sinecura!

— Palavra de honra, senhor conde, passei tantas noites a fio nas suas matas que acabei apanhando um resfriado. Estou me sentindo tão mal hoje que minha mulher estava justamente lavando a caçarola em que esquentou minha cataplasma.

— Meu caro — respondeu o general —, doença que se cura com cataplasmas de café com leite, só conheço a fome. Escute, maroto. Percorri, ontem, a minha mata e as dos srs. de Ronquerolles e de Soulanges. As deles estão perfeitamente vigiadas, e a minha num estado deplorável.

— Ah, senhor conde, eles são antigos nesta terra, e o povo respeita suas propriedades. Como quer o senhor que eu lute contra seis comunas? Tenho mais amor ainda a minha pele do que às suas matas. Quem quisesse vigiar essas matas como é preciso receberia como prêmio uma bala na cabeça, num canto da sua floresta...

— Covarde! — exclamou o general, dominando o furor que lhe despertara a réplica insolente de Courtecuisse. — Esta noite foi magnífica, mas ela me custa cem escudos por enquanto, e mil francos de indenização para o futuro. Meu caro, ou as coisas mudam ou você irá embora daqui. Mas para todo pecado há misericórdia. Eis as minhas condições: eu lhe darei o produto das multas, e você terá além disso três francos por cada autuação. Se eu não lucrar com isso você será despedido, e sem pensão, ao passo que se me servir direito e chegar a reprimir os abusos poderá ter cem escudos vitalícios. Aqui estão seis caminhos — acrescentou, mostrando as seis aleias —, é preciso escolher um só como fiz eu, que não tive medo de bala. Trate de achar o melhor!

Courtecuisse, homenzinho de seus quarenta e seis anos, com cara de lua cheia, aprazia-se vivamente em não fazer nada. Queria viver e morrer

naquele pavilhão, que se tornara o seu pavilhão. Suas duas vacas eram alimentadas pela floresta, ele tinha sua lenha e cultivava seu jardim, em vez de correr atrás dos delinquentes. Esse desleixo convinha a Gaubertin, e Courtecuisse tinha compreendido Gaubertin. O guarda só caçava, pois, ladrões de lenha para satisfazer seus pequenos ódios. Perseguia as raparigas rebeldes a seus caprichos, e as pessoas de quem não gostava; mas havia já muito tempo que não odiava mais ninguém, e era estimado por todo mundo, à vista de sua tolerância.

O talher de Courtecuisse estava sempre posto no Grand-I-Vert; as ladras de lenha não lhe resistiam mais; como sua mulher, recebia de todos os infratores, a título de presente, produtos da terra. Carregavam lenha para ele, cuidavam da sua vinha. Enfim, todos os infratores eram seus serviçais.

Já meio tranquilizado por Gaubertin quanto ao futuro, e contando com duas jeiras de terra quando se vendessem as Aigues, foi, pois, como que despertado em sobressalto pela palavra seca do general, que desvendava enfim, depois de quatro anos, sua natureza de burguês disposto a não ser mais enganado.

Courtecuisse tomou seu barrete, sua bolsa de caça, seu fuzil, pôs suas polainas, sua cartucheira com as armas recentes dos Montcornet, e foi até La-Ville-aux-Fayes, no passo descuidado com que a gente da roça esconde suas reflexões mais profundas, olhando as matas e assobiando despreocupadamente para os cães.

— Você se queixa do Tapeceiro — disse-lhe Gaubertin — e sua fortuna está feita! Como, então, o imbecil lhe dá três francos por autuação, além das multas? Entrando em combinação com os amigos você pode instaurar tantos processos quantos quiser, uma centena deles! Com cem mil francos pode comprar a Bâchellerie de Rigou e fica sendo um burguês. Apenas arranje de maneira a só perseguir pessoas pobres como Jó. Onde não há lâ, como tosquiar? Pegue o que o Tapeceiro lhe oferece e deixe ele colher as custas, uma vez que gosta delas. Há gostos para tudo. O tio Mariotte, apesar dos meus conselhos, não preferiu as perdas aos lucros?...

Tomado de admiração por Gaubertin, Courtecuisse voltou ardendo em desejo de virar enfim proprietário e burguês como os outros.

Chegando em casa, o General Montcornet narrou a Sibilet a sua expedição.

— O senhor conde fez bem — disse o administrador, esfregando as mãos —, mas não se deve parar no bom caminho. O guarda campestre que deixa devastar nossos prados e nossos campos merecia ser expulso. O senhor conde poderia facilmente ser nomeado *maire* e conseguir, para o lugar de Vaudoyer, um antigo soldado que tivesse coragem de cumprir ordens. Um grande proprietário deve ser *maire* em sua terra. Veja que dificuldades nós temos com o *maire* atual!...

O *maire*, na comuna de Blangy, era um antigo beneditino chamado Rigou, que se casara com a criada do antigo cura de Blangy no ano I da República. Não obstante a repugnância que um religioso casado devia inspirar à Prefeitura, mantinham-no como *maire* desde 1815, porque só ele em Blangy era capaz de ocupar o posto. Mas em 1817, tendo o bispo mandado o padre Brossette atender a paróquia de Blangy, sem vigário havia já vinte e cinco anos, violenta dissensão se manifestou naturalmente entre o apóstata e o jovem eclesiástico, cujo caráter já é conhecido.

A guerra travada desde essa ocasião entre a *mairie* e o presbitério popularizou a autoridade, até então desprezada. Rigou, que os camponeses detestavam por causa dos seus golpes de usurário, passou de repente a representar os interesses políticos e financeiros da classe rural, supostamente ameaçados pela Restauração e, sobretudo, pelo clero.

Depois de rolar do Café da Paz para todas as casas de funcionários, o *Constitutionnel*,⁸⁷ órgão principal do liberalismo, voltava a Rigou no sétimo dia, pois a assinatura, tomada em nome do tio Socquard, botequineiro, era custeada por vinte pessoas. Rigou passava o jornal ao moleiro Langlumé, que o dava em farrapos a todos que soubessem ler. Os artigos de fundo e as mentiras antirreligiosas da folha liberal formaram assim a opinião pública no vale das Aigues. Por isso, do mesmo modo que o *venerável* padre Grégoire,⁸⁸ Rigou tornou-se um herói. Para ele, como para certos banqueiros de Paris, a política envolvia com a púrpura popular vergonhosas malversações.

Parecido nesse momento com o grande orador Francisco Keller,⁸⁹ o monge perjuro era olhado como um defensor dos direitos do povo — ele que antes não teria passeado no campo ao cair da noite, com medo de alguma cilada que o fizesse morrer vítima de acidente. Em política, perseguir um homem não é apenas engrandecê-lo, mas também justificar-lhe o passado. Sob esse aspecto, o Partido Liberal foi um grande fazedor de milagres. Seu funesto jornal, que teve então a inteligência de ser tão vulgar, tão calunioso, tão crédulo, tão ingenuamente pérfido quanto as diferentes camadas que compõem as massas populares, praticou talvez tanta devastação nos interesses privados quanto nos interesses da Igreja.

Rigou felicitara-se por encontrar no general bonapartista em ostracismo um filho do povo educado pela Revolução, inimigo dos Bourbon e dos padres; mas o general, no interesse de suas ambições secretas, arranjou-se de modo a evitar a visita do sr. e da sra. Rigou durante os seus primeiros tempos nas Aigues.

Depois que virem de perto a terrível figura de Rigou, o lobo-cerval do vale, compreenderão o alcance do segundo erro capital que as ideias democráticas do general o levaram a cometer, e que a condessa agravou

com uma impertinência que achará o seu lugar na história de Rigou.

Se Montcornet tivesse captado a simpatia do *maire*, se tivesse procurado conquistar-lhe a amizade, talvez a influência desse renegado anularia a de Gaubertin. Ao contrário disso, três processos, dos quais Rigou já ganhara um, pendiam do tribunal de La-Ville-aux-Fayes entre o general e o ex-monge. Até então, Montcornet estivera tão ocupado com os interesses de sua vaidade, e com o casamento, que nem se lembrava mais de Rigou; logo que Sibilet o aconselhou a tomar o cargo de Rigou, pediu cavalos de posta e foi fazer uma visita ao prefeito do departamento.

O prefeito, Conde Marcial de la Roche-Hugon,⁹⁰ era amigo do general desde 1804. Fora uma palavra dita a Montcornet por esse conselheiro de Estado que determinara a aquisição das Aigues. O Conde Marcial, prefeito sob o regime de Napoleão, e tendo continuado a sê-lo sob os Bourbon, procurava agradar o bispo para se manter no cargo. Ora, Sua Excelência já havia pedido muitas vezes a substituição de Rigou. Marcial, que conhecia bem a situação da comuna, ficou encantado com o pedido do general, e este, no espaço de um mês, obteve a nomeação.

Por um acaso bastante natural, durante a sua passagem pela Prefeitura, onde seu amigo o hospedou, o general encontrou um suboficial da ex-Guarda Imperial cuja pensão de reforma estava sendo contestada. Já em outra circunstância o general tinha protegido esse pobre cavalariano, chamado Groison, que se lembrava disso e que lhe chorou as mágoas, pois estava sem recursos. Montcornet prometeu a Groison obter-lhe a pensão devida e ofereceu-lhe o lugar de guarda campestre em Blangy, como um meio de pagar a obrigação devotando-se aos seus interesses. A posse do novo *maire* e a do novo guarda campestre ocorreram simultaneamente e, como se imagina, o general deu instruções enérgicas ao seu soldado.

Vaudoyer, o guarda campestre demitido, camponês de Ronquerolles, não era como a maior parte dos seus colegas, aptos somente para passear, cuidar de ninharias e fazer-se cortejar pelos pobres, que não querem outra coisa senão corromper essa autoridade subalterna. Conhecia o cabo de Soulanges, pois os cabos de gendarmeria, desempenhando funções quase judiciais na instrução dos processos criminais, têm relações com os guardas campestres, seus espiões natos; Soudry encaminhou-o pois a Gaubertin, que recebeu muito bem Vaudoyer, seu antigo conhecido, e mandou dar-lhe de beber enquanto escutava a narrativa de suas desgraças.

— Meu caro — disse-lhe o *maire* de La-Ville-aux-Fayes, que sabia falar a cada um na sua linguagem —, o que lhe aconteceu nos espera a todos. Os nobres voltaram, as pessoas que o imperador agraciou com títulos fazem causa comum com eles, e todos querem esmagar o povo,

restabelecer os direitos antigos, tomar nossos bens. Mas nós somos borguinhões, precisamos nos defender, precisamos devolver os *arminacs* a Paris. Volte para Blangy. Você será guarda particular por conta do sr. Polissard, arrendatário das matas de Ronquerolles. Vá, meu rapaz, acharei muita coisa para ocupar você durante o ano todo. Mas você compreende, não é? São as nossas matas!... Nem um delito, senão você atrapalha tudo. Mande para as Aigues os *fazedores de lenha*. Enfim, se houver feixes para vender, que se vendam os nossos, nunca os das Aigues. Você voltará a ser guarda campestre, isso não vai durar! O general se cansará de viver no meio de ladrões. Você acredita que o Tapeceiro me chamou de ladrão, a mim, filho do mais honesto dos republicanos, a mim, genro de Mouchon, famoso representante do Povo, que morreu sem um níquel para o enterro?

O general elevou para trezentos francos os vencimentos do *seu* guarda campestre e mandou construir uma sede para a *mairie*, onde o instalou; depois, casou-o com a filha de um de seus rendeiros que acabava de morrer, a qual ficara órfã e possuidora de três jeiras de vinha. Groison ligou-se, pois, ao general como um cão a seu dono. Essa fidelidade sincera foi reconhecida em toda a comuna. O guarda campestre fez-se temido e respeitado, mas como um capitão no navio quando a equipagem não o estima; assim, os camponeses tratavam-no como um leproso. Esse funcionário, acolhido em silêncio ou pela troca disfarçada em bonomia, era uma sentinela vigiada por outras sentinelas. Nada podia ele contra o número. Os infratores divertiam-se em preparar delitos inverificáveis, e o velho soldado irritava-se com a sua incapacidade. Groison descobriu nas suas funções o atrativo de uma luta de guerrilheiros, e o prazer de uma caçada, a caçada às infrações. Acostumado pela guerra a essa lealdade que consiste de algum modo em fazer jogo franco, esse inimigo da traição começou a detestar aquelas criaturas pérfidas nas suas maquinações, hábeis nos seus furtos, e que fustigavam o amor-próprio do guarda. Observou logo que todas as outras propriedades eram respeitadas, os delitos só se cometiam nas terras das Aigues; sentiu, assim, desprezo por aqueles camponeses bastante ingratos para pilharem um general do Império, homem essencialmente bom e generoso, e logo juntou ódio ao desprezo. Mas era em vão que ele se multiplicava: não podia estar em toda parte, e por toda parte, ao mesmo tempo, os inimigos *delinquiam*. Groison fez sentir ao general a necessidade de organizar uma verdadeira defesa de guerra, demonstrando-lhe a insuficiência do seu devotamento e revelando-lhe as más disposições dos moradores do vale.

— Há alguma coisa por baixo disso tudo, meu general — disse ele. — Essa gente é atrevida demais, não tem medo de nada. Até parece que carrega Deus na barriga!

— Veremos — respondeu o conde.

Palavra fatal... Para os grandes políticos, o verbo *ver* não tem futuro.

Por essa ocasião, Montcornet devia resolver uma dificuldade que lhe pareceu mais premente: precisava de um *alter ego* que o substituísse na *mairie* durante sua permanência em Paris. Obrigado a arranjar para adjunto um homem que soubesse ler e escrever, só achou em toda a comuna Langlumé, locatário do seu moinho. Essa escolha foi deplorável. Não só os interesses do general-*maire* e os do adjunto-moleiro eram diametralmente opostos, como ainda Langlumé fazia negócios escusos com Rigou, que lhe emprestava o dinheiro necessário a seu comércio ou a suas aquisições. Para alimentar seus cavalos, o moleiro comprava o capim cortado nas pastagens do castelo, e, graças a suas manobras, Sibilet não podia vendê-lo senão a ele. Todos os pastos da comuna eram entregues por bom preço antes dos das Aigues; estes, ficando para o fim, embora melhores, sofriam depreciação. Langlumé foi, pois, adjunto provisório; mas na França o provisório é eterno, embora o francês seja acusado de gostar de mudanças. A conselho de Rigou, Langlumé fingia-se de devotado ao general. Servia, pois, de adjunto no momento em que, pela onipotência do historiador, começa este drama.

Na ausência do *maire*, Rigou, necessariamente membro do conselho da comuna, ali exercia o seu domínio, e fez com que fossem tomadas algumas resoluções contrárias ao general. Ora determinava despesas que só eram proveitosas para os camponeses, e cuja parte mais pesada recaía sobre as Aigues, que, pela sua extensão, pagavam dois terços do imposto; ora fazia com que se recusassem despesas úteis, como um suplemento de subsídio ao padre, a reconstrução do presbitério ou o salário (*sic*) de um mestre-escola.

— Que seria de nós se os camponeses soubessem ler e escrever?... — disse ingenuamente Langlumé ao conde, para justificar essa decisão antiliberal, tomada contra um irmão da Doutrina Cristã, que o padre Brossette tentara levar para Blangy.

Voltando a Paris, o general, encantado com o seu velho Groison, pôs-se à procura de alguns antigos militares da Guarda Imperial com os quais pudesse organizar sua defesa nas Aigues numa base formidável. A força de procurar, de interrogar amigos e oficiais a meio soldo, desencavou Michaud, antigo primeiro-sargento dos couraceiros da Guarda, um desses homens que os soldados, em linguagem de caserna, chamam de *duros de cozinhar*, expressão fornecida pela cozinha do bivaque, onde frequentemente se encontram grãos de feijão refratários. Entre os seus conhecidos, Michaud escolheu três homens capazes de serem seus colaboradores e de se transformar em guardas sem medo e sem mácula.

O primeiro, chamado Steingel, alsaciano puro-sangue, era filho

natural do general desse nome, que sucumbiu por ocasião dos primeiros êxitos de Bonaparte, no início das campanhas da Itália. Grande e forte, pertencia a esse gênero de soldados afeitos, como os russos, à obediência absoluta e passiva. Nada o detinha no cumprimento de seus deveres; teria agarrado friamente um imperador ou o papa, se tal fosse a ordem. Não sabia o que era perigo. Legionário intrépido, não recebera o menor arranhão durante dezesseis anos de guerra. Dormia sob as estrelas ou na cama com uma indiferença estoica. Dizia apenas, a cada sofrimento que se agravasse: “Parece que agora é assim...”.

O segundo, por nome Vatel, filho de soldado, caporal do corpo de fuzileiros, alegre como um pássaro, de procedimento um tanto leviano com o belo sexo, sem nenhum princípio religioso, bravo até a temeridade, fuzilaria, rindo, um camarada. Sem futuro, não sabendo que ofício adotar, viu nas funções que lhe eram propostas uma guerrinha divertida em perspectiva, e como para ele o Grande Exército e o imperador faziam as vezes da religião, jurou servir perante e contra todos o bravo Montcornet. Era dessas naturezas essencialmente chicanistas, a quem a vida parece cacete sem inimigos, enfim uma natureza de advogado, uma natureza de agente de polícia. Assim, não fora a presença do oficial de justiça, teria ele pegado a velha Tonsard e o seu feixe no interior do Grand-I-Vert, mandando às favas a lei sobre inviolabilidade de domicílio.

O terceiro, por nome Galhardo, velho praça que chegara a alferes, coberto de ferimentos, pertencia à classe dos soldados-trabalhadores. Pensando no destino do imperador, tudo lhe parecia indiferente; mas era levado por despreocupação, tanto quanto Vatel por paixão. Tendo o encargo de uma filha natural, encontrou naquele lugar um meio de vida, e aceitou-o como teria aceitado servir num regimento.

Chegando às Aigues, onde apareceu antes dos seus soldados a fim de despedir Courtecuisse, o general ficou estupefato com a audácia despudorada do guarda. Há uma certa maneira de obedecer que envolve, da parte do escravo, a zombaria mais cruel para com a ordem. Tudo nas coisas humanas pode chegar ao absurdo, e Courtecuisse ultrapassara os limites.

Cento e vinte e seis autuações promovidas contra os infratores, na maioria de acordo com Courtecuisse, e apresentadas ao juízo de paz que servia de tribunal correcional em Soulanges, tinham dado lugar a sessenta e nove processos em regra, concluídos e executados, em virtude dos quais Brunet, encantado com tamanha pechincha, preparava os atos rigorosamente necessários para chegar ao que, em estilo judiciário, se chama *processos de carência*, extremidade miserável onde cessa o poder da Justiça. É um ato pelo qual o oficial de justiça verifica que o indivíduo condenado não possui nada, está na nudez da

indigência. Ora, onde não há, o credor, como el-rei, perde seus direitos... de execução. Esses indigentes, escolhidos com discernimento, moravam em cinco comunas circunvizinhas, para onde se transportara o oficial de justiça, devidamente assistido pelos seus rábulas Vermiguel e Fourchon. Brunet transmitira os documentos a Sibilet, fazendo-os acompanhar de uma conta de custas na importância de cinco mil francos e pedindo-lhe solicitar novas ordens ao Conde de Montcornet.

No momento em que Sibilet, munido dos papéis, acabava de explicar tranquilamente ao patrão o resultado das ordens demasiado sumárias dadas a Courtecuisse, e contemplava com ar sereno uma das cóleras mais violentas já manifestadas por um general de cavalaria francesa, chegou Courtecuisse para apresentar suas homenagens ao patrão e lhe pedir cerca de mil e cem francos, a quanto montavam as gratificações prometidas. A natureza tomou então o freio nos dentes, arrebatando o general, que esqueceu a sua coroa de conde e a sua graduação e voltou a ser couraceiro, vomitando injúrias de que mais tarde se envergonharia:

— Ah! Quatrocentos francos! Quatrocentas mil bofetadas! Quatrocentos mil pontapés no... Então pensas que eu sou idiota?!... Vira já esses calcanhares, senão eu te achato!

Ante o aspecto do general, que se tornara roxo, e logo às primeiras palavras, Courtecuisse fugiu como um coelho.

— Senhor conde — disse Sibilet, muito suavemente —, o senhor não tem razão.

— Não tenho razão, eu?...

— Meu Deus, tome cuidado, senhor conde! O senhor vai ter um processo com esse patife...

— Não estou ligando para processos! Vamos, que esse tratante saia imediatamente, e você preste atenção para que ele deixe tudo que me pertence e faça a conta do seu ordenado.

Quatro dias depois toda a região tagarelava à sua maneira, narrando esta cena. Dizia-se que o general espancara Courtecuisse, recusando-se a pagar-lhe o devido — e devia-lhe dois mil francos.

Começaram a circular novamente os rumores mais singulares sobre o burguês das Aigues. Diziam-no louco. No dia seguinte, Brunet, que tinha preparado os autos por conta do general, trazia-lhe da parte de Courtecuisse uma citação perante o juízo de paz. O leão devia ser picado por mil moscas; seu suplício estava apenas começando.

A posse de um guarda não se realiza sem umas tantas formalidades. Ele deve prestar juramento perante o tribunal de primeira instância. Passaram-se, pois, alguns dias até que os guardas ficassem revestidos do seu caráter oficial. Embora o general escrevesse a Michaud para que fosse com a sua mulher sem esperar que o pavilhão do portão do Avonne ficasse preparado para recebê-lo, o futuro guarda-geral, retido

pelas providências do casamento e pelos parentes de sua mulher que tinham ido a Paris, não pôde chegar senão uns quinze dias depois. Durante essa quinzena, gasta no cumprimento de formalidades a que o pessoal de La-Ville-aux-Fayes se prestava com bastante má vontade, a floresta das Aigues foi devastada pelos rapinantes, que aproveitaram o tempo durante o qual ninguém a vigiava.

Foi um grande acontecimento no vale, de Couches a La-Ville-aux-Fayes, o aparecimento dos três guardas vestidos de verde, cor do imperador, magnificamente postos, com os rostos anunciando um caráter sólido e todos de pernas grossas, ágeis, capazes de varar a noite no mato.

Em todo o cantão, Groison foi o único a festejar os veteranos. Encantado com tal reforço, soltou algumas palavras ameaçadoras contra os ladrões, que dentro de pouco tempo estariam acuados e já não poderiam fazer mal. Assim, não faltou a essa guerra, viva e surda ao mesmo tempo, a proclamação do costume.

Sibilet denunciou ao general a gendarmeria de Soulanges e, principalmente, o cabo Soudry como inteira e dissimuladamente hostis às Aigues. Fez-lhe ver a utilidade que teria para ele uma brigada de ânimo combativo.

— Com um bom cabo e gendarmes devotados aos seus interesses, o senhor dominaria a região!... — disse ele.

O conde correu à Prefeitura, onde obteve do general-comandante da divisão que Soudry fosse reformado e substituído por um tal Viollet, excelente gendarme da sede, gabado pelo general e pelo prefeito. Os gendarmes da brigada de Soulanges, todos removidos para outros pontos do departamento pelo coronel da corporação, antigo camarada de Montcornet, tiveram como substitutos homens escolhidos, aos quais secretamente se deu ordem de velar por que as propriedades do Conde de Montcornet não sofressem daí por diante nenhum atentado, recomendando-se-lhes acima de tudo que não se deixassem cativar pelos moradores de Soulanges.

Essa última revolução, executada com uma rapidez que não permitiu que fosse contrabalançada, encheu de espanto La-Ville-aux-Fayes e Soulanges. Considerando-se destituído, Soudry queixou-se, e Gaubertin achou jeito de fazê-lo nomear *maire*. Clamou-se muito contra a tirania. Montcornet tornou-se objeto de ódio. Não somente cinco ou seis vidas foram assim modificadas por ele, também muitas vaidades ficaram feridas. Animados por palavras escapadas aos pequenos burgueses de Soulanges e La-Ville-aux-Fayes, a Rigou, a Langlumé e ao sr. Guerbet, mestre de posta de Couches, os camponeses julgaram-se na iminência de perder o que chamavam de seus direitos.

O general abafou o processo do seu antigo guarda, pagando tudo o que ele reclamava.

Courtecuisse comprou por dois mil francos um pequeno domínio encravado nas terras das Aigues, à saída do pouso onde passava a caça. Rigou jamais concordara em ceder a Bâchellerie, mas proporcionara a si mesmo um malicioso prazer vendendo-a a Courtecuisse com cinquenta por cento de lucro. Este se tornou assim uma de suas numerosas criaturas, pois ele o segurou pelo restante do preço, não tendo o ex-guarda pago senão mil francos.

Os três guardas, Michaud e o guarda campestre começaram então a levar uma vida de guerrilhas. Dormindo nas matas, percorriam-nas sem parar, adquirindo delas esse conhecimento profundo que constitui a ciência do guarda-florestal e lhe evita perder tempo, estudando as saídas, familiarizando-se com as essências e sua localização, habituando os ouvidos aos choques e aos diferentes rumores do mato. Enfim, observavam os rostos, passavam em revista as diferentes famílias das diferentes aldeias do cantão e os indivíduos que as compunham, seus costumes, seu caráter, seus meios de vida. Coisa mais difícil do que se pensa... Vendo que se tomavam medidas tão bem ajustadas, os camponeses que viviam das Aigues opuseram um mutismo completo, uma submissão irônica a essa polícia inteligente.

Logo à primeira vista, Michaud e Sibilet antipatizaram um com o outro. O soldado franco leal, honra dos suboficiais da Jovem Guarda, abominou a brutalidade melosa, o ar descontente do administrador, a quem apelidou imediatamente de *Chinês*. Observou logo as objeções com que Sibilet se opunha às medidas radicalmente úteis e as razões com que justificava coisas de um êxito duvidoso. Em vez de acalmar o general, Sibilet, como se deve ter visto por esta narrativa sucinta, excitava-o continuamente, induzindo-o a medidas rigorosas, ao mesmo tempo que procurava intimidá-lo pela multiplicidade dos aborrecimentos, pela extensão das mesquinhasarias, por dificuldades sempre renascentes e invencíveis. Sem desconfiar do papel de espião e de agente provocador assumido por Sibilet, que, logo ao se instalar, prometera a si mesmo, de acordo com os seus interesses, escolher o seu patrão entre o general e Gaubertin, Michaud reconheceu no administrador uma natureza ávida, má, e não achava explicação para a sua honestidade. De resto, a profunda inimizade que separava os dois altos funcionários era do agrado do general. O ódio de Michaud levava-o a vigiar o administrador, espionagem a que não teria descido se lhe fosse pedida pelo general. Sibilet lisonjeava o guarda-geral, adulando-o baixamente, sem conseguir que este abandonasse a excessiva polidez colocada entre eles, como uma barreira, pelo fiel militar.

Conhecidos estes pormenores prévios, agora se compreenderá perfeitamente o interesse dos inimigos do general e o da conversa que ele teve com os seus dois ministros.

IX — DA MEDIOCRACIA

— Então, que há de novo, Michaud? — perguntou o general, depois que a condessa deixou a sala de jantar.

— Se permite, general, não falaremos de negócios aqui. As paredes têm ouvidos, e eu quero ter certeza de que aquilo que nós dissermos só entrará pelos nossos.

— Então, vamos passeando até o escritório, pelo atalho que corta o Prado. Estaremos certos de não sermos escutados...

Alguns instantes depois, o general atravessava o Prado, acompanhado por Sibilet e Michaud, enquanto a condessa, entre o padre Brossette e Blondet, ia para o portão do Avonne. Michaud narrou a cena que se passara no Grand-I-Vert.

— Vatel fez mal — disse Sibilet.

— Bem que lhe provaram isto, cegando-o — prosseguiu Michaud —; mas isso não é nada. O senhor, meu general, sabe do nosso projeto de tomar a criação de todos os infratores condenados; pois bem, nunca poderemos conseguir tal coisa. Brunet, exatamente como o seu colega Plissoud, nunca nos prestará um apoio leal; eles saberão sempre prevenir as pessoas quanto à apreensão projetada. Vermiguel, o prático de Brunet, foi procurar o tio Fourchon no Grand-I-Vert, e Maria Tonsard, a namorada de Bonnébault, deu o alarme em Couches. Eu estava debaixo da ponte do Avonne, pescando e espreitando um malandro que planejava um assalto, quando ouvi Maria Tonsard dar a notícia a Bonnébault. Este, vendo que a filha de Tonsard estava cansada de correr, tomou o seu lugar, lançando-se na direção de Couches. Enfim, recomeçam os estragos.

— Cada dia se torna mais necessária uma grande demonstração — comentou Sibilet.

— Que lhes dizia eu? — exclamou o general. — É preciso reclamar a execução das sentenças que importam em condenações à prisão e em detenção por perdas e danos e pelas custas a que tenho direito.

— Essas pessoas acham que a lei é impotente e dizem umas para as outras que ninguém terá coragem de prendê-las — replicou Sibilet. — Querem fazer medo ao senhor! E têm cúmplices em La-Ville-aux-Fayes, pois o procurador régio parece ter esquecido as condenações.

— Creio — disse Michaud, vendo o general pensativo — que gastando muito dinheiro o senhor ainda pode salvar suas propriedades.

— É preferível gastar a usar de violência — observou Sibilet.

— Qual é, afinal, o seu meio? — perguntou Montcornet ao guarda-geral.

— Muito simples — disse Michaud. — Trata-se de cercar com muro a sua floresta, como se fez com o seu parque. Ficaremos tranquilos. A menor violação torna-se um crime e leva ao Tribunal do Júri.

— A nove francos a toesa superficial, só com material o senhor conde gastaria um terço do valor das Aigues... — comentou Sibilet, rindo.

— Vamos! — disse Montcornet. — Partirei imediatamente. Vou ver o procurador-geral.

— O procurador-geral — replicou Sibilet mansamente — terá talvez a mesma opinião que o procurador régio, pois uma incúria dessas provas que eles estão de acordo.

— Pois bem, é preciso apurar isso — exclamou Montcornet. — Se for caso de fazer pular fora juízes, Ministério Público, tudo, inclusive o procurador-geral, então irei procurar o guarda dos selos, e até mesmo o rei.

A um sinal enérgico de Michaud, o general, voltando-se, dirigiu a Sibilet um “Adeus, meu caro!”, que foi compreendido pelo administrador.

— Acha o senhor conde, na sua qualidade de *maire* — perguntou o administrador, com uma reverência —, que devem ser executadas as medidas necessárias para reprimir os abusos da respiga? A colheita vai começar, e, se for preciso espalhar as resoluções sobre certificados de indigência e sobre proibição de respiga aos indigentes das comunas vizinhas, não temos tempo a perder.

— Providencie, entenda-se com Groison! — disse o conde. — Com pessoas dessa espécie é preciso executar estritamente a lei.

Assim, num momento, Montcornet deu ganho de causa ao sistema que, havia quinze dias, lhe vinha propondo Sibilet, e que ele recusara, mas que achou bom no ardor da cólera produzida pela agressão a Vatel.

Quando Sibilet estava a cem passos, disse o conde, baixinho, ao seu guarda:

— Então, que há, meu caro Michaud?

— O senhor tem um inimigo dentro de casa, general, e lhe confia projetos que não devia contar nem ao seu quepe.

— Participo de sua desconfiança, meu caro — replicou Montcornet —, mas não cometerei duas vezes o mesmo erro. Para substituir Sibilet, estou aguardando que você fique a par do escritório e que Vatel possa suceder a você. Mas que é que eu posso censurar a Sibilet? Ele é pontual, honesto, não desviou cem francos durante cinco anos. Tem o caráter mais detestável do mundo, eis tudo. Qual seria o plano dele?

— Hei de saber qual é, general, pois na certa que tem um — disse Michaud, gravemente. — E se o senhor dá licença, um saco de mil francos fará com que ele conte tudo ao patife do Fourchon, embora desde esta manhã eu esteja desconfiado de que o tio Fourchon está comendo dos dois lados. Querem obrigar o senhor a vender as Aigues, pelo que me disse o velho malandro que é o cordoeiro. Fique sabendo: de Couches a La-Ville-aux-Fayes não há camponês, pequeno burguês, rendeiro ou taverneiro que não tenha seu cobre pronto para o dia da

carniça. Fourchon me confiou que o genro dele, Tonsard, já escolheu sua parte... A opinião de que o senhor venderá as Aigues corre no vale como um veneno no ar. Quem sabe se o pavilhão do escritório e algumas terras em redor não serão o preço da espionagem de Sibilet? Nada se diz entre nós que não se venha a saber em La-Ville-aux-Fayes. Sibilet é parente de Gaubertin, que é inimigo do senhor. O que acaba de lhe escapar sobre o procurador-geral talvez chegue aos ouvidos desse magistrado antes de o senhor chegar à Prefeitura. O senhor não conhece a gente deste cantão!

— Não conheço? É uma canalha. Eu, recuar diante desses tratantes?! Ah, prefiro mil vezes tocar fogo nas Aigues!...

— Em vez de tocar fogo, adotemos um plano de ação que desmanche as astúcias desses pigmeus. A acreditar nas ameaças, estão dispostos a tudo contra o senhor; por isso, meu general, já que falou em incêndio, ponha no seguro todas as suas construções e suas granjas.

— Ah! Você sabe, Michaud, que é que eles querem dizer com essa história de Tapeceiro? Ontem, andando à margem do Thune, eu ouvi os garotos dizerem: “Olha o Tapeceiro!...”, e fugiram.

— Sibilet é que devia responder. Ele estaria no seu papel, pois gosta de fazer raiva ao senhor — respondeu Michaud, com ar amargurado —; mas já que me pergunta... Pois bem, é o apelido que esses desordeiros lhe puseram, meu general.

— Por causa de quê?...

— Ora, meu general, por causa de... seu pai.

— Ah, cachorros!... — exclamou o conde, empalidecendo. — Sim, Michaud, meu pai era negociante de móveis, ebanista. A condessa não sabe nada disso... Oh, tomara que nunca... Mas, afinal de contas, eu já dominei rainhas e imperatrizes!... Contarei tudo a ela esta noite! — exclamou, depois de uma pausa.

— Eles dizem que o senhor é um covarde... — continuou Michaud.

— Ah!

— Perguntam como é que o senhor pôde escapar de Essling, onde quase todos os camaradas morreram...

Esta acusação fez o general sorrir.

— Michaud, vou à Prefeitura! — exclamou, com raiva. — Quando mais não seja, ao menos para mandar preparar as apólices do seguro. Anuncie minha partida à senhora condessa. Ah! Eles querem guerra? Pois terão, e eu vou me divertir em atormentar esses burgueses de Soulanges e seus camponeses... Estamos em país inimigo, cuidado! Recomende aos guardas que se mantenham dentro da lei. Quanto ao pobre Vatel, trate dele. A condessa anda assustada, é preciso escondê-lo tudo; do contrário, ela não voltará mais aqui...

Nem o general nem o próprio Michaud sabiam do perigo que estavam correndo. Michaud, chegado pouco antes àquele vale da

Borgonha, ignorava o poder do inimigo, embora observasse as suas atividades. Quanto ao general, confiava na força da lei.

A lei, como hoje a fabrica o legislador, não tem toda a força que se lhe atribui. Ela não atinge do mesmo modo todo o país; modifica-se nas aplicações a ponto de desmentir o seu princípio. Este fato se manifesta com maior ou menor evidência em qualquer época. Qual seria o historiador suficientemente ignorante para pretender que as decisões do poder mais enérgico tiveram curso em toda a França? Que as requisições de homens, gêneros e dinheiro, impostas pela Convenção, se fizeram na Provença, no interior da Normandia e no extremo da Bretanha, do mesmo modo que nos grandes centros de vida social? Que filósofo ousaria negar que, enquanto rola uma cabeça em tal departamento, no departamento vizinho outra cabeça é conservada, embora responsável por um crime exatamente igual e às vezes até mais horroroso? Queremos igualdade na vida, enquanto reina desigualdade na lei, quanto à pena de morte?...

Quando uma cidade está abaixo de certa cifra de população, os processos administrativos já não são os mesmos. Há cerca de cem cidades na França em que as leis operam com todo o vigor e em que a inteligência dos cidadãos se eleva até o problema de interesse geral ou futuro, que a lei pretende resolver; mas no resto da França, onde só se compreendem os gozos imediatos, o povo se esquivia a tudo o que possa afetá-los. Assim, em cerca de metade da França, encontramos uma força de inércia que desfaz qualquer ação legal, administrativa ou governamental. Entendamo-nos: essa resistência não se refere às coisas essenciais à vida política. A cobrança de impostos, o recrutamento, a punição dos grandes crimes certamente se praticam; mas, com exceção de certas necessidades reconhecidas, todas as disposições legislativas que dizem respeito aos costumes, aos interesses, a certos abusos são completamente abolidas pela *má vontade* geral. E, no momento em que se publica esta cena, é fácil reconhecer tal resistência, contra a qual se chocou outrora Luís XVI na Bretanha, se observarmos os fatos deploráveis causados pela lei de caça. Cada ano se sacrifica a vida de vinte ou trinta homens para salvar as de alguns animais.

Na França, para vinte milhões de criaturas, a lei não é mais do que um papel branco afixado à porta da igreja ou da *mairie*. Daí a palavra “papéis”, empregada como expressão da Autoridade. Muitos *maires* de cantão (não se trata de *maires* de simples comunas) fazem sacos para uvas e sementes com os números do *Boletim das Leis*. Quanto aos simples *maires* de comuna, ficaríamos assustados com o número dos que não sabem ler nem escrever e com a maneira como executam os atos do registro civil. A gravidade dessa situação, perfeitamente conhecida pelos administradores sérios, sem dúvida irá diminuindo, mas aquilo que a centralização, contra a qual tanto se clama, como se

clama na França contra tudo o que é grande, útil e forte, não atingirá nunca, a potência contra a qual se quebrará sempre, é a mesma contra a qual iria chocar-se o general, e que precisamos chamar *Mediocracia*.

Já muito se gritou contra a tirania dos nobres, hoje se grita contra a dos financistas e contra os abusos do poder, que talvez não sejam senão as inevitáveis contusões do jugo social, chamado de Contrato por J. J. Rousseau,⁹¹ de Constituição por estes, de Carta por aqueles, czar aqui, ali rei, Parlamento na Inglaterra; mas o nivelamento iniciado por 1789 e recomeçado em 1830 preparou o vesgo domínio da burguesia, entregando-lhe a França. Um fato demasiado comum hoje em dia, infelizmente — a escravização de um cantão, de uma pequena cidade, de uma vice-prefeitura a uma família; o quadro, enfim, do poder que Gaubertin soubera conquistar em plena Restauração denunciaria melhor este mal social do que todas as afirmações dogmáticas. Muitas localidades oprimidas aí se reconhecerão, muitas pessoas esmagadas surdamente encontrarão aí esse pequeno *aquí jaz* público, que às vezes consola de uma grande desgraça particular.

Quando o general supunha recomeçar uma luta que jamais conhecera trégua, o seu antigo administrador tinha já completado as malhas da rede em que prendera todo o distrito de La-Ville-aux-Fayes. Para evitar delongas, convém apresentar sucintamente os ramos genealógicos pelos quais Gaubertin abarcava a região como uma boa enrodilhada com tamanha arte numa árvore gigantesca que o viajante a confunde com um efeito natural da vegetação asiática.

Em 1793, havia três irmãos com o nome de Mouchon no vale do Avonne. A partir de 1793, por ódio ao antigo senhorio, começou a substituir-se o nome do vale das Aigues pelo de vale do Avonne.

O irmão mais velho, administrador dos bens da família Ronquerolles, fez-se deputado pelo departamento, na Convenção. A exemplo de seu amigo Gaubertin (o promotor público que salvara os Soulanges), ele salvou os bens e a vida dos Ronquerolles. Teve duas filhas, uma casada com o advogado Gendrin e outra com Gaubertin filho, e morreu em 1804.

O segundo obteve gratuitamente, graças à proteção do mano mais velho, a posta de Couches. Como única exclusiva herdeira, teve uma filha, casada com um rico granjeiro da localidade, por nome Guerbet. Morreu em 1817.

O último dos Mouchon, tendo-se feito padre, vigário de La Ville-aux-Fayes antes da Revolução, vigário após o restabelecimento do culto católico, permanecia vigário dessa pequena capital. Não quis prestar juramento, escondendo-se longo tempo na Cartuxa das Aigues, sob a proteção secreta dos Gaubertin, pai e filho. Tendo então sessenta e sete anos, gozava da estima e da afeição de todos, graças à harmonia de sua índole com a dos habitantes. Parcimonioso até a avareza, tinha fama de

muito rico, e sua suposta fortuna consolidava o respeito de que era cercado. O senhor bispo consagrava o maior apreço ao padre Mouchon, que era chamado de venerável cura de La-Ville-aux-Fayes; e o que o tornava caro aos moradores, não menos que sua fortuna, era a certeza, verificada tantas vezes, de sua recusa a ir ocupar um curato soberbo na sede da Prefeitura, onde Sua Excelência queria vê-lo.

Nesse momento, Gaubertin, *maire* de La-Ville-aux-Fayes, encontrava apoio sólido no dr. Gendrin, seu cunhado, presidente do Tribunal de Primeira Instância. Gaubertin filho, o procurador judicial mais cheio de serviço no tribunal, com uma reputação proverbial no distrito, já falava em passar seu escritório depois de cinco anos de trabalho. Queria limitar-se ao exercício da profissão de advogado, a fim de suceder a seu tio Gendrin, quando este se afastasse. O filho único do presidente Gendrin era conservador de hipotecas.

Soudry filho, que, havia dois anos, ocupava o cargo principal do Ministério Público, era fanático por Gaubertin. A esperta sra. Soudry não deixara de consolidar com um imenso futuro a posição do filho de seu marido, casando-o com a filha única de Rigou. A dupla fortuna — a do antigo monge e a dos Soudry — que deveria passar ao procurador régio fazia desse rapaz uma das personagens mais ricas e importantes do departamento.

O vice-prefeito de La-Ville-aux-Fayes, sr. des Lupeaulx, sobrinho do secretário-geral de um dos ministérios mais importantes, era o marido escolhido para a srta. Elisa Gaubertin, filha mais moça do *maire*, cujo dote, como o da mais velha, montava a duzentos mil francos, *fora as esperanças...* Esse funcionário, sem saber, teve um rasgo de inteligência ao se apaixonar por Elisa, quando chegou a La-Ville-aux-Fayes em 1819. Não fossem tais pretensões, que pareceram justificadas, de há muito já o teriam obrigado a pedir remoção; mas pertencia em esperança à família Gaubertin, cujo chefe via nessa aliança muito menos o sobrinho do que o tio. Assim, o tio, no interesse do sobrinho, poria toda a sua influência a serviço de Gaubertin.

Desse modo, a Igreja, a Magistratura em sua dupla categoria, amovível e inamovível, a Municipalidade e a Administração — os quatro pés do poder — marchavam conforme a vontade do *maire*.

Eis como essa potência se fortaleceu por cima e por baixo da esfera onde agia:

O departamento a que pertence La-Ville-aux-Fayes é um daqueles que, por sua população, têm direito de designar seis deputados. Desde a criação do Centro-Esquerda na Câmara, o distrito de La-Ville-aux-Fayes escolhera para seu deputado Leclerc, banqueiro do entreposto de vinho e genro de Gaubertin, que se tornara membro do conselho do Banco de França. O número de eleitores que esse vale próspero fornecia ao Grande Colégio era bastante considerável para que a eleição do sr. de

Ronquerolles, protetor devotado da família Mouchon, ficasse sempre garantida, embora mediante transação. Os eleitores de La-Ville-aux-Fayes apoiavam o prefeito, sob condição de se manter o Marquês de Ronquerolles como deputado ao Grande Colégio. Assim, Gaubertin, o primeiro a ter ideia dessa combinação eleitoral, era visto com bons olhos na Prefeitura, a que ele evitava muitos dissabores. O prefeito fazia eleger três meros funcionários do Ministério Público, juntamente com dois deputados do Centro-Esquerda. Como esses dois deputados eram um o Marquês de Ronquerolles, cunhado do Conde de Sérisy, outro um membro do conselho do Banco de França, assustavam pouco o Gabinete. Assim, as eleições no departamento passavam por excelentes no Ministério da Justiça.

— O Conde de Soulanges, par de França, indicado para marechal, e fiel aos Bourbon, sabia que suas matas e propriedades eram bem administradas e bem guardadas pelo tabelião Lupin e por Soudry. Podia ser olhado por Gendrin como um protetor, pois fizera com que ele fosse nomeado sucessivamente juiz e presidente do tribunal, aliás com a colaboração do sr. de Ronquerolles.

Os srs. Leclerc e de Ronquerolles sentavam-se no Centro-Esquerda, mais perto da esquerda do que do centro, situação política cheia de vantagens para aqueles que consideram a consciência política assim como uma espécie de roupa.

O irmão de Leclerc obtivera a receita particular de La-Ville-aux-Fayes.

Do outro lado da capital do vale do Avonne, o banqueiro, deputado pelo distrito, acabava de adquirir uma propriedade magnífica, de trinta mil francos de renda, com parque e castelo, e isso lhe permitia exercer influência sobre todo um cantão.

Assim, nas regiões superiores do Estado, nas duas Câmaras e no principal ministério, Gaubertin contava com uma proteção tão numerosa quanto ativa, a que ele não tinha ainda recorrido por ninharias nem fatigara com demasiados pedidos sérios.

O conselheiro Gendrin, nomeado presidente de câmara, era o homem dinâmico da Corte de Justiça. O primeiro presidente, que era um dos três deputados do Ministério Público, orador necessário ao Centro, durante a metade do ano passava a direção da corte ao presidente Gendrin. Enfim, o conselheiro de prefeitura, primo de Sarcus, conhecido como Sarcus, o Rico, era o braço direito do prefeito, sendo ele próprio deputado. Se não fossem as razões de família que ligavam Gaubertin ao jovem Des Lupeaulx, um irmão da sra. Sarcus teria sido *desejado* para vice-prefeito, pelo distrito de La-Ville-aux-Fayes. A sra. Sarcus, esposa do conselheiro de prefeitura, era uma Vallat de Soulanges, família aliada aos Gaubertin, e passava por ter distinguido o tabelião Lupin na sua mocidade. Embora ela tivesse quarenta e cinco anos e um filho estudante de engenharia, Lupin nunca ia à Prefeitura

sem lhe apresentar suas homenagens e almoçar ou jantar em sua companhia.

O sobrinho de Guerbet, o mestre de posta, cujo pai, como se viu, era coletor em Soulanges, ocupava o importante cargo de juiz de instrução, no Tribunal de La-Ville-aux-Fayes. O terceiro juiz, filho do mestre Corbinet, tabelião, pertencia naturalmente, de corpo e alma, ao *maire* onipotente. Enfim, o jovem Vigor, filho do tenente da gendarmaria, era juiz suplente. Sibilet pai, escrivão do tribunal desde a instalação, casara sua irmã com sr. Vigor, tenente da gendarmaria de La-Ville-aux-Fayes. Esse homenzinho, pai de seis filhos, era primo do pai de Gaubertin, pelo lado da esposa, uma Gaubertin-Vallat.

Havia já dezoito meses, os esforços reunidos dos dois deputados, do sr. de Soulanges e do presidente Gendrin tinham logrado a criação de um cargo de comissário de polícia em La-Ville-aux-Fayes, em benefício do segundo filho do escrivão.

A filha mais velha de Sibilet casara-se com o professor Hervé, cuja escola acabava de ser transformada em colégio, graças a esse casamento, e assim havia um ano que La-Ville-aux-Fayes dispunha de um diretor de colégio.

Sibilet, primeiro escrevente do mestre Corbinet, esperava dos Gaubertin, dos Soulanges e dos Leclerc as garantias necessárias à aquisição do cartório de seu patrão.

O último filho do escrivão era funcionário dos Domínios, com promessa de suceder ao recebedor do Registro logo que este completasse o tempo de serviço exigido para a aposentadoria.

Finalmente, a última filha de Sibilet, com dezesseis anos, estava noiva do Capitão Corbinet, irmão do tabelião, para o qual se tinha arranjado o lugar de agente do correio.

A posta de cavalos, em La-Ville-aux-Fayes, pertencia ao sr. Vigor mais velho, cunhado do banqueiro Leclerc e comandante da Guarda Nacional.

Uma solteirona Gaubertin-Vallat, irmã da escrivã, detinha o serviço de papel selado.

Assim, para onde quer que a gente se virasse em La-Ville-aux-Fayes, encontraria um membro dessa coalizão invisível, cujo chefe declarado, reconhecido por todos, grandes e pequenos, era o *maire*, agente-geral do comércio de madeira: Gaubertin.

Se da vice-prefeitura descêssemos ao vale do Avonne, Gaubertin lá dominava em Soulanges por intermédio dos Soudry; de Lupin, adjunto do prefeito e administrador da propriedade de Soulanges, sempre em contato com o conde; por intermédio de Sarcus, juiz de paz; de Guerbet, coletor; de Gourdon, médico, que se casara com uma Gendrin Vatebled. Governava Blangy por intermédio de Rigou, Couches através do mestre de posta; era *maire* absoluto em sua comuna. Pela maneira como o

ambicioso *maire* de La-Ville-aux-Fayes se irradiava ao longo do vale do Avonne, pode-se avaliar como ele influía no resto do distrito.

O chefe da casa Leclerc era uma espécie de chapéu guardando a cadeira de deputado. Desde o princípio, o banqueiro concordara em que Gaubertin fosse escolhido em seu lugar, uma vez que lhe dessem a receita geral do departamento. Soudry, procurador régio, devia ingressar na Corte de Apelação como advogado-geral, e o rico juiz de instrução Guerbet esperava uma vaga de conselheiro. Assim, a ocupação desses lugares, em vez de se tornar opressiva, garantia acesso aos jovens ambiciosos da cidade e conquistava para a coalização a amizade das famílias postulantes.

A influência de Gaubertin era tão séria, tão grande que até os fundos, as economias, o dinheiro escondido dos Rigou, dos Soudry, dos Gendrin, dos Guerbet, dos Lupin, do próprio Sarcus, o Rico, obedeciam às suas prescrições. De resto, La-Ville-aux-Fayes confiava em seu *maire*. A capacidade de Gaubertin não era menos elogiada que sua honradez e sua cortesia. Ele se devotava inteiramente aos seus parentes e administrados, mas exigia reciprocidade. Seu conselho municipal o adorava. Assim, todo o departamento censurava o sr. Mariotte, por ter entrado em luta com o honrado sr. Gaubertin.

Sem duvidar de sua própria força, pois não ocorrera nenhuma oportunidade de mostrá-la, os burgueses de La-Ville-aux-Fayes apenas se gabavam de não ter estranhos em seu meio, julgando-se patriotas excelentes. Nada escapava, pois, a essa hábil tirania, aliás despercebida, e que parecia a todos o triunfo da localidade. Assim, logo que a oposição liberal declarou guerra aos Bourbon do ramo mais velho, Gaubertin, que não sabia onde colocar um filho natural, de que sua esposa não tinha conhecimento, e mantido havia já muito tempo em Paris, sob vigilância de Leclerc, vendo-o tornar-se gerente de tipografia, obteve em seu proveito um certificado de impressor com residência em La-Ville-aux-Fayes. Instigado pelo protetor, esse rapaz lançou um jornal com o título *Correio do Avonne*, que aparecia três vezes por semana e começou arrebatando ao jornal da Prefeitura a exclusividade das publicações oficiais. Essa folha departamental, inteiramente devotada ao ministério em geral, mas pertencendo ao Centro-Esquerda em particular, tornou-se preciosa para o comércio com a publicação da tabela de preços dos gêneros na Borgonha e dedicou-se por completo aos interesses do triunvirato Rigou, Gaubertin e Soudry. A frente de um empreendimento bastante agradável, e que ainda por cima lhe dava lucro, Bournier fazia a corte à filha do procurador Marechal. E esse casamento parecia provável.

O único estranho à grande família avonnense era o engenheiro residente das Pontes e Calçadas; por isso mesmo, reclamava-se com insistência sua substituição pelo dr. Sarcus, filho de Sarcus, o Rico, e

tudo fazia crer que essa falha seria reparada dentro de pouco tempo.

Essa liga formidável, que monopolizava todos os serviços públicos e particulares, que sugava a região, que se apegava ao poder como a rêmora ao navio, subtraía-se a todos os olhares; o General Montcornet não suspeitava de sua existência. A Prefeitura rejubilava-se com a prosperidade do distrito de La-Ville-aux-Fayes, do qual se dizia no Ministério da Justiça: “Aquilo é que é uma vice-prefeitura modelo. Tudo lá corre às mil maravilhas. Seríamos muito felizes se todos os distritos fossem como esse!”. O espírito de família ali se reforçava tão bem com o espírito de localidade que, como em tantas cidadezinhas e até mesmo em sedes de prefeitura, um funcionário estranho ao lugar teria sido obrigado a deixar o distrito no mesmo ano da chegada.

Quando a despótica parentela burguesa faz uma vítima, esta fica tão bem enrolada e amordaçada que não ousa queixar-se; é enrolada em visgo, em cera, como o caracol introduzido numa colmeia. Essa tirania invisível, impalpável, tem a auxiliá-la razões poderosas: o desejo de ficar junto da família e velar pelas propriedades, o apoio mútuo que nos prestamos, as garantias que encontra a administração tendo o seu agente sob as vistas de parentes e concidadãos. Assim, o nepotismo é praticado tanto nas altas esferas do departamento como na pequena cidade de província.

Que acontece? A região e a localidade triunfam em questões de interesse geral, a vontade de centralização parisiense muitas vezes é esmagada, e desfigura-se a verdade dos fatos.

Enfim, uma vez satisfeitas as grandes necessidades públicas, é claro que as leis, em vez de agir sobre as massas, lhes recebem a marca; as populações adaptam-nas a si mesmas, em vez de se adaptarem a elas. Qualquer pessoa que tenha viajado pelo sul, pelo oeste da França e pela Alsácia, não apenas para dormir no albergue e ver monumentos e paisagens, reconhecerá a verdade dessas observações. Esses efeitos do nepotismo burguês hoje são fatos isolados, mas o espírito das leis atuais tende a aumentá-los. Essa desobediência pode causar grandes males, como o demonstram alguns episódios do drama que então se representava no vale das Aigues.

Um sistema derrubado mais imprudentemente do que se supõe — o sistema da Monarquia — bem como o sistema imperial remediavam esse abuso por meio de existências devotadas, de classificações e de contrapesos tão tolamente definidos como *privilégios*. Não existem privilégios desde o momento em que todo mundo pode subir no pau-de-sebo do poder. De resto, não seria preferível termos privilégios confessados e conhecidos do que outros descobertos dessa maneira, estabelecidos pela esperteza fraudulenta de um falso espírito público, e que recomçam a obra do despotismo desde os alicerces e a um nível mais baixo do que antes? Então só se derrubaram alguns nobres tiranos

devotados à pátria, para criar tiranetes egoístas? Estará o poder nas adegas, em vez de reinar no lugar próprio? Devemos pensar nisso. O espírito municipalista, assim como foi aqui esboçado, acabará dominando a Câmara.

O amigo de Montcornet, Conde de La Roche-Hugon, fora demitido pouco tempo depois da última visita do general. A demissão jogou esse estadista na oposição liberal, onde ele se tornou um dos corifeus da Esquerda, para abandoná-la prontamente em troca de uma embaixada. Felizmente para Montcornet, seu sucessor foi um genro do Marquês de Troisville, o Conde de Castéran.⁹² O novo prefeito recebeu Montcornet como um parente, dizendo-lhe com amabilidade que ficasse à vontade na Prefeitura. Depois de escutar as queixas do general, o Conde de Castéran convidou o bispo, o procurador-geral, o coronel da gendarmeria, o conselheiro Sarcus e o general-comandante da divisão para almoçarem com ele no dia seguinte.

O procurador-geral, Barão Bourlac, famoso graças aos processos La Chanterie e Rifoël,⁹³ era desses homens dedicados a todos os governos, que por seu devotamento ao poder, qualquer que seja este, se tornam preciosos. Depois de dever a carreira ao seu fanatismo pelo imperador, ficou devendo a conservação no cargo judicial ao seu caráter inflexível e à consciência funcional que punha no cumprimento do dever. Ele, que antes perseguira furiosamente os restos da *chouannerie*, passou a perseguir os bonapartistas com o mesmo furor. Mas o tempo e suas tempestades tinham-lhe adoçado a rudeza; como todo velho-diabo, tornara-se encantador de maneiras e atitudes.

O Conde de Montcornet explicou sua posição e os receios de seu guarda-geral; falou sobre a necessidade de dar exemplo e defender a causa da propriedade.

Os altos funcionários escutaram gravemente, sem responder outra coisa senão banalidades deste jaez: “Sem dúvida, é preciso que a lei seja respeitada”, “Sua causa é a de todos os proprietários”, “Estaremos atentos ao caso, mas é necessário prudência, nas circunstâncias em que nos achamos...”, “A Monarquia deve fazer pelo povo mais do que o povo faria por si mesmo, se fosse soberano como em 1793”, “O povo sofre, temos que nos consagrar tanto a ele como ao senhor!”.

Docemente, o implacável procurador-geral formulou sobre a situação das classes pobres considerações sérias e benevolentes, as quais teriam provado aos nossos futuros utopistas que os funcionários de categoria já a esse tempo estavam a par das dificuldades do problema que a sociedade moderna tem a resolver.

Não será inútil dizer que, a essa época da Restauração, choques sangrentos tinham ocorrido em muitos pontos do reino, justamente devido à pilhagem das matas e aos direitos abusivos que se haviam irrogado os camponeses de certas comunas. O ministério e a Corte não

apreciavam esses motins nem o sangue que a repressão, bem ou malsucedida, fazia correr. Sentindo, embora, que era necessário rigor, consideravam desastrosos os administradores que oprimiam os camponeses, e os destituíam se fraquejavam; em consequência, os prefeitos agiam de maneira sinuosa ante esses acidentes deploráveis.

Logo no começo, Sarcus, o Rico, fez ao procurador-geral e ao prefeito um sinal que Montcornet não percebeu, e que determinou o rumo da conversa. Por intermédio de seu subordinado Soudry, o procurador-geral conhecia o estado de espírito reinante no vale das Aigues.

— Prevejo uma luta medonha — dissera a seu chefe o procurador régio em La-Ville-aux-Fayes, que o procurara expressamente para esse fim. — Matarão nossos gendarmes, sei disso pelos meus espiões. Teremos um processo duro. O júri não nos ajudará, quando se sentir ameaçado pelo ódio das famílias de vinte ou trinta acusados; não nos dará a cabeça dos assassinos nem os anos de prisão com trabalhos forçados que pediremos para os cúmplices. O senhor só obterá, isso mesmo se acusar pessoalmente, alguns anos de prisão para os mais culpados. É preferível fechar a abrir os olhos, quando, abrindo-os, temos certeza de provocar um atrito que custará sangue e talvez seis mil francos de custas ao Estado, sem falar na manutenção dessa gente na cadeia. Para uma vitória, que, sem dúvida, tornará evidente a fraqueza da Justiça, é caro.

Incapaz de avaliar a influência da *mediocracia* no vale, Montcornet não se referiu a Gaubertin, que vivia atiçando a fogueira dessas dificuldades sempre renovadas. Depois do almoço, o procurador-geral tomou pelo braço o Conde de Montcornet, levando-o ao gabinete do prefeito. Ao sair dessa conferência, o General Montcornet escreveu à condessa, comunicando que seguia para Paris e só estaria de volta dentro de uma semana. Pela execução das medidas que tomou o Barão Bourlac, ver-se-á como eram sensatas as suas opiniões, e que, para as Aigues escaparem à *má vontade*, era preciso adotar a política que o magistrado acabava de aconselhar secretamente ao Conde de Montcornet.

Alguns espíritos, ávidos de curiosidade acima de tudo, acharão longas estas explicações; mas aqui é útil observar, em primeiro lugar, que o historiador de costumes obedece a leis mais duras do que as que regem o historiador de fatos; aquele deve tornar tudo provável, até o verdadeiro, ao passo que, no domínio da história propriamente dita, o impossível é justificado pela razão de ter acontecido. As vicissitudes da vida social ou privada são geradas por um mundo de pequenas causas que se ligam a tudo. O sábio é obrigado a desentulhar as massas de uma avalanche que aniquilou algumas aldeias, para nos mostrar as pedras destacadas de um cume, que determinaram a formação dessa montanha de neve. Se aqui se tratasse apenas de um suicídio, há

quinhentos deles por ano, em Paris; esse melodrama se tornou vulgar, e todos aceitariam as mais breves razões; mas quem jamais acreditaria que o suicídio da Propriedade tenha ocorrido num tempo em que a fortuna parece mais preciosa do que a vida? *De re vestra agitur*,⁹⁴ dizia um fabulista; aqui se trata dos negócios de todos aqueles que possuem alguma coisa.

Pensem que essa liga de um cantão inteiro e de uma cidadezinha contra um velho general, salvo, apesar de sua intrepidez, dos perigos de mil combates, se organizou em mais de um departamento contra homens que queriam fazer bem. Esta coalizão ameaça constantemente o homem de gênio, o grande político, o agrônomo notável, todos os inovadores, enfim.

Esta última explicação, por assim dizer política, não somente dá às personagens do drama sua verdadeira fisionomia, e ao mínimo pormenor sua gravidade, como também derramará uma luz viva sobre esta Cena, onde entram em jogo todos os interesses sociais.

X — MELANCOLIA DE MULHER FELIZ

No momento em que o general tomava a caleça para ir à Prefeitura, a condessa chegava ao portão do Avonne, onde havia dezoito meses se instalara o lar de Michaud e Olímpia.

Quem se lembrasse do pavilhão tal como foi descrito mais atrás haveria de supô-lo reconstruído. Em primeiro lugar, os tijolos caídos ou roídos pelo tempo e o cimento que faltava nas juntas tinham sido substituídos. A Ardósia limpa emprestava sua alegria à arquitetura, graças ao efeito dos balaústres recortados em branco sobre o fundo azulado. Os arredores, desobstruídos, e recobertos de areia, eram tratados pelo homem incumbido de cuidar das aleias do parque. Tendo sido restaurados os caixilhos das janelas, as cornijas, toda a pedra talhada, enfim, o exterior do monumento recobrava o seu antigo esplendor. Removidos para o local da faisanaria e ocultos em maciços de árvores, o galinheiro, as cavalariças e o estábulo, em vez de enfadar a vista com seus inconvenientes, misturavam ao contínuo sussurro peculiar às florestas esses arrulhos, esse bater de asas que são um dos mais deliciosos acompanhamentos da contínua melodia entoada pela Natureza. Esse lugar tinha ao mesmo tempo algo do aspecto selvagem das florestas pouco exploradas e da elegância de um parque inglês. As imediações do pavilhão, em harmonia com o seu aspecto externo, ofereciam ao olhar um não sei que de nobre, decoroso e amável do mesmo modo que a felicidade e os cuidados de uma mulher jovem davam ao interior fisionomia bem diferente daquela que a grosseira despreocupação de Courtecuisse lhe imprimira antes.

No momento, a estação realçava todos esses esplendores naturais. O perfume dos tufos de flores casava-se ao aroma selvagem dos bosques. O gramado do parque, recentemente ceifado em redor, espalhava um cheiro de feno cortado.

Ao atingirem a ponta de uma das aleias sinuosas que desembocavam no pavilhão, a condessa e seus dois hóspedes avistaram a sra. Michaud sentada à soleira da porta, trabalhando num enxoval de criança. Essa mulher, nessa posição, e assim ocupada, trazia à paisagem um interesse humano que a completava, e que na realidade é tão tocante que certos pintores tentaram, erradamente, transportá-lo para seus quadros. Os artistas se esquecem de que o *espírito* de um lugar, quando bem reproduzido por eles, é tão grandioso que esmaga o homem, ao passo que uma cena semelhante, na natureza, está sempre em proporção com a personagem, pelo conjunto em que a circunscreve o olhar do espectador. Ao fazer da paisagem um acessório em seus *Pastores da Arcádia*, Poussin,⁹⁵ esse Rafael da França, adivinhou perfeitamente que o homem se torna pequeno e miserável quando numa tela o principal é a natureza.

Ali estava agosto em toda a sua glória: a colheita esperada, quadro cheio de emoções simples e fortes. Ali se realizava o sonho de tantos homens impelidos a desejar o repouso em consequência dos abalos violentos de uma vida inconstante, entremeada de coisas boas e más.

Narremos em algumas palavras o romance desse casal. Tustino Michaud não respondera muito calorosamente às sondagens do ilustre coronel de couraceiros, quando Montcornet lhe ofereceu a guarda das Aigues: pensava então em voltar ao Exército, mas, no meio dos entendimentos e das propostas que o conduziram ao castelo de Montcornet, viu a criada principal da condessa. Essa moça, confiada à condessa por uns honestos sitiantes dos arredores de Alençon, tinha algumas esperanças de fortuna, vinte ou trinta mil francos, uma vez apuradas todas as heranças. A maneira de tantos agricultores que se casam cedo e cujos maiores ainda vivem, seus pais, estando em dificuldades e já não podendo dar à filha qualquer educação, entregaram-na à condessa. A sra. De Montcornet mandou ensinar corte e costura à srta. Olímpia Charel, deu ordem para que a servissem à parte e foi recompensada por esse carinho com uma dessas dedicações absolutas, tão necessárias às parisienses. Olímpia Charel, bonita normanda, de um louro de tons dourados, ligeiramente gorda, rosto animado por uns olhos inteligentes, notável pelo seu nariz de marquesa, fino e curvo, e pelo ar virginal, apesar da cintura arqueada à espanhola, oferecia todas as distinções que uma jovem de nível imediatamente acima do popular pode obter com a aproximação que sua patroa se digne permitir-lhe. Vestida convenientemente, com aspecto e maneiras decentes, exprimia-se bem. Michaud foi, pois,

conquistado facilmente, sobretudo ao saber que a fortuna de sua amada, mais tarde, seria bem razoável. As dificuldades vieram da condessa, que não queria separar-se de uma criada tão preciosa; mas, quando Montcornet explicou a situação nas Aigues, o casamento não foi mais retardado, a não ser pela necessidade de consultar os pais, cujo consentimento se obteve sem demora.

A exemplo do seu general, Michaud tratou sua jovem esposa como um ser superior, a que lhe competia obedecer cegamente, sem intenções ocultas. Encontrou nessa quietude e em sua vida ocupada lá fora os elementos da felicidade a que aspiram os soldados quando deixam a caserna: bastante trabalho para ocupar o corpo, bastante fadiga para poder gozar os encantos do repouso. Apesar de sua reconhecida intrepidez, Michaud nunca tivera um ferimento grave, não experimentara nenhuma dessas dores que devem azedar o humor dos veteranos; como todas as pessoas realmente fortes, tinha um temperamento igual. Sua mulher amou-o, pois, de modo absoluto. Desde que chegou ao pavilhão, esse casal feliz saboreava as doçuras da lua de mel, em harmonia com a natureza e com a arte cujas criações o cercavam, coincidência bem rara. As coisas em redor de nós nem sempre combinam com o nosso estado de alma.

Naquele momento, tudo era tão bonito que a condessa deteve Blonde e o padre Brossette, pois eles poderiam ver a formosa sra. Michaud sem serem vistos por ela.

— Quando estou passeando, venho sempre por este lado do parque — disse ela, baixinho. — Gosto de contemplar o pavilhão e seus dois pombinhos, como gosto de ver uma bela paisagem.

E apoiou-se significativamente ao braço de Emílio Blondet para fazê-lo compartilhar de certos sentimentos de uma extrema finura, que não saberíamos exprimir, mas que as mulheres adivinharão.

— Eu queria ser porteiro das Aigues — respondeu Blondet, sorrindo. — Mas que é isso? — exclamou, vendo a expressão de tristeza que tais palavras imprimiam no rosto da condessa.

— Nada...

— Sempre que têm algum pensamento importante, as mulheres dizem hipocritamente: “Não tenho nada”.

— Mas podemos estar abismadas em ideias que a vocês parecerão frívolas, e para nós são terríveis. Também eu invejo a sorte de Olímpia...

— Deus a ouça! — disse o padre Brossette, sorrindo, para tirar à frase toda a sua gravidade.

A sra. De Montcornet tornou-se inquieta, percebendo na atitude e no rosto de Olímpia uma expressão de temor e tristeza. Pela maneira como uma mulher puxa a linha a cada ponto, outra mulher descobre o que ela está pensando. De fato, embora trajando um bonito vestido cor-de-rosa, e muito bem penteada, a mulher do guarda-geral não remoía

pensamentos em harmonia com o seu aspecto exterior, com aquele dia lindo e com o seu trabalho. Sua bela testa, seu olhar perdido por instantes na areia ou na folhagem, que ela não via, davam a impressão de uma ansiedade profunda, e tanto mais ingenuamente quanto Olímpia não sabia que estava sendo observada.

— E eu que a invejava!... Que será que a preocupa assim? — disse a condessa ao cura.

— Minha senhora — respondeu baixinho o padre —, explique-me antes por que é que o homem, no meio de uma felicidade perfeita, é sempre invadido por pressentimentos vagos, mas sinistros...

— Cura — respondeu Blondet, sorrindo —, o senhor se permite dar respostas de bispo!... “Nada se rouba, tudo se paga”, dizia Napoleão.

— Uma tal máxima, dita por uma boca imperial, toma proporções iguais às da Sociedade — replicou o sacerdote.

— Então, Olímpia, que é que você tem, minha filha? — disse a condessa, aproximando-se de sua antiga criada. — Está triste, pensativa. Será alguma briga de casal?...

A sra. Michaud, ao levantar-se já tinha mudado de expressão.

— Minha filha — disse Emílio, com ar paternal —, eu gostaria muito de saber o que nos pode preocupar o espírito quando estamos num pavilhão como este, quase tão bem instalados como o Conde d'Artois nas Tuileries. Até parece um ninho de rouxinóis na mata! Pois seu marido não é o rapaz mais valente da Jovem Guarda, um bonito homem que gosta loucamente da senhora? Se eu soubesse das vantagens que Montcornet lhes concede aqui, teria deixado o meu ofício de “enchedor de linguíça” para ser guarda-geral, palavra de honra!

— Isto não é lugar para um homem de sua inteligência, meu senhor — respondeu Olímpia Blondet, sorrindo-lhe como a uma pessoa conhecida.

— Que é que você tem, afinal, minha queridinha? — disse a condessa.

— Ora, minha senhora, tenho medo...

— Medo! De quê? — perguntou vivamente a condessa, a quem esta palavra lembrou Mosquito e Fourchon.

— Medo dos lobos? — disse Emílio, fazendo à sra. Michaud um sinal que ela não compreendeu.

— Não, senhor, dos camponeses. Eu, que nasci no Perche, onde afinal de contas também existem pessoas ruins, não creio que elas sejam tantas nem tão ruins como nesta terra. Na aparência, não me meto com os negócios de Michaud, mas sei que ele desconfia dos camponeses, a ponto de se armar, até mesmo com dia claro, quando tem de atravessar a floresta. Vive dizendo aos guardas que estejam sempre alertas. De tempos em tempos vagueiam por aqui umas caras que não anunciam nada de bom. Outro dia, estava eu perto do muro,

nas nascentes do riacho areento que vem do bosque, entrando no parque a quinhentos passos daqui, por baixo da grade, e que nós chamamos de Fonte de Prata, por causa das palhetas que dizem ter sido espalhadas nele por Bouret... A senhora sabe, não é?... Pois bem, vi duas mulheres lavando roupa, no ponto em que o riacho atravessa a aleia de Couches. Elas não sabiam que eu estava perto. De lá se avista o nosso pavilhão. As duas apontaram para ele. “Gastou-se dinheiro”, dizia uma, “com o tal sujeito que ficou no lugar do Courtecuisse!” “Pois então não se há de pagar bem um homem que atormenta dessa maneira os pobres?”, respondeu a outra. “Não vai atormentar por muito tempo”, retrucou a primeira, “isso tem de acabar. Afinal de contas, a gente tem direito de tirar lenha. A finada patroa das Aigues deixava fazer feixes. Já faz trinta anos, é coisa estabelecida.” “Vamos ver como serão as coisas neste inverno”, continuou a segunda. “Meu homem jurou por todos os demônios que nem a gendarmeria do mundo inteiro proibirá a gente de ir ao mato. Ele também vai, aconteça o que acontecer!” “Louvado seja Deus! Afinal, a gente não pode morrer de frio, tem de assar o seu pão...”, exclamou a primeira. “Aqueles ali não sentem falta de nada. Mas a mulherzinha de Michaud, aquele bandido, há de ser bem tratada, ora se...” Enfim, minha senhora, disseram horrores de mim, da senhora, do senhor conde... Acabaram dizendo que em primeiro lugar serão queimadas as granjas, e depois o castelo...

— Ora! — disse Emílio. — Conversa de lavadeiras. Roubavam o general, e agora não roubarão mais. Essa gente está furiosa, eis aí. Afinal, o governo é sempre o mais forte em toda parte, até mesmo na Borgonha. No caso de um motim, se for preciso, manda-se vir um regimento inteiro de cavalaria.

Por detrás da condessa, o cura fazia sinais à sra. Michaud, para dizer-lhe que calasse os seus temores, os quais eram sem dúvida um efeito da segunda vista que dá a paixão verdadeira. Ocupada exclusivamente com uma só criatura, a alma acaba por abranger o mundo moral que a cerca e nele enxerga os elementos do futuro. Em seu amor, a mulher tem pressentimentos que, mais tarde, vão esclarecer sua maternidade. Daí certas melancolias, certas tristezas inexplicáveis, surpreendendo os homens, que as grandes preocupações da vida e a atividade constante distraem de semelhante concentração. Todo amor verdadeiro, na mulher, se transforma em contemplação ativa, mais ou menos profunda conforme o caráter.

— Vamos, minha filha, mostre o pavilhão ao sr. Blondet — disse a condessa, tão pensativa que esquecera Pechina, objeto de sua vinda.

O interior do pavilhão restaurado harmonizava-se com o seu esplêndido exterior. No rés do chão, restabelecendo as divisões primitivas, o arquiteto vindo de Paris com operários — afronta essa vivamente censurada ao burguês das Aigues pelos moradores de La-

Ville-aux-Fayes — dispusera quatro peças. Em primeiro lugar, a antecâmara, no fundo da qual se encaracolava uma velha escadaria de madeira com balaústre, ficando por trás a cozinha; depois, de cada lado da antecâmara, a sala de jantar e o salão estucado com brasões, todo forrado de carvalho enegrecido. O artista, escolhido pela sra. De Montcornet para a restauração das Aigues, teve o cuidado de harmonizar o mobiliário do salão com os ornatos antigos.

Nessa época, a moda ainda não atribuíra um valor excessivo aos destroços dos séculos passados. As poltronas de nogueira esculpida, as cadeiras estofadas e de alto espaldar, os consolos, os relógios, os liços, as mesas, os lustres jogados nas lojas dos revendedores de Auxerre e de La-Ville-aux-Fayes eram cinquenta por cento mais baratos do que os móveis de pacotilha do Faubourg Saint-Antoine. O arquiteto, pois, tinha comprado duas ou três carradas de velharias bem escolhidas, e estas, ajuntadas ao que fora posto fora de serviço no castelo, fizeram do salão da porta do Avonne uma espécie de criação artística. Quanto à sala de jantar, pintou-a de cor de madeira, forrando-a com o chamado papel escocês, e a sra. Michaud pôs cortinas de janela em percal branco com bordados verdes, cadeiras de acaju forradas de pano verde, dois bufetes enormes e uma mesa de acaju. Esta sala, ornada de gravuras militares, era aquecida por uma lareira de faiança, em cujos ângulos se viam fuzis de caça. Tais magnificências, tão baratas, foram comentadas em todo o vale como a última palavra em matéria de luxo asiático. Coisa estranha: excitaram a cobiça de Gaubertin, que, tendo prometido a si mesmo partir as Aigues em pedaços, se reservou desde então, *in petto*,⁹⁶ aquele esplêndido pavilhão.

No primeiro andar, três quartos compunham a habitação do casal. Viam-se nas janelas cortinas de musselina, que lembravam a um parisiense o arranjo e as fantasias peculiares às casas burguesas. Ali, a sra. Michaud, com liberdade de escolha, quisera papel acetinado. Sobre a lareira do quarto, provido de mobiliário vulgar, em acaju e veludo de Utrecht, e de uma cama com colunas ornadas de coroa, de onde desciam cortinas de musselina bordada, via-se um relógio de alabastro, entre dois castiçais envoltos em gaze e acompanhados de dois vasos artificiais, dentro de uma campânula — presente de casamento do segundo-sargento de cavalaria. Por cima, sob o telhado, os quartos da cozinha, do criado e de Pechina tinham sofrido um pouco com essa restauração.

— Olímpia, minha filha, você está me escondendo alguma coisa? — perguntou a condessa, entrando no quarto da sra. Michaud e deixando na escada Emílio e o cura, que desceram, vendo a porta fechar-se.

A sra. Michaud, que ficara perturbada com a presença do padre Brossette, para não falar de seus temores, muito mais vivos do que deixara perceber, confiou um segredo que fez a condessa lembrar-se da

razão de sua visita.

— Gosto de Michaud, como a senhora sabe; pois bem, a senhora ficaria satisfeita vendo uma rival a seu lado, dentro de sua casa?

— Uma rival?...

— Sim, aquela morena que a senhora me deu para criar gosta de Michaud sem saber. Coitada!... O procedimento dessa pequena foi um mistério para mim durante muito tempo, mas esclareceu-se já há muitos dias...

— Com treze anos!...

— Pois é, minha senhora... E há de concordar em que uma mulher grávida de três meses, que vai amamentar o filho, tem razão para sentir um pouco de medo; mas, para não tocar nisso diante desses senhores, eu falei em tolices sem importância — acrescentou habilmente a generosa esposa do guarda-geral.

A sra. Michaud pouco se inquietava com Genoveva Niseron, mas havia já alguns dias que era presa de terrores mortais, e os camponeses se compraziam em estimulá-los, depois de os terem inspirado.

— E como foi que você percebeu?...

— Por tudo e nada! — respondeu Olímpia, olhando para a condessa. — A pobre pequena, para me obedecer, é de uma moleza de tartaruga, e de uma rapidez de lagarto à menor coisa que Justino lhe peça. Ela treme como uma folha, só de ouvir a voz de meu marido; tem um ar de santa subindo ao céu, quando ele a encara. Mas não desconfia que isso é amor, não sabe que está amando.

— Coitadinha! — disse a condessa, com um sorriso e num tom cheios de ingenuidade.

— Assim — prosseguiu a sra. Michaud, depois de responder com outro sorriso ao da sua antiga patroa —, Genoveva fica preocupada quando Justino está fora; e, se eu pergunto em que é que está pensando, responde que tem medo do sr. Rigou. Bobagens!... Ela pensa que todo mundo a deseje, apesar de parecer um cano de chaminé por dentro. A noite, quando Justino percorre as matas, a pequena fica tão inquieta quanto eu. Se abro a janela ao ouvir o trote do cavalo, vejo uma claridade no quarto de Pechina (é o apelido dela), provando que está acordada, à espera dele; e, como eu, só se deita depois que ele entrou.

— Com treze anos!... — exclamou a condessa. — Que infeliz!...

— Infeliz?... — retrucou Olímpia. — Não acho. Essa paixão de criança é que a salvará.

— De quê?

— Da sorte que aqui espera quase todas as meninas dessa idade. Logo que eu lhe tirei a sujeira, Pechina ficou menos feia; tem qualquer coisa de esquisito, de selvagem, que impressiona os homens... E mudou tanto que a senhora não a reconheceria. O filho desse infame taverneiro do Grand-I-Vert, Nicolau, o maior malandro da comuna, tem más

intenções para com essa pequena, e persegue-a numa verdadeira caçada. A gente custa a acreditar que um homem rico como o sr. Rigou, que muda de criada de três em três anos, tenha perseguido uma rapariga tão feia, desde os doze anos, mas parece que Nicolau Tonsard corre atrás de Pechina, pelo que Justino me contou. Isto seria horrível, pois a gente desta terra vive realmente como os animais; mas, Justino, eu e nossos dois criados velamos sobre a pequena. Quanto a isso, fique sossegada, minha senhora; ela nunca sai sozinha, a não ser em dia claro, e isso mesmo só para ir daqui ao portão de Couches. Se por acaso ela caísse numa armadilha, seu sentimento por Justino lhe daria força e ânimo para resistir, como as mulheres que têm uma afeição sabem resistir ao homem odiado.

— Foi por causa dela que eu vim aqui — continuou a condessa. — Eu não sabia como seria bom para você que eu viesse; porque, minha filha, essa menina vai se tornar cada vez mais bonita!...

— Oh, minha senhora — disse Olímpia, sorrindo —, eu estou segura com relação a Justino. Que homem! Que coração!... Se a senhora soubesse que gratidão profunda ele tem pelo general, a quem deve a felicidade, como ele mesmo diz! Sua dedicação chega a ser exagerada; ele arriscaria a vida como na guerra, e até se esquece de que agora poderá vir a ser pai de família.

— Ah! Estava com pena de você — disse a condessa, lançando a Olímpia um olhar que a fez corar —, mas agora não tenho pena nenhuma, pois vejo que você está feliz. Que coisa nobre e sublime é o amor no casamento! — acrescentou, formulando alto o pensamento que não ousara exprimir diante do padre Brossette.

Virgínia de Troisville permaneceu pensativa, e a sra. Michaud respeitou esse silêncio.

— Vejamos. Essa pequena é séria? — perguntou a condessa, como despertando de um sonho.

— Tanto quanto eu, minha senhora.

— Discreta?...

— Como um túmulo.

— Agradecida?...

— Ah, minha senhora, ela tem rasgos de humildade para comigo que denotam uma natureza angélica; vem me beijar as mãos, me diz coisas de perturbar. “A gente pode morrer de amor?”, perguntou-me anteontem. “Por que você me faz esta pergunta?”, disse-lhe eu. “Para saber se é uma doença...”

— Ela disse isso?...

— Se me lembrasse de tudo quanto ela fala, eu lhe contaria tanta coisa! — respondeu Olímpia. — Ela parece saber mais do que eu a esse respeito...

— Você acredita, minha filha, que ela possa tomar o seu lugar perto

de mim? Não posso passar sem uma Olímpia... — disse a condessa, sorrindo com uma certa tristeza.

— Por enquanto não, minha senhora. É muito moça ainda; mas daqui a dois anos, sim... E daí, se fosse necessário mandá-la embora daqui, eu preveniria a senhora. Está com a educação por fazer, não sabe nada da vida. O avô de Genoveva, o tio Niseron, é desses homens que preferem morrer a pregar mentira. Ele passava fome vigiando um armazém. Isso faz parte de seus princípios, e a neta é educada nesses sentimentos... Pechina seria capaz de se julgar igual à senhora, pois o velhinho fez dela uma republicana, como ele mesmo diz, do mesmo modo que o tio Fourchon fez de Mosquito um boêmio. Eu por mim acho graça em suas loucuras, mas a senhora poderia se aborrecer; ela só a respeita como benfeitora, não como superiora. Que quer? É selvagem como uma andorinha. O sangue materno também influi um pouco em tudo isso...

— Mas quem era a mãe dela?

— A senhora não conhece a história? Pois bem, o filho do velho sacristão de Blangy, um rapagão, pelo que me disseram as pessoas do lugar, foi atingido pelo grande recrutamento. Em 1809, esse Niseron era simples artilheiro num corpo de exército que, lá dos confins da Ilíria e da Dalmácia, teve ordem de acudir através da Hungria para cortar a retirada do Exército austríaco, no caso em que o Imperador vencesse a batalha de Wagram. Foi Michaud que me descreveu a Dalmácia, ele andou por lá. Niseron, na sua qualidade de belo rapaz, tinha conquistado em Zara o coração de uma montenegrina, filha das montanhas, que não desgostava da guarnição francesa. Desmoralizada perante os compatriotas, era impossível a essa rapariga continuar morando na cidade, depois da partida dos franceses. Zena Kropoli, apelidada injuriosamente de “a francesa”, acompanhou, pois, o regimento de artilharia e chegou à França depois da paz. Augusto Niseron pediu permissão para casar com a montenegrina, que estava grávida de Genoveva, mas a infeliz morreu em Vincennes, em consequência do parto, em janeiro de 1810. Os papéis indispensáveis para regularizar o casamento chegaram alguns dias depois. Augusto Niseron escreveu então ao seu pai que fosse buscar a menina com uma ama do lugar e tomasse conta dela. Fez bem, pois foi morto por um estilhaço de obus em Montereau. Registrada com o nome de Genoveva e batizada em Soulanges, a pequena dalmata passou a ser protegida pela srta. Laguerre, que se comoveu muito com essa história, pois parece que era destino da pequena ser adotada pelos donos das Aigues. Nessa ocasião, o tio Niseron recebeu do castelo o enxoval e um auxílio em dinheiro.

Nesse momento, pela janela diante da qual se achavam, Olímpia e a condessa viram Michaud aproximar-se do padre Brossette e de Blondet;

os dois passeavam, conversando, pelo vasto espaço circular, que repetia no parque a meia-lua exterior.

— Mas onde está ela? — disse a condessa. — Você me despertou um desejo incrível de vê-la...

— Foi levar leite à srta. Gaillard, no portão de Couches; deve estar pertinho daqui, pois saiu há mais de uma hora.

— Muito bem, irei com esses senhores atrás dela — disse a sra. De Montcornet, descendo.

No momento em que a condessa abria a sombrinha, Michaud aproximou-se para dizer-lhe que o general a deixara viúva por dois dias, provavelmente.

— Sr. Michaud — respondeu vivamente a condessa —, não me iluda. Aqui está se passando alguma coisa grave. Sua mulher está com medo, e, se houver muitas pessoas parecidas com o tio Fourchon, esta terra é inabitável...

— Se fosse assim, minha senhora — respondeu, rindo, Michaud —, nós não estaríamos mais em pé, pois seria fácil dar cabo da gente. Os camponeses gritam, mais nada. Na hora de passar da gritaria à ação, da infração ao crime, eles se lembram de que têm muito amor à vida, ao ar livre... Com certeza Olímpia lhe contou umas conversas que a assustaram, mas é que ela está num estado em que se assusta até com os sonhos — acrescentou, tomando o braço de sua mulher e colocando-o sobre o seu, como a dizer-lhe que se calasse daí por diante.

— Cornevin! Julieta! — gritou a sra. Michaud, que logo avistou pela janela a cabeça de sua velha cozinheira. — Eu vou aqui pertinho, tomem conta do pavilhão.

Dois cães enormes, começando a uivar, mostraram que o efetivo da guarnição da porta do Avonne era bem considerável. Ouvindo o latido, Cornevin, um velhote do Perche, pai de criação da Olímpia, saiu do macoço, mostrando uma dessas cabeças que só se fabricam no Perche. Cornevin devia ter servido entre os *chouans*,⁹⁷ em 1794 e 1799.

Todos acompanharam a condessa na aleia que, entre as seis da floresta, conduzia diretamente ao portão de Couches, atravessando a Fonte de Prata. A sra. De Montcornet ia à frente, com Blondet. O cura, Michaud e sua mulher falavam em voz baixa sobre o estado de coisas na região, que acabara de ser revelado à condessa.

— Talvez seja providencial — dizia o cura —, pois se a senhora condessa quiser, à custa de benefícios e de doçura, acabaremos transformando essa gente...

A cerca de seiscentos passos do pavilhão, abaixo do riacho, a condessa percebeu na aleia um jarro vermelho, partido, e sinais de leite derramado.

— Que terá acontecido à pequena?... — disse ela, chamando Michaud e sua mulher, que voltavam para o pavilhão.

— Uma desgraça igual à de Perrette⁹⁸ — respondeu-lhe Emílio Blondet.

— Não, a pobrezinha foi apanhada de surpresa e perseguida, pois o jarro foi atirado a um canto — observou o padre Brossette, examinando o terreno.

— Oh! É realmente o pé de Pechina — disse Michaud. — A marca dos pés virados bruscamente revela uma espécie de terror súbito. A pequena lançou-se violentamente para o lado do pavilhão, querendo voltar.

Todo mundo seguia os traços apontados com o dedo pelo guarda-geral, que ia caminhando enquanto os observava, e que parou no meio da aleia, a cem passos do jarro quebrado, no lugar onde cessavam as marcas dos pés de Pechina.

— Daqui — prosseguiu Michaud — ela tomou a direção do Avonne. Talvez estivesse cercada do lado do pavilhão.

— Mas há mais de uma hora que ela saiu! — exclamou a sra. Michaud.

O mesmo terror se pintou em todos os rostos. O cura correu para o pavilhão, examinando o caminho, enquanto Michaud, movido pelo mesmo pensamento, tornou a subir a aleia de Couches.

— Oh, meu Deus, ela caiu lá — disse Michaud, voltando do lugar onde cessavam as pegadas no rumo da Fonte de Prata para o outro onde elas cessavam igualmente no meio da aleia, e mostrou um ponto. — Estão vendo?

De fato, viram todos, sobre a areia, a marca de um corpo estendido.

— As marcas na direção do bosque são de pés calçados com sapatos de corda... — observou o cura.

— Pés de mulher — disse a condessa.

— E lá embaixo, no lugar do jarro quebrado, são pés de homem — acrescentou Michaud.

— Não estou vendo sinal de pés diferentes — disse o cura, que seguiu até o bosque o traço dos sapatos de mulher.

— Com certeza ela foi agarrada e levada para o bosque! — exclamou Michaud.

— Se for pé de mulher, é inexplicável — disse Blondet.

— Há de ser alguma brincadeira desse monstro que é Nicolau — observou Michaud. — Há dias que ele vem espreitando Pechina. Esta manhã, fiquei duas horas debaixo da ponte do Avonne para pegar esse malandro em flagrante. Ele talvez tenha sido ajudado por alguma mulher, na sua façanha.

— É horrível! — exclamou a condessa.

— Eles pensam que estão brincando... — acrescentou o cura, num tom amargo e triste.

— Oh! Pechina não se deixa apanhar — disse o guarda-geral. — Ela é capaz de ter atravessado o Avonne a nado... Vou espiar as margens do

rio. Você, minha querida Olímpia, voltará para o pavilhão, e os cavalheiros, assim como a senhora condessa, ficarão passeando na aleia de Couches.

— Que lugar!... — disse a condessa.

— Em toda parte há gente ruim — respondeu Blondet.

— É verdade, senhor cura — perguntou a sra. De Montcornet —, que eu salvei essa pequena das garras de Rigou?

— Todas as mocinhas de menos de quinze anos que a senhora recolher no castelo serão arrancadas àquele monstro — respondeu o padre. — Tentando atrair essa criança à sua casa, quando ela tinha apenas doze anos, minha senhora, queria o apóstata satisfazer ao mesmo tempo sua libertinagem e sua sede de vingança. Chamando o velho Niseron para sacristão, eu pude fazer com que o pobre homem percebesse as intenções de Rigou, que falava em reparar os erros do tio, meu antecessor no curato. É uma das queixas que o *ex-maire* tem contra mim, e seu ódio aumentou por causa disso... O tio Niseron declarou solenemente a Rigou que o mataria se acontecesse alguma desgraça a Genoveva, e fê-lo responsável por qualquer atentado à honra da pequena. Não estou longe de ver na perseguição de Nicolau Tonsard algum plano infernal desse homem, que se julga com direito a fazer tudo aqui.

— Então ele não tem medo da Justiça?... — perguntou Blondet.

— Em primeiro lugar, é sogro do procurador régio — respondeu o cura, fazendo uma pausa. — Depois, o senhor não avalia a despreocupação profunda da Polícia Cantonal e do Ministério Público com relação a essa gente. Desde que os camponeses não queimem as granjas, não matem, não envenenem, e desde que paguem imposto, podem fazer o que quiserem uns com os outros. É, como eles não têm princípios religiosos, acontecem coisas horríveis. Do outro lado do Avonne, os velhos inermes têm pavor de ficar em casa, pois ninguém lhes dá de comer; por isso, vão para o campo enquanto se aguentam nas pernas, e quando se deitam sabem muito bem que é para morrer, por falta de alimento. Diz o juiz de paz, sr. Sarcus, que, se fôssemos processar todos os criminosos, o Estado se arruinaria com as custas judiciárias.

— Mas esse magistrado sabe ver as coisas — exclamou Blondet.

— Ah! O senhor bispo conhecia muito bem a situação neste vale, sobretudo o estado desta comuna — prosseguiu o cura. — Só a religião poderá remediar tantos males. A lei me parece impotente, freada como está...

O cura foi interrompido por gritos que partiam do bosque. A condessa, precedida por Emílio e pelo padre, penetrou corajosamente na mata, correndo em direção a esses gritos.

XI — O OARISTO, XXVII ÉCLOGA DE TEÓCRITO,⁹⁹ POUCO APRECIADA NO TRIBUNAL DO JÚRI

A sagacidade do selvagem, que o novo ofício tinha desenvolvido em Michaud, junto ao conhecimento das paixões e dos interesses da comuna de Blangy, acabava de explicar, em parte, um terceiro idílio no gênero grego, que os aldeões pobres, como os Tonsard, e os quadragenários ricos, como Rigou, traduzem, conforme a palavra clássica, *livremente*, no recesso do campo.

Nicolau, segundo filho de Tonsard, tirara um número péssimo no sorteio. Dois anos antes, graças à interferência de Soudry, Gaubertin e Sarcus, o Rico, seu irmão fora reformado como inapto para o serviço militar, devido a uma pretensa moléstia nos músculos do braço direito; mas depois, como João Luís manejassem os instrumentos mais aratórios com uma facilidade muito notada, elevou-se a esse respeito, no cantão, um certo sussurro. Soudry, Rigou e Gaubertin, protetores da família, advertiram o taverneiro de que não tentasse subtrair o grande e forte Nicolau à lei do recrutamento. Contudo, Rigou e o *maire* de La-Ville-aux-Fayes sentiam uma necessidade tão viva de agradar aos homens audaciosos e capazes de fazer mal, tão habilmente dirigidos por eles contra as Aigues, que o primeiro deu alguma esperança a Tonsard e a seu filho. Esse monge sem sotaina, que Catarina, excessivamente dedicada ao irmão, visitava de tempos em tempos, aconselhou-lhes que procurassem o general e a condessa.

— Ele talvez não se aborreça em prestar este serviço para lhe ser agradável, e tudo estará resolvido — disse a Catarina o terrível sogro do procurador régio. — Se o Tapeceiro recusar, aí sim nós veremos.

Segundo a previsão de Rigou, a recusa do general devia aumentar com um fato novo as culpas do grande proprietário para com os camponeses e constituir para a coalizão novo motivo de reconhecimento da parte dos Tonsard, no caso em que o seu espírito astuto proporcionasse ao general um meio de isentar Nicolau.

Nicolau, que deveria apresentar-se dentro de poucos dias ao conselho de revisão, depositava pouca esperança na proteção do general, por causa das queixas das Aigues contra a família Tonsard. Sua paixão, ou, se quizerem, sua mania, seu capricho por Pechina ficaram de tal modo excitados pela ideia dessa partida, que não lhe dava mais tempo para seduzi-la, que resolveu usar de violência. O desprezo que a pequena manifestava por seu perseguidor, de par com a resistência obstinada, acendera naquele Lovelace do vale um ódio cujo furor rivalizava com o do seu desejo. Havia três dias que ele espreitava Pechina; por seu lado, a pobre menina sabia que estava sendo espreitada. Havia entre Nicolau e sua presa o mesmo entendimento que há entre o caçador e a caça. Mal Pechina arriscava alguns passos além

da cerca, percebia a cabeça de Nicolau, numa das aleias paralelas ao muro do parque ou na ponte do Avonne. Sem dúvida, ela teria podido subtrair-se a essa odiosa perseguição, contando ao avô; mas todas as raparigas, até as mais ingênuas, por um medo estranho, talvez instintivo, receiam, nessa espécie de aventuras, abrir-se com os seus protetores naturais.

Genoveva tinha ouvido o tio Niseron jurar que mataria o homem, qualquer que ele fosse, que *tocasse* em sua neta — foi esta a sua expressão. O velho supunha aquela menina protegida pela auréola branca que lhe tinha custado setenta anos de honradez. A perspectiva de dramas terríveis assusta suficientemente a imaginação ardente das moças para que seja preciso mergulhar no fundo de seus corações e tirar de lá as muitas e curiosas razões que lhes colam nos lábios o selo do silêncio.

Ao levar o leite que a sra. Michaud mandava à filha de Galhardo, guarda do portão de Couches, cuja vaca tivera uma cria, Pechina não se arriscou antes de proceder a uma investigação, como gata que se aventura fora de casa. Não viu sinal de Nicolau; escutou o silêncio, como diz o poeta, e, nada percebendo, pensou que àquela hora o malandro estaria no trabalho. Os camponeses começavam a cortar o seu centeio, pois eles ceifam antes a parte que lhes toca, a fim de poder ganhar as boas diárias pagas aos ceifeiros. Mas Nicolau não era homem para lamentar o prejuízo de dois dias, tanto mais que deixaria a localidade após a feira de Soulanges, e, para o camponês, sentar praça é começar vida nova.

Quando a menina, com o jarro na cabeça, chegou à metade do caminho, Nicolau deu um pulo de onça do alto de um olmo em cuja folhagem se escondera, e caiu como um raio a seus pés. Pechina jogou fora o jarro, confiando em sua agilidade para voltar ao pavilhão. A cem passos de distância, Catarina Tonsard, que estava à espreita, irrompeu do bosque, dando em Pechina um esbarrão tão forte que a lançou por terra. A violência do choque aturdiu a pequena. Catarina ergueu-a, tomou-a nos braços e levou-a para a mata, no meio de um pequeno campo onde borbulha a nascente da Fonte de Prata.

Grande, vigorosa, semelhante sob todos os aspectos às raparigas que escultores e pintores escolhiam antigamente para modelo da República e hoje para o da Liberdade, Catarina encantava a mocidade do vale do Avonne com os mesmos seios volumosos, as mesmas pernas musculosas, a mesma cintura a um tempo robusta e flexível, os braços carnudos, o olhar aceso como chispa de fogo, o ar altivo, os cabelos enrolados em grandes mechas, a testa máscula, os lábios arregaçados num riso quase feroz, que Eugène Delacroix e David d'Angers¹⁰⁰ captaram e representaram, ambos admiravelmente. Imagem do Povo, a ardente e arrebatada Catarina dardejava insurreição, pelos olhos de um

amarelo-claro, penetrantes, de um atrevimento de soldado. Herdara do pai uma violência tamanha que, na taverna, toda a família, menos Tonsard, tinha medo dela.

— Então, como está, minha velha? — disse ela a Pechina.

De propósito, sentara sua vítima no alto de uma pequena elevação, perto da nascente, fazendo-a recuperar os sentidos com uma efusão de água fria.

— Onde é que eu estou?... — indagou Pechina, levantando os lindos olhos negros, por onde se diria passar um raio de sol.

— Ah! — exclamou Catarina. — Se não fosse eu, você teria morrido...

— Obrigada — respondeu a pequena, ainda completamente atordoada. — Mas que foi que aconteceu comigo, afinal?

— Você tropeçou numa raiz e caiu a quatro passos de distância, feito uma bala... Ah, como você corria! Parecia uma doida.

— Seu irmão é que é culpado — disse a pequena, lembrando-se de que vira Nicolau.

— Meu irmão? Não vi — respondeu Catarina. — Mas afinal, que é que o coitado do Nicolau fez, para você ter tanto medo dele como de um lobisomem? Não é mais bonito do que o seu patrão Michaud?

— Oh! — exclamou Pechina, com altivez.

— Olhe, pequena, você mesma prepara sua desgraça, gostando de nossos perseguidores. Afinal, por que é que você não está do nosso lado?

— Por que é que vocês nunca botam os pés na igreja? E por que furtam dia e noite? — perguntou a menina.

— Você está se deixando levar pela conversa dos burgueses?... — retrucou desdenhosamente Catarina, sem suspeitar da afeição de Pechina. — Os burgueses gostam de nós como da cozinha; todos os dias precisam de um prato novo. Mas onde foi que você viu um burguês casar com uma camponesa igual a gente? Veja lá se Sarcus, o Rico, dá liberdade ao filho para casar com a bela Graciana Giboulard, de Auxerre, apesar de ela ser filha de um marceneiro rico! Você nunca foi ao Tivoli de Soulanges, em casa de Socquard? Pois apareça lá, e há de ver os burgueses. Então você compreenderá que eles mal valem o dinheiro que nós arrancamos quando são apanhados de jeito! Você vai à feira este ano?

— Dizem que é tão bonita a feira de Soulanges! — exclamou ingenuamente Pechina.

— Vou dizer em duas palavras como é. Lá, quando a mulher é linda, olham para ela com apetite. De que serve ser bonita como você é, senão para ser admirada pelos homens? Ah, quando eu ouvi pela primeira vez alguém dizer “Mas que pedaço de moça!”, meu sangue pegou fogo. Foi na casa de Socquard, em pleno baile; meu avô, que tocava clarineta, sorriu. Achei Tivoli tão bonito e tão grande como o céu; lá, minha filha,

tudo é iluminado com candeeiros de vidro. É como se a gente estivesse no paraíso! Os srs. De Soulanges, de Auxerre, de La-Ville-aux-Fayes, todos vão lá. Desde aquela noite, fiquei gostando do lugar onde essa frase soou aos meus ouvidos como um dobrado militar. Qualquer mulher daria a eternidade, minha filha, para ouvir isso do homem a quem ama...

— É, talvez... — respondeu Pechina, pensativamente.

— Pois então, venha receber essa bênção dos homens, que não há de faltar para você! — exclamou Catarina. — É uma felicidade, quando alguém é tão bonita assim, encontrar uma bela sorte... Amaury, o filho do sr. Lupin, aquele que tem umas roupas com botões de ouro, seria capaz de pedir você em casamento... E não é só isso, compreende? Se você soubesse o que a gente encontra lá para acabar com a tristeza! Olhe, o vinho de cheiro de Socquard faz esquecer qualquer aborrecimento. Até faz sonhar, imagine... A gente bebe e se sente mais leve. Mas você nunca bebeu vinho de cheiro? Então não sabe o que é a vida!

O privilégio, reservado às pessoas grandes, de molhar a garganta de tempos em tempos com um copo de vinho de cheiro excita de tal modo a curiosidade das crianças de menos de doze anos que certa vez Genoveva mergulhara os lábios num cálice dessa bebida, receitada pelo médico ao seu avô doente. A prova deixara na lembrança da pobre menina uma espécie de magia, suficiente para explicar a atenção que ela dispensou a Catarina e com que contava essa rapariga perversa para executar o seu plano, já em parte bem-sucedido. Queria sem dúvida fazer com que a vítima, atordoada pela queda, chegasse a esse estado de embriaguez moral, tão perigoso para as moças do campo, cuja imaginação desprovida de objeto por isso mesmo se torna mais ardente logo que pode exercitar-se. O vinho de cheiro, que ela guardava como reserva, deveria acabar de transtornar a cabeça de sua vítima.

— Mas afinal que há dentro dele? — indagou Pechina.

— Tudo! — respondeu Catarina, olhando para o lado a fim de ver se seu irmão chegava. — Em primeiro lugar, uns que vêm das índias, canela, ervas, que mudam a gente como por encanto. A pessoa chega a acreditar que possui aquilo de que gosta! E fica tão feliz!... A pessoa se sente rica e zomba de tudo...

— Eu cá teria medo de beber vinho de cheiro no baile...

— Por quê? Não há o menor perigo. Ora, pense um pouco em toda essa gente que vai lá. Os burgueses todos olhando para nós! Ah, dias assim é que nos fazem aguentar tanta miséria... A gente morreria satisfeita depois de ver uma coisa como essa.

— Se o sr. Michaud e a mulher quisessem ir lá... — murmurou Pechina, com o olhar em brasa.

— Mas você não abandonou seu avô Niseron, aquele pobre e querido

velhinho, e ele ficaria orgulhoso ao ver você cortejada como uma rainha... Será que você prefere esses *arminacs*, como Michaud e outros, a seu avô e aos borguinhões? Não é direito renegar nossa terra! E depois, afinal de contas, que é que os Michaud poderiam dizer se seu avô levasse você à festa de Soulanges?... Ah, se você soubesse como é bom dominar um homem, enlouquecê-lo, poder dizer “Vá ali!”, como eu digo a Godain, e ele ir! “Faça isso!” e ele fazer! Você, pequena, está em condições de virar a cabeça de um burguês como o filho do sr. Lupin. Quando eu penso que o sr. Amaury gostou de minha irmã Maria porque ela é loura, ao passo que ele quase tem medo de mim... Mas você, depois de enfeitada por aquela gente do pavilhão, até parece imperatriz.

Enquanto, com habilidade, fazia Pechina esquecer Nicolau para dissipar a desconfiança daquela alma ingênua, Catarina destilava nela, sutilmente, a ambrosia da lisonja. Sem saber, tocara na ferida secreta daquele coração. Pechina, embora não fosse mais que uma pobre camponesa, oferecia o espetáculo de uma precocidade assustadora, como tantas outras criaturas destinadas a acabar prematuramente, como floresceram. Produto singular do sangue montenegrino e do sangue borguinhão, concebida e levada através das fadigas da guerra, sem dúvida se ressentiria dessas circunstâncias. Pequena, frágil, franzina, trigueira como uma folha de fumo, possuía uma força inacreditável, mas oculta aos olhos dos camponeses, que desconhecem o mistério das organizações nervosas. Não se admitem nervos na ciência médica dos campos.

Aos treze anos, Genoveva parara de crescer, embora tivesse apenas o tamanho de uma criança dessa idade. Que o rosto devesse à sua origem ou ao sol da Borgonha aquela tez de topázio, sombria e brilhante ao mesmo tempo, sombria pela cor, brilhante pela granulação do tecido, que dá às meninas um ar avelhentado — talvez a ciência médica nos censurasse por afirmá-lo. Essa velhice antecipada da máscara era resgatada pela vivacidade, pelo brilho, pela riqueza de luz, que faziam dos olhos de Pechina duas estrelas. Como em certos olhos cheios de sol, que precisam talvez de abrigos poderosos, as pupilas eram dotadas de cílios de um comprimento quase desmesurado. Os cabelos, de um negro azulado, finos, longos e abundantes, coroavam com suas grossas tranças uma testa modelada como a da antiga Juno. Esse magnífico diadema de cabelos, esses grandes olhos armênios, essa fronte celestial esmagavam o rosto. O nariz, embora de forma pura em sua origem, e com uma curva elegante, terminava numa espécie de ventas cavallares, achatadas. Às vezes a paixão arregaçava essas narinas, e a fisionomia tomava então uma expressão furiosa. Tal como o nariz, toda a parte inferior do rosto parecia inacabada, como se tivesse faltado argila aos dedos do divino escultor. Entre o lábio inferior e o mento, o espaço era tão curto que alguém, tomando Pechina pelo queixo, lhe tocara os

lábios; mas os dentes não deixavam que se prestasse atenção a esse defeito. Qualquer pessoa emprestaria uma alma a esses ossinhos finos, brilhantes, envernizados, bem cortados, transparentes e que a boca muito fendida, acentuada por sinuosidades que davam aos lábios certa semelhança com as bizarras torções do coral, permitia ver sem dificuldade. A luz passava tão facilmente através da concha das orelhas que esta parecia rósea sob o sol pleno. A tez, embora queimada, revelava uma finura maravilhosa de carne. Se o amor reside no tato, como disse Buffon,¹⁰¹ a doçura de tal pele devia ser ativa e penetrante como o aroma do estramônio. O busto, do mesmo modo que o corpo, impressionava pela magreza, mas os pés e as mãos, de uma pequenez provocante, denunciavam alta capacidade nervosa e uma organização cheia de vida. Essa mistura de imperfeições diabólicas e belezas divinas, harmoniosa apesar de tantas discordâncias, pois tendia à unidade por meio de uma altivez selvagem, e ainda, escrito nos olhos, esse desafio de uma alma possante a um corpo fraco, tudo tornava inesquecível essa menina. A natureza tinha querido fazer desse pequeno ser uma mulher; as circunstâncias da concepção deram-lhe o corpo e o rosto de um rapaz. Vendo essa estranha rapariga, um poeta lhe teria dado o Iêmen como pátria; tinha algo da África e do gênio dos contos árabes. A fisionomia de Pechina não mentia. Tinha a alma de seu olhar de fogo, o espírito de seus lábios iluminados por uns dentes soberbos, a concentração de sua testa sublime, o furor de suas narinas prestes a relinchar. Por isso é que o amor, tal como o imaginamos nas areias ardentes do deserto, agitava aquele coração de vinte anos, a despeito dos treze anos da garota do Montenegro, que, à maneira desse cume nevado, jamais deveria engalanar-se com as flores da primavera.

Os observadores compreenderão agora por que Pechina, exalando paixão por todos os poros, despertava em naturezas perversas a fantasia adormecida pelo abuso, do mesmo modo que à mesa nos vem água à boca diante dessas frutas disformes, furadas, manchadas de negro, que os glutões conhecem por experiência e sob cuja: casca a natureza se compraz em dispor sabores e perfumes seletos. Por que motivo Nicolau, um operário vulgar, perseguia essa criatura digna de um poeta, quando toda gente no vale tinha pena dela como se fosse um monstrengo doentio? Por que motivo o velho Rigou lhe consagrava uma paixão de rapaz? Estaria o jovem camponês tão corrompido quanto o velho? Como se reuniam num comum e sinistro capricho os dois extremos da vida? A força que acaba se assemelha à força que começa? Os desregramentos do homem são abismos guardados por esfinges: quase todos começam e terminam por perguntas sem resposta.

Pode-se compreender agora aquela exclamação: “Piccina!...”, que escapara à condessa, quando no ano anterior vira Genoveva no caminho, pasmada diante de uma caleça e de uma mulher vestida como

a sra. De Montcornet. Aquela moça, que era quase um aborto, com uma energia montenegrina, amava o grande, o belo, o nobre guarda-geral, mas como as crianças dessa idade sabem amar, quando amam, isto é, com a raiva de um desejo infantil, com as forças da mocidade e com o devotamento que nas verdadeiras virgens cria uma verdadeira poesia. Catarina acabava, pois, de passar mão grosseira sobre as cordas mais sensíveis daquela harpa, esticadas ao extremo. Dançar aos olhos de Michaud, ir à festa de Soulanges, brilhar lá, ficar gravada na lembrança daquele senhor adorado?... Que ideias! Lançá-las naquela cabecinha vulcânica não seria o mesmo que lançar carvões acesos na palha exposta ao sol de agosto?

— Não, Catarina — respondeu ela —, eu sou feia, insignificante. Meu destino é viver num canto, ficar solteira e sozinha no mundo.

— Os homens gostam das *doentinhas* — respondeu Catarina. — Você está reparando bem em mim? — prosseguiu, mostrando os seus formosos braços. — Eu agrado a Godain, que é um verdadeiro sapo; agrado ao pequeno Carlos, criado do conde, mas já o filho de Lupin tem medo de mim. Repito: são os homenzinhos que me amam e que dizem em La-Ville-aux-Fayes e em Soulanges: “Mas que pedaço de moça!”. Pois é isso, você agradará aos homens bonitos...

— Ah, Catarina, se fosse verdade!... — exclamou Pechina, encantada.

— Ora! Isso é tão certo que Nicolau, o homem mais bonito do cantão, está louco por você; vive sonhando com você, a ponto de perder o juízo, e no entanto todas as moças gostam dele... Que rapaz imponente! Se você puser um vestido branco com fitas amarelas, ficará sendo a mais bonita de todas em casa de Socquard, no dia de Nossa Senhora, diante da alta sociedade de La-Ville-aux-Fayes. Quer ir, afinal?... Olhe, eu estava ali cortando capim para as vacas. Tenho na cabaça um pouco de vinho de cheiro que Socquard me deu hoje de manhã — prosseguiu ela, vendo nos olhos de Pechina essa expressão delirante que todas as mulheres conhecem. — Eu sou boazinha, vamos dividi-lo... Você vai sentir que é amada...

Durante essa conversa, procurando as moitas de capim para pisar, Nicolau deslizara, sem ruído, até o tronco de um grande carvalho pouco distante da elevação onde sua irmã sentara a mocinha. Catarina, que de momento a momento lançava os olhos em redor, acabou avistando o irmão quando apanhava a cabaça de vinho.

— Vamos, comece — disse ela à pequena.

— Está queimando! — exclamou Genoveva, devolvendo a cabaça a Catarina, depois de beber dois goles.

— Tola! Olhe aqui — respondeu Catarina esvaziando de um trago o frasco rústico. — Repare como desce! É como um raio de sol brilhando no estômago...

— E eu que devia ter levado o leite para a srta. Gaillard!... —

exclamou Pechina. — Nicolau me pregou um susto!...

— Então você gosta de Nicolau?

— Não — respondeu Pechina. — Que tem ele de me perseguir? Não falta quem queira agradecer a ele.

— Mas, pequena, se ele prefere você a todas as moças do vale...

— Estou zangada com ele.

— Bem se vê que você não o conhece — disse Catarina.

Com uma rapidez fulminante, dizendo essa frase perversa, Catarina Tonsard agarrou Pechina pela cintura, derrubou-a sobre o capim e privou-a de todas as forças, pondo-a deitada ao comprido e mantendo-a nessa posição perigosa. Avistando o seu odioso perseguidor, a menina começou a gritar a plenos pulmões, e mandou Nicolau a cinco passos de distância, com um pontapé no ventre; depois, virou-se sobre si mesma como uma acrobata, com uma agilidade que iludiu os cálculos de Catarina, e levantou-se para fugir. Catarina, continuando deitada, estendeu a mão, segurou Pechina pelo pé, e fê-la tombar redondamente, com o rosto contra o chão. Essa queda horrível emudeceu os gritos reiterados da corajosa montenegrina. Nicolau, que se reanimara apesar da violência do golpe, voltou furioso e quis agarrar sua vítima. Ante o perigo, embora estonteada pelo vinho, a pequena agarrou-o pela garganta, apertando-a num cinto de ferro.

— Ela está me estrangulando! Acode, Catarina! — berrava Nicolau, com uma voz que dificilmente atravessava a laringe.

Também Pechina soltava gritos agudos. Catarina tentou abafá-los pondo a mão na boca da menina, que a mordeu até sair sangue. Foi então que Blondet, o cura e a condessa apareceram na extremidade do bosque.

— Estão aí os burgueses das Aigues — disse Catarina, ajudando Genoveva a levantar-se.

— Você quer viver? — perguntou Nicolau à menina, com voz rouca.

— E daí?

— Diga que nós estávamos brincando, e eu perdoo você — continuou Nicolau, com ar sombrio.

— Cachorrinha! Vai dizer ou não?... — exclamou Catarina, cujo olhar ainda era mais terrível do que a ameaça criminosa de Nicolau.

— Direi, se vocês me deixarem sossegada — respondeu a menina. — E não saio mais de casa sem minha tesoura!

— Cale essa boca, senão eu jogo você no Avonne — disse a feroz Catarina.

— Vocês são uns monstros! — gritou o cura. — Mereciam ser presos e levados ao tribunal do júri!

— Ora, que é que os senhores fazem nos seus salões? — perguntou Nicolau, encarando Blondet e a condessa, que estremeceram. — Brincam, não é assim? Pois bem, os campos são para nós, e, como não

se pode trabalhar sempre, nós também estávamos brincando... Perguntem a minha irmã e a Pechina.

— Mas como é que estavam lutando? Então é assim que se brinca?... — exclamou Blondet.

Nicolau lançou a Blondet um olhar de assassino.

— Vamos, fale — disse Catarina, segurando Pechina pelo antebraço e apertando-o até deixar nele uma pulseira azulada. — Não é verdade que nós nos divertíamos?...

— É, sim, senhora, nós nos divertíamos — disse a menina, esgotada pelo uso de suas forças, e caindo sobre si mesma, como se fosse desmaiar.

— A senhora escutou? — exclamou cinicamente Catarina, lançando à condessa um desses olhares de mulher para mulher, que são como punhaladas.

Tomou o braço do irmão, e os dois se foram, sem se iludir quanto às ideias que haviam inspirado aos três observadores. Nicolau voltou-se duas vezes, e duas vezes encontrou o olhar de Blondet, que media de alto a baixo aquele grande malandro, de cinco pés e oito polegadas de altura, de coloração vigorosa, cabelos negros e crespos, espáduas largas, e cujo rosto bastante suave ostentava nos lábios e em redor da boca traços onde se adivinhava a crueldade peculiar aos voluptuosos e aos vadios. Catarina fazia ondular sua saia branca de listras azuis, com uma faceirice perversa.

— Caim e sua mulher! — disse Blondet para o cura.

— O senhor não sabe até que ponto acertou — replicou o padre Brossette.

— Ah, senhor padre, que é que eles vão fazer comigo? — disse Pechina, quando irmão e irmã já se achavam a uma distância de onde não podiam escutá-la.

Branca, da cor do lenço, a condessa sentia um pasmo tamanho que não escutava Blondet nem o cura nem Pechina.

— É de fazer a gente fugir desse paraíso terrestre... — disse ela, enfim. — Mas, antes de tudo, salvemos esta menina das garras deles.

— A senhora tinha razão, esta menina é todo um poema, um poema vivo — disse Blondet à condessa, baixinho.

No momento, a montenegrina achava-se nesse estado em que corpo e alma fumegam, por assim dizer, após o incêndio de uma cólera em que todas as forças físicas e intelectuais consumiram suas reservas de energia. É um esplendor inaudito, supremo, que somente brota ante a pressão do fanatismo, da resistência ou da vitória, seja no amor como no martírio. Tendo saído de casa com um vestido de listras amarelas e castanhas alternadas, com uma gola que ela mesma pregueara de manhã cedinho, a garota não reparara ainda no desalinho do vestido sujo de terra e da gola amarrotada. Sentindo que seus cabelos estavam

soltos, procurou o pente. Foi durante esse primeiro momento de perturbação que Michaud, também atraído pelos gritos, apareceu no local da cena. Vendo seu deus, Pechina recobrou toda a energia.

— Ele nem sequer me tocou, sr. Michaud! — exclamou ela.

O grito, o olhar e o movimento, que lhe serviram de comentário eloquente, num instante disseram ao cura mais do que a sra. Michaud dissera à condessa quanto à paixão da estranha rapariga pelo guarda-geral, que não desconfiava disso.

— Miserável! — exclamou Michaud.

E com o gesto involuntário e impotente que tanto escapa aos loucos como aos ajuizados, ele ameaçou Nicolau, cuja elevada estatura projetava uma sombra no bosque onde se ia internando com a irmã.

— Então, não estavam brincando? — perguntou o padre Brossette, lançando a Pechina um olhar malicioso.

— Não a atormente — disse a condessa. — Vamos voltar.

Apesar do abatimento, Pechina tirou de sua paixão força bastante para andar; seu senhor adorado a contemplava! A condessa ia atrás de Michaud, seguindo um desses atalhos conhecidos apenas pelos caçadores furtivos e pelos guardas, onde não podem caminhar duas pessoas juntas, e que levava direto ao portão do Avonne.

— Michaud — disse ela no interior do bosque —, precisamos achar um meio de livrar a região desse rapaz perverso. A menina talvez esteja ameaçada de morte.

— Em primeiro lugar — respondeu Michaud —, Genoveva não sairá mais do pavilhão. Minha mulher levará para nossa casa o sobrinho de Vatel, que cuida das aleias do parque. Porei no lugar dele um rapaz conterrâneo de minha mulher, pois não convém botar nas Aigues pessoas que não sejam de confiança. Com Gounod lá em casa, além de Cornevin, as vacas ficarão bem guardadas e Pechina só sairá acompanhada.

— Direi a meu marido que o indenize por esse aumento de despesa — respondeu a condessa. — Mas isso não nos livrará de Nicolau. Como é que havemos de consegui-lo?

— O meio é muito simples, e já foi encontrado — respondeu Michaud. — Dentro de poucos dias Nicolau deve se apresentar ao conselho de revisão; em vez de pedir sua dispensa, o general, em cuja proteção confiam os Tonsard, terá apenas de se queixar dele.

— Se for preciso, eu mesma irei procurar o meu primo de Castéran, que é nosso prefeito. Mas, até lá, tenho medo...

Estas palavras foram trocadas na extremidade do atalho que desembocava na praça circular. Chegando à beira do fosso, a condessa não pôde reprimir um grito; Michaud correu a ampará-la, supondo que ela se ferira nalgum espinho seco, mas sobressaltou-se com o espetáculo que se oferecia a seu olhar.

Maria e Bonnébault, sentados no talude do fosso, pareciam conversar, e sem dúvida se tinham escondido ali à escuta. Evidentemente, tinham deixado seu lugar no bosque ao perceber que vinha gente e reconhecer vozes burguesas.

Após seis anos de serviço na cavalaria, Bonnébault, rapaz alto e seco, voltara havia já alguns meses a Couches, com uma dispensa definitiva que ficara devendo a seu mau procedimento; era capaz de estragar com seu exemplo os melhores soldados. Além dos bigodes, ostentava uma cicatriz profunda, particularidade que, junta ao prestígio da farda, adquirido pelos soldados no regime da caserna, fizera de Bonnébault a coqueluche das moças do vale. Como os militares, usava os cabelos de trás muito curtos, anelava os do alto da cabeça, levantava-os nas têmporas com faceirice e punha arrogantemente de lado o seu boné de polícia. Enfim, comparado aos camponeses, quase todos andrajosos como Fourchon e Mosquito, era soberbo com sua calça de algodão, suas botas e seu paletozinho curto. Essas roupas, compradas por ocasião de sua dispensa, ressentiam-se dos efeitos da reforma e da vida no campo, mas o galo da aldeia possuía outras melhores para os dias de festa. Vivia, digamos assim, da liberalidade de suas amiguinhas, que mal chegava para as dissipações, as libações, os excessos de todo gênero a que arrastava a frequência do Café da Paz.

Não obstante seu rosto redondo, chato, bastante agradável à primeira vista, esse malandro tinha algo de sinistro. Era zarolho, isto é, um dos seus olhos não acompanhava os movimentos do outro; não era propriamente vesgo, mas seus olhos não andavam sempre juntos, para pedir à pintura uma de suas expressões. Esse defeito, embora ligeiro, dava-lhe ao olhar uma expressão tenebrosa, inquietante, pois era ligado a um movimento da testa e das sobrancelhas que revelava certa covardia moral, certa inclinação para a ignomínia.

A covardia é como a coragem: tem muitas espécies. Bonnébault, que se teria batido como o mais bravo soldado, era fraco diante de seus vícios e suas fantasias. Preguiçoso como um lagarto, diligente apenas naquilo que lhe agradasse, sem nenhuma delicadeza, ao mesmo tempo altivo e mesquinho, descuidado e capaz de tudo, a felicidade desse *quebrador de pratos e corações*, para nos servirmos de uma expressão de caserna, consistia em fazer coisas más, em devastar. No campo, um caráter desse tipo constitui exemplo tão mau como no regimento. A maneira de Tonsard e Fourchon, Bonnébault queria viver bem sem fazer nada. Para isso *traçara o seu plano*, conforme a locução do dicionário Vermiguel-Fourchon. Ao mesmo tempo que explorava com êxito crescente seu garbo, e com resultados variáveis seu talento no bilhar, vangloriava-se, como frequentador do Café da Paz, de que acabaria se casando com a srta. Aglae Socquard, filha única do tio Socquard, proprietário do estabelecimento, que, guardadas as

proporções, era para Soulanges, como se verá daqui a pouco, o que o Ranelagh é para o Bois de Boulogne.¹⁰²

Abraçar a profissão de taverneiro, fazer-se empresário de bailes populares — essa bela sorte parecia ser realmente um fim de carreira para um vadio. Aqueles costumes, aquela vida, aquele caráter estavam inscritos tão suamente no rosto desse viver de baixa categoria que a condessa deixou escapar uma exclamação à vista daquele par, numa impressão tão viva como a que lhe causaria a visão de duas serpentes.

Louca por Bonnébault, Maria era capaz de roubar para satisfazê-lo. Aquele bigode, aquela *desenvoltura* de clarim, aquele ar casquilho penetravam-lhe o coração como o jeito de andar, o porte, as maneiras de um De Marsay¹⁰³ agradam a uma jovem parisiense. Cada esfera social tem sua distinção. A ciumenta Maria desprezava Amaury, outro presunçoso da cidadezinha; queria ser a sra. Bonnébault!

— Olá! Vocês aí, vêm ou não vêm?... — gritaram de longe Nicolau e Catarina, avistando Bonnébault e Maria.

Esse grito agudíssimo ecoou na mata como um apelo selvagem.

Vendo as duas criaturas Michaud estremeceu, arrependendo-se vivamente de ter falado. Se Bonnébault e Maria tivessem escutado a conversa, daí só poderiam resultar coisas desagradáveis. Esse fato, na aparência mínimo, na situação irritante em que se achavam as Aigues em face dos camponeses devia ter influência decisiva, como nas batalhas a vitória ou a derrota dependem de um riacho que um pastor salta a pés juntos e diante do qual a artilharia se detém.

Depois de cumprimentar com galanteria a condessa, Bonnébault tomou o braço de Maria, com ar de conquistador, e afastou-se triunfalmente.

— É o *abridor de corações* do vale — disse Michaud à condessa, baixinho, servindo-se da expressão de caserna que significa Dom Juan. — Homem bastante perigoso. Se perder vinte francos no bilhar, qualquer pessoa poderia induzi-lo a matar Rigou!... Está sempre tão disposto para o crime como para gozar a vida.

— Já vi bastante por hoje — respondeu a condessa, tomando Emílio pelo braço. — Vamos voltar, meus senhores.

Cumprimentou melancolicamente a sra. Michaud ao ver Pechina entrar no pavilhão. A tristeza de Olímpia comunicara-se à condessa.

— Como é isso, minha senhora? — exclamou o padre Brossette. — Então a dificuldade em fazer o bem aqui a levaria a desistir? Há cinco anos que eu durmo numa enxerga, moro num presbitério sem móveis, celebro missa sem fiéis para ouvi-la, prego sem auditório, sou curacônomo sem renda eventual nem gratificação, vivo com os seiscentos francos do Estado sem pedir coisa alguma ao senhor bispo e distribuo em atos de caridade a terça parte do que ganho. E, apesar de tudo, não desespero! Se a senhora soubesse o que são os meus invernos aqui,

compreenderia todo o alcance desta palavra... Só me aqueço com a ideia de salvar este vale, reconquistá-lo para Deus. Não se trata de nós, minha senhora, mas do futuro. Se fomos designados para dizer aos camponeses: “Saibam ser pobres!”, isto é, “Sofram, sejam resignados, trabalhem!”, devemos dizer aos ricos: “Saibam ser ricos!”, isto é, inteligentes na beneficência, piedosos e dignos do lugar que Deus lhes reservou. Pois bem, minha senhora, os ricos não são mais do que depositários do poder que dá a fortuna, e, se não obedecerem às ordens desse poder, não a transmitirão a seus filhos tal como a receberam. Despojam a sua posteridade. Se a senhora continuar com o egoísmo da cantora, que pela sua displicência foi sem dúvida causadora do mal cuja extensão hoje a aterroriza, há de tornar a ver os cadafalsos onde morreram seus antecessores por culpa dos pais. Fazer o bem obscuramente num canto da terra, como Rigou, por exemplo, faz o mal... Ah, eis aí as preces, em forma de atos, que agradam a Deus! Se em cada comuna três pessoas quisessem o bem de todos, a França, esse nosso belo país, estaria salva do abismo para onde corremos e para o qual nos arrasta uma irreligiosa indiferença a tudo o que não seja nós mesmos!... Mudem, mudem antes de mais nada seus costumes, e depois mudarão suas leis!...

Embora profundamente emocionada com esse impulso de caridade verdadeiramente católica, a condessa respondeu com o fatal “Vamos ver!” dos ricos, onde se contêm promessas suficientes para que eles se livrem de um apelo à bolsa e que mais tarde lhes permitirá cruzar os braços diante de qualquer desgraça, sob a alegação de que já está consumada.

Ouvindo essa frase, o padre Brossette cumprimentou a sra. De Montcornet e tomou por uma aleia que conduzia diretamente ao portão de Blangy.

“O festim de Baltasar¹⁰⁴ será, pois, o símbolo eterno dos últimos dias de uma casta, de uma oligarquia, de uma dominação!” Disse ele consigo mesmo, quando já se achava a dez passos de distância. “Meu Deus! Se a vossa santa vontade é desencadear os pobres como uma torrente para transformar as sociedades, então compreendo que tenhais cegado os ricos!...”

XII — DE COMO A TAVERNA É O PARLAMENTO DO POVO

Gritando ensurdecedoramente, a velha Tonsard atraía algumas pessoas de Blangy, curiosas por saber o que se passava no Grand-I-Vert, pois a distância entre a aldeia e a taverna não era maior do que a da

taverna ao portão de Blangy. Um dos curiosos era precisamente o velhinho Niseron, avô de Pechina, que após o segundo toque do ângelus voltava para cuidar de alguns palmos de vinha, seu último pedaço de terra.

Curvado pelo trabalho, com o rosto pálido e os cabelos de prata, o velho vinhateiro que, sozinho, representava toda a honradez da comuna durante a Revolução presidente do Clube dos Jacobinos em La-Ville-aux-Fayes e membro do tribunal revolucionário no distrito. João Francisco Niseron, feito da mesma madeira em que foram talhados os Apóstolos, era então o retrato, sempre igual em todos os pincéis, daquele São Pedro em que os pintores figuraram a testa quadrada do Povo, a ondulação natural da vasta cabeleira do Trabalhador, os músculos do Proletário, a tez do Pescador, o nariz vigoroso, a boca meio trocista que zomba do infortúnio, em suma, a aparência do Homem Forte que corta lenha no mato próximo, para fazer o jantar, enquanto discorrem os doutrinadores da coisa.

Era assim há quarenta anos o nobre homem, duro como ferro, puro como ouro. Advogado do povo, acreditou naquilo que devia ser uma república, ao retumbar desse nome talvez mais formidável ainda do que a ideia. Acreditou na república de Jean-Jacques Rousseau, na fraternidade dos homens, na reciprocidade dos bons sentimentos, no reconhecimento do mérito, na escolha sem intrigas, em tudo, enfim, que o tamanho reduzido de uma circunscrição torna possível, como em Esparta, mas que as proporções de um império tornam quimérico. Subscreveu suas ideias com seu sangue: seu filho único seguiu para a fronteira; fez mais do que isso, subscreveu-as com seus interesses, derradeiro sacrifício do egoísmo. Sobrinho e herdeiro único do cura de Blangy, esse tribuno onipotente dos campos poderia tomar para si a herança da bela Arsênia, graciosa criada do defunto; respeitou a vontade do testador, aceitando a miséria que veio para ele tão prontamente como a decadência para sua república.

Jamais um níquel, um ramo de árvore pertencente a outrem passou pelas mãos desse republicano sublime, capaz de tornar aceitável a República, se fizesse escola. Recusava-se a adquirir bens nacionais, e negava à República o direito de confisco. Em resposta aos apelos do Comitê de Salvação Pública, ele queria que a virtude dos cidadãos fizesse pela santa pátria os milagres que os intrigantes do poder queriam operar a preço de ouro. Esse homem antigo acusava publicamente Gaubertin pai pelas suas traições secretas, suas complacências e seus furtos. Censurava Mouchon, o virtuoso, representante do povo cuja virtude era simplesmente incapacidade, como a de tantos outros que, dispondo dos maiores recursos políticos jamais proporcionados por uma nação, armados, enfim, com toda a força de um povo, não souberam tirar disso, em proveito da França,

aquela grandeza que Richelieu soube extrair da fraqueza de seu rei. O cidadão Niseron tornou-se, pois, uma censura viva para toda a gente. Esmagaram logo o velhinho sob a avalanche do esquecimento, com esta frase terrível: “Ele não está satisfeito com coisa alguma!”, que era a frase dos que se tinham fartado durante a sedição.

O novo camponês do Danúbio¹⁰⁵ regressou à sua casa em Blangy, de onde viu murcharem uma a uma suas ilusões, enquanto a República ia acabar à procura de um imperador; caiu na mais completa miséria, sob as vistas de Rigou, que soube hipocritamente reduzi-lo a esse estado. Sabem por quê? João Francisco Niseron jamais quis aceitar coisa alguma de Rigou. Essas recusas reiteradas mostraram ao usurpador da herança o profundo desprezo que lhe votava o sobrinho do cura. Finalmente, esse desprezo glacial acabava de ser coroado pela terrível ameaça de que o padre Brossette falara à condessa.

Dos doze anos da República francesa o velho fizera para si mesmo uma história especial, exclusivamente cheia dos rasgos grandiosos que imortalizarão esse período heroico. Infâmias, massacres, espoliações, o bom velho preferia ignorá-los; admirava antes os devotamentos, o *Vingador*,¹⁰⁶ as oferendas à pátria, a arremetida do povo nas fronteiras, e prosseguia em seu sonho para se embalar nele.

A Revolução teve muitos outros poetas como o tio Niseron, que entoaram seus cânticos no interior do país ou no Exército, secretamente ou à luz do dia, em atos submersos sob as ondas daquele furacão, do mesmo modo que, no Império, os feridos abandonados gritavam antes de morrer: “Viva o Imperador!”. Esse tom sublime é peculiar à França. O padre Brossette respeitara essa convicção inofensiva. O velho afeiçoara-se ingenuamente ao cura graças a uma única frase dita por este: “A verdadeira república está no Evangelho”. E o antigo republicano carregava a cruz, vestia a opa vermelha e negra, mostrava-se digno e sério na igreja, e vivia das tríplices funções em que o investira o padre Brossette, que quis dar ao pobre homem, não com que viver, mas com que não morrer de fome.

Esse velho, o Aristides¹⁰⁷ de Blangy, como todos os nobres iludidos que se envolvem no manto da resignação, falava pouco, mas nunca deixava de reprovar o mal; por isso, os camponeses temiam-no como o ladrão teme a polícia. Ia raríssimas vezes por ano ao Grand-I-Vert, embora sempre lhe fizessem festas lá. Amaldiçoava a falta de caridade dos ricos, cujo egoísmo o revoltava, e isso era como uma fibra a ligá-lo permanentemente aos camponeses. Por isso é que se dizia: “O tio Niseron não gosta dos ricos. Ele é dos nossos!”.

Como coroa cívica, sua bela vida merecera de todo o vale estas palavras: “Como é extraordinário o tio Niseron! Não há homem mais honesto do que ele!”. Escolhido frequentemente para árbitro soberano de certos litígios, ele concretizava esta expressão magnífica: *o velho da*

aldeia.

Esse velho, extremamente limpo embora desprovido de tudo, usava sempre calção, meias pretas e grossas, sapatos ferrados, a casaca meio francesa de grandes botões conservada pelos camponeses idosos e chapéu de feltro de abas largas; nos dias comuns, entretanto, punha uma jaqueta de algodão azul, tão remendada que parecia uma tapeçaria. A altivez do homem que se sente livre e digno da liberdade emprestava-lhe à fisionomia e ao andar um não sei quê de nobre. Enfim, usava uma roupa e não uns andrajos!

— Então, velha, que há de extraordinário? Eu escutei você lá da torre — disse ele.

Contaram ao velho o atentado contra Vatel, mas todos falando ao mesmo tempo, como é costume no campo.

— Se vocês não cortaram o pau, Vatel não tem razão; mas, se cortaram, fizeram duas vezes mal — comentou o tio Niseron.

— Ora, tome um copo de vinho — disse Tonsard oferecendo o copo cheio ao velhote.

— Vamos? — disse Vermiguel para o oficial de justiça.

— Vamos. Passaremos sem o tio Fourchon, levando o adjunto de Couches — respondeu Brunet. — Vá à frente, eu tenho uma notificação a entregar no castelo; o tio Rigou ganhou o segundo processo, e eu vou notificar a sentença.

E o sr. Brunet, com o lastro de dois cálices de aguardente, tornou a montar em seu jumento cor de cinza, depois de dar bom-dia ao tio Niseron, pois todo mundo no vale tinha em apreço a amizade do velho.

Nenhuma ciência, nem mesmo a estatística, dará ideia da rapidez ultratelegráfica com que as notícias se propagam no campo nem como atravessam essa espécie de estepes incultas, que na França constituem um libelo contra os administradores e os capitalistas. É coisa sabida na história contemporânea que o mais célebre de todos os banqueiros, depois de arrebentar os cavalos entre Waterloo e Paris (sabe-se por quê: ele ganhou aquilo que o Imperador perdera — uma realeza), só conseguiu antecipar de algumas horas a notícia fatal. Assim, uma hora depois da luta entre Vatel e a velha Tonsard, já muitos outros frequentadores se achavam ali reunidos.

O primeiro a chegar foi Courtecuisse, em que dificilmente se reconheceria o jovial guarda-caça, o rubicundo boa-vida para quem a esposa preparava café com leite pela manhã, como se viu na narrativa dos acontecimentos anteriores. Envelhecido, magro, pálido, oferecia a todos uma lição terrível que a ninguém abria os olhos.

— Queria subir acima da escada — dizia o povo, quando alguém lastimava o ex-guarda-geral, acusando Rigou. — Queria tornar-se burguês!

De fato, ao comprar a Bachelerie, Courtecuisse quisera aburguesar-

se, e tinha se gabado disso. E sua mulher apanhava esterco! Ela e Courtecuisse levantavam-se antes do amanhecer, cavavam a horta ricamente esterçada, obrigavam-na a produzir várias colheitas, mas só conseguiam pagar a Rigou os juros do restante da dívida. A filha do casal, empregada em Auxerre, mandava-lhes seu ordenado. Pois apesar de tantos esforços, apesar desse auxílio, no dia do vencimento do débito não tinham sequer um vintém. A sra. Courtecuisse, que antes se oferecia de tempos em tempos uma garrafa de vinho de cheiro com torradas, passou a beber somente água. Courtecuisse quase não tinha mais coragem de entrar no Grand-I-Vert, com medo de deixar lá alguns *sous*. Desprestigiado, perdera as boas comidas gratuitas na taverna, e, como todos os ingênuos, revoltava-se contra a ingratidão. Por último, como acontece a quase todos os camponeses atirados pelo demônio da propriedade, enquanto aumentavam as fadigas diminuía o alimento.

— Courtecuisse foi com muita sede ao pote — diziam os invejosos de sua posição. — Para fazer latadas, devia esperar que o terreno fosse dele.

O pobre homem beneficiara e fertilizara as três jeiras de terra compradas a Rigou; a horta junto de casa começava a produzir — e ele receava ser expropriado! Vestido como Fourchon, ele, que antigamente usava botas e polainas de caçador, andava agora de tamancos, e punha nos burgueses das Aigues a culpa de sua miséria. Essa preocupação atormentadora dava ao rosto antes risonho do gordo homenzinho um ar sombrio e embrutecido, como o de um doente que o veneno ou a afecção crônica vai devastando.

— Mas, afinal, que há consigo, sr. Courtecuisse? Cortaram-lhe a língua? — perguntou Tonsard, ante o silêncio do pobre homem, depois de lhe narrar a batalha que acabara de ser travada.

— Seria uma pena — disse a sra. Tonsard. — Esse não pode se queixar da parteira que lhe cortou o umbigo, ela fez um bonito trabalho.

— Tenho frigido os miolos para descobrir um jeito de liquidar as contas com o sr. Rigou — respondeu melancolicamente o velho precoce.

— Ora essa! — exclamou a velha Tonsard. — O senhor tem uma filha bonita, com dezessete anos; se ela tiver juízo, o senhor se arranja facilmente com aquele velho tratante...

— Nós a mandamos há dois anos para a casa da sra. Mariotte, a mãe, em Auxerre, a fim de livrá-la de qualquer desgraça — respondeu ele —, e eu prefiro arrebentar a...

— Que bobo! — disse Tonsard. — Veja minhas filhas: por acaso estão mortas? Quem disser que elas não são umas santas terá que ajustar contas com o meu fuzil!

— Seria duro ter de chegar a esse ponto! — exclamou Courtecuisse abanando a cabeça. — Preferia que me pagassem para atirar num

desses *arminacs*...

— Ora essa! Mais vale salvar o pai do que deixar a virtude mofando!
— replicou o taverneiro.

Tonsard sentiu uma pancada seca, que o tio Niseron lhe aplicou no ombro.

— Não é direito o que você está dizendo!... — exclamou o velho. — O pai é o guardião da honra. Agindo dessa maneira é que vocês atraem o desprezo sobre nós, e é por isso que se acusa o povo de não ser digno da liberdade. O povo deve dar aos ricos o exemplo da honra e das virtudes cívicas. Vocês todos se vendem a Rigou em troca de ouro. Quando não entregam suas filhas a ele, entregam suas virtudes. Está errado!

— Veja a que ponto chegou Courtebotte¹⁰⁸ — disse Tonsard.

— Veja antes a que ponto cheguei eu! — respondeu o pai Niseron. — Eu cá durmo tranquilo; no meu travesseiro não há espinhos.

— Deixe o velho falar, Tonsard — disse a mulher ao ouvido de seu esposo. — Você sabe que é mania do coitadinho...

Nesse momento chegaram Bonnébault e Maria, com Catarina e o irmão, numa irritação que começara com o insucesso de Nicolau e chegara ao auge quando ouviram Michaud falar sobre o seu projeto. Assim, entrando na taverna do pai, Nicolau soltou uma apóstrofe tremenda contra as Aigues e o casal Michaud.

— Aí vem a colheita! Pois bem, eu é que não vou embora sem acender meu cachimbo nas suas medas de feno! — exclamou ele, dando um grande soco na mesa a que se sentou.

— Não convém berrar assim diante dos outros — disse-lhe Godain, mostrando o tio Niseron.

— Se ele falar, torço-lhe o pescoço como se fosse um frango — disse Catarina. — Esse velho rezinguento já passou do tempo. Dizem que é um santo, mas qual! É jeito dele, isto sim.

Estranho e curioso espetáculo, o das cabeças levantadas de todas essas pessoas reunidas num casebre, a cuja porta se postava como sentinela a velha Tonsard, para garantir aos bebedores o segredo de suas palavras!

Entre esses rostos, Godain, o pretendente de Catarina, ostentava talvez o mais assustador, embora o menos marcado de todos. Avarento sem dinheiro, o mais cruel de todos os avarentos (pois não se deve colocar acima do que choca o seu dinheiro aquele que anda à procura dele? Um olhar para dentro de si mesmo, o outro para a frente, com uma fixidez terrível), Godain poderia simbolizar um dos tipos mais comuns de fisionomia camponesa. Esse pequeno operário, dispensado do serviço militar por não ter a altura exigida, seco por natureza, e ressecado ainda mais pelo trabalho e pela sobriedade estúpida a cujo peso vergam no campo os trabalhadores encarniçados como Courtecuisse, tinha o rosto da grossura de um pulso, iluminado por

olhos amarelos, mosqueados de estrias verdes com pintas castanhas, em que a sede de dinheiro a todo custo se embebia em concupiscência, mas sem calor, pois o desejo, ardente a princípio, se imobilizara como lava. Assim, sua pele colava-se a têmporas escuras como as de uma múmia. A barba rala brotava através de rugas, como restolho nos regos. Godain não transpirava nunca: reabsorvia sua substância. Suas mãos peludas e aduncas, nervosas, infatigáveis, pareciam de madeira velha. Apesar de ter apenas vinte e sete anos, já se notavam fios brancos em sua cabeleira de um negro avermelhado. Vestia uma blusa através de cuja abertura se desenhava em preto uma camisa de algodão grosso, que ele devia usar durante mais de um mês e lavar pessoalmente no Thune. Seus tamancos eram remendados com ferro velho. O pano da calça já não se reconhecia mais, por baixo do número infinito de consertos e remendos. Por fim, tinha na cabeça um pavoroso barrete, evidentemente apanhado em La-Ville-aux-Fayes, à porta de alguma casa burguesa. Bastante perspicaz para calcular as possibilidades de fortuna escondidas em Catarina, queria suceder a Tonsard no Grand-I-Vert; aplicava, pois toda a sua astúcia, toda a sua capacidade em conquistá-la, acenava-lhe com a riqueza, prometia-lhe a mesma liberdade de que sua mãe tinha gozado; prometia, enfim, ao futuro sogro uma renda enorme, quinhentos mil francos por ano pela sua taverna, até o pagamento, fiado numa conversa que tivera com o sr. Brunet para pagar em papéis selados. Ganhando a vida habitualmente como aprendiz de ferreiro, esse gnomo trabalhava na oficina do carpinteiro de carros quando havia muito serviço, mas também se alugava para tarefas bem remuneradas. Embora possuísse perto de mil e oitocentos francos colocados na firma de Gaubertin, sem que ninguém no lugar soubesse disso, vivia como um miserável, morando num celeiro em casa do patrão e respigando nas colheitas. Levava consigo, cosido no cóis da calça de domingo, o título de Gaubertin, renovado todos os anos, engrossado pelos juro e pelas economias.

— Ora, que me importa! — exclamou Nicolau, respondendo à prudente observação de Godain. — Se eu tenho que ser soldado, prefiro derramar logo meu sangue de uma vez do que perdê-lo gota a gota... E livrarei esta terra desses *armínacs* que o diabo jogou em cima da gente...

E contou a pretensa conspiração urdida contra ele por Michaud.

— Onde você quer que a França arranje soldados?... — perguntou gravemente o velho pálido, levantando-se e colocando-se em frente de Nicolau, ante o silêncio profundo que acolhera a terrível ameaça.

— A gente presta o serviço e volta! — disse Bonnébault, torcendo o bigode.

Vendo reunidos os piores tipos do lugar, o velho Niseron sacudiu a cabeça e deixou a taverna, depois de passar um níquel à sra. Tonsard pelo copo de vinho. Quando o velhote pôs o pé nos degraus, o

movimento de satisfação que se produziu na assembleia de consumidores faria supor, a quem os visse, que todos eles se tinham desembaraçado da imagem de sua consciência.

— Então, que é que você diz de tudo isso, ó Courtebotte?... — perguntou Vaudoyer entrando subitamente, já informado, por Tonsard, da tentativa de Vatel.

Courtecuisse, a quem quase todo mundo tratava por esse apelido, estalou a língua no céu da boca, descansando o copo sobre a mesa.

— Vatel andou mal — respondeu ele. — Eu, se fosse a velha, machucaria um pouco as costelas, me punha na cama e *intimaria* o Tapeceiro e o guarda dele a me pagarem vinte escudos de indenização. E o dr. Sarcus concederia...

— De qualquer jeito, o Tapeceiro pagaria para evitar o barulho que isso pode causar — disse Godain.

Vaudoyer, antigo guarda campestre, homem de cinco pés e seis polegadas de altura, rosto picado de varicela e talhado em forma de quebra-nozes, guardava silêncio, com ar de dúvida.

— Então — perguntou Tonsard, seduzido pela ideia dos sessenta francos —, que é que preocupa você, seu macacão? Bateram em minha mãe na importância de vinte escudos, que bom partido se pode tirar daí! Vamos fazer um barulho no valor de trezentos francos, e até o dr. Gourdon poderá ir dizer nas Aigues que a velha está com a coxa destroncada.

— E a gente destroncaria mesmo... — disse a taverneira. — Isto se faz em Paris.

— Conheço demais os juízes para acreditar que as coisas corressem ao gosto de vocês — disse afinal Vaudoyer, que auxiliara muitas vezes a Justiça e o ex-cabo Soudry. — Em Soulanges a coisa ainda passava, pois o sr. Soudry representa o governo e não gosta do Tapeceiro; mas se vocês atacarem, o Tapeceiro e Vatel são bastante espertos para se defender, e dirão: “Essa mulher foi apanhada em flagrante, e escondia um pedaço de árvore; do contrário teria deixado revistar seu feixe no caminho, e não fugia. Se lhe aconteceu alguma desgraça, só se pode queixar do seu delito”. Não, não é negócio seguro...

— O burguês se defendeu quando eu mandei notificá-lo? — perguntou Courtecuisse. — Ele pagou.

— Se vocês quiserem, posso ir a Soulanges — disse Bonnébault — e consultarei o escrivão Gourdon. Esta noite mesmo saberão se o negócio rende.

— O que você está querendo é pretexto para ir rodear aquela porcalhona da filha de Socquard — respondeu Maria Tonsard, dando-lhe nas costas um soco que faria ressoar os pulmões.

Ouviu-se nesse momento o trecho de um velho cântico de Natal da Borgonha:

*Ein bel androi de sai vie
Ça quai taule ein jour
Ai changê l'ea de bréchie
An vin de Mador.*¹⁰⁹

Todos reconheceram a voz do tio Fourchon, a quem esse trecho devia agradar particularmente e que Mosquito acompanhava em falsete.

— Ah! Eles se encheram! — gritou a velha Tonsard para sua nora. — Seu pai está rubro como uma grelha, e o pequeno arde como um sarmento.

— Salve! — berrou o velho. — Mas quantos malandros por aqui!... Salve! — disse à neta, que ele surpreendeu beijando Bonnébault. — *Salve, Maria, cheia de vícios, o Diabo é convosco, alegre sois entre as mulheres etc.* Salve, toda a companhia! Vocês foram apanhados! Podem dizer adeus a seus feixes! Há novidades... Eu não disse a vocês que o burguês havia de humilhá-los? Pois bem, ele vai chicotear vocês com a lei!... Ah, é nisso que dá a gente lutar contra os burgueses! Eles fizeram tantas leis que elas servem para qualquer esperteza...

De repente, um soluço tremendo deu outro curso às ideias do nobre orador.

— Se Vermiguel estivesse lá, eu sopraria na goela dele para dar uma ideia do que é o vinho de Alicante. Eta vinho! Se eu não fosse borguinhão, queria ser espanhol! Um vinho santo! Acho até que a missa do papa é dita com ele! Vinho danado!... Virei moço! Sabe de uma coisa, Courtebotte? Se sua mulher estivesse lá... eu era capaz de achá-la moça! Positivamente, o vinho de Espanha bate longe o vinho de cheiro. Carece haver uma revolução só para esvaziar as adegas...

— Mas qual é a novidade, papai? — disse Tonsard.

— Não vai haver colheita para vocês. O Tapeceiro vai proibir a respiga.

— Proibir a respiga! — bradou a taverna inteira, a uma só voz, dominada pelas notas agudas das quatro mulheres.

— É — disse Mosquito —, ele vai arranjar uma lei, para ser espalhada por Groison e pregada nos muros do cantão. Só quem tiver certificado de indigência é que pode respigar.

— E guardem bem isto: os aproveitadores das outras comunas não serão admitidos! — acrescentou Fourchon.

— Como é? Como é? — exclamou Bonnébault. — Então nem minha avó nem eu nem a mãe de Godain podemos mais respigar por aqui?... Que boa peça nos pregaram as autoridades! Detesto essa gente! Esse *general-maire* é um demônio solto!...

— E você, Godain? Vai respigar de qualquer jeito? — perguntou Tonsard ao ajudante do carpinteiro de carros, que conversava com

Catarina, muito chegado a ela.

— Eu? Eu não tenho nada, sou indigente — respondeu ele. — Vou arranjar um certificado...

— Afinal, que foi que deram a meu pai pela lontra, meu benzinho?... — perguntou a Mosquito a bela taverneira.

Embora sucumbindo a uma digestão penosa e com a vista perturbada por duas garrafas de vinho, Mosquito, sentado no colo da sra. Tonsard, inclinou a cabeça para o pescoço de sua tia e respondeu-lhe espertamente ao ouvido:

— Não sei, mas ele tem cobre!... Se a senhora me desse bastante comida durante um mês, eu era capaz de descobrir onde foi que ele escondeu, porque está escondido...

— O pai tem cobre!... — disse a sra. Tonsard ao ouvido do esposo, que dominava com a voz o tumulto da discussão calorosa em que se empenhavam os consumidores.

— Bico calado! Groison está passando aí — advertiu a velha.

Um silêncio profundo reinou na taverna. Quando Groison já se achava a uma distância conveniente, a velha Tonsard fez um sinal e recomeçou a discussão para saber se se devia respigar, como antes, sem certificado de indigência.

— Vocês têm de obedecer — disse o tio Fourchon —, pois o Tapeceiro foi ver o chefe de polícia e pedir tropas para manter a ordem. Eles matarão vocês como cachorros... que nós somos! — exclamou o velho, tentando dominar o torpor produzido em sua língua pelo vinho de Espanha.

A segunda advertência de Fourchon, por mais absurda que fosse, tornou pensativos os consumidores, que julgavam o governo capaz de massacrá-los impiedosamente.

— Já houve motins dessa qualidade nos arredores de Toulouse, quando eu servia na guarnição — disse Bonnébault. — Nós tivemos de marchar, os camponeses foram espaldeirados e presos... Era engraçado ver o pessoal querendo resistir à tropa! A Justiça mandou pôr dez homens a ferros e onze na cadeia. Tudo foi destruído, puxa! Soldado é soldado, e vocês são uns paisanos. Eles têm direito de meter a espada em vocês, e pronto.

— Então — disse Tonsard — por que razão vocês estão assustados que nem cabritos? Quem é que pode tomar alguma coisa de minha mãe ou de minhas filhas? Seremos presos? Muito bem, lá a gente come, e o Tapeceiro não é capaz de botar o povo todo lá dentro. E depois os presos estarão mais bem alimentados em casa do rei do que em casa deles, e serão aquecidos no inverno...

— Vocês são uns patetas! — mugiu o tio Fourchon. — É preferível explorar os burgueses a atacá-los de frente, essa é que é a verdade. Caso contrário, vocês levarão uma surra. Mas se gostam de prisão com

trabalhos forçados, a coisa é diferente... Lá a gente trabalha menos do que no campo, é exato, mas não tem liberdade.

— Talvez fosse melhor — disse Vaudoyer, mostrando-se conselheiro dos mais audaciosos — que alguns de nós arriscassem a pele para livrar nossa terra dessa fera de Gévaudan,¹¹⁰ entocada no portão do Avonne.

— Liquidar Michaud?... — disse Nicolau. — De acordo.

— Isso ainda não está maduro — ponderou Fourchon. — Sairíamos perdendo longe, meus filhos. Precisamos é de choramingar, clamar que estamos passando fome. O burguês das Aigues e sua mulher hão de querer nos ajudar, e vocês tirarão deles alguma coisa mais do que restos de colheita...

— Vocês são uns tolos — exclamou Tonsard. — Vamos admitir que haja briga com a Justiça e com a tropa. Não se põe a ferros uma região inteira, e nós acharemos em La-Ville-aux-Fayes e entre os antigos senhores pessoas dispostas a nos defender.

— É verdade — disse Courtecuisse. — Só o Tapeceiro é que se queixa; os srs. de Soulanges, de Ronquerolles e os outros estão satisfeitos. Quando penso que, se esse couraceiro tivesse tido coragem de desafiar a morte como os outros, eu ainda estaria feliz no meu portão do Avonne, que ele virou de pernas para o ar de um tal jeito que ninguém o reconhece mais!

— A tropa não marchará por causa do patife de um burguês que brigou com uma população inteira — disse Godain. — A culpa é dele. Quer arruinar tudo aqui, derrubar toda gente. O governo lhe dirá: “Ora, sebo!”.

— O governo não pode dizer outra coisa. E obrigado a isso, coitado do governo!... — exclamou Fourchon, tomado de ternura súbita pelo governo. — Tenho pena desse governo tão bonzinho... É muito infeliz, vive sem níquel, como a gente... E isso é cacete para um governo que fabrica moeda... Ah, se eu fosse o governo...

— Mas — disse Courtecuisse — me disseram em La-Ville-aux-Fayes que o sr. de Ronquerolles falou na assembleia sobre os nossos direitos.

— Está no jornal de *seu* Rigou — informou Vaudoyer, que sabia ler e escrever, na sua qualidade de ex-guarda campestre. — Eu li...

Apesar de seu falso enternecimento, o velho Fourchon, como tantas pessoas do povo cujas faculdades são aguçadas pela embriaguez, seguia com olhar inteligente e ouvido alerta aquela discussão, que numerosos apartes tornavam furiosa. De repente, levantou-se e foi postar-se no meio da taverna.

— Escutem o velho, ele está bêbado! — exclamou Tonsard. — Sua esperteza é dobrada: a dele mais a do vinho...

— De Espanha! Portanto, são três — disse Fourchon, com uma risada de fauno. — Meus filhos, não convém a gente lutar de frente. Vocês são muito fracos, ataquem enviesados... Finjam de mortos, de

cachorros deitados. A tal mulherzinha já está bastante assustada, posso garantir. Ela sairá desta terra, e, quando sair, o Tapeceiro irá atrás, ele anda apaixonado. Eis aí o plano. Mas, para abreviar a partida, minha opinião é que precisamos tirar o conselheiro, o braço deles, que é o nosso espião, o nosso *macaco*.

— Quem é?

— Aquele maldito padre, ora essa! — exclamou Tonsard. — Aquele catador de pecados, que quer sustentar a gente a poder de hóstia.

— Lá isso é verdade — comentou Vaudoyer. — Nós vivíamos felizes sem o cura. A gente precisa ficar livre desse papa-hóstias. Ele é que é o inimigo.

— O Alfenim — disse Fourchon, tratando o padre Brossette pelo apelido que este devia a seu aspecto franzino — talvez sucumbisse à tentação de uma mulher esperta. Ele observa a quaresma. E se nós espalhássemos, com um berreiro dos demônios, que ele foi apanhado numa patuscada? O bispo teria de mandá-lo para outra parte. Eis aí uma coisa que havia de agradar muitíssimo ao nosso querido padre Rigou... Se a filha de Courtecuisse quisesse largar a burguesa de Auxerre! Ela é tão bonita que, fingindo de devota, salvaria a pátria. *Plan! Ra-ta-plan!*

— E por que não seria você mesma? — disse Godain para Catarina, baixinho. — A gente podia encher um cesto de moedas para evitar barulho, e com isso você ficaria sendo a patroa daqui...

— Vamos respigar ou não? — disse Bonnébault. — Para mim, tanto faz esse tal de padre. Eu sou de Couches, e nós lá não temos cura que nos esquente a cabeça com sua campanha.

— Olhem — continuou Vaudoyer —, é preciso indagar do velho Rigou, que conhece a lei, se o Tapeceiro pode proibir a respiga. Ele dirá se nós temos razão. Se o Tapeceiro estiver no seu direito, então, como diz o velho, vamos atacar de viés...

— Vai correr sangue... — resmungou Nicolau, com ar sombrio, e levantou-se depois de esvaziar a garrafa que Catarina tinha enchido para impedi-lo de falar. — Se vocês quiserem me ouvir, liquidaremos Michaud. Mas vocês são uns moleirões, uns drogas!...

— Eu, não! — exclamou Bonnébault. — Se vocês prometem fechar o bico, eu cá me encarrego do Tapeceiro... Que delícia plantar uma ameixa naquela boca! Com isso eu me vingaria de todos esses oficiais fedorentos...

— Ora, ora — exclamou João Luís Tonsard, que passava, mais ou menos, por filho de Gaubertin, e que acabara de entrar em seguida a Fourchon.

Esse rapaz, que havia já alguns meses cortejava a bonita criada de Rigou, sucedia ao pai no ofício de podador de sebes e ruas arborizadas e outras faculdades tonsardianas. Indo às casas da burguesia, conversava

com patrões e criados, recolhendo, assim, certas ideias que faziam dele o inteligente da família, o finório. Com efeito, veremos daqui a pouco que, cultivando a criada de Rigou, João Luís justificava o bom conceito que se tinha de sua habilidade.

— Então, que diz você, profeta? — perguntou o taverneiro a seu filho.

— Digo que vocês estão fazendo o jogo dos burgueses — respondeu João Luís. — Assustar o pessoal das Aigues para garantir nossos direitos, muito bem. Mas tocá-lo para fora, obrigando o general a vender as Aigues, como querem os burgueses do vale, é contra os nossos interesses. Se vocês ajudam a partilhar as grandes propriedades, onde é que a gente vai encontrar bens para vender na próxima revolução?... Então vocês terão as terras de graça, como aconteceu com Rigou; ao passo que, se vocês meterem as propriedades na goela dos burgueses, eles vomitarão tudo de novo, mais estragado e mais caro. Vejam Courtecuisse...

Esta alocação tinha um sentido político demasiado profundo para ser compreendido por pessoas embriagadas, as quais, exceto Courtecuisse, amontoavam dinheiro para ter sua fatia no bolo das Aigues. Por isso deixaram João Luís falar, como na Câmara dos Deputados, enquanto continuavam as conversas particulares.

— Pois é, confessem, vocês serão máquinas de Rigou! — exclamou Fourchon, o único a compreender o neto.

Nesse momento passava Langlumé, o moleiro das Aigues, e a bela Tonsard chamou-o de longe.

— É verdade, senhor adjunto — disse ela —, que vão proibir a respiga?

Langlumé, homenzinho jovial, com a cara enfarinhada, vestido de algodão cinza-claro, subiu os degraus do patamar, e logo os camponeses ficaram sérios.

— Nossa mãe! Vão e não vão, meus filhos. Os necessitados podem respirar. Mas as medidas que vão ser tomadas serão muito úteis para vocês...

— Como? — disse Godain.

— Ora, se todos os infelizes forem proibidos de correr para cá — respondeu o moleiro, piscando o olho ao jeito normando —, vocês estarão livres de ir para outro lugar, a menos que os outros *maîtres* façam como o de Blangy.

— Então é verdade? — perguntou Tonsard, com ar ameaçador.

— Eu cá — disse Bonnébault, pondo de banda o boné de polícia e fazendo assobiar sua varinha de avelã — vou voltar para Couches, a fim de prevenir os amigos...

E lá se foi o Lovelace¹¹¹ do vale, assobiando uma canção de soldado:

Você conhece os hussardos da guarda,

— Olhe, Maria, que caminho engraçado seu amigo escolheu para ir a Couches, hem? — gritou a velha Tonsard para a neta.

— Ele vai ver Aglae! — disse Maria, pulando para a porta. — Preciso dar uma boa surra naquela galinha!

— Olhe, Vaudoyer — disse Tonsard para o antigo guarda campestre. — Vá ver o tio Rigou, para nós sabermos o que devemos fazer. É o nosso oráculo, e o cuspo dele é de graça.

— Outra besteira — comentou João Luís, em voz baixa. — Aquele é um que trai todo mundo. Bem que Anita me disse: ele é pior do que a raiva.

— Aconselho vocês a terem juízo — continuou Langlumé —, pois o general foi procurar o prefeito, por causa das contravenções. Segundo me contou Sibilet, ele jurou pela própria honra que iria até Paris para falar ao chanceler de França, ao rei, a toda a confraria se fosse preciso, a fim de vencer a resistência dos *seus* camponeses.

— Seus camponeses?... — exclamaram os presentes.

— Ah, então nós não nos pertencemos mais a nós mesmos?

Ante essa pergunta de Tonsard, Vaudoyer saiu para ir à casa do antigo *maire*.

Já do lado de fora, Langlumé voltou-se no patamar e respondeu:

— Cambada de vagabundos! Então vocês lá têm renda para ser os seus próprios patrões?

Embora dita em ar de brincadeira, esta frase profunda foi compreendida mais ou menos da mesma maneira como os cavalos compreendem uma chicotada.

— *Ra-ta-plan!* Seus próprios patrões... Pois olhe, rapazinho, depois do golpe de você esta manhã, não há de ser minha clarineta que cairá nas suas garras — disse Fourchon para Nicolau.

— Não provoque, pois ele é capaz de esfregar sua barriga até você deitar o vinho para fora — respondeu Catarina ao avô, brutalmente.

XIII — O USURÁRIO DO CAMPO

Estrategicamente, Rigou era em Blangy o que é na guerra uma sentinela avançada. Vigia as Aigues, e bem. Nunca a polícia terá espiões iguais a aqueles que servem ao ódio.

Quando o general chegou às Aigues, sem dúvida Rigou alimentava a seu respeito algum projeto, desfeito pelo casamento de Montcornet com uma Troisville: parece que ele tinha querido proteger o grande proprietário. Suas intenções eram tão visíveis que Gaubertin julgou necessário propor-lhe sociedade, iniciando-o na conspiração urdida

contra as Aigues. Antes de aceitar essa parte e esse papel, Rigou, conforme sua expressão, quisera encostar o general à parede. Quando chegou a condessa, um carrinho de vime, pintado de verde, entrou certo dia no pátio principal das Aigues. O senhor *maire*, tendo ao lado a senhora *maresse*, desceu dele e subiu o patamar do jardim. Rigou avistou a condessa numa janela. Fiel ao bispo, à religião e ao padre Brossette, que se apressara a preveni-la contra o inimigo, a condessa mandou dizer por Francisco que a “senhora tinha saído”. Essa impertinência, digna de uma mulher nascida na Rússia, fez a cara do beneditino tornar-se amarela. Se a condessa tivesse tido curiosidade de conhecer o homem de quem dizia o cura: “É um demônio que se refresca tomando banhos de iniquidade”, evitaria talvez que se levantasse entre o *maire* e o castelo o ódio frio e refletido que os liberais consagravam aos realistas, agravado ainda pela vizinhança no campo, onde nunca se extingue a recordação de uma ferida de amor-próprio.

Alguns pormenores sobre esse homem e seus costumes, esclarecendo sua participação na trama que seus dois sócios chamavam de *o grande negócio*, terão ao mesmo tempo o mérito de pintar um tipo extremamente curioso de vida camponesa, peculiar à França, e que nenhum pincel procurou ainda fixar. De resto, nada desse homem é indiferente: nem sua casa nem sua maneira de atizar o fogo nem seu jeito de comer. Seus costumes, suas opiniões, tudo servirá admiravelmente para a história do vale. Enfim, esse renegado explica a utilidade da mediocracia; constitui ao mesmo tempo sua teoria e sua prática, o alfa e ômega, o *summum*.

Lembram-se, talvez, de alguns mestres da avareza, pintados em algumas Cenas anteriores? Em primeiro lugar, o avarento de província, o pai Grandet,¹¹² de Saumur, que era avarento como o tigre é cruel; depois, Gobseck,¹¹³ o cambista, jesuíta do ouro, saboreando-lhe tão-somente o poder e degustando as lágrimas da desgraça, para lhes saber o gosto; e ainda o Barão de Nuncingen,¹¹⁴ erguendo à altura da política as fraudes de dinheiro. Finalmente, sem dúvida se recordam ainda daquele retrato da Parcimônia Doméstica, o velho Hochon,¹¹⁵ de Issoudun, e daquele outro avarento por espírito de família, o pequeno La Baudraye,¹¹⁶ de Sancerre. Pois bem, os sentimentos humanos, sobretudo a avareza, têm nuances tão diferentes nos diversos meios da nossa sociedade que restava ainda um avarento na mesa do anfiteatro dos estudos de costumes; restava Rigou. O avarento egoísta, ou, por outra, cheio de ternura pelos seus próprios prazeres, seco e frio para com o próximo; enfim, a avareza eclesiástica, o monge que continuara monge para espremer o caldo de laranja do seu bem-viver e se fizera secular para abiscoitar a moeda pública. Expliquemos, antes de mais nada, a perfeita felicidade que ele sentia em morar sob o seu teto próprio.

Blangy, isto é, as sessenta casas descritas por Blondet em sua carta a Nathan, está colocada sobre uma bossa de terra, à esquerda do Thune. Como todas as construções são cercadas por jardins, a aldeia tem aspecto encantador. Algumas casas estão dispostas ao longo do rio. No alto dessa vasta elevação acha-se a igreja, ladeada antigamente pelo presbitério; sua capela-mor é rodeada pelo cemitério, como em tantas outras aldeias.

O sacrílego Rigou não se esquecera de comprar o presbitério, construído outrora por uma boa católica, a srta. Choin, em terreno que ela comprara especialmente para esse fim. Um jardim em forma de terraço, de onde a vista se espraiava sobre as terras de Blangy, Soulanges e Cerneux, situadas entre os dois parques senhoriais, separava da igreja esse antigo presbitério. Do lado oposto, estendia-se uma campina, comprada pelo último cura pouco antes de morrer e cercada de muros pelo desconfiado Rigou.

Tendo o *maire* se recusado a restituir o presbitério à sua antiga finalidade, a Comuna viu-se obrigada a adquirir a casa de um camponês, perto da igreja; foi necessário gastar cinco mil francos para aumentá-la, restaurá-la e juntar-lhe um jardimzinho cujo muro era a parede da sacristia, de modo a se estabelecer, como antigamente, comunicação entre a igreja e a residência do cura.

As duas casas, construídas no alinhamento da igreja, a que pareciam estar ligadas pelos seus jardins, tinham vista para um terreno plantado de árvores, onde se formara a praça de Blangy, pois em frente à casa do cura o conde mandou levantar a Casa da Câmara, destinada a abrigar a *mairie*, a residência do guarda campestre e a escola de irmãos da Doutrina Cristã, reclamada em vão pelo padre Brossette. Assim, não somente as residências do antigo beneditino e do jovem padre eram pegadas à igreja, ao mesmo tempo unidas e separadas por ela, como ainda se vigiavam uma à outra, e a aldeia em peso espionava o padre Brossette. A rua principal, que começava no Thune, subia sinuosamente até a igreja. Vinhedos, hortas de campônios e um bosquezinho coroavam o outeiro de Blangy.

A casa de Rigou, a mais bonita da aldeia, fora construída com grandes lajes peculiares à Borgonha, presas por uma argamassa amarela alisada em esquadria, em toda a largura da trolha, formando ondas cortadas, aqui e ali, pelas faces geralmente negras da pedra. Uma faixa de argamassa, onde não havia sequer a mancha de um sílex, desenhava em cada janela uma moldura que o tempo tinha lanhado com suas fendas caprichosas e finas, como se vê nos velhos tetos. Os postigos, de fabricação grosseira, recomendavam-se pela sólida pintura verde-dragão. Um musgo chato soldava as ardósias no telhado. Era o tipo da casa da Borgonha, como os viajantes avistam aos milhares, quando atravessam essa parte da França.

Uma porta travessa abria para o corredor, ocupado em parte pelo vão de uma escada de madeira. A entrada, via-se a porta de uma vasta sala de três janelas, dando sobre a praça. A cozinha, debaixo da escada, recebia luz do pátio, cuidadosamente calçado, a que um portão dava acesso. Este era o rés do chão.

O primeiro andar compreendia três quartos, tendo por cima um quartinho de mansarda.

A lenharia, a coqueira e a estrebaria ligavam-se à cozinha, numa curva de esquadro. Por cima dessas construções ligeiras estavam o celeiro, o depósito de frutas e o quarto de criado.

O galinheiro, o estábulo e o chiqueiro davam frente para a casa.

A horta, com cerca de uma jeira de extensão, murada, era uma horta de padre, isto é, cheia de latadas, árvores frutíferas, parreiras, alamedas cobertas de areia e ladeadas por arvorezinhas podadas, com canteiros de legumes adubados pelo esterco da estrebaria.

Dominando a casa, havia perto um outro terreno arborizado, contornado por uma sebe e suficientemente grande para que duas vacas pudessem pastar nele em qualquer época.

No interior, a sala, revestida de um rodapé de madeira, era forrada com velhas tapeçarias. Os móveis de nogueira, escuros de velhice e guarnecidos com trabalhos de agulha, combinavam com o rodapé e com o piso também de madeira. O teto mostrava três vigas salientes, mas pintadas, com intervalos estucados. A lareira, também forrada de nogueira e coroada pelo espelho disposto num grotesco tremó, não apresentava outro ornamento além de dois ovos de cobre, engastados em pedestal de mármore, e que se partiam ao meio, com a parte superior, virada, formando uma arandela. Esses candelabros com dois fins, enfeitados de correntinhas — invenção do reinado de Luís XV —, começavam a tornar-se raros.

Na parede oposta às janelas, colocado sobre um soco auriverde, erguia-se um relógio de aspecto comum, mas excelente. As cortinas, rangendo em suas hastes de ferro, datavam de cinquenta anos; eram feitas de tecido de algodão quadriculado em rosa e branco, parecido com o dos colchões, e vindo da índia. O aparador e a mesa de jantar completavam o mobiliário, conservado, aliás, em extrema limpeza.

A um canto da lareira, via-se imensa poltrona de cura, assento privativo de Rigou. Num ângulo, por cima do pequeno contador que lhe servia de secretária, dependurado a uma patera das mais ordinárias, estava um fole, origem da fortuna de Rigou.

Ante esta descrição sumária, cujo estilo rivaliza com o dos anúncios de venda, é fácil adivinhar que os dois quartos ocupados respectivamente pelo sr. e pela sra. Rigou continham apenas o estritamente necessário; mas seria um engano supor que essa parcimônia excluísse a excelência material das coisas. Assim, a mais

exigente das mulheres elegantes se sentiria admiravelmente bem deitada no leito de Rigou, constituído de excelentes colchões e de lençóis de fino linho, reforçado por um edredom que alguma beata adquirira para algum antigo abade, e protegido contra os ventos por um bom cortinado. E assim quanto ao mais, como se verá.

Em primeiro lugar, o avaro submeteu sua mulher, que não sabia ler, escrever nem contar, à mais absoluta obediência. Depois de ter governado o defunto, a pobre criatura acabara sendo criada de seu marido, cozinhando e lavando roupa, bem pouco ajudada por uma belíssima jovem chamada Anita, de dezenove anos, tão submissa a Rigou como sua patroa, e que ganhava trinta francos por ano.

Alta, seca e magra, a sra. Rigou: mulher de cara amarela e maçãs coloridas, sempre com um xale enrolado na cabeça e usando o ano todo a mesma saia, não passava na rua sequer duas horas por mês, e garantia o funcionamento da habitação com todas as atenções que a criada fiel dispensa a uma casa. O observador mais arguto já não encontraria sinal do talhe magnífico, da frescura de Rubens, da esplêndida robustez, dos dentes admiráveis, dos olhos virginais que outrora haviam recomendado a moça à atenção do padre Niseron. Um único parto, de uma filha que viera a se casar com o filho de Soudry, destruíra os dentes, fizera cair os cílios, amortecera os olhos, engrossara a cintura, fanara a tez. Era como se a mão de Deus se houvesse abatido sobre a mulher do padre. Como todas as donas de casa ricas que moram no interior, ela sentia prazer vendo seus armários repletos de cortes de seda, de vestidos novos, de rendas e de joias que não serviam nunca para nada, a não ser para provocar o pecado da inveja, fazendo com que as jovens criadas de Rigou desejassem sua morte. Era uma dessas criaturas metade mulher, metade bicho que nasceram para viver instintivamente. Como a ex-formosa Arsênia era desambiciosa, o legado do falecido padre Niseron se tornaria inexplicável se “não” fosse a curiosa história que o inspirou, e que cumpre relatar para instrução da imensa tribo dos herdeiros.

A falecida sra. Niseron, esposa do velho sacristão, cumulava de atenções o tio de seu marido, pois a herança iminente de um homem de setenta e dois anos devia trazer à família a prosperidade que ela aguardava impientemente. Além do filho, possuía ela uma filhinha encantadora, inocente e travessa, uma dessas criaturas que talvez só sejam perfeitas porque devem desaparecer, e que morreu com catorze anos, de *cores pálidas*, nome popular da clorose. Fogofátuo do presbitério, essa menina vivia na casa do cura, seu tio-avô, como em sua própria casa, imperando. Gostava muito de Arsênia, a bonita empregada que seu tio-avô admitira em 1789, graças à frouxidão introduzida na disciplina pelas primeiras rajadas revolucionárias. Arsênia, que era sobrinha da governanta do cura, fora chamada para

substituí-la, pois, sentindo que ia morrer, a velha criada Pichard sem dúvida quisera transferir-lhe seus direitos.

Em 1791, quando o cura ofereceu asilo a dom Rigou e ao irmão João, a pequena Niseron se permitiu uma travessura inocente. Brincando com outras crianças em companhia de Arsênia, nesse jogo que consiste em esconder, cada um por sua vez, um objeto que os outros procuram e em gritar: “Está quente” ou “Está frio”, conforme as pessoas se aproximam ou se afastam desse objeto, a pequena Genoveva teve ideia de esconder na cama de Arsênia o fole da lareira. Foi impossível encontrar o fole, e o jogo acabou. Levada pela mãe, Genoveva esqueceu-se de colocar de novo o objeto no prego onde ficava guardado. Arsênia e a tia procuraram o fole durante uma semana; depois, desistiram, podia-se passar sem ele. O velho cura atizava seu fogo com uma zarabatana do tempo em que as zarabatanas estavam na moda, e que provinha sem dúvida de algum cortesão de Henrique III. Enfim, certa noite, um mês antes de falecer, após o jantar em que tinham tomado parte o padre Mouchon, a família Niseron e o cura de Soulanges, a governanta começou a lamentar a perda do fole, não achando explicação para o fato.

— Ora! Ele está há quinze dias na cama de Arsênia — disse a menina, caindo na gargalhada. — Se essa preguiçosa fizesse sua cama, já teria encontrado.

Em 1791, todo mundo podia cair na gargalhada, mas a esse riso sucedeu o mais profundo silêncio.

— Não vejo graça nenhuma nisso — disse a governanta. — Desde que eu fiquei doente, Arsênia dorme comigo.

Apesar desta explicação, o cura Niseron lançou sobre a sra. Niseron e o marido o olhar fulminante de um padre que desconfia de uma conspiração. Alguns dias depois, a governanta faleceu. Dom Rigou soube explorar tão bem o rancor do cura que este deserdou João Francisco Niseron em benefício de Arsênia Pichard.

Em 1823, em sinal de gratidão, Rigou continuava a servir-se da zarabatana para atizar o fogo.

A sra. Niseron, louca pela filha, não sobreviveu a esta. Uma e outra faleceram em 1794. Morrendo por sua vez o cura, o cidadão Rigou passou a tratar diretamente dos interesses de Arsênia, casando-se com ela.

O antigo irmão converso da Abadia, fiel a Rigou como um cão a seu dono, fez-se ao mesmo tempo palafrenero, jardineiro, vaqueiro, criado de quarto e administrador do voluptuoso Harpagão.

A jovem Arsênia Rigou, casada em 1821 com o procurador régio, sem dote, lembrava um pouco a beleza comum de sua mãe e o espírito dissimulado de seu pai.

Com sessenta e sete anos, Rigou não tivera até então, durante trinta,

a menor doença, e nada parecia capaz de abalar aquela saúde verdadeiramente de ferro. Alto e seco, olhos envoltos num círculo escuro, pupilas quase negras, quando pela manhã mostrava o pescoço enrugado, vermelho e granuloso, podia ser comparado a um condor, tanto mais quanto o nariz muito comprido e bicudo aumentava a semelhança por sua coloração sanguinolenta. A cabeça quase pelada teria assustado os entendidos, pelo occipital em forma de lombo de burro, índice de vontade despótica. Os olhos acinzentados, que pupilas de membranas fibrosas pareciam velar, eram predestinados à hipocrisia. Duas mechas de cor indecisa, de um cabelo tão ralo que não escondia a pele, flutuavam por cima das orelhas largas, altas e sem aba, traço que na ordem moral revela crueldade, quando não anuncia loucura. A boca, muito rasgada e de lábios finos, denunciava o comilão intrépido, o bebedor decidido, pela queda dos cantos, que desenhava uma espécie de dupla vírgula por onde escorria o caldo, quando ele comia ou falava. Heliogábalo¹¹⁷ devia ter sido assim.

Seu traje invariável consistia numa comprida sobrecasaca azul de gola militar, gravata preta, vasto colete e calças de pano preto. Os sapatos, de sola grossa, por fora eram guarnecidos com pregos, e por dentro com peúgas de lã, feitas por sua mulher nos serões de inverno. Anita e a patroa também lhe faziam as meias.

Rigou chamava-se Gregório. Por isso, os amigos não abriam mão dos diferentes trocadilhos que o G do prenome autorizava, apesar do uso imoderado que se fazia disso havia já trinta anos. Cumprimentavam-no sempre com frases deste feitio: *J'ai Rigou! Je ris, goutte! Ris, goûte! Rigoulard* etc., mas principalmente: *Grigou* (G. Rigou).¹¹⁸

Embora este perfil dê uma ideia do caráter, ninguém imaginaria nunca até que ponto o antigo beneditino, na solidão, e sem ser contrariado, levava a ciência do egoísmo e do bem viver e a volúpia sob todas as suas formas. Em primeiro lugar, comia sozinho, servido por sua mulher e por Anita, que só depois iam sentar-se, à mesa da cozinha, em companhia de João, enquanto ele digeriria o seu jantar e cozinhava o seu vinho lendo todas as *novidades*.

No campo, os jornais não são conhecidos pelos títulos. Todos se chamam *novidades*.

Como o almoço e a ceia, compostos sempre de coisas deliciosas, o jantar era preparado com aquela ciência que distingue as governantas de padre entre todas as cozinheiras. Assim, a sra. Rigou batia pessoalmente a manteiga duas vezes por semana. O creme entrava como ingrediente em todos os molhos. Os legumes pulavam dos canteiros para a caçarola. Os parisienses habituados a comer verdura e legumes que realizam uma segunda vegetação expostos ao sol, à infecção das ruas e à fermentação das quitandas, regadas por verdureiras que lhes dão, assim, a mais enganosa frescura, ignoram o

raro sabor desses produtos a que a natureza confiou virtudes fugitivas, mas poderosas, quando são comidos, por assim dizer, ainda vivos.

O carnicheiro de Soulanges trazia a melhor carne, sob pena de perder a freguesia do temível Rigou. As aves, criadas em casa, deviam ser de maciez extrema.

Uma preocupação de hipocrisia cercava todas as coisas destinadas a Rigou. Se as chinelas desse sábio thelemista¹¹⁹ eram de couro grosseiro, uma boa pele de carneiro lhes servia de forro. Se usava sobrecasaca de pano grosseiro, este não roçava a pele, pois sua camisa, lavada e passada em casa, fora feita pelos dedos mais habilidosos da Frísia. Sua mulher, Anita e João bebiam vinho da terra, que Rigou reservara de sua colheita, mas em sua adega particular, cheia como uma adega belga, os vinhos mais finos da Borgonha emparelhavam com o champanhe, o Roussillon, o Ródano, o vinho de Espanha, comprados dez anos antes e engarrafados pelo irmão João. Os licores das ilhas vinham da casa da sra. Amphoux;¹²⁰ o usurário fizera provisão deles para o resto da vida, na liquidação de um castelo da Borgonha.

Rigou comia e bebia como Luís XIV, um dos maiores gulosos já conhecidos, a julgar pelas despesas de sua vida mais do que voluptuosa. Discreto e hábil na sua prodigalidade secreta, discutia as menores transações, como sabem fazê-lo os eclesiásticos. Em vez de tomar precauções infinitas para não ser enganado em suas compras, o astucioso monge guardava a amostra e pedia por escrito as condições; e, quando o vinho ou as provisões vinham de fora, avisava que ao menor defeito devolveria a encomenda.

Encarregando-se das frutas, João aprendera a conservar os produtos do mais belo pomar do departamento. Rigou comia peras, maçãs e até uvas durante a Páscoa.

Nunca um profeta capaz de representar Deus foi obedecido mais cegamente do que Rigou nos menores caprichos, em casa. O franzir das grossas sobrancelhas pretas fazia sua mulher, Anita e João mergulharem numa inquietação mortal. Prendia seus três escravos pela minuciosa acumulação de deveres, que era para eles uma espécie de cadeia. A todo instante as pobres criaturas se viam obrigadas a fazer alguma coisa, sob vigilância, e acabaram achando certo prazer no cumprimento dessas tarefas constantes. Não se entediavam. Os três punham no bem-estar daquele homem o motivo único e exclusivo de suas preocupações.

A contar de 1795, Anita era a décima empregada bonita que Rigou arranjava, e ele se gabava de que faria estas substituições até morrer. Tendo entrado com dezesseis anos, devia ser despedida aos dezenove. Essas criadas, escolhidas em Auxerre, em Clamecy, no Morvan, eram atraídas pela promessa de um futuro brilhante, mas a sra. Rigou teimava em viver. E sempre no fim de três anos uma briga provocada

pela insolência da criada para com a sua patroa tornava necessária a dispensa.

Verdadeira obra-prima da natureza, delicada, habilidosa, picante, Anita merecia uma coroa de duquesa. Inteligência não lhe faltava. Rigou ignorava por completo suas relações com João Luís Tonsard, o que prova como se ia deixando prender pela moça, única entre todas a quem a ambição teria sugerido que usasse de lisonja para cegar aquele verdadeiro lince.

Esse Luís XV sem trono não se limitava à bela Anita. Opressor, hipotecário das terras compradas pelos camponeses sem posses para tanto, constituía o seu serralho no vale, desde Soulanges até cinco léguas além de Couches, na direção de Brie, sem gastar mais do que *adiamentos de processos* para obter esses tesouros fugitivos, que devoram a fortuna de tantos velhos.

Essa vida deliciosa, comparável à de Bouret, não custava, pois, quase nada. Graças a seus negros brancos, Rigou tinha quem abatesse, talhasse e transportasse seus paus de lenha, suas madeiras, seu feno, seu trigo. Para o camponês, a mão de obra vale pouca coisa, sobretudo em face de um pagamento de juros adiado. Assim, ao mesmo tempo que pedia pequenas quantias pelo atraso de alguns meses, Rigou apertava os devedores, exigindo deles serviços manuais, verdadeiros dias de trabalho gratuito, a que se prestavam, porque isso não lhes tirava nada do bolso. E com isso às vezes pagavam a Rigou mais do que o capital da dívida.

Instruído como um monge, silencioso como um historiador beneditino, astuto como um padre, dissimulado como todo avarento, atendo-se aos limites do direito, sempre em boa forma, esse homem teria sido Tibério em Roma, Richelieu sob Luís XIII, Fouché se quisesse tomar parte na Convenção,¹²¹ mas teve a sabedoria de se tornar um Lúculo¹²² sem pompa, um voluptuoso avaro. Para entreter o espírito, cultivava um ódio de proporções amplas. Atormentava o General Conde de Montcornet, movendo os camponeses, graças a uma trama de fios ocultos, cujo manejo o divertia como uma partida de xadrez em que os piões vivessem, os cavaleiros corressem, os loucos como Fourchon praguejassem, as torres feudais brilhassem ao sol, a rainha, maliciosamente, desse xeque ao rei! Todos os dias, ao levantar-se, via da janela as alturas orgulhosas das Aigues, as chaminés dos pavilhões, os portões soberbos, e dizia consigo mesmo: “Isto tudo há de cair! Eu secarei esses regatos, abaterei essas árvores”. Em suma, tinha uma vítima grande e outra pequena. Enquanto planejava a ruína do castelo, esse renegado se distraía matando o padre Brossette a alfinetadas.

Para terminar a pintura do ex-religioso, basta dizer que ele ia à missa, lastimando o fato de sua mulher ainda estar viva e manifestando desejo de se reconciliar com a Igreja logo que enviuvasse.

Cumprimentava atenciosamente o padre Brossette, quando o encontrava, falando-lhe com doçura, sem se exaltar nunca. Em geral, as pessoas ligadas à Igreja ou que se afastaram dela têm uma paciência de inseto: isto se deve à obrigação de guardar decore, educação que há já uns vinte anos faz falta à imensa maioria dos franceses, até mesmo aos que se julgam bem-educados. Todos os conventuais que a Revolução obrigou a sair dos mosteiros, entrando no mundo dos negócios, mostraram, por sua frieza e sua reserva, a superioridade que a disciplina eclesiástica assegura aos filhos da Igreja, mesmo àqueles que desertam.

Instruído desde 1792 pelo caso do testamento, Gaubertin soube avaliar a astúcia escondida por trás do rosto amargurado daquele hábil hipócrita; por isso, fez dele um cúmplice, comungando ambos diante do Bezerro de Ouro. Logo que se fundou a casa Leclerc, aconselhou Rigou a depositar nela cinquenta mil francos, sob garantia. Rigou tornou-se comanditário da firma, e tanto mais poderoso quanto deixou o capital ir crescendo com juros acumulados. Naquela época, o interesse de Rigou na casa ainda era de cem mil francos, embora em 1816 houvesse retirado cerca de oitenta mil francos, para colocá-los na Dívida Pública, que lhe pagava dezessete mil, de juros. Lupin calculava em cento e cinquenta mil francos as hipotecas passadas em seu benefício, pelo empréstimo de pequenas quantias sobre grandes bens. Ostensivamente, ele retirava de suas terras perto de catorze mil francos de renda líquida. Recebia, pois, uns quarenta mil francos de juros. Mas sua fortuna era um X que nenhuma regra de proporção saberia decifrar, do mesmo modo que só o diabo sabia de seus negócios com Langlumé.

Esse terrível usurário, que pretendia viver ainda uns vinte anos, estabelecera regras fixas para suas operações. Não emprestava nada ao camponês que não lhe comprasse pelo menos três hectares de terra, pagando metade à vista. Por aí se vê que Rigou conhecia bem o defeito da lei de expropriações, quando aplicada aos pequenos tratos de terra, e o perigo que a divisão excessiva de bens acarreta para o Tesouro e a Propriedade. Como iremos processar o camponês que nos tomou um palmo de terra, se ele só tem cinco? O golpe de vista do interesse privado está sempre vinte e cinco anos à frente do de uma assembleia de legisladores. Que lição para o país! A lei deverá sair sempre de um cérebro poderoso, de um homem de gênio, e não de novecentas inteligências que, por maiores que sejam, se amesquinham formando multidão. Não estará mesmo na lei de Rigou o princípio de outra que se deverá fazer para impedir o absurdo da propriedade reduzida à metade, a um terço, a um quarto, a um décimo de centiare, como sucede na comuna de Argenteuil, onde há trinta mil frações de terra?

Tais operações exigiam uma súcia de interessados, como a que reinava sobre o distrito. Aliás, reservando a Lupin cerca de um terço dos

atos lavrados anualmente em cartório, Rigou fizera do tabelião de Soulanges um cúmplice dedicado. Assim, podia o pirata incluir no contrato de empréstimo, que também era assinado pela mulher do cliente, quando este era casado, a soma a que montavam os juros ilegais. Encantado com a perspectiva de pagar apenas cinco por cento anualmente durante o prazo do empréstimo, o camponês esperava sempre livrar-se da dívida mediante um trabalho encarniçado e uma adubação que valorizava o penhor de Rigou.

Daí as enganosas maravilhas engendradas por aquilo que economistas imbecis chamam de *pequena cultura*, resultado de um erro político pelo qual temos de levar à Alemanha o dinheiro francês, para comprar cavalos que nossas fazendas não nos fornecem mais; erro que diminuía de tal modo a produção de gado cornífero que dentro em breve a carne se tornará inacessível não somente ao povo mas ainda à pequena burguesia.¹²³

Portanto, muito suor, entre Couches e La-Ville-aux-Fayes, corria para Rigou, que todos respeitavam, ao passo que o trabalho pago fartamente pelo general, única pessoa que espalhava dinheiro no lugar, lhe valia a maldição e o ódio consagrado aos ricos. Tais fatos não seriam inexplicáveis sem o olhar lançado à Mediocracia? Fourchon tinha razão, os burgueses substituíam os senhores. Esses pequenos proprietários, cujo tipo é representado por Courtecuisse, eram os vassalos de mão morta do Tibério do vale do Avonne, do mesmo modo que em Paris os industriais sem dinheiro são os camponeses dos grandes bancos.

Soudry seguia o exemplo de Rigou, numa área que ia de Soulanges até cinco léguas além de La-Ville-aux-Fayes. Esses dois usurários tinham dividido entre si a circunscrição.

Gaubertin, cuja rapacidade se manifestava numa esfera superior, não somente se abstinha de fazer concorrência a seus associados como impedia os capitais de La-Ville-aux-Fayes de tomarem esse caminho frutuoso. Pode-se avaliar agora que influência o triunvirato Rigou, Soudry e Gaubertin exerciam nas eleições, através de eleitores cuja sorte dependia da mansuetude deles.

Ódio, inteligência e fortuna, eis o triângulo terrível que definia o inimigo mais próximo das Aigues, o vigia do general, em relação constante com sessenta ou oitenta pequenos proprietários, parentes ou aliados dos camponeses, e que o temiam como se teme um credor.

Rigou era superior a Tonsard. Um vivia de roubos em espécie, o outro engordava com rapinas legais. Ambos gostavam da boa vida. A mesma natureza sob duas modalidades, uma espontânea, outra apurada pela educação do claustro.

Quando Vaudoyer saiu da taverna do Grand-I-Vert para ir consultar o antigo *maire*, eram cerca de quatro horas. A essa hora, Rigou estava jantando.

Achando fechada a porta travessa, Vaudoyer olhou através das cortinas e gritou:

— Sr. Rigou! Sou eu, Vaudoyer...

João apareceu no portão e mandou Vaudoyer entrar, um instante depois, dizendo-lhe:

— Venha para o jardim, o patrão tem visita.

A visita era Sibilet, que, sob pretexto de obter esclarecimentos quanto ao significado da sentença que Brunet acabara de lavar, se entretinha com Rigou sobre coisa muito diferente. Tinha achado o usurário acabando a sobremesa.

Sobre a mesa quadrada, resplandecente de limpeza, pois, pouco se importando com o trabalho de sua mulher e de Anita, Rigou exigia toalha nova todos os dias, o administrador viu ser colocada uma travessa com morangos, abricós, pêssegos, cerejas e amêndoas, uma infinidade de frutas da estação, servidas em pratos de porcelana branca e sobre folhas de vinha, quase tão graciosamente como nas Aigues.

Vendo Sibilet, Rigou disse-lhe que torcesse o ferrolho das portas batentes interiores, adaptadas a cada porta não só para preservar do frio como para abafar os ruídos, e perguntou-lhe que negócio tão premente o obrigava a aparecer em pleno dia, quando podia conferenciar à noite com tamanha segurança...

— É que o Tapeceiro falou em ir a Paris para ver o guarda dos selos. Ele é capaz de fazer muito mal ao senhor e pedir a remoção do seu genro, dos juizes de La-Ville-aux-Fayes e do presidente, sobretudo depois de ler a sentença que acaba de ser dada em favor do senhor. Está irritado, é esperto e tem no padre Brossette um conselheiro capaz de enfrentar o senhor e Gaubertin... Os padres são poderosos. O senhor bispo gosta bastante do padre Brossette. A senhora condessa falou em procurar o primo prefeito, Conde de Castéran, a propósito do caso de Nicolau. E Michaud está começando a ver claro em nosso jogo...

— Você está com medo — respondeu docemente o usurário, lançando a Sibilet um olhar que a suspeita fazia menos mortiço que de costume, e que foi terrível. — E calcula se não será melhor ficar do lado do sr. Conde de Montcornet...

— No dia em que o senhor liquidasse com as Aigues, não vejo onde é que eu iria arranjar quatro mil francos para colocar todos os anos, honestamente, como venho fazendo há cinco anos — respondeu Sibilet, sem rebuços. — Há tempos, o sr. Gaubertin me acenou com as mais belas promessas; mas a crise se aproxima, e a gente terá de lutar... Prometer e cumprir depois da vitória são coisas muito diferentes.

— Eu falarei com ele — respondeu Rigou, tranquilamente. — Enquanto isso, eis como eu responderia, se a coisa fosse comigo: “Há cinco anos que você leva ao sr. Rigou quatro mil francos por ano, e esse homem de bem lhe paga sete e meio por cento, o que a esta altura

proporciona a você um saldo de vinte e sete mil francos, com juros acumulados; mas como existe um documento com duas assinaturas e de caráter privado, entre você e Rigou, o administrador das Aigues seria despedido no dia em que o padre Brossette mostrasse ao Tapeceiro esse documento, sobretudo depois de uma carta anônima que lhe contasse qual o duplo papel de você. Seria, pois, mais acertado caçar conosco, sem pedir sua parte adiantado, tanto mais que o sr. Rigou, não estando também obrigado a lhe pagar sete e meio por cento e os juros dos juros, convidaria você a receber em juízo os seus vinte mil francos; e, até que você pudesse apalpá-los, o processo, retardado pela chicana, seria julgado no tribunal de La-Ville-aux-Fayes. Se você proceder ajuizadamente, quando o sr. Rigou for dono do seu pavilhão nas Aigues, com cerca de trinta mil francos e mais outros trinta mil que ele lhe confiaria, você poderia continuar o comércio de dinheiro que ele mantém, e que será ainda mais vantajoso, pois os camponeses se lançarão sobre as terras das Aigues, divididas em pequenos lotes, como a pobreza sobre o mundo”. Eis o que poderia lhe dizer o sr. Gaubertin; mas eu cá não tenho necessidade de ninguém, todo mundo está à minha disposição. Quanto ao guarda dos selos, cada hora é um, ao passo que nós estamos sempre por aqui.

— Enfim, o senhor está prevenido — disse Sibilet, sentindo-se uma besta.

— Prevenido de quê? — perguntou Rigou, maliciosamente.

— Do que fará o Tapeceiro — respondeu humildemente o administrador. — Ele seguiu para a sede da Prefeitura, furioso.

— Pois que siga! Se os Montcornet não usassem carros, que seria dos fabricantes de segas?

— Esta noite, às onze horas, eu lhe trarei mil escudos — disse Sibilet —, mas o senhor devia antecipar aqueles negócios cedendo-me algumas hipotecas vencidas, que me proporcionassem uns bons lotes de terra...

— Tenho a de Courtecuisse e quero poupá-lo, porque é o melhor atirador do departamento; se eu a transferisse, havia de parecer que você estava atormentando o pobre-diabo por ordem do Tapeceiro, o que seria matar dois coelhos com uma só cajadada. Ele seria capaz de tudo, vendo-se caído mais baixo do que Fourchon. Courtecuisse liquidou-se na Bâchelerie. Ele beneficiou bastante o terreno, pôs latadas nos muros da horta... Essa pequena propriedade vale hoje quatro mil francos, que o conde pagaria perfeitamente a você pelas três jeiras próximas ao bosque de caça. Se Courtecuisse não fosse um beerrão, teria pagado os juros somente com a caça que se mata por lá.

— Pois bem, transfira-me esse crédito. Com ele faço a minha fortuna. Ficarei com a caça e a horta de graça. O conde comprará as três jeiras.

— E quanto é que você me dá por isso?

— Meus Deus, o senhor seria capaz de tirar leite de um boi! — exclamou Sibilet. — E eu, que acabo de arrancar do Tapeceiro uma ordem para regulamentar a respiga de acordo com a lei...

— Você arranjou isso, rapaz? — disse Rigou, que havia já muitos dias sugerido a Sibilet a ideia dessa perseguição, dizendo-lhe que a aconselhasse ao general. — Nós o agarramos. Ele está perdido; mas não basta prendê-lo por um fio, é preciso amarrá-lo como um rolo de fumo! Puxe o ferrolho, rapaz, e vá dizer a minha mulher que traga o café e os licores, e a João que atrele os animais. Vou a Soulanges esta noite mesmo! Até amanhã! Boa tarde, Vaudoyer — exclamou, vendo entrar o seu antigo guarda campestre. — Então, que há de novo?...

Vaudoyer contou tudo que acabava de passar-se na taverna e pediu a opinião de Rigou sobre a legalidade da regulamentação planejada pelo general.

— Ele tem direito — respondeu Rigou, claramente. — Temos um senhor duro, e o padre Brossette é um homem maligno. O cura sugere todas essas medidas porque vocês não vão à missa, seus ímpios!... Quanto a mim, bem que eu vou! Há um Deus, estão vendo?... Vocês suportam tudo, e o Tapeceiro irá avançando cada vez mais...

— Pois bem, nós respigaremos!... — disse Vaudoyer, com o acento resolutivo que distingue os burgueses.

— Sem certificado de indigência? — objetou o usurário. — Dizem que ele foi pedir tropas à Prefeitura, para obrigar vocês a entrarem na linha.

— Respigaremos como antes — repetiu Vaudoyer.

— Respiquem!... O sr. Sarcus decidirá se vocês estão com a razão — disse o usurário, como que prometendo aos camponeses a proteção da justiça de paz.

— Nós respigaremos e nos defenderemos!... Ou então a Borgonha não será mais a Borgonha! — exclamou Vaudoyer. — Se os gendarmes têm sabres, nós temos foices. Veremos!

Às quatro horas e meia, o grande portão verde do antigo presbitério girava sobre os gonzos, e o cavalo castanho baio, conduzido pela rédea por João, saiu para a praça. Chegando ao limiar da porta travessa, a sra. Rigou e Anita viram o carrinho pintado de verde, com capota de couro, onde se achava o seu senhor, instalado em boas almofadas.

— Não demore, senhor — disse Anita, fazendo beicinho.

Todas as pessoas da aldeia, já cientes das decisões alarmantes que o *maire* queria tomar, foram para suas portas ou pararam na rua principal, vendo passar Rigou e pensando que ele ia a Soulanges para defendê-las.

— Então, sra. Courtecuisse, o nosso antigo *maire* sem dúvida vai nos defender? — disse uma velha tecelã, a quem a questão dos delitos

florestais interessava de perto, pois seu marido vendia feixes roubados em Soulanges.

— Meu Deus, o coração dele está sangrando com o que se passa. Ficou tão infeliz por causa disso como vocês... — respondeu a pobre mulher, que tremia só de ouvir o nome do credor, e que o elogiava de medo.

— Ah! Não é por falar mal, mas ele foi muito maltratado! Bom dia, sr. Rigou — acrescentou a tecelã, respondendo ao cumprimento deste.

Quando o usurário atravessou o Thune, vadeável em qualquer época, Tonsard, saindo da taverna, foi lhe dizer na estrada comunal:

— Então, padre Rigou, o Tapeceiro quer transformar a gente em cachorro?...

— Veremos! — respondeu o usurário, fustigando o cavalo.

— Este saberá nos defender — disse Tonsard a um grupo de mulheres e crianças, agrupadas à sua volta.

— Ele pensa em vocês como um estalajadeiro pensa nos cadozes, na hora de limpar a frigideira — replicou Fourchon.

— Ora, tire o badalo de sua campainha quando estiver bêbado!... — disse Mosquito, puxando o avô pela blusa e fazendo-o cair no talude, ao nível de um olmeiro. — Se o danado daquele monge ouvisse isso, você não venderia mais tão caro para ele a sua conversa fiada...

De fato, se Rigou corria para Soulanges, era levado pela importante notícia dada por Sibilet, que lhe parecera ameaçadora para a coalizão secreta da burguesia avonnense.

Da esfera camponesa, vai, pois, este drama elevar-se até a alta região dos burgueses de Soulanges e de La-Ville-aux-Fayes, curiosas figuras cuja aparição no enredo, em vez de travar o desenvolvimento deste, irá acelerá-lo, como as aldeias apanhadas pela avalanche tornam mais rápido o seu curso.

SEGUNDA PARTE

I — A PRIMEIRA SOCIEDADE DE SOULANGES

A cerca de seis quilômetros de Blangy, para falar legalmente, e a igual distância de La-Ville-aux-Fayes, em anfiteatro sobre um outeiro, ramificação de longa costa paralela à que margeia o Avonne, ergue-se a cidadezinha de Soulanges, chamada *a Bonita*, com maior razão, talvez, do que Mantes.

Na base dessa colina, ostenta-se o Thune, num leito argiloso, de perto de trinta hectares de extensão, na extremidade do qual os moinhos de Soulanges, instalados em numerosas ilhotas, formam um caminho tão gracioso quanto poderia imaginá-lo um arquiteto paisagista. Depois de regar o parque de Soulanges, onde alimenta belas ribeiras e lagos artificiais, o Thune se lança no Avonne por um canal magnífico.

O castelo de Soulanges, reconstruído sob o reinado de Luís XV de acordo com os desenhos de Mansart,¹²⁴ e um dos mais belos da Borgonha, olha de frente para a cidade. Deste modo, Soulanges e o castelo se apresentam respectivamente um ponto de vista tão esplêndido como elegante. A estrada cantonal circula entre a cidade e o tanque, chamado um tanto pomposamente, pelas pessoas do lugar, de lago de Soulanges.

Esta cidadezinha é uma dessas composições naturais, excessivamente raras na França, onde há falta absoluta de pitoresco, nesse gênero. Aí encontraremos realmente o pitoresco da Suíça, como dizia Blondet na sua carta, ou o pitoresco dos arredores de Neufchâtel. Os alegres vinhedos que formam cintura em torno de Soulanges completam a semelhança, mas sem o Jura e os Alpes; as ruas, superpostas umas às outras na colina, têm poucas casas, pois são todas cercadas de jardins, que produzem essas massas de verdura tão raras mas capitais. Os telhados azuis e vermelhos, misturados com as flores, árvores e terraços com caramanchões, oferecem aspectos variados e cheios de harmonia.

A igreja — uma velha igreja da Idade Média, feita de pedra, graças à munificência dos srs. de Soulanges, que nela reservaram para si primeiro uma capela perto do coro e depois uma capela subterrânea, para necrópole — apresenta, como a de Longjumeau, à guisa de frontispício, uma arcada imensa, franjada de círculos floridos e ornados

com estatuetas, ladeada por dois pilares com nichos terminados em agulha. Essa porta, reproduzida tantas vezes nas pequenas igrejas da Idade Média que o acaso preservou das destruições do calvinismo, é coroada por um tríglofo, acima do qual se ergue uma Virgem esculpida, carregando o Menino Jesus. As naves laterais compõem-se, externamente, de cinco arcadas fechadas, com sulcos de nervuras, iluminadas por vitrais. A capela-mor apoia-se em arcobotantes dignos de uma catedral. O campanário, que se acha num braço de grande cruz, é uma torre quadrada, com sineira a dominá-lo. Percebe-se de longe essa igreja, pois fica no alto da grande praça ao longo da qual passa a estrada.

A praça, bastante larga, é formada de construções originais, cada qual de época diferente. Muitas, metade em madeira metade em tijolo, tendo nas vigas uma barra de ardósia, remontam à Idade Média. Outras, de pedra e com balcões, mostram aquela empena tão apreciada pelos nossos avós e que data do século XII. Muitas atraem o olhar por essas velhas traves salientes, com figuras grotescas, cuja saliência forma um alpendre, fazendo lembrar o tempo em que a burguesia se dedicava exclusivamente ao comércio. Magnífica entre todas é a casa do antigo Bailiado, com sua fachada esculpida, no alinhamento da igreja, que ela acompanha admiravelmente. Vendida por ordem da nação, foi comprada pela comuna, que a transformou em *mairie* e aí instalou o Tribunal de Paz, onde então tinha assento o sr. Sarcus, após a instituição do Juizado de Paz.

Este ligeiro esboço permite-nos entrever a praça de Soulanges, ornada ao centro com uma fonte encantadora, trazida da Itália, em 1520, pelo Marechal de Soulanges e que não deslustraria uma grande capital. A água de um repuxo, alimentado pela fonte situada no alto da colina, é continuamente distribuída por quatro amores de mármore branco, que seguram conchas e carregam um cesto de uvas.

Os viajantes letrados que passarem por lá — se acaso passar algum depois de Blondet — poderão reconhecer aquela praça tornada ilustre por Molière e pelo teatro espanhol, que reinou por tanto tempo na cena francesa e que demonstrará sempre que a comédia nasceu nos países quentes, onde a vida se desenrola na praça pública. A praça de Soulanges lembra tanto mais esse logradouro clássico, sempre o mesmo em qualquer teatro, quanto as duas primeiras ruas que a cortam precisamente à altura da fonte figuram esses bastidores tão necessários aos senhores e aos criados para se encontrarem ou para se esconderem uns dos outros. No canto de uma dessas ruas, chamada rue de la Fontaine, cintila o brasão de armas do sr. Lupin. A casa de Sarcus, a do coletor Guerbet, a do escrivão Gourdon e de seu irmão médico, a do velho sr. Gendrin-Vattebled, guarda-geral de águas e florestas, todas essas casas, conservadas com esmero pelos proprietários, que tomam a

sério o apelido da cidade, então dispostas nos arredores da praça, quarteirão aristocrático de Soulanges.

A casa da sra. Soudry, pois a poderosa individualidade da antiga criada da srta. Laguerre absorvera o chefe da comunidade, essa casa inteiramente moderna fora construída por um rico negociante de vinho, nascido em Soulanges e que, depois de fazer fortuna em Paris, voltara em 1793 a fim de comprar trigo para sua cidade natal. Aí foi massacrado como açambarcador pela população, amotinada por instigação de um miserável pedreiro, tio de Godain, com quem ele tivera um desentendimento a propósito da sua pretensiosa edificação.

A liquidação desta herança, vivamente disputada pelos colaterais, arrastou-se tanto que em 1798, de volta a Soulanges, Soudry pôde comprar por mil escudos em espécie o palácio do negociante de vinho, alugando-o primeiro ao departamento para aí se instalar a gendarmeria. Em 1811, a srta. Cochet, que Soudry consultava a propósito de tudo, opôs-se vivamente à renovação do contrato, achando aquela casa inabitável, em concubinato, dizia ela, com uma caserna. A cidade de Soulanges, auxiliada pelo departamento, construiu então um quartel para a gendarmeria, numa rua lateral à da *mairie*. O cabo da gendarmeria limpou sua casa e restituiu-lhe o brilho primitivo, maculado pela estrebaria e pela residência dos guardas.

Essa casa, de um andar, com o teto cortado de mansardas, descortina a paisagem por três fachadas, uma sobre a praça, outra sobre o lago e a terceira sobre um jardim. O quarto lado dá para um pátio que separa os Soudry da casa vizinha, ocupada por um merceeiro chamado Vattebled, homem da *segunda sociedade* e pai da bela sra. Plissoud, da qual trataremos em breve.

Todas as cidadezinhas têm uma bela senhora, como têm um Socquard e um Café da Paz.

Já se adivinha que a fachada sobre o lago é rodeada por um jardimzinho em forma de terraço, de pequena altura, fechado por balaústres de pedra, que margeiam a estrada cantonal. Desse terraço descemos para a horta por meio de uma escada, ao longo de cujos degraus se veem uma laranjeira, uma romãzeira, um pé de mirto e outras árvores ornamentais, exibindo na extremidade da horta uma estufa que a sra. Soudry se obstina em chamar de *restufa*. Do lado da praça, entra-se na casa por um patamar de muitos degraus; como é costume nas cidadezinhas, o portão, reservado para serviço do pátio, o cavalo do dono e as chegadas extraordinárias, raramente se abre. Os frequentadores, vindos todos a pé, subiam pelo patamar.

O estilo do palacete Soudry é seco; as fiadas são indicadas por esses filetes chamados goteiras; as janelas enquadram-se em molduras alternadamente finas e grossas, no gênero das dos pavilhões Gabriel e Perronet, na praça Luís XV. Numa cidade tão pequena, tais ornamentos

dão aspecto monumental a esta casa, que se tornou célebre.

Em frente, no ângulo da praça, abre-se o famoso Café da Paz, cujas particularidades, e sobretudo o prestigioso Tivoli, exigirão mais tarde descrições menos sucintas que a do palacete Soudry.

Rigou vinha muito raramente a Soulanges, pois todos iam à casa dele, tanto o tabelião Lupin como Gaubertin, Soudry como Gendrin, de tal modo o temiam. Mas veremos que qualquer homem instruído, como era o ex-beneditino, teria imitado a reserva de Rigou, à vista da descrição, que se torna necessária, das pessoas de quem se dizia no lugar: “*É a primeira, sociedade de Soulanges*”.

De todas essas figuras, a mais original, como estão pressentindo, era a sra. Soudry, personagem que, para ser bem figurada, exige todas as minúcias do pincel.

A sra. Soudry se permitia uma *suspeita de carmim*, tal como a srta. Laguerre; mas a ligeira tinta se transformara, pela força do hábito, nessas placas de vermelhão que nossos ancestrais chamavam pitorescamente de “rodas de carroça”. Como as rugas do rosto se tornassem cada vez mais profundas e múltiplas, a senhora do *maire* imaginara poder enchê-las com pintura. Sua testa se amarelava assim por demais, e as têmperas reluziam. Ela se aplicava um pó branco e figurava as veias da mocidade por meio de uma leve rede azul. Essa pintura dava uma vivacidade excessiva aos olhos já brejeiros, de sorte que sua máscara teria parecido esquisitíssima aos estranhos; mas, habituada a esse brilho postiço, a roda achava belíssima a sra. Soudry.

— Essa mulher desengonçada e sempre decotada mostrava as costas e o busto esbranquiçados e envernizados, um e outro, pelos mesmos processos empregados para o rosto; mas felizmente, sob pretexto de fazer esvoaçar umas rendas magníficas, velava pela metade os seus produtos químicos. Usava sempre um colete de barbatanas, cujas pontas desciam baixíssimo, guarnecido de nós por toda parte, até mesmo nas pontas... Sua saia desprendia sons agudos, tanto pululavam nela sedas e folhos.

Esse aparato, que justifica a palavra *atours* (enfeites), daqui a pouco inexplicável, naquela noite era em damasco de alto preço, porque a sra. Soudry possuía uma centena de vestidos, cada qual mais rico do que os outros, provenientes do imenso e esplêndido guarda-roupa da srta. Laguerre e todos reformados por ela segundo a última moda de 1808. Os cabelos da sua peruca loura, crespos e empoados, pareciam soerguer a soberba touca de laçadas de cetim vermelho-cereja, semelhante às fitas de suas guarnições.

Se quiserem imaginar sob essa touca sempre ultrafaceira uma cara de macaca de monstruosa feiura, em que vasta zona de carne barbuda separa o nariz, descarnado e chato, de uma boca de dentadura postiça, que os sons atravessam como a uma trompa de caça, dificilmente

compreenderão por que a primeira sociedade do lugar e toda Soulanges, numa palavra, achavam bela essa quase rainha, a menos que se lembrem do sucinto tratado *ex professo* que uma das mais espirituosas damas do nosso tempo escreveu há pouco sobre a arte de se fazer bela em Paris, pelos acessórios de que aí se utilizam as mulheres.

De fato, em primeiro lugar, a sra. Soudry vivia no meio das coisas magníficas, reunidas em casa de sua patroa, que o ex-beneditino chamava de *fructus belli*.¹²⁵ Depois, tirava partido de sua feiura, exagerando-a, adotando esse ar, essas maneiras que só se usam em Paris e cujo segredo permanece em poder até da parisiense mais vulgar, que tem sempre um pouco de macaco. Apertava-se muito, punha por baixo uma grandiosa armação para tufar as saias, usava brincos de diamantes, seus dedos viviam carregados de anéis. Enfim, no alto do espartilho, entre duas massas cobertas de um pó branco-pérola, brilhava um besouro composto de dois topázios, com cabeça de diamante, presente da *querida patroa*, do qual se falava em todo o departamento. Como a sua finada patroa, andava sempre de braços nus e agitava um leque de marfim com pintura de Boucher, ao qual duas rosinhas serviam de botões.

Quando saía, a sra. Soudry levava aberto o verdadeiro guarda-sol do século XVIII, isto é, uma vareta em cuja ponta se abria uma sombrinha verde com franjas verdes. Do alto do terraço, quando ela passava por ali, quem a olhasse de longe acreditaria ver uma figura de Watteau andando.

No salão, forrado de damasco vermelho, com cortinas de damasco debruadas de seda branca e cuja lareira era enfeitada com chinesices do bom tempo de Luís XV, com fogão, galerias, ramos de lírio suspensos no ar por amores — neste salão cheio de móveis de madeira dourada com pés de corça, compreendia-se que as pessoas de Soulanges pudessem dizer a respeito da dona da casa: “Bela sra. Soudry!”. Por isso, o palacete Soudry tornara-se o orgulho nacional da sede do cantão.

Se a primeira sociedade de Soulanges acreditava em sua rainha, esta, por sua vez, acreditava em si mesma. Por um fenômeno que não é raro, e que a vaidade materna e a vaidade de autor a todo instante realizam sob nossos olhos, tanto em proveito das obras literárias como das moças casadouras, em sete anos a criada Cochet se sepultara tão bem na senhora *maitresse* que não somente esta não se lembrava mais de sua primitiva condição como acreditava mesmo ser uma dama de sociedade. Lembrava-se tão bem dos acenos de cabeça, dos tons em falsete, dos gestos, das maneiras de sua patroa que, voltando a encontrar sua vida opulenta, encontrara também de novo sua impertinência. Sabia na ponta da língua o seu século XVIII, as anedotas dos grãos-senhores e seus parentescos. Essa erudição de antecâmara

fazia com que sua conversa cheirasse a Olho-de-Boi.¹²⁶ Ali, pois, seu espírito de aia de comédia passava por espírito de bom quilate. Quanto ao moral, a *maïresse* era, se quiserem, uma espécie de strass;¹²⁷ mas, para os selvagens, strass não é o mesmo que diamante?

Essa mulher sentia-se adulada e divinizada, como antes divinizava a sua patroa, pelas pessoas de sociedade que todos os dias achavam em sua casa jantar, além de café e licores, quando chegavam à hora da sobremesa, acaso esse bastante comum. Nenhuma cabeça de mulher resistiria ao poder hilariante desse contínuo incensamento. No inverno, o salão bem aquecido, bem iluminado por velas, enchia-se dos burgueses mais ricos, que reembolsavam em elogios os finos licores e os vinhos generosos, provenientes da adega da “querida patroa”. Os frequentadores e suas mulheres, verdadeiros usufrutuários daquele luxo, economizavam assim aquecimento e luz. Sabem, pois, o que se proclamava num círculo de cinco léguas e até mesmo em La-Ville-aux-Fayes?

— A sra. Soudry faz maravilhosamente as honras de sua casa — diziam uns e outros, passando em revista as notabilidades departamentais. — Sua casa vive aberta; lá nos sentimos admiravelmente bem. Ela sabe fazer as honras da sua fortuna. Tem sempre uma palavra espirituosa. E que prataria! Uma dessas casas como só há em Paris!...

A prataria dada por Bouret à srta. Laguerre, magnífica prataria do famoso Germain¹²⁸ fora literalmente furtada pela sra. Soudry. Ao morrer a srta. Laguerre, ela a guardou calmamente no seu quarto, e esses bens não puderam ser reclamados por herdeiros que tudo ignoravam dos valores da sucessão.

Havia já algum tempo, as doze ou quinze pessoas que representavam a primeira sociedade de Soulanges referiam-se à sra. Soudry como se fosse amiga íntima da srta. Laguerre, arrepiando-se ante a expressão *criada-grave* e pretendendo que ela se sacrificara pela cantora ao se fazer dama de companhia da grande atriz.

Coisa estranha e verdadeira! Todas essas ilusões, tornando-se realidades, propagavam-se, em casa da sra. Soudry, até as regiões positivas do coração; ela reinava tiranicamente sobre o marido.

O cabo da gendarmeria, obrigado a amar uma mulher dez anos mais velha do que ele e que detinha a gestão de sua fortuna, alimentava as ideias que ela acabara concebendo a respeito de sua própria beleza. Entretanto, quando o invejavam falando-lhe de sua felicidade, ele às vezes desejaria que outro estivesse no seu lugar, pois tomava precauções para esconder seus pecadinhos, como a gente as toma diante de mulher jovem e adorada, e só de pouco tempo a essa parte pudera introduzir em casa uma criada bonita.

O retrato desta rainha, um pouco grotesco mas de que, por essa

época, ainda se encontravam muitos exemplares na província, alguns mais ou menos nobres, outros ligados à alta finança, como, por exemplo, certa viúva de arrecadador-geral na Touraine que ainda punha fatias de vitela nas faces; esse retrato pintado ao natural ficaria incompleto sem os brilhantes que o emolduravam, e sem os principais cortesãos cujo perfil cumpre esboçar, ao menos para explicar como são temíveis tais pigmeus e quais são, nas pequenas cidades, os órgãos da opinião pública. Ninguém se iluda a respeito. Há lugares como Soulanges que, não sendo um burgo, uma aldeia, nem mesmo uma cidadezinha, têm algo de cidade, de aldeia e de burgo. As fisionomias de seus habitantes são inteiramente diversas da que vamos encontrar no seio das grandes cidades de província, boas ou más; a vida do campo influi nos costumes, e essa mistura de tintas produz tipos verdadeiramente originais.

Depois da sra. Soudry, a personagem mais importante era o tabelião Lupin, encarregado de negócios da casa Soulanges, pois seria inútil falar do velho guarda-geral Gendrin-Vattebled, nonagenário no ponto de morrer e que permanecia em casa desde a exaltação da sra. Soudry; mas que, depois de reinar sobre Soulanges, como homem que desfrutava seu lugar desde o reinado de Luís XV, falava ainda, nos momentos lúcidos, sobre a jurisdição da Mesa de Mármore.¹²⁹

Embora contando quarenta e cinco primaveras, Lupin, fresco e rosado graças à gordura que envolve fatalmente as pessoas dê gabinete, ainda cantava romanças. Por isso, conservava o traje elegante dos cantores de salão. Parecia quase parisiense, com suas botinas cuidadosamente engraxadas, seus coletes amarelo-enxofre, suas sobrecasacas justas, suas ricas gravatas de seda, suas calças na moda. Ondulava os cabelos na barbearia de Soulanges, por causa de sua ligação com a sra. Sarcus, mulher de Sarcus, o Rico, que, mal comparando, era para sua vida o que as campanhas da Itália foram para Napoleão. Somente ele ia a Paris, onde era recebido em casa dos Soulanges. Assim, só de ouvi-lo falar, compreenderíamos o predomínio que exercia, em sua qualidade de homem vaidoso e árbitro de elegâncias. Pronunciava-se a respeito de tudo com uma só palavra, *crosta*, a três modificativos.

Um homem, um móvel, uma mulher, podiam ser *crosta*; depois, num grau superior de imperfeição, *crostona*; enfim, como última palavra, *crosta de pinico*! Crosta de pinico era o *isso não existe* dos artistas, o *omnium* do desprezo. Sendo *crosta*, a pessoa ainda podia se descrostar; sendo *crostona*, já não tinha remédio; e *crosta de pinico*, então... Oh! Seria preferível que não houvesse saído do nada. Quanto aos elogios, limitavam-se à repetição da palavra *encantador*. “Encantador!” era o grau positivo da sua admiração. Diante de “Encantador! Encantador!...” poderíamos ficar tranquilos. Mas em face

de “Encantador! Encantador! Encantador!” era lícito retirar a escada, atingia-se o cume da perfeição.

O tabelião — pois ele se chamava a si mesmo de tabelião, guarda-notas e pequeno tabelião, colocando-se por brincadeira acima de seu cargo — mantinha-se nos termos de uma galanteria verbal, em face da senhora *maitresse*, que tinha um fraco por Lupin embora ele fosse louro e usasse óculos. A criada Cochet só amara homens morenos e bigodudos, com pequenos bosques nas falanges dos dedos, enfim, verdadeiros Hércules. Mas abria exceção para Lupin, por causa da sua elegância; de resto, ela pensava que seu triunfo em Soulanges não seria completo sem um adorador; mas, para grande desespero de Soudry, os adoradores da rainha não ousavam dar à sua admiração uma forma adúlterina.

O tabelião tinha voz de contralto; por várias vezes fornecera uma amostra dessa voz, pelos ângulos da casa ou no terraço — maneira de lembrar o seu *jeito de agradar* e obstáculo contra o qual se chocam todos os homens com jeito de agradar, até mesmo os homens de gênio, infelizmente.

Lupin desposara uma herdeira de tamancos e meias azuis, filha única de um negociante de sal, enriquecido durante a Revolução, época na qual os contrabandistas de sal obtiveram lucros enormes, pela reação que se manifestou contra a gabela. Deixava a mulher prudentemente em casa, onde Bebelles ficava presa, graças à sua paixão platônica por um belíssimo primeiro-escrevente sem outra fortuna além do ordenado, um tal Bonnac, que, na segunda sociedade, representava o mesmo papel que seu patrão na primeira.

A sra. Lupin, mulher sem a menor espécie de educação, só aparecia nas grandes ocasiões, sob a forma de uma enorme pipa de Borgonha, vestida de veludo e dominada por uma cabecinha que se afundava em espáduas de cor duvidosa. Nenhum processo podia manter-lhe o cinto no lugar próprio. Bebelles confessava ingenuamente que a prudência lhe proibía usar colete. Enfim, nem mesmo a imaginação de um poeta, ou melhor, de um inventor, teria achado nas costas de Bebelles traços da sedutora sinuosidade que aí produzem as vértebras, em todas as mulheres realmente mulheres.

Redonda como uma tartaruga, ela pertencia ao gênero das mulheres invertebradas. Esse desenvolvimento assustador do tecido celular sem dúvida tranquilizava muito Lupin com relação à paixonite da gorda consorte, que ele descaradamente tratava de Bebelles sem que ninguém risse por isso.

— Que é, afinal, sua mulher? — perguntou-lhe Sarcus, o Rico, certo dia em que não engolira a expressão *crosta de pinico*, dita a propósito de um móvel comprado de segunda mão.

— Minha mulher não é como a sua. Ela ainda não está definida —

respondeu ele.

Sob o seu gordo invólucro, Lupin escondia um espírito sutil; tinha o bom senso de ocultar sua fortuna, pelo menos tão considerável quanto a de Rigou.

O *filhinho de Lupin* punha o pai desolado. Filho único, um dos Don Juans do vale, recusava-se a seguir a carreira paterna, e abusava de seu privilégio dando enormes sangrias no caixa, sem esgotar jamais a tolerância do pai, que dizia a cada loucura nova: “Ora, eu também já fui assim...”. Amaury nunca ia à casa da sra. Soudry, que o *chateava* (sic), pois, num rasgo de criada-grave, ela tentara reeducar o jovem, que frequentava o bilhar do Café da Paz à busca de prazeres. Lá ele encontrava as más companhias de Soulanges, e até mesmo os Bonnébault. Manifestava seu mau humor (*lançava sua gosma*, como dizia a sra. Soudry) respondendo às censuras do pai com este eterno refrão: “Mande-me de novo para Paris. Aqui eu me aborreço tanto...”.

Lupin, coitado, como todos os homens *belos*, acabara presa de uma ligação quase conjugal. Sua paixão conhecida era a esposa do segundo oficial da Justiça de Paz, a sra. Eufêmia Plissoud, para quem não tinha segredos. A bela sra. Plissoud, filha do merceeiro Vattebled, imperava na segunda sociedade como a sra. Soudry na primeira. Esse Plissoud, concorrente infeliz de Brunet, pertencia à segunda sociedade de Soulanges, pois a conduta da esposa, que segundo se dizia era aprovada por ele, custava-lhe o desprezo público da primeira.

Se Lupin era o músico da primeira sociedade, Gourdon, o médico, era o sábio. “Temos aqui um sábio do maior mérito”, dizia-se dele. À sra. Soudry, do mesmo modo que convencia a todo mundo, até ao próprio Lupin, que este poderia ter feito fortuna com a voz (e ela entendia do riscado, pois introduzira Piccini e Gluck, pela manhã, nos aposentos de sua patroa e vestira na Ópera a srta. Laguerre), assim também lamentava que o médico nada publicasse de suas ideias.

O dr. Gourdon repetia com absoluta boa-fé as ideias de Buffon e Cuvier¹³⁰ sobre o globo, o que dificilmente poderia fazer dele um sábio aos olhos dos habitantes de Soulanges; mas colecionava conchas, tinha um herbário e sabia empalhar passarinhos. Enfim, ambicionava a glória de legar um gabinete de história natural à cidade de Soulanges; desde então passava no departamento por grande naturalista, como o sucessor de Buffon.

Esse médico, parecido com um banqueiro genovês, pois tinha deste o pedantismo, o ar frio, a limpeza puritana, sem ter o dinheiro nem o espírito calculista, mostrava com um prazer exagerado o famoso gabinete, composto de um urso e uma marmota falecidos de passagem por Soulanges; todos os roedores do departamento, arganazes, musaranhos, murganhos, ratos etc.; todos os pássaros curiosos mortos na Borgonha, entre os quais brilhava uma águia dos Alpes, apanhada no

Jura. Gourdon possuía uma coleção de lepidópteros, palavra que fazia esperar monstruosidades e que levava os visitantes a dizer, quando os viam: “Mas são borboletas!”. Depois, um belo monte de conchas fósseis, provenientes das coleções de numerosos amigos que lhe legaram suas peças ao morrer, e por fim minerais da Borgonha e do Jura.

Essas riquezas, dispostas em armários envidraçados cujos aparadores com gavetas continham a coleção de insetos, ocupavam todo o primeiro andar da casa dos Gourdon, e produziam certo efeito pela esquisitice das etiquetas, pela magia das cores e pela reunião de tantos objetos, a que não prestamos a menor atenção quando os encontramos na natureza, mas que admiramos debaixo de vidro. Marcava-se dia para ir ver o gabinete do dr. Gourdon.

— Tenho — dizia ele aos curiosos — quinhentas peças de ornitologia, duzentos mamíferos, cinco mil insetos, três mil conchas e setecentas amostras de mineralogia.

— Que paciência, a sua! — diziam-lhe as damas.

— Precisamos fazer alguma coisa pelo nosso país — respondia ele.

E extraía um enorme interesse das carcaças com esta frase: “Leguei tudo por testamento à cidade”. Como os visitantes admiravam sua *filantropia*! Falava-se em consagrar todo o segundo andar da *mairie*, depois da morte do médico, à instalação do *Museum Gourdon*.

— Conto com o reconhecimento dos meus concidadãos para que meu nome fique ligado ao museu — respondia a essa ideia —, pois não ouse esperar que ponham meu busto em mármore...

— Como não? Será o mínimo que podemos fazer pelo senhor — retrucavam-lhe. — O doutor não é a glória de Soulanges?

Afinal, o homem tinha acabado por se considerar uma das celebridades da Borgonha; os títulos mais sólidos não são os títulos do Estado, mas os que nós nos instituímos em amor-próprio. Esse sábio, para empregarmos o sistema gramatical de Lupin, era feliz, feliz, feliz...

O escrivão Gourdon, pequeno palerma, cujos traços se concentravam todos em redor do nariz de sorte que este parecia o ponto de partida da testa, da boca e das faces, que aí se ligavam como as ravinas de uma montanha nascem igualmente do cume, era considerado um dos maiores poetas da Borgonha — um Piron,¹³¹ dizia-se. O duplo mérito desses irmãos fazia com que se dissesse na sede do departamento: “Temos em Soulanges os irmãos Gourdon, dois homens muito distintos que honrariam bem seu lugar em Paris”.

Jogador fortíssimo de bilboquê, a mania de jogá-lo engendrou no escrivão outra mania, a de cantar esse jogo que fez furor no século XVIII. Entre os mediocratas as manias aparecem frequentemente aos pares. Gourdon Júnior deu à luz o seu poema sob o reinado de Napoleão. Não equivale isso a dizer a que escola sadia e prudente

pertencia ele? Luce de Lancival, Parny, Saint-Lambert, Rouché, Vigée, Andrieux, Berchoux¹³² eram seus heróis. Delille¹³³ foi o seu ídolo até o dia em que a primeira sociedade de Soulanges agitou a questão de saber se Gourdon não seria superior a Delille, a quem desde então o escrivão passou a chamar de “o sr. Abade Delille”, com uma polidez excessiva.

Os poemas escritos de 1780 a 1814 foram talhados sob o mesmo padrão, e o referente ao bilboquê os explicará a todos. Tinham algo de esforço extremo. *A Estante de Coro*¹³⁴ é o Saturno dessa abortiva geração de poemas brincalhões, todos mais ou menos em quatro cantos, pois se chegassem até seis era sabido que se estragaria o assunto.

O poema de Gourdon intitulado *Bilboqueida* obedecia à poética dessas obras departamentais, invariáveis em suas regras idênticas, que incluíam no primeiro canto a descrição da coisa cantada, começando, como no de Gourdon, por uma invocação deste gênero:

*Canto o bom jogo próprio a todas as idades,
Gente pequena e grande, ao tonto, ao assisado;
No qual, por lesta mão, cai na vara pontuda,
Equilibrado no ar, um globo com dois furos.
Jogo que é para o enfado infalível remédio,
E causaria inveja ao próprio Palamedes!
Ó tu, Musa do amor, dos jogos e dos risos
Baixa até minha casa, onde, fiel a Têmis,
Sobre o papel do fisco espalho as minhas sílabas!
Vem encantar...*

Depois de definir o jogo, descrever os mais belos bilboquês conhecidos, mostrar a utilidade que ele teve antigamente para o comércio do Singe-Vert¹³⁵ e outros vendedores do jogo de damas; depois de demonstrar, enfim, como se ligava à estática, o poeta acabava o primeiro canto com este fecho, que lembra o do primeiro canto de todos esses poemas:

*É assim que as Artes afinal e a mesma Ciência
Conseguem transformar em seu proveito o objeto
Que era só de prazer um frívolo pretexto.*

O segundo canto, destinado como sempre a descrever a maneira de nos servirmos do objeto e o partido que dele se podia tirar junto às mulheres e em sociedade, será inteiramente adivinhado pelos amigos dessa literatura erudita, graças a esta citação, que pinta o jogador fazendo exercícios à vista do objeto amado:

*Olhem o jogador, no centro do auditório,
A fitar com ternura o globo de marfim,*

*Como ele fica atento, e espiando, e acompanhando
A exata precisão do menor movimento!
Por três vezes descobre a bola uma parábola,
Com fictício incensório ele adula o seu ídolo;
Mas o disco lhe cai no punho sem perícia,
E num rápido beijo ele consola o dedo.
Não maldigas, ingrato, esse leve martírio,
Acidente feliz, pago por um sorriso*

Foi essa pintura, digna de Virgílio, que levantou a questão da preeminência de Delille sobre Gourdon. A palavra *disco*, contestada pelo positivo Brunet, deu matéria a discussões que duraram onze meses; mas, numa noite em que, de um e de outro lado, os partidários estavam a ponto de se enfurecer, Gourdon, o sábio, esmagou o partido dos *antidisquistas* com esta observação:

— A lua, a que os poetas chamam disco, é um globo.

— Que é que o senhor sabe a respeito disso? — respondeu Brunet. — Nunca vimos mais do que um lado dela.

O terceiro canto encerrava o conto obrigatório, a anedota célebre, que dizia respeito ao bilboquê. Essa anedota, que toda a gente sabe de cor, refere-se a um famoso ministro de Luís XVI, mas, segundo a fórmula consagrada no *Débats* de 1811 a 1814, para louvar tal espécie de trabalhos públicos, *emprestava graças novas à poesia e aos encantos que o autor aí tinha sabido espalhar.*

O quarto canto, que resumia a obra, terminava com esta audácia inédita entre 1810 e 1814, mas que veio à luz em 1824, depois da morte de Napoleão:

*Assim ousei cantar, em época de alarmas.
Ah, se jamais os reis usassem de outras armas,
E se os povos jamais para se distraírem
Não ideassem senão passatempos como esse!
Nossa pobre Borgonha, hoje afogada em pranto,
Aos tempos de Saturno e Reia tornaria!*

Esses belos versos foram publicados na edição *princeps* e única, saída das oficinas de Bournier, impressor de La-Ville-aux-Fayes.

Cem subscritos, mediante contribuição de três francos, asseguraram à peça uma imortalidade de perigoso exemplo — coisa tanto mais bela quanto estas cem pessoas já a tinham escutado integralmente, cada uma delas perto de cem vezes.

A sra. Soudry acabara de suprimir o bilboquê, que se achava sobre o consolo do salão e que, havia sete anos, servia de pretexto para citações; descobrira enfim que esse bilboquê lhe fazia concorrência.

Quanto ao autor, que se gabava de possuir uma carteira bem fornida,

para pintá-lo basta dizer em que termos anunciou um de seus rivais à primeira sociedade de Soulanges.

— Sabem de uma novidade extraordinária? — dissera ele, dois anos antes. — Há um outro poeta na Borgonha! Sim — prosseguiu, vendo o espanto geral nas fisionomias —, ele é de Mâcon. Mas nunca seriam capazes de imaginar *de que é que ele se ocupa*. Coloca nuvens em versos...

— Mas os versos já estão muito bem em *branco* — respondeu o espirituoso tio Guerbet.

— Que *embrouillamini* dos diabos! Lagos, estrelas, ondas... Nem uma só imagem razoável nem uma intenção didática! Ele ignora as fontes da poesia. Chama o céu pelo nome. Diz tranquilamente *a lua*, em vez de *o astro das noites*. Eis aí a que extremos pode nos arrastar a mania de originalidade! — exclamou Gourdon, dolorosamente. — Coitado! Ser borguinhão e cantar a água é uma coisa que dá pena! Se ele tivesse me consultado, eu lhe indicaria o mais belo assunto do mundo, um poema sobre o vinho, a *Baqueida*, para a qual eu já me sinto hoje demasiado velho.

Esse grande poeta ignora ainda o mais belo dos seus triunfos (embora o devesse à sua qualidade de borguinhão): conquistar a cidade de Soulanges, que da plêiade moderna ignora tudo, até mesmo os nomes.

Uma centena de poetas como Gourdon cantava ao tempo do Império — e ainda há quem acuse aquele tempo de ter desprezado as letras!... Consultem *Le Journal de la Librairie* e verão lá poemas sobre o Torno, o Jogo de Damas, o Gamão, a Geografia, a Tipografia, a Comédia etc., não falando nas obras-primas de Delille, tão gabadas, sobre a Piedade, a Imaginação, a Conversa, e nas de Berchoux sobre a Gastronomia, a Dançomania etc. Quem pode prever as mutações do gosto, as esquisitices da moda, as transformações do espírito humano? Ao passar, as gerações varrem o mínimo vestígio dos ídolos que encontraram no caminho e forjam para si novos deuses, que por sua vez serão derrubados.

Sarcus, bonito velhinho de uma cor mosqueada, consagrava-se ao mesmo tempo a Têmis e a Flora, isto é, à legislação e a uma estufa. Havia doze anos que meditava um livro sobre a *História da Instituição dos Juizes de Paz*, “cujo papel político e judiciário conheceu já diversas fases”, dizia ele, “pois eles eram tudo sob o Código de Brumário, ano IV, ao passo que hoje essa instituição tão preciosa para o país perdeu o valor, pela desproporção entre os vencimentos e a importância das funções, que devem ser inamovíveis”.

Considerado uma grande cabeça, Sarcus era tido como o político do salão; já estão percebendo que era apenas o maior cacete. Dizia-se que ele falava como um livro e Gaubertin lhe prometera a cruz da Legião de

Honra mas ia adiando para quando se sentasse na bancada do Centro-Esquerda como sucessor de Leclerc.

O coletor Guerbet, o “homem de espírito”, com cara de manteiga, topete postiço, brincos de ouro nas orelhas, vivia brigando com o colarinho; dedicava-se à Pomologia. Envaidecendo-se de possuir o mais belo pomar da circunscrição, obtinha frutas temporãs com atraso de um mês sobre as de Paris, e cultivava em sua estufa as plantas mais tropicais — ananases, pêssegos de casca lisa, ervilhas. Levava com orgulho um cesto de morangos à sra. Soudry, quando em Paris eles se vendiam a dez *sous* a cesta.

Soulanges possuía, enfim, no farmacêutico Vermut um químico que era um pouco mais químico do que Sarcus era homem de Estado, Lupin cantor, um dos Gourdon sábio e o outro, poeta. Contudo, faziam pouco caso dele. O instinto daquelas honradas criaturas assinalava-lhe uma superioridade efetiva naquele pensador que não dizia palavra, sorrindo com ar tão fino diante das tolices que se chegava a desconfiar de sua ciência, posta em dúvida *sotto voce*.¹³⁶

Vermut era o bode expiatório do salão, nenhuma roda estando completa sem uma vítima, uma pessoa de quem se zombe, a quem se lastime, se despreze e se proteja. Em primeiro lugar, preocupado com problemas científicos, ele aparecia de gravata solta e colete desabotoado, na sua pequena sobrecasaca verde, sempre manchada. Depois, prestava-se a brincadeiras por causa do rosto extremamente corado: na opinião do tio Guerbet, acabara ficando com cara de suas preparações.

Na província, em lugares atrasados como Soulanges, os boticários ainda são utilizados no sentido da brincadeira de Pourceaugnac.¹³⁷ Esses honrados industriais prestam-se a isso de bom grado, tanto mais quanto pedem indenização pelo deslocamento.

Esse homenzinho, dotado de uma paciência de químico, não podia — segundo a expressão que se usa na província para explicar a abolição do poder doméstico —, não podia *gozar* dos favores da sra. Vermut mulher encantadora, alegre, jogadora admirável (sabia perder vinte e dois *sous* sem dizer nada), que invectivava o marido, perseguindo-o com epigramas e pintando-o como um imbecil que não sabia destilar senão tédio. A sra. Vermut era dessas mulheres que representam nas pequenas cidades o papel de animador de reuniões, e levava àquele pequeno mundo o sal, sal de cozinha, é verdade, mas que sal! Permitia-se brincadeiras um pouco fortes, chegando a dizer ao padre Taupin, homem de seus setenta anos, com cabelos brancos: “Cale a boca, menino!”.

O moleiro de Soulanges, com uma fortuna de cinquenta mil francos, tinha apenas uma filha, em quem Lupin pensava para Amaury depois que perdera a esperança de casá-lo com a srta. Gaubertin, ao passo que

o Presidente Gendrin queria reservá-la para seu filho, o guarda de hipotecas — outro antagonismo.

Esse moleiro, um Sarcus-Taupin, era o Nucingen da cidade; passava por ser três vezes milionário, mas não queria entrar em nenhuma combinação; só pensava em moer trigo e em monopolizá-lo, e distinguia-se pela absoluta falta de polidez e boas maneiras.

O tio Guerbet, irmão do mestre de posta de Couches, possuía cerca de dez mil francos de renda, além da arrecadação. Os Gourdon eram ricos: o médico se casara com a filha única do velho Gendrin-Vattebled, guarda-geral das águas e florestas cuja morte era esperada, e o escrivão tinha desposado a sobrinha e herdeira única do padre Taupin, vigário de Soulanges, um padre gordo, metido no seu curato como rato no queijo.

Esse hábil eclesiástico, inteiramente devotado à primeira sociedade, bom e complacente com a segunda, apostólico para com os infelizes, fizera-se amar pela cidadezinha; sendo primo do moleiro e dos Sarcus, estava ligado ao lugar e à mediocracia avonnense. Jantava sempre na cidade, economizava, ia às bodas e retirava-se antes do baile; nunca falava em política; defendia as necessidades do culto dizendo: “É o meu ofício!”. E deixavam-no agir, dizendo: “Temos um bom vigário!”. O bispo, que conhecia a população de Soulanges, sem se iludir quanto ao valor do vigário sentia-se feliz por ter em tal cidade um homem que fazia a religião aceitável, sabia encher a igreja e pregava diante de camponeses ferrados no sono.

As duas *damas* Gourdon — em Soulanges, como em Dresden e outras capitais alemãs, as pessoas da primeira sociedade se cumprimentam assim: “Como vai sua dama?”, e dizem: “Ele não estava com sua dama, vi sua dama e sua filha etc.”. Um parisiense lá causaria escândalo e seria acusado de faltar ao bom-tom se dissesse: “As mulheres, esta mulher etc.”. Em Soulanges, como em Genebra, Dresden e Bruxelas, só existem esposas; lá não se põe nas tabuletas, como em Bruxelas, *A esposa tal* (mas é de rigor *a senhora sua esposa*) —, as duas damas Gourdon só podiam ser comparadas a esses infelizes comparsas dos teatros de segunda classe, que os parisienses conhecem por ter troçado muitas vezes de tais artistas. Para acabar o retrato dessas damas, basta dizer que pertenciam ao gênero das *boas criaturas*. Até os burgueses menos letrados encontrarão à sua volta o modelo dessas criaturas essenciais. É inútil assinalar que o tio Guerbet entendia admiravelmente de finanças e que Soudry poderia ser ministro da Guerra. Assim, cada um desses honrados burgueses não somente ostentava uma dessas especialidades caprichosas, tão necessárias ao homem de província para que ele possa existir, como ainda cultivava sem competidores o seu campo no domínio da vaidade.

Se Cuvier passasse por lá sem se dar a conhecer, a primeira

sociedade de Soulanges o teria convencido de saber pouca coisa em comparação com o dr. Gourdon; Nourrit e seu *bonito fio de voz* — como dizia o tabelião, com uma indulgência protetora — dificilmente teriam sido julgados dignos de acompanhar o rouxinol de Soulanges. Quanto ao autor da *Bilboqueida*, que naquela ocasião se imprimia na oficina de Bournier, ninguém acreditava que fosse possível encontrar em Paris um poeta com tamanha força, pois Delille tinha morrido.

Essa burguesia de província, tão gordamente satisfeita de si mesma, podia, pois, ostentar todas as superioridades sociais. Assim, somente a imaginação dos que já moraram algum tempo em cidadezinhas desse gênero é que poderá avaliar o ar de profunda satisfação derramado na fisionomia dessas pessoas, que se consideravam o plexo solar da França, todas providas de incrível habilidade para fazer o mal e que, na sua sabedoria, tinham decretado que um dos heróis de Essling era um covarde, a sra. De Montcornet uma intrigante com grandes borbulhas nas costas, o padre Brossette um pequeno ambicioso, tendo descoberto, quinze dias após a arrematação das Aigues, a origem *faubourguiana* do general, apelidado por eles de Tapeceiro.

Se Rigou, Soudry e Gaubertin morassem em La-Ville-aux-Fayes, teriam brigado, suas pretensões se chocariam fatalmente; mas queria a fatalidade que o Lúculo sentisse necessidade de solidão para espojar-se à vontade na usura e na voluptuosidade; que a sra. Soudry fosse bastante inteligente para compreender que só podia reinar em Soulanges; e que La-Ville-aux-Fayes fosse a sede dos negócios de Gaubertin. Os que se distraem estudando a natureza social reconhecerão a falta de sorte do general ao encontrar tais inimigos separados, descrevendo cada um as evoluções do seu poderio e da sua vaidade própria, a uma distância que não permitia a esses astros se contrariar e que lhes decuplicava a capacidade maléfica.

Entretanto, se todos esses dignos burgueses, orgulhosos de sua abastança, consideravam sua sociedade muito mais sedutora que a de La-Ville-aux-Fayes, e repetiam com suficiência cômica esta frase do vale: “Soulanges é uma cidade de prazer e mundanismo”, seria pouco prudente conjecturar que a capital avonnense admitisse tal supremacia. O salão Gaubertin zombava, *in petto*, do salão Soudry. Pela maneira como Gaubertin dizia “Nós somos uma cidade de alto comércio, uma cidade de negócios; cometemos a tolice de nos aborrecer fazendo fortuna”, era fácil reconhecer um desses ligeiros antagonismos entre a terra e a lua. A lua julgava-se útil à terra, e a terra dava lições à lua. Terra e lua viviam, aliás, no mais completo entendimento. No Carnaval, a primeira sociedade de Soulanges comparecia sempre em massa aos bailes dados por Gaubertin, Gendrin, Leclerc, recebedor das finanças, e Soudry o Moço, procurador régio. Todos os domingos, o procurador régio, sua mulher, o sr., a sra. e a srta. Elisa Gaubertin iam jantar em

casa dos Soudry, em Soulanges. E, quando era convidado o subprefeito e o mestre de posta de Couches, Guerbet, chegava para comer o que houvesse na mesa, Soulanges contemplava o espetáculo de quatro equipagens departamentais à porta da casa dos Soudry.

II — OS CONSPIRADORES NO PALÁCIO DA RAINHA

Aparecendo ali por volta das cinco e meia da tarde, Rigou tinha certeza de encontrar a postos os frequentadores do salão Soudry. Em casa do *maire*, como em toda a cidade, jantava-se às três horas, conforme era de uso no século passado. Das cinco às nove, os notáveis de Soulanges iam saber as novidades, fazer seus *speechs* políticos, comentar os acontecimentos da vida privada no vale e falar das Aigues, que todos os dias, durante uma hora, sustentavam a conversa. A preocupação geral era saber alguma coisa sobre o que se passava por lá, e com isto se fazia a corte aos donos da casa.

Após essa indispensável revista, entregavam-se todos ao bóston, único jogo que a rainha aprendera. Depois que o volumoso tio Guerbet tinha arremedado dona Isaura, esposa de Gaubertin, troçando de suas maneiras afetadas e imitando-lhe a vozinha, a boquinha e os trejeitos de mocinha; depois que o padre Taupin tinha contado uma das historietas do seu repertório; depois que Lupin tinha relatado algum acontecimento de La-Ville-aux-Fayes, e que a sra. Soudry fora crivada de cumprimentos repugnantes, dizia-se: “Que bóston maravilhoso!”.

Demasiado egoísta para se dar ao trabalho de andar doze quilômetros a fim de escutar as tolices dos frequentadores daquela casa e ver um macaco disfarçado em mulher velha, Rigou, bastante superior, pelo espírito e pela instrução, àquela pequena burguesia, não aparecia nunca, salvo quando os negócios exigiam sua ida à casa do tabelião. Tinha-se dispensado de cultivar relações com a vizinhança, alegando suas ocupações, seus hábitos e sua saúde, que — dizia ele — não lhe permitiam voltar à noite por uma estrada ao longo da qual se espalhava a neblina do Thune.

De resto, o grande e seco usurário impunha-se à roda da sra. Soudry, que farejava nele o tigre de garras de aço, a malícia do selvagem, a prudência nascida no claustro e amadurecida ao sol do ouro, com quem Gaubertin não quisera nunca se meter.

Logo que o carrinho de vime passou pelo Café da Paz, Urbano, criado de Soudry, que conversava com o botequineiro sentado num banco perto das janelas da sala de jantar, protegeu a vista com a mão para ver melhor de quem era aquele veículo.

— Lá vem o tio Rigou! É preciso abrir a porta. Segure o cavalo, Socquard — disse ele, sem cerimônia, ao botequineiro.

E Urbano, antigo soldado de cavalaria que, não tendo podido passar a gendarme, se empregara com Soudry a título de reforma, entrou na casa para ir manobrar o portão do pátio.

Como estão vendo, Socquard, essa personagem famosa no vale, estava ali sem cerimônia; mas assim acontece com muitas outras pessoas ilustres que têm a complacência de andar, espirrar, comer, e dormir exatamente como os simples mortais.

Hércules de nascença, ele era capaz de suspender cento e dez quilos, torcia uma barra de ferro e fazia parar um carro com um cavalo atrelado. Milão de Crotona¹³⁸ do vale, sua reputação abarcava todo o departamento, onde a seu respeito se forjaram histórias ridículas, como a respeito de todas as celebridades. Assim, contava-se no Morvan que um dia ele carregara nas costas uma pobre mulher, seu burro e sua sacola até o mercado; que comera um boi inteiro e bebera todo um barril de vinho noutro dia etc. Suave como uma donzela, baixo e robusto, de cara plácida, ombros largos, peito largo onde os pulmões sopravam como foles de forja, Socquard possuía um filete de voz cuja limpidez surpreendia quem o ouvisse pela primeira vez.

Como Tonsard, a quem a fama dispensava de qualquer prova de ferocidade, ou como todos os que são vigiados por uma forma qualquer de opinião pública, Socquard não ostentava nunca sua força muscular, a menos que os amigos pedissem. Segurou, pois, a brida do cavalo quando o sogro do procurador régio se voltou para se colocar junto ao patamar.

— Vai indo bem, sr. Rigou?... — disse o ilustre Socquard.

— Mais ou menos, meu velho — respondeu ele. — Plissoud, Bonnébault, Viollet e Amaury continuam sustentando o estabelecimento?

A pergunta, feita em ar de bonomia e interesse, não era dessas perguntas banais lançadas ao acaso pelos superiores a seus inferiores. Nas horas de ócio, Rigou pensava nos mínimos pormenores, e já a familiaridade de Bonnébault, de Plissoud e do cabo Viollet lhe fora assinalada por Fourchon como suspeita.

Por alguns escudos perdidos no jogo, Bonnébault era capaz de confiar ao cabo os segredos dos camponeses, dando à língua sem saber a importância de sua tagarelice, depois de beber algumas taças a mais de ponche. Mas as delações do caçador de lontras poderiam ser inspiradas pela sede, e Rigou só prestou atenção nelas com referência a Plissoud, que, por sua situação, deveria alimentar um certo desejo de opor-se aos planos contra as Aigues, ao menos para “comer bola” de qualquer um dos dois partidos.

Agente de seguros, os quais começavam a aparecer na França, representando uma empresa que garantia contra o risco de recrutamento, o oficial de justiça acumulava algumas ocupações mal

remuneradas que lhe tornavam ainda mais difícil a conquista da fortuna, pois era viciado no bilhar e no vinho de cheiro. Como Fourchon, cultivava cuidadosamente a arte de se ocupar com coisa alguma, aguardando que a fortuna lhe viesse de um acaso problemático. Odiava profundamente a primeira sociedade, mas tinha-lhe medido o poder. Só ele conhecia a fundo a tirania burguesa organizada por Gaubertin; perseguia com suas troças os ricos de Soulanges e de La-Ville-aux-Fayes, representando sozinho a oposição local. Sem dinheiro, sem crédito, não parecia temível; à vista disso, e satisfeito por ter um concorrente desprezado, Brunet o protegia para evitar que ele vendesse o empregado a algum rapaz impetuoso, como Bonnac, com o qual seria preciso dividir a clientela do cantão.

— Graças a esse pessoal a coisa vai indo — respondeu Socquard. — Mas estão falsificando o meu vinho de cheiro...

— Convém processá-los — disse Rigou sentenciosamente.

— Isso me levaria muito longe — respondeu o botequineiro, jogando, sem saber, com as palavras.

— E vivem em paz esses fregueses?

— Têm lá suas briguinhas, mas a jogadores a gente perdoa tudo.

Todas as cabeças apareciam na janela do salão que dava para a praça. Reconhecendo o pai de sua nora, Soudry foi recebê-lo no patamar.

— Então, compadre — disse o ex-gendarme, servindo-se dessa palavra na sua primitiva acepção. — Anita estará doente para que o senhor nos distinga com sua presença por uma noite?...

Por um resto de espírito gendarmesco, o *maire* ia sempre direto ao fato.

— Não, há barulho — respondeu Rigou, tocando com o indicador direito a mão que Soudry lhe estendera. — Conversaremos a respeito, pois isso interessa um pouco os nossos filhos...

Soudry, homem bem-apeadoado, trajando casimira azul como se continuasse a pertencer à gendarmaria, de colarinho preto e botas com esporas, levou Rigou pelo braço até a sua imponente metade. A porta da sacada estava aberta sobre o terraço, onde as visitas passeavam gozando a noite de verão no esplendor da magnífica paisagem que, pela descrição já lida, as pessoas de imaginação podem vislumbrar.

— Há muito tempo que não nos vemos, meu caro Rigou — disse a sra. Soudry, tomando pelo braço o ex-beneditino e levando-o para o terraço.

— Minha digestão é tão difícil!... — respondeu o velho usurário. — Veja: minhas cores são quase tão vivas como as suas.

Como se imagina, a entrada de Rigou no terraço determinou uma explosão de cumprimentos joviais, da parte de todos.

— *Ri, guloso!*... Descobri mais este — exclamou o coletor Guebert

estendendo a mão a Rigou, que encostou nela o indicador da mão direita.

— Não é mau, não é mau — disse o pequeno Sarcus, juiz de paz. — É bem glutão o nosso sr. de Blangy!

— Senhor — respondeu amargamente Rigou —, há muito tempo eu não sou mais o galo da aldeia.

— Não é o que dizem as galinhas, bandido! — exclamou a sra. Soudry, dando com o leque uma pancadinha brincalhona em Rigou.

— Vive-se bem, caro mestre? — indagou o tabelião cumprimentando seu principal cliente.

— Mais ou menos — respondeu Rigou, que, ainda uma vez, só confiou o indicador à mão do tabelião.

Esse gesto, pelo qual Rigou restringia o aperto de mão à mais fria das demonstrações, pintaria o homem inteiro para quem não o conhecesse.

— Arranjemos um canto em que possamos conversar tranquilamente — disse o antigo monge olhando para Lupin e a sra. Soudry.

— Voltemos ao salão — respondeu a rainha. — Esses cavalheiros — acrescentou, mostrando o dr. Gourdon e Guerbet — estão às voltas com uma *pontada*...

É que, tendo a sra. Soudry indagado qual o ponto em discussão, Guerbet, sempre espirituoso, lhe respondera: “É uma *pontada*”.¹³⁹ A rainha pensou que se tratasse de um termo científico, e Rigou sorriu ouvindo-a repetir a expressão com ar respeitoso.

— Então, que é que o Tapeceiro fez de novo? — perguntou Soudry, sentando-se ao lado da esposa e enlaçando-a.

Como toda velha, a sra. Soudry perdoava muitas coisas em troca de um testemunho público de ternura.

— Ora — respondeu Rigou, em voz baixa para dar exemplo de prudência —, foi à Prefeitura reclamar a execução das sentenças e pedir mão forte.

— Está perdido — disse Lupin esfregando as mãos. — O pessoal lutará.

— O pessoal lutará! — repetiu Soudry. — Pois sim... Se o prefeito e o general, que são amigos dele, mandarem um esquadrão de cavalaria, os camponeses não lutarão coisíssima nenhuma... Em rigor, pode-se dominar os gendarmes de Soulanges; mas experimentem resistir a uma carga de cavalaria!

— Sibilet ouviu o general dizer alguma coisa mais grave. É isso que me traz aqui — prosseguiu Rigou.

— Oh, minha pobre Sofia! — exclamou sentimentalmente a sra. Soudry. — Em que mãos as Aigues foram cair! Eis o que a Revolução nos trouxe: esses sacripantas fardados de oficial! Devíamos ter compreendido que quando se vira uma garrafa de cabeça para baixo a

borra sobe e estraga o vinho...

— Ele pretende ir a Paris e fazer intrigas junto ao guarda dos Selos para mudar tudo no Tribunal.

— Ah! — disse Lupin. — Então reconheceu o perigo.

— Se meu genro for nomeado advogado-geral ninguém pode dizer nada, e o general arranjará que ele seja substituído por algum parisiense de sua confiança — continuou Rigou. — Se pedir um lugar na Corte para o dr. Gendrin e fizer com que nosso juiz de instrução Guerbet seja nomeado presidente em Auxerre, nosso jogo está perdido. Ele já tem a seu lado a gendarmeria; se tiver também o Tribunal, e se conservar perto de si conselheiros como o padre Brossette e Michaud, ficaremos numa posição crítica. Poderia nos atrapalhar bastante a vida.

— Como, em cinco anos, o senhor não conseguiu se livrar do padre Brossette?

— O senhor não o conhece. É desconfiado como um melro — explicou Rigou. — Aquele padre não é um homem. Não dá atenção às mulheres; não descubro nele paixão alguma, é inatacável. Quanto ao general, expõe o flanco a tudo com sua cólera. O homem que tem um vício será sempre escravo de seus inimigos, se eles souberem se servir desse cordel. São fortes apenas os que dirigem seus vícios em vez de se deixarem dirigir por eles. Os camponeses vão bem, mantemos nosso povo em guarda contra o padre, mas nada podemos ainda contra ele. É como Michaud. Homens assim, perfeitos demais, seria melhor que o bom Deus os levasse para o céu...

— Precisamos arranjar para eles umas criadas que ensaboem bem as escadas — disse a sra. Soudry, fazendo com que Rigou executasse um ligeiro movimento, como as pessoas muito inteligentes ao ouvirem alguma coisa de fino.

— O Tapeceiro tem outro vício: gosta da esposa. Podemos pegá-lo ainda por esse lado...

— Vejamos, é preciso saber se ele executará essas ideias — disse a sra. Soudry.

— Ora — exclamou Lupin —, aí é que está o *hic*!

— Você, Lupin — recomendou Rigou com ar autoritário —, dará um pulo à Prefeitura para ver a bela sra. Sarcus, mas vá hoje à noite mesmo. Procure obter dela que o marido conte tudo o que o Tapeceiro disse e fez na Prefeitura.

— Serei obrigado a dormir lá — respondeu Lupin.

— Tanto melhor para Sarcus, o Rico, que lucrará com isso. A sra. Sarcus ainda não é lá muito *crosta*...

— Oh, sr. Rigou! — disse a sra. Soudry com um trejeito —. Então as mulheres podem ser crostas?

— Quanto a essa, a senhora tem razão. Ela não se pinta absolutamente — respondeu Rigou, a quem revoltava sempre a exibição

dos velhos tesouros da ex-criada.

A sra. Soudry, que supunha usar apenas uma leve pintura, não compreendeu a epigrama e perguntou:

— Então, afinal, as mulheres podem pintar-se?

— Quanto a você, Lupin — prosseguiu Rigou, sem responder a essa puerilidade —, volte amanhã de manhã à casa do papai Gaubertin e diga-lhe que eu e o compadre — continuou, dando uma palmada na coxa de Soudry — iremos comer alguma coisa em casa dele e gostaríamos de almoçar por volta de meio-dia. Conte as coisas a ele, a fim de que todos possam ruminar as ideias; trata-se de liquidar esse maldito Tapeceiro. Ao vir procurar vocês, eu pensava comigo mesmo que é preciso indispor o Tapeceiro com o Tribunal, de modo que o guarda dos Selos ache graça quando ele for pedir a substituição do pessoal de La-Ville-aux-Fayes...

— Viva o pessoal da Igreja!... — exclamou Lupin, batendo no ombro de Rigou.

A sra. Soudry foi logo assaltada por uma ideia que só poderia ocorrer à antiga criada-grave de uma atriz da Ópera.

— Se nós pudéssemos atrair o Tapeceiro à festa de Soulanges — disse ela — e jogar-lhe em cima uma rapariga capaz de lhe virar a cabeça! Talvez ele se ajeitasse com ela, e nós o indisporíamos com a esposa ensinando à condessa que o filho de um marceneiro volta sempre aos seus primeiros amores...

— Ah, querida — exclamou Soudry —, você sozinha é mais inteligente do que toda a Prefeitura de Polícia em Paris!

— Esta ideia prova que a senhora é nossa rainha tanto pela beleza como pela inteligência — disse Lupin.

Lupin foi recompensado com uma careta, que na primeira sociedade todos, sem protestar, aceitavam como sorriso.

— Haveria melhor — prosseguiu Rigou, que ficou pensativo durante muito tempo. — Se a coisa pudesse degenerar em escândalo...

— Autuação e queixa, um caso de Polícia Correccional! — exclamou Lupin. — Oh, seria belíssimo!

— Que prazer — disse Soudry ingenuamente — ver o Conde de Montcornet, grã-cruz da Legião de Honra, comandante de São Luís, general de divisão, acusado de atentar contra o pudor em lugar público, por exemplo...

— Ele gosta demais da esposa... — ponderou judiciosamente Lupin. — Nunca o levaremos até esse ponto.

— Isso não seria obstáculo; o diabo é que não vejo por aí nenhuma jovem capaz de fazer um santo pecar. Ando à procura de uma para o meu padre — respondeu Rigou.

— Que acha o senhor da bela Graciana Giboulard, de Auxerre, por quem está apaixonado o filho de Sarcus?... — indagou Lupin.

— É a única — respondeu Rigou —, mas não serve para nós. Ela pensa que basta se mostrar para ser admirada; não é tão insinuante como devia ser, e nós precisamos de uma pequena esperta, bem ladina. Mas tanto faz, ela virá.

— Sim — disse Lupin —, quanto mais moças ele avistar mais probabilidades teremos.

— Será muito difícil fazer o Tapeceiro vir à feira. E, se ele aparecer na festa, irá ao nosso baile de Tivoli? — perguntou o ex-gendarme.

— A razão que o impedia de vir não existe mais este ano, meu coração — respondeu a sra. Soudry.

— Que razão, querida?... — perguntou Soudry.

— O Tapeceiro queria casar-se com a srta. de Soulanges — disse o tabelião. — A resposta foi que ela era muito moça, e ele se aborreceu. Eis por que os srs. de Soulanges e de Montcornet, dois velhos amigos pois serviram ambos na Guarda Imperial, ficaram estremecidos a ponto de não se avistarem mais. O Tapeceiro não queria encontrar os Soulanges na feira; mas este ano eles não virão.

Ordinariamente a família Soulanges passava no castelo os meses de julho a outubro; mas o general comandava então a artilharia na Espanha, sob as ordens do Duque de Angoulême, e a condessa o acompanhara. No cerco de Cádiz, o Conde de Soulanges, como se sabe, conquistou o bastão de marechal, que lhe foi conferido em 1826. Os inimigos de Montcornet tinham, pois, motivo para acreditar que os moradores das Aigues não desprezariam sempre a festa de Nossa Senhora em agosto, e que seria fácil atraí-los a Tivoli.

— É mesmo! — exclamou Lupin. — Pois bem, velhinho — continuou, dirigindo-se a Rigou —, compete ao senhor manobrar de modo a que ele venha à feira. Nós saberemos perfeitamente como agarrá-lo...

A feira de Soulanges, que se realiza a 15 de agosto — uma das peculiaridades locais —, é superior a todas as outras feiras num círculo de trinta léguas, até mesmo à da sede do departamento. La-Ville-aux-Fayes não tem feira, pois sua festa, o São Silvestre, cai no inverno.

De 12 a 15 de agosto os negociantes formigavam em Soulanges, levantando em duas linhas paralelas barracas de madeira e casinhas de tela cinzenta, que davam grande animação à praça, ordinariamente deserta. Os quinze dias de feira produziam uma espécie de colheita para a cidadezinha. Essa festa se beneficia com a autoridade e o prestígio da tradição. Os camponeses, como dizia o tio Fourchon, saem pouco de suas comunas, onde vivem escravizados ao trabalho. Por toda a França, os mostruários fantásticos das lojas improvisadas nos campos de feira, a reunião de todas essas mercadorias, objeto da necessidade ou da vaidade dos camponeses, que aliás não dispõem de outros espetáculos, exercem uma sedução periódica sobre a imaginação de mulheres e

crianças. Assim, a partir do dia 12 de agosto, a Prefeitura mandava afixar por toda a circunscrição de La-Ville-aux-Fayes cartazes assinados por Soudry, que prometiam proteção aos negociantes, aos saltimbancos e aos artistas de todo gênero e anunciavam o período de funcionamento da feira e seus espetáculos mais atraentes.

Nesses cartazes, cuja feitura a sra. Tonsard, como víamos, reclamava de Vermiguel, lia-se sempre esta frase final:

TIVOLI SERÁ ILUMINADO
COM LÂMPADAS DE COR

Com efeito, a cidade adotara como salão de bailes públicos o Tivoli, instalado por Socquard num jardim pedregoso como o outeiro sobre o qual foi edificada Soulanges, e onde quase todos os jardins são feitos com terra transportada.

A natureza desse terreno explica o sabor particular do vinho de Soulanges, branco, seco, licoroso, muito parecido com o sabor do vinho Madeira, do Vouvray e do Joanesburgo, três marcas quase iguais — e todo ele consumido no departamento.

A descrição do famoso Tivoli¹⁴⁰ feita em tempo e lugar próprios explicará os prodigiosos efeitos produzidos pelo Baile-Socquard na imaginação dos camponeses do vale, orgulhosos do seu Tivoli. As pessoas que se tinham aventurado até Paris diziam que o Tivoli de lá só era superior ao de Soulanges pelo tamanho. Quanto a Gaubertin, corajosamente preferia o Baile-Socquard ao baile de Tivoli.

— Todos devemos pensar nisso — continuou Rigou. — O parisiense, aquele redator de jornais, por sua vez acabará se enfastiando de seus prazeres. Por intermédio dos criados poderemos atraí-los todos à feira. Cuidarei disso. Sibilet, embora seu prestígio esteja caindo terrivelmente, poderia insinuar ao burguês que desse modo ele se tornaria popular.

— Pois verifique, então, se a bela condessa é cruel para com o marido. Tudo depende disso na farsa que lhe vamos preparar em Tivoli — disse Lupin a Rigou.

— Aquela mulherzinha é demasiado parisiense para não acender uma vela a Deus e outra ao diabo! — exclamou a sra. Soudry.

— Fourchon entregou sua neta Catarina a Carlos, segundo criado-grave do general. Teremos, pois, daqui a pouco um ouvido nas paredes das Aigues — continuou Rigou. — Vocês têm confiança no padre Taupin?... — perguntou, vendo entrar o cura.

— Ele e o padre Mouchon estão seguros, tanto quanto Soudry está sob meu domínio... — respondeu a dona da casa, acariciando o queixo do marido e dizendo-lhe: — Pobre bichinho!

— Se eu puder armar um escândalo em torno desse tartufo do Brossette, conto com eles... — disse Rigou, baixinho, levantando-se. —

Mas não sei se o espírito local vencerá o espírito eclesiástico. Vocês não avaliam o que é isso. Eu mesmo, que não sou um imbecil, não respondo por mim quando adoecer. Sem dúvida me reconciliarei com a Igreja.

— Permita-me esperar tal coisa — disse o cura, para quem Rigou, de propósito, acabara de elevar a voz.

— Ai de mim! A falta que cometi casando impede essa reconciliação — respondeu Rigou. — Não posso matar a sra. Rigou.

— Até lá, pensemos nas Aigues — disse a sra. Soudry.

— Sim — respondeu o ex-beneditino. — Sabem que eu acho o nosso compadre de La-Ville-aux-Fayes mais forte do que nós? Desconfio que Gaubertin quer as Aigues para ele sozinho, e acabará nos enganando — prosseguiu Rigou, o qual, pelo caminho, tocara com o bastão da prudência nos pontos obscuros que em Gaubertin soavam ocos.

— Mas as Aigues não serão de nenhum de nós três. É preciso destruí-las totalmente — respondeu Soudry.

— Tanto mais que eu não me espantaria se lá se achasse ouro escondido — observou Rigou maliciosamente.

— Ora essa!

— Sim, durante as guerras antigas, os senhores, frequentemente sitiados, quando surpreendidos, enterravam seus escudos para reavê-los mais tarde. Vocês sabem que o Marquês de Soulanges-Hautemer, com o qual se extinguiu o ramo mais novo da família, foi uma das vítimas da conspiração Biron.¹⁴¹ A condessa de Moret ficou com a propriedade, graças ao confisco...

— Isso é que é saber história da França! — exclamou o ex-gendarme. — O senhor tem razão, já é tempo de nos entendermos com Gaubertin.

— E se ele usar de esperteza — disse Rigou — nós o liquidaremos.

— Ele agora está bastante rico para ser honrado — observou Lupin.

— Respondo por ele como por mim própria — disse a sra. Soudry. — É o homem mais honesto do reino.

— Acreditamos em sua honestidade — prosseguiu Rigou —, mas entre amigos não se deve descuidar de nada... A propósito, desconfio que há alguém em Soulanges querendo se atravessar...

— Quem? — perguntou Soudry.

— Plissoud.

— Plissoud?! Pobre animal! Está preso a Brunet pelo cabresto e à mulher pelo embornal. Pergunte a Lupin.

— Ele pretende abrir os olhos do tal Montcornet — prosseguiu Rigou —, conquistar sua proteção, colocar-se...

— Isso nunca lhe renderia tanto quanto sua mulher em Soulanges — disse a sra. Soudry.

— Ele conta tudo à mulher quando está embriagado — observou Lupin. — Nós saberíamos a tempo.

— A linda sra. Plissoud não tem segredos para com o amigo —

respondeu-lhe Rigou. — Portanto, podemos ficar tranquilos.

— De resto, é tão estúpida quanto bonita — continuou a sra. Soudry. — Eu cá não me trocaria por ela. Prefiro a mulher feia e inteligente à mulher bonita que não saiba dizer duas palavras.

— Ah! — respondeu o tabelião, mordendo os lábios. — Ela sabe formar três...

— Pretensioso! — exclamou Rigou, dirigindo-se para a porta.

— Pois bem — disse Soudry, acompanhando o compadre. — Até amanhã, cedinho. Eu virei buscá-lo... Ah, uma coisa, Lupin — acrescentou para o tabelião, que saíra com ele a fim de mandar selar o cavalo —, trate de arranjar que a sra. Sarcus saiba tudo que o Tapeceiro fizer contra nós na Prefeitura...

— Se ela não souber, quem saberá? — respondeu Lupin.

— Perdão — disse Rigou, sorrindo com finura e olhando para Lupin —, eu vejo aqui tantos patetas que me esquecia de estar entre eles um homem inteligente.

— O fato é que eu não sei como ainda não me embotei por aqui — respondeu Lupin ingenuamente.

— É verdade que Soudry arranjou uma criada-grave?...

— É, sim. Há uns oito dias que o senhor *maire* quis realçar os méritos de sua esposa, comparando-os com os de uma pequena borguinota com a idade de uma vaca velha. Ainda não atinamos como é que ele se arranja com a sra. Soudry, pois tem coragem de se deitar cedinho...

— Verei isso amanhã — disse o Sardanapalo de aldeia, tentando sorrir.

Os dois hábeis políticos trocaram um aperto de mãos ao se separar.

Rigou, que não queria passar à noite pela estrada, pois, apesar de sua recente popularidade, era sempre cauteloso, disse ao cavalo: “Vamos, cidadão!”. Era uma flecha que aquele filho de 1793 disparava sempre contra a Revolução. As revoluções populares não têm inimigos mais cruéis do que esses que elas próprias alimentaram.

— O pai Rigou não faz visitas compridas — disse o escrivão Gourdon à sra. Soudry.

— São boas quando são curtas — respondeu ela.

— Como a vida dele — interveio o médico. — Esse homem abusa de tudo.

— Tanto melhor — replicou Soudry. — Meu filho desfrutará mais cedo os seus bens...

— Ele trouxe notícias das Aigues? — perguntou o cura.

— Sim, meu caro padre — respondeu a sra. Soudry. — Aquela gente é o flagelo de nossa terra. Não compreendo como a sra. de Montcornet, que é inteligente, não percebe quais são os seus interesses.

— Entretanto, eles têm um modelo à vista — replicou o cura.

— Quem? — perguntou a sra. Soudry com um trejeito.

— Os Soulanges...

— Ah, sim — respondeu a rainha, depois de uma pausa.

— Tanto pior! Aqui estou! — gritou a sra. Vermut, entrando. — E sem o meu reativo, pois Vermut está inativo demais comigo para que eu o considere um ativo qualquer...

— Mas que diabo estará fazendo esse danado tio Rigou? — disse então Soudry a Guerbet, vendo o carrinho parado à porta do Tivoli. — Ele é como os lobos-cervais, que não dão um passo inútil.

— Danado mesmo! — respondeu o gordo coletorzinho.

— Está entrando no Café da Paz... — disse o dr. Gourdon.

— Fiquem tranquilos — prosseguiu o escrivão Gourdon. — Ele está abençoando à sua maneira. Daqui se escutam os ganidos.

— Aquele café — prosseguiu o cura — é como o templo de Jano;¹⁴² chamava-se Café da Guerra no tempo do Imperador, e vivia então numa calma completa; os burgueses mais respeitáveis se reuniam lá para conversar amistosamente.

— Ele chama isso de conversar! — disse o juiz de paz. — Santo Deus! Que conversas eram essas, de que resultaram pequenos Bournier...

— Mas depois que em honra dos Bourbon passou a ser chamado Café da Paz, briga-se lá todos os dias... — disse o padre Taupin, acabando sua frase que o juiz de paz tomara a liberdade de interromper.

Com essa frase do cura sucedia o mesmo que com as citações da *Bilboqueida*: repetia-se infinitamente.

— Quer dizer — observou Guerbet — que a Borgonha será sempre a terra dos pescões.

— Não é assim tão mau o que o senhor está dizendo... — comentou o cura. — Quase que é a história de nossa terra.

— Eu não conheço a história da França — confessou Soudry —, mas antes de aprendê-la queria saber por que o meu compadre entrou com Socquard no café.

— Oh! — exclamou o cura. — Se ele entrou e se fica por lá, pode estar certo de que não será para nenhum ato de caridade.

— Fico de cabelo arrepiado quando vejo esse homem — disse a sra. Vermut.

— É tão perigoso — continuou o médico — que, se me quisesse mal, eu não ficaria sossegado nem depois que ele morresse. É homem para se levantar do caixão e nos pregar alguma peça.

— Se há alguém capaz de nos mandar o Tapeceiro aqui no dia 15 de agosto e prendê-lo nalguma esparrela, esse alguém é Rigou — disse o *maire* ao ouvido da esposa.

— Sobretudo — respondeu ela em voz alta — se Gaubertin e você se meterem nisso, coração...

— Olhe, quando eu dizia! — exclamou Guerbet, puxando Sarcus pelo

cotovelo. — Ele achou uma pequena bonita em casa de Socquard e entrou com ela no carro...

— Até que possa entrar noutra parte... — comentou o tabelião.

— Eis aí um dito sem malícia! — exclamou Guerbet interrompendo o poeta.

— Os senhores estão enganados, cavalheiros — disse a sra. Soudry. — O tio Rigou só pensa em nossos interesses. Se não me engano, aquela pequena é filha de Tonsard.

— O farmacêutico abastecendo-se de víboras... — comentou Guerbet.

— Pela maneira como fala — respondeu o dr. Gourdon — até parece que o senhor viu quando Vermut se aproximava.

E mostrou o pequeno farmacêutico de Soulanges a atravessar a praça.

— Pobre diabo — disse o tabelião, que era suspeito de distrair-se frequentemente com a sra. Vermut. — Vejam que figura. E julgam-no sábio!

— Sem ele — respondeu o juiz de paz — ficaríamos muito embaraçados com as autópsias; descobriu tão bem o veneno no corpo do pobre Pigeron, que os químicos de Paris disseram perante o tribunal do júri em Auxerre que não seriam capazes de fazer melhor...

— Não descobriu coisíssima nenhuma — replicou Soudry; mas, como disse o Presidente Gendrin, é preciso fazer acreditar que os venenos são sempre descobertos...

— A sra. Pigeron fez bem em sair de Auxerre — disse a sra. Vermut. — Aquela mulher era um espírito mesquinho e uma grande criminosa. Será que devemos recorrer a drogas para liquidar com um marido? Eu gostaria que algum homem achasse o que censurar em minha conduta! Vejam a sra. de Montcornet: passeia pelos seus chalés, pelas suas cartuxas com aquele parisiense que ela mandou vir à sua custa, e lhe faz carinhos diante do general!

— À sua custa?... — exclamou a sra. Soudry. — Será exato?

Se nós pudéssemos ter uma prova, que belo assunto para uma carta anônima ao general...

— O general... — disse a sra. Vermut. — Mas vocês não o atrapalhariam em nada. O Tapeceiro está no seu ofício.

— Que ofício, querida? — perguntou a sra. Soudry.

— Ora, ora, ele fornece a cama.

— Se o coitado do Pigeron, em vez de atormentar a mulher, tivesse essa sabedoria, a esta hora ainda estaria vivo — disse o tabelião.

— Isso é que é moral! — exclamou o cura.

Ante essa dupla epigrama, sugeriu-se que começasse a partida de bóston.

E eis aí a vida, tal como ela é em todas as esferas sociais. Mudem-se

os termos, e não se ouvirá nada de mais nem de menos nos salões mais dourados de Paris.

III — O CAFÉ DA PAZ

Eram cerca de sete horas quando Rigou passou em frente ao Café da Paz. O sol poente, caindo obliquamente sobre a bonita cidade, espalhava nela os seus belos matizes avermelhados, e o claro espelho das águas do lago contrastava com o tumulto de vidraças flamejantes, onde se formavam as cores mais extraordinárias.

Pensativo, inteiramente absorto em suas tramas, o hábil político deixava o cavalo ir tão lentamente que, passando pelo Café da Paz, pôde ouvir seu nome pronunciado no meio de uma dessas discussões que, como observara o padre Taupin, formavam com o título daquele estabelecimento a mais violenta antinomia.

Para compreensão desta cena, torna-se necessário explicar a topografia desse país de Cocanha, limitado na praça pelo café e terminado na estrada cantonal pelo famoso Tivoli, que os chefes destinavam para teatro de uma das cenas da conspiração urdida havia já cinco anos contra o General Montcornet.

Pela sua situação no ângulo da praça e do caminho, o rés do chão dessa casa, no estilo da de Rigou, tem três janelas sobre o caminho e duas sobre a praça, ficando entre essas duas últimas a porta de vidro, de entrada. O Café da Paz dispõe ainda de uma porta travessa abrindo sobre a aleia que o separa da casa vizinha, do vendedor de quinquilharias de Soulanges, e pela qual se entra num pátio interior.

A casa, com sua pintura toda em amarelo dourado, salvo os postigos, que são verdes, é na cidadezinha uma das raras que têm dois andares e água-furtada. Eis por quê.

Antes da espantosa prosperidade de La-Ville-aux-Fayes, o primeiro andar, que abrange quatro quartos, todos providos de uma cama e dos magros trastes necessários para justificar a expressão *mobiliado*, alugava-se às pessoas obrigadas a ir a Soulanges por causa do Bailiado ou aos visitantes que não se hospedavam no castelo; mas, de vinte e cinco anos para cá, esses quartos mobiliados só tinham como locatários saltimbancos, negociantes de feira, vendedores de remédios ou de imagens, atores ambulantes e caixeiros-viajantes. Por ocasião da festa de Soulanges, eram alugados a quatro francos por dia. Os quatro cômodos de Socquard rendiam-lhe uma centena de escudos, não falando no produto da despesa extraordinária que os locatários faziam no café.

A fachada do lado da praça era decorada com pinturas especiais. No quadro que separava cada janela da porta viam-se tacos de bilhar atados

carinhosamente por meio de fitas, e por cima dos nós elevavam-se taças gregas com ponche fumegante. As palavras Café da Paz brilhavam, pintadas em amarelo sobre fundo verde, e nas extremidades havia pirâmides de bolas tricolores. As janelas, pintadas de verde, tinham pequenas vidraças de vidro comum.

Dez tuias, plantadas em caixotes à direita e à esquerda e que deviam ser chamadas de cafeeiros, ofereciam uma vegetação tão pífia quanto pretensiosa. Os toldos, com que os negociantes de Paris e outras cidades opulentas protegem suas lojas contra os ardores do sol, constituem um luxo desconhecido em Soulanges. Os frascos, expostos em prateleiras por trás das vidraças, mereciam bem esse nome, pois o bendito licor suportava ali cocções periódicas. Concentrando seus raios nas bossas lenticulares dos vidros, o sol fazia ferver as garrafas de Madeira, os xaropes, os vidros de bocal de ameixas e cerejas com aguardente que ali se viam; o calor era tão forte que Aglae, seu pai e o empregado se deixavam ficar nas banquetas de cada lado da porta, mal abrigadas pelos mofinos arbustos que a moça irrigava com água morna. Em certos dias os três eram vistos estendidos como animais domésticos, dormindo.

Em 1804, época da popularidade de *Paulo e Virgínia*, forrou-se o interior com papel envernizado que representava as principais cenas desse romance. Lá se viam negros africanos apanhando café, que pelo menos figurava em alguma parte no estabelecimento, onde não se bebiam trinta xícaras de café por mês. Os gêneros coloniais figuravam tão pouco nos hábitos soulangenses que uma pessoa de fora, pedindo uma xícara de chocolate, poria o tio Socquard em grandes dificuldades; entretanto, receberia a nojenta papa escura produzida por essas barrinhas onde entram mais farinha, amêndoas socadas e açúcar mascavo do que açúcar e cacau, vendidas a dois *sous* pelos merceiros de aldeia e fabricadas com o fim evidente de arruinar o comércio dessa bebida espanhola.

Quanto, ao café, o tio Socquard muito simplesmente o fervia numa vasilha conhecida em todas as casas pelo nome de *boião escuro*; deixava cair no fundo o pó misturado com chicória, e servia o decocto com o sangue frio de um garçom de Paris, numa taça de porcelana que, jogada ao chão, não era capaz de quebrar.

Naquela época, o santo respeito consagrado ao açúcar no tempo do Imperador não se dissipara ainda em Soulanges, e a srta. Socquard trazia orgulhosamente quatro torrões de açúcar, do tamanho de nozes, ao negociante de feira que se decidira a pedir essa bebida literária.

A decoração, realçada por espelhos de moldura dourada e pateras para dependurar chapéu, não mudara desde o tempo em que toda Soulanges viera admirar aquele papel maravilhoso e aquele balcão pintado, fingindo acaju, com tampo de mármore Sant'Ana sobre o qual

reluziam vasos de metal e lâmpadas com dupla corrente de ar, que se dizia terem sido presenteados por Gaubertin à bela sra. Socquard. Basta mencionar a camada viscosa que embaciava tudo, só comparável à que recobre os quadros velhos esquecidos no celeiro.

As mesas pintadas imitando mármore, os tamboretos de veludo de Utrecht vermelho, o candeeiro de globo cheio de óleo que alimentava dois bicos, preso ao teto por uma corrente e enfeitado de cristais, tornaram famoso o Café da Guerra.

De 1802 a 1814, todos os burgueses de Soulanges iam lá jogar dominó e cartas, beber cálices de licor e vinho de cheiro, comer frutas com aguardente e biscoitos, pois o alto custo dos gêneros coloniais banira o café, o chocolate e o açúcar. O ponche era a grande gulodice, bem como as *bavaroises*. Essas preparações se faziam com certa matéria açucarada, xaroposa, semelhante ao melaço, cujo nome se perdeu, mas que fez então a fortuna do inventor.

Estes rápidos pormenores sobre o Café da Paz trarão outros estabelecimentos iguais à memória dos viajantes; e aqueles que nunca deixaram Paris entreverão o teto escurecido pela fumaça e os espelhos embaciados por milhares de pontos escuros, prova da independência com que ali vivia a classe dos dípteros.

A bela sra. Socquard, cujas galanterias ultrapassavam as da sra. Tonsard, imperava na casa, vestida pela última moda. Ela se afeiçoara ao turbante das sultanas. No tempo do Imperador, a sultana gozava da voga em que hoje está o anjo.

Antigamente todo o vale ia pedir moldes dos turbantes, dos bonés, dos gorros de pele e dos penteados chineses à linda botequineira, para cujo luxo contribuíam os maiores de Soulanges. Conservando sempre sua cintura de plexo solar, como a usavam nossas mães, tão orgulhosas de suas graças imperiais, Júnia (chamava-se Júnia!) fez a casa Socquard; o marido devia-lhe a propriedade de um vinhedo, daquela casa e do Tivoli. Dizia-se que o pai de Lupin fizera loucuras pela bela Júnia: Gaubertin, que lha arrebatara, certamente lhe devia o pequeno Bournier.

Estes pormenores e a ciência secreta com que Socquard fabricava o vinho de cheiro bastariam para explicar por que seu nome e o do Café da Paz se tinham popularizado; muitas outras razões, porém, aumentavam essa fama. Em casa de Tonsard e nas demais tavernas do vale só se bebia vinho, ao passo que, desde Couches até La-Ville-aux-Fayes, numa circunferência de seis léguas, o café de Socquard era o único onde se podia jogar bilhar e beber aquele ponche preparado admiravelmente pelo burguês da localidade. Somente ali se viam expostos licores finos e frutas com aguardente.

Seu nome ressoava, pois, no vale quase todos os dias, acompanhado de ideias de superfina voluptuosidade, com que sonham as pessoas de

estômago mais sensível que o coração. A estas causas se juntava ainda o privilégio de ser parte integrante da festa de Soulanges. Numa ordem imediatamente superior, o Café da Paz era, enfim, para a cidade o que a taverna do Grand-I-Vert era para o campo, um entreposto de veneno; servia de ponte às intrigas entre La-Ville-aux-Fayes e o vale. O Grand-I-Vert fornecia leite e creme ao Café da Paz, e as duas filhas de Tonsard mantinham relações diárias com o estabelecimento.

Para Socquard, a praça de Soulanges era um apêndice de seu café. O Hércules ia de porta em porta conversando com cada um, usando no verão, como única vestimenta, a calça e o colete desabotoado, conforme o costume dos botequineiros das cidades pequenas. Se entrava alguém no estabelecimento, era avisado pelas pessoas com quem conversava, regressando então lentamente e meio pesaroso.

Estas minúcias devem convencer os parisienses que nunca deixaram seu quarteirão da dificuldade, digamos melhor, da impossibilidade de esconder a menor coisa no vale do Avonne, de Couches a La-Ville-aux-Fayes. No campo, o espaço não existe; aqui e ali se encontram as tavernas do Grand-I-Vert, os Cafés da Paz, que funcionam como ecos e onde os atos mais indiferentes, realizados no maior segredo, repercutem por uma espécie de mágica.

Depois de parar o cavalo, Rigou desceu do carrinho, prendendo a rédea a uma das estacas da porta do Tivoli. Em seguida, achou o mais natural dos pretextos para ouvir a discussão sem parecer que o fazia, colocando-se entre duas janelas, por uma das quais, espichando o pescoço, podia ver as pessoas e estudar-lhes os gestos, ao mesmo tempo que apanhava as palavras em tom alto, que retiniam na vidraça e que a calma exterior permitia escutar.

— E se eu disser ao tio Rigou que seu irmão Nicolau quer fazer mal a Pechina? — exclamava uma voz áspera. — Que ele vive a espreitá-la e que ela acabará escapulindo do patrão de vocês todos? Ele havia de lhes torcer as tripas, cambada de miseráveis do Grand-I-Vert!

— Aglae, se você nos pregar essa peça — respondeu a voz esganiçada de Maria Tonsard — só os vermes do seu caixão ficariam sabendo da que eu lhe pregaria!... Não se meta nos negócios de Nicolau nem nos de Bonnébault comigo.

Como se vê, instigada pela avó, Maria tinha seguido Bonnébault; espiando-o pela mesma janela junto à qual, no momento, estacionava Rigou, ela o vira exibindo suas graças e dirigindo à srta. Socquard lisonjas bastante agradáveis para que esta fosse obrigada a sorrir. O sorriso provocara a cena em que explodiu a revelação bastante útil para Rigou.

— Então, tio Rigou, o senhor está estragando minhas propriedades?... — disse Socquard batendo no ombro do usurário.

O botequineiro, vindo de um celeiro situado na extremidade do

jardim, de onde estavam sendo retirados numerosos brinquedos — balanças, cavalos para jogo de argolinhas, balanços perigosos etc. — a fim de serem montados no Tivoli, caminhara sem fazer ruído, pois usava esses chinelos de couro amarelo que, pelo seu baixo preço, têm muita aceitação na província.

— Se você tivesse limões frescos, eu prepararia uma limonada — respondeu Rigou. — A noite está quente.

— Mas quem está gritando assim? — disse Socquard olhando, pela janela e vendo sua filha às turras com Maria.

— Estão disputando Bonnébault — replicou Rigou com ar sardônico.

A cólera do pai foi então abafada em Socquard pelo interesse do botequineiro. Este julgou prudente escutar do lado de fora, como fazia Rigou, enquanto o pai queria entrar e declarar que Bonnébault, cheio de qualidades estimáveis aos olhos de um botequineiro, não tinha nenhuma para genro de um dos notáveis de Soulanges. Contudo, Socquard recebia poucas propostas de casamento. Com vinte e dois anos, em largura, espessura e peso sua filha fazia concorrência à sra. Vermiguel, cuja agilidade parecia um fenômeno. O hábito de ficar no balcão aumentava ainda a tendência à gordura, que Aglae devia ao sangue paterno.

— Que diabo essas raparigas têm no corpo? — perguntou Socquard a Rigou.

— Ah! — respondeu o antigo beneditino. — Aquele que a Igreja apanhou já o maior número de vezes entre todos os diabos.

Como única resposta, Socquard pôs-se a examinar, nos quadros separados pelas janelas, os tacos de bilhar, cuja reunião dificilmente se explicava, por causa dos lugares onde faltava a argamassa, descascada pela mão do tempo.

Nesse momento, Bonnébault saiu da sala de bilhar com um taco na mão e começou a bater rijamente com ele em Maria, dizendo:

— Por sua causa errei a tacada, mas não errarei em você, e continuarei até que você pare com essa campainha.

Socquard e Rigou, que julgaram a propósito intervir, entraram no café pelo lado da praça, fazendo erguer-se uma quantidade tão grande de moscas que o dia escureceu.

O ruído era como o de um exercício longínquo da escola de tambores. Passado o primeiro susto, as grandes moscas de ventre azulado, acompanhadas de mosquitos pérfidos e de algumas moscas de cavalo, voltaram a seu lugar nos vidros, junto às três prateleiras, cuja pintura desaparecera sob os pontos negros e onde se viam garrafas peganhentas, alinhadas como soldados.

Maria chorava. Apanhar do bem-amado, diante da rival, é dessas humilhações que mulher alguma suporta, qualquer que seja o seu lugar

na escala social, e, quanto mais baixo ele for, mais violenta será a expressão de seu ódio; por isso, ela não viu Rigou nem Socquard, e foi cair sobre o tamborete, num silêncio triste e feroz que o ex-religioso observou.

— Aglae, traga um limão fresco — disse Socquard — e lave você mesma um copo de pé.

— Fez bem em mandar sua filha sair — disse Rigou, baixinho, a Socquard. — Podia ter-se ferido mortalmente.

E, com um olhar, mostrou a mão de Maria segurando o tamborete que havia apanhado para jogá-lo na cabeça de Aglae, a quem visava.

— Vamos, Maria — disse Socquard, colocando-se à sua frente —, não se vem aqui para agarrar tamboretas. E, se você quebrasse meus espelhos, não era o leite de suas vacas que haveria de pagar...

— Tio Socquard, sua filha é uma miserável, e eu valho tanto quanto ela, está ouvindo? Se o senhor não quer Bonnébault para genro, já é tempo de dizer a ele para ir jogar bilhar noutra freguesia! Ele vive perdendo dinheiro...

Ao começar este fluxo de palavras, mais gritadas do que ditas, Socquard segurou Maria pela cintura e lançou-a fora, apesar de seus gritos. Já era tempo; Bonnébault saía novamente da sala de bilhar, com os olhos em fogo.

— Isto não acaba assim! — continuava ela.

— Vá-se embora — disse Bonnébault, enquanto Viollet o segurava pela cintura para impedi-lo de cometer alguma brutalidade —, senão, nunca mais eu falo com você nem olho para sua cara.

— Você? — disse Maria, lançando-lhe um olhar cheio de censura. — É melhor que você devolva meu dinheiro, e então eu deixarei você para Aglae, se ela tiver bastante cobre para prendê-lo...

Nisto, assustada por ver o hercúleo Socquard segurando com dificuldade Bonnébault, que deu um salto de tigre, Maria fugiu pela estrada.

Rigou fez Maria subir ao carrinho a fim de subtraí-la à cólera de Bonnébault, cuja voz retumbava até o palacete Soudry; depois, tendo escondido a moça, voltou para beber sua limonada, examinando o grupo formado por Plissoud, Amaury, Viollet e pelo garçom do café, que tratava de acalmar Bonnébault.

— Vamos, hussardo, é a sua vez de jogar — disse Amaury, homenzinho louro de olhar embaciado.

— E depois, ela já deu o fora — acrescentou Viollet.

Se alguém um dia já manifestou surpresa, foi Plissoud ao avistar o usurário de Blangy sentado numa das mesas e mais preocupado com ele, Plissoud, do que com a briga das duas moças. Sem querer, o oficial de justiça deixou transparecer na fisionomia essa espécie de estupefação causada pelo encontro de um homem a quem queremos

mal ou contra quem conspiramos, e voltou repentinamente à sala de bilhar.

— Adeus, tio Socquard — disse o usurário.

— Vou buscar o seu carro — disse o botequineiro. — Espere um momento.

“Como saber o que eles dizem uns aos outros jogando bilhar?”, perguntava Rigou a si mesmo, vendo no espelho o rosto do garçom.

Esse garçom era pau-para-toda-obra: cuidava da vinha de Socquard, varria o café e o bilhar, mantinha limpo o jardim e irrigava o Tivoli, tudo isso por vinte escudos anuais. Andava sempre sem paletó, salvo nas grandes ocasiões, e tinha como único vestuário uma calça de algodão azul, sapatos grossos e um colete de veludo riscado, sobre o qual punha o avental de pano de prato quando estava de serviço no bilhar ou no café. O avental de cordão era a insígnia de suas funções. O rapaz fora alugado pelo botequineiro na última feira, pois naquele vale, como em toda a Borgonha, os empregados são contratados na praça, por um ano, exatamente como se compra um cavalo.

— Como chamam você? — perguntou Rigou.

— Miguel, para servi-lo — respondeu o rapaz.

— Você não vê por aqui, de vez em quando, o tio Fourchon?

— Duas ou três vezes por semana, com o sr. Vermiguel, que me dá uns *sous* para avisar quando sua mulher *desaba* em cima deles.

— Homem direito, o tio Fourchon! E instruído — disse Rigou, que pagou a limonada e deixou aquele café nauseabundo ao ver o carrinho que Socquard trouxera para a frente do estabelecimento.

Subindo ao carro avistou o farmacêutico, e chamou-o à fala com um “Olá, sr. Vermut!”. Reconhecendo o usurário, Vermut apressou o passo, mas Rigou pegou-o e disse-lhe ao ouvido:

— Haverá algum reativo capaz de destruir o tecido da pele até produzir uma verdadeira doença, como um panarício no dedo?

— Se o dr. Gourdon quiser se meter no caso, há — respondeu o sabiozinho.

— Nem uma palavra sobre isso, Vermut. Do contrário, nós brigamos. Mas fale a respeito com o dr. Gourdon, e diga-lhe que vá me ver depois de amanhã. Darei ensejo a ele de fazer uma operação bem delicada: cortar um dedo indicador.

Depois, deixando estupefato o pequeno farmacêutico, o antigo *maire* subiu ao carro, ao lado de Maria Tonsard.

— Então, cobrinha — disse ele, tomando-lhe o braço, depois de prender as rédeas do animal numa argola em frente à capota de couro que fechava o carrinho e quando o cavalo já tomara impulso —, você acha que prenderá Bonnébault com essas violências?... Se você tivesse juízo, facilitaria o casamento dele com aquela montanha de burrice, e então poderia se vingar.

Maria não pôde deixar de rir ao responder:

— Ah, como o senhor é perverso! O senhor é de fato o mestre de nós todos!

— Escute, Maria, eu gosto dos camponeses, mas não convém que um de vocês se coloque entre meus dentes e o bocado de carne... Seu mano Nicolau, como disse Aglae, persegue Pechina. Não está direito, pois aquela pequena é minha protegida; vai herdar de mim trinta mil francos, e eu quero casá-la bem. Sei que Nicolau hoje de manhã, ajudado por sua mana Catarina, quase matou a pobre pequena. Você vai estar com seu mano e sua mana esta noite. Pois diga a eles o seguinte: “Se vocês deixarem Pechina em paz, o tio Rigou livrará Nicolau do serviço militar”...

— O senhor é o diabo em figura de gente! — exclamou Maria. — Dizem que o senhor assinou um pacto com ele... É verdade?

— É — respondeu Rigou gravemente.

— Falavam isso com a gente nos serões, mas eu não acreditava.

— Ele me prometeu que nenhum atentado me atingirá, que eu nunca serei roubado, que viverei cem anos sem adoecer, que vencerei em tudo e que até a hora da morte serei moço como um galo de dois anos...

— Está se vendo — comentou Maria. — Sendo assim, será fácil para o senhor salvar meu mano do alistamento.

— Se ele quiser, pois é preciso que ele perca um dedo, só isso. Eu explico a ele o modo.

— Mas que é isso?! O senhor está tomando o caminho do alto?

— À noite, não passo mais por ali.

— Por causa da cruz? — disse Maria ingenuamente.

— É por isso mesmo, sua esperta! — respondeu a diabólica personagem.

Tinham chegado a um ponto onde a estrada cantonal é aberta num morrinho. Esse corte oferece dois taludes bastante abruptos, como é comum nas estradas de França.

No fim dessa garganta de uns cem passos de comprimento, as estradas de Cerneux e Ronquerolles formam encruzilhada, com uma cruz. De uma e de outra rampa, um homem pode apontar para o transeunte e matá-lo quase à queima-roupa — coisa facilíssima, pois o morro é coberto de vinhedos, onde o malfetor não terá dificuldade em se esconder nas moitas de espinheiros espalhadas aqui e ali. Compreende-se por que o usurário, sempre cauteloso, nunca passava por ali à noite. O Thune contorna a colina chamada Clos-de-la-Croix. Nunca houve lugar mais propício para uma vingança ou um assassinio, pois o caminho de Ronquerolles vai dar na ponte do Avonne, em frente ao pavilhão de caça, e o caminho de Cerneux segue além da estrada real, de sorte que entre os quatro caminhos — das Aigues, de La-Ville-aux-

Fayes, de Ronquerolles e de Cerneux — pode o assassino escolher a direção de fuga, deixando na incerteza as pessoas que se lançarem a persegui-lo.

— Vou deixar você à entrada da aldeia — disse Rigou ao avistar as primeiras casas de Blangy.

— Por causa de Anita, velho covarde! — exclamou Maria. — O senhor tornará a vê-la daqui a pouco, e há três anos que está com ela! O que vale é que sua velha tem uma saúde de ferro... Nosso Senhor está se vingando...

IV — O TRIUNVIRATO DE LA-VILLE-AUX-FAYES

O prudente usurário havia acostumado tanto a esposa como João a se deitarem e se levantarem cedo, garantindo-lhes que a casa jamais seria assaltada se ele próprio ficasse acordado até meia-noite, para, no dia seguinte, levantar-se mais tarde. Assim, não somente conquistara sua tranquilidade das sete da noite às cinco da manhã, como ainda habituara os dois a respeitar seu sono e o da nova Agar,¹⁴³ cujo quarto ficava situado por trás do seu.

No dia seguinte pela manhã, cerca das seis horas e meia, a sra. Rigou, que cuidava pessoalmente do galinheiro em companhia de João, foi bater timidamente à porta do quarto de seu marido.

— Meu caro — disse ela —, você me recomendou que o acordasse...

O som da voz, a atitude da mulher, seu ar medroso obedecendo a uma ordem cujo cumprimento poderia ser mal recebido retratavam a abnegação profunda de que era capaz a pobre criatura e a afeição que dedicava ao hábil tiranete.

— Está bem! — gritou ele.

— Devo acordar Anita?

— Não, deixe a pequena dormir! Ficou de pé a noite inteira — respondeu ele, sério.

Esse homem era sempre sério, mesmo quando se permitia alguma brincadeira. De fato, Anita abrira discretamente a porta a Sibilet, Fourchon e Catarina Tonsard, vindos em horas diferentes, de onze da noite a uma da madrugada.

Dez minutos depois, vestido com apuro maior do que o costureiro, Rigou descia e dava à esposa um “Bom dia, minha velha!”, fazendo-a mais feliz do que se visse a seus pés o General Montcornet.

— João — disse ele ao ex-irmão converso —, não saia de casa nem deixe ninguém me furtar. Você perderia mais do que eu...

Fora misturando delicadezas e malcriações, esperanças e xingamentos que o sábio egoísta fizera seus três escravos tão fiéis e dedicados como cães.

Tomando sempre o chamado caminho do alto para evitar o Clos-de-la-Croix, Rigou chegou à praça de Soulanges por volta das oito horas.

No momento em que amarrava as rédeas na “borboleta” mais próxima do patamar de três degraus, abriu-se o postigo da casa de Soudry e este mostrou o rosto marcado pela varicela, que a vivacidade de dois olhinhos negros tornava meio malandro.

— Primeiro vamos comer alguma coisa, pois não almoçaremos em La-Ville-aux-Fayes antes de uma hora.

Chamou baixinho a criada, jovem e bonita como a de Rigou, que desceu sem rumor, e disse-lhe que servisse uma fatia de presunto com pão; depois, foi pessoalmente à adega buscar vinho.

Rigou contemplou pela milésima vez a sala de jantar, assoalhada de carvalho, guarneçada de belos armários pintados, com teto emoldurado, barra de madeira à altura do peitoril, e ornada com uma bonita lareira e um magnífico relógio de parede, provenientes da casa da srta. Laguerre. O espaldar das cadeiras tinha a forma de lira, a madeira era pintada e envernizada de branco e o assento era em marroquim verde, com tachinhas douradas. A mesa de acaju maciço estava forrada com um encerado verde, de grandes listras escuras e debruado com um galão verde. O soalho em ponto de Hungria, meticulosamente esfregado por Urbano, mostrava o rigor com que as antigas criadas gostam de ser servidas.

“Puxa! Isto deve sair caro...”, pensou ainda Rigou consigo mesmo. “Come-se tão bem na minha sala como aqui, e eu tenho renda suficiente para me proporcionar este esplendor inútil.”

— Mas onde está a sra. Soudry? — perguntou ele ao *maire* de Soulanges, que apareceu brandindo uma botelha venerável.

— Está dormindo.

— Também você quase não lhe perturba mais o sono...

O ex-gendarme piscou o olho maliciosamente e mostrou o presunto que Joaninha, sua bonita criada, acabava de trazer.

— Uma fatia tão bonita assim anima a gente! — disse o *maire*. — É preparado em casa. Foi cortado ontem.

— Compadre, essa eu não conhecia... Onde foi que a pescou? — disse o antigo beneditino ao ouvido de Soudry.

— É como o presunto — respondeu o ex-gendarme, piscando de novo. — Está aqui há oito dias.

Ainda com a touca de dormir, de saia curta, chinelos sem meias, tendo posto um corpete talhado como uma camisinha, ao jeito das camponesas, e ajustando sobre ele um xale cruzado que não escondia inteiramente seus jovens e frescos tesouros, Joaninha não parecia menos apetitosa que o presunto. Pequena, redondinha, mostrava os braços nus e pendentes, que pareciam de mármore rosado, terminando em gordas mãos de covinhas, de dedos curtos e bem modelados na

ponta, anunciadores de uma saúde esplêndida. Era o verdadeiro rosto borguinhão, corado, mas alvo nas têmporas, no pescoço e nas orelhas, narinas abertas, boca sensual e leve penugem ao longo das faces. Além disso, uma expressão viva, temperada por maneiras modestas e mentirosas que faziam dela o tipo da criada malandra.

— Honra lhe seja feita, Joaninha se parece com o presunto — disse Rigou. — Se eu não tivesse a minha Anita, havia de querer uma Joaninha.

— Uma vale a outra — respondeu o ex-gendarme. — Sua Anita é doce, loura, mimosa... E como vai a sra. Rigou?... Estará dormindo?... — perguntou bruscamente, para fazer ver a Rigou que tinha compreendido a brincadeira.

— Ela acorda com o galo, mas deita-se com as galinhas. Quanto a mim, fico lendo *Le Constitutionnel*. Pela manhã e à noite, minha mulher me deixa dormir; por coisa alguma no mundo ela entraria em meu quarto...

— Aqui é justamente o contrário — disse Joaninha. — A sra. Soudry fica no salão com os burgueses da cidade, para o jogo; às vezes chega a haver quinze pessoas. O patrão deita-se às oito horas, e nós nos levantamos ao amanhecer...

— Parece diferente — comentou Rigou —, mas no fundo é a mesma coisa. Pois bem, minha linda menina, vá à minha casa, e eu mandarei Anita aqui. Será a mesma coisa e será diferente.

— Velho safado — disse Soudry —, você encabula a pequena.

— Que é isso, gendarme! Você só quer um cavalo em sua estrebaria?... Enfim, cada um tira sua felicidade de onde a encontra.

A uma ordem do patrão, Joaninha foi preparar o banho.

— Você prometeu casar com ela depois que sua mulher morrer? — perguntou Rigou.

— Na nossa idade só resta esse meio!

— Com raparigas ambiciosas, seria um jeito de enviuvar depressa... — replicou Rigou. — Sobretudo se a sra. Soudry falasse, à vista de Joaninha, da sua maneira de ensaboar escadas.

Esta frase tornou pensativos os dois esposos. Quando Joaninha veio anunciar que tudo estava pronto, Soudry respondeu-lhe: “Venha me ajudar!”, de um modo que fez sorrir o antigo beneditino.

— Mais uma diferença — disse ele. — Eu cá não teria receio de deixar você com Anita, compadre.

Um quarto de hora depois, em vestuário de gala, Soudry subia ao cabriolé de vime e os dois amigos contornavam o lago de Soulanges para ir a La-Ville-aux-Fayes.

— E aquele castelo?... — disse Rigou ao atingirem o lugar de onde o castelo de Soulanges era visto de perfil.

O velho revolucionário deu a essa frase um acento que revelava o

ódio dos burgueses do campo contra os castelos e as grandes propriedades.

— Ora, enquanto eu for vivo espero vê-lo de pé — replicou o ex-gendarme. — O Conde de Soulanges foi meu general; ele me prestou obséquios; fez com que se arbitrasse otimamente minha pensão; e ainda deixa sua propriedade ser administrada por Lupin, cujo pai enriqueceu lá. Depois de Lupin virá outro, e enquanto existirem os Soulanges isto será respeitado! São boas pessoas; entregam a cada um sua colheita e dão-se bem com este sistema.

— Ah! O general tem três filhos que talvez não combinem depois da morte dele. Um dia os filhos e o genro porão tudo em hasta pública, e lucrarão em vender as minas de chumbo e de ferro a negociantes de quem nós saberemos arrancá-las de novo.

O castelo de Soulanges apareceu de perfil, como a desafiar o monge sem burel.

— E, sim, naqueles tempos construía-se bem... — exclamou Soudry. — Mas o senhor conde está economizando as rendas para fazer de Soulanges morgadio do seu pariato...

— Compadre — respondeu Rigou —, os morgados cairão.

Esgotado o capítulo dos interesses, os dois burgueses passaram a conversar sobre os méritos respectivos de suas criadas, num patoá demasiado borguinhão para ser impresso. Esse assunto inesgotável levou-os longe, até perceberem a sede da circunscrição onde imperava Gaubertin, e que talvez excite curiosidade bastante para que as pessoas mais apressadas admitam ainda uma pequena digressão.

A designação La-Ville-aux-Fayes, embora esquisita, explica-se facilmente pela corrupção dessa palavra (em baixa latinidade, *Villa in Fago*, morada nos bosques). O nome explica suficientemente que outrora uma floresta cobria o delta formado pelo Avonne em sua confluência com o riacho que vai juntar-se ao Yonne cinco léguas mais adiante. Um franco levantara sem dúvida alguma fortaleza sobre a colina, que ali toma outra direção, indo terminar, em inclinações suaves, na longa planície onde o deputado Leclerc adquirira sua propriedade. Separando esse delta por um grande e longo fosso, o conquistador garantia a si mesmo uma posição formidável, um lugar essencialmente senhorial, próprio para a arrecadação dos direitos de passagem nas pontes das estradas e para a fiscalização dos direitos de moagem, que incidiam sobre os moinhos.

Tal é a história das origens de La-Ville-aux-Fayes. Por toda parte onde se estabeleceu, a dominação feudal ou religiosa criou interesses, habitantes e depois cidades, quando as localidades se achavam em posição de atrair, desenvolver ou fundar indústrias. O processo inventado por João Rouvet para fazer flutuar madeira, exigindo lugares favoráveis para interceptá-la, criou La-Ville-aux-Fayes, que até então,

comparada com Soulanges, não passava de uma aldeia. La-Ville-aux-Fayes tornou-se entreposto das madeiras que, numa extensão de doze léguas, marginam os dois rios. Os trabalhos exigidos pela pescaria dos paus, o exame das toras *perdidas*, o preparo dos lotes que o Yonne conduz para o Sena atraíram grande número de operários. A população desenvolveu o consumo, fez nascer o comércio. Assim, La-Ville-aux-Fayes, que não contava seiscentos habitantes no fim do século XIV, tinha dois mil em 1790, e Gaubertin a elevou a quatro mil. Eis como:

Quando a Assembleia Legislativa estabeleceu os novos limites do território, La-Ville-aux-Fayes, que calhou estar situada no ponto onde, geograficamente, era necessário criar uma subprefeitura, foi escolhida para sede de circunscrição, preterindo Soulanges. A subprefeitura arrastou consigo o tribunal de primeira instância e todos os funcionários de uma sede de circunscrição. O acréscimo da população parisiense, aumentando o valor e a quantidade pedida das madeiras de aquecimento, aumentou necessariamente a importância do comércio de La-Ville-aux-Fayes. Gaubertin firmara sua nova fortuna sobre essa nova previsão, adivinhando a influência da paz sobre a população parisiense que, de 1815 a 1825, realmente aumentara mais de um terço.

A configuração de La-Ville-aux-Fayes é indicada pelo terreno. As duas linhas do promontório eram margeadas de portos. A barragem para deter os troncos de madeira ficava ao pé da colina recoberta pela floresta de Soulanges. Entre essa barragem e a cidade havia um subúrbio. A cidade baixa, situada na parte mais larga do delta, levantava-se no lençol d'água do lago do Avonne.

Dominando a cidade baixa, quinhentas casas com jardins, dispostos numa elevação cultivada há trezentos anos, cercam esses promontórios por três lados, desfrutando, todas, os múltiplos aspectos que proporciona a toalha diamantina do lago do Avonne, atulhada de pilhas de lenha e de lotes de toras em preparação nas margens. As águas do rio, cobertas de madeira, e as lindas cascatas do Avonne, dominando o rio e alimentando as comportas dos moinhos e das represas de algumas fábricas, compõem um quadro animadíssimo, tanto mais curioso quanto emoldurado pela massa verde das florestas, e o longo vale das Aigues forma contraste magnífico com os tons sombrios que dominam La-Ville-aux-Fayes.

Em frente a essa vasta cortina, a estrada real, que corta a água sobre uma ponte a um quarto de légua de La-Ville-aux-Fayes, vem pegar o começo de uma aleia de choupos, perto da qual se acha uma pequena povoação, agrupada em redor da posta de cavalos junto a uma grande quinta. A estrada cantonal dá igualmente uma volta para chegar a essa ponte, onde vai encontrar a estrada larga.

Gaubertin construíra para si uma casa no terreno do delta, com o propósito de fazer ali uma praça que tornasse a cidade baixa tão bonita

quanto a cidade alta. Era uma casa moderna, de pedra, com sacadas de ferro fundido, persianas, janelas bem pintadas, sem outro ornamento além de uma grega sob a cornija, teto de ardósia, um andar só, celeiros, um belo pátio, e por trás um jardim inglês regado pelas águas do Avonne. A elegância desse prédio forçou a subprefeitura, instalada provisoriamente em um canil, a fazer-lhe face com um palacete que o Departamento se viu obrigado a construir, a instâncias dos deputados Leclerc e Ronquerolles. A cidade construiu ali também sua *mairie*. O tribunal, que igualmente funcionava em casa alugada, ganhou um palácio da Justiça, concluído recentemente, de sorte que La-Ville-aux-Fayes ficou devendo ao gênio inquieto de seu *maire* uma fieira imponente de construções modernas. A gendarmeria construiu também um quartel, fechando assim o quadrado da praça.

Essas mudanças, de que se orgulhavam os habitantes, eram devidas à influência de Gaubertin, que alguns dias antes recebera a cruz da Legião de Honra, ao ensejo do aniversário do rei. Numa cidade assim constituída e de criação moderna, não havia aristocracia nem nobreza. Por isso, orgulhosos de sua independência, os burgueses de La-Ville-aux-Fayes participavam unanimemente da briga surgida entre os camponeses e um conde do Império, que tomara o partido da Restauração. Para eles, os opressores eram os oprimidos. O espírito dessa cidade comercial era tão bem conhecido do governo que este nomeara subprefeito um homem conciliador, discípulo de seu tio, uma dessas pessoas habituadas às transações, familiarizadas com as exigências de todos os governos, a quem os puritanos, que fazem pior, chamam de pessoas corrompidas.

O interior da casa de Gaubertin fora decorado pelas criações bastante desenxabidas do luxo moderno. Eram custosos papéis de parede com bordados de ouro, lustres de bronze dourado, móveis de acaju, lâmpadas astrais, mesas redondas, porcelanas brancas com filete de ouro para sobremesa, cadeiras de assento de marroquim vermelho, gravuras a água-forte na sala de jantar, um móvel forrado de casimira azul na sala de visitas — pormenores feios e de uma extrema sensaboria, mas que em La-Ville-aux-Fayes pareciam as últimas conquistas de um luxo sardanapalesco. A sra. Gaubertin representava ali o papel de uma elegante de grandes recursos, tinha maneiras afetadas e requebrava-se aos quarenta e cinco anos, na qualidade de *maîtresse* que conhecia seu ofício e dispunha de sua corte.

Para quem conhece a França, as casas de Rigou, Soudry e Gaubertin não são a imagem perfeita da aldeia, da cidade pequena e da subprefeitura?

Não sendo homem fino ou talentoso, Gaubertin tinha a aparência de sê-lo; devia a segurança de sua visão e sua malícia a uma extrema avidez de ganho. Não queria fazer fortuna para sua mulher, nem para suas

duas filhas, nem para seu filho, nem para si mesmo, nem por espírito de família, nem pela consideração que dá o dinheiro; além da vingança, que o fazia viver, gostava do jogo do dinheiro como Nucingen, que, segundo dizem, está sempre apalpando dinheiro nos dois bolsos ao mesmo tempo. O movimento dos negócios era a alma desse homem; e, embora tivesse o ventre cheio, desenvolvia a atividade de um homem de barriga vazia. Como criado de teatro, as intrigas, as peças a pregar, os golpes e preparar, as mistificações, as espertezas comerciais, as contas a prestar e a tomar, as cenas, as brigas de interesse o predispunham ao bom humor, mantinham-lhe o sangue em circulação, espalhavam-lhe igualmente a bÍlis no corpo. E ele ia e vinha a cavalo, de carro ou pelo rio, para as arrematações em Paris, sempre pensando em tudo, segurando mil fios na mão sem embaraçá-los.

Vivo, resoluto nos movimentos como nas ideias, baixo, retaco, nariz fino, olhar aceso, ouvido alerta, parecia um cão de caça. O rosto queimado e moreno, inteiramente redondo, em que se destacavam as orelhas queimadas, pois habitualmente usava boné, estava em harmonia com esse caráter. O nariz era arrebitado, os lábios apertados nunca deviam abrir-se para uma palavra benevolente. As suÍças espessas formavam duas moitas negras e brilhantes sob maçãs de cor violeta e mergulhavam na gravata. Cabelos encaracolados, dispostos naturalmente em escadinha como uma peruca de velho magistrado, brancos e pretos, como que torcidos pela violência do fogo que aquecia o crânio queimado e crepitava nos olhos cinzentos cercados de rugas circulares, devidas sem dúvida ao hábito de piscar continuamente, no campo, olhando em pleno sol, completavam-lhe a fisionomia. Seco, magro, nervoso, tinha as mãos cabeludas, aduncas, cheias de bossas, das pessoas que costumam arriscar a vida. Seu aspecto agradava às pessoas com quem lidava, pois era envolto numa alegria enganadora. Sabia falar muito sem dizer nada que quisesse ocultar; escrevia pouco, para poder negar o que lhe fosse desfavorável naquilo que deixava escapar. Sua escrituração era feita por um caixa, homem honesto, que as pessoas da marca de Gaubertin sabem sempre desencavar e de quem, no seu próprio interesse, fazem a primeira vítima.

Quando o pequeno cabriolé, por volta de oito horas, apareceu na avenida que a partir da posta margeia o rio, Gaubertin, de boné, botas e jaleco, voltando já do porto, apressou o passo, adivinhando perfeitamente que Rigou só se abalaria por causa do *grande negócio*.

— Bom dia, velho atracador, bom dia, barriga cheia de fel e sabedoria! — disse ele dando tapinhas alternados nos dois visitantes. — Temos negócios a tratar, e trataremos deles de copo na mão, com seiscentos mil diabos! Esta é que é a melhor maneira.

— Desse jeito você deveria estar gordo... — disse Rigou.

— Eu me maltrato muito; não vivo como vocês, metido em minha

casa, agarrado a ela, como os velhos militares reformados... Ah! Vocês é que fazem bem, podem agir de costas para o fogo, com a barriga em frente da mesa, sentados em suas poltronas... A freguesia vai procurá-los. Mas entrem afinal, com seiscentos mil diabos! A casa lhes pertence enquanto estiverem nela.

Um criado de libré azul debruada de vermelho veio segurar o cavalo pela rédea e levou-o para o pátio, onde se achavam instaladas a cocheira e a estrebaria.

Gaubertin deixou os dois hóspedes passeando pelo jardim e voltou depois de um instante, necessário para dar ordens e providenciar o almoço.

— Então, meus lobinhos, que há de novo? — disse ele esfregando as mãos. — Viram a gendarmeria de Soulanges dirigindo-se ao amanhecer para Couches; sem dúvida vai prender os condenados por delitos florestais... Com seiscentos mil diabos! A coisa está esquentando! Está esquentando!... A esta hora — prosseguiu, olhando o relógio — os rapazes devem estar presos e muito bem presos.

— Provavelmente — disse Rigou.

— Muito bem, e que é que se diz nas aldeias? Que ficou resolvido?

— Mas que há para resolver? — perguntou Rigou. — Nós não temos nada com isso — acrescentou, olhando para Soudry.

— Como! Não temos nada com isso? E se as Aigues forem vendidas em consequência das nossas combinações, quem ganhará com isso quinhentos ou seiscentos mil francos? Serei eu sozinho? Não sou bastante rico para soltar dois milhões, tendo três filhos a colocar e mulher que não tem mãos a medir no capítulo despesas; preciso de sócios. O velho atracador não está com seu capital preparado? Ele não tem uma hipoteca que não esteja vencida, e não empresta mais senão sobre letras em curso, pelas quais me responsabilizo. Entrarei com oitocentos mil francos; meu filho juiz, com duzentos mil; contamos com o atracador para duzentos mil. Com quanto quer entrar, seu padrego?

— Com o resto — disse friamente Rigou.

— Santo Deus, eu queria ter a mão onde você tem o coração! — disse Gaubertin. — E que é que você vai fazer?

— O que você fizer. Conte lá o seu plano.

— Meu plano — explicou Gaubertin — é pegar o dobro para vender metade aos que quiserem, em Couches, Cerneux e Blangy. O tio Soudry terá a sua freguesia em Soulanges e você tem a sua aqui. Aí não pega o carro. Mas como é que nós nos entenderemos? Como iremos dividir os lotes grandes?...

— Meu Deus! Nada mais simples — disse Rigou. — Cada um ficará com o que mais lhe convier. Antes de mais nada, eu não vou prejudicar ninguém. Repartirei as matas com o meu genro e com o tio Soudry;

estão muito devastadas para tentar você. Deixaremos sua parte no resto, que vale bem o seu dinheiro, não acha?

— Você nos garante isso por escrito? — perguntou Soudry.

— Documento não valeria nada — respondeu Gaubertin. — De resto, vocês veem que eu faço jogo franco. Confio inteiramente em Rigou, ele é que será o comprador.

— Para mim, basta — disse Rigou.

— Só há uma condição: eu fico com o pavilhão de caça, as dependências e cinquenta jeiras em redor; compro a terra de vocês. A sra. Gaubertin — dona Isaura, como gosta de ser tratada — diz que vai fazer ali a sua vila.

— De acordo — disse Rigou.

— Ah! Aqui entre nós — continuou Gaubertin, em voz baixa, depois de olhar para os lados e certificar-se plenamente de que ninguém podia escutá-lo. — Vocês acham que eles são capazes de cometer algum desatino?

— Por exemplo? — perguntou Rigou, que não gostava nunca de saber da coisa pela metade.

— Ora, suponhamos que o mais zangado do bando, o de mão mais firme, fizesse uma bala assobiar nos ouvidos do conde... só como desafio.

— Ele é homem para cair em cima do agressor e pegá-lo.

— E Michaud?

— Michaud não é homem para conversas fiadas. Havia de futricar, espionar e acabaria descobrindo o homem e os mandantes.

— Você tem razão — respondeu Gaubertin. — Será preciso que uns trinta deles se revoltem. Alguns serão condenados às galés... Enfim, serão apanhados os miseráveis, aqueles de que desejaremos nos desfazer depois de nos servirmos deles. Você tem lá dois ou três biltres, como os Tonsard e Bonnébault...

— Tonsard é capaz de fazer dessas loucuras — disse Soudry. — Eu o conheço... E nós ainda havemos de esquentá-lo mais, por intermédio de Vaudoyer e Courtecuisse.

— Respondo por Courtecuisse — disse Rigou.

— E eu tenho Vaudoyer na mão.

— Prudência — disse Rigou —, prudência, antes de mais nada.

— Ora, seu padrego, então por acaso você acredita que haveria mal em conversar sobre o ramo que as coisas vão tomando?... Somos nós que autuamos, que furtamos e tiramos lenha, que respigamos?... Se o senhor conde se sair bem, contratando com um arrecadador-geral a exploração das Aigues, nesse caso adeus, minhas encomendas, e talvez vocês saiam perdendo mais do que eu... O que dissemos fica entre nós e para nós, pois é claro que eu não vou dizer a Vaudoyer nada que eu não possa repetir diante de Deus e dos homens... Mas não é proibido a gente

prever os acontecimentos e tirar proveito deles quando chegarem... Os camponeses daquele cantão têm um gênio arrebatado; as exigências do general, sua severidade, as perseguições de Michaud e de seus subordinados já encheram as medidas. Agora tudo está atrapalhado, e eu sou capaz de apostar que houve briga com a gendarmeria... Enquanto isso, vamos almoçar.

A sra. Gaubertin foi ao encontro de seus convivas no jardim. Era uma mulher clara, com longos cachos à inglesa caindo ao longo das faces. Cultivava o gênero apaixonado-virtuoso, fingindo nunca ter conhecido o amor, levando todos os funcionários a discutir a questão do platonismo, e tendo como admirador o procurador régio — seu *patito*, dizia ela. Usava gorros com penacho, mas também se apresentava de bom grado sem chapéu, e abusava do azul e do rosa pálido. Dançava e cultivava aos quarenta e cinco anos uns requebros de moça, mas tinha pé grande e mãos horrorosas. Queria ser tratada por Isaura, pois, no meio de suas esquisitices e de seus ridículos, tinha o bom gosto de achar ignóbil o nome de Gaubertin. Seus olhos eram pálidos, e os cabelos de uma cor indecisa, espécie de nanquim sujo. Enfim era tomada como modelo por muitas jovens que furavam o céu com os olhos e posavam de anjos.

— Sabem, cavalheiros — disse ela, cumprimentando-os —, tenho grandes novidades para os senhores. A gendarmeria voltou...

— Trazendo presos?

— Nenhum. O general pedira antes que fossem perdoados... E foram, em comemoração ao feliz aniversário da volta do rei ao nosso país.

— Os três sócios entreolharam-se.

— Aquele couraceiro gordo é mais esperto do que eu supunha! — disse Gaubertin. — Vamos para a mesa, precisamos nos consolar. Afinal de contas, não se perdeu a partida, ela foi apenas adiada. Isso agora é com você, Rigou...

Soudry e Rigou voltaram desapontados, nada tendo imaginado para provocar uma catástrofe que lhes aproveitasse, e fiando-se no acaso, como dissera Gaubertin. Como certos jacobinos que, nos primeiros dias da Revolução, furiosos e desconcertados com a bondade de Luís XVI, desafiavam os rigores da corte a fim de espalhar a anarquia, que para eles seria a riqueza e o poder, os temíveis adversários do Conde de Montcornet punham sua última esperança no rigor que Michaud e seus guardas manifestariam diante de novas depredações. Gaubertin prometeu-lhes auxílio, sem explicar quais eram seus colaboradores, pois não queria que soubessem de suas relações com Sibilet. Nada iguala a descrição de um homem da têmpera de Gaubertin, a não ser a de um ex-gendarme ou de um padre sem batina. A conspiração não podia ser levada a bom termo, ou antes, a mau termo, senão por três

homens desse feitio, endurecidos pelo ódio e pelo interesse.

V — VITÓRIA SEM COMBATE

Os receios da sra. Michaud resultavam efetivamente dessa segunda vista, que a verdadeira paixão desperta em nós. Preocupada exclusivamente com uma só criatura, a alma termina por abranger o mundo moral que a cerca, e vê claro nele. Em seu amor, a mulher tem pressentimentos que mais tarde a agitarão na maternidade.

Enquanto a pobre mulher se punha a escutar essas vozes confusas, que chegam através de espaços desconhecidos, passava-se de fato na taverna do Grand-I-Vert uma cena que importava em ameaça para a existência de seu marido.

Cerca de cinco horas da manhã, os primeiros camponeses que se tinham levantado viram passar a gendarmeria de Soulanges, rumando para Couches. A notícia espalhou-se rapidamente, e as pessoas interessadas no assunto ficaram bastante surpreendidas ao saber, pelos moradores da parte alta, que um destacamento comandado pelo tenente de La-Ville-aux-Fayes atravessara a floresta das Aigues. Como era segunda-feira, já havia razão para que os trabalhadores fossem à taverna; mas também era véspera do aniversário da volta dos Bourbon, e embora os frequentadores do antro dos Tonsard não precisassem desse *augusto motivo* (como então se dizia) para justificar sua presença no Grand-I-Vert, não deixavam de se prevalecer dele em voz alta, logo que lhes parecia ter percebido a sombra de um funcionário qualquer.

— Estavam lá Vaudoyer, Tonsard e sua família, Godain, que de certo modo fazia parte dela, e um velho trabalhador das vinhas, chamado Laroche. Esse homem vivia de expedientes, e era um dos contraventores fornecidos por Blangy, na espécie de conscrição que se inventara para fazer o general se desgostar da sua mania de processos. Blangy dera mais três homens, doze mulheres, oito moças e cinco rapazes, pelos quais deviam responder maridos e pais, e que se achavam em extrema indigência; também eram os únicos que não possuíam nada. O ano de 1823 enriquecera os vinhateiros, e o de 1826, pela abundância de vinho, deveria trazer-lhes muito dinheiro ainda. Os serviços promovidos pelo general tinham igualmente espalhado dinheiro nas três comunas que rodeavam suas propriedades, e fora difícil achar cento e vinte proletários em Blangy, Couches e Cerneux; só se conseguira isso convocando mulheres velhas, mães e avós dos que possuíam alguma coisa, mas que por si mesma nada tinham de seu, como era o caso da mãe de Tonsard. Esse Laroche, velho infrator, não valia absolutamente nada; não tinha como Tonsard sangue quente e perverso; era animado por um ódio surdo e frio, trabalhava em silêncio, com ar feroz; o

trabalho era-lhe insuportável, e só poderia viver trabalhando; seus traços eram duros, sua expressão repulsiva. Apesar de seus sessenta anos, não lhe faltava força, mas o lombo fraquejara, e andava curvado; sentia-se sem futuro, sem uma nesga de terra, e invejava os que a possuíam. Por isso mesmo, na floresta das Aigues, era implacável, e com prazer a devastava inutilmente.

— Vamos deixar que eles levem a gente? — indagava Laroche. — Depois de Couches, virão a Blangy. Eu sou reincidente; pegarei três meses de prisão.

— Que é que se pode fazer contra a gendarmeria, velho bêbado? — perguntou-lhe Vaudoyer.

— Ora! Será que com as nossas foices não cortaremos as pernas dos cavalos? Eles caem logo no chão, os fuzis não estão carregados, e, quando virem que são um contra dez, terão de se pôr ao fresco. Se as três aldeias se revoltassem matando dois ou três gendarmes, iriam guilhotinar todo mundo por causa disso? Acabariam desistindo, como no interior da Borgonha, onde, por um caso semelhante, mandaram um regimento. Hum!... O regimento foi-se embora, e os camponeses continuaram a ir ao mato, aonde iam há anos, como aqui.

— A ter de matar — disse Vaudoyer — seria preferível matar um só, mas sem perigo, e de modo a desgostar todos os *arminacs* desta terra...

— Qual dos bandidos? — perguntou Laroche.

— Michaud — respondeu Courtecuisse. — Vaudoyer tem razão; tem toda a razão. Vocês vão ver que, quando um guarda estiver na sepultura, não será fácil encontrar outros para ficarem vigiando ao sol. Eles estão lá de dia, mas é porque ainda estão lá à noite. São uns demônios, isso é que é!...

— Por toda parte aonde vocês forem — disse a velha Tonsard, que tinha setenta e oito anos, e que mostrou o rosto de pergaminho, cortado por mil buracos e por dois olhos verdes e enfeitado com cabelos de um branco sujo, que saíam em mechas por baixo do lenço vermelho —, por toda parte aonde vocês forem, lá estarão para prender vocês. Eles olham para o feixe, e, se houver um só ramo cortado, uma só varinha de aveleira ordinária, tomam o feixe e lavram flagrante; disseram isso claramente. Ah, miseráveis! Não se pode agarrá-los, e, se eles desconfiam da gente, obrigam logo a desatar o feixe de lenha... São três cães que não valem dois caracóis. Se a gente os liquidar, ora vamos lá, isso não arruinaria a França.

— O Vatelzinho não é assim tão ruim! — disse a sra. Tonsard, nora.

— Aquele? — exclamou Laroche. — Faz o seu papel como os outros. Se é hora de rir, muito bem, ele ri com a gente, mas nem por isso fica mais nosso amigo. É o mais esperto dos três, e um desalmado para a gente pobre, igualzinho ao sr. Michaud.

— De qualquer maneira, o sr. Michaud, esse tem uma bonita

mulher... — disse Nicolau Tonsard.

— Está prenha — disse a velha —, mas, se a coisa continua, quando ela parir, o garoto terá um batizado divertido.

— Oh! Esses *arminacs* de Paris — disse Maria Tonsard —, ninguém consegue rir perto deles... E, mesmo que isso acontecesse, eles nos tocariam um processo, ligando tão pouco à gente como se não tivessem rido.

— Então você já tentou embrulhá-los? — perguntou Courtecuisse.

— Claro!

— Ora — disse Tonsard, com ar decidido —, são homens como outros quaisquer. Podemos dominá-los.

— Acho que não — continuou Maria, desenvolvendo seu raciocínio. — Eles não riem; não sei o que é que eles têm. Afinal de contas, o tal valente do pavilhão ainda é casado; mas Vatel, Gaillard e Steingel não são: não têm ninguém por aqui, nenhuma mulher gosta deles...

— Vamos ver como serão as coisas na colheita e na vindima — disse Tonsard.

— Eles não impedirão que nós respiguemos — disse a velha.

— Não sei... — respondeu a nora. — O tal Groison anda espalhando que o senhor *maire* vai publicar um bando dizendo que ninguém pode mais respigar sem certificado de indigência. E quem dará o certificado? Ele mesmo! Não há de dar muitos. Vai publicar também uma proibição de entrada nos campos antes que o último feixe esteja na carreta...

— Ora essa! Mas então esse couraceiro é uma peste! — gritou Tonsard, fora de si.

— Foi ontem que eu soube disso — respondeu sua mulher —, quando ofereci um cálice a Groison para arrancar dele alguma novidade.

— Aquele é que é um felizardo! — exclamou Vaudoyer. — Fizeram uma casa para ele, deram-lhe uma boa mulher, tem renda, anda vestido como um príncipe... Eu cá fui guarda campestre durante vinte anos, e o que ganhei com isso foram alguns resfriados.

— Sim, ele é feliz — disse Godain — e tem dinheiro...

— Nós estamos aqui como imbecis que somos — exclamou Vaudoyer. — Vamos ver pelo menos como a coisa está se passando em Couches. Eles lá não são mais pacientes do que nós.

— Vamos — disse Laroche, que não estava lá muito firme nas pernas. — Se eu não liquidar um ou dois, quero mudar de nome.

— Você? — disse Tonsard — você deixaria calmamente que levassem toda a comuna; mas eu cá, se bulirem com a minha velha, aqui está o meu fuzil, que não erra tiro.

— Pois bem — disse Laroche a Vaudoyer —, se levarem alguém de Couches, um gendarme ficará estendido.

— Olhem o que o tio Laroche está dizendo! — exclamou

Courtecuisse.

— Disse — comentou Vaudoyer —, mas não fez nem fará!... De que serviria isso a você? Está com vontade de apanhar?... Matar por matar, é preferível matar Michaud logo de uma vez...

Durante esta cena, Catarina Tonsard postara-se como sentinela à porta da taverna, a fim de avisar aos bebedores que se calassem, no caso de passar alguém. Malgrado as pernas cheias de vinho, eles antes saltaram do que saíram da taverna, e o ardor belicoso do grupo se dirigiu para Couches, seguindo a estrada que, na extensão de um quarto de légua, margeava o muro das Aigues.

Couches era uma verdadeira aldeia da Borgonha, com uma só rua por onde passava a estrada larga. As casas eram de tijolo, algumas, e outras de taipa, mas todas de aspecto miserável. Quem chegasse pela estrada departamental de La-Ville-aux-Fayes veria a aldeia de costas, e então ela produzia grande efeito. Entre a estrada larga e as matas de Ronquerolles, que continuavam as das Aigues e coroavam as alturas, corria um pequeno rio, e certo número de casas, agradavelmente dispostas, animava a paisagem. A igreja e o presbitério formavam um conjunto à parte, proporcionando um ponto de vista para as grades do parque das Aigues, que chegavam até lá. Diante da igreja, havia a pequena praça rodeada de árvores, onde os conspiradores do Grand-I-Vert avistaram a gendarmeria, estugando então o passo já precipitado. Nesse momento, três homens a cavalo saíram pelo portão de Couches; os camponeses reconheceram o general, seu criado e o guarda geral Michaud, que galopavam na direção da praça. Tonsard e seus companheiros chegaram lá alguns minutos depois deles. Os infratores, homens e mulheres, não tinham oposto a menor resistência; estavam cercados pelos cinco gendarmes de Soulanges e mais quinze vindos de La-Ville-aux-Fayes. Toda a aldeia se achava reunida ali. Filhos, pais e mães dos prisioneiros iam e vinham, levando-lhes as coisas de que necessitariam na cadeia. Era um espetáculo curioso, aquela população campesina, exasperada, mas quase muda, como decidida a fazer alguma coisa. As velhas e as moças eram as únicas que falavam. Meninos e meninas empoleiravam-se em toras de madeira e montes de pedra, para ver melhor.

— Esses carrascos souberam escolher a ocasião. Vieram num dia de festa...

— Como é isso? Então você deixa que levem o seu homem? Que será de vocês nos três melhores meses do ano, em que os dias são bem pagos?...

— Eles é que são os ladrões!... — respondeu a mulher, olhando para os gendarmes, com ar ameaçador.

— Que é que você tem, velha, para olhar assim atravessado? — exclamou o sargento. — Olhe que seu caso não há de custar a ser

resolvido, se você tiver o atrevimento de nos xingar.

— Eu não disse nada — apressou-se a responder a mulher, com ar humilde e lastimoso.

— Eu escutei agora mesmo uma palavra de que você poderia se arrependar...

— Vamos, meus filhos, calma! — disse o *maire* de Couches, que era também mestre da posta. — Que diabo! Esses homens recebem ordens e naturalmente têm de obedecer.

— É verdade! Foi o burguês das Aigues que fez tudo isso... Mas paciência...

Nesse momento, o general desembocou na praça, e sua chegada provocou alguns murmúrios, com que ele pouco se incomodou. Foi direto ao tenente da gendarmaria de La-Ville-aux-Fayes, dizendo-lhe algumas palavras e entregando-lhe um papel. O oficial voltou-se então para seus homens e disse-lhes:

— Soltem os presos. O general conseguiu que o rei os indultasse.

— Nesse instante, o General Montcornet conversara com o *maire* de Couches; este, após alguns momentos de palestra em voz baixa, dirigindo-se aos infratores, que deveriam dormir na prisão e estavam estupefatos por se verem livres, assim lhes falou:

— Meus amigos, agradeçam ao senhor conde, pois é a ele que vocês devem a isenção da pena. Ele pediu e obteve em Paris o indulto de vocês, em comemoração ao aniversário da volta do rei... Espero que para o futuro procedam melhor com um homem que procede tão bem com vocês, e que daqui por diante respeitarão as propriedades dele. Viva o rei!

E os camponeses gritaram com entusiasmo: “Viva o rei!” para não gritar: “Viva o Conde de Montcornet!”.

Esta cena fora planejada com intuito político pelo general, em entendimento com o prefeito e o procurador-geral. Tinham querido mostrar energia, para estimular as autoridades locais e impressionar o espírito dos camponeses, e ao mesmo tempo usar de brandura, tão delicada parecia a questão. De fato, se houvesse resistência, esta poria o governo em grande embaraço. Como dissera Laroche, não se pode guilhotinar uma comuna inteira.

O general convidara para almoçar o *maire* de Couches, o tenente e o sargento. Os conspiradores de Blangy permaneceram na taverna de Couche, onde os infratores, libertados, consumiam em bebida o dinheiro que tinham levado para viver na prisão, e os moradores de Blangy naturalmente participaram da boda, pois as pessoas do campo aplicam a palavra boda a todas as comemorações. Beber, discutir, brigar, comer, voltar ébrio e doente é fazer uma boda.

Saindo pelo portão de Couches, o conde conduzia os três convidados através da floresta, a fim de lhes mostrar os estragos e fazê-los avaliar a

importância da questão.

Por volta de meio-dia, quando Rigou chegava a Blangy, o conde, a condessa, Emílio Blondet, o tenente da gendarmeria, o sargento e o *maire* de Couches acabavam de almoçar naquela sala esplêndida e faustosa, por onde passara o luxo de Bouret, e que Blondet descreveu em sua carta a Nathan.

— Seria uma pena abandonar uma casa dessas! — exclamou o tenente, que nunca tinha ido às Aigues, a quem se mostrara tudo, e que, olhando através de uma taça de champanhe, observara a admirável vivacidade das ninfas nuas que sustentavam o véu do forro.

— Por isso mesmo nós aqui nos defenderemos até a morte — disse Blondet.

— Se digo isto — prosseguiu o tenente, olhando para o sargento, como a lhe recomendar silêncio — é porque nem todos os inimigos do general estão no campo.

O bravo tenente estava enternecido com o esplendor do almoço, com aquele serviço magnífico, aquele luxo de atriz da Ópera, e Blondet ainda soltara algumas frases espirituosas, estimulando-o tanto quanto as saúdes cavalheirescas que ele bebera.

— Como posso ter inimigos? — disse o general, espantado.

— Ele é tão bom! — acrescentou a condessa.

— O senhor se afastou em maus termos do nosso *maire*, sr. Gaubertin, e para ter sossego devia reconciliar-se com ele.

— Com ele?!... — exclamou o conde. — Então o senhor não sabe que se trata do meu antigo intendente, de um malandro?!

— Não é mais um malandro — disse o tenente. — E o *maire* de La-Ville-aux-Fayes.

— O nosso tenente tem espírito — disse Blondet —, claro que todo *maire* é essencialmente homem de bem.

Vendo, pela frase do conde, que seria impossível esclarecê-lo, o tenente não continuou a conversa em torno do assunto.

VI — A FLORESTA E A COLHEITA

A cena de Couches dera bom resultado, e por seu turno os guardas do conde velavam fielmente por que só se tirasse lenha seca nas florestas das Aigues; mas havia vinte anos que essa floresta era tão explorada pelos habitantes que nela só existiam madeiras vivas, e estas eles tratavam de matar durante o inverno, por um processo muito simples, e que só muito tempo depois poderia ser descoberto. Tonsard mandava sua mãe à floresta; o guarda via-a entrar; ele sabia por onde ela devia sair, e espregueitava-a para ver o feixe; realmente, via-a carregada com raminhos secos e galhos tombados, e ela se queixava de ter de ir bem

longe para conseguir aquele feixe miserável. Fora aos cerrados mais espessos, desembaraçara a haste de uma árvore nova e arrancara-lhe a casca no ponto de ligação com o tronco, toda em volta, com um anel; depois tornara a pôr em ordem o musgo e as folhas. Seria impossível descobrir a incisão anular, aberta, não a foice, mas por meio de um rasgão parecido com o que fazem a esses animais roedores e destruidores, chamados atuns, turcos, vermes brancos etc., conforme a região, e que constituem a forma elementar do besouro. Esse verme é guloso de cascas de árvores; instala-se entre a casca e o líber, e come, dando-lhe a volta. Se a árvore é bastante grossa para lhe dar tempo de passar à segunda metamorfose, à sua larva, na qual fica adormecida até a segunda ressurreição, a árvore está salva, pois, enquanto restar seiva numa parte coberta de casca, ela crescerá. Para avaliar até que ponto a entomologia está ligada à agricultura e a todos os produtos da terra, basta explicar que os grandes naturalistas, como Latreille, o Conde Dejean, Gené, de Turim¹⁴⁴ etc., chegaram a identificar cento e cinquenta mil famílias de insetos conhecidos; que os coleópteros, sobre os quais Dejean publicou uma monografia, nela figuram com vinte e sete mil espécies; e que, apesar das ingentes pesquisas dos entomologistas de todos os países, há imensa quantidade de insetos, dos quais ainda não se conhecem as triplices transformações que distinguem cada inseto de quinhentas espécies; que, por fim, não somente cada planta tem seu inseto particular como ainda cada produto da terra, por mais trabalhado que seja pela indústria humana, tem o seu. Assim, o cânhamo e o linho, depois de servirem para enforçar ou vestir os homens, e de rolarem nas costas de um exército, transformam-se em papel de escrever, e as pessoas que escrevem ou leem muito estão familiarizadas com os costumes de um inseto chamado “piolho de papel”, de um movimento e de um aspecto maravilhosos; suas transformações desconhecidas, ele as realiza numa resma de papel branco, guardada cuidadosamente, e aqui o vemos correr e saltitar em sua roupagem magnífica, luzidia como talco ou espato: é a mugem voadora.

O “turco” é o desespero dos proprietários; foge por baixo da circular administrativa, que só depois de sua transformação em besouro poderá ordenar contra ele as *Vésperas Sicilianas*.¹⁴⁵ Se as populações soubessem os males de que estão ameaçadas caso não exterminem os besouros e as lagartas, obedeceriam um pouco mais às injunções dos prefeitos.

A Holanda quase pereceu; seus diques foram rompidos pelos teredens, e a ciência ignora qual o inseto em que o teredem se transforma, como ignora as metamorfoses anteriores da cochonilha. O fungão do centeio é, provavelmente, uma colônia de insetos onde o gênio de Raspail¹⁴⁶ não descobriu ainda senão um ligeiro movimento. Assim, enquanto se esperava a colheita e a respiga, umas cinquenta

mulheres imitaram o trabalho do “turco” em quinhentas ou seiscentas árvores, que, na primavera, deveriam ser cadáveres, não se cobrindo de folhas; e escolhiam essas árvores no fundo dos lugares menos acessíveis, de sorte que a ramagem lhes pertencesse. Quem revelaria tal segredo? Ninguém. Courtecuisse queixara-se, na taverna de Tonsard, de ter descoberto em seu jardim um olmo que perdia cor; esse olmo começava a adoecer, e ele, Courtecuisse, suspeitava do “turco”, pois conhecia muito bem os turcos, e, quando um deles chega e ataca uma árvore, ela está perdida. E arremedou o trabalho do turco. As velhas entregaram-se a essa obra de destruição com uma habilidade de fada; eram levadas a isso pelas medidas desesperadoras, que tomara o *maire* de Blangy, e que os *maires* das comunas vizinhas tiveram ordem de tomar também. Os guardas campestres fizeram soar o tambor, anunciando uma proclamação em que se dizia que ninguém poderia rebuscar as vinhas sem certificado de indigência fornecido pelo *maire* de cada comuna; o modelo fora enviado pelo prefeito ao subprefeito e por este a cada *maire*. Os grandes proprietários do departamento admiraram muito da conduta do General Montcornet, e o prefeito dizia nos salões que, se, em vez de ficar em Paris, as sumidades sociais fossem às suas terras e se entendessem, as coisas tomariam outro rumo, pois tais medidas deviam ser adotadas em toda parte, aplicadas em conjunto e compensadas pelos benefícios de uma filantropia consciente, como fazia o General Montcornet.

De fato, o general e sua mulher ensaiavam a beneficência. Tinham meditado sobre ela e queriam demonstrar por resultados incontestáveis, àqueles que pilhavam, que lucrariam mais ocupando-se em trabalhos lícitos. Davam cânhamo para fiar e pagavam a mão de obra; em seguida, a condessa mandava tecer esse fio, para fazer esfregões, aventais, guardanapos grossos de cozinha, camisas para os pobres. O conde empreendia melhoramentos que exigiam operários, e só empregava os das comunas circunvizinhas. Sibilet fora incumbido desses pormenores; indicava à condessa os verdadeiros necessitados, e às vezes os trazia consigo. A condessa instalara sua corte de beneficência na grande antecâmara que dava para o patamar, uma linda sala calçada de mármore vermelho e branco e guarnecida com longas banquetas de veludo vermelho.

Foi ali que, certa manhã, antes da colheita, Sibilet levou Catarina Tonsard, que ia fazer uma confissão terrível para uma pobre moça. Ela se mantinha numa atitude de criminosa; confessara à avó o embaraço em que se achava; sua mãe a expulsaria; seu pai, um homem de honra, a mataria. Se tivesse ao menos uns mil francos, casar-se-ia com um trabalhador, chamado Godain, que sabia de tudo, e que lhe dedicava um amor paternal; ele compraria um terreno ordinário e aí construiria uma choupana. Era enternecedor. A condessa prometeu destinar a esse

casamento a soma que lhe seria necessária para satisfazer alguma fantasia. Os casamentos felizes de Michaud e de Groison eram de molde a encorajá-la. E daí essa boda, esse casamento estimularia as pessoas do lugar a se conduzirem bem. E o casamento de Catarina Tonsard com Godain foi arranjado.

De outra feita, uma velha hedionda, a mãe de Bonnébault, que morava num casebre entre o portão de Couches e a aldeia, trouxe uma partida de fio.

— A senhora condessa faz prodígios — dizia Sibilet. — Esta mulher causava tanto estrago nas matas! Mas, hoje, como poderia ir lá? Fia da manhã à noite.

A região estava calma; Groison apresentava relatórios tranquilizadores, parecia que as infrações estavam acabando.

Contudo, os guardas se queixavam de encontrar muitos ramos cortados a foice no interior das matas, com intenção evidente de preparar lenha para o inverno, e espreitavam os autores desses delitos sem poder pegá-los. O conde, auxiliado por Groison, só fornecera certificados de indigência aos trinta ou quarenta pobres verdadeiros da comuna, porém os *maires* das comunas vizinhas tinham sido menos rigorosos. Tanto mais clemente se mostrara no caso de Couches, mais severo resolvera ser o conde por ocasião da respiga, que tinha degenerado em ladroeira. Não se preocupava com as três granjas arrendadas; tratava-se apenas de seus sítios a meia, que eram bastante numerosos: tinha seis, cada um de duzentas jeiras. Tornara público que, sob pena de outra ação de flagrante e de multas fixadas pelo tribunal de paz, era proibido entrar nas searas antes da retirada dos feixes de trigo; sua ordem só dizia respeito a ele mesmo, na comuna. Rigou conhecia a região; alugara suas terras cultiváveis, em lotes, a pessoas que sabiam fazer suas colheitas, e mediante pequenos contratos recebia o pagamento em grãos. A respiga não o atingia. Os outros proprietários eram camponeses, e não se devoravam entre si. O conde ordenara a Sibilet que arranjasse com os seus meeiros para fazerem a sega nas terras de cada granja uma após outra, de modo que o trabalho dos ceifeiros fosse repassado por todos os granjeiros, em vez de espalhá-los, o que impedia a vigilância. E em companhia de Michaud foi ver pessoalmente como se passariam as coisas. Groison, que sugerira essa medida, devia assistir à entrada dos indigentes em todas as searas do rico proprietário. Os moradores da cidade nunca seriam capazes de imaginar o que é a respiga para os moradores do campo; a paixão dessa gente é inexplicável, pois há mulheres que abandonam serviços bem pagos para ir respigar. O trigo que elas arranjam dessa maneira lhes parece melhor; na provisão de seu alimento mais substancial, feita, desse modo, há uma atração inaudita. As mães levam consigo os filhos pequenos, suas filhas, seus rapazes; os velhos mais

alquebrados arrastam-se até lá, e naturalmente aqueles que têm recursos fingem estar na miséria. Para respigar, todos se cobrem de andrajos. O conde e Michaud, a cavalo, assistiram à primeira entrada desse mundo esfarrapado nas primeiras searas do primeiro sítio. Eram dez horas da manhã, agosto mostrava-se quente, e o céu sem nuvens, de um azul de pervinca; a terra ardia, os trigais flamejavam, os ceifeiros trabalhavam com o rosto cozido pela reverberação dos raios sobre a terra endurecida e sonora, todos mudos, com as camisas molhadas, bebendo água em cântaros de grés, redondos como uma broa e providos de duas asas e de um funil tosco, tapado com rolha de salgueiro.

Na extremidade das searas ceifadas, em que estavam os carrinhos com feixes empilhados, havia umas cem criaturas que, por certo, deixavam longe as mais terríveis concepções que o pincel de Murillo e de Teniers, os mais audaciosos no gênero, e as figuras de Callot,¹⁴⁷ esse príncipe da fantasia das misérias, tenham realizado; seus molambos, suas pernas de bronze, suas cabeças peladas, suas cores estranhamente mortíferas, bem como seus rasgões úmidos de' gordura, seus remendos, suas manchas, o desbotado de suas roupas, os forros expostos, o ideal, enfim, na materialização da miséria fora ultrapassado, do mesmo modo que a expressão ávida, inquieta, estúpida, idiota, selvagem dos rostos tinha sobre as composições imortais, daqueles artistas, a vantagem eterna que a natureza mantém sobre a arte. Havia velhas com pescoço de peru, de olho vermelho e sem pestanas, que estendiam a cabeça como perdigueiros diante da presa; meninos silenciosos como soldados em formatura; meninas que batiam com o pé como animais à espera de ração; a índole da infância e a da velhice eram oprimidas por uma cobiça feroz: a cobiça da propriedade alheia, que se tornava deles por um abuso. Os olhos eram ardentes, os gestos ameaçadores, mas todos guardavam silêncio em presença do conde, do guarda campestre e do guarda geral. Grande propriedade, granjeiros, trabalhadores, pobres, todo o campo estava reunido; a questão social se desenhava nitidamente, pois a fome tinha convocado aqueles rostos ameaçadores... O sol punha em relevo todos aqueles traços duros, aqueles rostos encovados; queimava os pés nus e cobertos de poeira; havia crianças sem camisa, cobertas apenas com uma blusa rasgada, com os cabelos louros e anelados cheios de palha, de feno, de raminhos; algumas mulheres seguravam pela mão garotinhos que tinham começado a andar na véspera, e que iriam deixar cair nalgum sulco.

Este quadro sombrio era doloroso para um velho soldado que tinha bom coração; o general disse a Michaud:

— Sinto-me mal, vendo uma coisa dessas. É preciso conhecer a importância destas medidas para insistir nelas.

— Se todos os proprietários o imitassem, ficando nas suas terras e fazendo nelas o bem que o senhor faz nas suas, meu general, não haveria mais, não digo pobres, pois existirão sempre, mas não haveria uma pessoa que não pudesse viver de seu trabalho.

— Os *maires* de Couches, Cerneux e Soulanges nos mandaram seus pobres — disse Groison, que verificara os certificados. — Isso não está direito...

— Não, mas os nossos pobres irão às outras comunas — disse o conde —; por enquanto, já é bastante que não carreguem os feixes. É preciso ir pouco a pouco — acrescentou, retirando-se.

— Escutou? — disse a velha Tonsard à velha Bonnébault, pois a última frase do conde fora pronunciada em tom menos baixo que as outras, e chegara aos ouvidos de uma dessas velhas postadas no caminho que margeava o campo.

— Sim. Isto não é tudo; hoje um dente, amanhã uma orelha. Se eles pudessem arranjar um molho para comer as nossas fressuras, como fazem com as das vitelas, engoliam um cristão! — disse a velha Bonnébault mostrando ao conde o seu perfil ameaçador, quando ele passou, lançando-lhe um olhar melífluo e fazendo-lhe uma reverência.

— Até você está respigando? Você, a quem minha mulher dá tanto dinheiro a ganhar?

— Ah, meu caro senhor, que Deus o conserve em boa saúde, mas veja: meu rapaz come tudo, e *a gente* somos obrigadas a esconder este pouco de trigo para ter pão no inverno... *A gente apanhamos* mais um pouco... Sempre ajuda!

A respiga rendeu pouco aos respigadores. Sentindo-se apoiados, os granjeiros fizeram ceifar bem suas colheitas, fiscalizando a arrumação dos feixes e seu transporte.

Habituaados a achar na respiga certa quantidade de trigo, e não a encontrando, tanto os falsos como os verdadeiros indigentes, que tinham esquecido o perdão de Couches, sentiram um desapontamento surdo, que foi envenenado pelos Tonsard, por Courtecuisse, Bonnébault, Vaudoyer, Godain e seus partidários nas cenas da taverna. Acabada a vindima, ainda foi pior, pois a rebusca só começou depois das vinhas vindimadas e inspecionadas por Sibilet com rigor extraordinário. Isso exasperou os espíritos até o último grau, mas havia uma distância tão grande entre a classe enfurecida e a classe ameaçada que as palavras morriam aí. Só pelos fatos se poderia perceber o que se passava, e os descontentes entregaram-se a um trabalho subterrâneo, como as toupeiras.

No castelo das Aigues, o conde, embalado por Sibilet e tranquilizado por Michaud, rejubilava-se com sua firmeza, e agradecia à esposa por ter contribuído com sua beneficência para o esplêndido resultado da tranquilidade de ambos. Quanto à questão da venda das madeiras, o

general se reservava para resolvê-la em Paris, entendendo-se com os comerciantes. Não tinha a menor ideia de como se faz esse comércio e da influência que Gaubertin exercia ao longo do curso do Yonne, que abastece Paris em grande parte.

VII — O LEBRÉU

Em meados de setembro, Emílio Blondet, que tinha ido a Paris publicar um livro, regressou às Aigues para descansar e pensar nos trabalhos projetados para o inverno. Nas Aigues, o jovem amoroso e cândido dos primeiros dias após a adolescência reaparecia no jornalista já gasto.

— Que bela alma! — exclamava o conde e a condessa.

Os homens habituados a rolar pelos abismos da natureza social, a compreender tudo, a tudo reprimir, formam um oásis no coração; esquecem as perversidades próprias e alheias; tornam-se pequenos santos, em um círculo estreito e reservado; têm delicadezas femininas, entregam-se à realização momentânea de seu ideal, fazem-se angélicos para uma só criatura que os adora, e não fingem; por assim dizer, passam a alma a limpo; sentem necessidade de escovar-lhe os pingos de lama, de pensar-lhe as feridas. Nas Aigues, Emílio Blondet deixava de ter espírito, não fazia epigramas, tinha uma doçura de cordeiro e era de um platonismo suave.

— É um bom rapaz. Sinto falta quando ele não está perto de mim — dizia o general. — Eu gostaria que ele enriquecesse e deixasse aquela vida de Paris...

Nunca o parque e a paisagem magnífica das Aigues tinham sido mais voluptuosamente belos do que então. Nos primeiros dias do outono, quando a terra, depois do parto, desembaraçada de suas produções, exala admiráveis cheiros vegetais, as matas, sobretudo, são deliciosas; começam a revestir-se desses matizes de um verde bronzeado, cores quentes de terra de Siena, que compõem as belas tapeçarias sob as quais os bosques se escondem, como desafiando o frio do inverno.

A natureza, garbosa e picante na primavera como uma morena, torna-se melancólica e doce como uma loura; doura-se a relva, as flores de outono abrem suas corolas pálidas, já não são as margaridas que furam o gramado com seus olhos brancos, e sim raros cálices violáceos. O amarelo espalha-se, as sombras são mais carregadas, o sol, já mais oblíquo, insinua-lhes clarões alaranjados e furtivos, longos riscos luminosos que se vão depressa, como vestidos arrastados de mulheres dizendo adeus.

No segundo dia depois de sua chegada, pela manhã, Emílio estava à janela de seu quarto, que dava para um desses terraços com balcões

modernos, de onde se descortinava um belo panorama. Esse balcão estendia-se ao longo dos aposentos da condessa, do lado que olhava para as florestas e as paisagens de Blangy. O tanque, que chamaríamos de lago se as Aigues estivessem mais perto de Paris, deixava-se vislumbrar, assim como o seu largo canal; a água, vinda do pavilhão de caça, atravessava o gramado com sua fita ondulada e forrada de areia.

Fora do parque, em frente às aldeias e aos muros, notavam-se as plantações de Blangy, campos em declive onde vacas pastavam, propriedades cercadas de sebes com suas árvores frutíferas, nogueiras e macieiras, e depois, como fundo, as alturas onde se ostentavam em degraus as belas árvores da floresta. A condessa tinha saído de sandália e olhava suas flores, que exalavam perfumes matinais; estava com um *peignoir* de cambraia, sob o qual aparecia o rosado das lindas espáduas; tinha bonito gorro, muito faceiro, colocado de maneira a dar uma impressão de atrevimento; seus cabelos espalhavam-se loucamente, a carne dos pés brilhava sob meias claras. Estava sem cinto, e deixava ver uma bonita saia de baixo, bordada, presa frouxamente ao corpo, que também se vislumbrava quando o vento entreabria o *peignoir*...

— Ui! Você está aí?! — exclamou ela.

— Estou...

— Que é que está olhando?

— Que pergunta! Você me arrancou à natureza. Ora, diga, condessa, quer dar esta manhã, antes do almoço, um passeio pela mata?

— Que ideia! Detesto andar.

— Não andaremos quase nada. Eu a levarei de tálburi, e José irá conosco para guardá-lo. Você nunca põe o pé na sua floresta, e eu observo nela um fenômeno curioso... De espaço a espaço há uma certa quantidade de árvores cor de bronze florentino, de folhas secas...

— Pois bem, vou me vestir.

— Não sairemos daqui antes de duas horas! Ponha somente o vestido e uns borzeguins... Vou mandar atrelar.

— Faça-se a sua vontade. Você é meu hóspede.

— General, vamos dar um passeio... Quer vir? — disse Blondet indo acordar o conde, que fez ouvir o resmungo do homem ainda entregue ao sono da manhã.

Um quarto de hora depois, o tálburi rolava lentamente pelas aleias do parque, seguido a distância por um grande criado de libré.

A manhã era de setembro. O azul carregado do céu luzia a espaços, entre nuvens acarneiradas que pareciam o verdadeiro fundo, e o éter não era mais do que um acidente; havia longas barras de ultramar no horizonte, mas em camadas que alternavam com outras nuvens em forma de grão de areia; esses tons mudavam e esverdeavam-se por cima da floresta. A terra, sob essa cobertura, era tépida como uma mulher ao levantar-se; exalava cheiros suaves e quentes, mas selvagens; o cheiro

das plantações misturava-se ao das florestas. O ângelus soava em Blangy, e os sons do sino misturavam-se ao caprichoso concerto das matas pela manhã, que povoa o silêncio. Aqui e ali vapores subiam, diáfanos e brancos. Vendo esses belos preparativos, Olímpia tivera a fantasia de acompanhar seu marido, que devia ir dar ordens a um guarda cuja casa não ficava longe. O médico de Soulanges recomendara-lhe que andasse sem se fatigar; ela receava o calor do meio-dia e não queria passear à tarde. Michaud levou sua mulher e foi seguido pelo cão de que mais gostava, um bonito perdigueiro cinza, malhado de branco, guloso como todos os perdigueiros, cheio de defeitos como um animal que sabe que gostam dele e que agrada.

Assim, quando o tílburí chegou à grade do pavilhão, a condessa, perguntando como passava a sra. Michaud, soube que ela tinha ido à floresta com o marido.

— Um tempo desses inspira todo mundo — disse Blondet, lançando o cavalo, ao acaso, por uma das seis avenidas da floresta.

— Ora essa! José, você conhece a mata?

— Sim, senhor.

Toca a andar! A avenida era das mais deliciosas; logo se virava, transformando-se num atalho sinuoso onde o sol descia pelos interstícios do teto de folhagem; onde a brisa trazia o cheiro do serpão, da madressilva e das folhas que caem num suspiro; onde gotas de orvalho, espalhadas pelas folhas, pingavam sobre a erva à passagem do carro ligeiro. A medida que este seguia, os dois passeantes entreviam as maravilhosas fantasias da mata: esses recantos frescos, onde a verdura é úmida e sombria, onde a luz se aveluda ao morrer; essas clareiras de bétulas elegantes, dominadas por uma árvore centenária, hércules da floresta; esses grupos magníficos de troncos nodosos, musguentos, esbranquiçados, de estrias cavadas, que desenham gigantescas páginas impressas e borradas; esse bordado de ervas de cozinha, de flores delicadas que se abrem à margem dos regos. Pássaros cantavam. Certamente, há uma voluptuosidade inaudita em conduzir pelos altos e baixos de aleias escorregadias, onde a terra é gorda e atapetada de musgo, uma mulher que finge ter medo ou realmente o tem, e se cola a nós, e nos faz sentir numa pressão involuntária a frescura de seu braço e o peso de seus ombros elásticos, e sorri se nos atrevemos a dizer que ela atrapalha a direção. O cavalo, que participa do segredo dessas interrupções, olha para a direita e para a esquerda.

O espetáculo, novo para a condessa, de uma natureza tão vigorosa em seus efeitos, tão pouco conhecida e tão grande, mergulhou-a numa cisma branda; ela se reclinou no encosto do tílburí, abandonando-se ao prazer. Seus olhos estavam ocupados, seu coração falava; ela escutava essa voz interior, em harmonia com a sua. Olhando-a disfarçadamente, ele saboreava essa meditação, durante a qual se desatara a touca,

entregando ao vento da manhã os brincos e a cabeleira em voluptuoso abandono. Como iam ao acaso, chegaram a uma barreira, e não tinham chave. José acudiu — e também não tinha!

— Então, vamos passear. José tomará conta do tálburi. Será fácil encontrá-lo de novo...

Emílio e a condessa afundaram-se na floresta e chegaram a uma pequena paisagem interior, como encontramos muitas vezes nas matas. Vinte anos antes os carvoeiros tinham feito ali uma carvoaria, e o lugar se conservara batido; tudo fora queimado numa circunferência bastante vasta. Em vinte anos a natureza pôde fazer ali um jardim para suas flores, um canteiro para seu próprio uso, como lá um dia o artista se dá ao prazer de pintar um quadro para si mesmo. Esta cesta deliciosa está rodeada de belas árvores, cujas copas recaem em vastas franjas, desenhando imenso baldaquim para esse leito onde a deusa repousa. Por um atalho, os carvoeiros foram buscar água numa poça, um charco sempre cheio, onde ela é pura. Esse atalho subsiste e convida-nos a descer por uma curva cheia de faceirice, mas, de repente, é destruído; mostra-nos uma aba chanfrada, onde mil raízes descem pelo ar formando como que uma tela de tapeçaria. Esse tanque desconhecido é debruado por uma relva chata e serrada; ali há árvores aquáticas e um banco de relva construído por um carvoeiro jovial. As rãs saltam em sua casa, uma lebre foge; somos donos desse adorável banheiro enfeitado dos mais esplêndidos juncos vivos. Sobre nossas cabeças pendem as árvores em atitudes diversas; ora são troncos descendo em forma de *Boa constrictor*, ora são fustes de faia, retos como colunas gregas. Caracóis e lesmas passeiam em paz. Uma tenca mostra seu focinho, e o esquilo nos espreita. Enfim, quando Emílio e a condessa se haviam sentado, o rouxinol fez ouvir um canto que todos os pássaros escutaram, um desses cantos festejados com amor e que penetram em todos os nossos sentidos ao mesmo tempo.

— Que silêncio! — disse a condessa, comovida e em voz baixa.

Olharam para as manchas verdes da água, que são mundos onde a vida se organiza; um lagarto fugiu ao vê-los, conduta pela qual mereceu o título de amigo do homem; isso prova quanto ele o conhece, disse Emílio. Essa poesia penetrante os invadia. Apontavam um ao outro as rãs que, mais confiantes, voltavam à flor d'água sobre leitos de agrião, mostrando seus olhos de carbúnculo. Nesse momento, Blondet disse ao ouvido da condessa:

— Está escutando?...

— O quê?

— Um barulho esquisito...

— Ora, eis aí os homens de gabinete, que não sabem nada do campo. É um pica-pau verde fazendo o seu buraco... Aposto que você nunca ouviu falar no traço mais curioso desse pássaro: logo que ele dá uma

bicada (e dá mil para furar um carvalho duas vezes mais grosso do que você) vai ver do outro lado se atravessou a árvore. Faz isso a cada instante.

— Este ruído, cara professora de história natural, não é ruído de bicho. Há nele um não sei que de inteligente, que anuncia o homem.

Tomada de um pânico, a condessa fugiu para o canteiro de flores, voltando para trás, e quis sair da floresta.

— Que é que você tem?

— Parece que vi uns olhos... — disse ela, depois de voltar a um dos atalhos que os tinham conduzido à carvoaria.

Nesse momento, escutaram a surda agonia de um ser estrangulado subitamente, e a condessa, cujo medo redobrou, fugiu com tanta rapidez que Blondet mal pôde segui-la. Ela corria, corria como um vagalume; nem escutou Emílio que gritava: “Está enganada!”. Corria sempre. Blondet conseguiu alcançá-la, mas já estava longe. Foram afinal detidos por Michaud e sua mulher, que vinham de mãos dadas. Emílio, sem fôlego, e a condessa, sem fôlego, ficaram algum tempo sem poder falar. Depois se explicaram. Michaud juntou-se a Blondet para zombar dos terrores da condessa, e guiou os dois passeantes extraviados na direção do tálburi. Chegando à barreira, a sra. Michaud gritou:

— Príncipe!

— Príncipe! Príncipe! — gritou o guarda; e assobiou, tornou a assobiar; nada do perdigueiro.

Emílio falou dos ruídos singulares que tinham dado começo à aventura.

— Minha mulher ouviu esse ruído — disse Michaud — e eu zombei dela.

— Mataram Príncipe! — exclamou a condessa. — Agora tenho certeza. E mataram cortando a garganta de um só golpe. O que eu escutei era o último estertor de um cão.

— Diabo! — disse Michaud. — Vale a pena esclarecer isso.

Emílio e o guarda deixaram as duas damas com José e os cavalos, e voltaram ao pequeno bosque natural formado na antiga carvoaria. Desceram ao charco, inspecionaram as barrancas e não acharam indício algum. Blondet foi o primeiro a subir de novo. Num grupo de árvores do degrau superior, viu uma das árvores de folhagem ressecada; mostrou-a a Michaud e quis ir vê-la. Os dois lançaram-se em linha reta através da floresta, evitando troncos, contornando moitas de espinhos ou de azevinhos impenetráveis, e acharam a árvore.

— Que belo olmo! — disse Michaud. — Mas trata-se de um verme. Ele deu a volta da casca, embaixo. — E, agachando-se, apanhou a casca e levantou-a: — Olhe que trabalho!

— Há muitos vermes na sua floresta — disse Blondet.

Nesse momento, Michaud avistou a alguns passos, numa poça vermelha, a cabeça de seu perdigueiro. Soltou um suspiro:

— Miseráveis!

A condessa tinha razão.

Blondet e Michaud foram ver o corpo e verificaram que, conforme as observações da condessa, alguém tinha cortado o pescoço de Príncipe, amordaçando-o com um pouco de carne de porco, que ele conservava entre a língua e o céu da boca, para não latir.

— Pobre animal, morreu por onde pecava!

— Exatamente como um príncipe — comentou Blondet.

— Aqui havia alguém que não queria ser surpreendido por mim — disse Michaud — e que por consequência cometia um delito grave; mas não vejo galhos nem árvores cortadas.

Blondet e o guarda puseram-se a esquadrihar com precaução, reparando no lugar onde punham o pé, antes de colocá-lo. A alguns passos, Blondet mostrou uma árvore a cuja frente a erva aparecia pisada e batida, com duas marcas côncavas.

— Aqui havia alguém ajoelhado, e era mulher, pois as pernas de um homem, a partir dos joelhos, não deixariam uma quantidade tão grande de erva deitada. Eis o sinal da saia...

O guarda examinou o pé da árvore e observou o começo do trabalho de um verme; não, porém, desse verme de pele dura, luzente, escamosa, formada de pontos escuros, terminando por uma extremidade já parecida com a dos besouros, de que tem a cabeça, as antenas, as patas e dois filamentos nervosos, que lhe servem para cortar as raízes.

— Meu caro, agora compreendo a grande quantidade de árvores *mortas* que observei esta manhã do terraço do castelo e que me fez vir aqui para procurar a causa do fenômeno. Os vermes mexem-se, mas são os camponeses que saem da mata...

O guarda deixou escapar uma praga e correu, seguido por Blondet, para encontrar a condessa, pedindo a esta que levasse sua mulher consigo. Tomou o cavalo de José, mandando este voltar a pé para o castelo, e desapareceu com extrema rapidez, a fim de cortar o caminho à mulher que acabara de matar o seu cão e surpreendê-la com a foice ensanguentada e o ferro com que fizera as incisões no tronco. Blondet sentou-se entre a condessa e a sra. Michaud, e contou-lhes o fim de Príncipe e a descoberta ainda mais triste que esse fato havia ocasionado.

— Meu Deus, vamos contar ao general antes que ele almoce! — exclamou a condessa. — Ele poderia morrer de raiva.

— Eu lhe preparei o espírito — disse Blondet.

— Eles mataram o cachorro — disse Olímpia deixando correr as lágrimas.

— Você gostava tanto assim de Príncipe para chorar, minha

querida?... — falou-lhe a condessa.

— Não estou pensando em Príncipe, e sim no meu marido. Tenho medo que lhe aconteça alguma desgraça!

— Como eles nos estragaram esta manhã!

— Como eles estragam nossa terra! — disse a moça.

Encontraram o general junto à grade.

— Então, de onde estão vindo? — disse ele.

— O senhor saberá — respondeu Blondet com ar misterioso, fazendo descer a sra. Michaud, cuja tristeza impressionou o conde.

Um instante depois, o general e Blondet estavam no terraço dos quartos.

— O senhor tem bastante coragem moral, não vai encolerizar-se...

— Não — disse o general —, mas acabe com isso, senão eu pensarei que você quer trocar de mim...

— Está vendo aquelas árvores de folhagem seca?

— Estou.

— Está vendo as de folhagem amarelada?

— Estou.

— Pois bem, tantas árvores mortas, tantas matadas pelos camponeses que o senhor julga ter conquistado com seus benefícios.

E Blondet narrou as aventuras da manhã.

O general estava tão pálido que assustou Blondet.

— Pois bem, pragueje, blasfeme, arrebate-se! A contração pode ser-lhe ainda pior do que a raiva.

— Vou fumar — disse o conde, saindo em direção do quiosque.

Durante o almoço, voltou Michaud; não conseguira encontrar pessoa alguma. Sibilet, chamado pelo conde, veio também.

— Sr. Sibilet e sr. Michaud, espalhem por aí, com jeito, que eu darei mil francos a quem me ajudar a pegar em flagrante delito as pessoas que estão matando minhas árvores. É preciso conhecer a ferramenta de que se servem e onde a compraram. Tenho meu plano.

— Essas pessoas nunca se vendem — disse Sibilet — quando os crimes são cometidos em seu proveito e premeditados; e esse ardil foi refletido, combinado...

— Sim, mas para elas mil francos representam uma ou duas jeiras de terra.

— Vamos tentar — disse Sibilet —, mas um homem nunca cede por menos de dois mil.

— Dois mil — disse o general. — Mas se eu pegar alguém com a boca na botija...

— Por dois mil, garanto achar um traidor — disse Sibilet —, sobretudo se o segredo for guardado.

— Mas faremos como se não soubéssemos de nada, sobretudo eu. Convém até que seja você que tenha percebido a coisa; eu ainda ignoro.

Do contrário, seríamos vítimas de alguma combinação. Precisamos desconfiar mais desses malfeitores do que do inimigo.

— Mas é o inimigo — disse Blondet.

Sibilet lançou-lhe um olhar dissimulado, de quem compreendia o alcance da palavra, e retirou-se.

— Não gosto deste seu Sibilet — prosseguiu Blondet quando o viu sair. — É um homem falso.

— Até agora, não há nada a dizer contra ele — respondeu Michaud.

VIII — VIRTUDES CAMPESTRES

À noite, Maria Tonsard estava no caminho de Soulanges, sentada à beira de uma pontezinha esperando por Bonnébault que, na forma do costume, passara o dia no café. Ouviu-o de longe; o andar indicava que estava ébrio e tinha perdido dinheiro, pois cantava quando tinha ganho.

— E você, Jacques?

— Sou eu sim, pequena...

— Que é que você tem?

— Estou devendo vinte e cinco francos, e ainda que me torcessem vinte e cinco vezes o pescoço eu não seria capaz de arranjá-los.

— Pois olhe, podemos arranjar quinhentos — disse-lhe ela ao ouvido.

— Oh! Será preciso matar alguém; mas eu cá quero viver...

— Nada disso! Vaudoyer é quem dará o dinheiro, se você deixar que peguem sua mãe junto de uma árvore.

— Prefiro matar um homem a vender minha mãe. Você tem sua avó, a velha Tonsard. Por que não a entrega?

— Se eu fizesse isso, meu pai atrapalhava tudo.

— É verdade. Mas tanto faz, minha mãe não irá para a cadeia. Coitadinha! Ela assa o meu pão, ela me veste não sei como, e eu vou fazer uma coisa dessas! Botá-la na cadeia? Era preciso que eu não tivesse coração. E como estou com medo que ela seja traída, vou lhe dizer esta noite para não descascar mais as árvores...

— Pois bem! Meu pai fará o que quiser. Eu direi que há quinhentos francos a ganhar, e ele perguntará a minha avó se está de acordo. Ninguém vai botar na cadeia uma mulher de setenta anos. E, afinal de contas, lá ela estaria melhor do que no celeiro...

— Quinhentos francos!... Vou conversar a respeito com minha mãe — disse Bonnébault. — De fato, se ela concordar em me dar o dinheiro, eu lhe deixarei alguma coisa com que viver na prisão. Ela passará o tempo fiando, se distraindo, e não terá mais preocupações do que tem em Couches. Até amanhã!

No dia seguinte, às cinco da manhã, mal clareara, Bonnébault e sua

mãe batiam à porta do Grand-I-Vert, onde a velha Tonsard era a única pessoa de pé.

— Maria! — gritou Bonnébault. — O negócio está feito.

— E o negócio de ontem, a respeito das árvores? — disse a velha Tonsard. — Sou eu quem faço.

— Ora essa! O sr. Rigou já prometeu ao meu rapaz uma jeira por esse preço...

As duas velhas começaram a discutir qual delas seria vendida pelos filhos. Ao rumor da discussão, a casa acordou. Tonsard e Bonnébault tomaram, cada um, o partido de suas mães.

— Tirem a sorte com a palhinha — disse a sra. Tonsard, sogra.

A palhinha decidiu a favor da taverna. Três dias depois, ao amanhecer, os gendarmes levaram do fundo da floresta para La-Ville-aux-Fayes a velha Tonsard, surpreendida em flagrante delito pelos guardas e pelo guarda campestre com uma lima ordinária que servia para dilacerar a árvore e um martelo com que os delinquentes alisavam esse talho anular, como o inseto alisa seu caminho. No auto de infração, verificou-se a ocorrência dessa pérfida operação em sessenta árvores, num raio de quinhentos passos. A velha Tonsard foi transferida para Auxerre; o caso era da jurisdição do Tribunal do Júri.

Quando Michaud viu a velha Tonsard ao pé da árvore, não pôde deixar de dizer:

— Sobre essa gente é que o senhor conde e a senhora condessa derramam os seus benefícios!... Meu Deus do céu! Se ele me ouvisse, não dotaria a pequena Tonsard. Ela ainda é pior do que a avó...

A velha ergueu para Michaud os olhos cinzentos, lançando-lhe um olhar de víbora. De fato, sabendo quem fora o autor do crime, o conde proibiu sua mulher de dar qualquer coisa a Catarina Tonsard.

— O senhor conde fez muito bem — disse Sibilet —, tanto mais quanto eu soube que Godain comprou o campo três dias antes de Catarina vir falar com a senhora condessa. Assim, os dois já contavam com o efeito da cena e a compaixão da senhora condessa. E Catarina é bem capaz de ter ficado na situação em que se acha só para arranjar o dinheiro, pois Godain não tem nada que ver com o negócio...

— Que gente! — disse Blondet. — As pessoas ruins de Paris são uns santos...

— Ah, meu senhor — disse Sibilet —, por toda parte o interesse faz cometer horrores. Sabe quem traiu a velha Tonsard?

— Não.

— Uma neta, Maria. Ficou enciumada com o casamento da irmã, e para se casar também...

— É medonho! — exclamou o conde. — Mas então eles seriam capazes de matar por...

— Oh! — disse Sibilet. — Por qualquer coisa. Essa gente faz tão

pouco caso da vida! Eles se cansam de viver no trabalho. Ah, meu senhor, as coisas que se passam no campo não são mais bonitas do que as de Paris. Mas o senhor não acreditaria...

— Portanto, seja bom e benfazejo! — disse a condessa.

Na noite da prisão, Bonnébault foi à taverna do Grand-I-Vert, onde toda a família Tonsard estava alegre.

— Pois é, pois é, divirtam-se — disse ele. — Acabo de saber por Vaudoyer que para castigar vocês a condessa não dará mais os mil francos prometidos a Godain. O marido dela não quer.

— Foi conselho de Michaud — disse Tonsard. — Minha mãe o escutou, segundo me disse em La-Ville-aux-Fayes aonde fui para levar a ela o dinheiro e suas coisas. Não dará mais nada? Está bem, nossos quinhentos francos ajudarão Godain a pagar, e eu me vingarei. Eu e Godain... Ah! Michaud está se metendo com os nossos casinhos! Que é que ele tem com isso? As coisas estão se passando na mata dele? Ele é que é culpado desse barulho todo. Foi ele que descobriu o segredo no dia em que minha mãe cortou o gasnete do seu cachorro. E se eu fosse me meter com os negócios do castelo, hem? Se eu dissesse ao general que a mulher dele passeia de manhã na mata com um rapaz, sem ter medo do orvalho; para isso é preciso estar bem satisfeita da vida...

— O general! O general! — exclamou Courtecuisse. — Com ele a gente faria tudo o que quisesse, mas Michaud vive lhe esquentando a cabeça... Este, sim, é um impostor. Não entende nada do ofício.

— O fato — disse Vaudoyer — é que no dia em que Michaud não estiver mais lá, nós ficaremos sossegados.

— Chega de conversa — disse Tonsard. — Falaremos disso mais tarde, ao luar, em pleno campo.

No fim de outubro a condessa partiu, deixando o general sozinho por uma quinzena; ela não queria perder uma primeira representação no Teatro dos Italianos.¹⁴⁸ De resto, estava só já havia um mês, não tendo mais a companhia de Emílio, que a ajudava a passar o tempo quando o general percorria o campo ou saía a negócios.

Novembro foi um verdadeiro mês de inverno, sombrio e cinzento, entrecortado de frio e gelo, de neve e chuva. O caso da velha Tonsard exigiu a viagem das testemunhas, e Michaud foi depor. Rigou interessou-se pela velha; deu-lhe um advogado, que se baseou na falta de qualquer outro testemunho além do produzido pelos interessados. Mas os depoimentos de Michaud e de seus guardas, corroborados pelo guarda campestre e por dois gendarmes, decidiram a questão: a mãe de Tonsard foi condenada a cinco anos de prisão, e o advogado disse a Tonsard:

— Foi o depoimento de Michaud que fez isso com vocês.

IX — A CATÁSTROFE

Um sábado à noite, Courtecuisse, Bonnébault, Godain, Tonsard, suas filhas e sua mulher, Vaudoyer e muitos outros trabalhadores estavam ceando na taverna. Fazia um meio luar e um desses frios de geada que ressecam o chão; a primeira neve derreteria-se, de modo que os passos de um homem no campo não deixavam essas marcas que, nos casos graves, acabam fornecendo indícios dos criminosos. Rindo e bebendo, comiam um guisado de lebres apanhadas na armadilha. Era o dia seguinte ao do casamento de Godain, que eles iriam acompanhar até a casa. Esta não ficava longe da casa de Courtecuisse. Quando Rigou vendia uma jeira de terreno, é porque este era isolado e ficava perto da mata. Courtecuisse e Vaudoyer ostentavam seus fuzis para acompanhar a recém-casada. Todo o lugarejo estava adormecido; não se via uma luz. Acordada só havia a gente daquela festa, que fazia o maior barulho possível. A essa altura entrou a mãe de Bonnébault, e todos olharam para ela.

— Parece que a mulher está querendo dar à luz — disse ela ao ouvido de Tonsard e de seu filho. — Ele agora mesmo mandou arrear o cavalo para chamar o dr. Gourdon em Soulanges.

— Sente-se, mãezinha — disse-lhe Tonsard, que lhe deu o seu lugar na mesa e foi deitar-se num banco.

Nesse momento, ouviu-se o rumor de um cavalo a galope, passando rapidamente pela estrada. Tonsard, Courtecuisse e Vaudoyer saíram bruscamente e viram Michaud, que seguia para a aldeia.

— Como ele entende da coisa! — disse Courtecuisse. — Desceu ao longo do patamar e tomou pela direção de Blangy e da estrada. É mais seguro...

— É — replicou Tonsard —, mas ele vai trazer o dr. Gourdon.

— Talvez não o encontre — disse Courtecuisse. — O doutor acaba de ir para Couches a chamado da burguesa da posta, que pode incomodar os outros a esta hora.

— Uma coisa é certa — continuou Vaudoyer. — Ele gosta bastante da mulher para fazer isso.

— Mas então irá pela estrada larga de Soulanges a Couches, é o caminho mais curto.

— É o mais seguro para nós — disse Courtecuisse. — Está fazendo um luar magnífico, na estrada larga não há guardas como nas matas; a gente ouve de longe, e dos pavilhões, por trás das sebes, no ponto onde elas fazem divisa com o bosquezinho pode-se atirar num homem pelas costas como se atira num coelho, a cinco passos de distância...

— Serão onze horas e meia quando ele passar por lá — disse Tonsard. — Gastará meia hora para ir a Solanges e outro tanto para voltar. Ah, meus filhos, se o dr. Gourdon estiver no caminho...

— Ora, não se preocupe — respondeu Courtecuisse. — Eu ficarei a uns quinhentos metros de você, na estrada à direita de Blangy na direção de Soulanges. Vaudoyer ficará à mesma distância, na direção de Couches. Se vier alguém, o carro da posta, a mala, os gendarmes, qualquer coisa enfim, daremos um tiro no chão, um tiro abafado.

— E se eu não acertar?...

— Ele tem razão — disse Courtecuisse. — Sou melhor atirador do que você, Vaudoyer. Vamos juntos. Bonnébault me substituirá e dará um grito. Ouve-se melhor e é menos suspeito.

— Os três entraram, a festa continuou. Somente às onze horas Vaudoyer, Courtecuisse, Tonsard e Bonnébault saíram com seus fuzis, sem que nenhuma das mulheres prestasse atenção. De resto, voltaram três quartos de hora depois e começaram a beber até uma hora da manhã. A mulher de Tonsard, suas filhas e a mãe de Bonnébault tinham feito com que o moleiro, os trabalhadores e os dois camponeses, assim como Fourchon, bebessem tanto que estavam todos escornados no chão, roncando, quando os quatro convivas partiram. A volta, sacudiram os dorminhocos, que foram encontrados cada um no seu lugar.

Enquanto essa orgia continuava no mesmo tom, o lar de Michaud mergulhava numa angústia mortal. Olímpia sentira dores falsas, que se acalmaram logo que seu espírito passou a se preocupar com perigos que a criada lhe dizia serem imaginários. Ela estava no quarto, ao pé do fogo, prestando ouvido a tudo; e, presa de terror que aumentava a cada quarto de hora, mandara acordar o empregado. A pobre mulher ia e vinha numa agitação febril; apesar do frio, espiava pelas janelas, descia, escutava.

— Não sei o que tenho — dizia à criada e ao empregado. — Sinto que está acontecendo uma desgraça a meu marido.

A meia-noite e um quarto, exclamou:

— É ele, ouço o cavalo! — E desceu, seguida pelo empregado, que julgou de seu dever abrir o portão.

— Esquisito — disse ela. — Está voltando pela mata de Couches.

Depois, sentiu-se imobilizada pelo terror, pois havia no galope furioso do cavalo e no tilintar dos estribos vazios, que ressoavam, um não sei quê de desordenado, seguido por esses relinchos significativos que soltam os cavalos quando correm sozinhos. E logo, demasiado cedo para a desgraçada mulher, o cavalo, banhado em suor, chegou sozinho ao portão; tinha arreventado as rédeas e sem dúvida se embaraçara nelas. Olímpia viu o empregado abrir o portão; viu o cavalo e disparou na direção do castelo, como uma louca. Chegando lá, caiu junto às janelas dos aposentos do general, gritando:

— Senhor, *eles* mataram meu marido!

O grito foi tão terrível que acordou o conde; ele tocou a campainha,

pôs toda a casa de pé. Os gemidos da sra. Michaud, que dava à luz no chão, atraíram o general e seus criados. Levantaram a pobre mulher agonizante, que morreu dizendo ao general:

— *Eles* mataram meu marido!

— José! — disse o conde a seu criado-grave. — Vá correndo chamar o dr. Gourdon. Precisamos salvar a criança. E você — disse ao jardineiro — vá ver o que aconteceu.

— Aconteceu — disse o criado do pavilhão — que o cavalo do sr. Michaud acaba de voltar sozinho, com as rédeas arrebitadas, as pernas sangrando... Há uma mancha de sangue na sela, como se fosse uva espremida.

— Que fazer, agora à noite? — disse o conde. — Vão acordar Groison, procurem os guardas, selem os cavalos. Daremos uma batida no campo.

Ao amanhecer, oito pessoas, o conde, Groison, os três guardas e dois gendarmes, vindos de Soulanges com o sargento, exploraram a localidade. Acabaram encontrando, já dia alto, o corpo do guarda-geral num pequeno bosque entre a estrada larga e a de La-Ville-aux-Fayes, na extremidade do parque das Aigues, a quinhentos passos do portão de Couches. Partiram dois gendarmes, um para La-Ville-aux-Fayes, a fim de chamar o procurador régio, e outro para Soulanges, em busca do juiz de paz. Enquanto isso o general lavrou um auto de corpo de delito, auxiliado pelo sargento. Acharam na estrada larga, perto do segundo pavilhão, marcas de um cavalo que tinha empinado, e até o primeiro atalho da mata, abaixo da sebe, sinais vigorosos de um cavalo espantado. O cavalo, deixando de ser guiado, seguira por ali: o chapéu de Michaud caíra no atalho. Para voltar à estrebria, o animal tomara o caminho mais curto. Michaud tinha uma bala nas costas, a coluna vertebral estava partida.

Groison e o sargento estudaram com uma sagacidade notável o terreno em redor do chão escavado que indicava o que em estilo judiciário se chama teatro do crime, e não puderam descobrir nenhum indício. A terra estava demasiado gelada para guardar as marcas dos pés de quem matara Michaud. Encontraram somente um papel de cartucho. Quando o procurador régio, o juiz de instrução e o dr. Gourdon vieram retirar o corpo para fazer a autópsia, verificou-se que a bala, combinando com os restos da bucha, era uma bala de fuzil de munição, e não havia uma única arma dessa natureza na comuna de Blangy. O juiz de instrução e o juiz Soudry, à noite, no castelo, acharam que se deviam reunir os elementos da instrução e esperar. Foi essa também a opinião do promotor régio, do sargento e do tenente da gendarmaria de La-Ville-aux-Fayes.

— É evidente que se trata de um crime combinado entre os moradores do lugar — disse o sargento. — Mas há duas comunas, Couches e Blangy, e em cada uma delas cinco ou seis pessoas capazes

de cometer esse crime. Aquele de quem eu suspeitaria mais, Tonsard, passou a noite na pândega; mas o adjunto do *maire*, moleiro do senhor conde, estava na festa, e não os largou. Estavam ébrios a ponto de não se aguentar; levaram a recém-casada para casa a uma hora e meia da noite. As dez horas e um quarto Groison viu todo o pessoal à mesa, e o sr. Michaud passou por lá para ir a Soulanges, onde chegou às onze horas. O cavalo empinou entre os pavilhões da estrada; mas ele pode ter recebido o tiro antes de Blangy e ter-se aguentado durante algum tempo. É preciso expedir ordem de prisão contra vinte pessoas pelo menos, prender todos os suspeitos; mas os senhores conhecem os camponeses tão bem quanto eu; ficarão na cadeia durante um ano e só responderão com negativas. Que pretendem fazer com toda essa gente que estava em casa de Tonsard?

Chamaram Langlumé, moleiro e adjunto do General Montcornet, e ele narrou sua noite: todos tinham estado na taverna; saíram apenas por alguns instantes, para ir ao pátio... Ele fora lá com Tonsard, por volta das onze horas, conversaram sobre a lua e o tempo; não tinham escutado nada. Deu os nomes de todos os convivas. Às duas horas, todos tinham ido levar os recém-casados em casa.

O general combinou com o sargento, o tenente da gendarmeria e o procurador régio mandar de Paris um homem hábil, da Polícia de Segurança, que viria ao castelo como operário, comportando-se bastante mal para ser despedido; esse homem começaria a beber e permaneceria na região, descontente com o general. Era o melhor plano a seguir para surpreender qualquer indiscrição.

— Ainda que eu tenha de gastar vinte mil francos, acabarei descobrindo o assassino.

O general partiu, voltando em janeiro com um dos mais astuciosos auxiliares do chefe da Polícia de Segurança, que se instalou para dirigir os serviços e começou a caçar clandestinamente. Lavraram-se autuações contra ele; o general botou-o pela porta afora e regressou a Paris no mês de fevereiro.

X — O TRIUNFO DOS VENCIDOS

Certa noite, em maio, quando chegou a primavera e os passarinhos apareceram nas Aigues, o sr. de Troisville, levado pela filha, Blondet, o cura, o general e o subprefeito de La-Ville-aux-Fayes, que estava de visita, jogavam uíste. José veio informar a seu amo que aquele mau trabalhador despedido queria falar-lhe; dizia que o general lhe ficara devendo algum dinheiro, e estava embriagado.

— Bem, irei lá.

E o general saiu para o jardim.

— Senhor conde, nunca se conseguirá nada com essa gente; tudo o que eu apurei é que, se o senhor continuar por aqui, a querer que os camponeses renunciem aos hábitos que a srta. Laguerre deixou que eles adquirissem, acabarão lhe dando também um tiro de fuzil... De resto, não tenho mais nada a fazer aqui; eles desconfiam mais de mim do que dos guardas.

O conde pagou o espião, que partiu, e cuja partida iria justificar as suspeitas dos cúmplices da morte de Michaud. Mas quando voltou ao salão havia no rosto do general sinais de emoção, e sua mulher perguntou-lhe o que se passara.

— A morte de Michaud é um aviso que nos deram para deixarmos esta terra.

— Eu cá não deixaria — disse o sr. de Troisville. — Já tive dessas dificuldades na Normandia, embora sob outra forma, e persisti; agora tudo vai bem.

— Senhor marquês — disse o subprefeito —, Normandia e Borgonha são terras muito diferentes. Aqui nós temos o sangue mais quente, não conhecemos tão bem as leis, vivemos cercados de florestas; a indústria não nos conquistou ainda, somos selvagens... Se o senhor conde me permite um conselho, aqui está ele: venda sua propriedade e coloque o dinheiro em títulos; dobrará sua renda e não terá a menor preocupação. Se gosta do campo, achará nos arredores de Paris um castelo com o parque murado, tão lindo como o das Aigues, onde ninguém entra, e que não terá senão quintas arrendadas a pessoas que irão de cabriolé pagar-lhe em notas de banco. Não lavrará durante o ano um só auto de infração, e fará a viagem de ida e volta em três ou quatro horas. E o sr. Blondet não nos faltará tantas vezes, senhora condessa...

— Eu, recuar diante dos camponeses, quando não recuei nem mesmo no Danúbio?!

— É, mas onde estão os seus couraceiros? — disse Blondet.

— Uma propriedade tão linda!...

— O senhor receberá hoje por ela mais de dois milhões.

— O castelo deve ter custado isso — disse o sr. de Troisville.

— Uma das mais lindas propriedades em vinte léguas ao redor! — exclamou o subprefeito. — Mas o senhor ainda encontrará melhor nos arredores de Paris.

— Qual a renda que se pode ter com dois milhões? Quinhentos mil francos? — perguntou a condessa.

— Atualmente, cerca de cento e quarenta mil — respondeu Blondet.

— As Aigues não rendem, líquido, mais de quarenta mil francos — disse a condessa. — Além disso, durante estes anos você fez despesas imensas, cercou as matas com valos...

— Hoje — disse Blondet —, por quinhentos mil francos tem-se um castelo de rei nas imediações de Paris. A gente compra as loucuras dos

outros.

— Eu pensava que você tivesse apego às Aigues... — disse o conde à sua mulher.

— Sim, mas tenho mais apego ainda à sua vida — respondeu ela. — Amo você ainda bastante para não querer ficar viúva.

No dia seguinte à noite, no salão de Gaubertin em La-Ville-aux-Fayes, o subprefeito foi acolhido com esta frase do *maire*:

— Então, está vindo das Aigues?...

— Estou, mas receio que percamos o general; parece que ele vai vender a propriedade...

— Até hoje não se pode descobrir os autores da morte do guarda — disse o juiz de instrução.

— Isso vai prejudicar muito a venda das Aigues — observou Gaubertin, na frente de todas as visitas. — Quanto a mim, tenho certeza que não compraria... Este pessoal daqui é muito ruim; mesmo no tempo da srta. Laguerre eu brigava com eles, e Deus sabe a liberdade que ela dava.

No fim de maio, nada anunciava que o general tivesse intenção de pôr as Aigues à venda; continuava indeciso. Certa noite, cerca das dez horas, voltava ele da floresta por uma das seis avenidas que conduziavam ao pavilhão de caça. Tinha dispensado o guarda, vendo-se tão perto do pavilhão. Na curva da aleia, um homem armado de fuzil saltou da moita.

— General — disse ele —, é a terceira vez que o senhor passa pela ponta do meu cano, e é a terceira vez que eu lhe poupo a vida...

— E por que é que você quer me matar, Bonnébault? — perguntou o conde, sem um pinga de medo.

— Ora! Se não fosse eu, seria outro. Mas eu gosto das pessoas que serviram o Imperador; não posso me decidir a matá-lo como um pombo. Não me pergunte, não quero dizer nada... Mas seus inimigos são mais poderosos do que o senhor. Eu ganharei mil escudos se o matar, e me casarei com Maria Tonsard. Pois bem, dê-me algumas jeiras de terreno ruim e uma choupana ordinária, e eu continuarei a dizer o que já disse: que não houve ocasião... O senhor ainda tem tempo de vender sua propriedade e ir-se embora; mas despache-se. Ainda sou um rapaz direito, apesar de tudo. E repito: se não for eu, será um outro...

— E se eu lhe der o que me pede, você me dirá quem lhe prometeu os três mil francos?

— Não sei; gosto demais da pessoa que me obriga a fazer isso, para dizer ao senhor o nome dela. E depois, mesmo que o senhor soubesse que era Maria Tonsard, Maria Tonsard é como um rochedo; quanto a mim, eu negaria ter contado ao senhor; e dela eu não quero saber coisa alguma.

— Venha ver-me amanhã de manhã — disse o general.

— Basta isso — disse Bonnébault. — Se desconfiarem de mim, eu o prevenirei.

Oito dias após esta singular conversação, o distrito inteiro, todo o departamento e até Paris apareceram cheios de cartazes enormes anunciando a venda das Aigues em lotes, no escritório do mestre Corbineau, tabelião em Soulanges. Todos os lotes foram adjudicados a Rigou, e não atingiram o preço desejado, apesar dos esforços do general, que, entre os candidatos, vindos de todos os cantos, pusera um homem para levar os lances à soma total de dois milhões e trezentos mil francos. No dia seguinte, Rigou mandou trocar os nomes; Gaubertin ficara com as matas em comum e ele com as vinhas. O castelo e o parque foram revendidos ao Bando Negro,¹⁴⁹ menos o pavilhão e suas dependências, que Gaubertin reservou para si.

Em 1837, durante o inverno, um dos mais notáveis jornalistas e escritores políticos daquele tempo, Emílio Blondet, chegava ao último grau da miséria, oculta sob as aparências de uma vida ruidosa e dissipada, e hesitava em tomar uma resolução desesperada. Via que seus trabalhos, seu espírito, seu saber, sua ciência dos negócios não o tinham levado a nada senão a escrevinhar em proveito dos outros. Todos os lugares estavam tomados; sentia que chegara ao limiar da idade madura sem gozar de consideração, enquanto burgueses tolos e ingênuos substituíam as pessoas da Corte e os incapazes da Restauração, e o governo se reconstituía como antes de 1830. Certa noite em que se achava à beira do suicídio, que ele tanto combatera com suas zombarias, lançando um último olhar sobre sua existência deplorável, caluniada e mais sobrecarregada de trabalhos do que das orgias de que o acusavam, divisou nela uma nobre e linda figura de mulher, como se vê uma estátua que permaneceu íntegra e pura no meio das mais tristes minas. O porteiro entregou-lhe uma carta tarjada de preto em que a Condessa de Montcornet lhe anunciava a morte do general, que voltara ao Exército e comandava uma divisão. Ela era sua herdeira; não tinha filhos. A carta, embora digna, indicava a Blondet que a mulher de quarenta anos, que ele amara quando jovem, lhe estendia mãos fraternais e uma fortuna considerável.

Há dias realizou-se o casamento da Condessa de Montcornet com o sr. Blondet, nomeado prefeito. Para dirigir-se à Prefeitura, seguiu ele pelas estradas onde outrora se achavam as Aigues e mandou parar no ponto onde ficavam os dois pavilhões, querendo visitar a comuna de Blangy, povoada de tão doces lembranças para os dois viajantes. O lugar não era mais reconhecível. As matas misteriosas, as avenidas do parque, tudo fora derrubado e o campo se parecia com a carteira de amostras de um alfaiate. O camponês tomara posse da terra como vencedor e como conquistador. Ela já estava dividida em mais de mil lotes, e a população triplicara entre Couches e Blangy. O arroteamento do lindo parque,

antes tão bem tratado, tão voluptuoso, desembaraçara o pavilhão de caça, transformado na vila *II Buen Retiro*, de dona Isaura Gaubertin; era a única construção que permanecia de pé, dominando a paisagem, ou melhor, a pequena plantação que substituíra a paisagem. Esse edifício tinha a aparência de um castelo, tão miseráveis eram as casinhas construídas em volta, como constroem os camponeses.

— Eis o progresso! — exclamou Emílio. — É uma página do *Contrato Social*, de Jean-Jacques! Quanto a mim, estou atrelado à máquina social, que funciona desse jeito... Meu Deus! Que será dos reis daqui a pouco? Mas, com esse estado de coisas, que será das próprias nações daqui a cinquenta anos?...

— Você me ama e está a meu lado; eu acho lindo o presente, e pouco me importo com um futuro tão longínquo — respondeu-lhe a esposa.

— Perto de você, viva o presente! — disse alegremente o amoroso Blondet. — E o futuro que vá para o diabo!

Depois, fez sinal ao cocheiro para seguir. E, enquanto os cavalos se lançavam a galope, os recém-casados retomaram o curso de sua lua de mel.¹⁵⁰

O MÉDICO RURAL

TRADUÇÃO DE **VIDAL DE OLIVEIRA**

INTRODUÇÃO

O Médico Rural (*em francês: Le Médecin de Campagne*) é um dos romances de Balzac cuja gênese melhor conhecemos e a respeito do qual mais se escreveu. As três obras mais importantes relativas a esse romance são: *Le Médecin de Campagne* par M.H. de Balzac (*Confession Inédite*). Notes et éclaircissements par Marcei Bouteron. *Société des NlédecinsBibliophiles, Paris, 1933*; H. de Balzac, *Le Médecin de Campagne*, avec une introduction et des notes par Maurice Aliem, *Librairie GarnierFrères, Paris, 1931*; e Bernard Guyon, *La Création Littéraire chez Balzac — La Genèse du Médecin de Campagne. Librairie Armand Colin, Paris, 1951*, que foram utilizados com proveito na redação desta nota introdutiva. A segunda dessas obras forneceu, além disso, matéria para mais de uma nota de pé de página das que acompanham o romance na presente tradução.

O nome desse livro aparece pela primeira vez numa carta de 23 de setembro de 1832, datada de Aix e dirigida à sra. Zulma Carraud, leal e fiel amiga do romancista. Este encontra-se naquela cidade a caminho da Itália, onde resolveu acompanhar a Marquesa de Castries, dama da alta aristocracia por quem se apaixonou e que, por sua vez, procura convertê-lo definitivamente ao partido legitimista. A sra. Carraud está justamente alarmada com mais essa viagem de Balzac, o qual deveria permanecer em Paris para acabar várias obras de fôlego (já vendidas aos editores e anunciadas nos jornais); de mais a mais, animada de ideias progressistas, lamenta que sua nova amiga desvie o escritor das tendências liberais. Valendo-se dos direitos da amizade, lembrou a Balzac sem tergiversar as suas apreensões. Na carta em apreço, o escritor procura tranquilizá-la: ele nunca venderia a própria consciência; sua aproximação ao partido monarquista foi o resultado de madura reflexão; por outro lado, não deixaria de honrar os seus compromissos.

“Fique tranquila, A Batalha (*Romance sobre as guerras napoleônicas, planejado por Balzac, mas que nunca foi escrito*) vai sair, e algo melhor do que A Batalha, um livro segundo o coração de você, O Médico Rural.”

Um amigo dos Carraud tendo-lhe feito entrever a possibilidade de apresentá-lo nas próximas eleições como candidato à deputação, Balzac, no auge das suas ambições políticas, pede à amiga que espalhe em toda Angoulême aquele “pequeno in-18º” que lhe fará amigos. “É um escrito benfazejo, de ganhar o prêmio Montyon.” (*Prêmio da Academia Francesa, destinado a recompensar ações virtuosas.*)

No mesmo dia, Balzac escreve à própria mãe, a quem deixara em Paris

como sua procuradora:

“Em Roma vou precisar de quinhentos francos, e de outro tanto em Nápoles. Não tos peço. Trabalhei três noites e três dias e escrevi um volume in-18º, intitulado O Médico Rural. Um viajante leva-o a Mame. Como o livro tem apenas duzentas páginas in-18º, pode mandar compô-lo inteiro e poderei dar o imprimatur antes de minha partida para a Itália, que só se realizará em 10 de outubro. Ele há de mandar-me quinhentos francos em Roma e quinhentos em Nápoles. Ele terá minhas instruções.”

Uma semana depois, em 30 de setembro, numa carta a Mame, o editor escolhido para lançar a obra (e, antes de mais nada, para pagar mil francos como adiantamento) confirma não apenas o acabamento, como também a remessa dos originais:

“Minha mãe vai receber — se é que já não recebeu — um manuscrito completo... de mim! Intitulado O Médico Rural, que lhe é destinado. Redobre de atenção, mestre Mame! Estou, há muito tempo, obcecado e desejoso da glória popular que consiste em fazer vender muitos milhares de exemplares de um volumezinho in-18º como Atala, Paulo e Virgínia, O Vigário de Wakefield, Manon Les, caut, Perrault etc. etc. A multiplicidade das edições compensa a falta de número de volumes; mas é preciso que o livro possa andar em todas as mãos, as da jovem, as da criança, as do ancião, e mesmo as da devota. Então, uma vez conhecido — o que será longo ou breve, conforme o talento do autor e o do livreiro —, o livro torna-se um negócio importante; exemplo: as Meditações de Lamartine, em sessenta mil exemplares, As Ruínas de Volney etc. Meu livro é, pois, um livro concebido nesse espírito, um livro que a porteira e a grande dama possam ler. Peguei o Evangelho e o Catecismo, dois livros de excelente saída, e fiz o meu. Coloquei a cena na aldeia, e aliás você o lerá na íntegra, coisa rara comigo.”

Seguem recomendações minuciosas no tocante ao formato, ao papel, aos tipos a serem empregados, à percentagem do autor, ao modo de pagamento.

Para quem lê atentamente essa carta, os originais em 30 de setembro já estavam em Paris, ou pelo menos encaminhados para lá; foi assim que o entendeu Mame, e por isso pagou à mãe do romancista o adiantamento pedido. Mas com viva surpresa encontramos noutra carta à sra. Balzac, de 9 de outubro, esta informação estranha:

“Receberás, levado por uma senhora que parte para Paris, o manuscrito completo de O Médico Rural com as instruções para Mame.”

Na realidade, nem desta vez a obra partiu; “a senhora que partia para Paris” (se é que existia) foi sem os originais. Em janeiro de 1833, escrevendo à Condessa Hanska, Balzac afirma trabalhar ainda nessa “Imitação de Jesus Cristo poetizada”; em 24 de fevereiro, prevê ainda um ou dois meses de trabalho para acabá-lo.

Nesse mesmo mês, voltando a escrever à sra. Carraud, queixa-se da dificuldade dessa composição (que, havia mais de cinco meses, anunciara como acabada em três dias e três noites!):

“O Médico Rural custa-me dez vezes o trabalho que me custou Luís Lambert; não há nela uma frase, uma ideia que não tenha sido vista, revista, corrigida; é aterrador! Mas, quando se quer atingir a simples beleza do Evangelho, superar O Vigário de Wakefield e pôr em ação a Imitação de Jesus Cristo, é preciso mourejar, e sem descanso!”

Em março de 1833 o escritor queixa-se, em nova carta à sra. Carraud, do livro que lhe dá muito trabalho e do editor que o agulhoa como se agulhoa um boi.

A impaciência do editor, no entanto, nada tem de surpreendente e cresce com os novos prazos com que o autor procura iludi-lo. Em maio, este ainda fala à Condessa Hanska em publicar dentro de quinze dias “esse Evangelho, uma leitura de todos os momentos”.

Só em 19 de julho pode o romancista dar como acabado esse livro tão trabalhoso. Mas nesse ínterim esgotara-se a paciência do editor. Acabou processando o autor, a quem a sentença declarou culpado, obrigando-o a ceder ao editor, para compensá-lo do atraso, seu próximo livro; de mais a mais, ficaram por conta do autor as despesas das correções tipográficas, cuja importância (mil francos) chegava a constituir a terça parte dos honorários.

Essa série de informações falsas, de recuos, de adiamentos, não pode ser explicada unicamente pela falta de correção (infelizmente incontestável) de Balzac em matéria de negócios: o simples fato de o livro ter-se mais que duplicado desde sua primeira menção até sua entrega definitiva mostra que seu acabamento foi atrasado por complicações íntimas. Desejoso, havia muito, de colocar uma de suas obras num cenário rural, Balzac aproveitou-se de sua viagem a Aix (e de uma excursão ao vale da Grande-Chartreuse) para explorar a paisagem e os costumes dos habitantes; o encontro de um médico filantropo, benfeitor ativo da cidadezinha de Voreppe, o dr. Amable Rome, sugeriu-lhe a figura de Benassis, a quem atribuiria muitas de suas ideias políticas e econômicas; a fim de dar uma explicação a seu apostolado e algum movimento ao romance, inventou depois uma história de amor infeliz que teria relegado o médico ao fundo daquele vale e que ele relata sob forma de confissão ao Comandante Genestas, seu visitante. Mas, além de Amable Rome, a personagem de Benassis teve mais alguns modelos: o dr. Bossion, de L'Isle-Adam (conforme depoimento da sra. Surville, irmã de Balzac), e o pastor Oberlin, filantropo do Ban de la Roche. Esse amor infeliz não era senão uma narrativa bastante exata e pouco poetizada do insucesso de Balzac junto à sra. de Castries, insucesso que o fez retomar o caminho de Paris em vez de acompanhar a linda aristocrata na Itália.

Mas, talvez por verificar que os fatos não estavam suficientemente transfigurados, Balzac preferiu substituir essa primeira confissão por outra, a que atualmente está no romance e que explica a missão apostólica de Benassis como uma penitência para resgatar um ato vergonhoso da sua mocidade, o abandono de uma mulher amada. Em vez da primeira

confissão, que só foi publicada postumamente, Balzac preferiria, algum tempo depois, vingar-se das coquetteries da sra. de Castries, representando-a em A Duquesa de Langeais, sob os traços da heroína tão duramente castigada pela sua faceirice.

Em vésperas de se candidatar às eleições, Balzac aproveitou o ensejo para expor suas ideias políticas atribuindo-as ora ao próprio Benassis — que é, sob certos aspectos psíquicos e físicos, um seu alter ego —, ora ao padre Janvier; ideias nitidamente monárquicas e que nos surpreenderiam no autor de A Bretanha em 1799, exaltador do heroísmo dos soldados da República, se não lhe conhecêssemos a paixão pela sra. de Castries e as promessas eleitorais, embora vagas, do tio desta, o Duque de Fitz-James, chefe do partido legitimista. Por outro lado, a atmosfera da obra é nitidamente católica, o que poderia espantar-nos no ex-autor de romances de cordel anticlericais se, além de namorado da sra. de Castries, já não fosse ele também o correspondente sentimental de uma Estrangeira, a riquíssima proprietária da longínqua Polônia, católica fervorosa e que lhe mandara um exemplar da Imitação.

Engrossou-se o livrinho também com uma porção de fragmentos do grande romance definitivamente abandonado, A Batalha; daí as numerosas anedotas das guerras napoleônicas, sem qualquer ligação com o enredo. Perdoa-se essa prolixidade a Balzac por ter inserido entre elas a história do “Napoleão do Povo”, contada por um veterano numa granja, página de epopeia num estilo admirável, de ingênuo sabor popular.

Dir-se-ia que o escritor — Para fazer volume? Para livrar-se de uma porção de elementos de ficção que trazia na cabeça? Para dar maior variedade e movimento a esse “romance” sem enredo, atravancado de discussões políticas e religiosas? — aqui despejou todo o seu arsenal de motivos. Senão, como explicar a galeria de personagens secundárias, algumas excelentes como a Fosseuse ou Genestas, descritas com verdadeiro luxo de pormenores? Ou a história, totalmente dispensável, do “filho” de Genestas? Ou ainda, na confissão do Médico, aquela decepção amorosa que aparece como um castigo da sua deslealdade para com a primeira amante, mas que não era necessária para explicar-lhe o exílio apostólico?

A crítica da época percebeu todas essas falhas; foi até muito além da justa medida ao condenar a obra toda, a mesma que o próprio Balzac, ao vê-la finalmente acabada, achava sublime.

“Mas, no fim desta semana” escreve ainda sem resquícios de falsa modéstia à sra. Carraud, “você lerá este trabalho magnífico, você verá até onde eu fui. Palavra, julgo poder morrer em paz. Fiz pelo meu país uma grande coisa. Este, livro vale, na minha opinião, mais que leis ou batalhas ganhas. É o Evangelho em ação.”

A comentadora do romance na nova edição da Plêiade, Rose Fortassier, resume fielmente a perplexidade da crítica contemporânea, “perturbada por um romance quase sem ação, feito de pedaços e fatias, que contém a

monografia de uma aldeia em vias de desenvolvimento, o dia de um médico rural, a confissão de dois amores infelizes, um tratado de economia e política, o relato ingênuo de uma gesta napoleônica, a história de uma jovem aldeã nervosa e poética, a de um velho soldado, a de um homem de bem que resgata as dissipações da mocidade parisiense (e há muito mais). Um romance aparentado com o conto filosófico, o manifesto político, a epopeia, a poesia”.

O público não ratificou os rigores da crítica e a obra foi frequentemente reeditada, sobretudo graças à narrativa do veterano sobre o “Napoleão do Povo”, verdadeira peça de antologia.

Deixaremos ao leitor a decisão nessa controvérsia, pedindo-lhe apenas que compare as ideias expressas por Benassis a seus convivas com aquelas que Balzac expenderá em Os Camponeses dez anos mais tarde, para observar o amadurecimento de sua visão do mundo.

PAULO RÓNAI

PRIMEIRA PARTE

A TERRA E O HOMEM

I — A TERRA

Para os corações feridos, sombra e silêncio.

À MINHA MÃE¹

Em 1829, numa linda manhã de primavera, um homem de cerca de cinquenta anos de idade seguia a cavalo por um caminho montanhoso que vai ter a uma grande povoação situada perto da Grande-Chartreuse.² Essa povoação é a sede administrativa de um cantão populoso circunscrito por um comprido vale. Uma torrente, de leito de pedra frequentemente seco, mas naquele momento cheio pela fusão das neves, rega esse vale apertado entre duas montanhas paralelas, dominadas por todos os lados pelos picos da Saboia e do Delfinado. Embora as paisagens contidas entre a cadeia das duas Mauriennes tenham um ar de família, o cantão através do qual caminhava o estranho apresenta acidentes de terreno e efeitos de luz que em vão se procuraria noutro lugar. Por vezes, o vale, subitamente alargado, desdobra um tapete irregular dessa verdura que as constantes irrigações devidas às montanhas entretêm tão fresco e suave ao olhar, durante todas as estações. Outras vezes, um moinho de serraria exhibe suas humildes construções pitorescamente dispostas, sua provisão de compridos pinheiros sem casca e sua corrente de água tomada do rio e levada por grandes calhas de madeira fortemente escavadas, de onde se escapa, pelas fendas, uma rede de filetes úmidos. Aqui e ali, choupanas cercadas de quintais cheios de árvores frutíferas, cobertas de flores, despertam as ideias que uma miséria laboriosa inspira. Mais ao longe, casas de telhados vermelhos, feitos com telhas chatas e redondas semelhantes a escamas de peixe, revelam a abundância devida a porfiados trabalhos. Finalmente, por cima de cada porta vê-se o cesto suspenso no qual os queijos secam. Por toda parte as sebes e as cercas são alegradas por vinhas conjugadas, como na Itália, com pequenos olmos cuja folhagem é dada aos animais. Por um capricho da natureza, as colinas em alguns lugares estão tão próximas uma das outras que nesses pontos não se veem nem fábricas, nem campos, nem choupanas. Separadas unicamente pela torrente que surge nas suas cascatas, as duas altas muralhas de granito erguem-se atapetadas de

pinheiros de negra folhagem e de faias de cem pés de altura. Todas elas retas, todas estranhamente coloridas por manchas de musgo, todas diferentes na folhagem, essas árvores formam colunatas orladas abaixo e acima do caminho por sebes informes de medronheiros, de viburno, de buxos e de espinhas rosadas. Os fortes perfumes desses arbustos misturam-se então às selvagens exalações da natureza serrana, ao penetrante aroma dos tenros brotos de larícios, dos choupos e dos pinheiros resinosos. Algumas nuvens corriam por entre os rochedos, velando-lhes, descobrindo-lhes alternativamente os cimos pardacentos, muitas vezes tão vaporosos quanto os nevoeiros cujos algodoados flocos ali se despedaçavam. A todo instante a terra mudava de aspecto e o céu de luz; as montanhas mudavam de cor, as encostas de matiz, as quebradas de forma: imagens múltiplas com contrastes inesperados, ora um raio de sol através dos troncos das árvores, ora uma clareira natural ou algum desbarramento, tornavam deliciosas de serem vistas no meio do silêncio, na estação em que tudo é novo, em que o sol incandesce um céu puro. Enfim, era uma bela terra, era a França!

O viajante, homem de elevada estatura, estava inteiramente trajado de azul, tão cuidadosamente escovado como o devia ser cada manhã seu cavalo de pelo liso, sobre o qual se mantinha ereto e aparafusado como um velho oficial de cavalaria. Mesmo se sua gravata preta e suas luvas de pele de gamo, se as pistolas que avolumavam os coldres e o malote bem seguro na garupa do cavalo não revelassem o militar, seu rosto moreno, picado pela varíola porém regular e aparentemente despreocupado, seus modos decididos, a firmeza de seu olhar, a atitude da cabeça, tudo trairia esses hábitos contraídos nas fileiras, dos quais o soldado jamais se pode desfazer, mesmo depois de reingressar na vida civil.

Um outro qualquer ter-se-ia maravilhado com as belezas daquela natureza alpestre, tão ridente no ponto em que se funde nas grandes bacias da França; mas o oficial, que sem dúvida percorrera os países por onde os exércitos franceses foram arrastados pelas guerras imperiais, gozava da paisagem sem se mostrar surpreendido por aqueles múltiplos acidentes. O espanto é uma sensação que Napoleão parece ter destruído na alma dos seus soldados. Por esse motivo, a calma da fisionomia é um sinal certo pelo qual um observador pode reconhecer os homens outrora arregimentados sob as águias efêmeras, porém imorredouras, do grande imperador.

II — UMA VIDA DE SOLDADO COMO HÁ POUCAS

Aquele homem era efetivamente um dos militares, hoje bastante raros, que os obuses respeitaram embora tenham lavrado todos os campos de batalha em que Napoleão comandou.

Sua vida nada tinha de extraordinário. Bater-se bem, como simples e leal soldado, cumprindo seu dever tão bem de noite como de dia, tanto longe como perto do chefe, não dando uma cutilada inútil e incapaz de dar uma além da conta. Se ostentava na lapela a roseta dos oficiais da Legião de Honra era porque, depois da batalha do Moscova,³ a voz unânime do seu regimento o havia designado como mais digno de a receber naquela grande jornada. Pertencendo ao pequeno número desses homens frios na aparência, tímidos, sempre em paz consigo mesmos, cuja consciência se sente humilhada só com o pensamento de fazer um pedido, seja de que espécie for, seus postos lhe foram conferidos em virtude das lentas leis da antiguidade. Feito subtenente em 1802, em 1829 era apenas chefe de esquadrão, apesar dos seus bigodes grisalhos; sua vida, porém, era tão pura, que nenhum homem do Exército, embora fosse um general, o abordava sem experimentar um sentimento de respeito involuntário, vantagem incontestável que seus superiores talvez não lhe perdoassem. Em compensação, os simples soldados tributavam-lhe, todos, um pouco desse sentimento que os filhos dedicam a uma boa mãe; porque, para eles, ele sabia ser ao mesmo tempo indulgente e severo. Outrora soldado como eles, conhecia as alegrias desditosas e as festivas misérias, os deslizes perdoáveis ou puníveis dos soldados, a quem sempre chamava de *meus filhos* e aos quais permitia de bom grado, em campanha, que tomassem víveres e forragens dos burgueses. No que dizia respeito à sua história íntima, essa estava sepulta no mais profundo silêncio. Como quase todos os militares da época, só vira o mundo através da fumaça dos canhões ou durante os raríssimos momentos de paz no meio da luta europeia sustentada pelo Imperador. Cuidara ele ou não do casamento? A questão permanecia indecisa. Embora ninguém manifestasse dúvidas sobre os triunfos amorosos do Comandante Genestas, na sua perambulação de cidade a cidade, de país a país, ao assistir ele às festas dadas e recebidas pelos regimentos, ninguém, entretanto, tinha de tal coisa a menor certeza. Sem ser um santarrão, sem recusar uma festança, sem melindrar os costumes militares, ele se calava ou respondia rindo quando o interrogavam a respeito dos seus amores. As palavras “E o senhor, meu comandante?”, dirigidas por um oficial depois de beber, ele replicava: “Bebamos, senhores!”.

Espécie de Bayard⁴ sem fausto, o sr. Pedro José Genestas nada em si oferecia, pois, de poético nem nada de romanesco, de tal forma parecia vulgar. Trajava como um homem de haveres. Não obstante, embora nada mais tivesse como fortuna senão o seu soldo, e sua reforma fosse todo o seu futuro, a exemplo dos velhos lobos do comércio a quem os desastres conferiram uma experiência vizinha da teimosia, o chefe de esquadrão tinha sempre em reserva dois anos de soldo e não gastava nunca todo o seu ordenado. Era: tão pouco jogador que, quando em

sociedade reclamavam um parceiro ou propunham uma vaca para completar uma aposta na *écarté*,⁵ ele olhava para as botas. Mas, se não se permitia nenhum extraordinário, não se recusava nada de uso comum. Seus uniformes duravam mais tempo do que os de qualquer outro oficial do regimento, devido aos cuidados inspirados pela mediocridade da fortuna e cujo hábito se tornara nele maquinai. Tê-lo-iam talvez julgado avarento, não fosse o admirável desinteresse, a fraternal facilidade com que abria a bolsa a algum jovem estouvado, arruinado por uma cartada ou outra qualquer loucura. Parecia ter perdido em outros tempos grossas quantias no jogo, tal a delicadeza com que ele obsequiava; não se julgava com o direito de controlar os atos de seu devedor e nunca lhe falava na dívida. Filho da tropa, sozinho no mundo, fizeram do Exército uma pátria e do regimento uma família. Por isso, raramente indagavam dos motivos de sua respeitável economia e contentavam-se em atribuí-la ao desejo bastante natural de aumentar a soma de seu bem-estar para os dias de velhice. Na véspera de ser promovido a tenente-coronel de cavalaria, era presumível que sua ambição consistisse em se retirar para o campo com a reforma e as dragonas de coronel. Depois das manobras, se os jovens oficiais falavam a respeito de Genestas, catalogavam-no na classe dos homens que no colégio conquistaram o prêmio de excelência e que durante a vida permanecem exatos, probos, sem paixões, úteis e insossos como pão branco; mas as pessoas sisudas julgavam-no de modo bem diferente. Muitas vezes um olhar, uma expressão cheia de bom-senso, como a palavra do selvagem, escapavam àquele homem e atestavam nele as tormentas da alma. Bem estudada, sua fronte calma evidenciava o poder de impor silêncio às paixões e de recalá-las no fundo do coração, poder custosamente conquistado pelo hábito dos perigos e das desgraças imprevistas da guerra. O filho de um par de França, recém-chegado ao regimento, tendo dito um dia, ao falar de Genestas, que ele teria sido o mais consciencioso dos padres ou o mais honrado dos merceeiros ("Acrescente: o menos cortesão dos marqueses!"), respondeu ele encarando o jovem fátuo, que não julgava estar sendo ouvido pelo seu comandante. Os ouvintes deram uma gargalhada; o pai do tenente era um adúlão de todos os governos, um homem elástico acostumado a sobrenadar as revoluções, e o filho saíra ao pai.

Têm-se encontrado nos exércitos franceses alguns desses caracteres, naturalmente grandes nos momentos precisos e que após a ação voltam a ser simples, indiferentes à glória, despreocupados do perigo; têm-se encontrado talvez muito mais do que permitiriam supor os defeitos da nossa natureza. Entretanto, seria um engano julgar Genestas perfeito. Desconfiado, propenso a violentos acessos de cólera, impertinente nas discussões e, sobretudo, querendo ter razão quando laborava em erro, era eivado de preconceitos nacionais. De sua vida de quartel conservava

um fraco pelo bom vinho. Se saía de uma refeição com todo o decoro de seu posto, parecia sério, meditabundo, e não queria então consentir que ninguém penetrasse no segredo de seus pensamentos. Finalmente, se conhecia bastante os hábitos sociais e as leis da cortesia, espécie de palavra de ordem que observava com rigidez militar; se tinha espírito natural e adquirido, se conhecia bem a tática, a manobra, a teoria da esgrima a cavalo e as dificuldades da arte veterinária, seus estudos, entretanto, tinham sido prodigiosamente descurados. Sabia vagamente, porém, que César era um cônsul ou um imperador romano; Alexandre, um grego ou um macedônio; teria concedido quer uma quer outra origem ou qualidade sem discutir. Por isso, nas conversações científicas ou históricas mostrava-se grave, limitando-se sua participação nelas a pequenas inclinações aprobatórias de cabeça, como um homem profundo que houvesse chegado ao pirronismo.⁶ Quando Napoleão, em Schoenbrunn, a 13 de maio de 1809, escreveu no boletim dirigido ao Grande Exército, então senhor de Viena, que, *como Medeia*,⁷ os príncipes austríacos tinham trucidado seus filhos com as próprias mãos, Genestas, recentemente promovido a capitão, não quis comprometer a dignidade de seu posto perguntando o que vinha a ser Medeia, e confiou no gênio de Napoleão, certo de que o Imperador diria só coisas oficiais ao Grande Exército e à Casa da Áustria; pensou que Medeia fosse uma arquiduquesa de procedimento dúbio. Não obstante, como a coisa podia concernir à arte militar, ficou inquieto com a Medeia do boletim, até o dia em que a srta. Raucourt⁸ fez representar novamente *Medeia*. Depois de ter lido o cartaz, o capitão não deixou de ir à noite ao Théâtre Français para ver a célebre atriz naquele papel mitológico do qual se informou com os seus vizinhos. Entretanto, um homem que, sendo simples soldado, tivera suficiente energia para aprender a ler, a escrever e a contar devia compreender que, sendo capitão, devia instruir-se. Assim é que, desde essa época, leu com ardor os romances e os livros novos, os quais lhe deram meios-conhecimentos dos quais ele tirava bom partido. Na sua gratidão para com os professores, ele ia ao ponto de tomar a defesa de Pigault-Lebrun,⁹ dizendo que o achava instrutivo e muitas vezes profundo.

Esse oficial, a quem a prudência adquirida não consentia que fizesse nenhum ato inútil, acabava de deixar Grenoble e se dirigia para a Grande-Chartreuse depois de ter obtido do seu coronel uma licença de oito dias.

III — UM ESCLARECIMENTO

Não esperava fazer uma longa marcha; mas, enganado de légua em légua pelas informações mentirosas dos camponeses a quem

interrogava, julgou prudente não se aventurar mais longe sem primeiro reconfortar o estômago. Embora tivesse poucas probabilidades de encontrar uma dona de casa no seu reduto num momento em que todos estavam trabalhando no campo, deteve-se diante de algumas choupanas que faziam frente a uma área comum, circunscrevendo uma praça quadrada bastante irregular aberta por todos os lados. O chão desse território de família era firme e bem varrido, mas cortado por fossas de estrume. Roseiras, heras, altas ervas erguiam-se ao longo dos muros fendilhados. Na entrada da praça havia um raquítico pé de groselhas sobre o qual estavam trapos a secar. O primeiro habitante que Genestas encontrou foi um leitão espichado num montão de palha, o qual, ao ruído dos passos do cavalo, grunhiu, levantou a cabeça e fez um gato preto fugir. De repente apareceu uma jovem camponesa, com uma enorme trouxa na cabeça e seguida de longe por quatro guris esfarrapados, mas atrevidos, barulhentos, de olhos desavergonhados, bonitos, de tez morena, verdadeiros diabos que se assemelhavam a anjos. O sol cintilava e dava não sei quê de puro ao ar, às choupanas, aos momentos de esterco, ao pequeno bando surpreendido. O soldado perguntou se era possível conseguir uma xícara de leite. A rapariga, como única resposta, soltou um grito rouco. Uma mulher velha surgiu subitamente na soleira de uma choupana, e a jovem camponesa entrou num estábulo depois de, por um gesto, mostrar a velha, para a qual Genestas se encaminhou não sem sujeitar bem o cavalo a fim de não machucar as crianças, que já se lhe metiam entre as pernas. Repetiu seu pedido, ao qual a velha se recusou peremptoriamente satisfazer. Não queria, disse ela, tirar a nata das latas de leite destinadas a fazer manteiga. O oficial respondeu a essa objeção comprometendo-se a pagar compensadoramente os estragos; prendeu o cavalo no portal e entrou na choupana. As quatro crianças, que pertenciam a essa mulher, pareciam ter todas a mesma idade, circunstância entranha que impressionou o comandante. A velha tinha uma quinta quase suspensa à sua saia e que, fraca, pálida, doentia, exigia sem dúvida os maiores cuidados; não obstante, era o bem-amado, o benjamim.

Genestas sentou-se ao canto de uma chaminé sem fogo, sobre cujo manto se via uma Virgem de gesso colorido trazendo nos braços o menino Jesus. Tabuleta sublime! O chão da casa era de terra. Com o tempo, a terra primitivamente socada tornara-se rugosa, e, embora limpa, oferecia em ponto grande as calosidades de uma casca de laranja. Dependurados na chaminé havia um tamanco de pau cheio de sal, uma frigideira e um tacho. O fundo da peça estava ocupado por uma cama de colunas guarnecida com uma faixa rendilhada. Depois, aqui e ali, banquetas de três pés, feitas com três toros de pau metidos numa simples tábua de faia, uma gamela para amassar pão, uma colher grande de pau para tirar água, um balde e latas para leite, uma roda de

fiar com sua arca, alguns cestos pequenos para secar queijo, paredes negras, uma porta carcomida com bandeira aberta: tais eram a decoração e o mobiliário daquela pobre habitação.

Agora, eis aqui o drama a que assistiu o oficial que se divertia a chicotear o chão com o seu pingalim sem imaginar que ali se desenvolvia um drama. Quando a velha, seguida pelo seu benjamim tihoso, desapareceu por uma porta que dava para a leiteria, as quatro crianças, depois de terem examinado suficientemente o militar, começaram por se libertar do leitão. O animal, com o qual se divertiam habitualmente, viera até a soleira da porta; os fedelhos atiraram-se sobre ele com tanto vigor e aplicaram-lhe uns tapas tão característicos, que ele se viu forçado a uma retirada precipitada. Uma vez o inimigo fora, os guris atacaram uma porta cujo ferrolho, cedendo aos seus esforços, saiu dos gonzos gastos que o retinham; depois atiraram-se a uma espécie de fruteira, vendo-os então o comandante, a quem essa cena divertia, ocupados a roer ameixas secas. A velha de cara de pergaminho e de farrapos sujos voltou nesse momento, trazendo na mão uma vasilha com leite para seu hóspede.

— Ah! Sem-vergonhas! — disse ela.

Avançando para as crianças, segurou cada uma delas pelo braço, atirou-as no quarto, mas sem lhes tirar as ameixas, e fechou cuidadosamente a porta de seu celeiro.

— Quietos, quietos, meus anjinhos, tenham juízo. Se a gente não tivesse cuidado, esses danados eram capazes de comer um monte de ameixas — disse ela olhando para Genestas.

Sentou-se depois numa banquetta, pegou o tihoso no seu regaço e pôs-se a penteá-lo, erguendo-lhe a cabeça com destreza feminina e atenções maternas. Os quatro pequenos larápios permaneciam, uns de pé, os outros encostados na cama ou na arca, todos ranhentos e sujos, de resto, porém sadios, devorando suas ameixas sem dizer uma palavra, mas olhando para o estranho com ar sonso e zombeteiro.

— São filhos seus? — perguntou o militar à velha.

— Com perdão do senhor, são crianças do asilo. Dão-me três francos por mês e uma libra de sabão por cada uma delas.

— Mas, minha senhora, eles devem custar-lhe duas vezes isso.

— É justamente o que nos diz o sr. Benassis, mas, se outros recebem crianças por esse preço, não há remédio senão fazer o mesmo. Crianças, não as tem quem quer! Precisa-se ainda da cruz e da bandeira para consegui-las. Mesmo que lhes déssemos nosso leite de graça, este não nos custa nada. Aliás, senhor, três francos é uma quantia. Aqui temos quinze francos de ganho sem contar as libras de sabão. Nos nossos cantões, para ganhar meio franco por dia, é preciso uma canseira que só Deus sabe!

— Mas a senhora tem então terras de sua propriedade? — perguntou

o comandante.

— Não, senhor. Eu tinha, no tempo do meu defunto marido; mas depois que ele morreu tive tão pouca sorte que me vi obrigada a vendê-las.

— Mas então — indagou Genestas — como pode a senhora chegar sem dívidas ao fim do ano nessa tarefa de alimentar, lavar a roupa e criar fedelhos a dois *sous* por dia?

— Não, senhor — replicou ela, continuando a pentear o seu pequeno tihoso —, nós não chegamos sem dívidas ao dia de São Silvestre. Que quer? Deus nos ajuda. Tenho duas vacas. Além disso, eu e minha filha restolhamos durante a colheita, e no inverno vamos ao mato; e, finalmente, à noite nós fiamos. Ah! Mas que não venha um outro inverno como este último. Devo setenta e cinco francos de farinha ao moleiro. Felizmente, é o moleiro do sr. Benassis. O sr. Benassis, sim, é que é um amigo dos pobres! Ele nunca reclamou o que lhe devem, seja lá a quem for, e não vai começar por nós. Além disso, nossa vaca tem um bezerro, e isso sempre nos ajudará a pagar um pouquinho.

Os quatro órfãos, para os quais todas as proteções humanas se resumiam na afeição daquela velha camponesa, tinham acabado de comer as ameixas. Aproveitaram-se da atenção com que sua mãe olhava para o oficial enquanto conversava e se juntaram em coluna compacta para mais uma vez fazer saltar o trinco da porta que os separava do apetecido montão de ameixas. Para lá foram, não como os soldados franceses vão a um assalto, mas silenciosos como alemães, impelidos que eram por uma guloseima ingênua e brutal.

— Ah! Estes velhaquetes! Acabem com isso de uma vez!

A velha levantou-se, agarrou o mais forte dos quatro, deu-lhe uma leve palmada no traseiro e o pôs para fora; ele não chorou e os outros ficaram espantados.

— Eles lhe dão muito trabalho, não?

— Oh! Não, senhor, mas farejam minhas ameixas, os riquinhos. Se eu os deixasse sós um momento, eles arrebenariam.

— Gosta deles?

A essa pergunta a velha ergueu a cabeça, olhou o oficial com um ar mansamente escarninho e respondeu:

— Se gosto deles! Já entreguei três — acrescentou, suspirando —, só os guardo até os seis anos.

— Mas onde está o seu?

— Perdi-o.

— Mas que idade tem a senhora? — perguntou Genestas para destruir o efeito de sua pergunta anterior.

— Trinta e oito anos, senhor. No próximo São João vai fazer dois anos que meu homem morreu.

Terminava de vestir o pequeno doentio, o qual parecia agradecer-lhe

com um olhar pálido e terno.

“Que vida de abnegação e de trabalho!”, pensou o cavaleiro.

Embaixo daquele teto, digno do estábulo em que Jesus Cristo nasceu, cumpriam-se alegremente e sem orgulho os mais difíceis deveres da maternidade. Que corações sepultados sob o mais profundo esquecimento! Que riqueza e que pobreza! Os militares, melhor do que os outros homens, sabem apreciar o que há de magnífico no sublime de tamancos, no Evangelho em farrapos. Em outra parte está o Livro, o texto ilustrado, bordado, recortado, encadernado em marroquim ondulado, em tabi, em cetim; mas ali, indiscutivelmente, estava o espírito do Livro. Seria impossível não acreditar em alguma religiosa intenção do céu ao ver aquela mulher que se fizera mãe como Jesus Cristo se fez homem, que restolhava, sofria, endividava-se por crianças abandonadas e enganava-se nos seus cálculos, sem querer reconhecer que se arruinava em ser mãe. Ante o aspecto daquela mulher era preciso admitir-se, necessariamente, alguma simpatia entre os bons cá da terra e as inteligências lá de cima; pelo que o Comandante Genestas contemplou-a meneando a cabeça.

— O sr. Benassis é um bom médico? — perguntou ele finalmente.

— Não sei, meu caro senhor, mas ele cura os pobres de graça.

“Segundo parece”, disse Genestas falando consigo mesmo, “esse homem é decididamente um homem.”

— Oh! Sim, senhor, e um homem de bem! Por isso não há aqui ninguém que se esqueça dele nas orações da manhã e da noite!

— Aqui está para a senhora, mamãezinha — disse o militar dando-lhe algumas moedas. — E aqui está para as crianças — acrescentou, dando-lhe um escudo. — Estarei ainda muito longe da casa do sr. Benassis? — perguntou, já a cavalo.

— Oh! Não, meu caro senhor, quando muito uma leguazinha.

O comandante seguiu viagem, convencido de que lhe restavam duas léguas a caminhar.¹⁰

IV — O BURGO

Não obstante, dali a pouco viu através de algumas árvores um primeiro grupo de casas; depois, os telhados de outro grupo, apinhados em torno de um campanário que se erguia em cone e cujas ardósias eram detidas nos ângulos do vigamento por lâminas de lata que reluziam ao sol. Essa cobertura, de efeito original, anuncia a fronteira da Saboia, onde é de uso. Nesse lugar o vale é largo. Várias casas pitorescamente situadas na pequena planície ou ao longo da torrente animam aquela região bem cultivada, fortificada por todos os lados pelas montanhas e sem saída aparente. A poucos passos daquele burgo situado a meia encosta, para o

sul, Genestas deteve o cavalo embaixo de uma avenida de olmos, diante de um bando de crianças, e perguntou-lhes pela casa do sr. Benassis. Os pequenos começaram por se olhar uns aos outros, e por examinar o forasteiro com o ar com que observam tudo o que se lhes apresenta pela primeira vez ante os olhos; outros tantos pensamentos diferentes. Depois, o mais descarado, o mais gaiato do bando, um rapazote de olhos vivos, de pés descalços enlameados, repetiu-lhe, segundo o hábito das crianças:

— A casa do sr. Benassis? — e acrescentou: — Vou levá-lo até lá.

Caminhou na frente do cavalo, não só para conquistar uma espécie de importância acompanhando um estranho, como por uma solicitude infantil, ou para obedecer à imperiosa necessidade de movimento que, nessa idade, governa o espírito e o corpo. O oficial seguiu em toda a sua extensão a principal rua do burgo, rua empedrada, cheia de sinuosidades, ladeada de casas construídas ao bel-prazer dos proprietários. Ali, um forno entra via pública adentro; aqui, uma empena apresenta-se de perfil e a atravessa em parte; depois, um regato vindo da montanha corta-a com seus regos. Genestas viu vários telhados de tábuas pretas, maior número ainda de palha, alguns de telha e sete ou oito de ardósias, certamente o do cura, o do juiz de paz e os dos burgueses da localidade. Era toda a negligência de uma aldeia para além da qual não haveria mais terras, que parecia não ir ter a nada e a nada estar ligada; seus habitantes pareciam formar uma mesma família fora do movimento social e a ele não se ligar a não ser pelo coletor de impostos ou por imperceptíveis ramificações.

Quando Genestas deu mais alguns passos, viu no alto da montanha uma rua larga que domina aquela aldeia. Havia sem dúvida um burgo velho e um novo. Efetivamente, por uma aberta e num lugar em que o comandante moderou o passo do seu cavalo, pôde examinar facilmente casas bem construídas, cujos telhados novos alegavam a antiga aldeia. Nessas habitações novas, coroadas por uma avenida de árvores novas, ouviu os cantos peculiares aos operários no trabalho, o murmúrio de algumas oficinas, um ranger de limas, o ruído dos martelos, os gritos confusos de vários industriais. Notou a débil fumaça das chaminés das casas de família e a mais abundante das forjas do carpinteiro, do serralheiro, do ferrador. Enfim, na extremidade da aldeia para onde seu guia o estava conduzindo, Genestas viu granjas esparsas, campos bem cultivados, plantações perfeitamente cuidadas e como que um pequeno recanto da Brie perdido numa vasta dobra de terreno, de cuja existência entre o burgo e as montanhas que terminam a região, à primeira vista, ele não teria podido suspeitar.

Não demorou muito a que o menino dissesse:

— Aí está a porta da casa *dele*.

O oficial desceu do cavalo e passou as rédeas pelo braço; depois, lembrando-se de que todo trabalho merece um salário, puxou do bolso alguns *sous* e ofereceu-os ao pequeno, que os recebeu com ar espantado, arregalou os olhos, não agradeceu e ficou ali para ver.

“Neste lugar a civilização está pouco adiantada, as religiões do trabalho estão em pleno vigor e a mendicância ainda não penetrou”, pensou Genestas.

Mais curioso do que interessado, o guia do militar encostou-se num muro de apoio da altura de seu cotovelo, que servia para fechar o pátio da casa e no qual estava fixada uma grade de madeira enegrecida de cada lado dos pilares da porta.

Essa porta, cheia na parte inferior e em outros tempos pintada de cinzento, era terminada por barrotes amarelos talhados como ponta de lança. Esses ornamentos, cujas cores já tinham desmaiado, completavam um crescente no alto de cada batente e se juntavam formando uma grande pinha representada pela parte superior dos montantes quando a porta estava fechada. Esse portal, roído pelos vermes, manchado pelo veludo dos musgos, estava quase destruído pela ação alternada do sol e da chuva. Encimados por algumas aloés e parietárias nascidas ao acaso, os pilares ocultavam os troncos de duas acácias *inermis*¹¹ plantadas no pátio e cujas frondes verdes se erguiam em forma de borla para pó de arroz. O estado daquele portal traía no proprietário um desleixo que pareceu desagradar ao oficial, que franziu os sobrolhos como um homem forçado a renunciar a alguma ilusão. Estamos habituados a julgar os outros por nós, e se os absolvemos com complacência dos nossos defeitos, nós os condenamos severamente por não terem as nossas qualidades. Se o comandante queria que o sr. Benassis fosse um homem cuidadoso ou metódico, evidentemente a porta de sua casa denunciava uma completa indiferença em matéria de propriedade. Um soldado apaixonado pela economia doméstica tanto quanto era Genestas, devia, pois, concluir prontamente, pelo portal, o que seria a vida e o caráter do desconhecido; coisa que, não obstante sua circunspecção, ele não deixou de fazer. A porta estava entreaberta, outra negligência! Sob a fé dessa confiança rústica, o oficial penetrou sem cerimônia no pátio, prendeu o cavalo nos barrotes da grade e, enquanto amarrava as rédeas ali, um relincho saiu de uma estrebaria para a qual cavalo e cavaleiro dirigiram involuntariamente o olhar; um velho criado abriu a porta dessa estrebaria e mostrou a cabeça coberta com o boné de lã encarnada de uso na região, o qual se assemelha perfeitamente ao barrete frígio com que se adorna a Liberdade. Como havia ali lugar para vários cavalos, o velhote, depois de ter perguntado a Genestas se ele vinha ver o sr. Benassis, ofereceu-lhe a hospitalidade da

estrebaria para o cavalo, olhando com expressão de ternura e de admiração para o animal, que era muito bonito. O comandante acompanhou o cavalo para ver como ele ia ficar. A estrebaria era limpa, a cama de palha abundante e os dois cavalos de Benassis tinham esse ar feliz que, entre numerosos cavalos, faz reconhecer o de um cura. Uma criada, vinda do interior da casa para a escada exterior, parecia esperar oficialmente as perguntas do desconhecido, a quem o criado da cocheira já tinha informado que o sr. Benassis saía.

— O patrão foi ao moinho de trigo — disse ele. — Se o senhor quiser ir encontrá-lo, não tem mais do que seguir a vereda que leva à várzea; o moinho está na extremidade dela.

Genestas preferiu ver a região a esperar indefinidamente a volta de Benassis, e meteu-se pelo caminho do moinho de trigo. Depois de ultrapassar a linha irregular que o burgo traça na encosta da montanha, ele viu o vale, o moinho e uma das mais deliciosas paisagens que já vira.

Detido pela base das montanhas, o rio forma um pequeno lago, acima do qual os picos se elevam de andar em andar, deixando entrever seus numerosos vales pelas diferentes tonalidades da luz ou pela pureza mais ou menos viva de suas arestas, todas elas povoadas de pinheiros negros. O moinho, recentemente construído na queda da torrente, no pequeno lago, tem a sedução de uma casa isolada que se oculta no meio das águas, entre as copas de várias árvores aquáticas. Do outro lado do rio, no sopé da montanha, naquele momento, fracamente iluminada no cume pelos raios vermelhos do sol poente, Genestas entreviu uma dúzia de choupanas abandonadas, sem janelas nem portas; seus telhados estragados deixavam ver rombos bastante grandes; as terras das redondezas formavam campos perfeitamente lavrados e semeados; seus antigos jardins convertidos em prados eram regados por sistemas de irrigação tão perfeitos quanto os do Limousin. O comandante parou maquinalmente para contemplar os destroços daquela aldeia.

Por que será que os homens não contemplam sem uma profunda emoção qualquer ruína, mesmo a mais humilde? Com certeza elas são para eles uma imagem da desgraça, cujo peso é por eles sentido de modo tão diverso. Os cemitérios fazem pensar na morte, uma aldeia abandonada faz meditar sobre os desgostos da vida. A morte é uma infelicidade prevista. Os desgostos da vida são infinitos. Não é o infinito o segredo das grandes melancolias? O oficial alcançara a calçada empedrada do moinho sem ter podido explicar-se o abandono daquela aldeia; indagou por Benassis a um trabalhador do moinho que estava sentado sobre sacos de trigo à porta da casa.

— O sr. Benassis foi ali — disse o moleiro apontando para uma das choupanas em ruína.

— Esta aldeia foi queimada? — perguntou o comandante.

— Não, senhor.

— Por que então está ela assim? — indagou Genestas.

— Ah! Por quê? — respondeu o obreiro, dando de ombros e entrando em casa. — O sr. Benassis lhe dirá.

VI — EIS O HOMEM

O oficial passou por uma espécie de ponte feita com grandes pedras, por entre as quais corria a torrente, e pronto chegou à casa indicada. O telhado de palha dessa casa ainda estava inteiro, coberto de musgo, mas sem buracos, e os ferrolhos pareciam estar em bom estado. Ao entrar, Genestas viu fogo na chaminé, no canto da qual estava uma mulher idosa ajoelhada diante de um doente sentado numa cadeira, e um homem de pé com o rosto virado para a lareira. O interior dessa casa era constituído por um único quarto, iluminado por um miserável caixilho envidraçado coberto de pano. O chão era de terra batida. A cadeira, uma mesa e um catre compunham todo o mobiliário. O comandante jamais vira nada tão simples nem tão despido, mesmo na Rússia, onde as cabanas dos mujiques se assemelham a covis de feras. Não havia ali nada que lembrasse as coisas da vida, nem sequer se via um qualquer utensílio necessário à preparação do mais grosseiro alimento. Dir-se-ia o nicho de um cão sem a sua gamela. Não fosse o catre, uma blusa pendurada num prego e tamancos guarnecidos de palha, única vestimenta do doente, aquela choupana pareceria tão abandonada como as outras. A mulher ajoelhada, uma camponesa muito velha, esforçava-se por manter os pés do doente numa tina cheia de água pardacenta. Ao ouvir um passo que o ruído das esporas tornava insólito para ouvidos acostumados ao caminhar monótono da gente do campo, o homem virou-se para Genestas, manifestando uma espécie de surpresa partilhada pela velha.

— Não preciso — disse o militar — perguntar se é o sr. Benassis. Estranho ao lugar e impaciente por vê-lo, o senhor me desculpará por ter vindo procurá-lo no seu campo de batalha em vez de esperá-lo em sua casa. Não se preocupe comigo; faça o que tem de fazer. Quando acabar, eu lhe direi o motivo da minha visita.

Genestas sentou-se a meio no rebordo da mesa e ficou calado.

O fogo espalhava pela choupana um clarão mais vivo que o do sol, cujos raios, quebrados pelos cumes das montanhas, nunca podem chegar a essa parte do vale. À claridade desse fogo, feito com alguns galhos de pinho resinoso que mantinham uma chama brilhante, o militar pôde ver o rosto do homem que um secreto interesse o compelia a buscar, a estudar, a conhecer perfeitamente. O sr. Benassis, médico do cantão, ficou de braços cruzados, ouviu Genestas friamente, retribuiu-lhe a saudação e virou-se para o doente sem se julgar objeto de um

exame tão sério como foi o do militar.

Benassis era um homem de estatura comum, porém de ombros largos e peito desenvolvido. Uma ampla sobrecasaca verde, abotoada até o pescoço, impediu o oficial de perceber os detalhes tão característicos daquela personagem ou de sua atitude; a sombra, porém, e a imobilidade na qual o corpo ficou serviram para fazer sobressair o rosto, naquele instante iluminado por um reflexo das chamas. Aquele homem tinha uma fisionomia semelhante à de um sátiro: a mesma testa levemente arqueada, mas cheia de proeminências, todas elas mais ou menos significativas; o mesmo nariz arrebitado, espirituosamente rachado na ponta, as mesmas maçãs salientes. A boca era sinuosa, os lábios grossos e vermelhos. O queixo dobrava-se bruscamente para cima. Os olhos castanhos e animados por um olhar vivo, ao qual a cor nacarada do branco do olho dava um grande brilho, exprimiam paixões amortecidas. Os cabelos, outrora pretos e agora grisalhos, as profundas rugas da face e as espessas sobrancelhas já embranquecidas, o nariz que se tornara cheio de nódulos e de vênulas, sua tez macilenta e sulcada de manchas vermelhas, tudo nele indicava a idade de cinquenta anos e os rudes trabalhos de sua profissão. O oficial nada mais pôde senão presumir a capacidade da cabeça, no momento coberta com um gorro; mas, embora oculta por este, pareceu-lhe ser uma dessas cabeças proverbialmente designadas de *cabeças quadradas*.

Habitado, pelas relações que tivera com os homens de energia que Napoleão buscava, a distinguir os traços das pessoas destinadas às grandes coisas, Genestas suspeitou da existência de algum mistério naquela vida obscura, e a si mesmo disse ao ver aquele semblante extraordinário: “Por que acaso permaneceu ele médico rural?”.

VII — É A VIDA? É A MORTE?

Depois de ter seriamente observado aquele rosto, que apesar das suas analogias com os demais rostos humanos traía uma existência secreta em desacordo com as suas vulgaridades aparentes, ele partilhou necessariamente da atenção que o médico prestava ao doente, e a vista desse doente mudou completamente o curso de seus pensamentos.

Apesar dos inúmeros espetáculos de sua vida militar, o velho cavaleiro experimentou um movimento de surpresa acompanhado de horror ao ver um rosto humano no qual o pensamento jamais devia ter brilhado, faces lívidas nas quais o sofrimento se mostrava ingênuo e silencioso, como no rosto de uma criança que ainda não sabe falar e não pode mais gritar, enfim, o rosto inteiramente animal de um velho cretino agonizante. O cretino era a única variedade da espécie humana

que o chefe de esquadrão ainda não tinha visto. Ante o aspecto de uma testa cuja pele formava uma espessa prega redonda, de dois olhos semelhantes aos de um peixe cozido, de uma cabeça coberta de cabelos curtos e enfezados aos quais faltava nutrição, cabeça completamente deprimida e desprovida de órgãos sensitivos, quem não experimentaria, como Genestas, um sentimento de nojo involuntário por uma criatura que não tinha nem as graças do animal nem os privilégios do homem, que nunca tivera nem razão nem instinto, e jamais ouvira ou falara nenhuma espécie de linguagem? Ao ver chegar aquele pobre ser ao termo de uma carreira que não era a vida, parecia difícil conceder-lhe uma saudade; entretanto, a velha contemplava-o com tocante inquietação e passava as mãos sobre a parte das pernas que a água quente ainda não molhara, com tanta afeição como se fosse seu marido. O próprio Benassis, depois de ter estudado aquele semblante morto e aqueles olhos sem luz, veio segurar de mansinho a mão do cretino e tomou-lhe o pulso.

— O banho não está dando resultado — disse ele meneando a cabeça —; vamos deitá-lo outra vez.

Ele mesmo levantou aquela massa de carne, transportou-a para o catre de onde, sem dúvida, a tinha tirado, estendeu-a cuidadosamente esticando as pernas já quase frias do doente, arrumando a cabeça e as mãos com o cuidado que uma mãe poderia ter pelo filho.

— Está tudo acabado, vai morrer — acrescentou Benassis, ficando de pé junto à cama.

A velha, com as mãos nos quadris, olhou o moribundo deixando correr algumas lágrimas. O próprio Genestas ficou silencioso, sem poder explicar a si mesmo como podia a morte de uma criatura tão pouco interessante causar-lhe tanta impressão. Instintivamente já partilhava a piedade ilimitada que essas desgraçadas criaturas inspiram nos vales privados de sol onde a natureza os colocou. Esse sentimento, degenerado em superstição religiosa nas famílias a que pertencem os cretinos, não derivará da mais bela das virtudes cristãs, a caridade, e da fé mais solidamente útil à ordem social, a ideia das recompensas futuras, única que faz com que aceitemos nossas misérias? A esperança de merecer a felicidade eterna ajuda os pais desses pobres seres, e os que os cercam, a exercer em larga escala os cuidados da maternidade na sublime proteção incessantemente dispensada a uma criatura inerte que inicialmente não a compreende e mais tarde a esquece. Admirável religião! Colocou os auxílios de uma beneficência cega junto a um cego infortúnio. Nos lugares em que existem cretinos, a população crê que a presença de um ser dessa espécie traz felicidade à família. Essa crença serve para tornar suave uma vida que, dentro das cidades, seria condenada aos rigores de uma falsa filantropia e à disciplina de um hospício. No vale superior do Isère, onde existem em grande

quantidade, os cretinos vivem ao ar livre com os rebanhos para cuja guarda foram educados. Pelo menos assim são livres e respeitados como o deve ser a desgraça. Fazia um momento, o sino da aldeia dava badaladas espaçadas por intervalos iguais para anunciar aos fiéis a morte de um deles. Ao viajar pelo espaço, esse pensamento religioso chegava enfraquecido à choupana, onde espalhava uma doce melancolia. Numerosos passos repercutiram no caminho e anunciaram uma multidão, mas uma multidão silenciosa. Depois, os cânticos da igreja reboaram repentinamente, despertando as ideias confusas que empolgam as almas mais incrédulas, obrigadas a ceder às tocantes harmonias da voz humana. A Igreja vinha em auxílio daquela criatura que não a conhecia. Chegou o cura, precedido por um menino do coro que trazia a cruz e seguido do sacristão, que trazia o vaso de água benta, além de uma meia centena de mulheres, velhos, crianças, todos vindos para juntar suas preces às da igreja.

O médico e o militar entreolharam-se em silêncio e retiraram-se para um canto a fim de dar lugar à multidão, a qual se ajoelhou dentro e fora da choupana. Durante a consoladora cerimônia do viático, celebrada para aquela criatura que jamais pecara, mas à qual o mundo cristão dizia adeus, a maioria daqueles rostos grosseiros ficou sinceramente enternecida. Algumas lágrimas correram por aquelas faces rachadas pelo sol e queimadas pelos trabalhos ao ar livre. Esse sentimento de parentesco voluntário era de uma simplicidade absoluta. Não havia ninguém na comuna que não lamentasse aquele pobre ser, que não lhe tivesse dado seu pão cotidiano; não encontraria ele um pai em cada menino e uma mãe na mais risonha meninazinha?

— Morreu — disse o cura.

Essa palavra excitou a mais verdadeira consternação. Os círios foram acesos. Várias pessoas quiseram passar a noite junto ao corpo. Benassis e o militar saíram. Na porta, alguns camponeses detiveram o médico para dizer-lhe:

— Ah! Senhor *maire*, se o senhor não o salvou foi porque Deus, sem dúvida, queria chamá-lo a si.

— Fiz o que pude, meus filhos — respondeu o doutor. — O senhor não pode imaginar — disse ele a Genestas, quando se achavam a alguns passos da aldeia abandonada cujo último habitante acabava de morrer — quantas consolações verdadeiras as palavras desses camponeses encerram para mim. Faz dez anos escapei de ser apedrejado nesta aldeia, hoje deserta, mas, na época, habitada por trinta famílias.

Genestas manifestou uma interrogação tão visível na sua fisionomia e nos seus gestos, que o médico, enquanto caminhavam, contou-lhe a história anunciada por aquele começo.

VIII — O GRANDE PROBLEMA DE UM LUGAR PEQUENO

— Quando eu vim estabelecer-me aqui, senhor, encontrei nesta parte do cantão uma dúzia de cretinos — disse o médico voltando-se e apontando para as casas em ruínas. — A situação deste povoado, numa escavação sem correntes de ar, junto a uma torrente cuja água provém da fusão das neves, privado dos benefícios do sol, que só ilumina o cume da montanha, tudo isso favorece a propagação dessa horrível doença. As leis não proíbem os contatos sexuais entre esses infelizes, protegidos aqui por uma superstição cujo poder me era desconhecido, que a princípio condenei e mais tarde admirei. O cretinismo ter-se-ia estendido, pois, desde este lugar até o vale. Não era prestar um grande serviço à região suprimir esse contágio físico e intelectual? Apesar de sua urgência, esse benefício podia custar a vida àquele que tentasse realizá-lo. Aqui, como nas demais esferas sociais, para realizar o bem era preciso contrariar, não interesses, mas uma coisa mais difícil de manejar, ideias religiosas transformadas em superstição, a mais indestrutível forma das ideias humanas. Não me arreceei de nada. Solicitei antes de mais nada o cargo de *maire* do cantão e obtive-o; em seguida, depois de receber a aprovação verbal do prefeito, fiz transportar, à noite e à força de dinheiro, algumas dessas infelizes criaturas para o lado de Aiguebelle, na Saboia, onde elas abundam e onde deviam ser muito bem-tratadas. Assim que esse ato de humanidade foi conhecido, tornei-me objeto de horror para toda a população. O cura fez prédicas contra mim. Apesar dos meus esforços para explicar às melhores cabeças do burgo o quanto a expulsão desses cretinos era importante, apesar da assistência gratuita que eu prestava aos pobres da terra, deram-me um tiro de espingarda num canto do bosque. Fui procurar o bispo de Grenoble e pedi-lhe a transferência do cura. Monsenhor teve a bondade de me permitir a escolha de um padre que pudesse associar-se às minhas obras, e tive a felicidade de encontrar uma dessas criaturas que parecem caídas do céu. Continuei com o meu empreendimento. Depois de trabalhar os espíritos, deportei à noite outros seis cretinos. Nesta segunda tentativa, tive como defensores alguns daqueles que me deviam obrigações e os membros do conselho da comuna cuja avareza eu interessei, demonstrando-lhes o quanto a manutenção daqueles pobres seres era dispendiosa, o quanto seria de proveito para o burgo converter as terras possuídas por eles, sem títulos, em terras comunais de que o burgo carecia. Tive por mim os ricos; mas os pobres, as velhas, as crianças e alguns emperrados mostraram-se-me hostis. Por infelicidade, meu último rapto fez-se de modo incompleto. O cretino que o senhor acaba de ver não tinha voltado para casa, não o tinham pagado, e, no dia seguinte, achou-se,

único de sua espécie, na aldeia, na qual ainda habitavam algumas famílias, cujos membros, quase imbecis, estavam isentos ainda de cretinismo. Quis terminar minha obra e vim, de dia, com as insígnias para arrancar esse infeliz de sua casa. Minha intenção foi conhecida logo que saí de casa; os amigos do cretino se me anteciparam e encontrei em casa dele um ajuntamento de mulheres, de crianças, de velhos, os quais, todos, me receberam com injúrias acompanhadas de uma saraivada de pedras. Nesse tumulto, no qual eu ia talvez perecer, vítima dessa verdadeira embriaguez que se apodera de uma multidão exaltada pelos gritos e pela agitação de sentimentos expressos em comum, fui salvo pelo cretino! Essa pobre criatura saiu da choupana, fez ouvir seu cacarejo e apareceu como o chefe supremo daqueles fanáticos. Ante aquela aparição, os gritos cessaram. Tive a ideia de propor uma transação, e pude apresentá-la graças à calma que tão felizmente sobreviera. Aqueles que me aprovavam não se atreveriam, seguramente, a me apoiar naquela circunstância, seu auxílio devia ser puramente passivo; aquela gente supersticiosa ia vigiar com a maior atividade pela conservação do seu último ídolo; pareceu-me ser impossível tirar-lha. Prometi, pois, deixar o cretino em paz na sua casa, com a condição de que ninguém se aproximasse dele, que as famílias dessa aldeia atravessariam o rio e viriam morar no burgo em casas novas que eu me encarregava de construir, juntando-lhes terras cujo preço me seria mais tarde reembolsado pela comuna. Pois bem, meu caro senhor, foram-me precisos seis meses para vencer as resistências que a execução desse convênio provocou, por mais vantajoso que fosse para as famílias desta aldeia. A afeição da gente do campo pelos seus casebres é uma coisa inexplicável. Por mais insalubre que seja seu rancho, um camponês prende-se a ele muito mais do que um banqueiro ao seu palácio. Por quê? Não sei. É possível que a força dos sentimentos se intensifique em razão de sua raridade. Talvez o homem que vive pouco pelo pensamento viva muito pelas coisas, e quanto menos coisas possui, sem dúvida, tanto mais amor lhes tem. Acontecerá talvez com o campônio o que acontece com o preso... não dispersa as forças de sua alma, concentra-as numa única ideia, e chega então a uma grande energia de sentimento. Perdoe essas reflexões a um homem que raramente troca ideias. De resto, não creia, senhor, que eu me tenha ocupado muito com ideias ocas. Aqui tudo deve ser prática e ação. Infelizmente, quanto menos ideias tem essa pobre gente, mais difícil se torna fazer-lhe compreender seus verdadeiros interesses. Por isso, resignei-me a todas as minúcias do meu empreendimento. Cada um deles dizia-me a mesma coisa, uma dessas coisas cheias de bom-senso e que não admitem resposta: “Ah! Senhor, suas casas novas ainda não estão construídas!”. “Pois bem!”, dizia-lhes eu, “prometam-me vir habitá-las assim que estiverem prontas”. Felizmente, senhor, fiz com

que ficasse estabelecido que o nosso burgo era proprietário de toda a montanha ao pé da qual se acha a aldeia hoje abandonada. O valor dos matos situados nas alturas bastou para pagar as terras e as casas prometidas, as quais foram construídas. Quando uma única das minhas famílias recalcitrantes lá se estabeleceu, as outras não tardaram a imitá-la. O bem-estar que resultou dessa mudança foi por demais sensível para não ser apreciado pelos que, supersticiosamente, mais aferrados eram à sua aldeia sem sol, o que vale dizer sem alma. A conclusão desse caso e a conquista dos bens comunais, cuja posse nos foi confirmada pelo Conselho de Estado, fizeram-me adquirir uma grande importância no cantão. Mas quanto trabalho, senhor! — disse o médico, detendo-se e erguendo uma mão que deixou cair num gesto cheio de eloquência. — Somente eu conheço a distância do burgo à Prefeitura, de onde nada sai, e da Prefeitura ao Conselho de Estado, onde nada entra.

E prosseguiu:

— Enfim, paz às potências da terra; cederam às minhas importunações, o que já é muito. Se o senhor soubesse o bem causado por uma assinatura aposta despreocupadamente!... Dois anos depois de ter tentado tão grandes pequenas coisas e de as ter levado a termo, todas as pobres famílias da minha comuna possuíam pelo menos duas vacas e as mandavam pastar na montanha, onde, sem esperar autorização do Conselho de Estado, eu tinha praticado irrigações transversais como as da Suíça, da Auvergne e do Limousin. Com grande surpresa, a gente do burgo viu surgirem lá excelentes pastagens e obtiveram maior quantidade de leite, graças à melhor qualidade das pastagens. Os resultados dessa conquista foram imensos. Todos imitaram as minhas irrigações. Os prados, o gado, todas as produções se multiplicaram. Desde então pude sem receio tomar a peito melhorar este canto de terra ainda inculto e civilizar seus habitantes, até então desprovidos de inteligência. Enfim, senhor, nós, os solitários, somos muito tagarelas; se nos fazem uma pergunta, nunca se sabe onde acabará a resposta. Quando cheguei a este vale a população era de setecentas almas; agora sobe a duas mil. O caso do último cretino valeu-me a estima de todos. Depois de ter patenteado constantemente aos meus administrados mansuetude e firmeza ao mesmo tempo, tornei-me o oráculo do cantão. Fiz tudo para merecer a confiança, sem solicitá-la, nem parecer desejá-la; procurei somente inspirar a todos o maior respeito por minha pessoa por ter sabido cumprir religiosamente todos os meus compromissos, mesmo os mais frívolos. Tendo prometido cuidar da pobre criatura que o senhor acaba de ver morrer, eu a atendi melhor do que o tinham feito seus precedentes protetores. Ela foi alimentada e tratada como filho adotivo da comuna. Mais tarde, os habitantes acabaram por compreender o serviço que eu lhes prestara

mesmo contra a sua vontade. Não obstante, conservaram ainda um resto de sua antiga superstição; não serei eu quem os censure; não me serviu tantas vezes o culto deles pelo cretino de pretexto para impelir os que tinham inteligência a auxiliar os infelizes?

IX — UMA COZINHEIRA FELIZ

— Mas eis-nos chegados — disse Benassis, após uma pausa, ao ver o telhado de sua casa.

Longe de esperar o menor elogio ou agradecimento daquele que o ouvia, o doutor, ao narrar esse episódio de sua vida administrativa, parecia ter cedido ao ingênuo desejo de expansão a que obedecem as pessoas segregadas do mundo.

— Senhor — disse-lhe o comandante —, tomei a liberdade de pôr meu cavalo na sua estrebaria, e o senhor terá a bondade de me desculpar quando eu lhe tiver exposto o fim da minha viagem.

— Ah! E qual é ele? — perguntou Benassis com o ar de quem se desprende de uma preocupação e se lembra de que o companheiro é um estranho.

Devido ao seu caráter franco e comunicativo, ele acolhera Genestas como um antigo conhecido.

— Senhor — respondeu o militar —, ouvi falar da cura quase milagrosa do sr. Gravier, de Grenoble, que o senhor recebeu em sua casa. Venho com a esperança de obter os mesmos cuidados, sem ter os mesmos títulos à sua benevolência; entretanto, talvez a tenha merecido! Sou um velho militar a quem ferimentos antigos não deixam em paz. O senhor precisará nunca menos de oito dias para examinar o estado em que me acho, porquanto minhas dores só aparecem de quando em quando, e...

— Pois bem, senhor — interrompeu-o Benassis —, o quarto do sr. Gravier está sempre pronto, venha...

Entraram na casa, cuja porta foi então empurrada pelo médico com uma vivacidade que Genestas atribuiu ao prazer de ter um pensionista.

— Jacquotte — gritou Benassis —, este senhor vai jantar aqui.

— Mas, senhor — disse o soldado —, não seria conveniente nos acertarmos no preço?

— Preço de quê? — perguntou o médico.

— De uma pensão. O senhor não deve sustentar a mim e ao meu cavalo sem...

— Se o senhor é rico, pagará bem; do contrário, não quero nada.

— Nada — replicou Genestas — parece-me muito caro. Mas, rico ou pobre, dez francos por dia, sem contar o custo dos seus serviços profissionais, parece-lhe bem?

— Nada me parece tão mal como receber uma quantia qualquer pelo prazer de exercer a hospitalidade — replicou o médico franzindo os sobrolhos. — Quanto aos meus serviços, o senhor só os terá se me agradar. Os ricos não poderiam comprar meu tempo, ele pertence à gente deste vale. Não quero nem glória nem fortuna, não peço aos meus doentes nem louvores nem gratidão. O dinheiro que o senhor me der irá para as farmácias de Grenoble, a fim de pagar os medicamentos indispensáveis aos pobres do cantão.

Quem ouvisse essas palavras, soltas bruscamente, mas sem amargor, diria intimamente, como Genestas:

“Aqui está um homem de bom estofo”.

— Senhor — respondeu o militar, com sua tenacidade habitual —, eu lhe darei, portanto, dez francos por dia e o senhor fará deles o que quiser. Isto posto, nós nos entenderemos melhor — acrescentou, tomando a mão do médico e apertando-a com uma cordialidade cativante. — Apesar dos meus dez francos, o senhor verá que eu não sou um árabe.

Depois desse combate, no qual não houve da parte de Benassis o menor desejo de parecer generoso nem filantropo, o pretenso doente entrou na casa do seu médico, onde tudo estava de acordo com a decadência da porta e com o vestuário do dono. As menores coisas atestavam nela a mais profunda despreocupação por tudo o que não fosse de essencial utilidade. Benassis fez Genestas passar pela cozinha, o mais curto caminho para ir à sala de jantar. Se aquela cozinha, enfumaçada como a de uma taberna, estava guarneçada de utensílios em quantidade suficiente, esse luxo era obra de Jacquotte, antiga criada do cura, que dizia *nós* e reinava soberanamente na casa do médico. Se havia atravessado em cima do manto da chaminé um esquentador bem areado, era isso devido a que Jacquotte, provavelmente, gostava de deitar-se no quente durante o inverno, e por ricochete aquecia as cobertas do patrão, o qual, dizia ela, não se lembrava de nada; mas Benassis empregara-a por causa de uma coisa que para outro seria um defeito intolerável. Jacquotte queria dominar na casa, e o médico desejara encontrar uma mulher que dominasse na sua residência. Jacquotte comprava, vendia, acomodava, mudava, colocava e deslocava, arrumava e desarrumava tudo a seu bel-prazer; nunca seu patrão lhe fizera uma única observação. Por isso, Jacquotte administrava, sem ser fiscalizada, o pátio, a estrebaria, o criado, a cozinha, a casa, o jardim e o patrão. Por sua exclusiva autoridade mudava-se e lavava-se a roupa, e se armazenavam as provisões. Era ela quem decidia da entrada em casa e do sacrifício dos porcos; ralhava com o jardineiro, estabelecia o cardápio do almoço e do jantar, ia da adega ao sótão, do sótão à adega, varrendo tudo segundo sua fantasia sem achar nada que lhe resistisse. Benassis somente duas coisas quisera: jantar às seis horas e não gastar

senão determinada quantia por mês.

Uma mulher a quem tudo obedece vive cantando; por isso Jacquotte ria, gorjeava pelas escadas, sempre trauteando quando não cantava e cantando quando não trauteava. Naturalmente asseada, ela trazia a casa perfeitamente limpa. Se tivesse tido um gosto diferente, o sr. Benassis, dizia ela, teria sido muito infeliz, porque o pobre homem era tão pouco observador que se podia fazer com que comesse repolho por perdizes; não fosse ela, ele ficaria seguidamente oito dias com a mesma camisa. Jacquotte, porém, era uma incansável arrumadeira de roupa, por caráter esfregadora de móveis, apaixonada por um asseio bem eclesiástico, o mais minucioso, o mais lustroso, o mais suave dos asseios. Inimiga da poeira, espanava, lavava, branqueava constantemente. O estado da porta exterior causava-lhe um grande pesar. Fazia dez anos que arrancava do patrão, em todos os primeiros do mês, a promessa de renovar aquela porta, de rebocar as paredes da casa e de arranjar tudo lindamente, e o patrão não cumprira ainda sua promessa. Por isso, quando lhe acontecia lamentar a profunda despreocupação de Benassis, nunca deixava de proferir esta frase sacramental com que terminava todos os louvores do patrão:

— Não se pode dizer que ele seja tolo, pois faz, pode-se dizer, milagres aqui na terra; mas, assim mesmo, às vezes é tolo de verdade, mas tolo a ponto de ser preciso pôr-lhe tudo nas mãos como a uma criança!

Jacquotte gostava da casa como de uma coisa sua. De resto, depois de nela ficar vinte e dois anos, não tinha o direito de criar essa ilusão? Ao vir para a localidade, Benassis, tendo achado aquela casa à venda por morte do cura, comprara tudo, muros e terrenos, móveis, louça, vinho, galinhas, o velho relógio de parede com figuras, o cavalo e a criada.

Jacquotte, modelo do gênero cozinheira, ostentava um busto avantajado, invariavelmente envolto em chita escura semeada de pingos encarnados, amarrada, apertada de modo a fazer crer que a fazenda ia rasgar-se ao menor movimento. Trazia na cabeça uma touca redonda franzida, sob a qual seu rosto um pouco pálido e de duplo queixo parecia mais branco ainda do que de fato era. Pequena, ágil, mão ligeira e rechonchuda, Jacquotte falava alto e continuamente. Se se calava um instante e segurava o canto do avental para levantá-lo triangularmente, esse gesto indicava alguma longa recriminação dirigida ao patrão ou ao criado. De todas as cozinheiras do reino, Jacquotte era certamente a mais feliz. Para tornar sua felicidade tão completa quanto o pode ser uma felicidade aqui na Terra, sua vaidade era incessantemente satisfeita, o burgo aceitava-a como uma autoridade mista colocada entre o *maire* e o guarda rural.

Ao entrar na cozinha o patrão não achou ninguém.

— Onde diabo se meteu essa gente? — disse ele. — Perdoe-me —

continuou, virando-se para Genestas — por introduzi-lo aqui. A entrada de honra é pelo jardim, mas estou tão pouco habituado a receber visitas, que... Jacquotte!

A esse nome, proferido quase imperiosamente, uma voz de mulher respondeu do interior da casa. Um momento depois, Jacquotte tomou a ofensiva chamando por sua vez Benassis, o qual foi prontamente à sala de jantar.

— É bem do senhor! — disse ela — Sempre o mesmo! Convida gente para jantar sem me prevenir e pensa que tudo está liquidado quando me grita “Jacquotte!”, pois tem jeito de receber esse senhor na cozinha! Devia abrir o salão e acender o fogo! Nicolle está lá e vai arranjar tudo. Agora, faça o seu hóspede dar um passeio pelo jardim durante alguns momentos; terá com que se divertir, esse homem, se gosta de coisas bonitas; mostre-lhe a avenida das árvores do defunto patrão, eu terei tempo de aprontar tudo, o jantar, a mesa e o salão.

— Sim. Mas, olha, Jacquotte — disse Benassis —, este senhor vai ficar aqui. Não esqueças de dar uma olhadela no quarto do sr. Gravier, de reparar a roupa de cama e tudo o mais, de...

— Era só o que faltava, o senhor se meter com a roupa de cama! — replicou Jacquotte. — Se ele vai dormir aqui, eu sei perfeitamente o que será preciso fazer. O senhor, faz dez meses, nem sequer entrou uma vez no quarto do sr. Gravier. Não há nada que reparar nele, tudo está limpo como meus olhos. Ele vai então morar aqui, esse senhor? — acrescentou ela em tom mais ameno.

— Sim.

— Por muito tempo?

— Francamente, não sei. Mas que te importa isso?

— O que me importa isso? Ora essa! O que me importa isso! Aí temos outra! E as provisões, e tudo, e...

Sem concluir o fluxo de palavras com que, em qualquer outro momento, ela teria agredido o patrão para lhe censurar a falta de confiança, acompanhou-o à cozinha. Adivinhando que se tratava de um pensionista, ficou impaciente por ver Genestas, ao qual fez uma reverência obsequiosa examinando-o da cabeça aos pés. A fisionomia do militar tinha naquele momento uma expressão triste e meditabunda que lhe dava um ar rude; o colóquio da criada e do patrão parecia-lhe revelar neste último uma nulidade que, embora com pesar, diminuía o alto conceito que dele fizera ao admirar a persistência com que salvara aquela pequena região das desgraças do cretinismo.

— Não me agrada nem um pouco esse freguês — disse Jacquotte.

— Se não está cansado, senhor — disse o médico ao seu pretenso doente —, daremos uma volta no jardim antes do jantar.

— De bom grado — respondeu o comandante.

Atravessaram a sala de jantar e foram para o jardim por uma espécie

de antecâmara disposta no sopé da escada, que separava a sala de jantar do salão. Essa peça, fechada por uma grande porta envidraçada, era contígua à escada de pedra da entrada, um ornamento da fachada sobre o jardim. Dividido em quatro grandes canteiros iguais por meio de alamedas cercadas de buxo que desenhavam uma cruz, esse jardim terminava numa avenida arborizada, que era o prazer do antigo proprietário. O militar sentou-se num banco de madeira carcomida sem ver nem as parreiras, nem as espaldeiras, nem as hortaliças das quais Jacquotte muito cuidava em consequência das tradições do guloso eclesiástico a quem se devia aquele jardim precioso, indiferente para Benassis.

Deixando a conversação banal que iniciara, o comandante disse ao médico:

— Como fez, senhor, para em três anos triplicar a população deste vale, onde o senhor encontrou setecentas almas e que, segundo diz, conta hoje mais de duas mil?

— O senhor é a primeira pessoa que me faz essa pergunta — respondeu o médico. — Se tive por finalidade pôr em pleno rendimento este cantinho da terra, os quefazeres da minha vida cheia de ocupações não me deixaram lazer para pensar no modo pelo qual fiz em grande, como o irmão esmoleiro, uma espécie de *sopa de pedra*.¹² O próprio sr. Gravier, um dos nossos benfeitores e a quem pude prestar o serviço de curar, não pensou na teoria ao percorrer comigo as nossas montanhas, para nelas ver o resultado da prática.

Houve um momento de silêncio durante o qual Benassis pôs-se a refletir, sem prestar atenção ao olhar penetrante com que seu hóspede tentava sondá-lo.

X — TRATADO DE CIVILIZAÇÃO PRÁTICA

— Como isso se deu, meu caro senhor? — disse ele. — Mas deu-se naturalmente, e em virtude de uma lei social de atração entre as necessidades que nós nos criamos e os meios de satisfazê-las. Tudo está aí! Os povos sem necessidades são pobres. Quando vim estabelecer-me neste burgo, havia nele cento e trinta famílias de camponeses, e no vale cerca de duzentos fogões. As autoridades da terra, em harmonia com a miséria pública, constavam de um *maire* que não sabia escrever e de um adjunto, um quinteiro que residia longe da comuna; de um juiz de paz, pobre-diabo que vivia do seu ordenado e deixava lavrar por força os registros do estado civil pelo seu escrivão, outro infeliz que mal podia compreender sua profissão; o antigo cura, que morreu com setenta anos, e seu vigário, homem sem instrução, que acabava de suceder-lhe. Esses homens resumiam a inteligência do lugar e o regiam. No meio

desta bela natureza, os habitantes estagnavam-se no lodo e viviam de batatas e laticínios; os queijos, que a maioria deles levava em pequenos cestos para Grenoble ou para as redondezas constituíam os únicos produtos dos quais tiravam algum dinheiro. Os mais ricos, ou os menos preguiçosos, semeavam trigo mourisco para consumo do burgo, por vezes centeio, ou aveia, mas nunca trigo. O único industrial da terra era o *maire*, que possuía uma serraria e comprava a vil preço a madeira cortada para prepará-la. Devido à falta de estradas, ele transportava suas árvores uma a uma na boa estação, arrastando-as trabalhosamente por meio de uma corrente presa ao peitoral dos seus cavalos e terminada por um gancho de ferro enterrado na madeira. Para ir a Grenoble, fosse a cavalo fosse a pé, era preciso passar por uma senda larga situada no alto da montanha, pois o vale era intransitável. Daqui à primeira aldeia que o senhor viu ao chegar ao cantão, a bonita estrada pela qual sem dúvida o senhor veio, nada mais era, por qualquer tempo, senão um lamaçal. Nenhum acontecimento político, nenhuma revolução alcançara esta região inacessível e completamente fora do movimento social. Somente Napoleão deixara nela seu nome; ele era por aí uma religião, graças a dois ou três soldados da localidade que voltaram para as suas casas e que, durante os serões, contavam para essa gente simples aventuras fabulosas daquele homem e dos seus exércitos. A volta desses homens é, de resto, um fenômeno inexplicável. Antes da minha vinda para cá, os rapazes que iam para o Exército ficavam todos lá. Esse fato mostra suficientemente a miséria do lugar para me dispensar de a descrever. Eis aí, senhor, em que estado tomei a direção deste cantão do qual dependem, para além das montanhas, várias comunas bem cultivadas, bastante felizes e quase ricas. Nem lhe falo dos ranchos do burgo, verdadeiras estrebarias, onde animais e gente se amontoavam em grande promiscuidade. Passei por aqui ao voltar da Grande-Chartreuse. Não tendo encontrado uma hospedaria, fui obrigado a pernoitar em casa do vigário, que morava provisoriamente nesta casa, a qual estava então à venda. De pergunta em pergunta obtive um conhecimento superficial da situação deplorável desta região, cuja temperatura amena, solo excelente e produtos naturais me tinham maravilhado. Nessa ocasião, senhor, eu procurava entrar numa vida diferente daquela cujos pesares me haviam cansado. Veio-me ao coração um desses pensamentos que Deus nos manda para nos fazer aceitar nossos infortúnios. Resolvi educar esta terra como um preceptor educa uma criança. Não faça um mérito da minha beneficência, pois estava muito interessado nela pela necessidade de distrações que sentia. Eu desejava, então, empregar o resto de meus dias numa empresa árdua qualquer. As transformações a introduzir neste cantão, que a natureza fizera tão rico e que o homem tornara tão pobre, deviam ocupar toda a minha vida; elas me tentaram pela própria dificuldade de

as executar. Desde que tive certeza de ter a casa curial e muitas terras baldias e vagas por pouco preço, dediquei-me religiosamente à profissão de cirurgião de roça, a última que qualquer homem pensa em exercer no seu torrão. Quis tornar-me o amigo dos pobres, sem esperar deles a mínima retribuição. Oh! Não me deixei levar por nenhuma ilusão, nem acerca do caráter da gente do campo nem no que toca aos obstáculos que se encontram ao tentar melhorar os homens ou as coisas. Não imaginei quimeras, aliás, com relação à minha gente; aceitei-a pelo que ela é, pobres camponeses, nem inteiramente bons nem inteiramente maus, aos quais um trabalho constante não lhes permite entregar-se aos sentimentos, mas que por vezes são capazes de sentir vivamente. Enfim, compreendi sobretudo que não agiria sobre eles a não ser por meio de cálculos de interesse e de bem-estar imediatos. Todos os camponeses são filhos de São Tomé, o apóstolo incrédulo, querem sempre fatos em apoio das palavras.

Depois de uma pausa, o médico continuou:

— O senhor vai talvez rir-se da minha estreia. Comecei essa obra difícil montando uma fábrica de cestos. Essa pobre gente comprava em Grenoble suas cestas para queijos e demais utensílios de palha para seu miserável comércio. Dei a um rapaz inteligente a ideia de tomar em arrendamento, à margem da torrente, uma grande extensão de terreno enriquecido anualmente pelos aluviões e onde devia dar muito bem o vime. Depois de ter calculado a quantidade de objetos de palha consumidos pelo cantão, fui desencavar em Grenoble um operário que fosse moço, sem recursos pecuniários e trabalhador hábil. Quando o achei, decidi-o facilmente a se estabelecer aqui prometendo adiantar-lhe o dinheiro do preço do vime necessário para a fabricação, até que o meu plantador de vimeiros lho pudesse fornecer. Convenci-o a que vendesse seus cestos por preço inferior ao de Grenoble, e a que os fabricasse melhores. Ele me compreendeu. A plantação de vimeiros e a fabricação de objetos de vime constituíram uma especulação cujos resultados só poderiam ser apreciados ao cabo de quatro anos. Como o senhor sem dúvida sabe, o vimeiro só está em condições de ser cortado aos três anos. Durante a sua primeira campanha o meu cesteiro viveu, e teve de lucros suas provisões. Pouco depois desposou uma mulher de Saint-Laurent du Pont, que tinha algum dinheiro. Mandou construir então uma casa higiênica, bem arejada, cuja localização foi escolhida, cujas divisões se fizeram de acordo com os meus conselhos. Que triunfo, senhor! Eu tinha criado uma indústria no burgo, tinha trazido para ele um produtor e alguns trabalhadores.

“Julgará minha alegria uma infantilidade?... Durante os primeiros dias do estabelecimento do meu cesteiro, não passava pela frente da loja dele sem uma aceleração das pulsações do coração. Quando, naquela casa nova, de janelas pintadas de verde e a cuja porta havia um

banco, uma parreira e feixes de vime, vi uma mulher asseada, bem-vestida, amamentando um lindo bebê rosado e alvo, no meio de operários todos alegres, cantando, trançando ativamente seus cestos e dirigidos por um homem que, antes pobre e macilento, respirava agora felicidade, confesso-lhe, senhor, não podia resistir ao prazer de me tornar cesteiro durante um momento ao entrar na loja para informar-me de como iam os negócios, e deixava-me levar a um contentamento que não saberia descrever. Estava alegre com a alegria daquela gente e com a minha. A casa daquele homem, o primeiro que acreditou firmemente em mim, era toda a minha esperança. Não era aquilo o futuro desta pobre terra que já eu levava no coração, como a mulher do cesteiro carregava no seio seu primeiro filhinho?... Tinha de enfrentar umas quantas coisas, esbarrava com umas quantas ideias. Achei uma oposição violenta fomentada pelo *maire* ignorante, cujo lugar eu havia tomado, cuja influência se esfumava ante a minha; quis fazer dele meu adjunto e cúmplice da minha ação benéfica. Sim, senhor, foi naquela cabeça, a mais dura de todas, que tentei derramar as primeiras luzes. Peguei o meu homem já por seu amor-próprio, já por seu interesse. Durante seis meses jantamos juntos, e o pus a meias nos meus planos de melhoramentos. Muita gente veria nessa amizade necessária os mais cruéis aborrecimentos da minha tarefa; mas não era aquele homem um instrumento, e o mais precioso de todos? Triste de quem despreza a sua enxada ou a atira mesmo despreocupadamente! Aliás, não seria eu inconsequente se, querendo melhorar a região, recuasse ante a ideia de melhorar um homem? O meio mais urgente de enriquecimento era uma estrada. Se obtivéssemos do conselho municipal autorização para construir um bom caminho daqui até a estrada de Grenoble, meu adjunto seria o primeiro a lucrar com isso; porque, em vez de arrastar com grandes despesas suas árvores através de sendas ruins, ele poderia, por meio de uma boa estrada cantonal, transportá-las facilmente, iniciar um negócio de madeiras de toda espécie, em grande escala, e ganhar, não mais apenas seiscentos miseráveis francos por ano, e sim pingues quantias, que lhe dariam um dia certa fortuna. Finalmente convencido, esse homem tornou-se um prosélito meu. Durante um inverno inteiro, meu antigo *maire* foi bebericar nas tavernas com os seus amigos, e soube demonstrar aos nossos administrados que uma boa estrada carroçável seria uma fonte de riqueza para a localidade, permitindo que todos negociassem com Grenoble. Depois que o conselho municipal votou a estrada, obtive do prefeito algum dinheiro dos fundos de caridade do departamento, a fim de pagar os transportes que a comuna não estava em condições de empreender por falta de carretas.

“Enfim, para terminar mais rapidamente essa grande obra e tornar seus resultados imediatamente perceptíveis para os ignorantes que

murmuravam contra mim, dizendo que eu queria restabelecer as corveias, eu, todos os domingos do primeiro ano da minha administração, por gosto ou à força, arrastava a população do burgo, mulheres, crianças e mesmo os velhos, ao alto da montanha, onde eu mesmo tinha traçado sobre um fundo excelente a grande estrada que vai da nossa aldeia à de Grenoble. Abundantes materiais margeavam, felizmente, o traçado da estrada. Essa demorada empresa exigiu de mim uma grande paciência. Ora alguns, por ignorância das leis, recusavam-se às contribuições em gêneros; ora outros, que careciam de pão, não podiam efetivamente perder um dia de trabalho; era preciso, pois, distribuir trigo a estes e ir depois acalmar aqueles com palavras amistosas. Não obstante, quando terminamos os dois terços desse caminho, que tem duas léguas de extensão, os habitantes tinham reconhecido tão bem as vantagens dele, que o último terço foi concluído com um ardor que me surpreendeu. Enriqueci o futuro da comuna plantando uma dupla fileira de choupos ao comprido de cada rego lateral. Hoje, essas árvores constituem quase uma fortuna e dão o aspecto de uma estrada real ao nosso caminho, sempre seco devido à natureza da sua situação, e tão bem construído que sua conservação custa apenas duzentos francos por ano; eu o mostrarei ao senhor, pois não deve ter podido vê-lo; para vir, deve ter sem dúvida tomado a linda estrada de baixo, outro caminho que os próprios habitantes quiseram fazer, há três anos, a fim de abrir vias de acesso aos estabelecimentos que se iam formando no vale. Assim é que faz três anos, senhor, o bom senso público deste burgo, outrora sem inteligência, adquirira ideias que cinco anos antes um viajante teria talvez perdido a esperança de lhe inculcar. Continuemos. O estabelecimento do meu cesteiro era um exemplo dado proveitosamente a essa população. Se o caminho devia ser a causa mais direta da prosperidade do burgo, era incentivar todas as indústrias primárias a fim de fecundar esses dois germes de bem-estar. Ao mesmo tempo que ajudava o plantador de vimeiros e o cesteiro, e enquanto construía a minha estrada, eu continuava insensivelmente a minha obra. Tive dois cavalos; o negociante de madeira, meu adjunto, tinha três; só em Grenoble os podia ferrar, quando ia lá. Entusiasmei, portanto, um ferrador, que entendia um pouco de veterinária, a que viesse para cá, prometendo-lhe bastante trabalho. No mesmo dia encontrei um velho soldado com a vida atrapalhada, que tinha por toda fortuna cem francos de reforma e sabia ler e escrever; dei-lhe o lugar de secretário da *mairie*; por um feliz acaso achei-lhe uma esposa, e ele realizou seus sonhos de felicidade. Foi preciso arrumar casa para esses dois novos casais, para o meu cesteiro e para as vinte e duas famílias que abandonaram a aldeia dos cretinos. Outras doze famílias, cujos chefes eram trabalhadores, produtores e consumidores, vieram, assim, estabelecer-se aqui; pedreiros,

carpinteiros, telhadores, marceneiros, serralheiros, vidraceiros que tinham trabalho para muito tempo; não deveriam eles construir as próprias casas depois de terem construído as dos outros? Não traziam consigo outros operários? Durante o segundo ano da minha administração, foram edificadas setenta casas na comuna. Uma produção exigia outra.

“Ao povoar o burgo, eu criava nele novas necessidades, até então desconhecidas para essa pobre gente. A necessidade engendrava a indústria, a indústria engendrava o comércio, o comércio criava o lucro, o lucro o bem-estar, e o bem-estar ideias úteis. Esses múltiplos operários quiseram pão já pronto; tivemos, portanto, um padeiro. Mas o trigo mourisco não podia mais ser a alimentação dessa população arrancada à sua degradante inércia e tornada essencialmente ativa; eu a tinha encontrado comendo trigo negro, desejava fazê-la passar primeiro ao regime do centeio ou de uma mescla de trigo e centeio, para um dia ver os mais pobres com um pedaço de pão branco. Para mim, os progressos intelectuais estavam inteiramente nos progressos sanitários. Um açougueiro revela numa localidade tanta inteligência como riqueza. Quem trabalha come, e quem come pensa. Prevendo o dia em que a produção de trigo seria necessária, eu tinha cuidadosamente examinado a qualidade das terras; tinha certeza de encaminhar o burgo para uma grande prosperidade agrícola e de duplicar sua população assim que ela se pusesse a trabalhar. Chegara o momento. O sr. Gravier, de Grenoble, possuía na comuna terras das quais não tirava nenhum rendimento, mas que podiam ser convertidas em trigais. Como o senhor sabe, ele é chefe de divisão na prefeitura. Tanto por amor ao seu torrão natal como por se sentir vencido por minhas importunações, ele já se prestara com grande complacência às minhas exigências; consegui fazê-lo compreender que inconscientemente ele trabalhara para si mesmo. Após vários dias de solicitações, de conferências, de orçamentos debatidos; depois de ter hipotecado minha fortuna para garanti-lo contra os riscos de uma empresa da qual a mulher dele, de pouco miolo, tentava apavorá-lo, ele consentiu em construir aqui quatro granjas de cem arpentos cada uma, e prometeu adiantar o dinheiro necessário para as lavouras, para a compra das sementes, dos instrumentos para arar, dos animais e para a abertura dos caminhos da exploração. Por meu lado, construí duas granjas, tanto para cultivar minhas terras maninhas e vagas como para ensinar pelo exemplo os métodos úteis da agricultura moderna. Em seis semanas o burgo teve um aumento de trezentos habitantes. Seis granjas onde deviam instalar-se várias famílias, lavouras enormes a preparar, o tamanho das terras atraía obreiros. Carpinteiros, cavouqueiros, operários, jornaleiros afluíam. O caminho de Grenoble estava atulhado de carretas, de gente que ia e que vinha. Foi uma atividade geral na

região. A circulação do dinheiro fazia nascer em todos o desejo de ganhá-lo; desaparecera a apatia, o burgo despertara.

“Em duas palavras terminarei a história do sr. Gravier, um dos benfeitores deste cantão. Apesar da desconfiança muito natural a um habitante de cidade provinciana, a um homem de gabinete, ele adiantou, sob a fé das minhas promessas, mais de quarenta mil francos sem saber se seria reembolsado. Cada uma das suas granjas está hoje arrendada por mil francos, seus arrendatários fizeram tão bons negócios que cada um deles possui nada menos de cem arpentes de terra, trezentas ovelhas, vinte vacas, dez bois, cinco cavalos, e emprega mais de vinte pessoas. Continuo. No decurso do quarto ano, nossas granjas ficaram terminadas. Tivemos uma colheita de trigo que parecia milagrosa à gente da localidade, abundante como devia ser num terreno virgem. Muito tremi pela minha obra durante esse ano! A chuva ou a seca podiam arruinar o meu trabalho, diminuindo a confiança que eu já ia inspirando. A cultura do trigo tornou necessário o moinho que o senhor viu e que me rende cerca de quinhentos francos por ano. Por isso os camponeses, na sua linguagem, dizem que *tenho sorte, e creem* em mim como nas suas relíquias. Essas novas construções, as granjas, o moinho, as plantações, as estradas deram trabalho a todos os trabalhadores especializados que eu atraíra aqui. Conquanto as edificações representem bem os sessenta mil francos que nós atiramos na localidade, esse dinheiro nos foi amplamente devolvido pelas rendas que os consumidores criaram. Meus esforços não cessavam de animar essa indústria nascente. A conselho meu, um fruticultor entendido em viveiros veio estabelecer-se no burgo, onde eu pregava aos mais pobres que cultivassem árvores frutíferas a fim de poder conquistar um dia em Grenoble o monopólio da venda de frutas. ‘Vocês levam lá queijos’, dizia-lhes eu; ‘por que não levar aves, ovos, legumes, caça, forragem, palha etc.?’ Cada um dos meus conselhos era uma fonte de fortuna, cada qual queria consegui-los. Formou-se, pois, uma multidão de pequenos estabelecimentos, cujos progressos, a princípio lentos, tornaram-se de dia para dia mais rápidos. Todas as segundas-feiras saem agora do burgo para Grenoble mais de sessenta carretas cheias dos nossos diversos produtos, e hoje colhe-se mais trigo mourisco para alimentação de aves do que se semeava antigamente para alimentar gente.

“Tendo-se tornado consideravelmente grande, o comércio de madeira se subdividiu. Desde o quarto ano da nossa era industrial, tivemos negociantes de lenha, de telhas de madeira, de tábuas, de cascas, e depois carvoeiros. Finalmente, foram instaladas mais quatro serrarias para tábuas e pranchões. Ao adquirir algumas ideias comerciais, o antigo *maire* sentiu a necessidade de saber ler e escrever. Comparou o preço da madeira nas diversas localidades, notou tais

diferenças vantajosas para a sua exploração que foi procurando de lugar em lugar novos fregueses, sendo hoje fornecedor de terça parte do departamento. Nossos transportes aumentaram tão subitamente que damos trabalho a três carpinteiros e a dois seleiros, e cada um deles tem no mínimo três ajudantes. Finalmente, consumimos tanto ferro que um ferreiro se mudou para o burgo e deu-se muito bem. O desejo do lucro desenvolve uma ambição que desde então levou os meus industriais a se expandirem do burgo para o cantão e deste para o departamento, a fim de aumentarem seus benefícios com o aumento de suas vendas. Bastou-me dizer-lhes uma palavra para indicar-lhe novos mercados, sendo o resto feito pelo bom senso deles. Quatro anos bastaram para mudar a face do burgo. Quando eu por aqui passei não ouvira o menor barulho, mas no começo do quinto ano tudo aqui estava vivo e animado. Os cantos alegres, o ruído das oficinas e os gritos surdos ou agudos das ferramentas repercutiam agradavelmente em meus ouvidos. Eu via ir e vir uma população ativa, aglomerada num burgo novo, limpo, saneado, bem arborizado. Cada habitante tinha consciência do seu bem-estar, e todas as fisionomias respiravam o contentamento que uma vida utilmente ocupada desperta.”

Após uma pausa, continuou o médico:

— Esses cinco anos formam, a meu ver, a primeira era da vida próspera do nosso burgo. Durante esse tempo eu desbastara tudo, tudo semeara nas cabeças e nas terras. Daí por diante o movimento progressivo da população e das indústrias não mais podia deter-se. Preparava-se uma segunda era. Não demorou muito, esse pequeno mundo quis vestir-se melhor. Chegou-nos um retroseiro e com ele o sapateiro, o alfaiate e o chapeleiro. Esse começo de luxo valeu-nos um açougueiro e um merceeiro; depois uma parteira que se me estava tornando indispensável, pois eu perdia muito tempo com os partos. Os *lavrados* deram excelente colheita. Depois, a qualidade superior dos nossos produtos agrícolas foi mantida pelos adubos e pelo esterco devido ao aumento da população. Meu empreendimento pôde então desenvolver-se em todas as suas consequências. Depois de ter saneado as casas e de ter levado gradualmente os habitantes a se alimentarem melhor, a melhor se vestirem, eu quis que os animais participassem desse começo de civilização. Dos cuidados tributados aos animais depende a beleza das raças e dos indivíduos, e, portanto, a dos produtos; aconselhei, pois, o saneamento dos estábulos. Pela comparação dos lucros produzidos por um animal bem acomodado, bem tratado, com o magro rendimento de animais malcuidados, fiz mudar insensivelmente o regime do gado da comuna: nenhum animal sofreu. As vacas e os bois foram tratados como o são na Suíça e na Auvergne. Os currais, as estrebarias, os estábulos, as leiterias, as granjas foram reedificados segundo o modelo das minhas construções e das do

sr. Gravier, as quais são amplas, bem arejadas e por conseguinte salubres. Nossos granjeiros eram nossos apóstolos, convertiam rapidamente os incrédulos demonstrando-lhes a bondade dos meus preceitos pelos resultados imediatos. Quanto às pessoas que não tinham dinheiro, eu lhes emprestava, favorecendo principalmente aos pobres laboriosos; eles serviam de exemplo. De acordo com os meus conselhos, os animais defeituosos, enfezados ou medíocres foram logo vendidos e substituídos por lindos exemplares. Assim, pois, nossos produtos, ao cabo de algum tempo, sobrepujaram nos mercados os de outras comunas. Tivemos rebanhos magníficos e, em consequência, ótimos couros. Esse progresso era de grande importância. Eis por quê. Nada é fútil em matéria de economia rural. Antigamente nossas cascas de árvores eram vendidas a vil preço e nossos couros não tinham grande valor; mas, uma vez beneficiados nossas cascas e nossos couros, o rio permitiu-nos construir moinhos para curtumes, e nos vieram curtidores cujos negócios aumentaram rapidamente. O vinho, noutros tempos desconhecido no burgo, onde não se bebia senão aguapé, tornou-se naturalmente uma necessidade: abriram-se tavernas. Depois, a mais antiga delas aumentou, transformou-se em hospedaria e forneceu mulas para os viajantes que começavam a usar nossa estrada para ir à Grande-Chartreuse. De dois anos para cá, temos um movimento comercial suficientemente importante para fazer viver dois estalajadeiros.

“No começo da segunda era da nossa prosperidade, o juiz de paz morreu. Muito felizmente para nós, seu sucessor foi um antigo tabelião de Grenoble, arruinado por uma falsa especulação, mas ao qual restava ainda bastante dinheiro para ser rico na aldeia; o sr. Gravier soube resolvê-lo a vir para cá. Ele construiu uma linda casa e secundou meus esforços juntando-lhes os seus; organizou uma granja e lavrou umas charnecas; hoje, possui três chalés na montanha. Sua família é numerosa. Ele despediu o antigo escrivão e o antigo oficial de justiça e os substituiu por homens muito mais instruídos e sobretudo mais trabalhadores que seus predecessores. Essas duas novas famílias fundaram uma destilaria de batatas e um lavadouro de lã, dois estabelecimentos muito úteis que os chefes dessas duas famílias dirigem ao mesmo tempo que exercem a sua profissão. Depois de ter constituído rendas para a comuna, eu as empreguei, sem oposição, para construir uma *mairie* na qual coloquei uma escola gratuita e aposentos para um professor de primeiras letras. Escolhi para desempenhar essa importante função um pobre padre ajuramentado,¹³ repellido por todo o departamento e que entre nós encontrou um asilo para os seus velhos dias. A professora da escola é uma digna senhora arruinada que não sabia para que santo apelar, e para a qual nós conseguimos uma fortunazinha; ela acaba de fundar um internato de meninas para onde

os granjeiros ricos das redondezas começam a mandar as filhas. Senhor, se tive o direito de lhe contar até aqui a história deste pequeno recanto de terra no meu nome, há um momento em que o sr. Janvier, o novo cura, verdadeiro Fénelon¹⁴ reduzido às proporções de uma paróquia, contribuiu por metade para esta obra de regeneração; ele soube dar aos costumes do burgo um espírito suave e fraternal que parece fazer da população uma única família. O juiz de paz, sr. Dufau, embora tivesse vindo mais tarde, merece igualmente a gratidão dos habitantes. Para resumir-lhe nossa situação em algarismos mais significativos do que os meus discursos, a comuna possui hoje duzentos arpentos de mato e cento e sessenta arpentos de prados. Sem recorrer a cêntimos adicionais, ela dá cem escudos de honorários suplementares ao cura, duzentos francos ao guarda rural, outro tanto ao professor e à professora da escola; tem quinhentos francos para suas estradas, outro tanto para as reparações da *mairie*, do presbitério, da igreja, e para algumas outras despesas. Daqui a quinze anos ela terá madeira de corte para cem mil francos e poderá pagar suas contribuições sem que isso custe um vintém aos seus habitantes; será certamente uma das mais ricas comunas da França. Mas, senhor, eu o estou talvez caceteando — disse Benassis a Genestas, ao surpreender seu ouvinte numa atitude tão pensativa que podia ser tomada pela de um homem desatento.

— Oh! Não — disse o comandante.

— Senhor — continuou o médico —, o comércio, a indústria, a agricultura e o consumo eram somente locais. Chegada a um certo grau, nossa prosperidade pararia. É certo que eu pedi uma agência do correio, um despacho de tabaco, de pólvora e de cartas; é certo que forcei, pelos atrativos da estadia e da nossa novel sociedade, o coletor das contribuições a deixar a comuna, na qual ele até então preferira morar, pela sede da administração do cantão; é certo que fiz surgir, a tempo e no lugar conveniente, cada produção quando despertava a necessidade dela; fiz vir muitas famílias e gente laboriosa; dei-lhes a todos o sentimento da propriedade; assim é que, à medida que tinham dinheiro, as terras eram aradas; a pequena cultura, os pequenos proprietários invadiam e valorizavam gradualmente a montanha. Os infelizes que aqui encontrara levando a pé alguns queijos a Grenoble iam agora em carroça, levando frutas, ovos, galinhas, perus. Todos cresceram insensivelmente. O menos bem aquinhoado era aquele que tinha somente sua horta, seus legumes, suas frutas temporãs para cultivar. Finalmente, sinal de prosperidade, ninguém mais cozia seu próprio pão, para não perder tempo, e as crianças cuidavam dos rebanhos. Mas, senhor, era preciso fazer durar esse foco industrial atirando-lhe incessantemente novos alimentos. O burgo não tinha ainda uma indústria nascente que pudesse manter essa produção comercial e fazer necessárias grandes transações, um entreposto, um

mercado. Não basta a uma localidade nada perder da massa de dinheiro que ela possui e que forma seu capital; não se poderá aumentar seu bem-estar fazendo passar com mais ou menos habilidade, pelo jogo da produção e do consumo, essa quantia no maior número possível de mãos. Não é esse o problema. Quando um país está em pleno rendimento e seus produtos em equilíbrio com o seu consumo, é preciso, para criar novas fortunas e aumentar a riqueza pública, fazer no exterior trocas que possam trazer um ativo constante na sua balança comercial. Esse pensamento determinou sempre os Estados sem base territorial, como Tiro, Cartago, Veneza, a Holanda e a Inglaterra, a se apoderarem do comércio de transportes. Procurei para a nossa pequena esfera um pensamento análogo, a fim de criar uma terceira era comercial. Nossa prosperidade, apenas sensível aos olhos de um passante, porque nossa sede administrativa se assemelha a todas as demais, era espantosa somente para mim. Os habitantes, aglomerados insensivelmente, não puderam julgar do conjunto por participarem do movimento.

“Ao cabo de sete anos encontrei dois estrangeiros, os verdadeiros benfeitores deste burgo, que talvez metamorfoseiem numa cidade. Um é um tirolês de uma habilidade incrível e que fabrica calçados para a gente do campo e botas para os elegantes de Grenoble, como nenhum artesão de Paris o faria. Pobre músico ambulante, um desses alemães laboriosos que fazem a obra e a ferramenta, a música e o instrumento, ele se deteve no burgo ao vir da Itália, que atravessara cantando e trabalhando. Perguntou se ninguém precisava de sapatos; mandaram-no à minha casa; encomendei-lhe dois pares cujas formas foram feitas por ele. Surpreendido com a habilidade desse estrangeiro, interroguei-o; achei-o preciso nas suas respostas; suas maneiras, sua fisionomia, tudo me fortaleceu na boa opinião que formara dele. Propus-lhe fixar-se no burgo prometendo favorecer-lhe a indústria por todos os meios ao meu alcance, e coloquei de fato à sua disposição uma quantia bastante avultada de dinheiro. Ele aceitou. Eu tinha as minhas ideias. Nossos couros tinham melhorado, podíamos em determinado tempo consumi-los nós mesmos, fabricando calçados a preços razoáveis. Eu ia recomençar em mais larga escala o negócio dos cestos. O acaso oferecia-me um homem eminentemente hábil e trabalhador que eu devia empregar a fim de dar ao burgo um comércio produtivo e estável. O calçado é um desses consumos que jamais estacionam, uma fabricação de que todas as vantagens são prontamente apreciadas pelo consumidor. Tive a sorte de não me enganar, senhor. Hoje temos cinco curtumes; eles absorvem todos os couros do departamento, e vão mesmo algumas vezes buscá-los na Provença, e cada um deles tem seu moinho para pulverizar. Pois bem, senhor, esses curtumes não são suficientes para fornecer o couro necessário ao tirolês, que não

emprega menos de quarenta operários!... O outro homem, cuja aventura não é menos curiosa, mas que talvez fosse para o senhor cacete de ouvir, é um simples camponês que descobriu o meio de fabricar, mais barato do que em qualquer outro lugar, os chapéus de abas largas usados na região; ele os exporta para todos os departamentos vizinhos, até para a Suíça e a Saboia. Essas duas indústrias, fontes inesgotáveis de prosperidade no caso de o cantão poder manter a qualidade dos produtos e seu baixo preço, sugeriram-me a ideia de fundar aqui três feiras anuais; o prefeito, admirado com os progressos industriais deste cantão, secundou-me para obter a ordenança régia que as instituiu. Nossas três feiras se realizaram no ano passado; já são conhecidas até na Saboia sob o nome de feiras dos sapatos e dos chapéus. Ao ter notícia dessas mudanças, o principal ajudante de um tabelião de Grenoble, jovem pobre, porém instruído, grande trabalhador, e com quem a srta. Gravier está comprometida, foi solicitar em Paris o estabelecimento de um cartório de notas; seu requerimento foi atendido. Seu cargo nada lhe custando, foi-lhe possível construir uma casa em frente à do juiz de paz, na praça do novo burgo. Temos atualmente uma feira por semana, na qual se realizam negócios de bastante vulto em animais e trigo. No próximo ano nos virá sem dúvida um farmacêutico, depois um relojoeiro, um negociante de móveis e um livreiro, enfim, as superfluidades necessárias à vida. Talvez acabemos tomando feitio de uma pequena cidade e tendo casas burguesas. A instrução difundiu-se tanto que não encontrei no conselho municipal a mais leve oposição quando propus reparar e ornamentar a igreja, construir um presbitério, traçar um belo campo para feiras, plantar árvores nele e determinar um alinhamento para mais tarde conseguir ruas direitas, arejadas e bem traçadas.

“Eis aqui, senhor, como chegamos a ter mil e novecentos fogões em vez de cento e trinta e sete, três mil animais cornudos em lugar de oitocentos, e, em vez de setecentas almas, duas mil pessoas no burgo, três mil se contarmos os habitantes do vale. Existem na comuna doze casas ricas, cem famílias abastadas, duzentas que prosperam. O resto trabalha. Todo mundo sabe ler e escrever. Enfim, temos dezessete assinaturas de vários jornais. O senhor encontrará ainda alguns infelizes no nosso cantão, eu ainda os vejo em demasia; mas ninguém pede esmolas, há trabalho para todos. Canso agora dois cavalos por dia nas minhas correrias para atender os doentes; posso passear sem perigo a qualquer hora num raio de cinco léguas, e quem quisesse dar-me um tiro não ficaria vivo dez minutos. A afeição tácita dos habitantes é tudo o que pessoalmente ganhei nessas transformações, além do prazer de ouvir todos dizerem-me alegremente, quando passo: ‘Bom dia, sr. Benassis’. O senhor deve compreender que a fortuna involuntariamente adquirida com as minhas granjas-modelo é nas

minhas mãos um meio e não um resultado.”

— Se, em todas as localidades, todos o imitassem, senhor, a França seria grande e poderia zombar da Europa! — exclamou Genestas, exaltado.

— Mas faz uma meia-hora que o estou retendo aqui — disse Benassis —, já é quase noite, vamos para a mesa.

XI — CONCLUSÃO DO TRATADO

Do lado do jardim, a casa do médico apresentava uma fachada de cinco janelas em cada andar. Compunha-se de um pavimento térreo e por cima deste um primeiro andar com telhado de telhas, de aberturas em mansardas salientes. Os postigos das janelas, pintados de verde, sobressaíam no acinzentado das paredes, nas quais, como ornamento, estendia-se uma vinha entre os dois andares, de uma extremidade à outra, em forma de relevo. Embaixo, ao correr da parede, algumas roseiras de Bengala vegetavam tristemente, meio afogadas pela água do telhado, que não possuía calhas.

Ao entrar no patamar que formava uma antecâmara, havia um salão à direita, com quatro janelas que davam umas para o pátio e as outras para o jardim. Esse salão, sem dúvida objeto de muitas economias e muitas esperanças para o pobre falecido, era assoalhado, forrado de madeira na parte inferior das paredes e guarnecido de tapeçarias do penúltimo século. As grandes e amplas poltronas forradas de lampas com flores, as velhas girândolas douradas que enfeitavam a chaminé e as cortinas de grandes borlas revelavam a opulência de que o cura gozara. Benassis completara esse mobiliário, que não deixava de ter um certo caráter, com dois consolos de madeira de ramos esculpidos, colocadas uma em frente à outra no vão entre duas janelas, e com um relógio de parede de madreperla incrustada de cobre que decorava a chaminé. O médico raramente vinha a essa peça, a qual exalava o cheiro úmido das salas sempre fechadas. Ainda se respirava ali o falecido cura; o aroma particular do seu tabaco parecia mesmo sair do canto da chaminé onde ele costumava sentar-se. As duas grandes poltronas estavam simetricamente colocadas de cada lado da lareira, onde desde a estada do sr. Gravier não mais se acendera fogo, mas onde naquele momento brilhavam as chamas claras do pinho.

— Ainda está fazendo frio esta noite — disse Benassis —, a gente vê o fogo com prazer.

Genestas, que se tornara pensativo, começava a compreender a despreocupação do médico pelas coisas corriqueiras da vida.

— O senhor — disse ele — tem uma alma verdadeiramente patriota, e admira-me que, depois de ter realizado tanta coisa, não tentasse

esclarecer o governo.

Benassis pôs-se a rir, mas mansamente e com ar triste.

— Escrever alguma memória sobre os meios de civilizar a França, não? Antes do senhor, o sr. Gravier já me falara nisso. Infelizmente, não se esclarece um governo, e, de todos os governos, o menos suscetível de ser esclarecido é aquele que julga difundir luzes. Não há dúvida de que tudo o que fizemos por este cantão todos os *maires* deveriam fazê-lo pelo seu, o magistrado municipal pela sua cidade, o subprefeito pela circunscrição, o prefeito pelo departamento, o ministro pela França, cada um na esfera de interesses em que age. Ali onde eu consegui que construíssem uma estrada de duas léguas, um terminaria uma estrada, outro um canal; onde eu incentivei a fabricação de chapéus para camponeses, o ministro subtrairia a França do jugo industrial do estrangeiro, animando algumas fábricas de relógios, auxiliando o aperfeiçoamento do nosso ferro, do nosso aço, das nossas limas ou dos nossos altos-fornos, fomentando o cultivo da seda. Em matéria de comércio, encorajamento não quer dizer proteção. A verdadeira política de um país deve tender a libertá-lo de todo tributo para com o estrangeiro, mas sem o auxílio vergonhoso das alfândegas e das proibições. A indústria não pode ser salva senão por ela mesma; a concorrência é sua vida. Protegida, ela adormece; morre pelo monopólio como pelas tarifas. O país que há de tornar todos os demais seus tributários será o que proclamar a liberdade comercial; ele sentirá em si o poder manufatureiro de manter seus produtos a preços inferiores aos de seus concorrentes. A França pode alcançar esse fim muito melhor do que a Inglaterra, porque só ela possui um território bastante extenso para manter os produtos agrícolas a preços que mantenham o abaixamento do salário industrial: para isso deveria tender a administração na França, porque nisso reside toda a questão moderna. Meu caro senhor, esse estudo não foi o objetivo da minha vida, a tarefa que me impus tardiamente foi accidental. Além disso, tais coisas são simples demais para compor-se com elas uma ciência; nada têm de brilhante nem de teórico; têm a desgraça de ser muito simplesmente úteis. Finalmente, não se progride rapidamente nesse trabalho. Para obter-se um êxito nesse gênero é preciso encontrar em si, todas as manhãs, a mesma dose da mais rara coragem e a mais fácil na aparência, a coragem do professor que repete sem cessar as mesmas coisas, coragem pouco recompensada. Se saudamos respeitosamente o homem que, como o senhor, derramou seu sangue num campo de batalha, zombamos daquele que gasta lentamente o fogo de sua vida dizendo as mesmas palavras a crianças da mesma idade. O bem-feito obscuramente não tenta ninguém. Falta-nos essencialmente a virtude cívica com a qual os grandes homens dos tempos passados prestavam serviços à pátria, colocando-se na última fila quando não comandavam.

A doença da nossa época é a superioridade. Há mais santos do que altares. Eis o motivo. Perdemos com a Monarquia a *honra*, com a religião de nossos pais a *virtude cristã*, com os nossos infrutíferos ensaios de governo o *patriotismo*. Esses princípios não existem mais, senão parcialmente, em vez de animar as massas, porquanto as ideias nunca perecem. Agora, para amparar a sociedade, não temos outro sustentáculo senão o *egoísmo*. Os indivíduos creem em si próprios. O futuro é o homem social; não vemos nada além disso. O grande homem que nos salvará do naufrágio para o qual nos precipitamos se servirá sem dúvida do individualismo para refazer a nação; mas, enquanto esperamos essa regeneração, estaremos no século dos interesses materiais e do positivo. Esta última palavra é a de todos. Todos nós somos taxados não pelo que valemos, mas pelo que pesamos. Se está de blusa, o homem de energia mal consegue um olhar. Esse sentimento passou para o governo. O ministro manda uma insignificante medalha ao marinheiro que com risco de vida salva uma dúzia de homens, e dá a cruz de honra ao deputado que lhe vende o voto. Desgraçado do país assim constituído! As nações, do mesmo modo que os indivíduos, não devem suas energias senão aos grandes sentimentos. Os sentimentos de um povo são suas crenças. Em vez de termos crenças, nós temos interesses. Se cada qual não pensa e não tem fé senão em si mesmo, como quer o senhor encontrar muita coragem cívica, quando a condição dessa virtude está na renúncia de si mesmo? A coragem cívica e a coragem militar procedem do mesmo princípio. O senhor é chamado a dar sua vida de uma vez só, a nossa se vai gota a gota. De cada lado, os mesmos combates sob formas diferentes. Não basta ser homem de bem para civilizar o mais humilde canto da terra, é preciso ademais ser instruído; além disso, a instrução, a probidade, o patriotismo nada são sem a vontade firme com que um homem deve desprender-se de todo e qualquer interesse pessoal para dedicar-se a um pensamento social. Seguramente a França tem mais de um homem instruído, mais de um patriota por comuna; mas estou certo de que em cada cantão não existe um homem que a essas qualidades preciosas junte a vontade constante, a pertinácia do ferreiro martelando o ferro. O homem que destrói e o homem que constrói são dois fenômenos de vontade: um prepara, o outro termina a obra; o primeiro se apresenta como o gênio do mal, o segundo parece ser o gênio do bem; para um a glória, para o outro o esquecimento. O mal possui uma voz retumbante que desperta as almas vulgares e enche-as de admiração, ao passo que o bem permanece mudo durante muito tempo. O amor-próprio humano não tarda em escolher o papel mais brilhante. Uma obra de paz, realizada sem ideias preconcebidas de interesse próprio, nunca será mais que um acidente, até que a educação tenha mudado os costumes da França. Quando esses costumes tiverem sido modificados, quando

todos nós formos grandes cidadãos, não nos tornaremos, apesar das comodidades de uma vida trivial, o mais enfadonho, o mais enfadado, o menos artista, o mais infeliz povo que haverá sobre a terra? Não cabe a mim resolver essas grandes questões, não estou à frente do país. Além dessas considerações, outras dificuldades se opõem ainda a que a administração tenha princípios precisos. Em matéria de civilização, senhor, nada é absoluto. As ideias que convêm a uma região são mortais para outras, e acontece com as inteligências o mesmo que com os terrenos. Se temos tantos administradores maus, é isso devido a que a administração, como o gosto, procede de um sentimento muito elevado, muito puro. Nisso o gênio vem de uma tendência da alma e não de uma ciência. Ninguém pode apreciar nem os atos nem os pensamentos de um administrador; seus verdadeiros juízes estão longe dele, os resultados mais afastados ainda. Cada um de nós pode proclamar-se administrador, sem perigo. Em França, a espécie de sedução que o espírito exerce inspira-nos uma grande estima pelas pessoas que têm ideias; mas as ideias pouco valem onde o que se necessita é uma vontade. Enfim, a administração não consiste em impor às massas ideias ou vontades mais ou menos justas, e sim em imprimir às ideias boas ou más dessas massas uma direção útil, que as faça concorrer ao bem coletivo. Se os preconceitos e as rotinas de uma região vão ter um mau caminho, os habitantes por si mesmos repudiam seus erros. Todo erro em economia rural, política ou doméstica não constitui uma perda que o interesse retifica com o tempo? Felizmente, aqui encontrei campo limpo. A conselho meu, a terra foi aqui bem cultivada; mas não havia processos agrícolas errados e as terras eram boas; foi-me, pois, fácil introduzir a cultura em cinco rotações, os prados artificiais e a batata. Meu sistema agrônômico não colidia com nenhum preconceito. Já não mais se usavam relhas ordinárias, como em certas regiões da França, e a enxada era o quanto bastava às pequenas lavouras que se faziam. O carpinteiro estava interessado em louvar meus arados de roda para vender seus rodados, o que o tornava um compadre meu. Mas nisso, como em tudo, sempre procurei fazer convergirem os interesses de uns para os dos demais. Além disso, fui dos produtos que interessavam diretamente àquela pobre gente aos que aumentavam seu bem-estar. Não trouxe nada de fora para dentro, limitei-me a secundar as exportações que deviam enriquecê-los e cujos benefícios eram diretamente compreendidos. Esses eram meus apóstolos por suas obras e sem o suspeitar. Outra consideração! Estamos aqui apenas a cinco léguas de Grenoble, e perto de uma grande cidade tem-se sempre mercado para os produtos. Nem todas as comunas se acham situadas às portas de uma cidade grande. Em cada negócio dessa espécie é preciso consultar o espírito da terra, sua situação, seus recursos, estudar o terreno, os homens e as coisas e não

querer plantar vinhas na Normandia. Assim, pois, nada é mais variável do que a administração; ela tem poucos princípios gerais. A lei é uniforme; os costumes, as terras, as inteligências não o são; ora, a administração é a arte de aplicar as leis sem ferir os interesses, tudo pois nela é local. Do outro lado da montanha, em cujo sopé jaz nossa aldeia abandonada, é impossível lavrar com arados de roda, as terras não são suficientemente profundas; pois bem, se o *maire* dessa comuna quisesse imitar nosso procedimento, arruinaria os seus administrados; aconselhei-o a que fizesse vinhedos, e no ano passado essa pequena região teve excelentes colheitas; troca seu vinho pelo nosso trigo. Afinal eu tinha alguma influência sobre as pessoas a quem aconselhava, estávamos continuamente em contato. Eu curava os meus camponeses das suas doenças, tão fáceis de ser curadas; não se tratava nunca de outra coisa mais do que restituir-lhes as forças por uma alimentação substancial. Seja por economia ou por miséria, a gente do campo alimenta-se tão mal, que suas doenças provêm somente da sua indigência, e geralmente têm boa saúde. Quando me decidi religiosamente a esta vida de obscura resignação, hesitei muito tempo entre tornar-me padre, médico rural ou juiz de paz. Não é sem motivo, meu caro senhor, que, proverbialmente, se reúnem os três roupapretas, o padre, o homem de lei e o médico: um cura as feridas da alma, o outro as da bolsa, e o terceiro as do corpo; eles representam a sociedade nos seus três principais termos de existência: a consciência, a propriedade, a saúde.¹⁵ Outrora o primeiro, depois o segundo, foram todo o Estado. Os que nos precederam na terra pensavam, talvez com razão, que o padre, dispondo de ideias, deveria ser todo o governo: ele foi então rei, pontífice e juiz; mas nessa época tudo era crença e consciência. Hoje está tudo mudado; aceitemos nossa época tal como ela é. Pois bem, creio que o progresso da civilização e o bem-estar das massas dependem desses três homens; eles são os três poderes que fazem imediatamente sentir ao povo a ação dos fatos, dos interesses e dos princípios, os três grandes resultados produzidos numa nação pelos acontecimentos, pelas propriedades e pelas ideias. O tempo anda e traz mudanças, as propriedades aumentam ou diminuem, é preciso regularizar tudo de acordo com essas mutações: daí princípios de ordem. Para civilizar, para criar produções, é preciso fazer compreender às massas em que os interesses particulares se harmonizam com os interesses nacionais, os quais se resolvem pelos fatos, pelos interesses e pelos princípios. Essas três profissões, interferindo necessariamente nesses resultados humanos, pareceram-me, pois ser hoje as mais possantes alavancas da civilização; só elas podem oferecer constantemente a um homem de bem os meios eficazes para melhorar a sorte das classes pobres, com as quais têm perpétuas relações. O camponês, porém, ouve preferentemente o homem que lhe dá uma

receita para salvar-lhe o corpo ao padre que discorre sobre a salvação da alma: um pode falar-lhe da terra que ele cultiva, o outro é obrigado a entretê-lo com o céu, o qual hoje, infelizmente, pouco o preocupa; digo infelizmente, porquanto o dogma da vida futura é não somente um consolo, mas ainda um instrumento apropriado para governar. Não é a religião o único poder que sanciona as leis sociais? Recentemente justificamos Deus. Na ausência da religião, o governo foi obrigado a inventar o *Terror* a fim de tornar suas leis exequíveis; era, porém, um terror humano, passou. Pois bem, senhor, quando um camponês está doente, preso a um catre ou convalescente, ele é forçado a ouvir raciocínios encadeados, e compreende-os bem quando são claramente expostos. Esse pensamento fez-me médico. Eu calculava com os meus camponeses, para eles; não lhes dava senão conselhos de efeito seguro que os obrigava a reconhecer a exatidão dos meus pontos de vista. Com o povo, deve-se sempre ser infalível. A infalibilidade fez Napoleão, e teria feito dele um deus se o universo não o tivesse ouvido cair em Waterloo. Se Maomé¹⁶ criou uma religião depois de ter conquistado um terço do globo, foi ocultando ao mundo o espetáculo de sua morte. Para o *maire* da aldeia, como para o conquistador, os mesmos princípios: a nação e a comuna são um mesmo rebanho. Por toda parte a massa é a mesma. Finalmente, mostrei-me rigoroso com aqueles a quem favorecia com a minha bolsa. Sem essa firmeza, todos teriam zombado de mim. Os camponeses, tanto como as pessoas da sociedade, acabam por menosprezar o homem a quem enganam. Ser enganado não é ter praticado um ato de fraqueza? Somente a força governa. Nunca pedi um *sou* a ninguém pelos meus serviços profissionais, salvo àqueles que eram visivelmente ricos; mas não deixei que desconhecêssem o valor de meus trabalhos. Não perdoo o custo dos medicamentos, salvo para os enfermos indigentes. Se meus camponeses não me pagam, conhecem, entretanto, sua dívida; por vezes acalmam a consciência trazendo-me aveia para meus cavalos, ou trigo quando não está caro. Mas, se o moleiro não me oferecesse senão enguias como preço da minha assistência, ainda assim eu lhe diria que ele é muito generoso por tão pouca coisa; minha cortesia dá seus frutos: no inverno conseguirei dele alguns sacos de farinha para os pobres. Olhe, senhor, essa gente tem coração quando lho maltratam. Hoje penso de modo mais otimista do que no passado.

— Teve muitos aborrecimentos, não? — disse Genestas.

— Eu? Absolutamente não — replicou Benassis. — Não me dava mais trabalho dizer coisas úteis do que frioleiras. Ao passar, conversando, rindo, eu lhes falava deles mesmos. A princípio não me ouviram, foi-me preciso combater muitas repugnâncias neles: eu era um burguês, e para eles um burguês é um inimigo. Essa luta divertiu-me. Entre fazer o mal e fazer o bem, não há outra diferença senão a paz

da consciência ou sua perturbação; o trabalho é o mesmo. Se os patifes quisessem proceder direito, seriam milionários em vez de serem enforcados, eis tudo.

— Senhor — bradou Jacquotte, entrando —, o jantar está esfriando.

— Senhor — disse Genestas, detendo o médico pelo braço —, só tenho uma observação a fazer sobre o que acabo de ouvir. Não conheço nenhum relatório das guerras de Maomé, de modo que não posso julgar os talentos militares dele; mas, se o senhor tivesse visto o Imperador manobrando durante a campanha da França, o senhor o tomaria facilmente por um deus; e, se ele foi vencido em Waterloo, foi porque era mais do que um homem, pesava demais sobre a terra e a terra corcoveou com ele, isso é que é. De resto sou inteiramente da sua opinião nos demais assuntos, e, com mil raios, a mulher que o pôs não perdeu seu tempo.

— Vamos — exclamou Benassis, sorrindo —, vamos para a mesa.

A sala de jantar tinha as paredes inteiramente forradas de madeiras e pintadas de cinzento. A mobília constava então de algumas cadeiras de palha, um bufê, armários, uma estufa e o famoso relógio do falecido cura, e além disso cortinas brancas nas janelas. A mesa, coberta com uma toalha branca, nada tinha que indicasse luxo. A baixela era de barro louçado. A sopa, segundo a tradição do falecido cura, constava de um caldo, o mais substancial que jamais uma cozinheira tenha fervido a fogo brando e reduzido. Apenas o médico e seu hóspede acabavam de tomar a sopa, um homem entrou bruscamente na cozinha e fez, apesar de Jacquotte, uma súbita irrupção na sala de jantar.

— Que é que há? — perguntou o médico.

— Há, senhor, é que a nossa patroa, a sra. Vigneau, ficou branca, branca de modo a nos assustar a todos.

— Bem — exclamou jovialmente Benassis —, tenho de sair da mesa.

Levantou-se. Apesar da insistência de seu hospedeiro, Genestas praguejou militarmente, atirando o guardanapo, que não ficaria à mesa sem seu hospedeiro, e foi efetivamente para o salão aquecer-se, pensando nas misérias que se encontram inevitavelmente em todas as situações a que está sujeito o homem aqui na Terra.

XII — ONDE COMEÇAM OS VÍCIOS

Benassis não demorou a voltar, e os dois futuros amigos tornaram a pôr-se à mesa.

— Taboureau não faz muito esteve aqui para falar-lhe — disse Jacquotte ao patrão, ao trazer os pratos que conservara aquecidos.

— Quem é que está doente na casa dele? — perguntou Benassis.

— Ninguém, senhor; ele quer consultá-lo para si mesmo, pelo que

disse, e vai voltar.

— Está bem. Esse Taboureau — continuou Benassis dirigindo-se a Genestas — é para mim um tratado completo de filosofia; examine-o bem atentamente quando ele vier, pois estou certo de que o divertirá. Era um jornaleiro, homem bom, econômico, comendo pouco, trabalhando muito. Assim que o tratante juntou uns escudos, sua inteligência desenvolveu-se; acompanhou o movimento que eu imprimia a este pobre cantão, procurando tirar proveito dele para enriquecer. Em oito anos fez uma grande fortuna, grande para este cantão. É capaz de ter agora os seus quarenta mil francos. Aposto mil contra um que o senhor não adivinhará como ele faz para adquirir essa quantia, e o senhor não descobrirá. Ele é usurário, tão profundamente usurário, e usurário por uma combinação de tal modo alicerçada no interesse de todos os habitantes do cantão, que eu perderia meu tempo se tentasse abrir-lhes os olhos a respeito das vantagens que eles julgam obter dos seus negócios com Taboureau. Quando esse homem do diabo viu todos cultivando suas terras, apressou-se em sair pelas redondezas a comprar sementes para fornecer aos pobres infelizes as que lhes seriam necessárias. Aqui, como em toda parte, os camponeses, e mesmo alguns granjeiros, não tinham dinheiro suficiente para comprar as sementes de que precisavam. A uns, mestre Taboureau emprestava um saco de cevada pelo qual eles lhe dariam um saco de centeio depois da colheita; a outros, um sesteiro de trigo por um saco de farinha. Hoje, o meu homem espalhou esse gênero de negócio por todo o departamento. Se nada o detiver na sua marcha, ele ganhará talvez um milhão. Pois bem, meu caro senhor, o jornaleiro Taboureau, bom homem, serviçal, afável, dava uma ajuda a quem o solicitasse; mas, à proporção que ia ganhando, o sr. Taboureau tornou-se demandista, trapaceiro, desdenhoso. Quanto mais rico ficava, tanto mais viciado. Assim que o camponês passa da sua vida puramente de trabalho para a vida abastada ou para a posse territorial, fica insuportável. Existe uma classe semivirtuosa, semiviciosa, semissábia, semi-ignorante, que será sempre o desespero dos governos. O senhor vai ver um pouco o espírito dessa classe em Taboureau, homem simples na aparência, até mesmo ignorante, mas indubitavelmente profundo desde que se trate dos seus interesses.

O ruído de um passo pesado anunciou a chegada do emprestador de sementes.

— Entre, Taboureau! — gritou Benassis.

Prevenido daquela forma pelo médico, o comandante examinou o camponês e viu ser Taboureau um homem magro, semicurvado, de testa abaulada, muito enrugado. Aquele rosto encovado parecia furado por olhinhos cinzentos manchados de preto. O usurário tinha uma boca apertada, e seu queixo afilado tendia a juntar-se com um nariz

ironicamente adunco. Seus pômulos salientes apresentavam esses riscos estrelados que revelam a vida errante e a esperteza dos vendedores de cavalos. Finalmente, seus cabelos começavam a ficar grisalhos. Vestia um casaco azul, bastante limpo, cujos bolsos quadrados abanavam sobre os quadris e cujas abas abertas deixavam ver um colete branco com flores estampadas. Ficou de pé, plantado, apoiando-se num cajado de extremidade grossa. Apesar de Jacquotte, um cãozinho felpudo acompanhou o comerciante de sementes e deitou-se junto dele.

— Então, que temos? — perguntou Benassis.

Taboureau considerou com ar desconfiado a personagem desconhecida que estava à mesa com o médico e disse:

— Não é um caso de doença, senhor *maire*; mas o senhor sabe curar tão bem as dores da bolsa como as do corpo, e eu venho consultá-lo a propósito de uma pequena dificuldade que temos com um homem de Saint-Laurent.

— Por que não vais procurar o juiz de paz ou seu escrivão?

— Ora! É porque o senhor é muito mais hábil, e eu saberia melhor o que fazer no meu caso se pudesse ter sua aprovação.

— Meu caro Taboureau, dou de bom grado aos pobres minhas consultas grátis, mas não posso examinar de graça os processos de um homem tão rico como tu. A ciência custa caro para ser adquirida.

Taboureau pôs-se a dar voltas ao chapéu.

— Se queres minha opinião, como ela te poupará uma boa maquia que terás de dar à gente do foro em Grenoble, mandarás uma bolsa de centeio à sra. Martin, a que cria as crianças do asilo.

— Como não! Senhor, mandarei com prazer se isso lhe parece necessário. Posso expor meu caso sem cacetear esse senhor? — acrescentou ele, apontando para Genestas. — Pois então... — continuou, a um sinal de cabeça do médico — um homem de Saint-Laurent, faz isso dois meses, veio procurar-me. “Taboureau”, me disse ele, “poderia vender-me cento e trinta e sete sesteiros de cevada?” “E por que não?”, retruquei-lhe, “se é esse o meu ofício. Precisa em seguida?” “Não”, disse-me ele, “só para começo da primavera, em março.” “Bem!” E aí discutimos o preço, e depois de bebermos vinho combinamos que ele me pagaria o mesmo preço da cevada na última feira de Grenoble, e que eu lhe entregaria o grão em março, menos as quebras de armazenagem, bem entendido. Mas, meu caro senhor, a cevada está subindo, subindo; afinal, acontece que a minha cevada é engolida como uma sopa de leite. Eu, precisando de dinheiro, vendo a minha cevada. Era a coisa mais natural do mundo, não acha o senhor?

— Não — disse Benassis —, tua cevada não te pertencia mais, era apenas um depositário dela. E, se a cevada tivesse baixado, não obrigarias o teu comprador a ficar com ela pelo preço convencionado?

— Mas, senhor, é quase certo que esse homem não me teria pagado. Guerra é guerra! O negociante deve aproveitar-se do lucro quando ele vem. Afinal de contas, uma mercadoria só é nossa depois que a gente paga, não é verdade, senhor oficial? Pois se vê que o senhor serviu no Exército.

— Taboureau — disse Benassis com gravidade —, alguma desgraça te acontecerá. Cedo ou tarde Deus castiga as más ações. Como é possível que um homem tão capaz, tão instruído como tu, um homem que honradamente faz seus negócios, dê neste cantão exemplos de falta de probidade? Se arranjas processos desses, como queres que os infelizes permaneçam honestos e não te roubem? Teus operários te escamotearão parte do tempo que te devem, e cada qual aqui se desmoralizará. Fazes mal. Tua cevada era tida como entregue. Se o homem de Saint-Laurent a tivesse levado, tu não a terias ido buscar à casa dele: portanto, dispuseste de uma coisa que não te pertencia mais, tua cevada tinha sido convertida em dinheiro realizável segundo o contrato de vocês. Mas continua.

Genestas dirigiu ao médico um olhar de inteligência para fazer-lhe notar a imobilidade de Taboureau. Nem uma fibra do rosto do usurário se movera durante aquela reprimenda, sua fronte não corara, seus olhinhos permaneciam calmos.

— Pois bem, senhor, estou intimado a fornecer a cevada pelo preço deste inverno; eu, porém, creio que não a estou devendo.

— Ouve, Taboureau, entrega tua cevada o mais depressa que puderes, ou não contes mais com a estima de ninguém. Mesmo se ganhasses semelhante processo, passarias por um homem sem fé nem lei, sem palavra, sem honra...

— Siga adiante, não tenha medo, diga-me que sou um larápio, um patife, um gatuno. Em negócios isso se diz, senhor *maire*, sem ofender ninguém. Em matéria de negócios, cada um por si.

— Pois bem, por que te pões voluntariamente no caso de merecer semelhantes termos?

— Mas, senhor, se a lei está comigo...

— Mas a lei não estará contigo.

— Tem certeza disso, senhor, mas certeza certa? Porque, veja bem, o negócio é importante.

— Claro que tenho certeza. Se não estivesse jantando, eu te faria ler o Código. Mas se o processo tiver lugar tu o perderás, e nunca mais botarás os pés em minha casa; não quero receber gente a quem não estimo. Estás ouvindo? Perderás teu processo.

— Ah! Isso é que não, não o perderei — disse Taboureau. — Quer saber duma coisa, senhor *maire*? O homem de Saint-Laurent é que me deve a cevada; eu é que a comprei, e é ele quem se recusa a entregá-la. Eu quis foi ter certeza de que eu é que ganhava, antes de ir ao escrivão

comprometer-me pelos gastos.

Genestas e o médico entreolharam-se, dissimulando a surpresa que lhes causava a engenhosa combinação buscada por aquele homem para saber a verdade sobre aquele caso judiciário.

— Bem, Taboureau, teu homem procedeu de má-fé, e com gente dessa espécie não se deve fazer negócios.

— Ah! Senhor, essa gente entende de negócios.

— Até outro dia, Taboureau.

— Um seu criado, senhor *maire* e companhia...

— E então, que me diz? — comentou Benassis depois da saída do usurário. — Não crê que em Paris esse homenzinho se tornaria milionário em pouco tempo?

Terminando o jantar, o médico e seu pensionista foram para o salão, onde durante o resto do serão falaram em guerra e política enquanto esperavam a hora de recolher-se, conversação durante a qual Genestas manifestou a mais violenta antipatia pelos ingleses.

— Senhor — disse o médico —, posso saber a quem tenho a honra de hospedar?

— Chamo-me Pedro Bluteau — respondeu Genestas —, e sou capitão em Grenoble.

— Bem, senhor. Quer seguir o regime do sr. Gravier? Desde pela manhã, depois da primeira refeição, ele gostava de acompanhar-me nas minhas excursões pelas redondezas. Não é garantido que o senhor ache prazer nas coisas em que me ocupo, de tão vulgares que são. Afinal de contas, o senhor não é proprietário nem *maire* de aldeia, e nada verá no cantão que não tenha visto em outros lugares, todos os ranchos se parecem; mas em todo caso o senhor tomará ar e terá um objetivo para seus passeios.

— Nada me agrada tanto como essa proposta; não me atrevia a fazê-la com receio de importuná-lo.

XIII — OS DOIS QUARTOS

O Comandante Genestas, ao qual este nome será conservado apesar de sua pseudonímia calculada, foi levado por seu hospedeiro a um quarto situado no primeiro andar, em cima do salão.

— Bom — disse Benassis —, Jacquotte fez-lhe fogo. Se lhe faltar alguma coisa, há um cordão de campainha na cabeceira de sua cama.

— Não creio que me falte coisa alguma — exclamou Genestas. — Vejo aqui até uma saca-botas. Só mesmo um velho soldado para saber o valor de um troço desses! Na guerra, senhor, há momentos em que se queimaria uma casa para ter um diabo de saca-botas. Depois de muitas marchas, e sobretudo depois de um combate, há ocasiões em que o pé

inchado num couro molhado não cede a nenhum esforço; por isso mais de uma vez dei-me de botas. Quando a gente está só, a tortura ainda é suportável.

O comandante piscou o olho para dar a essas últimas palavras uma espécie de significação matreira; depois começou a olhar, não sem surpresa, um quarto onde tudo era cômodo, limpo e quase rico.

— Que luxo! — disse ele. — Deve estar maravilhosamente instalado.

— Venha ver — disse o médico —, sou seu vizinho, estamos separados só pela escada.

Genestas ficou bastante admirado vendo, ao entrar nos aposentos do médico, um quarto nu cujas paredes tinham como único ornamento um velho papel amarelado, com rosáceas escuras e descorado em alguns lugares. A cama, de ferro grosseiramente envernizado, sustentando uma flecha de madeira de onde caíam duas cortinas de calicó cinzento e junto à qual havia um tapete estreito e ordinário que já mostrava o fio, parecia uma cama de hospital. Na cabeceira havia uma dessas mesas de quatro pés cuja frente se enrola e desenrola fazendo um barulho de castanholas. Três cadeiras, duas poltronas de palha, uma cômoda de nogueira sobre a qual havia uma bacia e um jarro de água muito antigo, cuja tampa estava presa ao vaso por uma dobradiça de chumbo, completavam o mobiliário. A lareira da chaminé estava fria, e tudo o que era necessário para fazer a barba estava atirado em cima da pedra pintada do alizar, em frente a um velho espelho pendurado num pedaço de cordão. O piso, bem varrido, estava gasto, quebrado, escavado em vários lugares. As duas janelas estavam adornadas com cortinas de calicó cinzento, orladas de franjas verdes. Tudo, até mesmo a mesa redonda sobre a qual havia esparsos alguns papéis, um tinteiro e penas, tudo, naquele quarto simples, ao qual o extremo asseio mantido por Jacquotte imprimia uma espécie de correção, dava a ideia de uma vida quase monástica, indiferente às coisas e cheia de sentimentos. Uma porta aberta deixou o comandante ver um gabinete no qual, sem dúvida, muito pouco permanecia o médico. Essa peça achava-se num estado mais ou menos semelhante ao do quarto. Alguns livros cobertos de pó estavam atirados sobre estantes também poeirentas, e prateleiras cheias de garrafas com rótulos faziam adivinhar que a farmácia ocupava ali mais lugar do que a ciência.

— O senhor me perguntará o motivo dessa diferença entre o seu quarto e o meu — disse Benassis. — Ouça, sempre fiquei envergonhado por aqueles que recebem seus hóspedes em casa dando-lhes espelhos que desfiguram a tal ponto que, ao mirar-se neles, a gente pode julgar-se menor ou maior do que de fato é, ou doente, ou ainda atingido de apoplexia. Pois não nos devemos esforçar em fazer com que nossos amigos achem seu apartamento passageiro o mais agradável possível? A hospitalidade parece-me ao mesmo tempo uma virtude, uma felicidade

e um luxo; mas, sob qualquer aspecto pelo qual a consideremos, sem excetuar o caso em que ela é uma especulação, não deveremos cercar nossos hóspedes de todas as amabilidades e de todas as satisfações da vida? Portanto, nos seus aposentos os belos móveis, o tapete quente, as estofarias, o relógio de parede, os candelabros e a lamparina; para o senhor a vela, os cuidados de Jacquotte, a qual, com certeza, lhe trouxe chinelos novos, leite e o aquecedor. Espero que jamais tenha estado melhor acomodado do que na fofa poltrona cuja descoberta deve-se ao falecido cura, não sei onde; mas a verdade é que em tudo, para se encontrar os modelos do bom, do belo e do cômodo, é preciso recorrer à Igreja. Espero, enfim, que no seu quarto tudo lhe agrade. Encontrará nele boas navalhas, excelente sabonete e todos os pequenos acessórios que tornam a nossa casa própria tão doce. Mas, meu caro sr. Bluteau, embora minha opinião sobre a hospitalidade não explicasse desde já a diferença que existe entre os nossos apartamentos, o senhor compreenderá talvez às mil maravilhas a nudez de meu quarto e a desordem do meu gabinete quando testemunhar, amanhã, as idas e vindas que têm lugar aqui. Antes de mais nada, minha vida não é uma vida caseira, estou sempre fora. Se fico em casa, os camponeses vêm a toda hora falar-me; eu lhes pertenco de corpo, alma e quarto. Posso conceder-me as preocupações da etiqueta e as causadas pelos estragos inevitáveis que essa boa gente faria involuntariamente? O luxo só é possível nos hotéis, nos castelos, nos camarins, nos quartos de amigos. Enfim, venho aqui somente para dormir; que me importam, portanto, os trapos da riqueza? Além disso, o senhor não imagina quanto me é indiferente tudo aqui na Terra.

Deram um ao outro um boa-noite amistoso, apertando-se as mãos cordialmente, e se deitaram. O comandante não adormeceu sem antes fazer mais de uma reflexão sobre aquele homem que, de hora em hora, crescia no seu espírito.

SEGUNDA PARTE

CAMPO AFORA

I — A MORTE NO VALE, A MORTE NA MONTANHA

A amizade que tem todo cavaleiro por sua montaria atraiu desde manhã cedo Genestas à estrebaria, ficando ele satisfeito com o tratamento dado ao seu cavalo por Nicolle.

— Já de pé, Comandante Bluteau? — exclamou Benassis, o qual veio ao encontro de seu hóspede. — O senhor é realmente um militar, ouve o toque de alvorada em toda a parte, mesmo na aldeia.

— Como vai isso? — respondeu-lhe Genestas, estendendo-lhe a mão num gesto de amigo.

— Nunca vou positivamente bem — respondeu Benassis, com um ar meio triste, meio alegre.

— O senhor dormiu bem? — perguntou Jacquotte a Genestas.

— E como não, beleza! Se você arrumou a cama como para uma noiva.

Jacquotte seguiu o patrão e o militar, sorrindo. Depois de os ver à mesa, ela comentou com Nicolle:

— Não se pode negar que é uma boa pessoa, este oficial.

— Isso nem se discute, já me deu dois francos!

— Começaremos visitando dois mortos — disse Benassis ao seu hóspede, ao saírem da sala de jantar. — Embora os médicos não consintam senão raras vezes em defrontar suas pretensas vítimas, eu o levarei a duas casas onde o senhor poderá fazer uma observação assaz interessante sobre a natureza humana. Verá dois quadros que lhe provarão o quanto os montanhese diferem dos habitantes da planície, na expressão de seus sentimentos. A parte do nosso cantão situada nas alturas conserva tradições matizadas de cores antigas, e que recordam vagamente as cenas da Bíblia. Existe, na cadeia das nossas montanhas, uma linha traçada pela natureza, a partir da qual tudo muda de aspecto. Em cima a força, embaixo a habilidade; em cima sentimentos vastos, embaixo um perpétuo entendimento dos interesses da vida material. Excetuando o vale de Ajou, cuja vertente setentrional é povoada de imbecis, e a meridional de gente inteligente, duas populações que, separadas unicamente por um riacho, são dissemelhantes em tudo, estatura, modo de caminhar, fisionomia, costumes, ocupação, não vi em parte alguma essa diferença mais sensível do que aqui. Esse fato

obrigaria os administradores da região a fazer grandes estudos relativamente à aplicação das leis às massas. Mas os cavalos estão prontos, vamos!

Os dois cavaleiros chegaram ao cabo de pouco tempo a uma habitação situada na parte do burgo que olhava para as montanhas da Grande Chartreuse. Na porta dessa casa, cujo aspecto era bastante asseado, eles viram um caixão mortuário coberto com um pano preto, colocado sobre duas cadeiras, entre quatro círios; depois, em cima de um banquinho, uma bandeja de cobre na qual mergulhava um ramo de buxo em água benta. Todos os que passavam entravam para o pátio, iam ajoelhar-se diante do corpo, rezavam um Padre-Nosso e atiravam algumas gotas de água benta sobre o féretro. Acima do pano preto erguia-se a ramagem verde de um jasmineiro plantado ao longo da porta, e por cima da bandeja desta espalhavam-se os sarmentos tortuosos de uma videira já enfolhada. Uma rapariga tinha acabado de varrer a frente da casa em obediência a essa vaga necessidade de adornos que as cerimônias exigem, até mesmo a mais triste de todas. O filho mais velho do falecido, jovem camponês de vinte e dois anos, estava de pé, imóvel, encostado no portal. Tinha nos olhos lágrimas que rolavam sem cair, ou que ele ia talvez, de quando em quando, enxugar a um canto. No momento em que Benassis e Genestas entravam no pátio depois de terem amarrado os cavalos num dos choupos colocados ao correr de um pequeno muro de meia altura por cima do qual eles tinham examinado aquela cena, a viúva saía de um curral acompanhada por uma mulher que trazia uma vasilha cheia de leite.

— Tenha coragem, minha pobre Pelletier — dizia a última.

— Ah! Minha querida, quando a gente viveu vinte e cinco anos com um homem, é duro separar-se dele! — E seus olhos turvaram-se de lágrimas. — Vai pagar os dois soldos? — acrescentou ela depois de uma pausa, estendendo a mão para a vizinha.

— Ah! É verdade, ia esquecendo — disse a mulher entregando-lhe a moeda. — Vamos, console-se, vizinha. Ah! Aí está o sr. Benassis.

— Então, minha pobre mãezinha, está melhor? — perguntou o médico.

— Que remédio — disse ela, chorando — senão ir bem, de qualquer jeito. Consolo-me com a ideia de que meu homem já não sofrerá mais. Ele sofreu tanto! Mas entrem, senhores. Jacques! Oferece cadeiras a estes dois senhores. Vamos, mexe-te. Por Deus, vamos, é inútil, não reanimaras teu pobre pai nem que ficasses cem anos aí! E agora precisas trabalhar por dois.

— Não, não, senhora, deixe seu filho em paz, nós nos vamos sentar. A senhora tem ali um rapaz que cuidará da mãe, e bem capaz de substituir o pai.

— Vai então vestir-te, Jacques — gritou a viúva —, eles vão vir

procurá-lo.

— Bem, adeus — disse Benassis.

— Uma sua criada, meus senhores.

— Como vê — disse o médico —, a morte aqui é aceita como um acidente previsto que não detém o curso da vida das famílias, e o luto nem sequer será usado. Nas aldeias ninguém quer fazer essa despesa, seja por miséria ou por economia. No campo, portanto, o luto não existe. Ora, senhor, o luto não é nem uma tradição nem uma lei; é melhor do que isso, é uma instituição que se prende a todas as leis cuja observação depende de um mesmo princípio, a moral. Pois bem! Apesar dos nossos esforços, nem eu nem o sr. Janvier conseguimos fazer com que os nossos camponeses compreendessem de que importância são as manifestações públicas para a manutenção da ordem social. Essa boa gente, emancipada de ontem, não está apta ainda para apreender as novas relações que a devem ligar a essas ideias gerais; por enquanto estão ainda nas que engendram a ordem e o bem-estar físico; mais tarde, se alguém continuar a minha obra, eles chegarão aos princípios que servem para conservar os direitos públicos. Não basta, com efeito, ser homem de bem, é preciso ademais parecer sê-lo. A sociedade não vive somente de ideias morais; para subsistir, ela tem necessidade de ações em harmonia com essas ideias. Na maioria das comunas rurais, sobre cem famílias a quem a morte privou do chefe, só alguns indivíduos, dotados de viva sensibilidade, guardarão dessa morte uma lembrança duradoura; todos os outros, porém, tê-la-ão esquecido no decorrer do ano. Não é esse olvido uma grande chaga? Uma religião é o coração de um povo, ela exprime os seus sentimentos e os engrandece atribuindo-lhes uma finalidade; mas sem um Deus visivelmente respeitado a religião não existe, e, portanto, as leis humanas não têm nenhum vigor. Se a consciência pertence somente a Deus, o corpo está sob a lei social; ora, não será um começo de ateísmo apagar assim os sinais de uma dor religiosa, não indicar fortemente às crianças que ainda não raciocinam e a quantos precisam de exemplo a necessidade de obedecer às leis por uma resignação patente às ordens da Providência, que castiga e consola, que dá e tira os bens deste mundo? Confesso que, depois de ter atravessado dias de incredulidade zombeteira, compreendi aqui o valor das cerimônias religiosas, o das solenidades de família, a importância das tradições e das festas do lar doméstico. A base das sociedades humanas será sempre a família. No ponto em que começa a ação do poder e da lei, aí pelo menos deve aprender-se a obediência. Vistos em todas as suas consequências, o espírito de família e o poder paterno são dois princípios ainda muito pouco desenvolvidos no nosso novo sistema legislativo. Todo o nosso país está entretanto aí, na família, na comuna, no departamento. As leis deveriam, portanto, estar baseadas nessas três grandes divisões. A meu

ver, todo o aparato seria pouco para o casamento dos noivos, para o nascimento dos filhos e para a morte dos pais. O que fez a força do catolicismo, o que o enraizou tão profundamente nos costumes foi precisamente o brilho com que ele aparece nas circunstâncias graves da vida para cercá-las de pompas tão ingenuamente tocantes, tão grandes, quando o padre se coloca à altura de sua missão e sabe harmonizar seu dever com a sublimidade da moral cristã. Outrora eu considerava a religião católica como um amontoado de preconceitos e de superstições habilmente exploradas, que uma civilização inteligente devia reprimir; aqui, lhe reconheci a necessidade política e a utilidade moral; aqui lhe compreendi o poder pelo próprio valor da palavra que a exprime. Religião quer dizer *Laço*, e, certamente, o culto, ou, com outras palavras, a religião externada, constitui a única força capaz de unir as espécies sociais e lhes dar uma forma durável. Finalmente, aqui respirei o bálsamo que a religião derrama sobre as chagas da vida; sem discuti-la, senti que ela se harmoniza admiravelmente com os costumes veementes das nações meridionais.

— Tome o caminho que sobe — disse o médico, fazendo uma interrupção —, precisamos alcançar o chapadão. De lá dominaremos os dois vales, e o senhor então descortinará um belo espetáculo. Elevados a três mil pés, mais ou menos, acima do Mediterrâneo, veremos a Saboia e o Delfinado, as montanhas do Lionês e o Ródano. Estaremos em outra comuna, uma comuna montanhosa, onde o senhor encontrará numa granja do sr. Gravier o espetáculo de que lhe falei, essa pompa natural que realiza as minhas ideias sobre o acontecimento da vida. Nesta comuna, usa-se o luto religiosamente. Os pobres mendigam para comprar suas roupas pretas. Nessas circunstâncias ninguém lhes nega auxílio. Poucos são os dias em que uma viúva não fale na sua perda, sempre chorando; e dez anos depois da sua desgraça, como no dia seguinte a esta, seus sentimentos são igualmente profundos. Ali os costumes são patriarcais: a autoridade do pai é ilimitada, sua palavra é soberana; ele come sozinho na ponta da mesa, a mulher e os filhos o servem, os que o cercam não lhe falam sem empregar certas fórmulas respeitosas, diante dele todos ficam de pé e descobertos. Criados assim, os homens têm o instinto da sua grandeza. Esses usos constituem, segundo o meu modo de pensar, uma nobre educação. Por isso, nessa comuna eles são geralmente justos, econômicos, laboriosos. Cada pai de família tem o hábito de dividir igualmente seus bens entre os filhos, quando a idade não lhe permite mais trabalhar; os filhos então o alimentam. No século passado, um ancião de noventa anos, depois de ter feito a partilha de seus bens entre os filhos, vinha passar três meses do ano em casa de cada um deles. Quando deixou o primogênito para ir à casa do caçula, um amigo lhe perguntou: “E então! Estás contente?”. “Por Deus que sim!”, respondeu o velho, “eles me trataram como a um

filho.” Essa resposta, senhor, pareceu tão notável a um oficial chamado Vauvenargues,¹⁷ célebre moralista, naquela época servindo na guarnição de Grenoble, que ele falou a respeito em vários salões de Paris, onde aquela bela frase foi recolhida por um escritor chamado Chamfort.¹⁸ Pois bem! Aqui entre nós dizem-se com frequência palavras ainda mais incisivas do que aquela, mas faltam historiadores dignos de ouvi-las.

— Vi irmãos morávios,¹⁹ Lollards²⁰ na Boêmia e na Hungria — disse Genestas —; são cristãos que se aproximam muito dos seus montanhese. Essa boa gente suporta os males da guerra com paciência de anjo.

— Senhor — respondeu o médico —, os costumes simples devem ser pouco mais ou menos semelhantes em todos os países. O verdadeiro não tem senão uma forma. Em verdade a vida do campo mata muitas ideias, mas enfraquece os vícios e desenvolve as virtudes. Com efeito, quanto menor for a aglomeração de homens num ponto, menor será nele o número de crimes, de delitos, de maus sentimentos. A pureza do ar contribui em muito para a inocência dos costumes.

Os dois cavaleiros, que iam subindo a passo o caminho pedregoso, chegaram então ao alto do chapadão de que Benassis falara. Esse território cerca um pico muito elevado, mas completamente nu, que o domina e onde não existe vestígio de vegetação; o cume é pardacento, fendido por todos os lados, abrupto, inacessível; o terreno fértil, encerrado entre rochas, estende-se abaixo desse pico, e o rodeia desigualmente numa largura de uns cem arpentos mais ou menos. Para o sul, o olhar alcança, por um imenso corte, a Maurienne francesa, o Delfinado, os rochedos da Saboia e as longínquas montanhas do Lionês. No momento em que Genestas contemplava aquele panorama, então largamente iluminado pelo sol primaveril, ouviram-se gritos lamentosos.

— Venha — disse Benassis —, já começou o canto. Canto é o nome que dão a esta parte das cerimônias fúnebres.

O militar viu então, na encosta ocidental do pico, as edificações de uma granja considerável, as quais formavam um perfeito quadrado. O portal abobadado, todo de granito, tinha um caráter de grandeza que a vetustez da construção, a antiguidade das árvores que a acompanhavam e as plantas que lhe cresciam nas arestas realçavam ainda mais. O corpo do edifício estava no fundo do pátio, de cada lado do qual se encontravam os celeiros, os currais das ovelhas, as estrebarias, os estábulos, as cocheiras e, no meio, o grande charco onde apodrece o estrume. Esse pátio, cujo aspecto geralmente é tão animado nas granjas ricas e bem povoadas, estava naquele momento silencioso e sombrio. A porta do galinheiro estando fechada, os animais permaneciam no seu recinto, de onde mal se ouviam seus gritos. Os estábulos, as estrebarias,

tudo estava cuidadosamente fechado. O caminho que ia ter à habitação sofrerá uma grande limpeza. Essa ordem perfeita, num lugar onde habitualmente reinava a desordem, essa falta de movimento e esse silêncio num lugar tão barulhento, a calma da montanha, a sombra projetada pelo cume do pico, tudo contribuía para impressionar a alma. Por mais acostumado que estivesse Genestas às impressões fortes, não pôde deixar de estremecer ao ver uma dúzia de homens e de mulheres em pranto, enfileirados do lado de fora da porta da sala grande e, todos, exclamando *O patrão morreu!* Com apavorante unanimidade de entonação e por duas vezes seguidas durante o tempo que ele gastou para ir do portal ao aposento do granjeiro. Terminado esse grito, do interior vieram gemidos, e pelas janelas ouviu-se a voz de uma mulher.

— Não me atrevo a meter-me no meio dessa dor — disse Genestas a Benassis.

— Eu venho sempre — respondeu o médico — visitar as famílias afligidas pela morte, seja para ver se não sobreveio nenhum acidente causado por dor, seja para verificar o óbito; pode acompanhar-me sem escrúpulos; de resto, a cena é tão imponente, e vamos encontrar tanta gente, que ninguém o notará.

Acompanhando o médico, Genestas viu efetivamente a primeira peça cheia de parentes. Os dois atravessaram aquela assembleia e se colocaram perto da porta de um quarto de dormir contíguo à grande sala que servia de cozinha e de lugar de reunião para toda a família, dever-se-ia dizer colônia, porquanto o comprimento da mesa indicava a presença habitual de umas quarenta pessoas.

A chegada de Benassis interrompeu o discurso de uma mulher de grande estatura, vestida com simplicidade, cujos cabelos estavam despenteados, e que conservava nas suas a mão do morto, num gesto eloquente. Este, vestido com as suas melhores roupas, estava deitado, rígido, na sua cama, cujos cortinados tinham sido levantados. Aquele rosto calmo, que respirava o céu, e sobretudo os cabelos brancos produziam um efeito teatral. De cada lado do leito, estavam os filhos e os parentes mais próximos dos esposos, cada linhagem guardando seu lado, os parentes da mulher à esquerda, os do defunto à direita. Homens e mulheres estavam ajoelhados e rezavam; a maioria chorava. O leito estava cercado de círios. O cura da paróquia e seu sacristão tinham seu lugar no meio do quarto, junto ao esquite aberto. Era um espetáculo trágico ver o chefe daquela família em presença de um ataúde pronto a tragá-lo para sempre.

— Ah! Meu querido esposo — disse a viúva apontando para o médico —, se a ciência do melhor dos homens não te pôde salvar, era porque estava escrito lá em cima que tu me precederias no túmulo! Sim, aqui está ela fria, essa mão que me aflagava com tanta amizade! Perdi para sempre meu querido companheiro, e nossa casa perdeu seu precioso

chefe, porque eras verdadeiramente nosso guia. Ai de mim! Todos os que te choram comigo conheceram bem, a luz de teu coração e todo o valor da tua pessoa, mas só eu sabia o quanto eras meigo e paciente. Ah! Meu marido, tenho então de te dizer adeus, a ti, nosso amparo, a ti, meu bom senhor! E nós, teus filhos, pois querias a todos nós igualmente, todos perdemos o nosso pai!

A viúva atirou-se sobre o corpo, enlaçou-o, cobriu-o de lágrimas, aqueceu-o com beijos; e durante essa pausa os criados exclamaram:

— O patrão morreu!

— Sim — continuou a viúva — ele morreu, esse querido bem-amado que nos dava nosso pão, que plantava e colhia para nós, que cuidava da nossa felicidade, dirigindo-nos na vida com uma autoridade cheia de brandura; posso dizer agora em seu louvor, ele nunca me deu o mais leve desgosto, era bom, forte, paciente, e, quando o torturávamos para restituir-lhe a preciosa saúde: “Deixem-me, meus filhos, tudo é inútil!”, dizia-nos esse querido cordeiro com a mesma voz com que poucos dias antes nos dizia: “Tudo vai bem, meus amigos!”. Sim, Deus de misericórdia! Poucos dias bastaram para nos tirar a alegria desta casa e obscurecer nossa vida cerrando os olhos do melhor dos homens, do mais honesto e venerado, de um homem que não tinha quem o igualasse no guiar o arado, que corria sem medo noite e dia pelas montanhas e que no regresso sorria sempre à sua mulher e aos seus filhos. Ai! Ele era o amor de todos nós! Quando ele se ausentava a casa ficava triste, não comíamos com bom apetite. Ai! Que será agora de nós quando o nosso anjo da guarda for enterrado e não o enxergarmos nunca mais? Nunca mais, meus amigos! Nunca mais, meus bons parentes! Nunca mais, meus filhos! Sim, meus filhos perderam seu bom pai, nossos parentes perderam seu bom parente, meus amigos perderam um bom amigo, e eu perdi tudo, como a casa perdeu seu senhor!

Segurou a mão do morto, ajoelhou-se para melhor encostar nela o seu rosto e beijou-o. Os criados gritaram três vezes: “O patrão morreu!”. Nesse momento, o filho mais velho foi para junto da mãe e lhe disse:

— Mãe, a gente de Saint-Laurent está chegando, vai ser preciso vinho para eles.

— Meu filho — respondeu ela em voz baixa, deixando o tom solene e lamentável com o qual expressava seus sentimentos —, tome as chaves, você agora é o dono da casa; faça de modo a que eles recebam aqui a acolhida que seu pai lhes faria, e que para eles nada pareça mudado. Que eu te veja mais uma vez, à minha vontade, meu digno esposo! — continuou ela. — Mas, ai de mim! Tu não me sentes mais, não te posso aquecer! Ah! Tudo que eu quisera seria consolar-te ainda, fazendo-te saber que enquanto eu viver tu permanecerás no coração que alegraste, que serei ditosa pela recordação da minha felicidade e que tua querida

imagem subsistirá neste quarto. Sim, ele ficará sempre cheio de ti enquanto Deus nele me deixar. Ouve-me! Meu marido adorado! Juro manter teu leito tal como está agora. Nunca nele penetrei sem ti; que fique portanto vazio e frio. Ao perder-te terei realmente perdido tudo o que faz a mulher: senhor, esposo, pai, amigo, companheiro, homem, tudo enfim!

— O patrão morreu! — clamaram os criados.

Durante o brado, que se tornou geral, a viúva pegou numa tesoura pendurada na sua cinta e cortou seus cabelos, os quais pôs nas mãos do marido. Fez-se um grande silêncio.

— Esse ato significa que ela não se tornará a casar — disse Benassis. — Muitos parentes estavam à espera da sua resolução.

— Toma meu querido senhor — disse ela com uma efusão de voz e de coração que a todos comoveu —, guarda no teu túmulo a fé que te jurei. Ficaremos assim unidos para sempre, e eu permanecerei entre teus filhos por amor dessa descendência que te remoçava a alma. Que me possas ouvir, meu marido, meu único tesouro, e saibas que me farás ainda viver, tu morto, para obedecer às tuas vontades sagradas e honrar tua memória!

Benassis apertou a mão de Genestas para convidá-lo a que o seguisse, e saíram. A primeira sala estava cheia de gente que viera de outra comuna igualmente situada nas montanhas; todos se mantinham silenciosos e concentrados, como se a dor e o luto que planavam sobre aquela casa já os tivessem empolgado. Quando Benassis e o comandante atravessaram o umbral, ouviram estas palavras ditas por um dos que chegaram ao filho do falecido:

— Quando morreu ele?

— Ah! — exclamou o primogênito, que era um homem de vinte e cinco anos. — Eu não o vi morrer! Ele tinha me chamado e eu não estava aqui!

Os soluços o interromperam, mas continuou:

— Na véspera ele me disse: “Rapaz, irás ao burgo pagar os meus impostos, as cerimônias do meu enterro impediriam que se pensasse nisso, e ficaríamos atrasados, coisa que nunca aconteceu”. Ele parecia estar melhor; eu, então, fui. Durante minha ausência ele morreu sem que eu recebesse seus últimos abraços! No seu derradeiro instante ele não me viu ao seu lado como eu sempre estava!

— O patrão morreu! — gritavam.

— Ai de mim! Ele morreu e eu não recebi nem seus últimos olhares nem seu último suspiro. E como pensar nos impostos? Não valia mais perder todo o nosso dinheiro do que ter saído de casa? Podia acaso nossa fortuna pagar seu último adeus? Não, meu Deus! Se teu pai está doente, não o deixes, João, pois ficarias com remorsos para o resto da vida.

— Meu amigo — disse-lhe Genestas —, eu vi morrer milhares de homens nos campos de batalha, e a morte não esperava que os filhos deles lhes viessem dizer adeus; assim, pois, console-se, você não é o único.

— Um pai, meu caro senhor — disse o rapaz, rompendo em pranto —, um pai que era um homem tão bom!

— Essa oração fúnebre — disse Benassis dirigindo Genestas para o lado das peças de serviço da granja — vai durar até o momento em que se ponha o corpo no caixão, e durante todo o tempo o discurso dessa mulher desolada aumentará em violência e em imagens. Mas para falar assim diante dessa imponente assembleia é preciso que uma mulher tenha adquirido o direito de fazê-lo por uma vida sem mácula. Se a viúva tivesse a mais leve falta a censurar-se, ela não se atreveria a dizer uma única palavra; de outra forma seria condenar-se a si mesma, ser ao mesmo tempo acusador e juiz. Não é sublime essa tradição que serve para julgar o morto e o vivo? O luto só será posto daí a uma semana, em assembleia geral. Durante essa semana a família ficará perto dos filhos e da viúva para ajudá-los a arrumar seus negócios e para consolá-los. Essa assembleia exerce uma grande influência sobre os espíritos, reprime as más paixões por meio desse respeito humano que se apodera dos homens quando estão uns diante dos outros. Finalmente, no dia em que se põe o luto, faz-se uma refeição solene na qual todos os presentes se dizem adeus. Tudo isso é grave, e aquele que faltasse aos deveres que impõe a morte de um chefe de família não teria ninguém assistindo ao seu canto fúnebre.

Naquele momento o médico, que estava junto ao estábulo, abriu-lhe a porta fazendo o comandante entrar para mostrar-lho.

— Está vendo, capitão, todos os nossos estábulos foram reconstruídos segundo este modelo. Não acha soberbo?

Genestas não pôde deixar de admirar aquele vasto local, onde as vacas e os bois estavam colocados em duas linhas, com a cauda voltada para as paredes laterais e a cabeça para o centro do estábulo, no qual entravam por um pequeno corredor aberto entre eles e a parede; suas manjedouras abertas na parte superior deixavam ver suas cabeças cornudas e seus olhos brilhantes. O dono podia assim facilmente passar revista no seu gado. A forragem no madeiramento do telhado, onde tinham feito uma espécie de assoalho, caía nas grades das manjedouras sem trabalho, nem perdas. Entre as duas ordens de manjedouras havia um grande espaço calçado, limpo e arejado por correntes de ar.

— Durante o inverno — disse Benassis passeando com Genestas no meio do estábulo —, o serão e os trabalhos se fazem em comum. Preparam-se mesas e todos se aquecem assim com pouco gasto. Os currais de ovelha são também construídos segundo este sistema. Não

pode imaginar como os animais se habituam facilmente à ordem; muitas vezes eu os admirei quando eles vêm para o estábulo. Cada um deles conhece o seu lugar e deixa entrar o que deve passar primeiro. Veja! Há lugar suficiente entre o animal e a parede para que se possa ordenhá-lo ou limpá-lo; depois, o solo é em declive de modo a dar às águas um escoamento fácil.

— Este estábulo permite ajuizar do resto — disse Genestas —; não é para lisonjeá-lo, mas o resultado é ótimo.

— Não foi pequeno o trabalho para consegui-lo — respondeu Benassis —; mas que animais!

— Não há dúvida, são magníficos; o senhor tinha razão quando os gabava — disse Genestas.

— Agora — continuou o médico, depois de montar a cavalo e ter passado o portão — vamos atravessar nossos novos lavrados e as terras para trigo, o cantinho da minha comuna que eu denominei La Beauce.

Durante cerca de uma hora, os dois cavaleiros atravessaram campos por cuja bela cultura o militar felicitou o médico; depois regressaram ao território do burgo costeando a montanha, ora conversando, ora silenciosos, conforme o passo dos cavalos lhes permitia falar ou os obrigava a calar.

II — O GRANDE LIVRO²¹ DOS POBRES

— Prometi-lhe ontem — disse Benassis a Genestas ao chegarem a uma pequena garganta pela qual os dois cavaleiros desembocaram no grande vale — mostrar-lhe um dos soldados que vieram do Exército depois da queda de Napoleão. Se não me engano, vamos encontrá-lo a poucos passos daqui, ocupado em refazer uma espécie de reservatório natural, onde se juntam as águas da montanha e que as enxurradas aterraram. Mas, para tornar-lhe esse homem interessante, é preciso contar-lhe sua vida. Chama-se Gondrin; foi pego pela grande requisição de 1792, com a idade de dezoito anos, e incorporado na artilharia. Como simples soldado, fez as campanhas da Itália sob o comando de Napoleão, acompanhou-o ao Egito, voltou do Oriente com a paz de Amiens; depois, arregimentado, no Império, nos pontoneiros da guarda, serviu constantemente na Alemanha. Em último lugar, o pobre trabalhador foi à Rússia.

— Somos um pouco irmãos — disse Genestas —, fiz essas mesmas campanhas. Eram precisos corpos de metal para resistir às fantasias de tantos climas diferentes. Seguramente, Deus deve ter dado patente de invenção para viver aos que ainda estão rolando por este mundo depois de terem atravessado a Itália, o Egito, a Alemanha, Portugal e a Rússia!

— Mas também o senhor vai ver um bom pedaço de homem —

repliou Benassis. — O senhor conhece a derrota, é inútil falar-lhe nisso. O meu homem é um dos pontoneiros de Beresina, ajudou a construir a ponte pela qual passou o Exército; para firmar as primeiras estacas dela, ele entrou na água até metade do corpo. O General Éblé,²² sob cujas ordens estavam os pontoneiros, não conseguiu achar senão quarenta e dois suficientemente peludos, como diz Gondrin, para fazer aquela obra. E o próprio general foi também à água para animá-los, consolá-los, prometendo a cada um deles mil francos de pensão e a cruz de legionário. O primeiro homem que entrou no Beresina teve a perna levada por um grande bloco de gelo, e o homem seguiu a perna. Mas o senhor compreenderá melhor as dificuldades da empresa pelos resultados: dos quarenta e dois pontoneiros, hoje resta apenas Gondrin. Trinta e nove deles pereceram na passagem do Beresina, e os dois outros acabaram miseravelmente nos hospitais da Polônia. Esse pobre soldado só voltou de Vilna em 1814, depois da volta dos Bourbon. O general Éblé, de quem Gondrin nunca fala senão com lágrimas nos olhos, tinha morrido. O pontoneiro, que ficou surdo, inválido e que não sabia ler nem escrever, não encontrou, pois, nem amparo nem defensor. Tendo chegado a Paris mendigando seu pão, fez diligências nas repartições do Ministério da Guerra para obter não os mil francos de pensão prometidos, não tampouco a cruz de legionário, mas a simples reforma a que tinha direito por vinte e dois anos de serviço e não sei quantos de campanha; mas não conseguiu nem o soldo atrasado, nem despesas de marcha, nem pensão. Depois de um ano de inúteis solicitações, durante o qual ele estendeu a mão para todos aqueles a quem tinha salvado, o pontoneiro voltou para cá, desolado, mas resignado. Esse herói desconhecido cava valos a dez *sous* a toesa. Acostumado a trabalhar nos pantanais, ele tem, conforme diz, a empreitada das obras que não tentam nenhum operário. Limpando os charcos, abrindo regos nos prados inundados, ele pode ganhar mais ou menos três francos por dia. A surdez dá-lhe um ar triste, é de natureza pouco conversador, mas tem muita alma. Somos bons amigos. Janta comigo nos dias de aniversário da batalha de Austerlitz,²³ do nascimento do Imperador, do desastre de Waterloo,²⁴ e à sobremesa ofereço-lhe um napoleão para custear-lhe o vinho de cada trimestre. O sentimento de respeito que tenho por esse homem é, de resto, partilhado por toda a comuna, a qual bem desejaria prover-lhe a alimentação. Se ele trabalha, é por orgulho. Em todas as casas a que vai, todos, a meu exemplo, o cercam de considerações e o convidam para jantar. Não lhe pude fazer aceitar a minha moeda de vinte francos senão como um retrato do Imperador. A injustiça cometida contra ele afligiu-o profundamente, mas mais sente a falta da cruz do que deseja a pensão. Uma única coisa o consola. Quando o General Éblé apresentou os pontoneiros válidos ao Imperador, depois da construção das pontes,

Napoléon abraçou nosso pobre Gondrin, o qual, sem esse abraço, já teria morrido talvez; ele não vive senão por essa recordação e pela esperança do regresso de Napoleão; nada o pode convencer da morte dele, e, persuadido que seu cativo é devido aos ingleses, creio que mataria pelo mais leve pretexto o melhor dos *Aldermen*²⁵ em viagem de recreio.

— Vamos! Vamos! — exclamou Genestas, despertando da profunda atenção com que estivera ouvindo o médico. — Vamos depressa, quero ver esse homem!

E os dois cavaleiros puseram os cavalos a trote largo.

— O outro soldado — continuou Benassis — é, também, um desses homens de ferro que rolaram pelo Exército. Viveu como vivem todos os soldados franceses, de balas, de golpes, de vitórias; sofreu muito e nunca usou senão dragonas de lã. Seu caráter é jovial, ama fanaticamente Napoleão, o qual lhe deu a cruz no próprio campo de batalha em Valutina.²⁶ Verdadeiro delfinês, teve sempre o cuidado de manter seus negócios em regra; por isso, tem sua pensão de reforma e seu soldo de legionário. É um soldado de infantaria, chamado Goguelat, que esteve na guarda em 1812. E, de algum modo, a arrumadeira de casa de Gondrin. Os dois moram juntos em casa da viúva de um mascate, à qual eles entregam seu dinheiro; a boa velha dá-lhes cama, mesa e vestuário, cuidando deles como se fossem seus filhos. Goguelat é aqui estafeta de correio. Nessa qualidade, é o divulgador das notícias do cantão, e o hábito de as contar faz dele o orador dos serões, o narrador oficial; por isso Gondrin o considera como um espírito fino, como um *escovado*. Quando Goguelat fala de Napoleão, o pontoneiro parece adivinhar-lhe as palavras pelo simples movimento dos lábios. Se eles forem esta noite ao serão que vai ter lugar numa das minhas granjas, e, se nós pudermos vê-los sem sermos vistos, eu lhe darei o espetáculo dessa cena. Mas eis-nos perto do fosso, e não vejo o meu amigo pontoneiro.

O médico e o comandante olharam atentamente em derredor, não viram senão a pá, a picareta, o carrinho de mão, a blusa militar de Gondrin, perto de um monte de lama preta; mas do homem nenhum vestígio nos caminhos pedregosos pelos quais vinham as águas, espécies de buracos caprichosos, quase todos à sombra de pequenos arbustos.

— Ele não pode estar longe. Olé! Gondrin! — gritou Benassis.

Genestas viu então a fumaça de um cachimbo por entre a folhagem de árvores derrubadas e mostrou-o com o dedo ao médico, o qual repetiu seu grito. Pronto o velho pontoneiro espichou o pescoço, reconheceu o *maire* e desceu por uma pequena senda.

— Como vamos, meu velho — gritou-lhe Benassis, fazendo uma espécie de corneta acústica com a palma da mão —, aqui está um

camarada teu, um egípcio²⁷ que quis te ver.

Gondrin ergueu prontamente a cabeça para Genestas e dirigiu-lhe esse olhar profundo e investigador que os velhos soldados souberam adquirir à força de medir rapidamente os perigos que corriam. Depois de ver a fita encarnada do comandante, ele levou silenciosamente o dorso da mão à frente.

— Se o pequeno tosquiado ainda vivesse — gritou-lhe o oficial —, terias a cruz e uma bela reforma, porque salvaste a vida de todos os que usam dragonas e que estavam do outro lado do rio no dia 1º de outubro de 1812;²⁸ mas, meu amigo — acrescentou o comandante, apeando-se e tomando-lhe a mão com súbita efusão de simpatia —, eu não sou ministro da Guerra.

Ao ouvir essas palavras, o velho pontoneiro pôs-se de pé, depois de ter cuidadosamente sacudido a cinza do cachimbo e de o ter guardado, e disse, inclinando a cabeça:

— Não fiz mais do que meu dever, meu oficial, mas os outros não cumpriram o deles para comigo. Pediram-me meus papéis! Meus papéis?, disse-lhes eu, mas é o Boletim...²⁹

— É preciso reclamar novamente, companheiro; com proteções, é impossível hoje que não consigas justiça.

— Justiça! — bradou o velho pontoneiro num tom que fez o médico e o comandante estremecerem.

Houve um momento de silêncio, durante o qual os dois cavaleiros olharam aquele destroço dos soldados de bronze que Napoleão selecionara em três gerações. Gondrin era seguramente uma bela amostra dessa massa indestrutível que quebrou sem dobrar-se. Aquele homem velho tinha apenas cinco pés de altura, seu busto e seus ombros tinham-se alargado prodigiosamente; seu rosto, curtido, sulcado por muitas rugas, encovado, porém musculoso, conservava ainda alguns vestígios marciais. Tudo nele tinha um caráter de rudeza: sua testa parecia ser um bloco de pedra; seus cabelos raros e grisalhos pendiam fracos como se já lhe faltasse vida à cabeça cansada; seus braços, cobertos de pelos como seu peito, parte do qual se via pela abertura da camisa grosseira, indicavam uma força extraordinária. Finalmente, estava firmado nas suas pernas quase tortas como sobre uma base inabalável.

— Justiça? — repetiu ele. — Para nós nunca haverá! Não temos reivindicadores de direitos para pedir o que nos é devido. E como é preciso encher o pandulho — disse ele, batendo no estômago —, não temos tempo para esperar. Ora, como as palavras dos tipos que passam a vida a se aquecer nas secretarias não têm a virtude dos legumes, eu vim procurar meu soldo no tesouro comum — disse ele, batendo na lama com a pá.

— Meu velho camarada, isso não pode ficar assim! — disse Genestas.

— Devo-te a vida e seria um ingrato se não te desse um auxílio! Quanto a mim, lembro-me de ter passado pelas pontes do Beresina, conheço alguns finórios que também se lembram, e eles me secundarão para te fazer recompensar pela pátria como mereces.

— Eles o chamarão de bonapartista! Não se meta nisso, meu oficial. Além disso, eu me escafedi pelos fundos, e fiz aqui meu buraco como uma bala de canhão perdida. Apenas, não esperava, depois de ter viajado em camelos do deserto e ter bebido um copo de vinho à beira do fogo em Moscou, vir morrer à sombra das árvores que meu pai plantou — disse ele, recomeçando o trabalho.

— Pobre velho — disse Genestas. — No lugar dele eu faria o mesmo, não temos mais o nosso pai. Senhor — disse ele a Benassis —, a resignação desse homem causa-me uma tristeza obscura, ele não imagina o quanto me interessa, e vai julgar que eu sou um desses malandros dourados insensíveis às misérias dos soldados.

Deu volta bruscamente, pegou a mão do pontoneiro e gritou-lhe ao ouvido:

— Por esta cruz que uso, e que antigamente significava honra, juro fazer tudo o que for humanamente possível para obter-te uma pensão, tenha embora de engolir dez recusas do ministro, solicitar ao rei, ao delfim e a toda a cambulhada!

Ao ouvir essas palavras, o velho Gondrin estremeceu, fitou Genestas e disse-lhe:

— O senhor então foi simples soldado?

O comandante inclinou a cabeça. Ante esse sinal, o pontoneiro enxugou a mão, pegou a de Genestas, apertou-a num gesto cheio de simpatia e disse-lhe:

— Meu general, quando me meti na água, lá, eu tinha feito ao Exército o sacrifício de minha vida; portanto, houve lucro, pois ainda estou firme nos pés. Olhe, quer ver o fundo do saco? Pois bem, desde que o *outro* foi liquidado, não tenho gosto para mais nada na vida. Enfim, eles me consignaram aqui vinte mil francos — disse ele alegremente mostrando o solo —, e eu os estou recebendo em prestações, como diria o outro!

— Vamos meu camarada — disse Genestas, comovido pela sublimidade daquele perdão —, terás pelo menos aqui a única coisa que não poderás impedir-me de dar-te.

O comandante bateu no coração, olhou o pontoneiro durante um instante, tornou a montar a cavalo e seguiu caminhando ao lado de Benassis.

— Crueldades administrativas como essa fomentam a guerra dos pobres contra os ricos — disse o médico. — As pessoas a quem o poder está momentaneamente confiado nunca pensaram seriamente nas consequências infalíveis de uma injustiça cometida contra um homem

do povo. Um pobre, obrigado a ganhar seu pão cotidiano, não luta muito tempo, é verdade, mas fala e encontra eco em todos os corações que sofrem. Uma única iniquidade multiplica-se pelo número daqueles que se sentem atingidos por ela. Essa levedura fermenta. A princípio pouco é. Dela resulta um maior mal. Essas injustiças mantêm no povo um ódio surdo contra as superioridades sociais. O burguês torna-se e continua sendo o inimigo do pobre, que o põe fora da lei, engana-o e rouba-o. Para o pobre o roubo não é mais um delito nem um crime, e sim uma vingança. Se, quando se trata de fazer justiça aos humildes, um administrador os maltrata e lhes sonega direitos adquiridos, como poderemos exigir de infelizes que não têm pão que se resignem a suas desditas e respeitem a propriedade?... Tremo ao pensar que um servente de escritório, cujo serviço consiste em espanar papéis, recebesse os mil francos de pensão que foram prometidos a Gondrin. E depois, certa gente, que jamais avaliou o excesso dos sofrimentos, acusa de excesso as vinganças populares! Mas, no dia em que o governo causar mais desgraças individuais do que prosperidades, sua queda depende apenas de um acaso; derrubando-o, o povo salda as suas contas a seu modo. Um homem de Estado deveria ter sempre no espírito a imagem dos pobres aos pés da Justiça; ela não foi inventada senão para eles.

Ao chegar às terras do burgo, Benassis avistou na estrada duas pessoas caminhando e disse ao comandante, que fazia algum tempo ia muito pensativo:

— O senhor viu a miséria resignada de um veterano do Exército; vai ver agora a de um velho agricultor. Ali vai um homem que durante toda a sua vida cavoucou, lavrou, semeou e colheu para os outros.

Genestas viu então um pobre velho que caminhava em companhia de uma mulher velha. O homem parecia sofrer de uma ciática, e marchava penosamente, com os pés metidos em tamancos ordinários. Carregava no ombro um alforje, num dos bolsos do qual chocalhavam algumas ferramentas, cujos cabos, enegrecidos por um longo uso e pelo suor, faziam um leve ruído; o bolso de trás continha pão, algumas cebolas cruas e nozes. As pernas dele pareciam arqueadas. O dorso, encurvado pelo hábito do trabalho, forçava-o a caminhar todo dobrado; por isso, para conservar o equilíbrio, apoiava-se num comprido cajado. Os cabelos, de um branco de neve, flutuavam sob um chapéu ordinário, avermelhado pelas intempéries das estações e recosido com linha branca. Sua roupa, de fazenda grossa, remendada em cem lugares, apresentava contrastes de cores. Era ele uma espécie de ruína humana a que não faltava nenhum dos caracteres que tornam as ruínas tão comovedoras. A mulher, um pouco mais ereta do que ele, mas igualmente coberta de andrajos, tendo na cabeça uma touca grosseira, carregava nas costas um vaso de arenito, redondo e achatado, mantido por uma correia passada pelas alças. Os dois ergueram a cabeça ao ouvir

o passo dos cavalos, reconheceram Benassis e pararam. Aqueles dois velhos, um quase entrevado de tanto trabalhar, a outra, sua companheira fiel, igualmente acabada, ambos apresentando rostos cujos traços estavam apagados pelas rugas, com a pele enegrecida pelo sol e endurecida pela intempérie do ar, davam pena de ver. Mesmo que a história de suas vidas não lhes estivesse gravada nas fisionomias, a atitude de ambos tê-la-ia feito adivinhar. Um e outro tinham trabalhado incessantemente, e incessantemente sofrido juntos, tendo muitos males e poucas alegrias a partilhar; parecia terem-se acostumado à sua má sorte como o prisioneiro se acostuma ao cárcere; neles tudo era simplicidade. O rosto deles não deixava de ter uma espécie de alegre franqueza. Examinando-os bem, sua vida monótona, quinhão de tantos pobres seres, parecia quase invejável. Havia realmente neles traços de dor, mas ausência de desgostos.

— E então, meu velho Moreau, você faz questão absoluta de trabalhar?

— Sim, sr. Benassis. Eu ainda lhe limparei uma ou duas charnecas antes de arrebentar — respondeu alegremente o ancião, cujos olhinhos pretos se animaram.

— É vinho isso que sua mulher vai carregando? Se não quer descansar, precisa ao menos beber vinho.

— Descansar é coisa que me aborrece. Quando estou ao sol, lavrando, o sol e o ar me reanimam. Quanto ao vinho, sim, senhor, isto é vinho, e eu sei perfeitamente que foi o senhor que fez com que nós o conseguíssemos por quase nada em casa do *maire* de Courteuil. Ah! Por mais ladino que o senhor seja, a gente acaba sempre descobrindo.

— Bem, adeus, mãezinha. Vocês com certeza vão à lavoura do Champferlu hoje?

— Sim, senhor, ela foi começada ontem de tarde.

— Felicidades! — disse Benassis. — Vocês às vezes devem ficar bem contentes ao ver essa montanha que lavraram quase toda sozinhos.

— Pois é verdade, senhor — respondeu a velha —, é trabalho nosso. Nós bem que ganhamos o direito de comer pão.

— Como vê — disse Benassis e Genestas —, o trabalho, a terra para cultivar, eis aí o livro-razão dos pobres. Esse bom homem se julgaria desonrado se fosse para o hospital ou se mendigasse; ele quer morrer empunhando a enxada, em pleno campo, ao sol. Palavra que ele tem uma coragem magnífica. A força de trabalhar, o trabalho tornou-se a vida dele; mas também não tem medo da morte! E, sem sabê-lo, profundamente filósofo. Esse velho tio Moreau deu-me a ideia de fundar neste cantão um asilo para os agricultores, para os operários, enfim para a gente do campo, a qual, depois de ter trabalhado durante toda a vida, chega a uma velhice honrada e pobre. Eu não contava, senhor, com a fortuna que fiz e que para mim é inútil. De pouco precisa

o homem que rolou do alto das suas esperanças. A vida dos ociosos é a única que custa caro. É talvez um roubo social consumir sem nada produzir. Ao ter notícia das discussões que se travaram por ocasião de sua queda a propósito de sua pensão, Napoleão dizia não precisar senão de um cavalo e de um escudo por dia. Ao vir para cá eu tinha renunciado ao dinheiro. Desde então reconheci que o dinheiro representa faculdades e se torna necessário para praticar o bem. Dei, pois, por testamento, minha casa para fundar um asilo onde os desgraçados velhos sem teto, e que sejam menos orgulhosos do que Moreau, possam passar seus últimos dias. Além disso, uma certa parte dos nove mil francos de renda que minhas terras e meu moinho me dão será destinada a fornecer, nos invernos muito rudes, auxílios em domicílio aos indivíduos realmente necessitados. Esse estabelecimento ficará sob a vigilância do Conselho Municipal, ao qual se agregará o cura como presidente. Por essa forma, a fortuna que o acaso me fez achar neste cantão ficará nele. O regulamento dessa instituição está completamente traçado no meu testamento; seria fastidioso descrevê-lo; que me baste dizer-lhe que nele tudo previ. Criei mesmo um fundo de reserva que permitirá um dia à comuna pagar várias bolsas a crianças que deem esperanças para as artes ou para as ciências. Assim, mesmo depois de minha morte, minha obra de civilização continuará. Quando iniciamos uma tarefa, Capitão Bluteau, há em nós qualquer coisa que nos impele a não a deixar imperfeita. Essa necessidade de ordem e de perfeição é um dos sinais mais evidentes de um destino por vir. Agora vamos depressa, é preciso que acabe minha visita, pois tenho ainda cinco ou seis doentes a ver.

III — CAMPO AFORA

Depois de trotarem algum tempo calados, Benassis disse rindo ao companheiro:

— Homessa! Capitão Bluteau, o senhor me faz tagarelar como uma gralha e nada me diz a respeito de sua vida, que deve ser curiosa. Um soldado da sua idade viu coisas à beça para não ter mais de uma aventura a contar.

— Ora — respondeu Genestas —, minha vida é a vida do Exército. Todas as figuras militares se parecem. Não tendo comandado nunca, tendo ficado sempre nas fileiras, recebendo ou dando golpes de sabre, fiz como os demais. Fui aonde Napoleão nos levou, e estive na linha em todas as batalhas onde a Guarda Imperial atuou. São acontecimentos bem conhecidos. Cuidar dos seus cavalos, sofrer fome e sede algumas vezes, bater-se quando era preciso, eis toda a vida do soldado. Não é tão simples como dizer bom dia? Há batalhas que para nós estão

inteiramente num cavalo desferrado que nos deixa em dificuldades. Em suma, vi tantas terras que me acostumei a vê-las, e vi tantos mortos que acabei não dando a menor importância à minha vida.

— Entretanto, o senhor, pessoalmente, deve ter estado em perigo durante certos momentos, e esses perigos particulares devem ser interessantes contados pelo senhor.

— Talvez — respondeu o comandante.

— Pois bem, conte-me o que mais o emocionou. Vamos, não tenha medo! Não acreditarei que carece de modéstia embora me refira algum lance de heroísmo. Quando um homem tem certeza de ser compreendido por aqueles aos quais se confia, não terá ele um certo prazer em dizer “Fiz tal coisa”?

— Pois bem, vou contar-lhe uma particularidade que por vezes me causa remorsos. Durante os quinze anos em que nos batemos, não me aconteceu nem uma só vez matar um homem, salvo em caso de legítima defesa. Estamos em linha, levamos a carga; se não derrubamos os que estão na nossa frente, eles não nos pedem licença para nos sangrar; é preciso, portanto, matar para não ser liquidado, a consciência fica em paz. Mas, meu caro senhor, aconteceu-me quebrar a espinha de um camarada numa circunstância particular. Ao refletir nela, a coisa me causa pesar e a careta desse homem volta-me ao espírito. Julgue o senhor... Foi durante a retirada de Moscou. Tínhamos mais aparência de ser uma tropa de bois do que de ser o Grande Exército. Adeus disciplina e bandeiras! Cada qual era senhor do seu nariz e o Imperador, pode dizer-se, soube ali onde acabava seu poder. Ao chegarmos a Studzianka, pequena aldeia acima do Beresina, encontramos granjas, ranchos por demolir, batatas enterradas e algumas beterrabas. Já havia algum tempo não encontrávamos nem casa nem boia; por isso o Exército fez um regabofe. Os que chegaram primeiro, como bem pode imaginar, comeram tudo. Fui dos últimos a chegar. Felizmente para mim, só estava faminto por dormir. Avisto uma granja, entro, vejo nela uns vinte generais, oficiais superiores, todos eles, sem lisonja, homens de grande mérito: Junot,³⁰ Narbonne,³¹ o ajudante de campo do Imperador, enfim as grandes cabeças do Exército. Havia também simples soldados que não teriam dado a sua cama de palha a um marechal de França. Alguns dormiam de pé, encostados na parede por falta de lugar, outros estavam espichados no chão, e todos tão bem apertados uns contra os outros para se aquecerem que em vão procurei um lugar onde me pudesse aninhar. Eis-me, pois, caminhando sobre aquele assoalho de homens: uns resmungavam, outros nada diziam, ninguém, no entanto, se movia. Ninguém se moveria nem para evitar uma bala de canhão; mas não se era obrigado ali a atender às máximas da civilidade pueril e honesta. Finalmente, vejo no fundo da granja uma espécie de telhado interior

sobre o qual ninguém tivera a ideia ou a força de trepar; subo para lá, arrumo-me, e quando estou bem espichado olho aqueles homens deitados como bezerros. Aquele triste espetáculo quase me fez rir. Alguns roíam cenouras geladas demonstrando uma espécie de prazer animal, e gerais embrulhados em xales ordinários roncavam como trovões. Um galho de pinheiro aceso iluminava a granja; se ele a incendiasse, ninguém se levantaria para apagar o fogo. Deitei-me de costas e, antes de dormir, ergui naturalmente os olhos para o alto; vejo então a viga mestra, na qual o telhado repousava e que suportava os barrotes, fazer um ligeiro movimento do oriente para o ocidente. Aquela maldita viga dançava que não era brinquedo. “Meus senhores”, disse-lhes eu, “está aí fora um camarada que quer aquecer-se à nossa custa.” A viga não tardava a cair. “Senhores, senhores, vamos perecer, olhem a viga”, gritei com mais força para despertar meus companheiros de cama. De fato, senhor, eles olharam a viga; mas os que estavam dormindo puseram-se a dormir de novo, e os que estavam comendo nem sequer me responderam. Vendo isso, tive de deixar o meu lugar, correndo embora o risco de perdê-lo, pois tratava-se de salvar aquele montão de glórias. Assim é que saí; dou volta à granja e vejo um sacripante enorme de Wurtemberg que puxava a viga com certo entusiasmo. “Alô! Alô!”, disse-lhe eu, fazendo-o compreender que tinha de deixar aquele trabalho. “*Geh mir aus dem Gesicht, oder ich schlag dich tot!*”³² gritou ele. “Ah! Pois sim! *Qué mire aous dem guesit*”, respondi-lhe, “não se trata disso!” Peguei a espingarda que ele deixara no chão, parti-lhe a espinha, voltei para dentro e toca a dormir. Eis o caso.

— Mas era um caso de legítima defesa contra um homem em proveito de muitos; nada tem portanto a censurar-se — disse Benassis.

— Os outros — continuou Genestas — pensaram que eu estivesse pancada; mas, pancada ou não, muitos daqueles vivem hoje à vontade em belos palácios sem sentir no coração o peso da gratidão.

— O senhor então não praticaria o bem senão para receber esse juro exorbitante chamado gratidão? — disse Benassis rindo. — Isso seria usura.

— Ah! Sei perfeitamente — respondeu Genestas — que o mérito de uma boa ação se evapora ao menor lucro que dela se tira; narrá-la é constituir para si mesmo uma renda de amor-próprio que vale tanto quanto a gratidão. Entretanto, se o homem de bem ficasse sempre calado, o favorecido nunca falaria do obséquio. No seu sistema, o povo tem necessidade de exemplos; ora, com esse silêncio geral, onde iria ele encontrá-los? Outra coisa! Se o nosso pobre pontoneiro, que salvou o Exército francês e nunca se viu em situação de poder falar disso com proveito, não tivesse conservado o uso dos seus braços, sua consciência lhe daria pão?... Responda a isso, filósofo!

— Talvez nada haja de absoluto em moral — respondeu Benassis —;

mas essa ideia é perigosa, ela deixa o egoísmo interpretar os casos de consciência em benefício do interesse pessoal. Ouça, capitão; o homem que obedece estritamente aos princípios da moral não é maior do que aquele que deles se afasta, mesmo por necessidade? Nosso pontoneiro, completamente entrevado e morrendo de fome, não seria sublime com o mesmo direito que o é Homero? A vida humana é sem dúvida uma última provação para a virtude como para o gênio, igualmente solicitados por um mundo melhor. A virtude e o gênio se me afiguram as duas mais belas formas daquele completo e constante devotamento que Jesus Cristo veio ensinar aos homens. O gênio permanece pobre iluminando o mundo, a virtude fica em silêncio ao sacrificar-se pelo bem geral.

— De acordo, senhor — disse Genestas —; mas a terra é habitada por homens, e não por anjos; nós não somos perfeitos.

— Tem razão — disse Benassis. — No que me diz respeito, eu abusei ferozmente da faculdade de cometer erros. Mas não devemos nós tender por perfeição? Não é a virtude um belo ideal para a alma, que se deve contemplar continuamente como um modelo celeste?

— *Amen* — disse o militar. — Concedido; o homem virtuoso é uma bela coisa; mas convenha também que a virtude é uma divindade que pode permitir-se uma pequena charla, sem que nada lhe pegue.

— Ah! Senhor — disse o médico sorrindo com uma espécie de melancolia amarga —, o senhor tem a indulgência dos que vivem em paz consigo mesmos, ao passo que eu sou severo como um homem que vê muitas manchas a apagar em sua vida.

Os dois cavaleiros tinham chegado a um rancho situado à beira da torrente. O médico entrou ali. Genestas ficou no umbral, olhando alternativamente o espetáculo que aquela fresca paisagem oferecia e o interior do rancho, onde um homem estava deitado. Depois de examinar seu doente, Benassis exclamou repentinamente:

— Não é preciso que eu venha aqui, minha senhora, se não faz o que eu mando. A senhora deu pão ao seu marido; quer acaso matá-lo? Pistolas! Se lhe der agora outra coisa além de sua infusão de grama, não ponho mais os pés aqui, e vá procurar um médico onde quiser.

— Mas, meu caro sr. Benassis, o pobre velho gritava de fome, e quando um homem não pôs nada no estômago há quinze dias...

— Ora essa! Quer ouvir-me? Se deixar seu marido comer um único pedaço de pão antes que eu permita alimentá-lo, a senhora o matará, ouviu?

— Nós o privaremos de tudo, meu caro senhor. Ele está melhor? — disse ela acompanhando o médico.

— Não, a senhora deixou-o pior dando-lhe comida. Não conseguirei convencê-la, cabeça-dura, a que não alimente as pessoas que precisam de dieta? Os campônios são incorrigíveis! — acrescentou Benassis

virando-se para o oficial. — Quando um doente deixa de comer durante alguns dias, eles o julgam morto e o enfartam com sopa ou vinho. Aí está uma pobre mulher que quase matou o marido.

— Matar o meu marido por causa de um pedaço de pão molhado no vinho!

— Certamente, minha senhora. Estou admirado de achá-lo ainda com vida depois do pão molhado no vinho que a senhora lhe preparou. Não esqueça de fazer exatamente o que lhe disse.

— Oh! Meu caro senhor, prefiro morrer eu mesma e deixar de fazê-lo.

— Vamos, veremos isso. Amanhã à noite voltarei para sangrá-lo. Sigamos a pé a torrente — disse Benassis a Genestas —, daqui até a casa aonde tenho que ir não há caminho para os cavalos. O pequeno desse homem cuidará dos animais. Admire um pouco nosso lindo vale — continuou ele —, não é um jardim inglês? Vamos agora à casa de um operário inconsolável pela morte de um dos seus filhos. O mais velho, ainda criança, quis durante a última colheita trabalhar como um homem; o pobre menino excedeu suas forças, e morreu de consunção no fim do outono. É esta a primeira vez que deparo com o sentimento paterno tão desenvolvido. Ordinariamente os camponeses lamentam nos seus filhos mortos a perda de uma coisa útil que faz parte de sua fortuna; os pesares são proporcionais à idade. Uma vez adulto, o filho torna-se um capital para o pai. Este pobre homem, porém, queria verdadeiramente ao filho. “Nada me consola desta perda!”, disse-me ele um dia em que o vi num prado, de pé, imóvel, esquecido do seu trabalho, apoiado na sua gadanha, tendo na mão a pedra de afiar que pegara para servir-se dela, o que não fazia. Não tornou a falar-me do seu pesar, mas ficou taciturno e doente. Hoje, uma das suas filhinhas está doente...

Enquanto conversavam, Benassis e seu hóspede tinham chegado a uma casinha situada na calçada de um moinho de cascas para curtume. Ali, embaixo de um salgueiro, viram um homem de cerca de quarenta anos que permanecia de pé comendo pão no qual esfregava alho.

— Então, Gasnier, a pequena está melhor?

— Não sei, não, senhor — disse ele com ar sombrio —; o senhor vai vê-la, minha mulher está com ela. Apesar dos seus cuidados, estou com muito medo de que a morte tenha entrado em casa para levar-me tudo.

— A morte não se hospeda em casa de ninguém, Gasnier, não tem tempo para isso. Tenha coragem.

Benassis entrou na casa acompanhado pelo pai. Meia hora depois saiu, seguido pela mãe, a quem disse:

— Fique tranquila, faça o que lhe recomendei, ela está salva. Se tudo isto o aborrece — disse em seguida o médico ao militar, montando a cavalo —, eu poderia levá-lo ao caminho do burgo, e o senhor daria volta.

— Palavra que não estou me aborrecendo.

— Mas o senhor vai ver por toda parte ranchos que se parecem; nada na aparência é mais monótono do que o campo.

— Sigamos — disse o militar.

Correram assim durante algumas horas pela região, atravessaram o cantão na sua largura e ao entardecer voltaram para a parte vizinha ao burgo.

— Agora é preciso que eu vá lá — disse o médico a Genestas, mostrando-lhe um lugar onde se erguiam alguns olmos. — Essas árvores têm talvez duzentos anos — acrescentou. — Aí mora aquela mulher para a qual um rapaz veio chamar-me ontem durante o jantar, dizendo-me que ela tinha ficado branca.

— Era coisa de perigo?

— Não — disse Benassis —, efeitos da gravidez. Essa mulher está no último mês. Muitas vezes nesse período algumas mulheres sofrem de espasmos. Mas em todo caso é preciso, por precaução, que eu vá ver se não há nada de alarmante; eu mesmo partejarei essa mulher. Além disso, eu lhe mostrarei ali uma das nossas indústrias novas, uma olaria. O caminho é bom, quer galopar?

— Seu cavalo me acompanhará? — disse Genestas, gritando para o cavalo “Vamos, Netuno!”.

Num abrir e fechar de olhos o oficial foi levado a cem passos e desapareceu num turbilhão de poeira; mas, apesar da velocidade de seu cavalo, ouviu sempre o médico a seu lado. Benassis disse qualquer coisa à sua montaria e passou o comandante, que só o alcançou na olaria, no momento em que o médico atava tranquilamente seu cavalo no moirão de uma cerca.

— Que o diabo o leve! — exclamou Genestas olhando para o cavalo, que nem suava nem resfolegava. — Que animal tem o senhor aí?

— Ah! — respondeu o médico, rindo. — O senhor o tinha tomado por um matungo. Por agora, a história deste belo animal nos tomaria muito tempo; que lhe baste saber que Rustã é um verdadeiro barbo vindo do Atlas. Um cavalo barbo vale um cavalo árabe. O meu escala montanhas a todo o galope sem ficar com o pelo molhado, e trota firme à beira dos precipícios. De resto, é um presente bem ganho. Um pai julgou pagar-me assim a vida da filha, uma das mais ricas herdeiras da Europa, que eu achei moribunda na estrada da Saboia. Se eu lhe dissesse como curei essa moça, o senhor me tomaria por charlatão. Eh! Eh! Estou ouvindo guizos de cavalos e o barulho de uma carreta no caminho; vejamos se por acaso será o próprio Vigneau, e olhe bem para esse homem.

Daí a pouco o oficial viu quatro enormes cavalos arreados como os dos mais abastados cultivadores da Brie. As rosetas de lã, os guizos, as correias tinham uma espécie de asseio opulento. Naquela vasta carreta,

pintada de azul, vinha um rapagão bochechudo, tostado pelo sol, e que assobiava segurando o relho como um fuzil no ombro-armas.

— Não, é apenas o carreteiro — disse Benassis. — Admire um pouco como o bem-estar industrial do patrão se reflete em tudo, mesmo nos aprestos desse carreteiro! Não é isso o indício de uma inteligência comercial bastante rara no fundo do campo?

— Sim, sim, tudo isso parece estar bem enfarpelado — replicou o militar.

— Pois bem, Vigneau possui dois carros semelhantes. Além disso, tem o petiço marchador no qual vai tratar dos seus negócios, porquanto seu comércio estende-se agora até bem longe; e quatro anos atrás esse homem nada tinha; engano-me, tinha dívidas. Mas entremos.

— Meu rapaz — perguntou Benassis —, a sra. Vigneau está em casa?

— Deve estar no jardim, senhor. Acabo de vê-la por cima da cerca; vou preveni-la da sua chegada.

Genestas seguiu Benassis, o qual fê-lo percorrer um vasto terreno fechado por sebes. Num canto estavam amontoadas terras brancas e a argila necessária para a fabricação de telhas e de ladrilhos; do outro lado erguiam-se em montes os feixes de urzes e a lenha para aquecer o forno; mais longe, numa área cercada por grades, diversos operários quebravam pedras brancas ou manipulavam a terra para os tijolos; em frente à entrada, embaixo dos grandes olmos, estava a fábrica de telhas redondas e quadradas, uma sala grande de verdura terminada pelos telhados do secadouro, junto ao qual viam-se o forno e sua boca profunda, suas compridas pás, seu caminho escavado e preto. Paralelamente a essas construções havia uma edificação de aspecto bastante miserável que servia de habitação para a família e onde tinham sido localizados os depósitos, as estrebarias, os estábulos e a granja. No grande terreiro vagavam aves e porcos. A limpeza reinante nesses múltiplos departamentos e seu bom estado de reparação testemunhavam a vigilância do dono.

— O predecessor de Vigneau — disse Benassis — era um infeliz, um preguiçoso que só gostava de beber. Operário em outros tempos, sabia aquecer seu forno e prostrar-se, nada mais; de resto, nem era ativo nem tinha espírito comercial. Se não vinham buscar suas mercadorias, elas aí ficavam, deteriorando-se e perdendo-se. Por isso, morria de fome. A mulher, que ele deixara quase imbecilizada por seus maus-tratos, vivia chafurdada na miséria. Essa preguiça e essa incurável estupidez faziam-me sofrer tanto, e o aspecto desta fábrica desagradava-me tanto, que eu evitava passar por aqui. Felizmente esse homem e sua mulher eram velhos, quer um, quer outro. Um belo dia, o oleiro teve um ataque de paralisia e eu o fiz imediatamente internar no hospital de Grenoble. O proprietário da olaria consentiu em recebê-la novamente sem discussão, no estado em que ela se achava, e eu procurei outros

locatários que pudessem participar nos melhoramentos que eu queria introduzir em todas as indústrias do cantão. O marido de uma camareira da sra. Gravier, um pobre operário que ganhava pouco em casa de um oleiro onde trabalhava, e que não podia sustentar a família, atendeu aos meus conselhos. Esse homem teve bastante coragem para arrendar nossa olaria sem ter um vintém de seu. Veio instalar-se aqui, ensinou a mulher, a sogra e a própria mãe a modelar telhas e fez delas seus operários. Palavra de honra que não sei como eles se arrumaram. Vigneau, provavelmente, conseguiu lenha emprestada para aquecer seu forno; foi, sem dúvida, buscar seu material à noite por cestadas e manipulou-o durante o dia; enfim, desenvolveu secretamente uma energia sem limites, e as duas velhas mães, andrajosas, trabalharam como negras. Vigneau pôde assim cozer algumas fornadas, e passou seu primeiro ano comendo pão custosamente pago pelo suor da família; mas se manteve. Sua coragem, sua paciência, suas qualidades tornaram-no interessante para muitas pessoas e ele ficou sendo conhecido. Infatigável, corria de manhã para Grenoble e lá vendia suas telhas e seus tijolos; depois voltava para casa durante o dia e tornava a ir à cidade, de noite; parecia multiplicar-se. Lá para fins do primeiro ano, tomou dois rapazotes para ajudá-lo. Vendo isso, emprestei-lhe algum dinheiro. Pois bem, senhor, de ano para ano a sorte dessa família melhorou. Desde o segundo ano, as duas velhas não tiveram mais de modelar telhas, não quebraram mais pedras; cultivaram pequenas hortas, fizeram a comida, remendaram a roupa, teceram durante a noite e foram ao mato durante o dia. A jovem esposa, que sabe ler e escrever, fez a escrita. Vigneau adquiriu um petiço para suas saídas pelas redondezas, a fim de procurar fregueses; depois, estudou a arte do oleiro, achou meio de fabricar belos ladrilhos brancos e vendeu-os abaixo dos preços correntes. No terceiro ano já tinha uma carreta e dois cavalos. Quando montou a primeira carruagem, sua mulher ficou quase elegante. Tudo em sua casa se harmonizou com os lucros, e ele sempre manteve nela a ordem, a economia, o asseio, princípios geradores de sua pequena fortuna. Pôde afinal ter seis operários bem pagos: teve um carreteiro, e pôs tudo em casa num bom pé; em resumo, pouco a pouco, com habilidade, alargando seus trabalhos e seu comércio, viu-se na abastança. No ano passado comprou a olaria; no ano que vem reconstruirá a casa. Agora toda essa boa gente goza saúde e anda bem-vestida. A mulher, magra e pálida, que a princípio partilhava as preocupações e temores do patrão, engordou e está viçosa e bonita. As duas velhas mães sentem-se muito felizes e ocupam-se com as minúcias da casa e do comércio. O trabalho produziu dinheiro, e o dinheiro, com a tranquilidade que trouxe, restituiu a saúde, a abundância e a alegria. Realmente, esta família é para mim a história viva da minha comuna e a de jovens Estados comerciantes. Esta olaria, que eu antigamente via

sombria, vazia, suja, improdutiva, está hoje em pleno rendimento, bem habitada, animada, rica e abastecida. Há aqui uma boa quantidade de lenha, e todos os materiais necessários para os trabalhos da estação; porque, como deve saber, não se fabricam telhas senão durante certo tempo do ano, entre junho e setembro. Não é de causar prazer essa atividade? Meu oleiro cooperou em todas as construções do burgo. Sempre alerta, sempre indo e vindo, sempre ativo, as pessoas do cantão chamavam-no o *devorador*.

Mal Benassis acabara de proferir essas palavras, uma jovem bem-vestida, com uma linda touca, meias brancas, um avental de seda, um vestido cor-de-rosa, vestuário que lembrava um pouco seu antigo emprego de criada de quarto, abriu a porta envidraçada que dava para o jardim e caminhou tão rapidamente quanto lhe permitia seu estado; mas os dois cavaleiros foram-lhe ao encontro. A sra. Vigneau era efetivamente uma bonita mulher, bastante gorda, de tez bronzeada, mas que devia ter sido alva. Embora sua fronte conservasse algumas rugas, vestígios de sua antiga miséria, tinha uma fisionomia feliz e simpática.

— Sr. Benassis — disse ela em tom carinhoso ao vê-lo deter-se —, não me dará a honra de descansar um momento em minha casa?

— Como não! Passe, capitão.

— Os senhores devem estar com muito calor! Querem um pouco de leite ou um pouco de vinho? Sr. Benassis, quer provar o vinho que meu marido teve a gentileza de conseguir para o meu parto? O senhor dirá se é bom.

— A senhora tem por marido um homem de bem.

— Sim, senhor — disse ela calmamente, voltando-se —, eu fui generosamente aquinhoad.

— Não tomaremos nada, sra. Vigneau, eu vinha somente saber se nada lhe tinha acontecido.

— Não, nada — disse ela. — Como viu, eu estava na horta, binando para fazer alguma coisa.

Naquele instante chegaram as duas mães para ver Benassis, e o carreteiro ficou imóvel no meio do pátio numa orientação que lhe permitia ver o médico.

— Vejamos, dê-me a mão — disse Benassis à sra. Vigneau.

Tomou o pulso da jovem senhora com escrupulosa atenção, concentrando-se e permanecendo calado. Durante esse tempo as três mulheres examinavam o comandante com a curiosidade ingênua que a gente do campo não tem pejo de manifestar.

— Ótimo — exclamou alegremente o médico.

— Será para breve o parto? — exclamaram as duas mães.

— Provavelmente esta semana. Vigneau já está em caminho? — perguntou ele após uma pausa.

— Sim, senhor — respondeu a jovem senhora —, ele está se apressando em concluir seus negócios para poder ficar em casa durante o meu parto, o querido.

— Bem, meus filhos, prosperidade! Continuem a fazer fortuna e gente.

Genestas estava muito admirado com o asseio que reinava no interior daquela casa quase em ruínas. Ao ver o espanto do oficial, Benassis disse-lhe:

— Não há como a sra. Vigneau para manter assim uma casa! Eu quisera que muita gente do burgo viesse tomar lições aqui.

A mulher do oleiro virou o rosto, corando; mas as duas mães deixaram que se expandisse em suas fisionomias o prazer que lhes causavam os elogios do médico, e as três o acompanharam até o lugar onde estavam os cavalos.

— E então — disse Benassis, dirigindo-se às duas velhas —, estão as senhoras bem felizes! Não queriam ser avós?

— Ah! Nem me fale — disse a jovem senhora —, fazem-me rabiatar. Minhas duas mães querem um guri, meu marido deseja uma meninazinha; creio que me vai ser difícil contentar a todos.

— Mas a senhora, que é que quer? — disse Benassis, rindo.

— Ah! Eu quero uma criança.

— Vê, ela já é mãe — disse o médico ao oficial, puxando o cavalo pela rédea.

— Passe bem, sr. Benassis — disse a jovem. — Meu marido vai ficar bem pesaroso por não ter estado aqui, quando souber que o senhor nos veio ver.

— Ele não se esqueceu de me mandar um milheiro de telhas para a Grange-aux-Belles?

— O senhor sabe perfeitamente que ele deixaria de lado todas as encomendas do cantão para servi-lo. Creia, o maior pesar dele é receber dinheiro do senhor, mas eu digo a ele que seus escudos trazem sorte.

— Até a vista — disse Benassis.

As três mulheres, o carreteiro e os dois operários, que tinham saído da oficina para ver o médico, ficaram agrupados à roda do tapume que servia de porta para a olaria, a fim de gozar da presença dele até o último momento, como se costuma fazer com as pessoas queridas. Não devem as inspirações do coração ser por toda parte uniformes? Por isso os ternos hábitos da amizade são naturalmente seguidos em todos os países.

IV — A FOSSEUSE

Depois de ter examinado a posição do sol, Benassis disse ao

companheiro:

— Temos ainda duas horas de dia, e, se não está muito faminto, iremos ver uma criatura encantadora a quem quase sempre dou o tempo que me sobra entre a hora do meu almoço e a hora em que me acabam as minhas visitas. Chamam-na de *minha namorada*, no cantão; mas não creia que esse cognome, aqui usado para designar uma futura esposa, possa encobrir ou autorizar a mínima maledicência. Embora meus cuidados a tornem objeto de um ciúme bastante concebível, a opinião de todos sobre o meu caráter veda qualquer falatório. Se ninguém explica a fantasia a que eu pareço ceder quando estabeleço para a Fosseuse uma renda a fim de que possa viver sem ser obrigada a trabalhar, todos acreditam na virtude dela; todos sabem que, se minha afeição ultrapassasse alguma vez os limites de uma proteção amistosa, eu não hesitaria um segundo em desposá-la. Mas — acrescentou o médico, esforçando-se por sorrir — para mim não existe mulher nem neste cantão nem em qualquer outro lugar. Um homem muito expansivo, meu caro senhor, sente uma necessidade invencível de se prender particularmente a uma coisa ou a um ser, entre todos os seres e coisas que o cercam, sobretudo quando para ele a vida está deserta. Assim, pois, senhor, ajuíze sempre favoravelmente de um homem que quer bem ao seu cão e ao seu cavalo! Por entre o rebanho sofredor que o acaso me confiou, essa pobre doentinha é para mim o que na minha terra ensolarada, o Languedoc, é a ovelha querida que os pastores enfeitam com fitas desbotadas, à qual eles falam e deixam pastar à beira dos trigais, e cuja marcha indolente o cão jamais apressa.

Ao dizer essas palavras Benassis permanecia de pé, agarrando as crinas do cavalo, pronto a montar, mas não montando, como se o sentimento que o agitava não se pudesse harmonizar com movimentos bruscos.

— Vamos — exclamou —, venha vê-la! Levá-lo à casa dela não é o mesmo que dizer-lhe que a trato como a uma irmã?

Quando os dois cavaleiros montaram, Genestas disse ao médico:

— Seria indiscrição pedir-lhe alguns esclarecimentos a respeito dessa sua Fosseuse? Dentre todas as existências que me fez conhecer, a dela não deve ser a menos interessante.

— Senhor — respondeu Benassis, sofrendo o cavalo —, é possível que não partilhe todo o interesse que a Fosseuse me inspira. O destino dela assemelha-se ao meu; nossa vocação foi defraudada; o sentimento que tenho por ela e as emoções que experimento ao vê-la provêm da paridade de nossas situações. Uma vez que abraçou a carreira das armas, o senhor seguiu sua inclinação ou tomou gosto pela profissão; sem o que não teria ficado até a idade que tem sob o pesado jugo da disciplina militar; o senhor não deverá compreender, portanto, nem as desditas de uma alma cujos desejos renascem sempre e são sempre

traídos nem os constantes pesares de uma criatura forçada a viver fora de sua esfera. Tais sofrimentos permanecem um segredo entre essas criaturas e Deus, que lhes manda essas aflições, porque somente elas conhecem a força das impressões que lhes causam os acontecimentos da vida. Entretanto, o senhor mesmo, testemunha embotada de tantos infortúnios causados por uma guerra longa, não terá surpreendido em seu coração alguma tristeza ao encontrar uma árvore cujas folhas estivessem amarelecidas em plena primavera, uma árvore mirrada e agonizante por não ter sido plantada no terreno em que se achavam os princípios necessários ao seu completo desenvolvimento? Desde a idade dos vinte anos, a melancolia passiva de uma planta enfezada causava-me pena de ver; hoje, desvio sempre o olhar desse espetáculo. Minha dor de criança era o vago pressentimento das minhas dores de homem, uma espécie de simpatia entre o meu presente e um porvir que eu entrevia instintivamente nessa vida vegetal curvada antes do tempo para o termo a que tendem árvores e homens.

— Eu pensei, vendo-o tão bom, que o senhor tinha sofrido!

— Como vê, senhor — continuou o médico, sem responder às palavras de Genestas —, falar da Fosseuse é falar de mim mesmo. A Fosseuse é uma planta expatriada, mas uma planta humana, incessantemente devorada por pensamentos tristes ou profundos, que se multiplicam uns pelos outros. Essa pobre rapariga está sempre adoentada. Nela a alma mata o corpo. Poderia eu ver com frieza uma criatura fraca vítima da maior infelicidade e da menos desejável que exista no nosso mundo egoísta, quando eu, homem e forte contra o sofrimento, sou tentado a recusar-me todas as noites a carregar o fardo de semelhante desgraça? Talvez mesmo me recusasse a isso, não fosse um pensamento religioso que embota meus pesares e derrama no meu coração doces ilusões. Ainda que não fôssemos todos nós filhos do mesmo Deus, mesmo assim a Fosseuse seria minha irmã na dor.

Benassis apertou os flancos do cavalo e arrastou o Comandante Genestas como se tivesse receio de continuar nesse tom a conversa iniciada.

— Senhor — continuou ele quando os cavalos trotaram juntos —, a natureza, por assim dizer, criou essa pobre mulher para a dor, como criou outras para o prazer. Vendo-se tais predestinações, é impossível não crer numa outra vida. Tudo atua sobre a Fosseuse: se o tempo está nublado e sombrio, ela fica triste e *chora com o céu*; essa expressão é dela. Canta com os passarinhos, acalma-se e fica serena com o céu, enfim, aparece bela num dia belo, um perfume delicado é para ela um prazer quase inesgotável: já a vi saboreando durante um dia inteiro o perfume exalado por um resedá, após uma dessas manhãs chuvosas que desenvolvem a alma das flores e dão ao dia não sei que de fresco e de brilhante; ela desabrocha com a natureza, com todas as plantas. Se a

atmosfera está pesada, carregada de eletricidade, a Fosseuse tem ânsias que nada pode acalmar; deita-se e se queixa de mil males diferentes, sem saber o que tem; se a interrogo, responde-me que seus ossos estão amolecendo, que suas carnes se estão liquefazendo. Durante todas essas horas inanimadas ela não sente a vida senão pelo sofrimento: seu coração está *fora dela*, para repetir-lhe, mais uma vez, uma das suas expressões. Surpreendi algumas vezes a pobre rapariga chorando ante o aspecto de certos quadros que se desenhavam nas nossas montanhas, ao pôr do sol, quando nuvens numerosas e magníficas se acumulam por sobre os nossos cumes de ouro. “Por que está chorando, minha filha?”, perguntava-lhe eu. “Não sei, não, senhor”, respondia-me, “estou como que aparvalhada a olhar lá para cima, e não sei onde estou, à força de olhar.” “Mas, afinal, que é que está vendo?” “Não sei lhe dizer, senhor.” Perderia seu tempo se a interrogasse durante toda a tarde, não lhe arrancaria uma única palavra; ela, porém, lhe dirigiria olhares carregados de pensamentos, ou ficaria com os olhos úmidos, meio silenciosa, visivelmente ensimesmada. Sua contemplação é tão profunda que contagia; pelo menos sobre mim ela atua como uma nuvem carregada de eletricidade. Um dia acabrunhei-a com perguntas, eu queria à viva força conversar e disse-lhe algumas palavras um tanto rudes; pois bem! Senhor, ela desatou a chorar. Outras vezes, a Fosseuse é alegre, afável, risonha, irrequieta, espirituosa; conversa com prazer, expõe ideias novas, originais. De resto, incapaz de entregar-se a qualquer espécie de trabalho persistente; quando ela ia para o campo, permanecia durante horas inteiras entretida a olhar uma flor, a ver a água correr, a examinar as pitorescas maravilhas que se acham no fundo dos ribeiros claros e tranquilos, esses lindos mosaicos compostos de pedras, de terra, de areia, de plantas aquáticas, de musgo, de sedimentos pardos cujas cores são tão suaves, cujos tons oferecem contrastes tão curiosos. Quando vim para esta região, a pobre rapariga estava morrendo de fome; humilhada por aceitar o pão alheio, não recorria à caridade pública a não ser nas ocasiões a que era a isso obrigada por um sofrimento extremo. Muitas vezes a vergonha dava-lhe energia, e durante dias ela trabalhava a terra; mas, em seguida, esgotada, uma doença forçava-a a abandonar o serviço começado. Apenas restabelecida, ela ia a uma das granjas das redondezas pedindo para tomar conta do gado; mas, depois de se ter desempenhado de suas funções com inteligência, retirava-se sem dizer por quê. Sua tarefa diária era sem dúvida um jugo pesado demais para ela, ela que é toda independência e toda capricho. Punha-se então a procurar trufas ou cogumelos e ia vendê-los em Grenoble. Na cidade, tentada por bugigangas, esquecia a miséria ao se ver senhora de algumas miseráveis moedas, e comprava fitas, bagatelas, sem pensar no pão do dia seguinte. Depois, se alguma rapariga do burgo manifestava desejar sua

cruz de cobre, sua correntinha de ouro ou seu cordão de veludo, ela os dava, feliz por causar um prazer, pois vive pelo coração. Por isso, a Fosseuse era alternativamente querida, lamentada ou desprezada. A pobre rapariga sofria com tudo, com sua preguiça, sua beleza, sua garridice, pois ela é faceira, gulosa, curiosa; numa palavra, é mulher; deixa-se levar por suas impressões e por seus gostos com ingenuidade de criança: se o senhor lhe conta uma bela ação, ela estremece e cora, o seio lhe palpita, ela chora de alegria; se lhe narra uma história de ladrões, ela empalidece de pavor. É a natureza mais sincera, o mais franco coração e a mais delicada probidade que se pode encontrar; se lhe confiar cem moedas de ouro, ela as enterrará num recanto e continuará a mendigar seu pão.

A voz de Benassis alterou-se ao proferir essas palavras.

— Quis pô-la à prova, senhor — continuou ele —, e me arrependi. Uma prova não é espionagem, ou pelo menos desconfiança?

Aqui o médico se deteve como se fizesse uma reflexão secreta, e não notou o embaraço em que suas palavras tinham atirado seu companheiro, o qual, para não deixar ver sua perturbação, entretinha-se em desenredar as rédeas de seu cavalo. Benassis retomou em seguida a palavra.

— Eu desejaria casar a minha Fosseuse, de bom grado daria uma das minhas granjas a um bom rapaz que a fizesse feliz, e ela o seria. Sim, a pobre rapariga queria aos filhos a ponto de perder o juízo, e todos os sentidos que superabundam nela se expandiriam naquele que para a mulher os contém a todos, na *maternidade*; mas nenhum homem soube agradar-lhe. Entretanto, é de uma sensibilidade perigosa para ela; ela o sabe e confessou-me sua predisposição nervosa quando viu que eu a estava percebendo. É do número reduzido de mulheres sobre as quais o mínimo contato produz um frêmito perigoso; por isso deve-se louvá-la pelo bom comportamento, pelo seu orgulho de mulher. É bravia como uma andorinha. Ah! Que natureza rica, senhor! Foi feita para ser uma mulher opulenta, amada. Seria bondosa e constante. Aos vinte e dois anos, já se curva ao peso de sua alma, e deperece vítima de suas fibras vibrantes, de sua organização excessivamente forte ou delicada. Uma paixão traída deixaria minha pobre Fosseuse louca. Depois de ter estudado seu temperamento, depois de ter verificado a realidade de seus demorados ataques de nervos e de suas aspirações elétricas, depois de a ter achado em flagrante harmonia com as vicissitudes da atmosfera, com as variações da lua, fato que verifiquei cuidadosamente, cuidei dela, senhor, como de uma criatura diferente das demais e cuja existência doentia não podia ser compreendida senão por mim. E, como lhe disse, a ovelha enfeitada. Mas vai vê-la, aqui está a sua casinha.

Naquele momento tinham chegado mais ou menos ao terço da

montanha, que subiam a passo, por ladeiras margeadas de moitas. Ao atingirem o cotovelo de uma dessas ladeiras, Genestas viu a casa da Fosseuse. Estava situada numa das principais saliências da montanha. Ali, um bonito gramado em declive, com cerca de três arpentos, plantado de árvores e de onde surgiam várias cascatas, estava cercado de um pequeno muro de altura suficiente para servir de tapume, mas não o bastante para esconder a vista dos arredores. A casa, de tijolo e coberta com um telhado chato, com um beirai de alguns pés, produzia na paisagem um efeito encantador de ver. Compunha-se de um pavimento térreo e de um primeiro andar de porta e venezianas pintadas de verde. Com exposição ao sul, não tinha nem largura suficiente nem suficiente profundidade para ter outras aberturas além das da fachada, cuja elegância rústica consistia numa extrema limpeza. Segundo a moda alemã, a saliência das cornijas era forrada de tábuas pintadas de branco. Algumas acácias floridas e outras árvores odoríferas, espinheiros rosados, trepadeiras, uma grande noqueira que fora poupada e, ademais, alguns salgueiros chorões plantados nos regatos erguiam-se em torno da casa. Por trás havia um grande grupo de faias e de pinheiros, amplo fundo escuro sobre o qual se destacava vivamente aquela bonita construção. Naquela hora do dia, o ar estava embalsamado pelos múltiplos perfumes da montanha e do jardim da Fosseuse. O céu, puro e tranquilo, estava nublado no horizonte. Longe, os cimos começavam a apresentar as tintas de um rosa vivo que o ocaso lhes dá com frequência. Dessa altura via-se todo o vale, desde Grenoble até o recinto circular dos rochedos, em cujas fraldas se encontra o pequeno lago que Genestas na véspera atravessara. Acima da casa e a uma grande distância aparecia a linha dos choupos que indicava a grande estrada do burgo a Grenoble. Finalmente, o burgo, obliquamente atravessado pelos raios do sol, brilhava como um diamante, refletindo por todas as suas vidraças luzes rubras que pareciam escorrer. Ante esse aspecto, Genestas fez parar o cavalo, mostrou as fábricas do vale, o novo burgo e a casa da Fosseuse.

— Depois da vitória de Wagram³³ e da volta de Napoleão às Tuileries em 1815³⁴ — disse ele suspirando —, foi isto o que me causou maior emoção. Devo-lhe esse prazer, senhor, pois me ensinou a apreciar as belezas que um homem pode achar na paisagem de uma região.

— Sim — disse o médico sorrindo —, é melhor construir cidades do que tomá-las.

— Oh! Senhor, a tomada de Moscou e a rendição de Mântua! Mas o senhor então não sabe o que é isso? Não é a glória de todos nós? O senhor é um homem de bem, mas Napoleão era também um bom homem; não fosse a Inglaterra, os senhores se teriam entendido entre si e ele não teria caído, o nosso imperador; bem que eu posso confessar agora que o idolatro, pois está morto! E — disse o oficial olhando em

torno de si — não há espião por aqui. Que soberano! Ele adivinhava todos! Ele o teria colocado no seu conselho de Estado, porque era administrador, e grande administrador, até o ponto de saber os cartuchos que havia nas cartucheiras depois de um combate. Pobre homem! Enquanto estava me falando da sua Fosseuse, eu estava pensando em que ele morrera em Santa Helena, ele! Hem! Seriam o clima e a habitação capazes de satisfazer um homem acostumado a viver com o pé no estribo e o assento num trono? Dizem que ele cuidava do jardim. Demônios! Ele não tinha sido feito para plantar repolhos! Agora temos de servir os Bourbon, e lealmente, senhor, porque afinal de contas a França é a França, como o senhor dizia ontem.

Ao dizer essas últimas palavras, Genestas apeou do cavalo e, maquinalmente, imitou Benassis, o qual prendia pela rédea o seu a uma árvore.

— Será que ela não está? — disse o médico, não vendo a Fosseuse na porta.

Entraram e não encontraram ninguém na sala do pavimento térreo.

— Ela há de ter ouvido o passo de dois cavalos — disse Benassis sorrindo — e subiu para pôr uma touca, uma faixa, algum enfeite.

Deixou Genestas sozinho e subiu para procurar a Fosseuse. O comandante examinou a sala. A parede era forrada com um papel cinzento semeado de rosas, e o assoalho, coberto de uma esteira de palha, à guisa de tapete. As cadeiras, a poltrona e a mesa eram de madeira ainda revestida de sua casca. Espécies de jardineiras feitas com arcos e vime, guarnecidas de flores e musgo, ornamentavam aquela peça, em cujas janelas pendiam cortinas de percal branco de franjas encarnadas. Em cima da chaminé havia um espelho e um vaso de porcelana lisa entre duas lâmpadas; junto à poltrona, uma banquetta de pinho; depois, uma mesa, fazendo cortada, bustos de camisa já começados, enfim todos os acessórios de uma costureira, a cesta, a tesoura, linha e agulhas. Tudo isso era limpo e novo como uma concha atirada pelo mar no canto de uma praia. Do outro lado do corredor, em cuja extremidade havia uma escada, Genestas avistou uma cozinha. O primeiro andar, como o pavimento térreo, devia ter só duas peças.

— Não tenha medo — dizia Benassis à Fosseuse. — Vamos, venha!...

Ao ouvir essas palavras, Genestas voltou rapidamente para a sala. Uma jovem delgada e bem-feita de corpo, trajando um vestido de camiseta sem gola, de percalina cor-de-rosa com mil listras, apareceu em seguida, rubra de pudor e de timidez. Seu rosto não se fazia notar senão por um certo achatamento das feições, que a faziam parecer-se com aqueles rostos cossacos e russos que os desastres de 1814 tornaram tão desgraçadamente populares em França. A Fosseuse, com efeito, tinha como a gente do Norte o nariz arrebitado na ponta e muito metido para dentro; a boca era grande, o queixo pequeno, as mãos e os

braços eram vermelhos, os pés largos e fortes como os das camponesas. Conquanto estivesse exposta à ação do vento, do sol e do ar livre, sua tez era pálida como o é uma erva estiolada, mas essa coloração tornava seu semblante interessante desde a primeira vista; ademais, tinha nos olhos azuis uma expressão tão meiga, tanta graça nos movimentos, tanta alma na voz que, apesar do aparente desacordo entre as suas feições e as qualidades que Benassis gabara ao comandante, este reconheceu a criatura caprichosa e doentia, às voltas com os sofrimentos de uma natureza contrariada no seu desenvolvimento. Depois de ter vivamente atizado o fogo com cascas e galhos secos, a Fosseuse sentou-se na poltrona, retomando uma camisa começada, e ficou sob o olhar do oficial, meio envergonhada, não se animando a erguer os olhos, calma na aparência, mas com movimentos precipitados do colo que denotavam medo, e cuja beleza impressionou Genestas.

— E então, minha pobre filha, está muito adiantada? — disse Benassis brincando com os pedaços de fazenda destinados a fazer camisas.

A Fosseuse olhou para o médico com ar tímido e suplicante.

— Não me ralhe, senhor — respondeu ela —, não as toquei hoje, embora me tivessem sido encomendadas pelo senhor e para gente que tem grande necessidade delas; mas o tempo estava tão bonito! Andei passeando, e apanhei para o senhor uns cogumelos e umas trufas brancas que levei para Jacquotte; ela ficou bem contente, porque o senhor tinha convidados para o jantar. Fiquei bem feliz por ter adivinhado isso. Alguma coisa me ordenava que os fosse procurar.

E recomeçou a puxar a agulha.

— A senhorita tem aqui uma casa bem linda — disse Genestas.

— Não é minha, senhor — respondeu ela, olhando para o desconhecido com olhos que pareciam corar —; pertence ao sr. Benassis.

E desviou suavemente o olhar para o médico.

— Bem sabe, minha filha — disse ele tomando-lhe a mão —, que nunca a farão sair daqui.

A Fosseuse ergueu-se arrebatadamente e saiu.

— Que diz? — perguntou o médico ao oficial. — Como a acha?

— Mas — replicou Genestas — ela me comoveu de um modo singular. Ah! O senhor arranjou-lhe bem gentilmente o ninho!

— Ora! Papel de quinze ou vinte *sous*, mas bem escolhido, e é tudo. Os móveis não são grande coisa; foram fabricados por meu cesteiro, que quis dar-me mostras de sua gratidão. A Fosseuse mesma fez as cortinas com algumas varas de calicó. A casa e o mobiliário tão simples parecem-lhe bonitos porque o senhor os encontra na encosta de uma montanha, numa terra perdida onde não esperava encontrar qualquer coisa que

valesse a pena; o segredo dessa elegância, porém, está numa espécie de harmonia entre a casa e a natureza, que reuniu por aqui regatos e algumas árvores bem distribuídas e atirou sobre esse gramado suas mais belas ervas, seus morangueiros perfumados, suas lindas violetas. Mas, então, que tem você? — perguntou Benassis à Fosseuse, que vinha de volta.

— Nada, nada — respondeu ela —, pensei que uma das minhas galinhas não tivesse voltado.

Mentia; mas o médico foi o único que percebeu, e lhe disse ao ouvido:

— Você chorou.

— Por que me diz uma coisa dessas diante de gente? — respondeu ela.

— Senhorita — disse-lhe Genestas —, faz muito mal em ficar aqui sozinha; numa gaiola tão encantadora como esta, devia ter um marido.

— Tem razão — disse ela —, mas que quer, senhor, sou pobre e sou difícil. Não me sinto com disposição de ir levar a sopa às lavouras ou a guiar uma carreta, a sentir a miséria daqueles que eu amasse sem que me fosse possível fazê-la cessar, a ter filhos nos braços durante o dia todo e a remendar os andrajos de um homem. O senhor cura diz-me que esses pensamentos não são muito cristãos, e eu o sei perfeitamente, mas que fazer? Há dias em que prefiro comer um pedaço de pão seco a preparar qualquer coisa para o meu jantar. Por que irei eu massacrar um homem com os meus defeitos? Ele talvez se mataria para satisfazer minhas fantasias, e isso não seria justo. Ora! Devem ter-me deitado algum mau-olhado, e eu o devo suportar sozinha.

— Além disso, a minha pobre Fosseuse nasceu preguiçosa — disse Benassis — e temos de aceitá-la como ela é. Mas o que ela lhe está dizendo significa que ainda não amou ninguém — acrescentou ele rindo.

Depois levantou-se e saiu durante um momento para o gramado.

— A senhorita deve querer muito bem ao sr. Benassis, não? — perguntou-lhe Genestas.

— Oh! Sim, senhor! E como eu, muita gente no cantão tem vontade de dar por ele até a vida. Entretanto, ele, que cura os outros, tem algo que nada pode curar. O senhor é amigo dele, talvez saiba o que ele tem, não? Quem poderá ter causado desgosto a um homem como ele, que é a verdadeira imagem de Deus sobre a Terra? Conheço aqui uns quantos que creem que seus trigais se desenvolvem melhor quando ele passa de manhã pelos seus campos.

— E a senhora, o que acha?

— Eu, senhor, quando o vejo... — pareceu hesitar, depois acrescentou: — sinto-me feliz pelo resto do dia.

Baixou a cabeça e puxou a agulha com uma pressa singular.

— E então, o comandante contou-lhe alguma coisa a respeito de Napoleão? — disse o médico, tornando a entrar.

— O senhor viu o Imperador? — exclamou a Fosseuse, contemplando o rosto do oficial com curiosidade apaixonada.

— Como não! — disse Genestas, — Mais de mil vezes.

— Ah! Como eu tinha vontade de saber alguma coisa de militar!

— Amanhã nós viremos talvez tomar uma xícara de café com leite com você. E te contarão *alguma coisa de militar*, minha filha — disse Benassis, pegando-a pelo pescoço e beijando-a na testa. — É minha filha, sabe? — acrescentou dirigindo-se ao comandante. — Quando não lhe dou um beijo na testa, sinto durante todo o dia que me falta alguma coisa.

A Fosseuse apertou a mão de Benassis e disse-lhe em voz baixa:

— Oh! O senhor é muito bom!

Deixaram-na; ela, porém, seguiu-os para vê-los montar a cavalo. Quando Genestas firmou-se na sela, a Fosseuse sussurrou ao ouvido de Benassis:

— Quem é esse senhor?

— Ah! Ah! — respondeu o médico, pondo o pé no estribo. — Talvez um marido para ti.

Ela ficou de pé, entretida em vê-los descer a ladeira; quando eles passaram na extremidade do jardim, viram-na debruçada sobre um monte de pedras para vê-los ainda e lhes fazer um último sinal de cabeça.

— Senhor, essa rapariga tem qualquer coisa de extraordinário — disse Genestas ao médico quando já se achavam longe da casa.

— Não é verdade? — disse este. — Vinte vezes já disse cá com os meus botões que ela seria uma esposa encantadora; mas não poderia amá-la senão como se ama uma filha ou uma irmã; meu coração está morto.

— Ela tem parentes? — perguntou Genestas. — Que faziam o pai e a mãe dela?

— Oh! É uma história muito complicada — disse Benassis. — Ela não tem pai nem mãe nem parentes. Até seu nome interessou-me. A Fosseuse nasceu no burgo. O pai, jornalista de Saint-Laurent du Pont, chamava-se *le Fosseur*, sem dúvida abreviação de *fossoyeur*,³⁵ porque desde tempos imemoriais o encargo de enterrar os mortos permanecera na família dela. Há nesse nome todas as melancolias do cemitério. Em virtude de um costume romano, ainda em uso aqui como em algumas outras regiões da França, que consiste em dar às mulheres o nome do marido acrescentando-lhe uma terminação feminina, essa rapariga foi chamada a Fosseuse, do nome do pai. Esse jornalista desposara por amor a criada de quarto de não sei que condessa, cujas terras estavam situadas a algumas léguas do burgo. Aqui, como em toda

parte no campo, a paixão entra por pouca coisa nos casamentos. Em geral os camponeses querem uma mulher para ter filhos, para ter uma dona de casa que lhes faça uma boa sopa e lhes leve comida na roça, que lhes teça camisas e lhes remende as roupas. Havia muito que semelhante aventura não acontecia nesta região, onde frequentemente um rapaz deixa a sua *prometida* por uma moça mais rica do que ela, de três ou quatro arpentos de terra. A sorte do Fosseur e de sua mulher não foi suficientemente feliz para fazer os delfineses perderem o hábito dos seus cálculos interesseiros. A Fosseuse, que era uma linda criatura, morreu de parto ao ter a filha. O marido sentiu tanto pesar com essa perda que morreu nesse mesmo ano, não deixando no mundo para a filha nada mais que uma vida periclitante e naturalmente muito precária. A pequena foi recolhida caridosamente por uma vizinha, que a criou até a idade de nove anos. A alimentação da Fosseuse tendo-se tornado uma carga pesada demais para essa boa mulher, ela mandou sua pupila mendigar seu pão na estação em que viajantes passam pela estrada. Um dia, tendo ido a órfã pedir pão no castelo da condessa, foi lá retida em memória da mãe. Educada então para servir um dia de criada de quarto à filha da condessa, que se casou daí a cinco anos, a pobre pequena foi durante esse tempo vítima de todos os caprichos da gente rica, a qual na maioria nada tem de espontâneo nem de coerente na sua generosidade: benfazejos por acessos ou por caprichos, ora protetores, ora amigos, ora senhores, falseiam ainda mais a situação já de si falsa das crianças infelizes pelas quais se interessam, manejando-lhes despreocupadamente o coração, a vida ou o futuro, por considerá-los insignificantes. A Fosseuse tornou-se a princípio quase que a companheira da jovem herdeira; ensinaram-lhe então a ler, a escrever, e sua futura patroa divertiu-se algumas vezes em dar-lhe lições de música. Alternativamente dama de companhia e criada de quarto, fizeram dela um ser incompleto. Lá ela tomou gosto pelo luxo, pelos atavios, e adquiriu maneiras em desacordo com sua situação real. Desde então a desgraça reformou-lhe rudemente a alma, mas não pôde apagar nela o vago sentimento de um destino superior. Finalmente, um dia, dia bem funesto para essa pobre rapariga, a jovem condessa, então casada, surpreendeu a Fosseuse, que não era senão sua criada de quarto, paramentada com um dos seus vestidos de baile e dançando em frente a um espelho. A órfã, nessa época com dezesseis anos de idade, foi despedida sem dó nem piedade; sua indolência fê-la cair na miséria, vagar pelas estradas, mendigar, trabalhar, conforme lhe contei. Pensou muitas vezes em atirar-se na água, algumas vezes também em entregar-se ao primeiro que aparecesse; quase sempre se deitava ao sol ao longo de um muro, taciturna, pensativa, com a cabeça na relva; os viajantes atiravam-lhe então alguns *sous*, justamente porque ela nada lhes pedia. Ficou durante um ano no hospital de Annecy, após uma colheita

laboriosa na qual trabalhou somente com a esperança de morrer. É preciso ouvir ela mesma contar seus sentimentos e suas ideias durante esse período de sua vida; é muitas vezes bem interessante nas suas ingênuas confidências. Finalmente, voltou ao burgo na época em que eu resolvi fixar-me nele. Eu queria conhecer o moral dos meus administrados; estudei seu caráter, o qual me impressionou; em seguida, depois de ter observado suas imperfeições orgânicas, resolvi tomar conta dela. É possível que com o tempo ela acabe habituando-se ao trabalho de costura, mas em todo caso lhe garanti o futuro.

— Ela vive muito só ali — disse Genestas.

— Não, uma das minhas pastoras vem dormir em casa dela — respondeu o médico. — Não viu os edifícios da minha granja, que ficam para baixo da casa, escondidos pelos pinheiros? Oh! Ela está em segurança. De resto, não há tipos viciados no nosso vale; se por acaso aparece algum, mando-o para o Exército, onde se torna um soldado excelente.

— Pobre rapariga! — disse Genestas.

— Ah! a gente do cantão não tem pena dela — afirmou Benassis —; pelo contrário, consideram-na muito feliz; mas existe esta diferença entre ela e as outras mulheres: é que a estas Deus deu a força, e a ela deu a fraqueza; e essa gente não vê isso.

V — UM EFEITO DE PÔR DO SOL

No momento em que os dois cavaleiros desembocaram na estrada de Grenoble, Benassis, que previa o efeito desse novo panorama em Genestas, deteve-se com ar satisfeito para gozar com a surpresa dele. Dois muros de verdura, da altura de sessenta pés, ornavam a perder de vista uma larga estrada abaulada como uma alameda de jardim e compunham um monumento natural que um homem podia orgulhar-se de ter criado. As árvores, não podadas, formavam todas a imensa palma verde que torna o choupo da Itália um dos mais magníficos vegetais. Um lado da estrada, já atingido pela sombra, representava uma vasta muralha de folhas negras; ao passo que, fortemente iluminado pelo sol poente que dava aos jovens brotos tons de ouro, o outro lado oferecia o contraste das cambiantes e dos reflexos que a luz e a brisa produziam sobre a sua móvel cortina.

— O senhor deve por força ser feliz aqui — exclamou Genestas. — Tudo para o senhor é prazer.

— Senhor — disse o médico —, o amor pela natureza é o único que não defrauda as esperanças humanas. Aqui não há decepções. Aí estão choupos de dez anos. Já viu outros que se desenvolvessem tão bem como esses meus?

— Deus é grande! — disse o militar, parando no meio daquele caminho do qual não entrevia nem o fim nem o começo.

— O senhor me causa satisfação — disse Benassis. — Sinto prazer em ouvi-lo repetir o que eu digo muitas vezes no meio desta avenida. Há inquestionavelmente aqui qualquer coisa de religioso. Estamos neste lugar como dois pontos, e o sentimento de nossa pequenez nos leva sempre para Deus.

Seguiram então lentamente e em silêncio, ouvindo os passos dos cavalos que ressoavam naquela galeria de verdura como se estivessem sob a abóbada de uma catedral.

— Quantas emoções das quais a gente da cidade não suspeita! — disse o médico. — Sente o senhor os perfumes exalados pela própole dos choupos e pela exsudação dos larícios? Que delícia!

— Ouça — exclamou Genestas —, paremos.

Ouviram então um canto ao longe.

— Será uma mulher ou um homem, será um pássaro? — perguntou baixinho o comandante. — Será a voz desta grande paisagem?

— Há um pouco de tudo isso — respondeu o médico, apeando-se do cavalo e prendendo-o a um galho de choupo.

Depois fez sinal ao oficial para que o imitasse e o seguisse. Foram a passos lentos ao longo de uma senda bordada de duas sebes de espinheiro alvar florido, que espalhavam perfumes penetrantes na úmida atmosfera da tarde. Os raios do sol penetravam na senda com uma espécie de impetuosidade que a sombra projetada pela extensa cortina de choupos tornava mais sensível ainda, e aqueles vigorosos jatos de luz envolviam com suas tonalidades vermelhas um rancho situado na extremidade daquele caminho arenoso. Parecia que uma poeira de ouro tinha sido atirada sobre seu telhado de palha, ordinariamente escura como a casca de uma castanha e cujas arestas esfrangalhadas estavam esverdeadas por pinhões-de-ratos e por musgos. Naquele nevoeiro de luz pouco se percebia o rancho; mas as velhas paredes, a porta, tudo tinha ali um fulgor fugitivo; tudo ali era fortuitamente belo, como o é por instantes um rosto humano sob o império de alguma paixão que o exalte e lhe avive as cores. Encontram-se na vida ao ar livre dessas suavidades campestres e passageiras que nos arrancam o voto do apóstolo dizendo a Jesus Cristo, na montanha: “Ergamos nossa tenda e fiquemos aqui”.³⁶ Essa paisagem parecia ter naquele momento uma voz pura e doce tanto quanto ela mesma era pura e doce, mas uma voz triste como o clarão prestes a extinguir-se no ocidente; vaga imagem da morte, advertência divinamente dada no céu pelo sol, como as flores e os lindos insetos efêmeros a dão sobre a terra. Nessa hora, os tons do céu estão impregnados de melancolia, e aquele canto era melancólico; de resto, canto popular, canto de amor e de saudade, que serviu outrora ao ódio nacional da França contra a

Inglaterra, mas ao qual Beaumarchais restituiu sua verdadeira poesia,³⁷ transportando-o para a cena francesa e pondo-o na boca de um pajem que abre seu coração à madrinha. Essa ária era modulada sem palavras, num tom plangente, por uma voz que vibrava na alma e a enternecia.

— É o canto do cisne — disse Benassis. — No decorrer de um século, essa voz não repercutiu senão duas vezes ao ouvido dos homens. Apressemos-nos, é preciso impedi-la de cantar! Essa criança se está matando, seria uma crueldade continuar a ouvi-la. Cala-te, Jacques! Vamos, cala-te — bradou o médico.

A música cessou. Genestas permaneceu de pé, imóvel e estupefato. Uma nuvem encobria o sol, a paisagem e a voz calaram-se juntas. A sombra, o frio e o silêncio substituíam os suaves esplendores da luz, as cálidas emanações da atmosfera e o canto da criança.

— Por que me desobedeces! — disse Benassis. — Não te darei mais bolos de arroz, nem caldo de caramujos, nem tâmaras frescas, nem pão branco. Queres então morrer e desesperar tua pobre mãe?

Genestas entrou num pequeno pátio cuidadosamente limpo e viu um rapazinho de quinze anos, débil como uma mulher, louro, com poucos cabelos e corado como se o tivesse pintado. Este se ergueu lentamente do banco em que estava sentado debaixo de um copado jasmineiro e de lilases em flor, que medravam desordenadamente e o envolviam com sua folhagem.

— Sabes perfeitamente — disse o médico — que dei ordem para te deitares antes do sol, para não te expores ao frio do entardecer e para não falares. Como te permites, pois, cantar?

— Ora, sr. Benassis, estava tão quente ali, e é tão bom sentir calor! Sempre tenho frio. Como me sentisse bem, sem pensar comecei a dizer, para me divertir, *Malbroukh S'en Va-t-en Guerre*, e fiquei a ouvir a mim mesmo, porque minha voz estava quase parecida à do flautim do seu pastor.

— Vamos, meu pobre Jacques, que isso não te aconteça outra vez, estás ouvindo? Dá-me a tua mão.

O médico tomou-lhe o pulso. O menino tinha olhos azuis, habitualmente de expressão meiga, mas que a febre tornava então brilhantes.

— Oh! Eu tinha certeza, estás suado — disse Benassis. — Tua mãe não está aí?

— Não, senhor.

O jovem doente, acompanhado por Benassis e pelo oficial, voltou para o quarto.

— Queira acender um candeeiro, Capitão Bluteau — disse o médico ajudando Jacques a tirar seus grosseiros andrajos.

Depois de iluminar o rancho, Genestas ficou impressionado com a extrema magreza da criança, a qual não tinha mais do que pele e ossos.

Quando o pequeno camponês se deitou, Benassis percutiu-lhe o peito ouvindo o ruído que os dedos faziam; em seguida, depois de ter estudado sons de sinistro presságio, puxou as cobertas para tapar Jacques, pôs-se de quatro, cruzou os braços e o examinou.

— Como te sentes, homenzinho?

— Bem, senhor.

Benassis aproximou da cama uma mesa de quatro pés torneados, procurou um copo e um frasco sobre o manto da chaminé e preparou uma beberagem misturando na água pura algumas gotas de um licor pardo do frasco, cuidadosamente medidas à luz do candeeiro que Genestas segurava.

— Tua mãe está custando a voltar.

— Senhor, ela vem vindo, ouço os passos no caminho.

O médico e o oficial esperaram olhando em torno. Ao pé da cama havia um colchão de musgo, sem lençóis nem cobertas, no qual sem dúvida a mãe se deitava vestida. Genestas com o dedo mostrou essa cama a Benassis, o qual inclinou suavemente a cabeça como para exprimir que ele também já tinha admirado esse devotamento materno. Reboando no pátio um ruído de tamancos, o médico saiu.

— É preciso vigiar Jacques esta noite, tia Colas. Se ele lhe disser que está sufocado, a senhora lhe dará a beber do copo que eu pus em cima da mesa. Tenha cuidado para que ele não beba mais do que um ou dois goles de cada vez. O remédio do copo deve dar para toda a noite. Sobre tudo não toque no frasco, e comece por mudar a roupa do seu filho, que está alagado de suor.

— Não pude lavar as camisas dele hoje, meu caro senhor, pois tive de levar meu cânhamo a Grenoble para arranjar dinheiro.

— Pois bem! Eu lhe mandarei camisas.

— Quer dizer então que ele piorou, meu pobre filho?

— Não se deve esperar nada de bom, tia Colas, ele cometeu a imprudência de cantar; mas não ralhe com ele nem o trate com aspereza, tenha coragem. Se Jacques se queixar muito, mande-me chamar por uma vizinha. Adeus.

O médico chamou o companheiro e dirigiu-se para o caminho.

— Esse pequeno camponês está tísico? — perguntou-lhe Genestas.

— Infelizmente, está! — respondeu Benassis. — A menos que haja um milagre da natureza, a ciência não o pode salvar. Nossos professores, na Escola de Medicina de Paris, muitas vezes nos falaram do fenômeno que acaba de ver. Certas doenças desse gênero produzem nos órgãos da voz mudanças que dão momentaneamente aos doentes a faculdade de emitir cantos cuja perfeição não pode ser igualada por nenhum exímio cantor. Eu o fiz passar um dia triste, senhor — disse o médico, depois de ter montado a cavalo. — Por toda parte o sofrimento, por toda parte a morte, mas também por toda parte a resignação. A

gente do campo morre toda ela filosoficamente, sofre, cala-se e deita-se à moda dos animais. Mas não falemos mais em morte e apressemos o passo dos nossos cavalos. Temos de chegar ao burgo antes da noite, para que o senhor possa ver o novo bairro.

— Olhe! Há fogo em algum lugar — disse Genestas, mostrando um lugar da montanha de onde se erguiam labaredas.

— Esse fogo não é perigoso. Nosso caieiro está fazendo com certeza uma fornada de cal. Essa indústria nova utiliza os nossos urzais.

Ouviu-se um tiro. Benassis deixou escapar uma exclamação involuntária e disse com um gesto de impaciência:

— Se é Butifer, vamos ver um pouco qual de nós dois será o mais forte.

— O tiro foi para aquele lado — disse Genestas, designando um bosque de faias que ficava acima do ponto onde estavam, na montanha.

— Sim, lá em cima, pode fiar-se no ouvido de um velho soldado.

— Vamos lá depressa! — gritou Benassis, o qual, dirigindo-se em linha reta para o pequeno bosque, fez o cavalo voar por sobre os fossos e os campos, como se se tratasse de uma corrida de aposta, tal era seu desejo de surpreender o atirador em flagrante delito.

— O homem que o senhor procura vai fugindo — gritou Genestas, que o seguia com dificuldade.

Benassis fez o cavalo dar volta bruscamente, refez o caminho andado e o homem que ele buscava mostrou-se daí a pouco sobre uma rocha a prumo, a cem pés acima dos dois cavaleiros.

— Butifer — gritou Benassis ao ver-lhe nas mãos uma comprida espingarda —, desce!

Butifer reconheceu o médico e respondeu com um sinal respeitosa e amigável que indicava uma perfeita obediência.

— Concebo — disse Genestas — que um homem levado pelo medo ou por algum sentimento violento tenha podido subir àquela ponta de rocha; mas como fará para descer?

— Isso não me traz inquietação — respondeu Benassis —; as cabras devem ter inveja desse freguês! O senhor vai ver.

VI — O CAMINHO DOS GALÉS

Habitado, pelos acontecimentos da guerra, a julgar do valor intrínseco dos homens, o comandante admirou a singular presteza, a elegante segurança dos movimentos de Butifer, enquanto descia ao longo das asperezas da rocha a cujo cimo audaciosamente chegara. O corpo esbelto e vigoroso do caçador equilibrava-se graciosamente em todas as posições que o escarpado caminho o obrigava a tomar; punha o pé numa ponta de rocha mais tranquilamente do que se o pusesse num

parquete, tal a certeza que parecia ter de ali se manter em caso de necessidade. Manejava seu comprido fuzil como se tivesse apenas um bastão na mão. Butifer era um homem moço, de estatura mediana, porém seco, magro e nervoso, cuja beleza viril impressionou Genestas quando este o viu perto dele. Pertencia visivelmente à classe dos contrabandistas que exercem seu ofício sem violência e empregam somente a astúcia e a paciência para fraudar, o fisco. Tinha um rosto másculo, queimado pelo sol. Seus olhos, de um fulvo claro, brilhavam como os de uma águia, com cujo bico seu nariz fino, levemente curvo na ponta, tinha muita semelhança. As maçãs do rosto eram cobertas de penugem. A boca rubra, semientreaberta, deixava ver dentes de deslumbrante alvura. A barba, os bigodes, as suíças ruivas que ele deixava crescer e que se encrespavam naturalmente, realçavam-lhe a máscula e terrível expressão do rosto. Nele, tudo era força. Os músculos das mãos, continuamente exercitados, tinham uma consistência e uma grossura curiosas. O peito era largo, e sua fronte deixava transparecer uma selvagem inteligência. Tinha o ar intrépido e resoluto, porém calmo, de um homem acostumado a arriscar a vida e que tantas vezes experimentou seu poder corporal ou intelectual em perigos de toda espécie, que já não duvida de si mesmo. Trajando uma blusa rasgada pelos espinhos, calçava solas de couro presas por peles de enguia. Umas calças de pano azul, remendadas, despedaçadas, deixavam ver as pernas vermelhas, finas, secas e nervosas como as de um cervo.

— Está vendo o homem que em tempos idos me deu um tiro de espingarda — disse Benassis, em voz baixa, ao comandante. — Se agora eu manifestasse o desejo de livrar-me de alguém, ele mataria esse alguém sem hesitar. Butifer — continuou, dirigindo-se ao caçador furtivo —, eu julguei que eras realmente um homem de honra, e empenhei minha palavra porque me tinhas dado a tua. Minha promessa ao procurador do rei em Grenoble era baseada no teu juramento de não caçar mais, de te tornares um homem sossegado, cuidadoso, trabalhador. Foste tu que acabaste de dar um tiro, e estás nas terras do Conde de Labranchoir. Que te parece, se o guarda do conde te tivesse ouvido, desgraçado? Felizmente para ti eu não te denunciarei, pois serias um reincidente, e não tens licença para porte de armas! Deixei-te tua espingarda por condescendência, em atenção ao teu apego por essa arma.

— É uma bela arma — disse o comandante, reconhecendo uma espingarda para caçar patos de Saint-Etienne.

O contrabandista ergueu a cabeça para Genestas como para agradecer-lhe aquela aprovação.

— Butifer — disse Benassis continuando —, tua consciência deve fazer-te exprobrações. Se recomeças teu antigo ofício, vais verte mais uma vez num parque cercado de muros; nenhuma proteção te poderá

então salvar das galés; serás marcado, desonrado. Vais levar-me hoje mesmo tua espingarda; eu a guardarei para ti.

Butifer apertou o cano da arma num movimento convulsivo.

— Tem razão, senhor *maire* — disse. — Fiz mal, quebrei meu juramento, sou um cão. Minha espingarda deve ir para a sua casa, mas tomando-me ela o senhor receberá a minha herança. O último tiro que o filho de minha mãe disparará vai ser nos meus miolos! Que quer! Fiz tudo o que o senhor quis, fiquei sossegado durante o inverno; mas, na primavera, a seiva arrebentou. Não sei lavrar; não me sinto capaz de passar a vida engordando aves; não posso nem me curvar para binar legumes nem fustigar o ar guiando uma carreta nem ficar esfregando o lombo de um cavalo numa estrebaria; mas tenho por isso de morrer de fome? Não vivo bem a não ser lá em cima — disse ele após uma pausa, apontando para as montanhas. — Faz oito dias que ando por aí; vi uma camurça, e a camurça está ali — disse ele mostrando o alto da rocha —; está às suas ordens! Meu bom sr. Benassis, deixe-me a minha espingarda. Ouça-me, palavra de Butifer, deixarei a comuna e irei para os Alpes, onde os caçadores de camurça não me dirão nada; antes, pelo contrário, me receberão com prazer e lá arrebentarei no fundo de alguma geleira. Olhe, para falar francamente, prefiro passar um ano ou dois vivendo assim nas alturas, sem encontrar nem governo, nem guardas aduaneiros, nem guardas campestres, nem procuradores do rei, a estagnar cem anos no seu pântano. Só do senhor terei saudades, os demais me caceteiam! Quando o senhor tem razão, pelo menos não extermina as pessoas.

— E Luísa? — perguntou Benassis.

Butifer ficou pensativo.

— Olhe! Meu rapaz — disse Genestas —, aprenda a ler e a escrever, venha ao meu regimento, monte a cavalo, faça-se carabineiro. Se alguma vez tocar o bota-sela para uma guerra de respeito, verá que Deus o fez para viver no meio dos canhões, das balas, das batalhas, e chegará a general.

— Sim, se Napoleão tivesse voltado — disse Butifer.

— Conheces as nossas convenções? — disse-lhe o médico. — Na segunda contravenção prometeste-me sentar praça. Dou-te seis meses para aprenderes a ler e a escrever; depois conseguirei algum filho de família a quem substituirás.

Butifer olhou as montanhas.

— Oh! Não irás para os Alpes — exclamou Benassis. — Um homem como tu, um homem de honra, cheio de grandes qualidades, deve servir sua pátria, comandar uma brigada, e não morrer atrás de uma camurça. A vida que levas dará contigo direto na cadeia. Teus trabalhos excessivos te obrigam a repousos demorados, com o tempo contrairás hábitos de vida ociosa que destruirão em ti toda ideia de ordem, que te

acostumarão a abusar de tua força, a fazer-te justiça por tuas próprias mãos, e eu quero, mesmo contra a tua vontade, pôr-te no bom caminho.

— Terei então de arrebentar de aborrecimento e de tristeza? Fico sufocado quando estou numa cidade. Não posso demorar mais de um dia em Grenoble quando levo Luísa lá.

— Todos nós temos as nossas inclinações, que é preciso saber, ou combater, ou torná-las úteis aos nossos semelhantes. Mas já é tarde, tenho pressa; irás ver-me amanhã levando-me tua espingarda e falaremos de tudo isso, meu filho. Adeus. Vende tua camurça em Grenoble.

Os dois cavaleiros se foram.

— Eis aí o que se chama um homem — disse Genestas.

— Um homem em mau caminho — respondeu Benassis. — Mas que fazer? O senhor ouviu-o. Não é deplorável ver perderem-se tão belas qualidades? Se o inimigo invadissem a França, Butifer, à frente de cem rapazes, deteria na Maurienne uma divisão durante um mês; mas em tempo de paz ele não pode desenvolver sua energia senão em situações em que a lei é afrontada. Ele precisa de uma força qualquer à qual vencer; quando não arrisca a vida, luta contra a sociedade, auxilia os contrabandistas. Esse freguês atravessa o Ródano sozinho numa canoa, para levar sapatos à Saboia; foge completamente carregado para um pico inacessível, onde pode ficar dois dias vivendo com migalhas de pão. Enfim, adora o perigo como outro adora o sono. A força de gozar o prazer que as sensações extremas dão, colocou-se fora da vida comum. Por minha parte, não quero que, seguindo o declive insensível de um mau caminho, semelhante homem se torne um bandido e morra no cadafalso. Mas veja, capitão, como o nosso burgo se apresenta.

Genestas viu de longe uma grande praça circular plantada de árvores no centro da qual havia uma fonte cercada de choupos. O recinto era assinalado por barrancos sobre os quais se erguiam três fileiras de árvores diferentes: primeiro acácias, depois chorões do Japão e ao alto, na parte superior, olmos.

— Esse é o campo em que se realiza a nossa feira — disse Benassis. — Depois, a rua principal começa com as duas belas casas de que lhe falei, a do juiz de paz e a do tabelião.

Entraram então numa rua cuidadosamente calçada com grandes pedras, de cada lado da qual havia umas cem casas novas, quase todas separadas por jardins. A igreja, cujo portal formava uma bonita perspectiva, terminava essa rua, em cuja parte média duas outras tinham sido recentemente traçadas e onde já se erguiam várias casas. A *mairie*, situada na praça da igreja, defrontava o presbitério. A medida que Benassis avançava, as mulheres, as crianças e os homens, cuja jornada de trabalho estava terminada, vinham logo para a porta de suas casas; alguns tiravam-lhe o chapéu, outros davam-lhe boa-tarde, as

criancinhas gritavam saltando-lhe à roda do cavalo, como se a bondade do animal lhes fosse tão conhecida como a do dono. Era uma alegria surda que, semelhante a todos os sentimentos profundos, tinha seu pudor particular e sua atração comunicativa.

Ao ver aquele acolhimento feito a Benassis, Genestas achou que na véspera o médico fora muito modesto no modo por que lhe descrevera a afeição que lhe tributavam os habitantes do cantão. Bem que aquilo era a mais suave das realezas, aquela cujos títulos estão gravados no coração dos súditos, de resto realeza verdadeira. Por mais potentes que sejam as irradiações da glória ou do poder de que um homem goze, sua alma não tarda em fazer justiça dos sentimentos que sua ação exterior lhe traz, e prontamente percebe que realmente é um nada, não vendo coisa alguma mudada, nada de novo, nada de maior no exercício de suas faculdades físicas. Os reis, tenham embora a terra, são condenados, como os demais homens, a viver num pequeno círculo a cujas leis estão sujeitos, e sua felicidade depende das impressões pessoais que sentem. Ora, Benassis, por toda parte no cantão, só encontrava obediência e amizade.

TERCEIRA PARTE

O NAPOLEÃO DO POVO

I — PALESTRA DE GENTE BOA

— Venha duma vez, senhor — disse Jacquotte. — Faz tempo que não é brinquedo que esses senhores o estão esperando. É sempre assim. O senhor me estraga o jantar quando é preciso que ele seja bom. Agora, tudo já está podre de tanto cozinhar.

— Pois aqui estamos — disse Benassis, sorrindo.

Os dois cavaleiros apearam-se e dirigiram-se ao salão, onde se achavam as pessoas convidadas pelo médico.

— Senhores — disse ele, tomando a mão de Genestas —, tenho a honra de apresentar-lhes o sr. Bluteau, capitão do regimento de cavalaria da guarnição de Grenoble, um velho soldado que me prometeu ficar algum tempo entre nós.

Depois, dirigindo-se a Genestas, mostrou-lhe um homem alto e seco, de cabelos grisalhos e vestido de preto.

— Este — disse ele — é o sr. Dufau, o juiz de paz, de quem já lhe falei e que tanto contribuiu para a prosperidade da comuna. Este — continuou, pondo-o em frente a um rapaz magro, pálido, de meia estatura, igualmente vestido de preto e que usava óculos — é o sr. Tonnelet, genro do sr. Gravier e o primeiro tabelião estabelecido no burgo.

Depois, virando-se para um homem gordo, meio camponês meio burguês, de rosto grosseiro, cheio de borbulhas, mas bondoso, disse:

— Este é o meu digno adjunto, sr. Cambon, o negociante de madeira a quem devo a benévola confiança que me conferem os habitantes. É um dos criadores da estrada que o senhor admirou. Não tenho necessidade — acrescentou Benassis, mostrando o cura — de dizer-lhe qual a profissão deste senhor. Vê aí um homem a quem ninguém pode deixar de querer.

O rosto do padre absorveu a atenção do militar pela expressão de uma beleza moral cujas seduções eram irresistíveis, à primeira vista, o semblante do sr. Janvier podia parecer desgracioso, de tal forma suas linhas eram severas e discordantes. Sua pouca altura, sua magreza, sua atitude denotavam uma grande fraqueza física; a fisionomia, porém, sempre plácida, atestava a profunda paz interior do cristão e a força que a castidade de alma engendra. Os olhos, onde o céu parecia refletir-se,

traíam o inesgotável foco de caridade que lhe consumia o coração. Seus gestos, raros e naturais, eram os de um homem modesto; seus movimentos tinham a pudica simplicidade das moças. Seu aspecto inspirava respeito e o vago desejo de penetrar-lhe na intimidade.

— Ah! Senhor *maire* — disse ele, inclinando-se como que para escapar ao elogio que dele fazia Benassis.

O som de sua voz remexeu as entranhas do comandante, que foi atirado num devaneio quase religioso pelas duas insignificantes palavras proferidas por aquele padre desconhecido.

— Senhores — disse Jacquotte, chegando até o meio do salão e ali ficando com as mãos nas cadeiras —, a sopa está na mesa.

A convite de Benassis, que os interpelou cada um por sua vez a fim de evitar as cerimônias de precedência, os cinco convidados do médico passaram para a sala de jantar e sentaram-se à mesa, depois de ouvirem o *Benedicite*, que o cura pronunciou sem ênfase, à meia-voz.

A mesa estava posta com uma toalha dessa tela adamescada inventada no reinado de Henrique IV pelos irmãos Graindorge, hábeis fabricantes que deram seu nome a esses tecidos espessos tão conhecidos das donas de casa. Essa toalha brilhava de tão alva e recendia a tomilho, que Jacquotte punha na roupa lavada. A baixela era de faiança branca, bordada de azul, perfeitamente conservada. As garrafas tinham essa antiga forma octogonal que, em nossos dias, só subsiste na província. Os cabos das facas, todos de chifre lavrado, representavam figuras estranhas. Ao examinar esses objetos de um luxo antigo, e entretanto quase novos, todos os achavam em acordo com a bonomia e a franqueza do dono da casa. A atenção de Genestas deteve-se durante um momento sobre a tampa da sopeira coroada por legumes em relevo, muito bem coloridos, à maneira de Bernard de Palissy, célebre artista do século XVI.

Essa reunião não carecia de originalidade. As cabeças vigorosas de Benassis e Genestas contrastavam admiravelmente com a cabeça apostólica do sr. Janvier, da mesma forma por que os rostos estiolados do juiz de paz e do adjunto faziam sobressair a jovem fisionomia do tabelião. A sociedade parecia representada por aqueles semblantes diversos nos quais se desenhava igualmente o contentamento consigo mesmo, com o presente, e a fé no futuro. Somente o sr. Tonnelet e o sr. Janvier, pouco avançados na vida, gostavam de escrutar os acontecimentos futuros que eles sentiam pertencer-lhes, ao passo que os outros convivas deviam fazer recair a conversação de preferência sobre o passado; todos, porém, encaravam com gravidade as coisas humanas, e suas opiniões refletiam uma dupla tonalidade melancólica: uma tinha a palidez dos crepúsculos da tarde, era a recordação quase apagada das alegrias que não mais deviam renascer; a outra, como a aurora, dava a esperança de um belo dia.

— Deve ter-se cansado muito hoje, senhor cura — disse o sr. Cambon.

— Sim, senhor — respondeu o sr. Janvier —, o enterro do pobre cretino e o do velho Pelletier foram feitos em horas diferentes.

— Vamos poder demolir agora os pardieiros da aldeia velha — disse Benassis ao adjunto. — Esse arrasamento de casas há de nos dar pelo menos um arpeno de prados, e a comuna ganhará ademais os cem francos que nos custava a manutenção de Cláudio, o cretino.

— Deveríamos consignar durante três anos esses cem francos para a construção de um pontilhão no caminho de baixo, no lugar do grande regato — disse o sr. Cambon. — A gente do burgo e do vale adquiriu o hábito de atravessar o terreno de João Francisco Pastureau e acabará estragando-o de modo a prejudicar bastante esse pobre homem.

— De fato — disse o juiz de paz —, esse dinheiro não poderia ser mais bem empregado. A meu ver, o uso das passagens é um dos grandes males do campo. A décima parte dos processos levados perante os tribunais de paz tem como causa as servidões injustas. Atenta-se dessa forma, quase que impunemente, contra o direito de propriedade numa porção de comunas. O respeito da propriedade e o respeito da lei são dois sentimentos que, com muita frequência, são desconhecidos na França, quando deveriam ser propagados. Para muitos parece desonroso prestar assistência às leis, e o “Vai fazer enforcar-te noutra freguesia!”, frase proverbial que parece ditada por um sentimento de generosidade louvável, não é no fundo senão uma fórmula que serve para disfarçar nosso egoísmo. Confessemos!... Falta-nos patriotismo. O verdadeiro patriota é o cidadão bastante compenetrado da importância das leis para as fazer executar, mesmo afrontando riscos e perigos. Deixar um malfeitor seguir em paz não é tornar-se culpado dos futuros crimes dele?

— Tudo se articula — disse Benassis. — Se os *maires* conservassem suas estradas em bom estado, não haveria tantas passagens. Depois, se os conselheiros municipais fossem mais instruídos, eles apoiariam os proprietários e o *maire*, quando estes se opõem ao estabelecimento de uma servidão injusta; todos fariam as pessoas ignorantes compreenderem que o castelo, o campo, o rancho e a árvore são igualmente sagrados e que o *direito* não aumenta nem se enfraquece pelos valores diferentes das propriedades. Tais melhoras, porém, não podem ser obtidas rapidamente, elas dependem principalmente do moral das populações, que não podemos reformar sem a intervenção eficaz dos curas. Isto não se refere ao senhor, padre Janvier.

— Tampouco o tomo para mim — respondeu o cura rindo. — Não me tenho empenhado em fazer com que os dogmas da religião católica coincidam com seus projetos administrativos? Assim, por exemplo, procurei muitas vezes, nas minhas instruções pastorais relativas ao

roubo, inculcar aos habitantes da paróquia as mesmas ideias que o senhor acaba de emitir sobre o direito. Efetivamente, Deus não considera o roubo segundo o valor do objeto roubado; Ele julga o ladrão. Tal foi o sentido das parábolas que tentei apropriar à inteligência dos meus paroquianos.

— E consegui-o, senhor cura — disse Cambon. — Posso avaliar as mudanças que o senhor fez nos espíritos, comparando o estado atual da comuna com seu estado passado. Existem, indiscutivelmente, poucos cantões onde os operários sejam tão escrupulosos como os nossos relativamente ao tempo exigido de trabalho. Os animais são bem guardados e só causam danos por acaso. Os bosques são respeitados. Enfim, o senhor fez os nossos camponeses compreenderem muito bem que o ócio dos ricos é a recompensa de uma vida econômica e séria.

— De modo, senhor cura, que deve estar bastante contente com os seus infantes — disse Genestas.

— Não se deve esperar encontrar anjos em parte alguma aqui na terra, senhor capitão — respondeu o padre. — Em toda a parte onde há miséria, há sofrimento. O sofrimento e a miséria são forças vivas que têm seus abusos, como os tem o poder. Quando camponeses fazem duas léguas a fim de ir para o seu trabalho e voltam à noite muito cansados, se eles veem caçadores atravessando as lavouras e os campos para chegar mais cedo à casa, crê o senhor que tenham escrúpulos de imitá-los? Entre os que trilham a passagem de que há pouco se queixavam esses senhores, qual será o delinquente? O que trabalha ou o que se diverte? Hoje em dia, ricos e pobres nos dão incômodos tanto uns quanto os outros. A fé, como o poder, deve sempre descer das alturas celestiais ou sociais; e, seguramente, nos nossos dias as classes elevadas têm menos fé do que o povo, ao qual Deus promete um dia o céu em recompensa dos males pacientemente suportados. Submetendo-me embora à disciplina eclesiástica e ao pensamento dos meus superiores, creio que, durante muito tempo, deveríamos ser menos exigentes quanto às questões de culto e procurar reanimar o sentimento religioso no coração das regiões médias, lá onde se discute o cristianismo em vez de praticar-lhe as máximas. O filosofismo do rico foi um exemplo bem fatal para o pobre e causou longos interregnos no reino de Deus. O que hoje conquistamos sobre nossas ovelhas depende inteiramente de nossa influência pessoal; não é uma infelicidade que a fé de uma comuna seja devida à consideração que nela obtém um homem? Quando o cristianismo houver fecundado novamente a ordem social, impregnando todas as classes com as suas doutrinas conservadoras, seu culto não será mais posto em discussão. O culto de uma religião é sua forma; as sociedades não subsistem senão pela forma. Para os senhores bandeiras, para nós a cruz...

— Senhor cura, eu quisera saber — disse Genestas, interrompendo o

sr. Janvier —: por que motivo o senhor impede essa pobre gente de se divertir dançando aos domingos?

— Senhor capitão — respondeu o cura —, não odiamos a dança em si mesma; nós a proscrevemos como uma causa da imoralidade que perturba a paz e corrompe os costumes do campo. Purificar o espírito da família, manter-lhe a santidade dos laços não é cortar o mal pela raiz?

— Sei — disse o sr. Tonnelet — que em todos os cantões cometem-se sempre algumas desordens; mas no nosso elas se tornam raras. Se vários camponeses nossos não têm grande escrúpulo de tomar ao vizinho um sulco de terra ao lavrar, ou de ir cortar vimes em casa de outrem quando deles precisam, são isso pecadinhos comparados aos pecados da gente da cidade. Por isso, acho que os camponeses deste vale são muito religiosos.

— Oh! Religiosos! — disse o padre, sorrindo. — Não é de temer o fanatismo aqui.

— Mas, senhor cura — objetou Cambon —, se a gente do burgo fosse todas as manhãs à missa, se se confessasse ao senhor todas as semanas, seria difícil que os campos fossem cultivados, e três padres não bastariam para esse serviço.

— Trabalhar, senhor, é rezar — respondeu o cura. — A prática leva em si o conhecimento dos princípios religiosos que fazem as sociedades viverem.

— E onde põe o senhor o patriotismo? — disse Genestas.

— O patriotismo — respondeu gravemente o cura — não inspira senão sentimentos passageiros; a religião torna-os duradouros. O patriotismo é um esquecimento momentâneo do interesse pessoal, ao passo que o cristianismo é um sistema completo de oposição às tendências depravadas do homem.

— Entretanto, senhor, durante as lutas da Revolução, o patriotismo...

— Sim, durante a Revolução nós fizemos maravilhas — disse Benassis, interrompendo Genestas —, mas vinte anos depois, em 1814, nosso patriotismo já estava morto; ao passo que a França e a Europa se atiraram contra a Ásia doze vezes em cem anos,³⁸ levadas por um pensamento religioso.

— Talvez — disse o juiz de paz — seja fácil apaziguar os interesses materiais que engendram os combates de povo contra povo; ao passo que as guerras empreendidas para sustentar dogmas, cujo objeto nunca é preciso, são necessariamente intermináveis.

— Mas então o senhor não serve o peixe? — disse Jacquotte, a qual, ajudada por Nicolle, tirara os pratos.

Fiel aos seus hábitos, a cozinheira trazia um prato de cada vez, costume que tem o inconveniente de obrigar os gulosos a comerem

consideravelmente e fazer com que a gente sóbria, cuja fome se satisfaz com os primeiros manjares, não se sirva das melhores coisas.

— Oh! Senhor — disse o padre ao juiz de paz —, como pode afirmar que as guerras de religião não tinham um fim preciso? Antigamente a religião era um laço tão poderoso na sociedade que os interesses materiais não se podiam separar das questões religiosas. Por isso cada soldado sabia perfeitamente por que se batia...

— Se os homens se bateram tanto pela religião — disse Genestas —, é preciso então que Deus lhes tenha construído o edifício de um modo bastante imperfeito. Uma instituição divina não deve impor-se aos homens por seu caráter de verdade?

Todos os convivas olharam para o padre.

— Senhores — disse o padre Janvier —, a religião sente-se e não se define. Não somos juízes nem dos meios nem dos fins do Todo-Poderoso.

— Então, na sua opinião, é preciso crer em todos os seus salamaleques? — disse Genestas com a bonomia de um militar que jamais havia pensado em Deus.

— Senhor — respondeu gravemente o padre —, a religião católica acaba melhor do que qualquer outra com as ansiedades humanas; mas, embora assim não fosse, eu lhe pergunto: o que é que o senhor arrisca crendo nas suas verdades?

— Não arrisco grande coisa — confessou Genestas.

— Pois bem! E o que arrisca o senhor não crendo nelas? Mas falemos dos interesses terrenos que o tocam mais de perto. Veja como o dedo de Deus se imprimiu fortemente nas coisas humanas tocando nelas pela mão de seu vigário. Os homens perderam muito ao sair das vias traçadas pelo cristianismo. A Igreja, cuja história poucas pessoas se lembram de ler, e que é julgada de acordo com certas opiniões errôneas, difundidas propositadamente entre o povo, ofereceu o modelo perfeito do governo que os homens procuram estabelecer hoje. O princípio da eleição fez dela muito tempo uma grande potência política. Não havia outrora uma única instituição religiosa que não tivesse por base a liberdade e a igualdade. Todos os meios cooperavam para a obra. O principal, o abade, o bispo, o geral da ordem, o papa, todos eram escolhidos conscienciosamente de acordo com as necessidades da Igreja e exprimiam o pensamento dela; por isso devia-se-lhes a mais cega obediência. Calarei os benefícios sociais desse pensamento que fez as nações modernas, inspirou tantos poemas, catedrais, estátuas, telas e obras musicais, para fazer-lhe observar somente que as nossas eleições plebeias, o júri e as duas Câmaras tiveram origem nos concílios provinciais e ecumênicos, no episcopado e no colégio dos cardeais; com esta diferença apenas, que as atuais ideias filosóficas sobre a civilização me parecem empalidecer ante a

sublime e divina ideia da comunhão católica, imagem de uma comunhão social universal, realizada pelo Verbo e pelo Fato reunidos no dogma religioso. Será difícil aos novos sistemas políticos, por mais perfeitos que os suponhamos, recomeçar as maravilhas devidas às épocas em que a Igreja sustentava a inteligência humana.

— Por quê? — perguntou Genestas.

— Primeiro, porque a eleição, para ser um princípio, exige entre os eleitores uma igualdade absoluta; devem ser *quantidades iguais*, para servir-me de uma expressão geométrica, o que jamais obterá a política moderna. Depois, as grandes coisas sociais não se fazem senão pelo poder dos sentimentos, único capaz de reunir os homens, e o filosofismo moderno baseou as leis sobre o interesse pessoal, que tende a isolá-los. Outrora, mais do que hoje, encontravam-se entre as nações homens generosamente animados de um espírito maternal para os direitos ignorados, para o sofrimento das massas. Por isso, o padre, filho da classe média, opunha-se à força material e defendia os povos contra os seus inimigos. A Igreja teve possessões territoriais, e seus interesses temporais, que parecia deverem consolidá-la, acabaram enfraquecendo-lhe a ação. Efetivamente, tenha o padre propriedades privilegiadas e parecerá um opressor; se o Estado o paga, ele é um funcionário, deve seu tempo, seu coração, sua vida; os cidadãos fazem-lhe um dever das suas virtudes, e sua ação benfazeja, estancada no princípio do livre-arbítrio, desseca-se em seu coração. Mas se o padre for pobre, se for padre voluntariamente, sem mais apoio que não Deus, sem outra fortuna além do coração dos fiéis, volta a ser o missionário da América, torna-se apóstolo, é o príncipe do bem. Enfim, ele reina somente pela pobreza e sucumbe pela opulência.

O padre Janvier subjugara a atenção. Os convivas calavam-se meditando aquelas palavras tão novas nos lábios de um simples cura.

— Senhor cura, entre as verdades que o senhor expôs há um grave erro — disse Benassis. — Não gosto, e o senhor sabe disso, de discutir os interesses gerais postos em foco pelos escritores e pelo poder modernos. A meu ver, um homem que concebe um sistema político deve, se julga ter forças para aplicá-lo, calar-se, apoderar-se do poder e agir; mas, se se conserva na feliz obscuridade do simples cidadão, não é uma loucura querer converter as massas por meio de discussões individuais? Não obstante, vou combatê-lo, meu caro pastor, porque aqui me dirijo a homens de bem, acostumados a contribuir mutuamente com suas luzes para buscar a verdade em tudo. Meus pensamentos poderão parecer-lhe estranhos, mas eles são fruto das reflexões que as catástrofes dos nossos últimos quarenta anos me inspiram. O sufrágio universal, reclamado hoje pelas pessoas que pertencem à oposição chamada constitucional, foi um princípio excelente na Igreja, porque, como o senhor acaba de fazer observar,

caro pastor, os indivíduos eram todos eles instruídos, disciplinados pelo sentimento religioso, imbuídos do mesmo sistema, sabendo bem o que queriam e para onde iam. Mas o triunfo das ideias com cujo auxílio o liberalismo moderno faz imprudentemente a guerra ao governo próspero dos Bourbon seria a perdição da França e dos próprios liberais. Os chefes da Esquerda sabem-no perfeitamente. Para eles esta luta é uma simples questão de poder. Se, do que Deus nos livre, a burguesia abatesse, sob o pendão da Oposição, as superioridades sociais, contra as quais sua vaidade se revolta, esse triunfo seria imediatamente seguido de um combate sustentado pela burguesia contra o povo, o qual, mais tarde, veria nela uma espécie de nobreza, na verdade mesquinha, mas cujas fortunas e privilégios lhe seriam tanto mais odiosos por senti-las mais chegadas a ele. Nesse combate a sociedade, não digo a nação, pereceria novamente; porque o triunfo sempre momentâneo da massa sofredora implica as maiores desordens. Esse combate seria encarniçado, sem tréguas, pois repousaria sobre dissidências instintivas ou adquiridas entre os eleitores, cuja porção menos esclarecida, mas a mais numerosa, venceria as sumidades sociais num sistema em que os sufrágios se contam e não se pesam. Segue-se daí que um governo nunca é mais fortemente organizado, e por conseguinte mais perfeito, do que quando é estabelecido para a defesa de um privilégio mais restrito. O que neste momento chamo de *privilégio* não é um desses direitos abusivamente concedidos outrora a certas pessoas em detrimento de todos; não, exprime mais particularmente o círculo social em que se encerram as evoluções do poder. O poder é de algum modo o coração de um Estado. Ora, em todas essas criações, a natureza comprimiu o princípio vital, para dar-lhe maior expansibilidade: assim acontece com o organismo político. Vou explicar meu pensamento por meio de alguns exemplos. Admitamos em França cem pares; eles não causarão mais do que cem atritos. Suprimido o pariato, todos os ricos se tornarão privilegiados; em lugar de cem, teremos dez mil deles, e assim alargaremos a chaga das desigualdades sociais. Com efeito, para o povo, somente o direito de viver sem trabalhar constitui um privilégio. Para ele, quem consome sem produzir é um espoliador. Ele quer trabalhos visíveis e não leva em conta as produções intelectuais, que são as que mais o enriquecem. Assim, pois, multiplicando os atritos, o senhor estende o combate a todos os pontos do corpo social, em vez de o conter num círculo estreito. Quando o ataque e a resistência são gerais, a ruína de um país é iminente. Haverá sempre menos ricos do que pobres; a estes, caberá, portanto, a vitória assim que a luta se tornar material. A história se encarrega de confirmar minha teoria. A república romana deveu a conquista do mundo à constituição do privilégio senatorial. O Senado mantinha fixo o pensamento do poder. Quando, porém, os cavaleiros e

os homens novos estenderam a ação do governo alargando o patriciado, a coisa pública ficou perdida. Apesar de Sila,³⁹ e depois de César, Tibério fez o império romano, sistema em que o poder, tendo-se concentrado na mão de um único homem, deu mais alguns séculos àquela grande dominação. O imperador não estava mais em Roma quando a cidade eterna sucumbiu aos bárbaros. Quando nosso solo foi conquistado, os francos, que o dividiram entre si, inventaram o privilégio feudal para garantir suas propriedades particulares. Os cem ou mil chefes que possuíram o país estabeleceram suas instituições com o fim de defender os direitos adquiridos pela conquista. Por isso o feudalismo durou enquanto o privilégio foi restrito. Mas, quando os *homens desta nação*, verdadeira tradução da palavra gentis-homens, em vez de ser quinhentos, foram cinquenta mil, houve revolução. Demasiadamente extensa, a ação do seu poder não tinha ímpeto nem força e se achava, de resto, sem defesa contra as alforrias do dinheiro e do pensamento, que não tinham previsto. Portanto, o triunfo da burguesia sobre o sistema monárquico, tendo por finalidade aumentar aos olhos do povo o número dos privilegiados, o triunfo do povo sobre a burguesia seria o efeito inevitável dessa mudança. Se acontecer essa perturbação, ela terá como meio o direito de sufrágio estendido sem restrições às massas. Quem vota discute. Os poderes discutidos não existem. Pode-se imaginar uma sociedade sem poderes? Não. Pois bem, quem diz poder diz força. A força deve repousar sobre *coisas passadas em julgado*. Tais são as razões que me levaram a pensar que o princípio da eleição é um dos mais funestos à existência dos governos modernos. Julgo ter provado suficientemente meu amor à classe pobre e sofredora, e não poderia ser acusado de querer-lhe a desgraça; mas, conquanto admirando-a na senda laboriosa em que ela vai marchando, sublime de paciência e de resignação, eu a declaro incapaz de participar do governo. Os proletários parecem-me os menores de uma nação e devem permanecer sempre sob tutela. Assim, na minha opinião, senhores, o termo *eleição* está prestes a causar tanto mal como o fizeram os termos *consciência* e *liberdade*, mal compreendidos, mal definidos e atirados aos povos como símbolos de revolta e ordens de destruição. A tutela das massas parece-me, pois, uma coisa justa e necessária para proteção das sociedades.

— Esse sistema colide tanto com todas as nossas ideias de hoje que temos um pouco o direito de pedir-lhe seus argumentos — disse Genestas, interrompendo o médico.

— De bom grado, capitão.

— Que está o patrão a dizer? — exclamou Jacquotte, ao voltar para a cozinha. — Não é que o bom do homem, coitado, está aconselhando que eles esmaguem o povo? E eles o escutam!

— Nunca esperei uma coisa dessas do sr. Benassis — respondeu

Nicolle.

— Se reclamo leis rigorosas para conter a massa ignorante — continuou o médico, após uma pausa —, quero, porém, que o sistema social tenha redes fracas e complacentes, para deixar surgir da multidão quem quer que tenha vontade e se sinta capaz de elevar-se às esferas superiores. Todo poder tende para sua conservação. Para viver hoje como antigamente os governos devem aliciar os homens fortes, trazendo-os de onde quer que estejam, a fim de fazer deles seus defensores e subtrair das massas os indivíduos enérgicos que as agitam. Oferecendo à ambição pública caminhos simultaneamente árduos e fáceis, árduos para as veleidades incompletas, fáceis para as vontades reais, um Estado previne as revoluções causadas pelo constrangimento do movimento ascendente das verdadeiras superioridades para seu nível. Nossos quarenta anos de tormenta devem ter demonstrado a um homem de bom senso que as superioridades são consequência da ordem social. São de três espécies e incontestáveis: superioridade de pensamento, superioridade política e superioridade de fortuna. Não é isso a arte, o poder e o dinheiro? Ou, em outras palavras: o princípio, o meio e o resultado? Ora, como, admitindo-se um completo nivelamento, as unidades sociais perfeitamente iguais, os nascimentos nas mesmas proporções, e dando a cada família uma mesma extensão de terra, ao cabo de pouco tempo tornar-se-iam a encontrar as irregularidades de fortuna atualmente existentes, resulta dessa verdade flagrante que a superioridade de fortuna, de pensamento e de poder é um fato a que nos devemos submeter, um fato que a massa considerará sempre como opressivo, vendo privilégios nos direitos mais justamente adquiridos. O contrato social, partindo dessa base, será, pois, um pacto perpétuo entre os que possuem contra os que não possuem. Segundo esse princípio, as leis serão feitas por aqueles a quem elas favorecem, porquanto eles deverão ter o instinto de conservação e prever os perigos que os ameaçam. Estão mais interessados na tranquilidade da massa do que a própria massa. Os povos necessitam de uma felicidade já feita. Se nos colocarmos nesse ângulo para considerar a sociedade e se a abrangermos no seu conjunto, todos reconhecerão comigo que o direito de eleição não deve ser exercido senão pelos homens possuidores de fortuna, de poder ou de inteligência e concederão igualmente que seus mandatários só podem ter funções extremamente restritas. O legislador, senhores, deve ser superior a seu século. Ele verifica a tendência dos erros gerais e precisa os pontos para os quais tendem as ideias de uma nação; trabalha, pois, mais ainda para o futuro do que para o presente, mais para a geração que se está desenvolvendo do que para a que declina. Ora, se chamarmos a massa para elaborar as leis, pode ela ser superior a si mesma? Não. Quanto mais fielmente a assembleia representar as opiniões da multidão, menos terá ela a

compreensão do governo, menos suas vistas serão elevadas, menos precisa, mais vacilante será sua legislação, porque a multidão, sobretudo na França, é e sempre será o que é uma multidão. A lei traz em si a sujeição a regras: toda regra é uma oposição às tendências naturais, aos interesses do indivíduo; poderá a massa decretar leis contra si mesma? Não. Muitas vezes a tendência das leis deve estar na razão inversa da tendência dos costumes. Modelar as leis pelos costumes, não seria isso dar, na Espanha, prêmios de estímulo à intolerância religiosa e à vagabundagem; na Inglaterra, ao espírito mercantil; na Itália, ao amor das artes destinadas a representar a sociedade, mas que não podem ser toda a sociedade; na Alemanha, às classificações nobiliárquicas; na França, ao espírito de leviandade, à moda das ideias, à facilidade de nos dividirmos em facções que sempre nos devoraram? Que sucedeu nestes quarenta e tantos anos em que os colégios eleitorais têm posto as mãos nas leis? Temos quarenta mil leis. Um povo que tem quarenta mil leis não tem lei. Quinhentas inteligências medíocres, porquanto um século não tem mais de cem grandes inteligências a seu serviço, poderão elevar-se a essas considerações? Não. Os homens incessantemente saídos de quinhentas localidades diferentes não compreenderão nunca do mesmo modo o espírito da lei, e a lei deve ser uma só. Mas vou mais longe. Cedo ou tarde uma assembleia cai sob o domínio de um homem, e, em lugar de termos dinastias de reis, temos as variáveis e custosas dinastias dos primeiros-ministros. No fim de cada deliberação, acham-se um Mirabeau, um Danton, um Robespierre ou um Napoleão, procônsules ou um imperador. Efetivamente, é preciso uma quantidade determinada de força para levantar um peso determinado; essa força pode ser distribuída por um maior ou menor número de alavancas; em última análise, porém, a força deve ser proporcional ao peso: aqui, o peso é a massa ignorante e sofredora que forma a primeira camada de todas as sociedades. O poder, sendo por natureza repressivo, necessita de uma grande concentração para opor uma resistência igual ao movimento popular. É a aplicação do princípio que acabo de desenvolver ao falar-lhes da restrição do privilégio governamental. Se admitirem homens de talento, eles se submeterão a essa lei natural e a ela submeterão o povo; se reunirem homens medíocres, eles serão vencidos cedo ou tarde pelo gênio superior: o deputado de talento sente a razão de Estado, o deputado medíocre transige com a força. Em suma, uma assembleia cede a uma ideia, como a Convenção durante o Terror; a uma potência, como o corpo legislativo ante Napoleão; a um sistema ou ao dinheiro, como hoje. A assembleia republicana com que alguns bons espíritos sonham é impossível; aqueles que a querem são tolos de nascença ou tiranos futuros. Uma assembleia deliberante que discute os perigos de uma nação quando é preciso fazê-la agir não lhes parece

uma coisa ridícula? Que o povo tenha mandatários encarregados de aceitar ou recusar impostos é uma coisa justa e que sempre existiu, tanto sob o mais cruel tirano como sob o mais bonacheirão dos príncipes. O dinheiro é inapreensível, o imposto, de resto, tem limites naturais além dos quais uma nação se levanta para recusá-lo ou se deita para morrer. Que esse corpo eletivo e variável como as necessidades, como as ideias que representa, se oponha a conceder a obediência de todos a uma lei ruim está bem. Mas, supor que quinhentos homens, vindos de todos os cantos do Império, farão uma boa lei, não é isso um mau gracejo que os povos expiarão cedo ou tarde? Mudam então de tirano, isso é que acontece. O poder e a lei devem, pois, ser obra de um único, o qual, pela força das coisas, é obrigado a submeter incessantemente suas ações a uma aprovação geral. Mas as modificações trazidas ao exercício do poder, seja de um só, seja de vários, seja da multidão, não se podem encontrar senão nas instituições religiosas de um povo. A religião é o único contrapeso verdadeiramente eficaz para os abusos do poder supremo. Se parece numa nação o sentimento religioso, ela se torna sediciosa por princípio, e o príncipe se faz tirano por necessidade. As Câmaras que se interpõem entre o soberano e os súditos nada mais são do que paliativos para essas duas tendências. As assembleias, segundo o que acabo de dizer, tornam-se cúmplices ou da insurreição ou da tirania. Não obstante, o governo de um só, para o qual me inclino, não é bom de uma bondade absoluta, porque os resultados da política dependerão eternamente dos costumes e das crenças. Se uma nação está envelhecida, se o filosofismo e o espírito de discussão a corromperam até a medula dos ossos, essa nação marcha para o despotismo, apesar da forma de liberdade; do mesmo modo por que os povos sensatos sabem quase sempre achar a liberdade sob a forma do despotismo. De tudo isto resulta a necessidade de uma grande restrição nos direitos eleitorais, a necessidade de um poder forte, a necessidade de uma religião poderosa que torne o rico amigo do pobre e ordene a este uma completa resignação. Enfim, existe verdadeira urgência em limitar as assembleias a tratarem dos impostos e do registro das leis, tirando-lhes a competência da elaboração real destas. Sei que em várias cabeças existem outras ideias. Hoje, como antigamente, encontram-se espíritos ardorosos em busca do *melhor*, e que quereriam organizar as sociedades mais sabiamente do que o estão. As inovações, porém, que tendem a operar completas mudanças sociais necessitam de uma sanção universal. Aos inovadores, paciência. Quando calculo o tempo necessitado para o estabelecimento do cristianismo, revolução moral que devia ser puramente pacífica, estremeço ao pensar nas desgraças de uma revolução nos interesses materiais e concluo pela manutenção das instituições existentes. A cada um seu pensamento, disse o

cristianismo. A cada um seu campo, disse a lei moderna. Esta harmonizou-se com o cristianismo. A cada um seu pensamento é a consagração dos direitos da inteligência; a cada um seu campo é a consagração da propriedade devida aos esforços do trabalho. Daí nossa sociedade. A natureza baseou a vida humana no sentimento da conservação individual, a vida social alicerçou-se no interesse pessoal. Tais são, para mim, os verdadeiros princípios políticos. Esmagando esses dois sentimentos egoístas sob o pensamento de uma vida futura, a religião modifica a dureza dos contratos sociais. Desse modo, Deus tempera os sofrimentos produzidos pelo atrito dos interesses com o sentimento religioso, que faz do esquecimento de nós mesmos uma virtude, como moderou por leis desconhecidas os atritos no mecanismo de seus mundos. O cristianismo diz ao pobre que suporte o rico, e ao rico que alivie as misérias do pobre; para mim, essas poucas palavras são a essência de todas as leis divinas e humanas.

— Eu, que não sou um homem de Estado — disse o tabelião —, vejo num soberano o liquidatário de uma sociedade que deve permanecer em estado permanente de liquidação; ele transmite ao seu sucessor um ativo igual ao que recebeu...

— Eu não sou homem de Estado — replicou vivamente Benassis, interrompendo o tabelião. — Basta bom senso para melhorar a sorte de uma comuna, de um cantão ou de uma circunscrição; já é preciso talento para governar um departamento; mas essas quatro esferas administrativas oferecem horizontes limitados que as vistas comuns podem facilmente abarcar; seus interesses se prendem ao grande movimento do Estado por laços visíveis. Na região superior tudo se engrandece, o olhar do homem de Estado deve dominar as alturas em que está colocado. Ali onde, para produzir muito bem num departamento, numa circunscrição, num cantão ou numa comuna, não era preciso mais que prever um resultado a dez anos de prazo, é preciso, desde que se trate de uma nação, pressentir-lhe os destinos, medi-os no decurso de um século. O gênio dos Colbert,⁴⁰ Sully⁴¹ nada é se não se apoia na vontade que faz os Napoleões, os Cromwell. Um grande ministro, senhores, é um grande pensamento escrito em todos os anos do século cujo esplendor e prosperidade foram preparados por ele. A constância é a virtude de que mais necessita. Mas também não é a constância em todas as coisas humanas a mais alta expressão da força? Vemos desde algum tempo muitos homens não terem senão ideias ministeriais em vez de ideias nacionais para não admirarmos o verdadeiro homem de Estado como aquele que nos oferece a mais imensa poesia humana. Ver sempre além do momento e antecipar-se ao destino, estar acima do poder e aí ficar apenas pela consciência dos serviços que presta e sem se iludir sobre as próprias forças, despir-se das próprias paixões e mesmo de qualquer ambição vulgar a fim de

permanecer senhor de suas faculdades, para prever, querer e agir constantemente; fazer-se justo e absoluto, manter a ordem em larga escala, impor silêncio ao coração e não ouvir senão a inteligência; não ser nem desconfiado nem confiante, nem incrédulo nem crédulo, nem grato nem ingrato, nem atrasado em relação a um acontecimento nem surpreendido por um pensamento; viver, enfim, pelo sentimento das massas e dominá-las sempre estendendo as asas do espírito, o volume da voz e a penetração do olhar, vendo não as minúcias, mas as consequências de tudo, não é ser um pouco mais do que um homem? Por isso, os nomes desses grandes e nobres pais das nações deveriam ser para sempre populares.

Houve um momento de silêncio, durante o qual os convivas se entreolharam.

— Senhores, nada disseram do Exército — exclamou Genestas. — A organização militar parece-me o tipo verdadeiro de toda boa sociedade civil; a espada é a tutora de um povo.

— Capitão — respondeu o juiz de paz, rindo —, disse um velho advogado que os impérios começavam pela espada e acabavam pela escrivadinha; nós já estamos na escrivadinha.

— Agora, senhores, que já regulamos a sorte do mundo, falemos de outra coisa. Vamos, capitão, um copo de vinho de Ermitage — exclamou o médico, rindo.

— Dois de preferência a um — disse Genestas, apresentando seu copo —, e eu os quero beber à sua saúde como à de um homem que honra a espécie.

— E a quem todos queremos muitíssimo — disse o cura, com voz muito suave.

— Padre Janvier, será que o senhor quer levar-me a cometer um pecado de orgulho?

— O senhor cura disse baixinho o que o cantão diz bem alto — replicou Cambon.

— Senhores, proponho levarmos o senhor cura ao presbitério, dando um passeio ao luar.

— Vamos — disseram os convivas, que se preparavam para acompanhar o cura.

II — UM SERÃO

— Vamos à minha granja — disse o médico, levando Genestas pelo braço depois de ter dito adeus ao cura e aos seus hóspedes. — Lá, Capitão Bluteau, o senhor ouvirá falar de Napoleão. Tenho alguns compadres que deverão fazer Goguelat, nosso peão, dar à língua sobre esse deus do povo. Nicolle, meu encarregado da estrebaria, nos colocou

uma escada para subirmos por uma trapeira em cima do feno, a um lugar de onde veremos toda a cena. Creia-me, venha, um serão tem seu valor. Não será a primeira vez que me meto no feno para ouvir uma narrativa de soldado ou algum conto de campônio. Mas escondamo-nos bem; se essa pobre gente vê um estranho, fica acanhada e já não é ela mesma.

— Ora! Meu caro hospedeiro — disse Genestas —, quantas vezes não fingi estar dormindo para ouvir meus cavalheiros no bivaque! Olhe, nunca ri nos espetáculos de Paris com tão boa vontade como na narrativa da derrota de Moscou, contada pilhericamente por um velho quartel-mestre a uns recrutas que tinham medo da guerra. Ele dizia que o Exército francês dormia a sono solto, que se bebia tudo gelado, que os mortos se detinham pelo caminho, que tinham visto a Rússia branca, que se almofaçavam os cavalos com os dentes, que os que gostavam de patinar tinham-se regalado, que os amantes de geleia de carne tinham tomado um fartão, que as mulheres em geral eram frias e que a única coisa que tinha sido sensivelmente desagradável era a falta de água quente para fazer a barba. Enfim, contava anedotas tão cômicas que até um velho furriel, que ficara com o nariz gelado e que chamavam de Toco de Nariz, até ele ria.

— Psiu! — fez Benassis. — Chegamos; vou na frente, siga-me.

Os dois subiram a escada e se encolheram no feno, sem ter sido ouvidos pelos do serão, acima dos quais se acharam sentados de modo a bem os ver.

Agrupadas em massa em torno de três ou quatro velas de sebo, algumas mulheres cosiam, outras teciam, várias ficavam sem fazer nada, com o pescoço espichado, a cabeça e os olhos virados para um velho camponês que contava uma história. A maioria dos homens estava de pé ou deitada sobre feixes de capim. Esses grupos, profundamente silenciosos, eram escassamente iluminados pelos reflexos vacilantes das velas de sebo, protegidas por globos de vidro cheios de água que concentravam a luz em raios, em cuja claridade estavam as trabalhadoras. A extensão da granja, cuja parte alta permanecia na sombra e escura, enfraquecia ainda mais esses clarões, que coloriam desigualmente as cabeças, produzindo curiosos efeitos de claro-escuro. Aqui brilhavam a fronte morena e os olhos claros de uma camponesinha curiosa; ali feixes luminosos recortavam as rudes frentes de alguns velhos e desenhavam fantasticamente suas vestes gastas ou desbotadas. Toda essa gente atenta e variável em suas atitudes exprimia nas suas fisionomias imóveis o completo abandono que fazia da sua inteligência ao narrador. Era um quadro curioso no qual se manifestava a influência prodigiosa exercida sobre todos os espíritos pela poesia. Ao exigir do narrador o maravilhoso sempre simples ou o impossível quase crível, não se mostra o camponês amigo da mais pura poesia?

— Embora aquela casa tivesse uma aparência ordinária — dizia o camponês, no momento em que os dois novos ouvintes se instalaram para ouvi-lo —, a pobre mulher corcunda estava tão cansada de carregar seu cânhamo para o mercado que entrou nela, forçada também pela noite, que caíra. Pediu somente para dormir; porque, como único alimento, tirou um pedaço de pão de sua mala e o comeu. Aí, então, a dona da casa, que era a mulher dos bandidos, nada sabendo do que eles tinham combinado fazer durante a noite, acolheu a corcunda e a instalou em cima, sem luz. A minha corcunda atirou-se num catre miserável, disse as suas rezas, pensou no seu cânhamo e tratou de dormir. Antes, porém, que ela adormecesse, ouviu um barulho e viu dois homens entrarem trazendo uma lanterna; cada um deles tinha uma faca; ela ficou com medo porque, como devem saber, naquele tempo os senhores gostavam tanto de pastéis de carne humana que se faziam desses pastéis para eles. Mas, como a velha tinha o couro perfeitamente endurecido, tranquilizou-se, pensando que seria olhada como um mau alimento. Os dois homens passaram por diante da corcunda, foram até uma cama que se achava naquele quarto e onde tinham posto o homem da maleta grande, o qual passava por nigromante. O maior dos dois ergueu a lanterna, pegando os pés do homem; o pequeno, o que se tinha fingido de bêbado, segurou-lhe a cabeça e cortou-lhe o pescoço, limpo, de uma vez só, croc! Depois, deixaram ali o corpo e a cabeça, tudo no sangue, roubaram a maleta e desceram. Lá estava nossa mulher bem atrapalhada. Pensou a princípio em ir-se, sem que o suspeitassem, não sabendo ainda que a Providência a tinha levado ali para glorificar a Deus e fazer castigar o crime. Estava com medo, e quando a gente tem medo não pensa em nada. Mas a dona da casa pedira notícias da corcunda aos dois bandidos; eles se assustam e sobem a pequena escada de madeira sem fazer barulho. A pobre corcunda se encolhe de medo e ouve os bandidos discutirem em voz baixa. “Digo-te que a mates.” “Não se deve matá-la.” “Mata-a!” “Não!” Eles entram. A minha mulher, que não era trouxa, fecha os olhos e finge que está dormindo. Põe-se a dormir como uma criança, com a mão em cima do coração e respirando como um querubim. O que tinha a lanterna abre-a e projeta a luz no olho da velha adormecida; ela nem pestanejou, de tanto medo que tinha por causa do pescoço. “Estás vendo, está dormindo como uma pedra”, disse o grande. “Velha é bicho ardiloso”, respondeu o pequeno. “Vou matá-la, assim ficaremos tranquilos. Além disso, nós a salgaremos e a daremos para nossos porcos comerem.” Mesmo ouvindo essas palavras, a velha não se mexeu. “Ora! Ela está dormindo”, disse o pequeno valentão, ao ver que a velha não se movera. E aí está como a velha se salvou. E se pode dizer perfeitamente que ela era corajosa. Garantido que há aqui muita moça que não teria tido a respiração de um querubim ao ouvir falar de porcos.

Os dois bandidos puseram-se a tirar dali o homem morto, enrolaram-nos nos lençóis e o atiraram no pequeno pátio, onde a velha ouviu os porcos chegarem grunhindo, *hon, hon*, para comê-lo. Daí, então, no dia seguinte — continuou o narrador, depois de ter feito uma pequena pausa — a mulher se foi, dando dois *sous* pela pousada. Pegou a sua mala, fez como se nada tivesse acontecido, pediu notícias da terra, saiu em paz e quis correr. Nada. O medo paralisava-lhe as pernas, em boa hora. Eis por quê. Tinha andado apenas um meio quarto de légua quando viu chegar um dos bandidos, que a seguia por esperteza para assegurar-se de que ela não tinha visto nada. Ela adivinha isso e se senta numa pedra. “Que tem a senhora, boa mulher?”, disse-lhe o pequeno, porque era o pequeno, o mais malicioso dos dois, que a estava espionando. “Ah! Meu bom senhor”, responde ela, “minha mala está tão pesada e eu estou tão cansada que precisaria do braço de um homem de bem”, vejam vocês que espertalhona!, “para chegar até em casa.” Vai daí o bandido se oferece para acompanhá-la. Ela aceita. O homem pega-lhe o braço para saber se ela estava com medo. Pois sim! Aquela mulher não tremia e caminhava muito tranquilamente. E lá vão eles conversando sobre agricultura e a maneira de fazer dar cânhamo, muito naturalmente, até o arrabalde da cidade onde morava a corcunda e onde o bandido a deixou, com medo de encontrar alguém da Justiça. A mulher chegou em casa ao meio-dia e esperou seu marido pensando nos acontecimentos da viagem e da noite. O plantador de cânhamo voltou à tardinha. Estava com fome; ela teve de lhe fazer comida. Assim, enquanto punha banha na frigideira para fritar-lhe alguma coisa, contou-lhe como tinha vendido o cânhamo, tagarelando como fazem as mulheres, mas nada disse dos porcos nem do homem morto, comido, roubado. Ateou fogo na frigideira para limpá-la. Retira-a, quer enxugá-la, encontra-a cheia de sangue. “Que é que puseste aqui dentro?”, perguntou ao marido. “Nada”, respondeu ele. Ela pensa ter uma alucinação de mulher e torna a botar a frigideira no fogo. Puf! Cai uma cabeça pela chaminé. “Estás vendo? É justamente a cabeça do morto”, disse a velha. “Como ele me olha! Que quererá ele?”. “*Que tu o vinges!*”, disse-lhe uma voz. “Como és tola!”, disse o plantador de cânhamo; “estás aí com tuas bobagens sem pé nem cabeça.” Pega a cabeça, a qual morde-lhe o dedo, e atira-a no pátio. “Faze minha omelete”, diz, “e não te preocupes com isso. É um gato.” “Um gato!”, diz a mulher. Era redondo como uma bola. Torna a pôr a frigideira no fogo. Puf! Cai uma perna. A mesma história. O marido, sem se admirar mais de ver o pé do que de ter visto a cabeça, pega a perna e atira-a na porta. Finalmente, a outra perna, os dois braços, o corpo, todo o viajante assassinado cai pedaço a pedaço. Nada de omelete. O velho vendedor de cânhamo estava com bastante fome. “Por minha salvação eterna”, disse ele; “se se fizer a minha omelete, vamos ver se satisfazemos esse homem!”.

“Concordas agora que é um homem?”, disse a corcunda. “Por que disseste ainda há pouco que não era uma cabeça, seu grande implicante?” A mulher quebra os ovos, frita a omelete e serve-a sem resmungar mais, porque ao ver aquela mixórdia ela começava a ficar inquieta. Seu esposo sentou-se e pôs-se a comer. A corcunda, que estava com medo, disse que não tinha fome. Toc! Toc! Fez um estranho batendo à porta. “Quem está aí?”. “O homem que morreu ontem.” “Entre”, respondeu o vendedor de cânhamo. Então, o viajante entrou, sentou-se na banquetta e disse: “Lembrem-se de Deus, que dá a paz para a eternidade às pessoas que confessam seu nome! Mulher, tu viste fazerem-me morrer e ficas calada. Fui comido pelos porcos! Os porcos não entram no Paraíso. Portanto, eu, que sou cristão, irei para o inferno por causa de uma mulher não falar. Isso nunca se viu. É preciso libertar-me!”. E outras coisas mais. A mulher, que estava cada vez com mais medo, limpou a frigideira, botou suas roupas de domingo, foi contar à Justiça o crime, o qual foi descoberto, e os ladrões lindamente sofreram o suplício da roda na praça do Mercado. Uma vez feita essa bela ação, a mulher e seu marido tiveram sempre o mais belo cânhamo que jamais se viu. Depois, o que mais lhes agradou, tiveram o que fazia muito tempo desejavam, a saber, um filho varão que, com o correr do tempo, veio a ser barão do rei. Eis aí a história verdadeira da *Corcunda Corajosa*.

— Não gosto nada dessas histórias, fazem-me sonhar — disse a Fosseuse. — Prefiro as aventuras de Napoleão.

— É verdade — disse o guarda campestre. — Vejamos, sr. Goguelat, conte-nos coisas do Imperador.

— O serão já está muito adiantado — disse o peão — e não gosto de encurtar as vitórias.

— Não faz mal, conte assim mesmo! Nós as conhecemos por já termos ouvido o senhor contá-las várias vezes, mas é coisa que sempre dá prazer de ouvir.

— Conte-nos coisas do Imperador! — gritaram várias pessoas ao mesmo tempo.

— Vocês querem — respondeu Goguelat. — Pois bem, vão ver que isso não tem significação quando é contado a galope. Prefiro contar-lhes uma batalha do princípio ao fim! Querem Champ-Aubert, onde não havia mais cartuchos e onde se brigou assim mesmo a baioneta?

— Não! O Imperador! O Imperador!

O infante levantou-se de cima de seu feixe de pasto, passeou pela assembleia esse olhar obscuro que distingue os velhos soldados, olhar todo ele carregado de miséria, de acontecimentos e de dores. Pegou no casaco pelas duas abas da frente, ergueu-as como se se tratasse de encher a mochila, onde punha antigamente seus andrajos, suas botas, toda a sua fortuna; depois descansou o corpo na perna esquerda, adiantou a direita e cedeu de bom grado aos desejos da assembleia.

Depois de afastar seus cabelos grisalhos de um só lado da testa para descobri-la, levantou a cabeça para o céu, a fim de se colocar à altura da gigantesca história que ia contar.

— Pois é assim, meus amigos, Napoleão nasceu na Córsega, que é uma ilha francesa aquecida pelo sol da Itália, onde tudo ferve como numa fornalha e onde se matam uns aos outros, de pais a filhos, por cá cá aquela palha: é uma ideia deles. Para começar-lhes o extraordinário da coisa, a mãe dele, que era a mais bela mulher do seu tempo e uma espertalhona, teve a ideia de dedicá-lo a Deus, para fazê-lo escapar a todos os perigos da infância e da vida, porque ela tinha sonhado que o mundo estava pegando fogo no dia do seu parto. Era uma profecia! Assim é que ela pediu a Deus que o protegesse, com a condição de que Napoleão restabeleceria sua santa religião que estava caída por terra. Aí está uma coisa combinada, e isso já se tem visto.

“Agora, prestem bem atenção, e digam-me se o que vão ouvir é natural.

“É seguro e certo que um homem que tinha tido a ideia de fazer um pacto secreto era o único capaz de passar através das linhas dos outros, através das balas, das descargas de metralha que nos derrubavam como moscas e que respeitavam a cabeça dele. Tive a prova disso, eu especialmente, em Eylau.⁴² Vejo-o ainda, subindo a uma elevação, pegando o óculo de alcance, olhando sua batalha e dizendo:

“— Vai tudo bem!

“Um dos meus intrigantes de penacho que o caceteavam consideravelmente e o seguiam por toda parte, mesmo enquanto ele comia, como nos disseram, quer se fazer de engraçado e toma o lugar do Imperador, quando este se foi! Oh! Tosado! Adeus, penacho. Bem devem compreender que Napoleão tratava de guardar seu segredo só para ele. Eis aí por que todos os que o acompanhavam, mesmo seus amigos particulares, caíam como frutas maduras: Duroc,⁴³ Bessièrres,⁴⁴ Lannes,⁴⁵ todos homens fortes como barras de aço e que ele fundia para seu uso. Enfim, uma prova de que ele era filho de Deus, feito para ser pai dos soldados, é que nunca ninguém o viu nem tenente nem capitão! Ah! Pois sim! Chefe sem demora. Não tinha ar de ter mais de vinte e quatro anos e já era general velho, desde a tomada de Toulon, onde ele começou fazendo os outros verem que não entendiam nada da manobra de canhões. Vai daí, nos cai muito magricela como general em chefe do Exército da Itália, que não tinha pão, nem munições, nem sapatos, nem roupa, um pobre exército nu como um verme.

“Meus amigos — falou ele —, aqui estamos juntos. Ora, metam-se na cachola que daqui a quinze dias vocês estarão vencedores, vestidos de novo, que todos vocês terão capotes, boas polainas, sapatos de pontinha; mas, meus filhos, é preciso caminhar para ir buscar tudo isso em Milão, onde há bastante.

“E caminhou-se! O francês, esmagado, chato como um percevejo, se levanta. Éramos trinta mil de pé no chão contra oitenta mil alemães fanfarrões, todos homens lindos, bem munidos, que parece estou vendo ainda. Napoleão, então, que era ainda somente Bonaparte, soprados não sei o que na barriga. E se caminha de noite, e se caminha de dia, e se lhes dá uma esfrega em Montenotte, corre-se a surrá-los em Rivoli, Lodi, Arcole, Millesimo, e não se larga mais eles. O soldado toma gosto em ser vencedor. Aí, então, Napoleão faz um pacote desses generais alemães que não sabiam onde meter-se para estar à vontade, embrulha-os muito bem, surrupia-lhes uns dez mil homens de cada vez, cercando-os com mil e quinhentos franceses que ele fazia ceifarem a seu modo. Finalmente, toma-lhes canhões, víveres, dinheiro, munições, tudo o que eles tinham de bom, que se podia tomar, atira-os na água, surra-os nas montanhas, morde-os no ar, devora-os em terra, chicoteia-os por toda parte. Lá temos tropas que se cobrem de novas penas; porque, vejam vocês, o Imperador, que era também um homem de espírito, faz-se querer pelos habitantes, aos quais diz que veio para libertá-los. Daí acontece que o paisano nos dá alojamento e nos enche de mimos; as mulheres também, que eram umas mulheres muito ajuizadas. Fim final, em ventoso de 96, que naquele tempo era o mês de março de hoje, nós estávamos encurralados num canto daquela terra das marmotas; mas, depois da campanha, eis-nos senhores da Itália, como Napoleão predisse; e no mês de março seguinte, num ano só e em duas campanhas, ele nos leva à vista de Viena; tudo tinha sido escovado. Nós tínhamos comido três exércitos sucessivamente diferentes e arreventado quatro generais austríacos, um dos quais velho de cabelos brancos e que foi assado como um rato nas esteiras, em Mântua.⁴⁶ Os reis pediam misericórdia, de joelhos! A paz estava conquistada. Um homem teria podido fazer isso? Não, Deus o ajudava, não há dúvida. Ele se multiplicava como os cinco pães do Evangelho, de dia comandava a batalha, de noite preparava-a, tanto que as sentinelas o viam sempre indo e vindo, e não dormia nem comia. Daí, então, reconhecendo esses milagres, o soldado adotá-lo por pai. E para diante! Os outros, em Paris, vendo isso, dizem uns aos outros:

“— Aí está um peregrino que parece ir buscar suas ordens no céu, é singularmente capaz de pôr a mão na França; é preciso soltá-lo na Ásia ou na América, é capaz que se contente com isso!

“Isso estava escrito para ele como para Jesus Cristo. O fato é que lhe deram ordens de fazer sentinela no Egito. Aí está sua parecença com o filho de Deus. Não é tudo. Ele junta seus melhores touros, aqueles a quem tinha particularmente metido o diabo no corpo, e lhes diz algo assim:

“— Meus amigos, por agora, dão-nos o Egito para mascar. Mas nós o engoliremos em três tempos como fizemos com a Itália. Os simples

soldados serão príncipes que terão terras suas. Avante!

“— Avante! Meninos — dizem os sargentos.

“E chega-se a Toulon, caminho do Egito. Vai daí, os ingleses estavam com todos os seus barcos no mar. Mas, quando nós embarcamos, Napoleão disse:

“— Eles não nos verão, e é bom que vocês saibam desde já que seu general possui uma estrela no céu que nos guia e nos protege!

“Dito e feito. De passagem, pelo mar, nós tomamos Malta como se fosse uma laranja, para aplacar a sede de vitória dele, porque era um homem que não podia estar sem fazer nada. Eis-nos no Egito. Bom. Lá, outra ordem. Os egípcios, como sabem, são homens que, desde que o mundo é mundo, têm o hábito de ter gigantes por soberanos, exércitos numerosos como formigas, porque é uma terra de gênios e de crocodilos, onde se construíram pirâmides grandes como as nossas montanhas, debaixo das quais eles tiveram a ideia de pôr seus reis para conservá-los frescos, coisa que geralmente lhes agrada. Então, ao desembarcar o pequeno caporal nos disse:

“— Meus filhos, os países que vocês vão conquistar têm ligações com uns quantos deuses que é preciso respeitar, porque o francês deve ser amigo de todo o mundo e bater o adversário sem vexá-lo. Metam-se no bestunto que não devem tocar em nada, de saída, porque depois tudo será nosso! Marchem!

“E tudo vai bem. Mas toda aquela gente, para quem Napoleão tinha sido predito sob o nome de Kebir-Bonaberdis, um termo da geringonça deles que quer dizer *o sultão faz fogo*, tem medo dele como do diabo. Então, o Grão-Turco, a Ásia, a África recorreram à magia e nos mandaram um demônio chamado Mody, que se suspeita ter descido do céu montado num cavalo branco que era, como seu dono, incombustível às balas de canhão, e viviam os dois do ar do tempo. Houve quem o visse; mas eu não tenho argumentos para lhes dar certeza. Eram as potências da Arábia e os mamelucos que queriam fazer que seus soldados acreditassem que o Mody era capaz de impedi-los de morrer na batalha, sob pretexto de que ele era um anjo enviado para combater Napoleão e lhe retomar o cetro de Salomão, uma das bugigangas deles que diziam ter sido roubada pelo nosso general. Como devem saber, fizemos com que fizessem caretas, apesar de tudo.

“Ora essa! Digam-me como souberam eles do pacto de Napoleão. Era natural isso?

“Tinham como certo no espírito que ele comandava os gênios e se transportava num abrir e fechar de olhos de um lugar a outro, como um pássaro. O fato era que ele estava em toda parte. Enfim, que ele acabava de lhes raptar uma rainha, bela como o dia, à qual ele tinha oferecido todos os seus tesouros e diamantes do tamanho de ovos de pombos, troca que o mameluco, de quem ela era a zinha, recusou positivamente,

embora tivesse outras. Nessas condições, os negócios não podiam se arranjar senão com muitos combates. E foi o que não faltou, porque houve pancadaria para todos. Então, nós nos formamos em linha, em Alexandria, em Gisé e diante das Pirâmides. Foi preciso marchar ao sol, na areia, onde o pessoal sujeito a ver coisas via água que não se podia beber e sombra que era da gente suar. Mas nós comemos o mameluco no trivial, e tudo se dobra à voz de Napoleão, que se apodera do alto e do baixo Egito, da Arábia e, finalmente, até de capitais de reinos que não existiam mais e onde havia milhares de estátuas, os quinhentos diabos da natureza, depois, coisa particular, uma infinidade de lagartixas, um raio de país onde cada um podia apoderar-se de arpentos de terras, por pouco que isso lhe agradasse. Enquanto ele se ocupava dos seus negócios no interior, onde tinha a ideia de fazer coisas soberbas, os ingleses queimam-lhe a frota na batalha de Abuquir,⁴⁷ porque eles não sabiam mais o que inventar para nos aborrecer. Mas Napoleão, que possuía a estima do Oriente e do Ocidente, a quem o papa chamava de seu filho, e o primo de Maomé de seu querido pai, quis vingar-se da Inglaterra e retomar-lhe as índias para se pagar da sua frota. Ia nos levar para a Ásia, pelo mar Vermelho, em países onde só há diamantes e ouro para pagar o soldo dos soldados e palácios para acampamento, quando o Mody se combinou com a peste e mandou-a para interromper nossas vitórias. Alto! Então todos desfilaram nessa parada, de onde não se volta nos próprios pés. Os soldados moribundos não podem tomar São João de Acre,⁴⁸ onde se entrou três vezes com uma teimosia generosa e marcial. Mas a peste era a mais forte; não importava dizer: Meu belo amigo! Todos estavam muito doentes. Só Napoleão estava fresco como uma rosa, e todo o Exército o viu bebendo a peste sem que isso lhe fizesse nada.

“Digam-me agora, meus amigos, isso lhes parece natural?

“Os mamelucos, sabendo que todos nós estávamos nas ambulâncias, querem nos barrar o caminho; mas com Napoleão essa pilhéria não pegava. Então ele disse aos seus danados, aos que tinham o couro mais duro do que o dos outros:

“— Vão me limpar o caminho.

“Junot, que era um acutilador número um e amigo verdadeiro dele, levou apenas mil homens, e assim mesmo destruiu o exército de um paxá que tinha tido a pretensão de se atravessar. Vai daí, voltamos ao Cairo, nosso quartel-general. Outra história. Napoleão ausente, a França se deixou amolecer pela gente de Paris, a qual guardava o soldo das tropas, seus montes de roupa branca, seus trapos, deixavam-nas arreentar de fome e queriam que elas ditassem leis ao universo, sem que eles se preocupassem maiormente. Eram uns imbecis que se divertiam a tagarelar em vez de amassar o bolo. E, portanto, nossos exércitos eram vencidos, as fronteiras da França invadidas: *o homem*

não estava mais ali. Eu disse *o homem* porque o chamavam assim, mas era uma tolice, pois tinha uma estrela e todas as suas particularidades: nós outros é que éramos os homens! Ele soube dessa história da França depois da sua famosa batalha de Abuquir,⁴⁹ na qual, sem perder mais de trezentos homens e com uma única divisão, ele venceu o grande Exército dos turcos, de vinte e cinco mil homens, e empurrou para o mar mais de uma grande metade, rá! Foi seu último trovão no Egito. Então disse consigo, ao ver tudo perdido em França: ‘Sou o salvador da França, sei disso, é preciso que vá para lá’. Mas compreendam bem que o Exército não soube da partida dele, pois se soubesse o teriam segurado à força, para fazê-lo imperador do Oriente. Por isso, todos nos tornamos tristes quando ficamos sem ele, porque ele era a nossa alegria. Ele deixou o comando a Kléber,⁵⁰ um grande finório que morreu assassinado por um egípcio, que mataram enfiando-lhe uma baioneta no traseiro, que é o modo de guilhotinar naquela terra; mas isso faz sofrer tanto que um soldado teve piedade daquele criminoso e lhe deu sua cabaça, e assim que o egípcio bebeu a água ele revirou os olhos com um prazer infinito. Mas nós não nos divertimos com aquela baboseira. Napoleão se mete numa casquinha de noz, um naviozinho de nada que se chamava *La Fortune*, e num abrir e fechar de olhos, nas barbas da Inglaterra, que o bloqueava com vasos de guerra, fragatas e tudo o que andava a vela, desembarca em França, porque sempre teve o dom de atravessar os mares numa pernada. Isso era natural? Ora! Em seguida está em Fréjus, é o mesmo que dizer em Paris. Lá, todos o adoram; ele, porém, convoca o governo.⁵¹

“— Que fizeram de meus filhos, os soldados? — diz ele para os advogados —; vocês são uma corja de conversadores que pouco se importam com os outros e estão engordando à custa da França. Isso não é justo e eu falo em nome de todos que não estão contentes!

“Eles então querem alterar e matá-lo; mas, pílulas! Ele os fecha num quartel para conversas, faz com que saltem pelas janelas e os arregimenta atrás dele, onde eles ficam mudos como peixes, macios como bolsas de fumo. Com esse golpe passa a cônsul; e, como não era ele quem poderia descrever do Ente Supremo, cumpre então sua promessa a Deus, que sustentava seriamente a palavra dada a ele; restitui-lhe as igrejas, restabelece a religião; os sinos tocam por Deus e por ele. Todos estão contentes: *primo*, os padres, a quem ele não deixa que aborreçam; *secondo*, o burguês, que faz seu comércio sem ter de temer a cupidez da lei, que se tinha tornado injusta; *tertio*, os nobres, que ele impede de serem mortos, como infelizmente tinham contraído o hábito. Mas havia inimigos que era, preciso varrer, e ele não dorme nas palhas, porque, fiquem sabendo, o olho dele atravessaria o mundo como se fosse uma simples cabeça. Vai daí, ele surge na Itália, como se pusesse a cabeça na janela, e seu olhar é o quanto basta. Os austríacos

são engolidos em Marengo, como peixinhos por uma baleia! Uff! Aqui a vitória francesa cantou sua escala bastante alto para que o mundo inteiro a ouvisse, e isso bastou.

“— Não queremos jogar mais — dizem os alemães.

“— Chega, assim! — dizem todos.

“Total: a Europa canta de galinha, a Inglaterra se afrouxa. Paz geral, na qual reis e povos fazem que vão se abraçar. Foi aí que o Imperador inventou a Legião de Honra, uma coisa bem bonita, podem acreditar!

“— Em França — disse em Bolonha, diante de todo o Exército — todos têm coragem! Portanto, a parte civil que praticar atos brilhantes será irmã do soldado, o soldado será seu irmão, e ficarão unidos debaixo da bandeira da honra.

“Nós, que estávamos nos infernos, voltamos do Egito. Tudo estava mudado! Nós o tínhamos deixado general, num ápice o encontramos imperador. Palavra, a França tinha-se entregado a ele, como uma linda rapariga a um lanceiro. Ora, quando isso se realizou, com geral contentamento, pode-se dizer, houve uma santa cerimônia como jamais se viu outra debaixo da cúpula do céu. O papa e os cardeais, com suas vestimentas de ouro e encarnado, atravessaram os Alpes de propósito para sagrá-lo diante do Exército e do povo, que aplaudiam. Há uma coisa que eu seria injusto se não lhes dissesse. No Egito, no deserto, perto da Síria, o *Homem Encarnado* apareceu para ele na montanha de Moisés, para dizer-lhe:

“— Tudo vai bem.

“Depois, em Marengo, na noite da vitória, pela segunda vez o *Homem Encarnado* ergueu-se de pé e lhe disse:

“— Verás o mundo a teus pés e serás imperador dos franceses, rei da Itália, senhor da Holanda, soberano da Espanha e de Portugal, das províncias ilíricas, protetor da Alemanha, salvador da Polônia, primeira águia da Legião de Honra, e tudo.

“Esse *Homem Encarnado*, vejam bem, era uma ideia dele, uma espécie de ordenança que o servia, pelo que muitos dizem, para comunicar-se com sua estrela. Quanto a mim, nunca acreditei nisso; mas o *Homem Encarnado* é um fato verdadeiro, e o próprio Napoleão falou nele e disse que ele lhe aparecia nos momentos duros de passar e ficava no palácio das Tuileries, no sótão. Assim, na coroação, Napoleão o viu à noite pela terceira vez, e eles conferenciaram sobre umas quantas coisas. Em seguida, o Imperador vai direto a Milão para se fazer coroar rei da Itália. Aí começa verdadeiramente o triunfo do soldado. Vai daí, tudo que sabia escrever passa a oficial. E temos as pensões, as dotações de ducados, que chovem; tesouros para o Estado-Maior, que não custavam nada à França; e a Legião de Honra dá pensões a simples soldados, pelo que ainda recebo minha pensão. Enfim, tínhamos exércitos mantidos como nunca se havia visto. Mas o Imperador, que

sabia que devia ser imperador de todo o mundo, pensa nos burgueses e faz construir para eles, de acordo com as ideias deles, monumentos de fadas em lugares em que não as havia mais do que na palma da minha mão. Uma suposição, vocês voltavam da Espanha para ir a Berlim; pois bem, vocês encontravam *arcas* de triunfo com simples soldados postos ali em belas esculturas nem mais nem menos do que generais. Napoleão, em dois ou três anos, sem carregar a gente de impostos, encheu seus subterrâneos de ouro, fez pontes, palácios, estradas, sábios, festas, leis, navios, portos e gastou milhões de milhões e tanto e mais tanto que me disseram que poderia calçar a França com moedas de cinco francos, se isso lhe desse na cachola. Então, quando ele estava sentado no seu trono, bem à vontade e tão bem senhor de tudo que a Europa esperava que ele desse licença para ela fazer as suas necessidades, como ele tinha quatro irmãos e três irmãs, ele, a modo de conversa, nos disse na ordem do dia:

“— Meus filhos, será justo que os parentes do vosso imperador estendam a mão? Não. Quero que eles estejam lampejantes como eu! Portanto, é de toda a necessidade conquistar um reino para cada um deles, a fim de que o francês seja dono de tudo, que os soldados da guarda façam tremer o mundo e que a França cuspa onde quiser e que lhe digam, como na minha moeda: *“Deus vos protegeti”*.”

“— Feito! — respondeu o Exército — iremos pescar-te reinos a baioneta.

“Ah! É que não havia meio de recuar, creiam! E, se ele metesse na cachola conquistar a lua, a gente teria de se arrumar para isso, encher as mochilas e trepar; felizmente que não lhe deu isso na telha. Os reis, que estavam habituados às doçuras dos seus tronos, naturalmente se fazem rogar; e então, para a frente, nós. Marchamos, seguimos e a moxinifada recomeça com uma solidez geral. Quantos homens de sapatos ele gastou nesse tempo! Então a gente se batia tão rijamente que outros que não fossem franceses se teriam cansado. Mas vocês não ignoram que o francês nasce filósofo e, um pouco mais cedo um pouco mais tarde, sabe que tem de morrer. Por isso todos nós morríamos sem dizer nada, porque se tinha o prazer de ver o Imperador fazer isto nas geografias.”

Aqui, o infante descreveu rapidamente um círculo com o pé na eira da granja.

— E ele dizia: “Isto será um reino!”, e era um reino. Que bom tempo! Os coronéis passavam a generais, o quanto dava para a gente os ver; os generais a marechais, os marechais a reis. E há ainda um que está de pé para dizê-lo à Europa, embora seja um gascão, traidor da França⁵² para conservar sua coroa, que não corou de vergonha, porque, vejam só, as coroas são de ouro! Enfim, assim mesmo os sapadores que sabiam ler tornaram-se nobres. Eu, que estou falando, vi em Paris onze reis e uma

montoeira de príncipes que cercavam Napoleão como os raios do sol! Vocês compreendem bem que, cada soldado tendo a possibilidade de calçar um trono, contanto que o merecesse, um caporal da guarda era como uma curiosidade que olhávamos passar, porque cada um tinha seu contingente na vitória, perfeitamente conhecido no boletim. E quanta batalha havia! Austerlitz, onde o Exército manobrou como na parada; Eylau, onde afogaram os russos num lago, como se Napoleão tivesse soprado em cima; Wagram, onde a gente se bateu três dias sem fazer má cara. Enfim, havia tantas como santos no calendário. Por isso, ficou então provado que Napoleão tinha na sua bainha a verdadeira espada de Deus. Nesse tempo, o soldado tinha a estima dele, e ele fazia do soldado seu filho, preocupava-se em saber se a gente tinha sapatos, roupa branca, capotes, pão, cartuchos, embora sustentasse sua majestade, visto que o ofício dele era reinar. Mas não há dúvida! Um sargento e até mesmo um soldado podiam dizer-lhe: ‘Meu imperador’, como vocês me dizem a mim de vez em quando: ‘Meu caro amigo’. E ele respondia aos argumentos que lhe faziam, deitava-se na neve como nós; enfim, tinha quase o jeito de um homem natural. Eu, que lhes estou falando, eu o vi com os pés na metralha, sem estar mais incomodado do que vocês aí, e móvel, olhando com o seu óculo, sempre no seu negócio; então, nós ficávamos ali bem quietinhos. Não sei como é que ele se arranjava, mas, quando nos falava, as palavras dele punham fogo nos nossos estômagos; e, para mostrarmos a ele que éramos seus filhos, incapazes de sentar, íamos, como quem não quer nada, para a frente dos trocistas dos canhões que esbravejavam e vomitavam regimentos de balas sem dizer água vai. Enfim, os moribundos tinham a coisa de se erguer para cumprimentá-lo e gritar: ‘Viva o Imperador!’.

“Isso era natural? Vocês fariam isso por um simples homem?

“Vai então, com sua gente estabelecida, a Imperatriz Josefina, que era afinal uma boa mulher, tendo a coisa virado de modo a não lhe dar nem um filho, ele foi obrigado a separar-se dela embora a amasse muito. Mas precisava de filhos, visto a coisa do governo. Ao saberem dessa dificuldade, todos os soberanos da Europa brigaram uns com os outros a ver quem lhe daria uma mulher. E ele desposou, foi o que nos disseram, uma austríaca, que era filha dos Césares, um homem antigo do qual falam em toda parte, e não somente na nossa terra, onde vocês ouvem dizer que ele fez tudo, mas na Europa. E isso é tão verdade que eu, que lhes estou falando neste momento, fui ao Danúbio, onde vi os pedaços de uma ponte construída por aquele homem que parece que foi, em Roma, parente de Napoleão, de onde o Imperador se autorizou a tomar-lhe a herança para seu filho. Portanto, depois do seu casamento, que foi uma festa para o mundo inteiro e onde ele perdoou ao povo dez anos de impostos, que assim mesmo foram pagos, porque os fiscais não levaram isso em conta, a mulher dele teve um filhinho que era rei de

Roma, uma coisa que ainda não se tinha visto na Terra, porque nunca uma criança nasceu rei, o pai estando vivo. Nesse dia, partiu de Paris um balão para ir contar a coisa em Roma e esse balão fez a viagem num dia. Ora essa! E haverá agora algum de vocês que me sustente que tudo isso era natural? Não, estava escrito lá em cima! E a sarna para quem não disser que ele tinha sido mandado pelo próprio Deus para fazer a França triunfar. Mas lá está o imperador da Rússia, que era amigo dele, que se incomoda porque ele não se casou com uma russa e sustenta os ingleses, nossos inimigos, aos quais sempre tinha impedido Napoleão de lhes ir dizer duas palavrinhas na bodega deles. Era preciso, pois, acabar com aqueles marrecos. Napoleão se zanga e nos diz:

“— Soldados! Vocês foram senhores em todas as capitais da Europa; falta Moscou, que se aliou com a Inglaterra. Ora, para poder conquistar Londres e as índias, que são deles, acho decisivo ir a Moscou.

“Aí, então, reúne o maior exército que já passou suas polainas pelo globo, e tão curiosamente bem alinhado que num dia ele passa em revista um milhão de homens.

“— Hurra! — dizem os russos.

“E lá está a Rússia inteira, uns animais de cossacos que alçam voo. Era país contra país, um salseiro geral do qual a gente precisava se abrigar. E como o *Homem Encarnado* tinha dito a Napoleão: ‘É a Ásia contra a Europa!’, ‘Basta!’, diz ele, ‘vou precaver-me’. E lá vêm *festivamente* todos os reis para lamber a mão de Napoleão! A Prússia, a Áustria, a Baviera, a Saxe, a Polônia, a Itália, tudo está conosco, nos engrossa, e era bonito! As águias nunca arrulharam tanto como nessas paradas, em que estavam por cima de todas as bandeiras da Europa. Os poloneses não cabiam em si de alegria, porque o Imperador pensava levantá-los; daí é que a Polônia e a França sempre foram irmãs. Afinal: ‘Para nós a Rússia!’, brada o Exército.

“Entramos bem municidados; marchamos, marchamos: nada de russos. Finalmente encontramos os nossos tratantes acampados no Moscova. Foi aí que eu ganhei a cruz, e tenho licença para dizer que foi uma batalha danada! O Imperador estava inquieto, tinha visto o *Homem Encarnado*, que lhe disse:

“— Meu filho, vais mais ligeiro do que deves, os homens te faltarão e os amigos te trairão.

“Vai daí, ele propõe a paz. Mas antes de assiná-la nos diz:

“— Demos uma esfrega nos russos!

“— Feito! — exclama o Exército.

“— Avante! — dizem os sargentos.

“Meus sapatos estavam gastos, meu uniforme descosido, à força de saracotear por aqueles caminhos, que não são nada cômodos! Mas não faz mal! ‘Já que é o fim da farra’, disse eu cá comigo, ‘quero tomar um fartão!’ Estávamos diante do grande barranco; eram os lugares da

primeira fila! Deram o sinal e setecentas peças de artilharia começam uma conversa de fazer correr sangue das orelhas. Bem, é preciso fazer justiça aos inimigos, os nossos russos se deixavam matar como franceses, sem recuar, e nós não avançávamos.

“— Para a frente! — diziam-nos. — Lá vai o Imperador!

“Era verdade; ele passa a galope fazendo-nos sinal de que fazia questão de tomar o reduto. Animou-nos, nós corremos, sou o primeiro a chegar ao barranco! Ah! Meu Deus! Os tenentes caíam, os coronéis, os soldados! Não faz mal! Aquilo dava sapatos para aqueles que não os tinham e dragonas para os intrigantes que sabiam ler. ‘Vitória!’, era o grito de toda a linha. Mas o que nunca se tinha visto é que havia vinte e cinco mil franceses no chão. Faça-me o favor! Era um verdadeiro trigal ceifado; é só imaginar homens em lugar de espigas! O que éramos nós, estávamos desembriagados. O homem chega; nós o rodeamos. Vai daí, ele nos faz festinhas, porque quando queria era amável, a ponto de fazer com que a gente se contentasse com carne dura como couro estando com uma fome de dois lobos. Então, o nosso feiticeiro põe-se a distribuir, ele mesmo, as cruzes, faz uma saudação aos mortos e depois nos diz:

“— A Moscou!

“— Seja Moscou! — disse o Exército.

“Tomamos Moscou. Pois não é que os russos queimam sua cidade?! Foi um fogo de palha de duas léguas que ardeu durante dois dias. Os edifícios caíam como ardósias! Havia chuvas de ferro e de chumbo derretido que eram naturalmente horríveis; e, a vocês pode-se dizer, aquilo foi o clarão das nossas desgraças. O Imperador disse:

“— Basta, todos os nossos soldados acabariam aqui!

“Nós nos divertimos em nos refrescar um pouco e em refazer o cadáver, porque na verdade estávamos cansadíssimos. Carregamos uma cruz de ouro que estava em cima do Kremlin, e cada soldado ficou com uma pequena fortuna. Mas, na volta, o inverno se antecipa de um mês, coisa que os sábios, que são umas bestas, não explicaram suficientemente, e o frio nos agarra. Acabou-se o Exército, ouviram? Não havia mais generais, nem mesmo sargentos. Desde então, foi o reino da miséria e da fome, reino no qual nós éramos realmente todos iguais! Não se pensava em outra coisa que não fosse tornar a ver a França, a gente não se abaixava para levantar a espingarda ou o próprio dinheiro; e cada um ia para diante, com a arma à vontade, sem se preocupar com a glória. Enfim, o tempo estava tão feio que o Imperador não viu mais sua estrela. Havia qualquer coisa entre o céu e ele. Pobre homem, como lhe doía ver suas águias do lado oposto da vitória! E isso deu-lhe dor de cabeça, podem crer! Chega-se ao Beresina. Aqui, meus amigos, posso afirmar-lhes pelo que há de mais sagrado, pela honra, que desde que existem homens nunca, absolutamente nunca, se tinha

visto semelhante guisado de exército, de carros, de artilharia no meio de tanta neve, com um céu tão ingrato como aquele. O cano da espingarda queimava a mão da gente se se tocava nele, de tão frio que estava. Aí é que o Exército foi salvo pelos pontoneiros, que estavam firmes no posto e onde se comportou perfeitamente Gondrin, o único sobrevivente do pessoal bastante teimoso para entrar na água a fim de construir as pontes pelas quais o Exército passou e se salvar dos russos, que ainda tinham respeito pelo Grande Exército por causa das vitórias. E — disse ele apontando para Gondrin, que o olhava com a atenção peculiar aos surdos — Gondrin é um soldado acabado, um soldado de honra mesmo, que merece de vocês a maior consideração. Eu vi — continuou — o Imperador perto da ponte, imóvel, não sentindo frio. Era isso também natural? Ele olhava a perda dos seus tesouros, dos seus amigos, dos seus velhos egípcios. Bah! Tudo passava por ali, as mulheres, as viaturas de transporte, a artilharia, tudo estava consumido, comida, arruinado. Os mais corajosos guardavam as águias, porque as águias, fiquem sabendo, eram a França, eram vocês todos, eram a honra do civil e do militar, que devia conservar-se pura e não baixar a cabeça por causa do frio. A gente não se aquecia senão perto do Imperador, porque, quando ele corria perigo, nós acorriamos, gelados, nós que não parávamos para estender a mão a um amigo. Diziam também que à noite ele chorava sobre a sua família de soldados. Só mesmo ele e franceses eram capazes de sair dali; e saímos, mas com perdas, e que grandes perdas, digo-lhes eu! Os aliados tinham comido nossos víveres. Tudo começava a traí-lo, como tinha dito o *Homem Encarnado*. Os conversadores de Paris, que andavam calados desde a formação da Guarda Imperial, julgaram-no morto e tramaram uma conspiração na qual meteram o chefe de polícia para derrubar o Imperador. Ele soube dessas coisas, ficou arreliado e nos disse quando partiu:

“— Adeus, meus filhos, guardem os postos, que eu voltarei.

“Ora! Os seus generais mandam tocar a dispersar, porque sem ele já não era a mesma coisa. Os marechais se dizem asneiras, fazem besteiras, e era natural; Napoleão, que era um homem bom, tinha-os enchido de ouro; estavam gordos a ponto de ter toicinho, tanto que nem queriam mais marchar. Daí vieram as desgraças, porque vários ficaram de guarnição sem dar uma esfrega no lombo dos inimigos por trás dos quais estavam, ao passo que nos empurravam para a França. Mas o Imperador voltou-nos com recrutas, e que recrutas! Cujo moral ele modificou perfeitamente, fazendo deles mastins prontos a morder fosse quem fosse, com burgueses como guarda de honra, uma bela tropa que se derreteu como manteiga numa grelha. Apesar de nossa atitude severa, tudo era contra nós; mas o Exército ainda fez prodígios de valor. Aí, então, houve batalhas de montanhas, de povos contra

povos. Em Dresden, Lutzen, Bautzen...⁵³ Lembrem-se disso, vocês, porque aí é que o francês foi tão particularmente heroico que naquele tempo um bom granadeiro não durava seis meses. Triunfamos sempre; mas não é que na retaguarda os ingleses faziam os povos se revoltarem dizendo-lhes asneiras? Afinal, abrimos caminho por entre essa matilha de nações. Por toda parte onde o Imperador aparecia nós desembocávamos, porque, quer na terra quer no mar, onde ele dizia: ‘Quero passar!’, nós passávamos. Afinal, chegamos à França, e havia mais de um soldado de infantaria a quem o ar da terra, apesar da dureza do tempo, deixou a alma num estado satisfatório. No que me toca, posso dizer que isso me refrescou a vida. Mas nessa hora tratava-se de defender a França, a pátria, a bela França enfim, contra toda a Europa, que estava com raiva de nós por termos querido ditar leis aos russos, empurrando-os para as suas fronteiras para que eles não nos comessem, como é o costume no Norte, que é muito guloso do Sul, coisa que ouvi muitos generais dizerem. O Imperador, então, viu o próprio sogro, os amigos que ele tinha sentado no trono e os canalhas aos quais restituíra seus reinos, todos contra ele. Enfim, mesmo franceses e aliados, que por ordem superior se viravam contra nós, nas nossas fileiras, como na batalha de Leipzig.⁵⁴ Pois isso não são horrores de que um simples soldado seria incapaz? Esses faltavam à sua palavra três vezes por dia e se diziam príncipes! Acontece então que houve a invasão. Em todo lugar onde nosso Imperador mostrava sua cara de leão o inimigo recuava, e ele fez nessa época mais milagres para defender a França do que os que fizera para conquistar a Itália, o Oriente, a Espanha, a Europa e a Rússia. Vai daí, ele quer enterrar todos os estrangeiros para que eles aprendam a respeitar a França e deixa que eles cheguem perto de Paris para engoli-los de uma só vez e se erguer ao último grau do gênio por uma batalha maior do que todas as outras, uma batalha mãe enfim! Mas os parisienses estavam com medo pela sua pele de dois vinténs e pelas suas bodegas de dois *sous* e abriram as portas; começam aí as *ragusadas*⁵⁵ e as felicidades se acabam, a imperatriz é caceteada e a bandeira branca é hasteada nas janelas. Enfim, os generais que ele fizera seus melhores amigos o abandonam pelos Bourbon, de quem nunca se tinha ouvido falar. Ele, então, nos disse adeus em Fontainebleau.

“Soldados!...

“Ainda o estou ouvindo; nós todos chorávamos como verdadeiras crianças. As águias, as bandeiras estavam inclinadas como para um enterro, porque, pode-se dizer, eram os funerais do Império, e seus exércitos flamantes não eram mais do que esqueletos. Então, ele nos disse do alto da escadaria do seu castelo:

“— Meus filhos, fomos vencidos pela traição, mas nós nos tornaremos a ver no céu, que é a pátria dos bravos. Defendam meu filho,

que lhes confio: viva Napoleão II!

“Quis morrer e, para não deixar ver Napoleão vencido, toma uma quantidade de veneno capaz de matar um regimento inteiro,⁵⁶ porque, como Jesus Cristo antes da Paixão, ele se julgava abandonado por Deus e pelo seu talismã; mas o veneno não lhe fez nada. Aí a coisa muda! Reconhece que é imortal. Seguro da sua situação e de ser sempre imperador, foi para uma ilha durante algum tempo estudar o temperamento desses que nunca deixam de fazer asneiras sem fim. Enquanto ele fazia sentinela, os chineses e os animais da costa da África, barbarescos e outros que não são nada cômodos consideravam-no de tal modo outra coisa mais do que um homem que respeitavam seu pavilhão, dizendo que tocar nele era se esfregar em Deus. Ele reinava sobre o mundo todo, ao passo que esses o tinham posto para fora da sua França. Aí, então, ele embarca na mesma casca de noz do Egito, passa nas barbas dos navios ingleses, põe o pé na França, a França o reconhece, o endiabrado cuco voa de campanário a campanário, toda a França brada: ‘Viva o Imperador!’. E por aqui o entusiasmo por essa maravilha dos séculos foi sólido, o Delfinado portou-se muito bem, e eu fiquei particularmente satisfeito ao saber que aqui choravam de alegria ao tornar a ver sua sobrecasaca cinzenta. A 1º de março, Napoleão desembarca com duzentos homens para conquistar o reino de França e de Navarra, que no dia 20 de março voltava a ser o Império francês. O homem, nesse dia, achava-se em Paris, tendo varrido tudo; retomara sua querida França e levantara seus soldados dizendo-lhes apenas duas palavras:

“— Aqui estou!

“Foi o maior milagre que Deus já fez! Antes dele nunca um homem conquistara um império só mostrando seu chapéu. Julgavam a França abatida? Nem um bocadinho. A vista da águia, um exército nacional se refaz e seguimos todos para Waterloo. Aí, então, a guarda morre toda de uma só vez. Napoleão, desesperado, atira-se três vezes diante dos canhões inimigos à frente do resto, sem encontrar a morte! Nós vimos isso, sim, nós! A batalha estava perdida. A noite, o Imperador chama seus velhos soldados e queima, num campo cheio de nosso sangue, suas bandeiras e suas águias; aquelas pobres águias, sempre vitoriosas, que gritavam nas batalhas ‘Para a frente’ e que tinham voado por toda a Europa, foram salvas da infâmia de caírem nas mãos do inimigo. Os tesouros da Inglaterra não lhe podiam dar nem a cauda de uma águia. Acabadas as águias! O resto é suficientemente conhecido. O *Homem Encarnado* passa-se para os Bourbon, como um canalha que é. A França está esmagada, o soldado não vale mais nada, privam-no do que lhe é devido, mandam que vá para casa para botar no lugar dele nobres que não podiam mais caminhar, que até dava pena. Apoderaram-se de Napoleão por traição, os ingleses o pregam numa ilha deserta do alto-

mar, num rochedo da altura de dez mil pés acima do mundo. Finalmente, ele é obrigado a ficar lá até que o *Homem Encarnado* lhe restitua o poder para felicidade da França. Esses dizem que ele morreu! Pois sim, morreu! Bem se vê que eles não o conhecem. Eles repetem esse carapetão para enganar o povo e fazer que ele fique sossegado na barraca de governo deles. Escutem: a verdade em tudo isso é que os seus amigos o deixaram sozinho no deserto para satisfazer uma profecia que foi feita acerca dele, porque esqueci de lhes dizer que seu nome Napoleão quer dizer *leão do deserto*. Isso é tão verdadeiro como o Evangelho. Tudo o mais que vocês ouvirem dizer a respeito do Imperador são asneiras que não têm forma humana. Porque, fiquem sabendo, não seria ao filho de uma mulher que Deus havia de dar o direito de escrever seu nome em vermelho como ele escreveu o seu na Terra, que se lembrará sempre disso! Viva Napoleão, o pai do povo e do soldado!”

— Viva o General Éblé! — gritou o pontoneiro.

— Como fez o senhor para não morrer no barranco do Moscova? — perguntou uma camponesa.

— Que sei eu! Nós entramos lá um regimento, só ficamos de pé cem infantes, porque só soldados de infantaria eram capazes de tomá-lo! A infantaria, fiquem sabendo, é tudo no Exército...

— É a cavalaria, então! — exclamou Genestas, deixando-se escorregar do alto do feno e aparecendo com uma rapidez que arrancou gritos de pavor dos mais corajosos. — Ora! Meu veterano, tu esqueces os lanceiros vermelhos de Poniatowski, os couraceiros, os dragões, toda a turma! Quando Napoleão, impaciente por não ver chegar o fim da vitória, dizia a Murat: “Sire, corte-me isso em dois!”, nós saíamos no começo a trote, depois a galope; *uma, duas!* o exército inimigo era partido como uma maçã com uma faca. Uma carga de cavalaria, meu velho, mas se é uma coluna de balas de canhão!

— E os pontoneiros? — bradou o surdo.

— Ora essa! Meus filhos — disse Genestas, envergonhado com a sua saída, ao ver-se no centro de um círculo silencioso e estupefato —, aqui não há conspiradores! Olhem, aqui está para beberem à saúde do pequeno caporal.

— Viva o Imperador! — gritaram a uma voz os presentes no serão.

— Psiu! Crianças — disse o oficial, esforçando-se por esconder sua profunda dor.

— Psiu! *Ele morreu* dizendo: “Glória, França e batalha”. Meus filhos, ele teve de morrer, mas sua memória... jamais!

Goguelat fez um gesto de incredulidade e depois disse baixo aos seus vizinhos:

— O oficial ainda está no serviço, e a ordem que tem é de dizer ao povo que o Imperador morreu. Não devemos querer-lhe mal por isso

porque, saibam vocês, um soldado só conhece as suas ordens.

Ao sair da granja, Genestas ouviu a Fosseuse dizer:

— Esse oficial, fiquem sabendo, é um amigo do Imperador e do sr. Benassis.

Todos os presentes ao serão precipitaram-se para a porta a fim de rever o comandante; e, ao clarão da lua, eles o viram tomando o braço do médico.

— Fiz asneiras — disse Genestas. — Entremos depressa! Essas águias, esses canhões, essas campanhas!... Eu já não sabia mais onde estava.

— E então, que me diz do meu Goguelat? — perguntou-lhe Benassis.

— Senhor, com semelhantes narrativas a França terá sempre no ventre os catorze exércitos da República, e poderá perfeitamente sustentar a conversação a tiros de canhão com a Europa. É essa a minha opinião.

Em pouco tempo chegaram à residência de Benassis e se viram daí a pouco ambos pensativos de cada lado da chaminé do salão, onde o fogo agonizante lançava ainda algumas centelhas.

III — ÚLTIMOS ESCLARECIMENTOS

Apesar dos testemunhos de confiança que recebera do médico, Genestas hesitava ainda em fazer-lhe uma última pergunta que poderia parecer indiscreta; mas, depois de lhe dirigir alguns olhares escrutadores, viu-se encorajado por um desses sorrisos cheios de suavidade que animam os lábios dos homens verdadeiramente fortes, com o qual Benassis desde logo parecia responder favoravelmente. Disse-lhe então:

— Senhor, sua vida difere tanto da das pessoas comuns que não se admiraria de ouvir-me perguntar-lhe os motivos de seu retiro. Se minha curiosidade lhe parecer inconveniente, terá de confessar ao menos que ela é bem natural. Ouça! Tive camaradas a quem nunca tuteei, nem mesmo depois de ter feito várias campanhas com eles; mas tive outros aos quais dizia: “Vai buscar nosso dinheiro lá com o pagador!”, três dias depois de nos termos emborrachado juntos, como pode acontecer algumas vezes à gente mais decente nas patuscadas obrigatórias. Pois bem, o senhor é um desses homens de quem me faço amigo sem esperar sua autorização, e até mesmo sem saber bem por quê.

— Capitão Bluteau...

Já havia algum tempo, todas as vezes que o médico pronunciava o falso nome que seu hóspede se atribuíra, o comandante não podia reprimir uma leve careta. Benassis surpreendeu naquele momento essa expressão de repugnância, e olhou fixamente para o militar a fim de

descobrir a causa daquilo; como, porém, ter-lhe-ia sido muito difícil adivinhar o verdadeiro motivo, atribuiu aquele gesto a alguma dor física e disse, continuando:

— Capitão, vou falar de mim. Já por várias vezes, desde ontem, de certo modo violentei-me ao explicar-lhe os melhoramentos que pude obter aqui; tratava-se, porém, da comuna e dos seus habitantes, a cujos interesses os meus se ligaram necessariamente. Agora, contar-lhe a minha história seria falar-lhe exclusivamente de mim, e minha vida é pouco interessante.

— Fosse ela, embora, mais simples do que a da Fosseuse — respondeu Genestas —, mesmo assim eu quisera conhecê-la, para ficar sabendo quais as vicissitudes que conseguiram atirar neste cantão um homem de sua têmpera.

— Capitão, faz doze anos que me calei. Agora, que espero à beira da cova o golpe que nela me deverá precipitar, terei a boa-fé de confessar-lhe que esse silêncio começava a pesar-me. Faz doze anos que sofro sem ter recebido os consolos que a amizade prodigaliza aos corações doloridos. Meus pobres doentes, meus camponeses, oferecem-me o exemplo de uma perfeita resignação, mas eu os compreendo e eles o percebem; ao passo que ninguém, aqui, pode recolher minhas lágrimas secretas nem me dar esse aperto de mão de homem de bem, a mais bela recompensa, que ninguém deixa de receber, nem mesmo Gondrin.

Por um súbito impulso, Genestas estendeu a mão a Benassis, a quem esse gesto comoveu profundamente.

— Talvez a Fosseuse me tivesse angelicamente compreendido — continuou ele, com a voz alterada —; mas possivelmente me teria amado, e isso seria uma desgraça. Olhe, capitão, somente um velho soldado indulgente como o senhor ou um rapaz novo cheio de ilusões seria capaz de ouvir minha confissão, porquanto ela não poderia ser bem compreendida senão por um homem que conheça bem a vida ou por uma criança que a desconheça por completo. Por falta de padre, os antigos capitães que morriam no campo de batalha confessavam-se à cruz de suas espadas, das quais faziam uma confidente fiel entre eles e Deus. Ora, o senhor, uma das melhores lâminas de Napoleão, o senhor, duro e forte como o aço, me entenderá bem, não? Para interessar-se na minha narrativa é preciso entrar em certas delicadezas de sentimento e partilhar as crenças naturais dos corações simples, mas que pareceriam ridículas a muitos filósofos habituados a se servir, para seus interesses privados, das máximas reservadas aos governos dos Estados. Vou falar-lhe de boa-fé, como um homem que não quer justificar nem o bem nem o mal da sua vida, mas que não lhe ocultará nada, porque hoje está afastado do mundo, indiferente ao julgamento dos homens e cheio de esperança em Deus.

Benassis deteve-se, depois levantou-se dizendo:

— Antes de iniciar minha narrativa vou mandar trazer o chá. Faz doze anos que Jacquotte nunca deixou de vir perguntar-me se eu queria tomar chá; seguramente nos interromperia. Também quer, capitão?

— Não, obrigado.

Benassis voltou prontamente.

QUARTA PARTE

A CONFISSÃO DO MÉDICO RURAL

I — A CONFISSÃO DO MÉDICO

— Nasci — começou a contar o médico — numa cidadezinha do Languedoc, onde meu pai se fixara fazia muito tempo e onde se escoou minha primeira infância. Com a idade de oito anos puseram-me no colégio de Sorrèze, e dali saí somente para ir concluir meus estudos em Paris. Meu pai tivera a mais tresloucada, a mais pródiga mocidade; mas seu patrimônio dissipado se refizera por um casamento feliz e pelas lentas economias que se fazem na província, onde se é vaidoso da fortuna e não da despesa, onde a ambição natural dos homens se extingue e se transforma em avareza, por falta de incentivos generosos. Tendo enriquecido e com um filho apenas, quis transmitir-lhe a fria experiência que trocara por suas ilusões desvanecidas: últimos e nobres erros dos velhos que em vão tentam legar suas virtudes e seus prudentes cálculos a crianças encantadas com a vida e sedentas de gozos. Essa previdência ditou para a minha educação um plano do qual fui vítima. Meu pai ocultou-me cuidadosamente a extensão de seus bens e condenou-me, no meu interesse, a sofrer durante meus mais belos anos as privações e as solitudes de um moço desejoso de conquistar sua independência; queria incutir-me as virtudes da pobreza: a paciência, a sede de saber e o amor ao trabalho. Ao fazer-me conhecer desse modo todo o valor da fortuna, ele esperava ensinar-me a conservar a minha herança: por isso, assim que me viu em condições de ouvir seus conselhos, insistiu comigo para que escolhesse e seguisse uma carreira. Minhas preferências levaram-me ao estudo da Medicina. De Sorrèze, onde fiquei durante dez anos sob a disciplina semiconventual dos Oratorianos e mergulhado na solidão de um colégio de província, fui, sem nenhuma transição, transportado à capital. Meu pai acompanhou-me até lá, para recomendar-me a um amigo seu. Os dois velhos, sem que eu o soubesse, tomaram precauções minuciosas contra a efervescência da minha mocidade, naquela época muito inocente. Minha mesada foi severamente calculada segundo as necessidades reais da vida, e eu não devia receber os trimestres senão ante a apresentação dos recibos das minhas inscrições na Escola de Medicina. Essa falta de confiança bastante injuriosa foi disfarçada com motivos de ordem e de contabilidade. Meu pai, de resto, mostrou-se liberal para

todas as despesas exigidas pela minha educação e para os prazeres da vida parisiense. Seu velho amigo, feliz por ter um rapaz a quem guiar no dédalo onde eu ia penetrar, pertencia a essa categoria de homens que classificam seus sentimentos tão cuidadosamente quanto arrumam seus papéis. Consultando sua agenda do ano passado, ele podia saber sempre o que fizera no mês, no dia e na hora em que se achava no ano em curso. A vida, para ele, era como uma empresa da qual escriturava comercialmente as contas. De resto, homem de méritos, porém fino, metuculoso, desconfiado, nunca lhe faltavam razões especiosas para justificar as precauções que tomava a meu respeito; ele comprava meus livros e pagava minhas lições; se eu queria aprender a montar a cavalo, o velhote em pessoa informava-se do melhor picadeiro, levava-me lá e antecipava-se aos meus desejos pondo um cavalo à minha disposição nos dias de festa. Apesar desses ardis de velho, que eu soube frustrar assim que tive interesse em lutar com ele, esse excelente homem foi para mim um segundo pai.

“— Meu amigo — disse-me ele, no momento em que percebeu que eu quebraria minha corrente se ele não a afrouxasse —, os moços fazem muitas vezes loucuras a que são levados pelo arrebatamento próprio da idade, e poderia acontecer-lhe precisar de dinheiro; procure-me, então. Outrora seu pai serviu-me muito gentilmente, sempre terei alguns escudos às suas ordens; mas nunca me minta, não tenha pejo de confessar-me seus erros; fui moço, nós nos entenderemos sempre como dois bons camaradas.

“Meu pai instalou-me numa pensão burguesa do quartier Latin,⁵⁷ de gente respeitável, onde me deram um quarto bem mobiliado. Essa primeira independência, a bondade de meu pai, o sacrifício que ele parecia fazer por mim causaram-me entretanto pouca alegria. Será talvez preciso ter gozado a liberdade para conhecer-lhe todo o valor. Ora, as recordações da minha livre infância tinham quase desaparecido sob o peso dos aborrecimentos do colégio, os quais meu espírito ainda não sacudira de si; além disso, as recomendações de meu pai mostravam-me novas tarefas a realizar; finalmente, Paris, para mim, era como um enigma; nela uma pessoa não se diverte sem lhe ter estudado os prazeres. Não via, pois, nada mudado na minha posição, a não ser que meu novo liceu era maior e se chamava Escola de Medicina.

“Não obstante, de começo estudei corajosamente e acompanhei os cursos com assiduidade; atirei-me de corpo e alma ao trabalho, sem buscar divertimentos, de tal forma os tesouros de ciência em que a capital abunda maravilharam minha imaginação. Mas, não demorou muito, ligações imprudentes, cujos perigos eram velados por essa amizade aloucadamente confiante que seduz todos os rapazes, fizeram-me cair insensivelmente na dissipação de Paris. Os teatros, seus atores pelos quais me apaixonei, começaram a obra da minha desmoralização.

Os espetáculos de uma capital são bem funestos para os rapazes, que nunca saem deles sem vivas emoções, contra as quais lutam quase sempre inutilmente; por isso a sociedade, as leis parecem-se cúmplices das desordens que eles então praticam. Nossa legislação por assim dizer fechou os olhos sobre as paixões que atormentam os rapazes entre vinte e vinte e cinco anos; em Paris tudo os assalta, seus apetites são nela incessantemente solicitados, a religião prega-lhes o bem, as leis lho ordenam, ao passo que as coisas e os costumes os convidam para o mal: o homem mais honesto e a mais piedosa das mulheres não motejam lá da continência? Enfim, essa grande cidade parece ter tomado o encargo de encorajar somente os vícios, porque os obstáculos que defendem as proximidades dos estados nos quais um rapaz poderia honradamente fazer fortuna são mais numerosos ainda do que os laços incessantemente armados às suas paixões para tirar-lhe o dinheiro. Fui, pois, durante muito tempo, todas as noites a algum teatro, e a pouco e pouco contraí hábitos de preguiça. No meu íntimo transigi com os meus deveres, muitas vezes deixei para o dia seguinte minhas mais urgentes ocupações; em breve, em vez de procurar instruir-me, nada mais fiz do que os trabalhos estritamente necessários para alcançar os graus pelos quais se tem de passar antes de ser doutor. Nos cursos públicos não ouvia mais os professores, os quais, na minha opinião, caducavam. Já queimava meus ídolos, tornava-me parisiense. Em resumo, levava a vida incerta de um rapaz de província que, atirado na capital, conserva ainda alguns sentimentos verdadeiros, crê ainda em certas regras de moral, mas se corrompe com os maus exemplos, embora querendo defender-se deles. Defendi-me mal, tinha cúmplices em mim mesmo. Sim, senhor, minha fisionomia não é enganadora, tive todas as paixões cujos estigmas me ficaram. Entretanto, no fundo do coração conservei um sentimento de perfeição moral que me perseguiu em meio às minhas desordens e que um dia devia levar de volta a Deus, pela lassidão e pelo remorso, o homem cuja mocidade se desalterara nas águas puras da religião. Aquele que sente vivamente a voluptuosidade da terra não é mais cedo ou mais tarde atraído pelo gosto dos frutos do céu?

“Tive a princípio as mil felicidades e as mil desesperanças que se encontram mais ou menos ativas em todas as juventudes: ora eu tomava o sentimento de minha força por uma vontade firme, e me iludia sobre a extensão das minhas faculdades; ora, ao vislumbrar o mais fraco obstáculo contra o qual ia esbarrar, caía muito mais baixo do que naturalmente deveria descer; concebia os mais vastos planos, sonhava com a glória, dispunha-me a trabalhar; mas um divertimento qualquer fazia-me esquecer essas nobres veleidades. A vaga recordação das minhas grandes concepções abortadas deixava-me clarões enganadores, que me habituavam a crer em mim sem me dar a energia

de produzir. Essa preguiça cheia de convencimento arrastava-me a não ser mais do que um tolo. Não é um tolo aquele que não justifica a boa opinião que tem de si mesmo? Eu tinha uma atividade sem alvo, eu queria as flores da vida sem o trabalho que as faz desabrochar. Ignorando os obstáculos, eu julgava tudo fácil; atribuí a felizes acasos quer os triunfos científicos, quer os triunfos financeiros. Para mim, o gênio era charlatanismo. Julgava-me sábio porque podia vir a sê-lo; e, sem pensar nem na paciência que engendra as grandes obras nem na *execução* que lhes revela as dificuldades, eu me antecipava todas as glórias. Meus prazeres foram prontamente esgotados; o teatro não diverte durante muito tempo. Paris tornou-se, dentro em pouco, vazia e deserta para um pobre estudante cuja sociedade se compunha de um ancião que nada mais sabia do mundo e de uma família onde não havia senão gente aborrecida. Por isso, como todos os moços enjoados da carreira que seguem, sem ter nenhuma ideia fixa nem sistema definido no pensamento, vaguei durante dias inteiros através das ruas, pelos cais, nos museus e jardins públicos. Quando a vida é ociosa, pesa mais nessa idade do que em qualquer outra, porque então está cheia de seiva perdida e de movimento sem resultado. Eu desconhecia o poder que uma vontade firme põe nas mãos de um homem moço quando ele sabe conceber e quando, para executar, dispõe de todas as forças vitais, acrescidas ainda pelas intrépidas crenças da juventude. Crianças, somos ingênuos, ignoramos os perigos da vida; adolescentes, entrevemos-lhe as dificuldades e a imensa extensão; ante esse aspecto, a coragem por vezes se abate; novos ainda no ofício da vida social, permanecemos presas de uma espécie de parvoíce, de um sentimento de estupor, como se estivéssemos sem amparo num país estrangeiro. Em qualquer idade, as coisas desconhecidas causam terrores involuntários. O homem moço é como o soldado que marcha contra canhões e recua ante fantasmas. Ele hesita entre as máximas da sociedade; não sabe dar nem aceitar; nem se defender nem atacar; ama as mulheres e respeita-as como se lhes tivesse medo; suas qualidades o prejudicam, é todo generosidade, todo pudor, e puro dos cálculos interesseiros da avareza; se mente, é por prazer e não por interesse; no meio de caminhos duvidosos, sua consciência, com a qual ele ainda não transigiu, aponta-lhe o bom caminho, e ele custa a segui-lo. Os homens destinados a viver pelas inspirações do coração, em vez de ouvir as ponderações que emanam da cabeça permanecem muito tempo nessa situação. Foi essa a minha história. Tornei-me brinquedo de duas causas contrárias. Fui ao mesmo tempo impelido pelos desejos do moço e retido sempre por sua parvoíce sentimental. As emoções de Paris são cruéis para as almas dotadas de viva sensibilidade: as vantagens de que nela gozam os seres superiores ou as pessoas ricas irritam as paixões; nesse mundo de grandezas e baixeiras, a inveja serve mais vezes de

punhal do que de agulhão; no meio da contínua luta das ambições, dos desejos e dos ódios, é impossível não ser ou vítima ou cúmplice desse movimento geral; insensivelmente, o quadro continuado do vício feliz e da virtude vaiada faz cambalear um jovem; a vida parisiense priva-o sem demora do *aveludado* da consciência; então começa e consuma-se a obra infernal de sua desmoralização. O primeiro dos prazeres, o que engloba logo todos os demais, está cercado de tais perigos que é impossível não refletir nas menores ações que ele provoca e não lhes calcular todas as consequências. Esses cálculos conduzem ao egoísmo. Se algum pobre estudante, arrastado pela impetuosidade de suas paixões, está disposto a esquecer-se de si mesmo, aqueles que o cercam mostram-lhe e inspiram-lhe tanta desconfiança que se lhe torna bem difícil não a partilhar, não se pôr em guarda contra as suas ideias generosas. Esse combate resseca, estreita o coração, empurra a vida para o cérebro e produz essa insensibilidade parisiense, esses costumes em que, sob a mais graciosa frivolidade, sob entusiasmos que simulam exaltação, se oculta a política ou o dinheiro. Lá, a embriaguez da felicidade não impede a mais ingênua das mulheres de conservar sempre seu juízo. Essa atmosfera deve ter influído sobre o meu procedimento e sobre meus sentimentos. Os erros que envenenaram meus dias teriam sido de um peso leve sobre o coração de muita gente; mas os meridionais têm uma fé religiosa que os faz crer nas verdades católicas e numa outra vida. Essas crenças dão às suas paixões uma grande profundidade, persistência aos seus remorsos.

“Na época em que eu estudava Medicina, os militares eram senhores em todos os lugares; para agradar às mulheres, era preciso então ser pelo menos coronel. Que valia na sociedade um pobre estudante? Nada. Vivamente estimulado pelo vigor das minhas paixões, e não lhes achando saída; detido a cada passo, e a cada desejo, pela falta de dinheiro; encarando o estudo e a glória como uma senda muito tardia para encontrar os prazeres que me tentavam; flutuando entre os meus segretos pudores e os maus exemplos; achando todas as facilidades para desordens nas baixas camadas sociais; não vendo senão dificuldades para chegar às altas rodas, passei dias tristes, presa do indeciso das paixões, da ociosidade que mata, de desânimos mesclados de súbitas exaltações. Finalmente, essa crise terminou por um desenlace bastante vulgar entre os moços.

“Tive sempre a maior repugnância em perturbar a felicidade de um lar; além disso, a franqueza involuntária dos meus sentimentos impede-me de os dissimular; ter-me-ia, pois, sido fisicamente impossível viver num estado de mentira flagrante. Os prazeres obtidos às pressas não me seduzem absolutamente, gosto de saborear a felicidade. Não sendo francamente viciado, achava-me sem forças contra meu isolamento, após tantos esforços infrutiferamente

tentados, para penetrar na alta sociedade, onde eu poderia ter encontrado uma mulher que se dedicasse a me explicar os obstáculos de cada caminho, a dar-me maneiras excelentes, a aconselhar-me sem revoltar meu orgulho e a introduzir-me em toda parte onde eu teria achado relações úteis ao meu futuro. No meu desespero, a mais perigosa das conquistas ter-me-ia, talvez, seduzido; mas tudo me faltava, mesmo o perigo! E a inexperiência trazia-me de volta à minha solidão, onde eu ficava frente a frente com minhas paixões malogradas.

“Enfim, senhor, eu tive ligações, a princípio secretas, com uma moça a quem persegui, quisesse ela ou não, até que partilhasse minha sorte. Essa moça, que pertencia a uma família honrada, mas de poucos haveres, abandonou em breve, por mim, sua vida modesta, confiou-me sem temor seu futuro, que a virtude lhe fizera belo. A mediocridade de minha situação pareceu-lhe, sem dúvida, a melhor das garantias. Desde esse instante, as tormentas que me agitavam o coração, meus desejos extravagantes, minha ambição, tudo se acalmou na felicidade, a felicidade de um rapaz que ainda não conhece os costumes do mundo, nem suas máximas de ordem, nem a força dos preconceitos; mas felicidade completa como a de uma criança. Não é o primeiro amor uma segunda infância atirada através dos nossos dias de aflição e de trabalho? Encontram-se homens que aprendem a vida de repente, julgam-na o que ela é, veem os erros do mundo para aproveitar-se deles, os preceitos sociais para fazê-los servir aos próprios interesses, e sabem calcular o alcance de tudo. Esses homens frios são sensatos segundo as leis humanas. Depois, existem pobres poetas, gente nervosa que sente vivamente e que comete erros; eu pertencia a estes últimos. Minha primeira união não foi a princípio uma paixão verdadeira; eu segui meu instinto e não meu coração. Sacrifiquei a mim mesmo uma pobre rapariga e não me faltaram razões excelentes para persuadir-me que eu nada estava fazendo de mal. Quanto a ela, era a dedicação personificada, um coração de ouro, um espírito justo, uma bela alma. Sempre me deu excelentes conselhos. A princípio seu amor reanimou minha coragem; depois forçou-me suavemente a recomeçar meus estudos, crendo em mim, predizendo-me triunfos, glória, fortuna. Hoje a ciência médica tem ligação com todas as ciências, e distinguir-se nela é uma glória difícil, mas bem recompensada. A glória em Paris é sempre uma fortuna. Essa boa rapariga, por mim, esqueceu-se de si mesma, participou da minha vida em todos os seus caprichos, e sua economia nos fez achar luxo na minha mediocridade. Tive mais dinheiro para as minhas fantasias quando éramos dois do que quando estava só. Foi esse, senhor, o mais belo período para mim. Eu trabalhava com ardor, tinha um objetivo, estava encorajado; eu referia meus pensamentos e meus atos a uma pessoa que sabia fazer-se amar e, melhor ainda, inspirar-me uma profunda estima pela sensatez que ela ostentava numa

situação em que a sensatez parece impossível.

“Mas, senhor, todos os meus dias se pareciam. Essa monotonia da felicidade, o mais delicioso estado que há no mundo e cujo valor não é apreciado senão depois de todas as tempestades do coração, esse doce estado no qual não mais existe a fadiga de viver, no qual se trocam os mais secretos pensamentos, no qual se é compreendido; pois bem, para um homem ardente, faminto de distinções sociais, que se cansava de seguir a glória porque ela caminha com passo muito lento, essa felicidade cedo tornou-se-me um peso. Meus antigos sonhos volveram a assaltar-me. Eu queria impetuosamente os prazeres da riqueza, e os pedia em nome do amor. Eu exprimia ingenuamente esses desejos quando, à noite, era interrogado por uma voz amiga, no momento em que, melancólico e pensativo, me absorvia nas volúpias de uma opulência imaginária. Fazia então gemer, sem dúvida, a meiga criatura que se havia devotado à minha felicidade. Para ela, o mais violento dos pesares era me ver desejar alguma coisa que não me podia dar no mesmo instante. Oh! Senhor, a dedicação da mulher é sublime!”

Essa exclamação do médico exprimia uma secreta amargura, porque ele mergulhou numa cisma passageira, que Genestas respeitou.

II — A CATÁSTROFE DE SUA VIDA

— Pois bem, senhor — continuou Benassis —, um acontecimento que deveria ter consolidado esse casamento começou destruí-lo, e foi a causa primeira das minhas desgraças. Meu pai morreu deixando uma fortuna considerável; as questões referentes à herança fizeram-me ir passar alguns meses no Languedoc, e fui sozinho. Tornei a encontrar, assim, minha liberdade. Toda obrigação, mesmo a mais suave, é pesada para os moços: é preciso ter experiência da vida para reconhecer a necessidade de um jugo e a do trabalho. Senti, com a vivacidade de um filho do Languedoc, o prazer de ir e vir sem ter de prestar contas dos meus atos, mesmo voluntariamente, a ninguém. Se não esqueci completamente os compromissos que contraíra, estava ocupado com interesses que deles me distraíam, e insensivelmente sua recordação se apagou. Não era sem um sentimento penoso que eu pensava em reatá-los. Entretanto, eu recebia cartas impregnadas de verdadeira ternura; mas aos vinte e dois anos um rapaz imagina as mulheres todas igualmente ternas, não sabe ainda distinguir entre o coração e a paixão; confunde tudo nas sensações do prazer, que parecem a princípio tudo abranger. Somente mais tarde, ao conhecer melhor os homens e os fatos, eu soube apreciar o que havia de verdadeira nobreza nessas cartas onde, nunca, nada de pessoal se misturava à expressão dos sentimentos, nas quais ela se alegrava por mim, pela minha fortuna, e

se lamentava de si, nas quais não supunha que eu pudesse mudar, porque se sentia incapaz de qualquer mudança. Mas já então eu me entregava a cálculos ambiciosos e pensava em mergulhar nas alegrias da riqueza, em tornar-me uma personagem, em fazer um belo casamento. Contentava-me em dizer “Ela me ama muito”, com a frieza de um fátuo. Já me sentia embaraçado em saber como me livraria daquela ligação. Esse embaraço e essa vergonha levam à crueldade; para não corar diante de sua vítima, o homem que começou ferindo-a mata-a. As reflexões que fiz sobre esses dias de erros desvendaram-me muitos abismos do coração. Sim, creia-me, senhor, aqueles que sondaram mais fundo os vícios e virtudes da natureza humana são os que os estudaram em si mesmos, de boa-fé. Nossa consciência é o ponto de partida. Vamos de nós para os homens, nunca dos homens para nós. Quando voltei a Paris, fui morar num palacete que mandara alugar, sem prevenir, nem de minha mudança nem de minha volta, a única pessoa interessada nelas. Eu desejava fazer figura no meio dos rapazes em evidência. Depois de ter gozado durante alguns dias as primeiras delícias da opulência, e quando fiquei suficientemente embriagado com elas para não fraquejar, fui visitar a pobre criatura que eu queria abandonar. Auxiliada pelo tato natural das mulheres, ela adivinhou meus sentimentos íntimos e me ocultou suas lágrimas. Deve ter-me desprezado; mas, sempre meiga e boa, nunca me manifestou desprezo. Essa indulgência atormentou-me cruelmente. Assassinos de salão ou de estrada, gostamos que nossas vítimas se defendam, pois o combate parece então justificar-lhes a morte. A princípio renovei muito afetuosamente minhas visitas. Se não era terno, eu fazia esforços por mostrar-me amável; depois tornei-me insensivelmente polido; um dia, por uma espécie de acordo tácito, ela deixou-me tratá-la como uma estranha, e julguei ter procedido muito convenientemente. Entretanto, atirei-me quase com fúria à vida mundana, para abafar em suas festas os poucos remorsos que ainda me restavam. Quem não tem a estima de si próprio não pode viver só; levei, pois, uma vida dissipada, a vida que levam em Paris os rapazes que têm fortuna. Possuindo instrução e muita memória, passava por ter mais espírito do que de fato tinha, e acreditei então valer mais do que outros: as pessoas interessadas em me provar que eu era um homem superior já me acharam convencido disso. Essa superioridade foi tão facilmente reconhecida, que nem sequer me dei o trabalho de justificá-la. De todas as práticas da sociedade, o elogio é o mais habilmente pérfido. Em Paris, principalmente, os políticos de todo gênero sabem abafar um talento desde o seu nascimento, sob coroas confusamente atiradas no seu berço. Não honrei, pois, minha reputação, não aproveitei minha fama para fazer carreira e não travei relações úteis. Meti-me em mil frivolidades de toda espécie. Tive dessas paixões efêmeras que são a

vergonha dos salões de Paris, aonde todos vão em busca de um amor verdadeiro, pervertem-se em sua procura, caem numa libertinagem de bom tom e chegam a admirar-se de uma paixão real tanto quanto o mundo se admira de uma bela ação. Imitei os outros, muitas vezes feri almas viçosas e nobres com os mesmos golpes que me magoavam secretamente.

“Apesar dessas falsas aparências, que faziam com que me julgassem mal, havia em mim uma delicadeza intratável à qual eu sempre obedecia. Fui ludibriado em muitas ocasiões em que teria corado de o não ser, e me desconsiderava por essa boa-fé que intimamente eu aprovava. De fato, a sociedade está cheia de respeito pela habilidade, sob qualquer forma que ela se mostre. Para ela, o resultado em tudo é o que importa. A sociedade atribuiu-me, portanto, vícios, qualidades, vitórias e derrotas que eu não tinha; atribuía-me triunfos amorosos que eu ignorava; censurava-me por ações a que eu era estranho; por altivez desdenhava desmentir as calúnias, e por amor-próprio aceitava os falatórios favoráveis. Na aparência minha vida era feliz, na realidade era miserável. Sem as desgraças que em breve se precipitaram sobre mim, eu teria gradualmente perdido minhas boas qualidades e deixado triunfar as más, pelo jogo contínuo das paixões, pelo abuso dos gozos que enervam o corpo e pelos detestáveis hábitos de egoísmo que gastam as molas da alma. Arruinei-me. Vou dizer-lhe como. Em Paris, seja qual for a fortuna de um homem, ele sempre encontra uma fortuna superior, fazendo dela seu alvo visado para sobrepujá-la. Vítima desse combate, como tantos outros desmiolados, fui obrigado a vender, ao cabo de quatro anos, algumas propriedades e a hipotecar as outras. Depois, um terrível golpe veio atingir-me. Eu ficara cerca de dois anos sem ver a pessoa que eu abandonara; mas, na marcha em que eu ia, a desgraça certamente ter-me-ia levado novamente para ela. Uma noite, em meio de uma alegre festança, recebi um bilhete escrito por uma mão fraca e que continha mais ou menos estas palavras:

“Só me restam poucos momentos de vida; tinha vontade de vê-lo, meu amigo, para conhecer a sorte de meu filho, saber se ele será o seu, e também para suavizar a dor que um dia você poderia sentir pela minha morte’.

“Essa carta gelou-me; ela revelava os sofrimentos secretos do passado, da mesma forma que encerrava os mistérios do futuro. Saí a pé, sem mesmo esperar meu carro, e atravessei toda Paris impelido pelos meus remorsos, tomado pela violência de um primeiro sentimento que se tornou durável assim que vi minha vítima. O asseio sob o qual se ocultava a miséria dessa mulher retratava-lhe as angústias da vida; ela poupou-me a vergonha, falando-me dela com uma nobre reserva, quando eu prometi solenemente adotar seu filho. Essa mulher,

senhor, morreu apesar dos cuidados que lhe dispensei, apesar de todos os recursos da ciência em vão invocados. Esses cuidados, essa tardia dedicação, de nada serviram a não ser para tornar seus últimos momentos menos amargos.

“Ela trabalhara constantemente para amamentar e criar seu filho. O sentimento materno pudera ampará-la contra a desgraça, mas não contra o mais vivo dos seus desgostos, o meu abandono. Cem vezes quisera tentar uma aproximação comigo, cem vezes seu orgulho de mulher a contivera; contentou-se em chorar sem me maldizer, ao pensar que, daquele ouro derramado em torrentes para os meus caprichos, nem uma gota desviada por uma recordação caía no seu pobre lar para auxiliar a vida de uma mãe e de seu filho. Esse grande infortúnio ela o interpretou como o castigo natural de sua falta. Secundada por um bom padre da igreja de Saint-Sulpice cuja voz indulgente lhe restituíra a calma, ela fora enxugar suas lágrimas à sombra dos altares e neles buscara esperanças. A amargura, por mim derramada em torrentes no seu coração, suavizara-se insensivelmente. Um dia, tendo ouvido o filho dizer *Meu pail*, palavras que não lhe ensinara, ela perdoou meu crime. Mas com as lágrimas e as dores, nos trabalhos diurnos e noturnos, sua saúde enfraquecera. A religião trouxe-lhe tarde demais suas consolações e a coragem de suportar os males da vida. Ela estava atacada de uma doença do coração, causada por suas angústias, pela perpétua espera de minha volta, esperança sempre renovada conquanto sempre desfeita. Enfim, ao ver-se nas últimas, escrevera-me de seu leito de morte aquelas poucas palavras isentas de recriminações e ditadas pela religião, mas também por sua crença na minha bondade. Ela sabia, assim afirmava, estar eu mais cegado do que pervertido: chegou ao ponto de se acusar por ter levado longe demais seu orgulho de mulher. ‘Se eu tivesse escrito mais cedo’, disse-me ela, ‘talvez tivéssemos tido tempo de legitimar nosso filho pelo casamento.’ Não desejava esses laços senão por causa do filho, e não os teria pedido se já não os sentisse desfeitos pela morte. Mas já não havia mais tempo; poucas horas de vida lhe restavam. Junto a esse leito, senhor, onde aprendi a conhecer o valor de um coração devotado, mudei para sempre de sentimentos. Eu estava na idade em que os olhos ainda têm lágrimas. Durante os últimos dias que aquela vida preciosa durou, minhas palavras, meus atos e meus prantos provaram o arrependimento de um homem atingido no coração. Demasiadamente tarde eu reconhecia a alma de escol que as pequenezes do mundo, a futilidade e o egoísmo das mulheres na moda tinham-me ensinado a desejar, a procurar. Cansado de ver tantas máscaras, cansado de ouvir tantas mentiras, eu tinha chamado o amor verdadeiro com o qual paixões factícias me faziam sonhar; admirei-o ali, morto por mim, sem poder retê-lo a meu lado, enquanto o tinha ainda tão meu. Uma

experiência de quatro anos revelara-me meu próprio e verdadeiro caráter. Meu temperamento, a natureza da minha imaginação, meus princípios religiosos, não tanto destruídos quanto adormecidos, meu gênero de espírito, meu coração incompreendido, tudo em mim havia algum tempo levava-me a resolver minha vida pelas voluptuosidades do coração, e a paixão pelas delícias da vida de família, as mais verdadeiras de todas. A força de debater-me no vácuo de uma existência agitada sem objetivo, de afagar um prazer sempre despido dos sentimentos que o devem embelezar, as imagens da vida íntima excitavam minhas mais vivas emoções. Assim é que a revolução operada nos meus costumes foi durável, embora rápida. Meu espírito meridional, adulterado pela estada em Paris, ter-me-ia levado certamente a não me apiedar da sorte de uma pobre moça enganada, e eu teria rido de suas lágrimas se algum gracioso me tivesse relatado numa roda alegre. Em França, o horror de um crime desaparece sempre na finura de um bom dito; em presença, porém, daquela celestial criatura a quem eu nada podia censurar, todas as sutilezas emudeciam: o esquife ali estava, meu filho sorria-me sem saber que eu lhe assassinava a mãe. Essa mulher morreu, morreu feliz, vendo que eu a amava e que esse novo amor não era devido nem à piedade nem mesmo ao laço que nos unia fortemente. Nunca esquecerei as últimas horas da agonia nas quais o amor reconquistado e a maternidade satisfeita fizeram as dores calar. A abundância e o luxo de que ela então se viu cercada, a alegria de seu filho, que se tornou mais belo nas bonitas vestes da primeira infância, foram os penhores de um feliz futuro para aquele pequenino ser no qual ela se via reviver. O vigário de Saint-Sulpice, testemunha do meu desespero, tornou-o mais profundo não me dando consolações banais, fazendo-me compreender a gravidade das minhas obrigações; eu, porém, não precisava de agulhão, minha consciência falava-me bastante alto. Uma mulher confiara-se a mim nobremente, e eu lhe havia mentido ao dizer-lhe que a amava enquanto a traía; eu causara todas as dores de uma pobre moça, a qual, depois de ter aceitado as humilhações da sociedade, deveria ser-me sagrada; ela morria perdando-me, esquecendo todos os seus males, porque adormecia confiada na palavra de um homem que já lhe faltara com palavra. Depois de ter-me dado sua confiança de moça, Ágata ainda achara em seu coração a confiança de mãe para entregar-me. Oh! Senhor, aquela criança! Seu filho! Só Deus sabe o que ele foi para mim. Aquele pequenino ser era, como a mãe, gracioso nos seus movimentos, no seu falar, nas suas ideias; mas não era ele para mim mais do que um filho? Não foi ele o meu perdão, a minha honra? Eu o queria como pai, queria ainda amá-lo como sua mãe o teria amado e transformar meus remorsos em felicidade, se conseguisse fazer-lhe crer que ele não cessara de estar no colo materno; assim, sentia-me preso a ele por todos os laços humanos e por todas as esperanças

religiosas. Tive, pois, no coração toda a ternura que Deus pôs no das mães. A voz daquela criança fazia-me estremecer, eu a contemplava, adormecido, longas horas com uma alegria sempre renovada, e muitas vezes uma lágrima caía-lhe sobre a testa; eu o acostumara a vir fazer suas preces na minha cama assim que ele acordava. Quantas suaves emoções me foram dadas pela simples e pura prece do *Pater noster* na boca fresca e pura daquela criança; mas também quantas emoções terríveis! Uma manhã, depois de ter rezado '*Padre nosso que estais no céu...*', ele se deteve:

“— Por que não *nossa mãe*? — pergunto-me.

“Essas palavras me aniquilaram. Eu adorava meu filho, e já semeara em sua vida várias causas de desdita. Embora as leis tenham reconhecido os erros da mocidade e os tenham quase protegido dando com má vontade uma existência legal aos filhos naturais, o mundo fortaleceu por preconceitos intransponíveis as repugnâncias da lei. Dessa época, senhor, datam as sérias reflexões que fiz sobre as bases da sociedade, sobre seu mecanismo, sobre os deveres do homem, sobre a moralidade que deve animar os cidadãos. O gênio abrange desde logo esses laços entre o sentimento do homem e os destinos da sociedade; a religião inspira aos espíritos bons os princípios necessários à felicidade, mas somente o arrependimento os grava nas imaginações fogosas: o arrependimento esclareceu-me. Não vivi senão para uma criança, e por essa criança fui levado a meditar sobre as grandes questões sociais. Resolvi armá-la pessoalmente, de antemão, com todos os meios de triunfo, a fim de preparar-lhe com segurança uma elevada posição social. Assim, para ensinar-lhe o inglês, o alemão, o italiano e o espanhol, coloquei sucessivamente à roda dele gente desses vários países, encarregada de o fazer adquirir desde a infância a pronúncia de suas línguas. Verifiquei nele, com alegria, excelentes disposições, que aproveitei para instruí-lo brincando. Não quis deixar nenhuma ideia falsa penetrar-lhe no espírito, procurei sobretudo acostumá-lo cedo aos trabalhos da inteligência, dar-lhe essa visão rápida e segura que generaliza, e essa paciência que desce até as menores minúcias das especialidades; enfim, ensinei-o a sofrer e a calar-se. Não permitia que uma palavra impura ou apenas imprópria fosse proferida diante dele. Graças aos meus cuidados os homens e as coisas que o cercavam contribuíram para enobrecer-lhe, para elevar-lhe a alma, para dar-lhe o amor da verdade, o horror à mentira, para torná-lo simples e natural nas palavras, nos atos, nas maneiras. A vivacidade da imaginação dele fazia-lhe prontamente aprender as lições exteriores, assim como a aptidão de sua inteligência tornava-lhe os outros estudos fáceis. Que linda planta para cultivar! Quanta alegria têm as mães! Compreendi então como a dele pudera viver e suportar sua desgraça.

“Eis aí, senhor, o maior acontecimento da minha vida; e agora chego

à catástrofe que me atirou neste cantão. Agora vou, pois, referir-lhe a mais vulgar das histórias, a mais simples do mundo, mas para mim a mais terrível. Após ter dado durante alguns anos todos os meus cuidados à criança da qual eu queria fazer um homem, minha solidão assustou-me; meu filho crescia, ia abandonar-me. O amor na minha alma era um princípio de existência. Eu sentia uma necessidade de afeição que, sempre fraudada, renascia mais forte e crescia com a idade. Havia em mim, então, todas as condições para uma afeição verdadeira. Eu tinha sofrido provações, compreendia quer as facilidades da constância quer a alegria de transformar um sacrifício num prazer; a mulher amada devia ser sempre a primeira nas nossas ações e nos meus pensamentos. Comprazia-me em sentir, imaginariamente, um amor chegado a esse grau de certeza no qual as emoções penetram tão bem dois seres que a felicidade passa para a vida, vive nos olhares, nas palavras, e não causa mais nenhum choque. Esse amor está então na vida como o sentimento religioso na alma, anima-a, sustenta-a e ilumina-a.

“Eu compreendia o amor conjugal de outro modo do que o compreende a maioria dos homens, e achava que sua beleza, que sua magnificência está precisamente nessas coisas que o fazem morrer numa multidão de casais. Eu sentia vivamente a grandeza moral de uma vida a dois, bastante intimamente partilhada para que os atos mais vulgares não mais sejam nela um obstáculo para a perpetuidade dos sentimentos. Mas onde encontrar corações que pulsem perfeitamente isócronos, permita-me essa expressão científica, para chegar a essa união celestial? Se existem, a natureza ou o acaso os atiram a tão grande distância que eles não se podem juntar; vêm a conhecer-se tarde demais ou são separados muito cedo pela morte. Essa fatalidade deve ter um sentido, mas jamais o busquei. Sofro muito com a minha ferida para estudá-la. Talvez a felicidade perfeita seja um monstro incapaz de perpetuar nossa espécie.

“Meu ardor por um casamento desse gênero era excitado por outras causas. Eu não tinha amigos. Para mim o mundo estava deserto. Há em mim qualquer coisa que se opõe ao doce fenômeno da união das almas. Algumas pessoas me procuraram, mas nada as fazia voltar para mim, fossem quais fossem os esforços que eu fizesse para isso. Para muitos homens, eu fiz calar isso que o mundo denomina superioridade; eu seguia-lhes os passos, esposava-lhes as ideias, ria do riso deles, desculpava-lhes defeitos de caráter; se eu tivesse alcançado a glória, tê-la-ia vendido por um pouco de afeição. Esses homens afastaram-se sem saudades. Em Paris, tudo são armadilhas e dores para as almas que nela querem achar sentimentos verdadeiros. Nos lugares da sociedade em que meus pés pousavam, o terreno em torno a mim se queimava. Para alguns, minha complacência era fraqueza; se lhe mostrava as garras do

homem que se sentia com força para um dia manejar o poder, eu era mau; para os outros, esse riso delicioso que cessa aos vinte anos e ao qual, mais tarde, quase temos vergonha de nos entregar era objeto de zombaria, eu os divertia. Hoje em dia o mundo se aborrece, e, não obstante, quer gravidade nas conversações mais fúteis. Época horrível! Em que nos curvamos diante de um homem polido, medíocre e frio, que odiamos, mas ao qual obedecemos.

“Descobri mais tarde os motivos dessas inconseqüências aparentes. A mediocridade, senhor, basta para todas as horas da vida, é a vestimenta cotidiana da sociedade; tudo que sai da sombra suave projetada pelas pessoas medíocres é algo excessivamente brilhante; o gênio, a originalidade são joias que fechamos e que guardamos para com elas nos adornarmos em certos dias.

“Enfim, senhor, solitário no meio de Paris, nada podendo achar na sociedade, que nada me dava quando eu lhe dava tudo; não me bastando meu filho para contentar meu coração, porque eu era homem; um dia em que senti minha vida esfriar, em que eu vergava sob o fardo das minhas misérias secretas, encontrei a mulher que devia fazer-me conhecer o amor na sua violência, o respeito por um amor confessado, o amor com suas fecundas esperanças de felicidade, enfim, o amor!”

III — EVELINA

— Reatara eu relações com o velho amigo de meu pai, que no passado cuidava dos meus interesses; foi em casa dele que vi a jovem criatura pela qual senti um amor que durará enquanto durar minha vida. Quanto mais o homem envelhece, senhor, mais ele reconhece a prodigiosa influência das ideias sobre os acontecimentos. Preconceitos muito respeitáveis, engendrados por nobres ideias religiosas, foram a causa da minha desgraça. Essa moça pertencia a uma família extremamente devota, cujas opiniões católicas eram devidas ao espírito de uma seita impropriamente denominada jansenista,⁵⁸ e que outrora causou perturbações em França; sabe por quê?

— Não — disse Genestas.

— Jansenius, bispo de Ypres, escreveu um livro no qual julgaram encontrar proposições em desacordo com as doutrinas da Santa Sé. Mais tarde, as proposições textuais parecerem não oferecer mais heresia, chegando mesmo alguns autores a negar a existência material das máximas. Esses debates insignificantes fizeram nascer na Igreja galicana dois partidos, o dos jansenistas e o dos jesuítas. Dos dois lados havia grandes homens. Foi uma luta entre dois corpos poderosos. Os jansenistas acusaram os jesuítas de professarem uma moral muito frouxa, e afetaram uma excessiva pureza de costumes e de princípios; os

jansenistas foram na França uma espécie de puritanos católicos, se é que esses dois termos se podem aliar. Durante a Revolução Francesa formou-se, em consequência do cisma pouco importante que a Concordata⁵⁹ produziu, uma congregação de católicos puros que não reconheciam os bispos instituídos pelo poder revolucionário e pelas transigências do papa. Esse rebanho de fiéis constituiu o que se chama a pequena Igreja, cujas ovelhas, como os jansenistas, professaram essa regularidade exemplar de vida que parece ser uma lei necessária à existência de todas as seitas proscritas e perseguidas. Várias famílias jansenistas pertenciam à pequena Igreja. Os parentes da moça tinham adotado aqueles dois puritanismos igualmente severos que dão ao caráter e à fisionomia qualquer coisa de imponente; porque o característico das doutrinas absolutas é engrandecer os atos mais simples, referindo-os à vida futura; daí essa magnífica e suave pureza do coração, esse respeito dos outros e de si mesmo; daí não sei que sentimento melindroso do justo e do injusto; além disso, uma grande caridade, mas também a equidade estrita e, para dizer tudo, implacável; enfim, um profundo horror pelos vícios, sobretudo pela mentira, que os engloba a todos.

“Não me lembro de ter conhecido momentos mais deliciosos que aqueles durante os quais eu admirava pela primeira vez, em casa do meu velho amigo, a jovem verdadeira, tímida, moldada a todas as obediências, na qual brilhavam todas as virtudes peculiares àquela seita, sem que entretanto ela manifestasse nenhum orgulho. Seu busto flexível e desempenado dava-lhe aos movimentos uma graça que o seu rigorismo não podia atenuar; a forma do seu rosto tinha as distinções e suas feições tinham a finura de uma jovem pertencente à família nobre; seu olhar era ao mesmo tempo meigo e altivo, sua fronte era calma; além disso, sobre sua cabeça avultavam cabelos abundantes, simplesmente trançados, que lhe serviam, sem que ela se desse conta, de ornamento. Enfim, capitão, ela me apresentava o tipo de uma perfeição que sempre achamos na mulher pela qual nos apaixonamos; não nos é preciso, para amá-la, achar nela os caracteres dessa beleza sonhada que coincide com nossas ideias particulares? Quando lhe dirigi a palavra, ela me respondeu simplesmente, sem ardor nem falso pejo, ignorando o prazer que causavam as harmonias de sua voz e de seus dons exteriores. Todos esses anjos têm os mesmos sinais pelos quais o coração os reconhece: a mesma doçura de voz, mesma ternura no olhar, mesma alvura de tez, qualquer coisa de bonito nos gestos. Essas qualidades se harmonizam, se fundem e se casam para seduzir, sem que se possa distinguir em que consiste a sedução. Uma alma divina se exala por todos os movimentos. Amei apaixonadamente. Esse amor despertou, satisfez os sentimentos que me agitavam; ambição, fortuna, enfim, todos os meus sonhos! Bela, nobre, rica e bem-educada,

essa moça possuía os atributos que a sociedade exige arbitrariamente de uma mulher colocada na alta posição a que eu queria chegar; instruída, ela se expressava com essa eloquência espirituosa, ao mesmo tempo tão rara e tão comum na França, onde em muitas mulheres as mais belas palavras são vazias, ao passo que nela o espírito estava cheio de sentido. Enfim, ela possuía, principalmente, um profundo sentimento de sua dignidade, que impunha respeito; nada conheço de mais belo para uma esposa. Detenho-me, capitão! Nunca se descreve uma mulher amada senão muito imperfeitamente; entre ela e nós preexistem mistérios que fogem à análise.

“Não demorou muito, confiei-me ao meu velho amigo, o qual me apresentou à família, onde me apoiou com sua respeitável autoridade. Embora recebido a princípio com essa fria polidez peculiar às pessoas exclusivas, que não mais abandonam os amigos uma vez por elas adotados, consegui mais tarde ser acolhido mais familiarmente. Com certeza devi essa prova de estima ao procedimento que tive nessa ocorrência. Apesar da minha paixão, nada fiz que pudesse desonrar-me a meus próprios, não tive nenhuma complacência servil, não adulei aqueles de quem meu destino dependia; mostrei-me tal qual eu era, um homem antes de tudo. Quando meu caráter ficou bem conhecido, meu velho amigo, desejoso, tanto como eu, de ver terminar meu triste celibato, falou das minhas esperanças, que foram acolhidas favoravelmente, mas com a finura de que raramente se despojam as pessoas da sociedade; e, pelo desejo de me conseguir um *bom casamento*, expressão que faz de um ato solene uma espécie de negócio comercial, no qual um dos dois cônjuges procura enganar o outro, o ancião nada disse do que ele chamava um erro da mocidade. Na opinião dele, a existência de meu filho despertaria repulsas morais, ante as quais o assunto fortuna nada seria, e que determinariam uma ruptura. Ele tinha razão.

“— Isso — disse-me ele — será um assunto que se arranjará muito bem entre você e sua mulher, da qual obterá facilmente uma boa e bela absolvição.

“Enfim, para abafar meus escrúpulos, ele não esqueceu nenhum dos capciosos argumentos que a sabedoria habitual da sociedade sugere. Devo confessar-lhe, senhor, que, apesar da minha promessa, meu primeiro impulso levou-me lealmente a tudo comunicar ao chefe da família; mas sua rigidez fez-me refletir e as consequências dessa confidência me assustaram; transigi covardemente com minha consciência e resolvi esperar, e obter da minha prometida suficientes garantias de afeição para que minha felicidade não ficasse comprometida por aquela terrível confissão. Minha resolução de tudo confessar num momento oportuno legitimou os sofismas sociais e os do prudente ancião. Fui, pois, à revelia dos amigos da família, admitido

como futuro marido, em casa dos pais da moça. O caráter distintivo dessas famílias devotas é uma discrição sem limites; nelas, todos se calam a respeito de tudo, mesmo de coisas indiferentes. Não poderia imaginar, senhor, o quanto essa suave gravidade, difundida nas menores coisas, torna os sentimentos profundos. Ali todas as ocupações eram úteis; as mulheres empregavam seus lazeres fazendo roupa para os pobres; a conversação nunca era frívola, mas o riso não era banido, embora os gracejos fossem simples e sem malícia. As palavras daqueles ortodoxos pareciam a princípio estranhas, despidas do sal que a maledicência e as histórias escandalosas dão às conversações mundanas; porquanto somente o pai e o tio liam os jornais, e nunca minha prometida pusera os olhos naquelas folhas, das quais mesmo a mais inocente fala ainda dos crimes ou dos vícios públicos; mais tarde, porém, a alma experimentava, naquela atmosfera pura, a impressão que nossos olhos recebem das cores cinzentas, um doce repouso, uma suave quietude.

“Essa vida era na aparência de uma monotonia espantosa. O aspecto interior daquela casa tinha qualquer coisa de glacial: via ali, todos os dias, os móveis, mesmo os de mais uso, colocados exatamente do mesmo modo, e os mais insignificantes objetos igualmente limpos. Não obstante, aquele modo de viver prendia fortemente. Depois de ter vencido a primeira repugnância de um homem acostumado aos prazeres do mais variado luxo e movimento parisiense, reconheci as vantagens daquela existência: ela desenvolve as ideias em toda sua extensão e provoca involuntárias contemplações; o coração domina nesse ambiente, nada o distrai, ele acaba por perceber ali não sei quê imenso como o mar. Ali, como nos claustros, tornando a encontrar sempre as mesmas coisas, o pensamento se desprende necessariamente delas, e se atira sem restrições ao infinito dos sentimentos. Para um homem tão sinceramente enamorado como eu o estava, o silêncio, a simplicidade da vida, a repetição quase monástica dos mesmos atos, realizados às mesmas horas, deram mais força ao amor. Naquela calma profunda, os menores movimentos, uma palavra, um gesto, adquiriam um interesse prodigioso. Nada forçando nada na expressão dos sentimentos, um sorriso, um olhar oferecem, a corações que se entendem, imagens inesgotáveis para lhes pintar as delícias e as misérias. Por isso compreendi então que a linguagem, na magnificência de suas frases, nada tem de tão variado, de tão eloquente como a correspondência dos olhares e a harmonia dos sorrisos. Quantas vezes não tentei fazer passar minha alma para meus olhos ou para meus lábios, ao ver-me obrigado a calar e a expressar simultaneamente a violência do amor a uma moça que, perto de mim, permanecia constantemente tranquila, e para a qual o segredo da minha presença em sua casa ainda não fora revelado, pois seus pais queriam deixar-lhe

o livre-arbítrio no mais importante ato da vida. Quando, porém, se sente uma paixão verdadeira, não satisfaz a presença da pessoa amada nossos mais violentos desejos? Quando somos admitidos à sua presença, não é isso a felicidade do cristão diante de Deus? Ver não é adorar? Se para mim, mais do que para outro qualquer, foi um suplício não ter o direito de exprimir os arroubos do meu coração; se foi forçado a sepultar nele as ardentes palavras que iludem mais ardentes emoções ao exprimi-las; não obstante, aquele constrangimento, aprisionando minha paixão, fê-la revelar-se mais viva nas pequenas coisas, e os menores acidentes adquiriram então um valor excessivo. Admirá-la durante horas inteiras, esperar uma resposta e saborear durante muito tempo as modulações de sua voz para nela buscar seus mais secretos pensamentos, espiar o tremor de seus dedos, quando eu lhe apresentava qualquer objeto que ela tinha procurado, imaginar pretextos para lhe roçar o vestido ou os cabelos, para pegar-lhe a mão, para fazê-la falar mais do que ela queria; todas essas ninharias eram grandes acontecimentos. Durante essas espécies de êxtases, os olhos, o gesto, a voz traziam à alma ignorados testemunhos de amor. Tal foi a minha linguagem, a única que a reserva friamente virginal daquela moça me permitiu; porque suas maneiras não mudavam, ela estava sempre comigo como uma irmã com o irmão; somente, à medida que minha paixão aumentava, o contraste entre as minhas palavras e as dela, entre os meus olhares e os dela, tornava-se mais evidente, e eu acabei por adivinhar que aquele tímido silêncio era o único meio que podia servir para aquela moça exprimir seus sentimentos. Não estava ela sempre no salão, quando eu ia lá? Não ficava ela ali durante a minha visita esperada e talvez pressentida? Não revelava essa fidelidade silenciosa o segredo da sua alma inocente? Enfim, não ouvia ela minhas palavras com um prazer que não sabia ocultar? A ingenuidade das suas maneiras e a melancolia do nosso amor acabaram por impacientar os pais, que, vendo-me quase tão tímido como a filha, me julgaram favoravelmente e me consideraram como um homem digno da sua estima. O pai e a mãe confiaram-se a meu velho amigo, e disseram-lhe de mim as mais lisonjeiras coisas: eu me tornara seu filho adotivo, eles admiravam sobretudo a moralidade dos meus sentimentos. É verdade que então tornava a sentir-me moço. Naquele meio religioso e puro, o homem de trinta e dois anos voltava a ser o adolescente cheio de fé. Terminava o verão, e a família, contra seus hábitos, fora retida em Paris por múltiplas ocupações; no mês de setembro, porém, ela pôde partir para uma propriedade situada no Auvergne, e o pai convidou-me a ir passar dois meses num velho castelo perdido nas montanhas do Cantal. Quando esse convite amistoso me foi feito, eu a princípio não respondi. Minha hesitação valeu-me a mais terna, a mais deliciosa das expressões involuntárias pelas quais uma jovem modesta é capaz de trair os mistérios de seu coração. Evelina...

Deus!”, exclamou Benassis, que ficou pensativo e silencioso.

“Perdoe-me, Capitão Bluteau”, continuou ele após uma longa pausa. “É esta a primeira vez, faz doze anos, que pronuncio um nome que adeja sempre em meu pensamento, e que uma voz, durante meu sono, me brada com frequência. Evelina, pois, já que lhe disse o nome, ergueu a cabeça com um movimento cuja rapidez insólita contrastava com a doçura inata dos seus gestos; olhou-me sem orgulho, mas com uma inquietação dolorosa; corou e baixou os olhos. A lentidão com que levantou as pálpebras causou-me não sei que prazer até então ignorado. Não pude responder senão com voz entrecortada, balbuciando. A emoção de meu coração falou vivamente ao dela, e agradeceu-me com um olhar meigo, quase úmido. Nós nos tínhamos dito tudo. Acompanhei a família à sua propriedade. Desde o dia em que nossos corações se entenderam, as coisas tomaram novo aspecto em torno a nós; nada mais nos foi indiferente. Embora o amor verdadeiro seja sempre o mesmo, ele tem de pedir forma às nossas ideias, e achar-se assim constantemente semelhante e dessemelhante de si mesmo, em cada ser, cuja paixão se torna uma obra única na qual se exprimem suas simpatias. Por isso, somente o filósofo e o poeta conhecem a profundidade dessa definição do amor, hoje vulgar: um egoísmo a dois. Nós nos amamos nós mesmos no *outro*. Mas, se a expressão do amor é de tal forma diversa que cada casal de amantes não tem seu igual na sucessão dos tempos, ela obedece, entretanto, ao mesmo modo nas suas expansões. Assim as moças, mesmo as mais religiosas, as mais castas de todas, empregam a mesma linguagem e não diferem senão pela graça das suas ideias. Somente, onde para uma outra a inocente confiança de suas emoções teria sido natural, Evelina via uma concessão feita a sentimentos tumultuosos que prevaleciam sobre a calma habitual de sua mocidade religiosa; o mais furtivo olhar parecia ser-lhe violentamente arrancado pelo amor. Essa luta constante entre seu coração e seus princípios dava ao menor acontecimento de sua vida, tão sossegada na superfície e tão profundamente agitada, um caráter de força bem superior aos exageros das jovens cujas maneiras são cedo falseadas pelos costumes mundanos. Durante a viagem, Evelina achava na natureza belezas de que falava com admiração. Quando não julgamos ter o direito de exprimir a felicidade causada pela presença da criatura amada, nós transferimos as sensações que superabundam em nosso coração para os objetos exteriores que os nossos sentimentos ocultos embelezam. A poesia dos sítios que passavam ante nossos olhos era então para nós ambos um intérprete bem compreendido, e os elogios que lhes fazíamos continham para nossas almas os segredos do nosso amor. Por várias vezes a mãe de Evelina divertiu-se em embaraçar a filha com algumas malícias de mulher:

“— Você já passou vinte vezes por este vale, minha querida filha, sem

parecer admirá-lo — disse-lhe ela após uma frase um tanto calorosa de Evelina.

“— É que eu não tinha chegado ainda à idade em que se sabe apreciar essa espécie de beleza, mamãe.

“Perdoe-me esse pormenor sem encantos para o senhor, capitão; mas essa resposta tão simples causou-me alegrias indizíveis, todas elas tiradas do olhar que me foi dirigido. Assim, tal aldeia iluminada pelo sol nascente, tal ruína coberta de hera, que juntos contemplávamos, serviram para imprimir mais fundamente em nossas almas, pela recordação de uma coisa material, doces emoções nas quais para nós se tratava de todo o nosso futuro. Chegamos ao castelo matrimonial, onde fiquei cerca de quarenta dias. Esse tempo, senhor, foi a única porção de felicidade completa que o céu me concedeu. Saboreei prazeres ignorados pelos habitantes das cidades. Foi toda a felicidade que dois amantes têm, de viver sob o mesmo teto, de se desposarem por antecipação, de caminharem juntos pelos campos, de poderem estar sós por vezes, de se sentarem debaixo de uma árvore no fundo de algum bonito valezinho, de olharem a arquitetura de um velho moinho, de se arrancarem algumas confidências, compreende? Dessas pequenas conversações afetuosas pelas quais se penetra um pouco mais no coração um do outro. Ah! Senhor, a vida ao ar livre, as belezas do céu e da terra se harmonizam tão bem com a perfeição e as delícias da alma! Sorrir um para o outro, contemplando o céu, entremear palavras simples ao canto dos pássaros sob a folhagem úmida, voltar para casa a passos lentos ouvindo o som da sineta que nos chama tão depressa, juntos admirar um pequeno detalhe de paisagem, seguir os caprichos de um inseto, examinar uma mosca de ouro, uma frágil criação segura por uma jovem amante e pura, não é isso ser atraído, todos os dias, um pouco mais alto, para o céu? Houve para mim, nesses quarenta dias de felicidade, recordações para colorir toda uma vida, recordações tanto mais belas e mais vastas porque nunca mais desde então eu devia ser compreendido.

“Hoje, imagens simples na aparência, mas cheias de significações amargas para um coração despedaçado, recordaram-me amores desfalecidos, mas não olvidados. Não sei se já notou o efeito do sol poente sobre o rancho do pequeno Jacques. Num momento, os raios do sol fazem resplandecer a natureza, depois, subitamente, a paisagem se torna sombria e negra. Esses dois aspectos tão diferentes apresentaram-me um quadro fiel desse período de minha história.

“Recebi dela, senhor, o primeiro, o único e sublime testemunho que seja permitido a uma moça inocente dar, e que, quanto mais furtivo é, mais liga: suave promessa de amor, recordação de uma linguagem falada num mundo melhor! Seguro então de ser amado, jurei dizer tudo, não ter segredo para ela, envergonhei-me de ter tardado tanto em

contar-lhe os pesares que eu me havia criado. Por desgraça, no dia seguinte a esse tão lindo, uma carta do preceptor de meu filho fez-me tremer de medo por uma vida que me era tão cara. Parti sem revelar meu segredo a Evelina, sem dar à família outra desculpa que não a de um assunto importante. Na minha ausência, os pais se alarmaram. Temendo que eu tivesse algum compromisso amoroso, escreveram para Paris a fim de obter informações a meu respeito. Inconsequentes com os seus princípios religiosos, desconfiaram de mim, sem me darem ocasião de lhes dissipar as suspeitas; um amigo deles informou-os, sem que eu soubesse, dos acontecimentos da minha mocidade, envenenou minhas faltas, insistiu sobre a existência de meu filho, a qual, dizia ele, eu ocultava propositadamente. Quando escrevi aos meus futuros parentes, não tive resposta; voltaram para Paris, apresentei-me em casa deles, não fui recebido. Alarmado, mandei meu velho amigo saber o motivo de um procedimento que absolutamente eu não compreendia. Quando soube a causa, o bom velho sacrificou-se nobremente, assumiu a responsabilidade do crime do meu silêncio, quis justificar-me e nada pôde conseguir. As razões de interesse e de moral eram muito grandes para aquela família, seus preconceitos eram por demais definitivos para a fazerem mudar de resolução. Meu desespero não teve limites. A princípio procurei desviar a tormenta; mas minhas cartas foram-me devolvidas sem terem sido abertas. Quando todos os meios humanos foram esgotados; quando o pai e a mãe disseram ao meu velho amigo, autor de meu infortúnio, que recusariam eternamente a filha a um homem que tinha a censurar-se a morte de uma mulher e a vida de um filho natural, mesmo que Evelina lhes implorasse de joelhos, então, senhor, não me ficou senão uma última esperança, fraca como o galho de salgueiro ao qual se agarra um infeliz, quando se está afogando. Atrevi-me a pensar que o amor de Evelina seria mais forte do que as resoluções paternas e que ela saberia vencer a inflexibilidade dos seus progenitores; o pai podia ter-lhe ocultado os motivos da recusa que matava nosso amor; eu quis que ela decidisse da minha sorte com pleno conhecimento de causa: escrevi-lhe. Ai de mim! Senhor, por entre lágrimas e dores, escrevi, não sem cruéis hesitações, a única carta de amor que já saiu de minhas mãos. Não sei hoje, a não ser vagamente, o que o desespero me ditou; com certeza eu dizia à minha Evelina que, se ela tinha sido sincera e verdadeira, não podia, não devia jamais amar a outro que não eu; não estava ela com a vida destroçada? Não estava ela condenada a mentir ao seu futuro esposo ou a mim? Não traía ela as virtudes da mulher, recusando ao seu amante mal compreendido o mesmo devotamento que ela teria manifestado por ele, se o casamento realizado nos nossos corações tivesse sido efetuado? E que mulher não gostaria de se sentir mais unida pelas promessas do coração do que pelas correntes da lei? Justifiquei minhas faltas invocando todas as

purezas da inocência, sem nada esquecer do que pudesse enternecer uma alma nobre e generosa. Mas, visto que lhe confesso tudo, vou buscar, para mostrar-lhe, a resposta dela e a minha última carta”, disse Benassis, saindo para subir a seu quarto.

IV — PARA OS CORAÇÕES FERIDOS, SOMBRA E SILÊNCIO

Voltou logo, trazendo na mão uma carteira usada, da qual tirou, não sem profunda emoção, uns papéis postos sem ordem e que lhe tremeram nas mãos.

— Aqui está a fatal carta — disse ele. — A criança que escreveu estes caracteres não sabia a importância que teria para mim o papel que contém estes pensamentos. Aqui está — disse ele, mostrando uma outra carta — o último grito que me foi arrancado pelo sofrimento, e que o senhor julgará daqui a pouco. Meu velho amigo levou minha súplica, entregou-a em segredo, humilhou seus cabelos brancos pedindo a Evelina que a lesse, que a respondesse, e aqui está o que ela me escreveu:

“Senhor”...

“Eu, que antes era o seu *amado*, nome casto achado por ela para exprimir um casto amor, eu era agora chamado de *senhor*! Essa palavra dizia tudo. Mas ouça a carta:

“É bem cruel para uma moça perceber falsidade no homem a quem sua vida deve ser confiada; não obstante, tive que desculpá-lo, somos tão fracos! Sua carta comoveu-me, mas não me escreva mais, sua letra causa-me perturbações que não posso suportar. Estamos separados para sempre. Os motivos que me deu seduziram-me, sufocaram o sentimento que se havia erguido na minha alma contra o senhor; eu gostava tanto de vê-lo puro! Mas o senhor e eu nos sentimos muito fracos ante meu pai! Sim, senhor, atrevi-me a falar em seu favor. Para suplicar a meus pais, foi-me preciso sobrepor-me aos maiores terrores que já me agitaram, é quase mentir aos hábitos de minha vida. Agora, cedo ainda às suas súplicas, e torno-me culpada ao responder-lhe sem que meu pai tenha disso conhecimento; minha mãe, porém, o sabe; sua indulgência, ao deixar-me livre durante um momento para estar a sós com o senhor, provou-me o quanto ela me amava, e fortificou-me no meu respeito pelas vontades da família, que eu estava bem perto de esquecer. Assim, senhor, escrevo-lhe pela primeira e última vez. Perdoo-lhe, sem nenhum ressentimento, as desditas que o senhor semeou na minha vida. Sim, tem razão, um primeiro amor não se apaga. Não sou mais uma jovem pura, não poderia ser uma casta esposa. Ignoro, pois,

qual será o meu destino. Como vê, o ano que o senhor encheu terá prolongadas repercussões no futuro; mas não o acuso. Serei sempre amada! Por que mo disse? Essas palavras acalmarão, acaso, a alma agitada de uma pobre moça solitária? Já não me perdeu o senhor na minha vida futura, dando-me recordações que sempre voltarão? Se agora não posso pertencer senão a Jesus, aceitará ele um coração despedaçado? Ele, porém, não me mandou em vão estas aflições, ele tem seus desígnios, e queria sem dúvida chamar-me a si, ele, meu único refúgio hoje. Senhor, nada me resta no mundo. O senhor, para amortecer seus desgostos, tem todas as ambições naturais do homem. Isto não é uma censura, mas uma espécie de consolação religiosa. Penso que, se neste momento carregamos um fardo que nos magoa, toca-me a mim a parte mais pesada. *Aquele* em quem coloquei todas as minhas esperanças, e do qual o senhor não poderá ter ciúme, atou nossa vida; ele saberá desatá-la de acordo com sua vontade. Percebi que suas crenças religiosas não estavam alicerçadas nessa fé viva e pura que nos ajuda a suportar aqui na terra os nossos males. Senhor, se Deus se dignar atender os votos de uma constante e ardente prece, Ele lhe concederá a graça de suas luzes. Adeus, ao senhor que deveria ter sido meu guia, o senhor a quem pude sem crime chamar *meu amado*, e por quem posso ainda rezar sem pejo. Deus dispõe à sua vontade dos nossos dias, Ele poderá chamá-lo antes que a mim; mas se eu ficar sozinha no mundo, então, senhor, confie-me essa criança’.

“Essa carta, cheia de sentimentos generosos, frustrava as minhas esperanças”, continuou Benassis. “Por isso, a princípio não ouvi senão minha dor; mais tarde, respirei o perfume que aquela moça tentava derramar sobre as feridas de minha alma, olvidando-se a si mesma; mas, desesperado, escrevi-lhe com certa dureza.

“Senhorita, esta única palavra já lhe diz que renuncio à sua pessoa e que lhe obedeço! Um homem acha ainda não sei que horrível doçura em obedecer à pessoa amada, mesmo quando esta lhe ordena que a abandone. Tem razão e a mim mesmo me condeno. Outrora não reconheci o devotamento de uma moça; minha paixão não deve ser hoje reconhecida. Não acreditava, porém, que a única mulher a quem entreguei minha alma se encarregasse dessa vingança. Jamais suspeitaria existisse tanta dureza, talvez virtude, num coração que me parecia tão terno e tão amante. Acabo de conhecer a extensão do meu amor; ele resistiu à mais inaudita das dores, ao desprezo que a senhorita me manifesta, rompendo sem pesar os laços pelos quais nos uníramos. Adeus para sempre. Guardo comigo o humilde orgulho do arrependimento, e vou procurar uma situação em que possa expiar faltas para as quais a senhorita, minha intermediária no céu, foi sem piedade. Deus será, talvez, menos cruel comigo. Meus sofrimentos, sofrimentos cheios da senhorita, punirão um coração ferido que

sangrará sempre na solidão; porque, para os corações feridos, a sombra e a solidão. Nenhuma outra imagem de amor se imprimirá no meu coração. Embora não seja mulher, como a senhorita, compreendi que, ao dizer *Eu te amo*, eu me ligava para toda a vida. Sim, essas palavras proferidas ao ouvido da *minha amada* não eram uma mentira; se eu pudesse mudar, ela teria razão no seu desprezo; a senhorita há de ser, para todo o sempre, o ídolo da minha solidão. O arrependimento e o amor são duas virtudes que devem inspirar todas as outras; assim, pois, apesar dos abismos que nos vão separar, a senhorita será sempre o princípio de minhas ações. Embora tenha afogado meu coração em amarguras, nele não se encontrarão contra a senhorita pensamentos amargos; não seria iniciar mal minhas novas obras a não as depurar de todo mau fermento? Adeus, pois, senhorita, único coração que amo neste mundo e de onde sou expulso. Nunca um adeus terá contido mais sentimento ou mais ternura; não leva ele consigo uma alma e uma vida que não está no poder de ninguém reanimar? Adeus; para a senhorita a paz, para mim a infelicidade!”

Uma vez lidas essas duas cartas, Genestas e Benassis se olharam durante um momento, abismados em tristes pensamentos, que eles não se comunicaram.

V — LÁGRIMAS E MELANCOLIA

— Depois de ter mandado esta última carta, cujo rascunho foi conservado, como o senhor vê, e que para mim representa hoje todas as minhas alegrias, porém emurchecidas — continuou Benassis —, cá num abatimento indizível. Os laços que podem, aqui na terra, prender um homem à existência estavam reunidos nessa casta esperança, doravante perdida. Era preciso dizer adeus às delícias do amor permitido, e deixar que morressem as ideias generosas que floresciam no fundo de meu coração. Os anseios de uma alma arrependida que tinha sede do belo, do bom e do honesto eram repelidos por gente verdadeiramente religiosa. No primeiro momento, senhor, meu espírito foi agitado pelas mais extravagantes resoluções; a presença de meu filho, porém, combateu-as com felicidade. Senti então meu afeto por ele crescer-se por todas as desgraças de que ele era causa inocente, e das quais só a mim mesmo devia acusar. Ele se tornou, pois, todo o meu consolo. Aos trinta e quatro anos eu podia esperar ser nobremente útil à minha pátria; resolvi tornar-me um homem célebre, a fim de, à força de glória ou sob o esplendor do poder, apagar a falta que maculava o nascimento de meu filho. Quantos belos sentimentos devo a ele, e quanto ele me fez viver durante os dias em que eu me ocupava de seu futuro! Sufoco! — exclamou Benassis. — Após onze anos não posso

ainda pensar nesse ano funesto... Esse filho, senhor, perdi-o!

O médico calou-se e ocultou o rosto nas mãos, as quais deixou cair quando recobrou um pouco a calma. Não foi sem emoção que Genestas viu naquele momento as lágrimas que banhavam os olhos de seu hospedeiro.

— Senhor, esse raio que caiu sobre mim a princípio desarvorou-me — continuou Benassis. — Só pude reconhecer as luzes de uma sã moral, depois de me ter transplantado para um outro solo que não o do mundo social... Não foi senão mais tarde que reconheci a mão de Deus nas minhas desgraças, e mais tarde também foi que me soube resignar ao ouvir-lhe a voz. Minha resignação não podia ser súbita, foi preciso que meu caráter exaltado despertasse; gastei as últimas chamas de meu ardor numa última tempestade; muito tempo hesitei antes de escolher a única resolução que a um católico convém tomar. Quis a princípio matar-me. Tendo todos esses acontecimentos desenvolvido exageradamente em mim o sentimento melancólico, decidi-me friamente a esse ato de desespero. Eu pensava que nos era lícito deixar a vida quando a vida nos deixava. O suicídio parecia-me estar na natureza. Os pesares devem produzir na alma do homem os mesmos estragos que a dor extrema causa no corpo; ora, esse ser inteligente, sofrendo por causa de um mal moral, tem o direito de se matar pela mesma razão que a ovelha, a qual, impelida pela cenurose, vai quebrar a cabeça contra uma árvore. Acaso serão os males da alma mais fáceis de curar do que as doenças corporais? Tenho ainda minhas dúvidas. Entre o que espera sempre e o que não espera mais, não sei qual o mais covarde. O suicídio pareceu-me ser a última crise de uma doença moral, como a morte natural é a de uma doença física; mas a vida moral, estando submetida às leis particulares da vontade humana, sua cessação não deverá concordar com as manifestações da inteligência? Por isso, é um pensamento que mata, e não a pistola. Aliás, o acaso que nos mata no momento em que a vida é completamente feliz não absolve o homem que se recusa a arrastar uma vida infeliz? Mas, senhor, as meditações que fiz nesses dias de luto ergueram-me a mais elevadas considerações. Durante algum tempo fui cúmplice dos grandes sentimentos da antiguidade pagã; mas, ao procurar nela novos direitos para o homem, julguei poder, à luz dos faróis modernos, aprofundar mais que os antigos as questões outrora reduzidas a sistemas. Epicuro⁶⁰ permitia o suicídio. Não era este o complemento da sua moral? Era-lhe necessário, fosse a que preço fosse, o gozo dos sentidos; faltando esta condição, era agradável e permitido ao ser animado voltar ao repouso da natureza inanimada; sendo a felicidade e a esperança da felicidade a única finalidade do homem para quem sofresse e sofresse sem esperança, a morte tornava-se um bem; dar-se a si mesmo a morte, voluntariamente, era um último ato de bom senso. Esse ato, ele não o preconizava e

tampouco o condenava; contentava-se em dizer, fazendo uma libação a Baco: “Em morrer, não há do que rir, não há do que chorar”. Mais moral e mais imbuído dos deveres que os epicuristas, Zenão,⁶¹ e todo o Pórtico,⁶² em alguns casos prescrevia o suicídio aos estoicos. Ele raciocinava assim: O homem difere do irracional por dispor soberanamente de sua pessoa; tirem-lhe esse direito de vida e de morte sobre si mesmo, e ele se tornará escravo dos homens e dos acontecimentos. Esse direito de vida e de morte, bem reconhecido, constitui o contrapeso eficaz de todos os males naturais e sociais; esse mesmo direito, conferido ao homem sobre seu semelhante, origina todas as tiranias. O poder do homem não existe, pois, em parte alguma sem uma liberdade indefinida nos seus atos. É necessário furtar-se alguém às consequências vergonhosas de uma falta irremediável? O homem vulgar engole a vergonha e vive, o sábio bebe cicuta e morre. É necessário disputar os restos de vida à gota que esmaga os ossos, ao câncer que devora o rosto? O sábio julga a oportunidade do momento, despede os charlatões e diz um último adeus aos amigos, a quem entristecia por sua presença. Tendo-se caído nas mãos do tirano a quem se combateu de armas na mão, que fazer? O termo de submissão está redigido, só há que assinar ou entregar o pescoço: o imbecil entrega o pescoço, o covarde assina, o sábio termina por um último ato de liberdade, mata-se. “Homens livres”, exclamava então o estoico, “sabei conservar-nos livres! Livres das vossas paixões sacrificando-as aos deveres, livres dos vossos semelhantes mostrando-lhes o ferro ou o veneno que vos colocam ao abrigo dos seus ataques, livres do destino fixando o ponto além do qual vós não lhe deixais nenhum poder sobre vós, livres dos preconceitos não os confundindo com os deveres, livres de todas as apreensões animais, sabendo dominar o instinto grosseiro que acorrenta à vida tantos desgraçados.”

“Depois de ter retirado essa argumentação da moxinifada filosófica dos antigos, pensei imprimir-lhe uma forma cristã corroborando-a pelas leis do livre-arbítrio que Deus nos deu a fim de nos poder julgar um dia no seu tribunal, e me dizia: ‘Defender-me-ei, nele!’ Mas, senhor, esses argumentos me forçaram a pensar no dia seguinte ao da morte, e me achei às voltas com minhas antigas crenças abaladas. Tudo se torna grave na vida humana quando a eternidade pesa sobre a mais leve das nossas determinações. Quando essa ideia pesa com todo o seu poder sobre a alma de um homem e lhe faz sentir em si não sei que de imenso que o põe em contato com o infinito, as coisas mudam estranhamente. Desse ponto de vista, a vida é bem grande e bem pequena. O sentimento de minhas faltas não me fez pensar no céu enquanto tive esperanças na terra, enquanto achei alívio aos meus males em algumas ocupações sociais. Amar, devotar-se à felicidade de uma mulher, ser chefe de uma família, não era isso dar nobres alimentos àquela necessidade de expiar

as minhas faltas que me pungia? Tendo naufragado essa tentativa, não era ainda uma expiação consagrar-me a uma criança? Quando, porém, depois desses dois esforços de minha alma, o desdém e a morte puseram nela um luto eterno, quando todos os meus sentimentos foram feridos ao mesmo tempo e nada mais vi aqui na terra, ergui os olhos para o céu e nele encontrei Deus.

“Entretanto, tentei tornar a religião cúmplice da minha morte. Reli os Evangelhos e não vi nenhum texto em que o suicídio fosse proibido; mas essa leitura fez com que o divino pensamento do Salvador dos homens me penetrasse. Certamente, ele nada diz da imortalidade da alma, mas nos fala do belo reino de seu pai; não nos proíbe em parte alguma o parricídio, mas condena tudo que é mal. A glória dos evangelistas e a prova da missão deles é menos ter feito leis do que ter espalhado pela terra o espírito novo das novas leis. A coragem que um homem desenvolve ao matar-se pareceu-me então ser sua própria condenação: quando ele se sente com força para morrer, deve ter a de lutar; recusar-se a sofrer não é força, e sim fraqueza; de resto, sair da vida por desânimo não é abjurar a fé cristã, à qual Jesus deu como base estas sublimes palavras: ‘Bem-aventurados os que sofrem’? O suicídio, pois, não me pareceu mais desculpável em nenhuma crise, mesmo no homem que, impelido por uma falsa compreensão da grandeza da alma, dispõe de si mesmo um instante antes que o carrasco o fira com o seu gládio. Deixando-se crucificar, não nos ensinou Jesus Cristo a obedecer a todas as leis humanas, embora injustamente aplicadas? A palavra *resignação*, gravada na cruz, tão inteligível para aqueles que sabem ler os caracteres sagrados, apareceu-me então em sua divina clareza.”

VI — FIM DA CONFISSÃO

— Eu ainda possuía oitenta mil francos, quis a princípio ir para longe dos homens, gastar minha vida vegetando no fundo de algum ermo; mas a misantropia, espécie de vaidade oculta sob uma pele de ouriço, não é uma virtude católica. O coração de um misantropo não sangra, contrai-se, e o meu sangrava por todas as suas veias. Pensando nas leis da Igreja, nos recursos que ela oferece aos aflitos, cheguei a compreender a beleza da prece na solidão, e tive por ideia fixa *entrar em religião*, segundo a bela expressão dos nossos pais. Embora minha resolução tivesse sido tomada com firmeza, reservei-me, entretanto, a faculdade de examinar os meios que eu devia empregar para chegar aos meus fins. Depois de ter realizado os restos da minha fortuna, parti tranquilo. *A paz do Senhor* era uma esperança que não me podia iludir. A princípio, seduzido pela regra de São Bruno, vim à Grande-Chartreuse a

pé, trabalhado por sérios pensamentos. Esse dia foi para mim um dia solene. Não esperava o majestoso espetáculo oferecido por aquela estrada, onde não sei que poder sobre-humano se mostra a cada passo. Aqueles rochedos suspensos, aqueles precipícios, aquelas torrentes que fazem ouvir uma voz no silêncio, aquela solidão limitada por altas montanhas e não obstante sem limites, aquele asilo onde do homem só chega a sua curiosidade estéril, aquele horror selvagem, temperado pelas mais pitorescas criações da natureza, aqueles pinheiros milenares e aquelas plantas de um dia, tudo aquilo nos torna graves. Seria difícil rir ao atravessar o deserto de São Bruno, porque ali os sentimentos melancólicos triunfam. Vi a Grande-Chartreuse, passei sob aquelas velhas abóbadas silenciosas, ouvi a água da fonte cair gota a gota sob as arcadas. Entrei numa cela para ali medir o meu nada, respirei a paz profunda que meu predecessor ali tinha gozado e li enternecido a inscrição que ele pusera em sua porta, segundo o uso do claustro; todos os preceitos da vida que eu queria levar ali estavam resumidos em três palavras latinas: "*Fuge, late, tace...*".⁶³

Genestas inclinou a cabeça como se tivesse compreendido.

— Eu estava decidido — continuou Benassis. — Aquela cela forrada de pinho, aquele leito duro, aquele retiro, tudo me ia à alma. Os cartuxos estavam na capela; fui rezar com eles. Aí, minhas resoluções se esfumaram. Senhor, não quero julgar a Igreja Católica, sou muito ortodoxo, creio em suas obras e em suas leis. Mas, ao ouvir aqueles velhos, ignorados do mundo e mortos para o mundo, cantar suas preces, reconheci no fundo do claustro uma espécie de egoísmo sublime. Aquele retiro aproveita somente ao homem e nada mais é do que um longo suicídio; não o condeno, senhor. Se a Igreja abriu aqueles túmulos, é que sem dúvida eles são necessários a alguns cristãos completamente inúteis para o mundo. Pensei agir melhor tornando meu arrependimento proveitoso para o mundo social. No regresso, me comprazi em procurar quais eram as condições em que eu poderia realizar minhas ideias de resignação. Já levava imaginariamente a vida de um simples marinheiro, condenava-me a servir a pátria colocando-me na última fila, renunciando a todas as manifestações intelectuais; mas, conquanto fosse essa uma vida de trabalho e de sacrifício, não me pareceu contudo suficientemente útil. Não era isso ludibriar os desígnios de Deus? Se Ele me havia dotado de alguma força espiritual, não seria meu dever empregá-la para o bem dos meus semelhantes? Ademais, se me é permitido falar francamente, eu sentia em mim não sei que necessidade de expansão, que obrigações puramente mecânicas feriam. Não via na vida dos marujos nenhum alimento para essa bondade que resulta da minha organização, como de cada flor se exala um perfume particular. Fui, como já lhe disse, forçado a pernoitar aqui. Durante a noite acreditei ouvir uma ordem de Deus no compassivo

pensamento que o estado desta pobre região me inspirou. Eu provara as cruéis delícias da maternidade; resolvi entregar-me inteiramente a elas, satisfazer esse sentimento numa esfera mais ampla do que a das mães, tornando-me uma irmã de caridade para toda uma zona, nela curando continuamente as chagas dos pobres. Pareceu-me, pois, ter o dedo de Deus traçado fortemente meu destino quando pensei que o primeiro pensamento sério da minha mocidade me inclinara para a profissão de médico, e resolvi exercer aqui a medicina. De resto, *para os corações feridos, a sombra e o silêncio*, dissera eu em minha carta. O que a mim mesmo prometera fazer, quis cumprir. Entrei numa senda de silêncio e de resignação. O *Fuge, late, tace* do cartuxo é aqui meu lema, meu trabalho é uma prece ativa, meu suicídio moral é a vida deste cantão, por sobre o qual me agrada, ao estender a mão, semear felicidade e alegria, dar o que não tenho. O hábito de viver com os camponeses e o meu afastamento do mundo transformaram-me realmente. Meu rosto mudou de expressão, acostumou-se ao sol, que o enrugou e endureceu. Adquiriu o modo de ser de um campônio, a sua linguagem, os seus hábitos, o seu desleixo, a sua incúria de tudo o que é careta. Meus amigos de Paris ou as melindrosas de quem eu era o chichisbéu jamais reconheceriam em mim o homem que durante um momento esteve na moda, o sibarita acostumado às bagatelas, ao luxo, às delicadezas de Paris. Hoje, tudo o que é exterior me é completamente indiferente, como a todos aqueles que marcham sob a orientação de um pensamento único. Não tenho mais outra finalidade na vida que não a de deixá-la; nada quero fazer, quer para lhe retardar quer para lhe apressar o fim; mas me deitarei sem pesar para morrer no dia em que a doença chegar. Eis aí, senhor, na nudez da verdade, os acontecimentos anteriores à vida que levo aqui. Nada lhe disfarcei dos meus erros, que foram grandes e que são comuns aos de alguns homens. Sofri muito, sofro todos os dias, mas vi no meu sofrimento a base de um feliz porvir. Não obstante, apesar da minha resignação, existem penas contra as quais me sinto sem forças. Hoje, quase sucumbi a torturas secretas diante do senhor, sem que o senhor o suspeitasse...

Genestas deu um salto na cadeira.

— Sim, Capitão Bluteau, o senhor estava ali. Não me mostrou a cama de comadre Colas quando deitamos Jacques? Pois bem! Se me é impossível ver uma criança sem pensar no anjo que perdi, imagine o meu sofrimento ao deitar uma criança condenada a morrer! Não posso ver friamente uma criança...

Genestas empalideceu.

— Sim, as lindas cabeças louras, as cabeças inocentes das crianças que encontro falam-me sempre das minhas desgraças e despertam meus tormentos. Enfim, é horrível para mim pensar que tanta gente me agradece pelo pouco bem que aqui faço, quando esse bem é fruto dos

meus remorsos. Somente o senhor, capitão, conhece o segredo da minha vida. Se eu tivesse extraído minha coragem de um sentimento mais puro do que o das minhas faltas, eu seria bem feliz! Mas também nada teria tido para dizer-lhe a meu respeito.

QUINTA PARTE

ELEGIAS

I — CONFISSÃO DE GENESTAS

Terminada a sua narrativa, Benassis notou no rosto do militar uma expressão profundamente pesarosa que o impressionou. Comovido por ter sido tão bem compreendido, quase se arrependeu de ter afligido seu hóspede, e disse-lhe:

— Mas, Capitão Bluteau, minhas desgraças...

— Não me chame Capitão Bluteau! — exclamou Genestas, interrompendo o médico e erguendo-se subitamente num movimento impetuoso que parecia revelar um descontentamento interior. — Não existe nenhum Capitão Bluteau, eu sou um patife!

Benassis olhou, não sem viva surpresa, para Genestas, o qual passeava pelo salão como um zangão que procurasse uma abertura por onde pudesse sair do quarto onde tivesse entrado por descuido.

— Mas, então, quem é o senhor?

— Ah! Aí está! — respondeu o militar vindo postar-se em frente ao médico, o qual não se atrevia a encarar. — Enganei-o! — continuou com voz alterada. — Pela primeira vez em minha vida preguei uma mentira, e sou por isso bem castigado, porque não lhe posso mais dizer o objeto de minha visita nem tampouco o da minha maldita espionagem. Depois que por assim dizer entrevi sua alma, eu teria preferido receber uma bofetada a ouvi-lo chamar-me Bluteau! O senhor poderá perdoar-me essa impostura; eu, porém, não me perdoarei jamais, eu, Pedro José Genestas, que, para salvar a própria vida, não mentiria diante de um conselho de guerra.

— O senhor é o Comandante Genestas? — exclamou Benassis erguendo-se. Pegou a mão do oficial, apertou-a afetuosamente e disse:

— Senhor, como dizia há pouco, éramos amigos sem nos conhecermos. Muito desejava eu vê-lo ao ouvir o sr. Gravier falar a seu respeito. Um homem de Plutarco,⁶⁴ dizia-me ele do senhor.

— Não sou de Plutarco — respondeu Genestas —, sou indigno do senhor, e me castigarei. Eu devia ter-lhe simplesmente confessado meu segredo. Mas não! Fiz bem em pôr uma máscara e vir eu mesmo buscar aqui informações a seu respeito. Sei agora que devo calar-me. Se eu tivesse agido com franqueza, eu o teria magoado. Deus me livre de causar-lhe o menor aborrecimento!

— Mas, comandante, não o compreendo.

— Não se fale mais nisso. Não estou doente, passei um dia excelente, e partirei amanhã. Quando o senhor for a Grenoble lá encontrará mais um amigo, e não é um amigo para constar. A bolsa, o sabre, o sangue, tudo é seu em casa de Pedro José Genestas. Afinal de contas, o senhor semeou suas palavras num bom terreno. Quando eu me reformar, irei para qualquer espécie de buraco, do qual serei *maire*, e procurarei imitá-lo. Se não tenho sua ciência, estudarei.

— Tem razão, senhor; o proprietário que emprega seu tempo em corrigir um simples vício de exploração numa comuna faz tanto bem à sua terra como pode o melhor médico fazer: se um alivia as dores de alguns homens, o outro pensa as chagas da pátria. Mas o senhor excita minha curiosidade de um modo singular. Posso ser-lhe útil em alguma coisa?

— Útil! — exclamou o comandante com voz comovida. — Meu Deus! Meu caro sr. Benassis, o serviço que eu vinha pedir-lhe que me prestasse é quase impossível. Olhe, eu matei uns quantos cristãos em minha vida, mas pode-se matar gente e ter bom coração; por mais rude que eu pareça, sei entretanto compreender certas coisas.

— Vamos, fale.

— Oh! Não quero voluntariamente causar-lhe pesares.

— Oh! Comandante, posso sofrer muito.

— Senhor — disse o militar, tremendo —, trata-se da vida de uma criança.

A fronte de Benassis enrugou-se subitamente, mas fez um gesto convidando Genestas a continuar.

— Uma criança — prosseguiu o comandante — que ainda pode ser salva por meio de cuidados constantes e minuciosos. Onde achar um médico capaz de consagrar-se a um único doente? Seguramente, não numa cidade. Eu tinha ouvido falar no senhor como sendo um homem excelente, mas tinha medo de ser enganado por alguma reputação usurpada. Ora, antes de confiar meu pequeno a esse sr. Benassis, do qual me contavam tanta coisa bonita, quis estudá-lo. Agora...

— Basta — disse o médico. — Essa criança é sua?

— Não, meu caro sr. Benassis, não. Para explicar-lhe esse mistério, seria preciso contar-lhe uma história na qual não represento um belo papel; mas o senhor confiou-me seus segredos, não é demais que lhe conte os meus.

— Espere, comandante — disse o médico, chamando Jacquotte, que veio em seguida e à qual ele pediu seu chá. — Eu, comandante, quando todos dormem, não durmo!... Meus desgostos me oprimem, procuro então esquecê-los bebendo meu chá. Essa bebida me traz uma espécie de embriaguez nervosa, um sono sem o qual eu não viveria. Não aceita, também?

— Eu — disse Genestas — prefiro seu vinho do Ermitage.

— Seja. Jacquotte — disse Benassis à criada —, traga vinho e biscoito. Nós nos forraremos para a noite — continuou o médico, dirigindo-se ao seu hóspede.

— Esse chá deve fazer-lhe muito mal, não? — disse Genestas.

— Causa-me horríveis acessos de gota; mas não poderia desfazer-me desse hábito, é agradabilíssimo, dá-me todas as noites um momento durante o qual a vida não me pesa. Vamos, estou ouvindo-o; sua narrativa apagará talvez a impressão demasiadamente viva das recordações que acabo de evocar.

II — POR QUE GENESTAS SE FIZERA BLUTEAU?

— Meu caro senhor — disse Genestas, colocando em cima da chaminé seu copo vazio —, depois da retirada de Moscou, meu regimento se refez numa pequena cidade da Polônia. Nós compramos cavalos a peso de ouro e lá ficamos de guarnição até a volta do Imperador. Muito bem. É preciso dizer-lhe que eu tinha então um amigo. Durante a retirada eu fui salvo, mais de uma vez, graças a esse quartel-mestre chamado Renard, que fez por mim dessas coisas depois das quais dois homens devem ser irmãos, respeitando porém as exigências da disciplina. Estávamos alojados na mesma casa, um desses ninhos de rato feitos de madeira, onde morava uma família inteira e onde o senhor acharia não ser possível meter um cavalo. Esse casebre pertencia a judeus que ali exerciam seus trinta e seis comércios, e o velho pai judeu, cujos dedos não se achavam gelados para manejar o ouro, fizera muito bem seus negócios durante nossa derrota. Essa gente vive no esterco e morre em cima do ouro. A casa deles erguia-se sobre porões, de madeira, já se vê, sob os quais tinham metido os filhos e, particularmente, uma filha, linda como uma judia quando anda limpa e não é loura. A coisinha tinha dezessete anos, era branca como a neve, com olhos de veludo, cílios negros como caudas de rato, cabelos lustrosos, bastos, que davam vontade de meter as mãos neles, uma criatura verdadeiramente perfeita! Enfim, senhor, fui o primeiro a ver aquelas singulares provisões, uma noite em que me julgavam deitado e em que eu estava fumando tranquilamente meu cachimbo, passeando na rua. Aquelas crianças remexiam-se todas, misturadas como uma ninhada de cães. Era uma coisa engraçada. O pai e a mãe estavam ceando com elas. A força de olhar, descobri no nevoeiro da fumaça que o pai fazia com suas baforadas de tabaco a moça que ali estava como um napoleão novinho no meio de moedas de um *sou*. Eu, meu caro Benassis, nunca tive tempo para refletir sobre o amor; entretanto, quando vi aquela moça compreendi que até então eu nada mais fizera do que ceder à natureza;

mas dessa vez tudo entrava em jogo, a cabeça, o coração e o resto. Fiquei, pois, apaixonado, da cabeça aos pés, oh! Mas de um modo firme. Fiquei ali, fumando meu cachimbo, ocupado em olhar a judia, até que ela apagou a candeia e se deitou. Impossível pregar olho! Fiquei durante a noite toda enchendo o cachimbo, fumando, caminhando na rua. Nunca estivera assim. Foi a única vez na minha vida que pensei em casar-me. Quando amanheceu, fui selar meu cavalo e trotei durante duas longas horas no campo, para refrescar-me; e, sem me dar conta, quase estafei meu cavalo. — Genestas deteve-se, olhou o novo amigo com ar inquieto e disse-lhe: — Desculpe-me, Benassis, não sou orador e falo como me ocorrem as palavras; se eu estivesse num salão, me constrangeria; mas aqui com o senhor, no campo...

— Continue — disse o médico.

— Quando voltei ao meu quarto, nele encontrei Renard muito atarefado. Julgando-me morto em duelo, estava limpando suas pistolas e pensando em procurar discussão com o que me tinha posto à sombra... Oh! Aí tem o caráter do peregrino. Confessei a Renard o meu amor, mostrando-lhe o nicho das crianças. Como Renard entendia a algaravia daqueles sujeitos, eu pedi-lhe que me ajudasse a fazer minhas propostas ao pai e à mãe, e tentar estabelecer uma correspondência com Judite. Ela se chamava Judite. Enfim, senhor, durante quinze dias fui o mais feliz dos homens, porque todas as noites o judeu e a mulher nos fizeram cear com Judite. O senhor conhece essas coisas, e eu não o impacientarei de modo nenhum com elas; entretanto, se o senhor não compreende o fumo, ignora o prazer de um homem de bem, a fumar seu cachimbo tranquilamente com seu amigo Renard e o pai da filha, vendo a princesa. É muito agradável. Mas devo dizer-lhe que Renard era um parisiense, um filho de família. O pai dele, que fazia grandes negócios com gêneros alimentícios, tinha-o educado para ser tabelião, e ele sabia alguma coisa; mas, o recrutamento tendo-o agarrado, ele tivera de dizer adeus à escrivania. De resto, modelado para vestir o uniforme, ele tinha um semblante de moça e conhecia perfeitamente bem a arte de cativar as pessoas. Era a ele que Judite amava, e importava-se tanto comigo como um cavalo com frangos assados. Enquanto eu me extasiava ou viajava na lua olhando Judite, meu Renard, que não tinha roubado seu nome,⁶⁵ está ouvindo? Fazia seu trabalho subterrâneo; o traidor entendia-se com a rapariga, e tão bem que se casaram à moda da terra, porque as licenças teriam tardado muito a vir. Mas prometeu desposá-la segundo a lei francesa, se por acaso o casamento fosse atacado. O fato é que na França a sra. Renard voltou a ser a srta. Judite. Se eu tivesse sabido isso teria matado Renard e pronto, sem lhe deixar sequer o tempo de tomar fôlego; mas o pai, a mãe, a filha e meu quartel-mestre, toda essa gente se entendia como uma corja de larápios. Enquanto fumava meu cachimbo e adorava

Judite como um santo sacramento, o meu Renard combinava encontros e conduzia muito bem seus pequenos assuntos.

“O senhor é a única pessoa a quem falei dessa história, que denomino de uma infâmia; sempre me perguntei por que um homem que morreria de vergonha se se apoderasse de uma moeda de ouro rouba a mulher, a felicidade, a vida de seu amigo, sem escrúpulos. Enfim, meus marotos estavam casados e felizes, e eu ainda estava ali, à noite, durante a ceia, admirando Judite como um imbecil e respondendo como um *tenor* aos trejeitos que ela fazia para cerrar-me os olhos. Bem deve imaginar que eles pagaram singularmente caro os enganos que me fizeram. Palavra de honra, Deus presta mais atenção às coisas deste mundo do que nós pensamos. Acontece que os russos nos envolvem. A campanha de 1813 começa. Somos invadidos. Uma bela manhã, chega-nos a ordem de nos acharmos no campo de batalha de Lutzen a uma hora determinada. O Imperador sabia perfeitamente o que fazia quando nos ordenava partir imediatamente. Os russos nos tinham flanqueado. Nosso coronel tinha-se atrapalhado todo nas suas despedidas a uma polonesa que morava a um quarto de légua da cidade, e a vanguarda dos cossacos agarrou-o direitinho, a ele e ao seu piquete. Mal tivemos tempo de montar a cavalo e de entrar em forma adiante da cidade, para dar lugar a uma escaramuça e repelir os meus russos, a fim de termos tempo de escafeder-nos durante a noite. Pelo espaço de três horas carregamos e fizemos verdadeiras áfricas. Enquanto nos batíamos, as viaturas e o material corriam na frente. Tínhamos um parque de artilharia e grandes provisões de pólvora de que o Imperador necessitava furiosamente; era preciso lhas levar custasse o que custasse. Nossa defesa impressionou os russos, que julgaram estarmos apoiados por um corpo de exército. Não obstante, cedo avisados de seu erro por espiões, vieram a saber que tinham pela frente apenas um regimento de cavalaria e nossos depósitos de infantaria. Então, senhor, ao entardecer efetuaram um ataque capaz de destruir tudo, e tão ardoroso que muitos dos nossos ali ficaram. Fomos cercados. Eu estava com Renard na primeira fila e o via batendo-se e carregando como um demônio, porque estava pensando na mulher. Graças a ele, foi-nos possível voltar para a cidade, que os nossos doentes tinham preparado para a defesa; mas era coisa de dar lástima. Éramos os últimos a voltar, ele e eu, quando encontramos um grupo de cossacos que nos barravam o caminho, e nos atiramos sobre eles. Um desses selvagens ia enfiar-me com a lança; Renard vê a coisa, mete o cavalo entre nós dois para desviar o golpe; seu pobre animal, um lindo cavalo, palavra, recebe o ferro e arrasta, ao cair no chão, Renard e o cossaco. Mato o cossaco, pego Renard pelo braço e o ponho na minha frente sobre o cavalo, atravessado como um saco de trigo.

“— Adeus, meu capitão, está tudo acabado — disse Renard.

“— Não — respondi-lhe —, é o que resta ver.

“Estava então na cidade, apeio-me e o sento no canto de uma casa, em cima de um pouco de palha. Ele estava com a cabeça quebrada, com os miolos nos cabelos, e falava. Oh! Era um tipo famoso.

“— Estamos quites — disse ele —; dei-lhe minha vida e lhe tinha tomado Judite. Cuide dela e do filho, se nascer algum. Aliás, case com ela.

“No primeiro momento, senhor, deixei-o ali como um cão; mas, quando me passou a raiva, voltei... Ele estava morto. Os cossacos tinham incendiado a cidade; lembrei-me então de Judite, fui pois procurá-la, ela montou na garupa e, graças à rapidez de meu cavalo, alcancei o regimento, que tinha batido em retirada. Quanto ao judeu e à sua família, nem vestígios! Todos desaparecidos como ratos. Só Judite esperava Renard; no começo, como deve compreender, nada lhe disse. Tive de pensar, senhor, naquela mulher no meio dos desastres da campanha de 1813, tive de alojá-la, de cercá-la de comodidades, enfim, de cuidá-la, e creio que ela absolutamente não percebeu o estado em que nos achávamos. Eu tinha o cuidado de mantê-la sempre a dez léguas de nós, na frente, rumo da França; ela teve um filho varão enquanto nos batíamos em Hanau. Fui ferido nesse combate, alcancei Judite em Estrasburgo, depois voltei a Paris porque tive a desgraça de estar de cama durante a campanha da França. Sem esse triste acaso eu teria passado para os granadeiros da Guarda, pois o Imperador tinha-me promovido. Enfim, senhor, fui portanto obrigado a sustentar uma mulher e uma criança que não me pertencia, e estava com três costelas quebradas! O senhor compreende que meu soldo não era a França. O velho Renard, velho tubarão sem dentes, não quis saber da nora; o pai judeu tinha-se evaporado. Judite morria de desgosto. Uma manhã ela chorava ao fazer-me curativo.

“— Judite — disse-lhe eu —, seu filho está perdido.

“— E eu também — disse ela.

“— Ora! — respondi-lhe. — Vamos mandar buscar os papéis necessários, eu a desposarei e reconhecerei como meu o filho de... — Não pude acabar. Ah! Meu caro senhor, pode-se fazer tudo para receber o olhar de morta pelo qual Judite me agradeceu; vi que continuava a amá-la e desde esse dia seu filhinho entrou-me no coração. Enquanto os papéis, o pai e a mãe estavam a caminho, a pobre mulher acabou de morrer. Na antevéspera de sua morte ela teve forças para vestir-se, enfeitar-se, fazer todas as cerimônias de praxe, assinar uma porção de papéis; depois, quando o filho teve um nome e um pai, ela foi deitar-se novamente, eu beijei-lhe a mão e a fronte, e então morreu. Eis as minhas bodas. Dois dias depois, após ter comprado os poucos pés de terra onde a rapariga está deitada, vi-me pai de um órfão que pus em casa de uma ama durante a campanha de 1815. Desde esse tempo, sem

que ninguém soubesse da minha história, que não era bonita de contar, tomei conta desse pequeno tratante como se ele fosse meu; o avô dele está sabe Deus onde, arruinado, correndo com a família entre a Pérsia e a Rússia. Há probabilidades de que faça alguma fortuna, porque parece que ele entende do comércio de pedras preciosas. Botei o guri no colégio, mas, ultimamente, eu o fiz manobrar tão bem na matemática para colocá-lo na Escola Politécnica e vê-lo sair de lá em boa situação, que o pobre do homenzinho adoeceu. É fraco do pulmão. Ao que dizem os médicos de Paris, haveria recursos se ele fosse para as montanhas, se fosse tratado convenientemente, continuamente, por um homem de boa vontade. Pensei portanto no senhor, e tinha vindo aqui para fazer um reconhecimento das suas ideias e do seu modo de vida. Segundo o que me disse, não me é permitido dar-lhe esse desgosto, conquanto sejamos já bons amigos.”

III — SOFRIMENTOS OFERTADOS A DEUS

— Comandante — disse Benassis após um momento de silêncio —, traga-me o filho de Judite. Deus quer sem dúvida que eu passe por esta última provação, e eu a suportarei. Oferecerei esses sofrimentos ao Deus cujo filho morreu na cruz. De resto, minhas emoções durante a sua narrativa foram doces; não é isso um presságio favorável?

Genestas apertou vivamente as duas mãos de Benassis nas suas, sem poder reprimir algumas lágrimas que lhe umedeceram os olhos e lhe correram pelas faces curtidas.

— Conservemos conosco o segredo de tudo isso — disse ele.

— Sim, comandante. Não bebeu?

— Não tenho sede — respondeu Genestas. — Estou bestificado.

— Então quando o trará?

— Mas amanhã, se o senhor quiser. Faz dois dias que ele está em Grenoble.

— Pois bem, parta amanhã de manhã e volte; eu o esperarei em casa da Fosseuse, onde almoçaremos os quatro juntos.

— Combinado — disse Genestas.

Os dois amigos foram deitar-se, desejando-se reciprocamente uma boa-noite. Ao chegar ao patamar que separava os dois quartos, Genestas descansou sua candeia no parapeito da janela e aproximou-se de Benassis.

— Raios e trovões! — disse-lhe com ingênuo entusiasmo. — Não o deixarei esta noite sem antes dizer-lhe que o senhor, o terceiro entre os cristãos, me fez compreender que há alguma coisa lá em cima!

E mostrou o céu.

O médico respondeu com um sorriso cheio de melancolia e apertou

muito afetosamente a mão que Genestas lhe estendia.

IV — O ALMOÇO EM CASA DA FOSSEUSE

No dia seguinte, antes do amanhecer, o Comandante Genestas partiu para a cidade, e cerca do meio-dia achou-se na estrada real de Grenoble ao burgo, na altura do caminho que ia ter à casa da Fosseuse. Ia num desses carros descobertos e de quatro rodas, puxados por um único cavalo; carro leve que se encontra em todas as estradas daquelas terras montanhosas. Genestas tinha como companheiro um rapaz magro e fraco, que parecia não ter mais de doze anos embora tivesse entrado nos dezesseis. Antes de descer, o oficial olhou em várias direções a fim de achar por ali um camponês que se encarregasse de voltar com o carro de Benassis, porque a estreiteza do caminho não permitia levá-lo até a casa da Fosseuse. O guarda campestre apareceu por acaso na estrada, tirando Genestas do aperto, e este pôde, com o seu filho adotivo, alcançar a pé o lugar do encontro através das sendas da montanha.

— Não se sentirá você feliz, Adriano, de correr neste belo recanto durante um ano, aprender a caçar, a montar a cavalo, em vez de empalidecer sobre os livros? Olhe, veja!

Adriano dirigiu para o vale um olhar pálido de criança doente; mas indiferente, como o são em geral os moços, às belezas da natureza, disse sem deixar de caminhar:

— O senhor é muito bom, meu pai.

Genestas sentiu-se melindrado por aquela despreocupação doentia, e alcançou a casa da Fosseuse sem mais dirigir a palavra ao filho.

— Comandante, o senhor é pontual — exclamou Benassis, erguendo-se do banco de madeira no qual estava sentado.

Mas, em seguida, retomou seu lugar e ficou muito pensativo ao ver Adriano; estudou-lhe lentamente o semblante moço e fatigado, não sem admirar as belas linhas ovais que predominavam naquela nobre fisionomia. A criança, retrato vivo da mãe, tinha dela a tez azeitonada e belos olhos negros, espiritualmente melancólicos. Todos os caracteres da beleza judia polonesa se achavam naquela cabeça cabeluda, grande demais para aquele corpo franzino a que pertencia.

— Dorme bem, meu homenzinho? — perguntou-lhe Benassis.

— Sim, senhor.

— Mostre-me seus joelhos, arregace as calças.

Adriano desatou as ligas, corando, e mostrou os joelhos, que o médico apalpou cuidadosamente.

— Bem. Fale, grite, grite alto!

Adriano gritou.

— Basta! Dê-me suas mãos!...

O rapaz estendeu-lhe as mãos macias e brancas, com veias azuis, como as de uma mulher.

— Em que colégio estava em Paris?

— No São Luís.

— O diretor não lia o breviário durante a noite?

— Sim, senhor.

— Quer dizer então que você não dormia logo?

Como Adriano não respondesse, Genestas disse ao médico:

— Esse diretor é um padre digno, aconselhou-me a que retirasse meu pequeno infante por questão de saúde.

— Pois bem — disse Benassis, mergulhando um olhar luminoso nos olhos de Adriano —, ainda há recurso. Sim, faremos um homem deste menino. Viveremos juntos como dois camaradas, meu rapaz! Nós nos deitaremos e levantaremos cedo. Ensinarei seu filho a montar a cavalo, comandante. Depois de um mês ou dois que consagraremos a lhe endireitar o estômago pelo regime de laticínios, eu lhe conseguirei autorização para carregar uma arma, uma licença para caçar, e o porei nas mãos de Butifer, para os dois irem caçar camurças. Com quatro ou cinco meses desta vida agreste o senhor não reconhecerá mais seu filho, comandante, Butifer é que vai sentir-se feliz! Conheço o freguês, ele o levará, meu amiguinho, até a Suíça pelos Alpes, o fará subir aos cumes e crescer seis polegadas em seis meses; ele o deixará de faces coradas, endurecerá seus nervos e lhe fará esquecer seus maus hábitos de colégio. Você então poderá recommençar seus estudos, e se tornará um homem. Butifer é um rapaz direito, podemos confiar-lhe a quantia necessária para suprir as despesas das viagens e das caças; essa responsabilidade o fará portar-se bem durante meio ano, e para ele será já alguma coisa.

O rosto de Genestas se ia iluminando cada vez mais ao ouvir as palavras do médico.

— Vamos almoçar. A Fosseuse está impaciente por vê-lo — disse Benassis, dando um tapinha nas faces de Adriano.

— Então ele não está tísico? — perguntou Genestas ao médico, pegando-o pelo braço e levando-o à parte.

— Tanto como o senhor ou eu.

— Mas que tem ele?

— Ora! — disse Benassis. — Ele está atravessando um período de crise, nada mais.

A Fosseuse deixou-se ver no umbral da porta, e não foi sem surpresa que Genestas lhe viu o vestuário ao mesmo tempo simples e atraente. Não era mais a camponesa da véspera, mas uma mulher elegante e graciosa de Paris que lhe dirigiu olhares contra os quais ele se sentiu fraco. O soldado desviou os olhos para uma mesa de nogueira sem toalha, mas tão bem esfregada que parecia ter sido envernizada, sobre a

qual havia ovos, manteiga, um pastel, e morangos da montanha que perfumavam o ambiente. Por toda parte a pobre rapariga espalhara flores que faziam ver ser aquele para ela um dia de festa. Ante esse aspecto, o comandante não pôde deixar de cobiçar aquela simples casa e aquele gramado; olhou para a camponesa com ar que exprimia ao mesmo tempo esperanças e dúvidas; depois dirigiu o olhar para Adriano, a quem a Fosseuse estava servindo ovos, ocupando-se dele para não ficar com as mãos abanando.

— Comandante — disse a Benassis —, o senhor sabe por que preço recebe aqui hospitalidade. Tem de contar à minha Fosseuse alguma coisa militar.

— É preciso primeiro deixar que ele almoce tranquilamente, mas depois que tiver tomado o café...

— Claro, estou disposto — respondeu o comandante —; entretanto, imponho uma condição para a minha narrativa: terá que contar uma aventura de sua antiga existência.

— Mas, senhor — respondeu ela corando —, nunca me aconteceu nada que valha a pena de ser contado. Quer mais um pouco deste pastel, meu amiguinho? — disse ela ao ver o prato de Adriano vazio.

— Sim, senhorita.

— Está delicioso este pastel — disse Genestas.

— Que dirá então do café com creme da Fosseuse? — exclamou Benassis.

— Eu preferia ouvir a nossa gentil hospedeira.

— Por aí vai mal, Genestas — disse Benassis. — Ouça, minha filha — disse o médico dirigindo-se à Fosseuse, cuja mão apertou —, este oficial que aí vês junto a ti esconde um coração excelente sob aparências severas, e aqui podes conversar à vontade. Fala ou cala-te, não te queremos importunar. Pobre criança, se jamais poderás ser ouvida e compreendida, será pelas três pessoas com as quais te achas neste momento. Conta-nos teus amores passados, que isso não implica com os segredos atuais do teu coração.

— Aqui está o café que Marieta nos traz — disse ela. — Quando estiverem servidos, estou pronta a lhes contar meus amores. Mas o senhor comandante não esquecerá sua promessa — acrescentou, atirando a Genestas um olhar ao mesmo tempo modesto e agressivo.

— Sou incapaz disso, senhorita — respondeu Genestas respeitosamente.

V — ELEGIA

— Aos dezesseis anos — disse a Fosseuse —, embora eu fosse enfezada, era obrigada a mendigar meu pão nas estradas da Saboia. Eu dormia

nas Échelles, num grande estábulo cheio de palha. O estalajadeiro que me dava pousada era um homem bom, mas a mulher dele não me suportava e vivia sempre me injuriando. Isso muito me penalizava, porque eu não era uma indigente ruim: noite e dia eu rezava a Deus, não roubava, procedia de acordo com os mandamentos do céu, pedindo com que viver, porque não sei fazer nada e era verdadeiramente doente, completamente incapaz de levantar uma enxada ou de desenredar algodão. Pois bem, fui expulsa da casa do taverneiro por causa de um cão. Sem parentes, sem amigos, desde o meu nascimento nunca tinha visto em ninguém olhares que me fizessem bem. A boa velha Morin, que me tinha criado, morrerá; ela foi bem boa para mim; mas não me lembro nada das suas carícias; de resto, a pobre velha trabalhava na lavoura como um homem; e, se ela me amimava, dava-me também pancada nos dedos com uma colher quando eu me apressava muito ao comer nossa sopa na sua gamela. Pobre velha, não se passa um dia sem que eu a lembre nas minhas rezas! Que Deus lhe dê lá em cima uma vida mais feliz do que a que teve aqui, e sobretudo numa cama melhor; ela vivia a se queixar do catre onde as duas sempre nos deitávamos. Não podem imaginar, meus caros senhores, como a alma da gente fica ferida por não recolher senão injúrias, descomposturas e olhares que atravessam o coração, como se nos dessem punhaladas. Tive relações com velhos pobres aos quais isso já não fazia moossa; mas eu não tinha nascido para esse ofício. Um *não* sempre me fez chorar. Cada noite eu voltava mais triste, e só me consolava depois de ter rezado. Enfim, em toda a criação de Deus, não havia um único coração no qual eu pudesse repousar o meu! O único amigo que eu tinha era o azul do céu. Sempre me sentia feliz quando via o céu todo azul. Quando o vento varria as nuvens, eu me deitava num canto das rochas e olhava o tempo. Sonhava então que era uma grande dama. A força de olhar, julgava-me banhada naquele azul; vivia lá em cima pela imaginação; sentia-me como se não tivesse peso, eu subia, subia e experimentava um grande bem-estar. Para voltar aos meus amores, eu lhes direi que o taverneiro tivera de sua cadela um cãozinho mimoso como uma pessoa, branco, manchado de preto nas patas; estou sempre vendo aquele querubim! Esse pobre animalzinho foi a única criatura que, naquele tempo, me dirigiu olhares amistosos; eu guardava para ele os meus melhores bocados, ele me conhecia, vinha ao meu encontro à noite, não tinha vergonha da minha miséria, saltava para mim, lambia-me os pés; enfim, havia nos olhos dele qualquer coisa de tão bom, de tão grato, que muitas vezes chorei ao vê-lo.

“Aí está, entretanto, um ente que me quer bem, e é o único”, dizia eu. No inverno ele se deitava a meus pés. Eu sofria tanto quando o via apanhar que o acostumei a não entrar nas casas para roubar ossos, e ele se contentava com o meu pão. Se eu ficava triste ele se punha diante de

mim, fitava-me nos olhos e parecia dizer-me: ‘Então estás triste, minha pobre Fosseuse!’.

“Se os viajantes me atiravam vinténs, ele os apanhava na poeira e trazia-os para mim, aquele bom cachorrinho. Quando tinha aquele amigo, sentia-me menos infeliz. Punha de lado todos os dias alguns vinténs para tentar juntar cinquenta francos, a fim de o comprar ao velho Manseau. Um dia, a mulher dele, ao ver que o cão me queria, lembrou-se de ficar louca por ele. Notem que o cão não a podia suportar. Esses animais parece que farejam as almas! Percebem imediatamente quem lhes quer bem. Eu tinha uma moeda de ouro cosida no cós da minha saia; então, disse ao sr. Manseau: ‘Meu caro senhor, eu pensava oferecer-lhe minhas economias do ano pelo seu cão; mas antes que sua mulher o queira para ela, embora pouco se importe com ele, venda-o a mim por vinte francos; tome, aqui estão eles’. ‘Não, minha mimosa’, disse-me ele, ‘guarde os seus vinte francos. Deus me livre de tomar o dinheiro dos pobres! Leve o cão. Se minha mulher puser a boca no mundo, vá embora.’ A mulher fez-lhe uma cena por causa do cão!... Ah! Meu Deus! Parecia que tinha pegado fogo na casa. E querem saber o que ela imaginou? Vendo que o cão era meu por amizade, que ela jamais o poderia ter, mandou envenená-lo; meu pobre cachorrinho morreu nos meus braços, eu chorei como se tivesse sido meu filho e o enterrei embaixo de um pinheiro. Os senhores não imaginam tudo o que eu botei nessa cova. Pensei cá comigo, ao sentar-me ali, que eu ficaria sozinha na terra, que não conseguiria nada, que ia voltar a ser como antes, sem ninguém no mundo, e que não veria em nenhum olhar amizade por mim. Enfim, fiquei ali a noite toda, ao relento, pedindo a Deus que tivesse piedade de mim. Quando voltei para a estrada, vi um pobrezinho de dez anos que não tinha mãos. ‘Deus me ouviu’, pensei; eu nunca lhe rogara como nessa noite. ‘Vou tomar conta desse pobre pequeno’, disse a mim mesma, ‘nós mendigaremos juntos e eu serei mãe dele; entre dois deve-se ter mais sorte; talvez eu tenha mais coragem para ele do que tenho para mim!’ A princípio o pequeno pareceu estar contente, também pudera! Se eu fazia tudo o que ele queria, dava-lhe o que tinha de melhor, enfim, era sua escrava, ele me tiranizava; mas, assim mesmo, sempre era melhor do que estar só. Ah! Logo que o pequeno bêbado soube que eu tinha vinte francos no cós da saia, ele descoseu-a e roubou-me a minha moeda de ouro, o preço do meu pobre cachorrinho! Eu queria mandar rezar missas com ela. Uma criança sem mãos! É de arrepiar. Esse roubo me desanimou mais da vida do que não sei o quê. Eu não podia, pois, querer bem a nada que não percesse nas minhas mãos?

“Um dia vejo vir uma bonita caleça francesa que subia a ladeira das Echelles. Dentro havia uma moça, bela como uma Virgem Maria, e um moço que se parecia com ela. ‘Repara que bonita rapariga!’, disse-lhe o

rapaz, atirando-me uma moeda de prata. Só o senhor, sr. Benassis, pode saber a felicidade que me causou aquele elogio, o único que já ouvi; mas aquele senhor não devia ter-me atirado dinheiro. Imediatamente, impelida por mil não sei o quê que me martelaram a cabeça, pus-me a correr por atalhos, que encurtaram o caminho, e eis-me nos rochedos das Echelles, muito antes da caleça, que subia devagar. Pude rever o rapaz, ele ficou surpreso de rever-me, e eu me sentia tão feliz que o coração me batia na garganta; uma coisa que não sei explicar me atraía para ele; quando me reconheceu, recomecei a correr, suspeitando que a moça e ele se deteriam para ver a cascata de Couz; quando eles desceram, tornaram a ver-me embaixo das nogueiras da estrada, e então me fizeram perguntas parecendo interessar-se por mim. Nunca na minha vida eu ouvira uma voz mais meiga do que a desse rapaz e da irmã, porque era irmã dele; pensei nisso durante um ano, esperando sempre que eles voltassem. Teria dado dois anos de vida para nada mais do que tornar a ver aquele viajante; ele parecia tão terno! Esses foram, até o dia em que conheci o sr. Benassis, os maiores acontecimentos da minha vida; porque, quando minha patroa me despediu por ter posto seu maldito vestido de baile, tive piedade dela e perdoei-a; e, palavra de honra, se me permitem falar francamente, eu me julguei muito melhor do que ela, embora ela fosse condessa.”

— Pois bem — disse Genestas após um momento de silêncio —, já se vê que Deus tratou-a com amizade; aqui você está como um peixe na água.

Ante essas palavras, a Fosseuse olhou Benassis com olhos plenos de gratidão.

— Eu quisera ser rico! — disse o oficial.

A essa exclamação seguiu-se um longo silêncio.

— O senhor me deve uma história — disse por fim a Fosseuse, num tom de voz carinhoso.

— Vou contar-lha — respondeu Genestas.

VI — COMO GENESTAS DEIXOU NAPOLEÃO

— Na véspera da batalha de Friedland⁶⁶ — continuou ele, após uma pausa — eu fui mandado em missão ao acampamento do General Davout,⁶⁷ e voltava para o meu bivaque quando, numa curva do caminho, esbarrei com a cara do Imperador. Napoleão olhou-me:

“— És o Capitão Genestas, não? — disse-me ele.

“— Sim, sire.

“— Estiveste no Egito?

“— Sim, sire.

“— Não sigas mais por esse caminho — disse-me ele —, toma à

esquerda que chegarás mais cedo à tua divisão.

“Não podem imaginar o tom de bondade com que o Imperador me disse essas palavras, ele que tinha tanta coisa com que se divertir porque estava percorrendo a região para estudar seu campo de batalha. Conto-lhes essa aventura para lhes fazer ver a memória que ele tinha, e mostrar-lhes que eu era um daqueles cuja cara lhe era conhecida. Em 1815, eu prestei juramento. Não fosse esse erro e hoje eu talvez fosse coronel; mas nunca tive a intenção de trair os Bourbon; naquele tempo eu não via senão a defesa da França. Vi-me chefe de esquadrão nos granadeiros da Guarda Imperial e, apesar das dores que ainda sentia do meu ferimento, entrei na dança na batalha de Waterloo. Quando tudo acabou, acompanhei Napoleão a Paris; depois, quando ele foi para Rochefort, eu o acompanhei apesar das suas ordens; agradava-me vigiar para que não lhe acontecesse nada de mau no caminho. Por isso, quando ele foi passear à beira-mar, achou-me de sentinela a dez passos dele.

“— E então, Genestas — disse aproximando-se de mim —, ainda não morremos?

“Essas palavras despedaçaram-me o coração. Se as tivessem ouvido, teriam como eu estremecido da cabeça aos pés. Mostrou-me o celerado do navio inglês que bloqueava o porto, e me disse:

“— Ao ver isto, lamento não me ter afogado no sangue da minha guarda!

“Sim”, disse Genestas, olhando para o médico e para a Fosseuse “são estas suas próprias palavras.

“— Os marechais que impediram que o senhor mesmo carregasse — disse-lhe eu — e que o puseram no seu calhambeque não eram seus amigos.

“— Vem comigo — exclamou ele vivamente —, a partida ainda não está perdida de todo.

“— Sire, eu de bom grado o alcançarei, mas, por enquanto, tenho nos ombros um filho sem mãe, e não sou livre.

“Adriano, que estão vendo aí, impediu-me, pois, de ir a Santa Helena.

“— Toma — disse ele —, nunca te dei nada, não eras daqueles que estavam sempre com uma mão cheia e a outra aberta; aqui está a caixa de rapé que me serviu nesta última campanha. Fica em França, porque afinal há nela necessidade de valentes! Permanece no serviço, lembra-te de mim. És do meu exército o último egípcio que terei visto de pé na França.

“E deu-me uma pequena tabaqueira.

“— Manda gravar nela: *Honra e Pátria* — disse-me —, é a história das nossas duas últimas campanhas.

“Depois, tendo chegado os que o acompanhavam, fiquei com eles toda a manhã. O Imperador ia de um lado para o outro naquela costa,

sempre calmo, mas franzindo de quando em quando o sobrolho. Ao meio-dia, o embarque dele foi julgado completamente impossível. Os ingleses sabiam que ele estava em Rochefort, era preciso entregar-se a eles ou atravessar outra vez a França. Todos estavam inquietos! Os minutos valiam por horas. Napoleão estava entre os Bourbon, que o teriam fuzilado, e os ingleses, que não são gente de honra porque jamais se lavarão da vergonha com que se cobriram ao atirar num rochedo um inimigo que lhes pedia hospitalidade. Nessa ansiedade, não sei que homem de seu séquito lhe apresentou o Tenente Doret, um marujo que lhe vinha propor os meios para ir à América. Efetivamente, havia no porto um brigue do Estado e um navio mercante.

“— Capitão! — disse-lhe o Imperador. — Como faria o senhor?

“— Sire — respondeu o homem —, o senhor irá no navio mercante, eu levarei o brigue com bandeira branca, com homens devotados, abordaremos o inglês, meteremos fogo nele, saltaremos e o senhor passará.

“— Iremos com o senhor! — gritei para o capitão. Napoleão olhou-nos a todos e disse:

“— Capitão Doret, fique para a França.

“Foi a única vez que vi Napoleão emocionado. Depois, fez-nos um sinal com a mão e entrou em casa. Parti quando o vi abordar o navio inglês. Ele estava perdido, e o sabia. Havia no porto um traidor que, por meio de sinais, avisava os inimigos da presença do Imperador. Napoleão tentou, pois, um último recurso, fez o que fazia nos campos de batalha, foi a eles em vez de os deixar vir a ele. Falam de desgostos; nada pode descrever-lhes o desespero daqueles que o amavam por ele.”

— Onde está a tabaqueira? — perguntou a Fosseuse.

— Está em Grenoble, numa caixa — respondeu o comandante.

— Se o permite, irei vê-la. Dizer que o senhor possui uma coisa em que ele pôs os dedos! Ele tinha mãos bonitas?

— Muito bonitas.

— É verdade que ele morreu? — perguntou ela. — Vamos, diga-me exatamente a verdade.

— Sim, certamente morreu, minha pobre criança.

— Eu era tão pequena em 1815 que nunca pude ver senão o chapéu dele, é isso mesmo, quase fui esmagada em Grenoble.

— Aqui está um magnífico café com creme — disse Genestas. — Então, Adriano, esta terra lhe agradaria? Virá ver a senhorita?

O pequeno não respondeu, parecia ter medo de olhar a Fosseuse. Benassis não deixava de examinar o rapazinho, em cuja alma parecia ler.

— Certamente que ele virá vê-la. Mas voltemos à casa, tenho de ir buscar um dos meus cavalos para fazer uma excursão bastante longe. Durante minha ausência, o senhor se entenderá com Jacquotte.

— Venha conosco — disse Genestas à Fosseuse.

— De bom grado — respondeu ela —, tenho de devolver várias coisas à sra. Jacquotte.

Puseram-se a caminho para voltar à casa do médico, e a Fosseuse, a quem aquela companhia deixava alegre, levou-os por pequenos atalhos através dos mais selvagens sítios da montanha.

— Senhor oficial — disse ela após um momento de silêncio —, o senhor nada me contou a seu respeito, e eu tinha vontade de ouvi-lo narrar alguma aventura de guerra. Gostei muito do que disse de Napoleão, mas isso me fez mal... Se o senhor fosse bem amável...

— Ela tem razão — exclamou suavemente Benassis —, o senhor deveria contar-nos alguma boa aventura enquanto caminhamos. Vamos, um caso interessante, como o da sua viga no Beresina.

— Tenho muito poucas recordações — disse Genestas. — Há gente para quem tudo acontece, e eu nunca pude ser o herói de nenhuma história. Olhem, eis a única coisa engraçada que me aconteceu. Em 1805, eu não era ainda senão subtenente, fazia parte do Grande Exército e estive em Austerlitz. Antes de tomarmos Ulm,⁶⁸ tivemos de dar alguns combates nos quais a cavalaria teve de intervir firme. Eu estava então sob o comando de Murat.⁶⁹ Depois de um dos primeiros encontros da campanha, nós nos apoderamos de uma região onde havia belas terras. À noite, meu regimento se acantonou no parque de um lindo castelo habitado por uma mulher jovem e bonita, uma condessa; como era natural, fui aboletar-me na casa dela, e corri para lá a fim de evitar qualquer saque. Chego no salão no momento em que o meu quartel-mestre apontava a espingarda para a condessa e lhe pedia brutalmente o que essa mulher não podia evidentemente dar-lhe, pois ele era feio à beça; com um golpe de sabre desvio para cima a carabina, e sai o tiro, que acerta num espelho; depois, dou um golpe de revés no meu homem e deito-o por terra. Aos gritos da condessa, e ao ouvir o tiro, toda a sua gente acorre e me ameaça. ‘Parem!’, disse ela em alemão aos que queriam me espetar, ‘este oficial salvou-me a vida.’

“Eles se retiraram. Essa dama deu-me seu lenço, um belo lenço bordado que ainda conservo, e me disse que eu teria sempre um asilo em sua propriedade, e que, se eu tivesse um desgosto, de qualquer natureza que fosse, teria nela uma irmã e uma amiga dedicada; enfim, ela dourou-me a pílula. Essa mulher era bela como um dia de bodas, mimosa como uma gatinha. Jantamos juntos. No dia seguinte, eu estava loucamente apaixonado; mas nesse dia eu tinha de estar nas fileiras em Guntzburg, creio eu, e saí da casa munido do meu lenço. Fere-se o combate; e eu a dizer com os meus botões: ‘Uma bala para mim, meu Deus! Entre todas essas que estão passando não haverá uma para mim?’

“Mas eu não a desejava na coxa, porque assim não poderia voltar ao castelo. Não era muito exigente, eu queria um bom ferimento no braço

para poder ser pensado, amimado pela princesa. Atirei-me como um danado contra o inimigo. Não tive sorte, saí dali são e salvo. Adeus, condessa, tive de marchar. Aí está.”

Tinham chegado à casa de Benassis, o qual, em seguida, montou a cavalo e desapareceu. Quando o médico voltou, a cozinheira, a quem Genestas recomendara o filho, já tinha tomado conta de Adriano e o alojara no famoso quarto do sr. Gravier. Ficou singularmente espantada ao ver seu patrão ordenar-lhe que preparasse uma simples cama de campanha, no seu próprio quarto, para o rapaz, e dando essa ordem em tom tão imperativo que foi impossível a Jacquotte fazer a menor observação. Depois do jantar, o comandante retomou a estrada de Grenoble, feliz com as novas garantias que Benassis lhe deu do pronto restabelecimento do menino.

VII — A MORTE DO JUSTO

Nos primeiros dias de dezembro, oito meses depois de ter confiado o filho ao médico, Genestas foi promovido a tenente-coronel num regimento da guarnição de Poitiers. Estava pensando em comunicar a sua partida a Benassis, quando recebeu uma carta deste em que lhe participava o perfeito restabelecimento de Adriano.

“O menino ficou grande e forte, e está muito bem. Desde que o deixou, ele aproveitou tão bem as lições de Butifer que se tornou tão bom atirador quanto o nosso contrabandista; de resto, ele é rápido e ágil, bom andador, bom cavaleiro. Nele tudo está mudado. O rapaz de dezesseis anos, que antigamente parecia ter doze, parece agora ter vinte. Possui um olhar seguro, altivo. É um homem, e um homem em cujo futuro o senhor deve agora pensar.

“Irei com certeza amanhã ver Benassis, e ouvirei a opinião dele sobre a carreira que deverei fazer esse camarada abraçar”, disse Genestas consigo, enquanto se dirigia ao jantar de despedida que seus oficiais lhe ofereciam, pois demorar-se-ia apenas alguns dias em Grenoble.

Quando o tenente-coronel voltou à casa, seu criado entregou-lhe uma carta trazida por um mensageiro, o qual durante muito tempo estivera esperando pela resposta. Embora um tanto aturdido pelos brindes que os oficiais acabavam de fazer-lhe, Genestas reconheceu a letra do filho, pensou que ele lhe pedia que satisfizesse alguma fantasia de rapaz e deixou a carta em cima da mesa, onde, no dia seguinte, a agarrou de novo, depois que se dissiparam as fumaças do champanhe.

“Meu querido pai,”

— Ah! Tratantezinho! — disse ele. — Nunca deixas de me amimar quando queres alguma coisa! — Depois, leu estas palavras:

“O bom sr. Benassis morreu...”

A carta caiu das mãos de Genestas, que só depois de longa pausa recomeçou a leitura.

“Essa desgraça espalhou a consternação em toda a região, e nos surpreendeu tanto mais por estar o sr. Benassis, na véspera, em perfeita saúde e sem nenhuma aparência de doença. Anteontem, como se sentisse seu fim, foi visitar todos os seus doentes, mesmo os mais afastados; falou com todas as pessoas que encontrou, dizendo-lhes: ‘Adeus, meus amigos’. Voltou, segundo seu hábito, para jantar comigo às cinco horas. Jacquotte achou-lhe o rosto um pouco vermelho e roxo; como fazia frio, ela não lhe deu o banho de pés, que tinha o hábito de forçá-lo a tomar quando lhe via a cabeça injetada. Por isso, a pobre rapariga, debulhada em lágrimas, faz dois dias que passa gritando: ‘Se eu lhe tivesse dado o banho de pés, ele ainda estaria vivo!’ O sr. Benassis estava com fome, comeu muito e se mostrou mais alegre do que habitualmente. Rimos muito um e outro, e nunca o vi rir tanto. Depois do jantar, um homem de Saint-Laurent-du-Pont veio buscá-lo para um caso muito urgente. Ele me disse: ‘Tenho de ir; entretanto, minha digestão não está feita e não gosto de montar a cavalo neste estado, principalmente em tempo frio; é coisa de matar um homem!’ Não obstante, partiu. Goguelat, o carteiro, trouxe ali pelas nove horas uma carta para o sr. Benassis. Jacquotte, cansada por ter feito a limpeza da cozinha, foi deitar-se, dando-me a carta, e pediu-me que preparasse o chá no nosso quarto no fogo do sr. Benassis, porque eu ainda durmo perto dele na minha caminha de crina. Apaguei o fogo do salão e subi a fim de esperar meu bom amigo. Antes de pôr a carta em cima da chaminé, num gesto de curiosidade, olhei o selo e a letra. A carta vinha de Paris, e o endereço pareceu-me ter sido escrito por uma mulher. Falo-lhe nisso por causa da influência que essa carta teve sobre o acontecimento. Cerca das dez horas ouvi o passo do cavalo do sr. Benassis. Ele disse a Nicolle: ‘Está fazendo um frio dos diabos, não me sinto bem’. ‘Quer que eu vá acordar Jacquotte?’, perguntou-lhe Nicolle. ‘Não! Não!’ E subiu. ‘Preparei-lhe o chá’, disse-lhe eu. ‘Obrigado, Adriano!’, respondeu-me sorrindo como o senhor sabe. Foi seu último sorriso. Tirou a gravata como se estivesse sufocado. ‘Está quente aqui!’, disse ele. Depois atirou-se numa poltrona. ‘Veio uma carta para o senhor, meu bom amigo, aqui está ela’, disse-lhe eu. Ele pegou a carta, olhou a letra e exclamou: ‘Ah! Meu Deus! Talvez ela esteja livre!’. Depois, inclinou a cabeça para trás e as mãos lhe tremeram; afinal, pôs uma luz em cima da mesa e abriu a carta. O tom de sua exclamação era tão

espantoso que eu o olhei enquanto ele lia, e o vi corar e chorar. Depois, repentinamente cai de cabeça para a frente, eu o levanto e vejo-lhe o rosto todo roxo. 'Estou morto', disse ele, balbuciando e fazendo um esforço desesperado para levantar-se. 'Sangre-me, sangre-me!', gritou, pegando-me a mão. 'Adriano, queime esta carta!' e deu-me a carta, que eu atirei ao fogo. Chamei Jacquotte e Nicolle; mas somente Nicolle me ouviu; ele sobe e me ajuda a colocar o sr. Benassis na minha cama de campanha. Nosso bom amigo não ouvia mais! Desde esse momento, é verdade que ele abriu os olhos, mas não viu mais nada. Nicolle, indo a cavalo buscar o sr. Bordier, o cirurgião, deu alarme em todo o burgo. Então, num momento, todo o burgo estava de pé. O padre Janvier, o sr. Dufau, todos os que o senhor conhece foram os primeiros a chegar. O sr. Benassis estava quase morto, não havia mais recursos. O sr. Bordier queimou-lhe a sola dos pés sem obter sinal de vida. Era ao mesmo tempo um acesso de gota e um derrame cerebral. Dou-lhe fielmente todos estes detalhes porque sei, querido pai, quanto queria bem ao sr. Benassis. Quanto a mim, estou bem triste e pesaroso. Posso dizer-lhe que, a não ser o senhor, não há ninguém a quem tenha querido mais. Eu aproveitava mais conversando à noite com esse bom sr. Benassis do que ao aprender todas as coisas do colégio. Quando se soube no outro dia de manhã, no burgo, da sua morte, foi um espetáculo incrível. O pátio, o jardim, tudo estava cheio de gente. Eram choros e gritos; enfim, ninguém trabalhou, cada um contava o que o sr. Benassis lhe tinha dito quando lhe falara pela última vez; um contava tudo o que ele lhe tinha feito de bem; os menos enternecidos falavam para os outros; a multidão crescia de hora em hora, e todos queriam vê-lo. A triste nova espalhou-se rapidamente; a gente do cantão, e mesmo a dos arredores, teve a mesma ideia: homens, mulheres, moças e rapazes chegaram ao burgo vindos de dez léguas de distância. Quando se formou o préstito fúnebre, o caixão foi levado à igreja pelos quatro mais antigos da comuna, mas com trabalho infinito, porque, entre a casa do sr. Benassis e a igreja, havia cerca de cinco mil pessoas que, na maioria, se ajoelharam como numa procissão. A igreja não podia conter todo mundo. Quando começou o ofício, fez-se, apesar dos prantos, um tão grande silêncio que se ouviam as sinetas e os cantos na extremidade da rua principal. Quando, porém, foi preciso transportar o corpo para o cemitério novo que o sr. Benassis doou ao burgo, não suspeitando, o pobre homem, que seria o primeiro a ser enterrado ali, ergueu-se então um grande clamor. O padre Janvier dizia as rezas chorando, e todos que ali estavam tinham lágrimas nos olhos. Finalmente, foi enterrado. À noite a multidão dispersou-se, e cada um foi para sua casa, semeando o luto e os prantos pela região. No dia seguinte de manhã, Gondrin, Goguelat, Butifer, o guarda rural e várias pessoas puseram-se a trabalhar a fim de erguer no lugar onde jaz o sr. Benassis uma espécie de pirâmide de

terra, de vinte pés de altura, que estão plantando de grama e na qual todos trabalham. Tais são, meu bom pai, os acontecimentos que se passaram aqui de três dias para cá. O testamento do sr. Benassis foi achado aberto na sua mesa pelo sr. Dufau. O emprego que nosso bom amigo fez dos seus bens aumentou, se possível, a afeição que tinham por ele e o pesar causado por sua morte. Agora, querido pai, espero por Butifer, que lhe leva esta carta, uma resposta para que me diga o que devo fazer. Virá buscar-me ou deverei ir ter com o senhor em Grenoble? Diga-me o que deseja que eu faça e fique certo da minha inteira obediência.

Adeus, meu pai, envio-lhe toda a afeição do filho que muito lhe quer.

ADRIANO GENESTAS”

— Vamos, é preciso ir — exclamou o soldado.

VIII — PAÍS ENLUTADO

Deu ordem para lhe selarem o cavalo, e pôs-se a caminho numa dessas manhãs de dezembro em que o céu está coberto por um véu cinza, em que o vento não é suficientemente forte para varrer o nevoeiro através do qual as árvores desfolhadas e as casas úmidas não têm mais sua fisionomia habitual. O silêncio era sombrio, pois há silêncios brilhantes. Quando o tempo está bonito, o menor ruído tem alegria; mas, quando está sombrio, a natureza não é silenciosa, é muda. O nevoeiro, prendendo-se às árvores, nelas se condensava em gotas que caíam lentamente sobre as folhas, como lágrimas. Todo ruído morria na atmosfera. O Coronel Genestas, cujo coração estava oprimido por pensamentos de morte e por profundos pesares, simpatizava com essa natureza tão triste. Comparava involuntariamente o lindo céu da primavera e o vale que ele vira tão alegre na sua primeira viagem ao espetáculo melancólico de um céu plúmbeo, àquelas montanhas despidas de seus verdes ornatos e que não haviam revestido ainda seus mantos de neve, cujos efeitos não deixam de ter sua graça. Uma terra nua é um espetáculo doloroso para um homem que se dirige a um túmulo; para ele, esse túmulo parece estar em toda parte. Os pinheiros negros que, aqui e ali, coroavam os píncaros mesclavam imagens de luto a todas as que se apoderavam da alma do oficial; por isso, todas as vezes que ele olhava o vale em toda a sua extensão, não podia deixar de pensar na desgraça que pesava sobre aquele cantão, e no vácuo nele produzido pela morte de um homem. Genestas não tardou a chegar ao lugar onde, na sua primeira viagem, tomara uma xícara de leite. Ao ver a fumaça do rancho onde eram criadas as crianças do asilo, pensou mais particularmente no espírito benfazejo de Benassis, e quis entrar ali para

em seu nome dar uma esmola à pobre mulher. Depois de ter amarrado o cavalo numa árvore, abriu a porta da casa sem bater.

— Bom dia, mãezinha — disse ele à velha, a quem achou no canto do fogo, cercada pelas crianças acoradas —, reconhece-me?

— Oh! Sim, meu caro senhor. O senhor veio aqui numa linda primavera, e me deu dois escudos.

— Tome, mãezinha, aqui está para a senhora e para os seus pequenos!

— Meu bom senhor, quanto lhe agradeço! Que o céu o abençoe!

— Não me agradeça, a senhora deve esse dinheiro ao pobre pai Benassis.

A velha ergueu a cabeça e olhou Genestas.

— Ah! Senhor, embora ele tenha deixado seus haveres para a nossa pobre localidade, e todos nós sejamos seus herdeiros, perdemos nossa maior riqueza, porque ele fazia tudo andar bem aqui.

— Adeus, mãezinha, rogue por ele! — disse Genestas, depois de dar umas lambadas de brinquedo nas crianças.

Depois, acompanhado por toda a pequena família e pela velha, tornou a montar o cavalo e partiu. Seguindo o caminho do vale, encontrou a larga senda que ia ter à casa da Fosseuse. Chegou ao barranco de onde podia avistar a casa; mas não foi sem grande inquietação que viu as portas e as janelas fechadas; voltou então pela estrada real, cujos choupos já não tinham mais folhas. Ao entrar ali, viu o velho lavrador quase endomingado, caminhando lentamente, sozinho, sem as ferramentas.

— Bom dia, sr. Moreau.

— Ah! Bom dia, senhor. Estou reconhecendo-o — acrescentou o bom velho, depois de um momento de silêncio. — O senhor é um amigo de nosso falecido *maire*! Ah! Senhor, não teria sido melhor que no lugar dele o bom Deus tivesse levado um pobre ciático como eu? Eu nada sou aqui, ao passo que ele era a alegria de todos.

— Sabe por que motivo não há ninguém em casa da Fosseuse?

O bom velho olhou o céu.

— Que horas são, senhor? Não se vê o sol — disse ele.

— São dez horas, senhor.

— Oh! Bem! Ela está na missa ou no cemitério. Vai lá todos os dias, é herdeira dele de quinhentos francos vitalícios e da casa dele enquanto viver, mas está quase louca com a morte dele.

— Aonde vai, meu amigo?

— Ao enterro do pobrezinho do Jacques, que é meu sobrinho. O pequeno doente morreu ontem de manhã. Parecia realmente que era esse querido sr. Benassis quem o sustentava. Todos esses jovens, tudo isso morre! — acrescentou Moreau, com ar meio sério, meio sarcástico.

Na entrada do burgo, Genestas deteve o cavalo ao ver Gondrin e

Goguelat, os dois armados de pás e picaretas.

— E então, meus velhos soldados — gritou-lhes —, tivemos a desgraça de perdê-lo!...

— Basta, basta, meu oficial — respondeu Goguelat em tom rabugento —, sabemos isso de sobra, acabamos de ir buscar grama para o túmulo dele.

— Não será uma bela vida para contar? — disse Genestas.

— Sim — respondeu Goguelat —, menos as batalhas, é o Napoleão do nosso vale.

Ao chegar ao presbitério, Genestas viu na porta Butifer e Adriano conversando com o padre Janvier, que, com certeza, vinha de dizer missa. Imediatamente, Butifer, ao ver o oficial dispor-se a descer do cavalo, foi segurar este pela rédea, e Adriano atirou-se nos braços do pai, que ficou todo enternecido com aquela efusão; mas o militar ocultou-lhe seus sentimentos e lhe disse:

— Como você está refeito, Adriano! Por Deus! Graças ao nosso pobre amigo, você está quase um homem! Não esquecerei mestre Butifer, seu preceptor.

— Ah! Meu coronel — disse Butifer —, leve-me para o seu regimento! Desde que o senhor *maire* morreu, tenho medo de mim. Não é que ele queria que eu fosse soldado? Pois bem, farei a vontade dele. Ele lhe disse quem era eu, o senhor será indulgente comigo...

— Combinado, meu valente — disse Genestas, apertando-lhe a mão. — Descansa, que eu te arranjarei um bom alistamento. Então, senhor cura...

— Senhor coronel, estou tão pesaroso como todos daqui do cantão, mas sinto mais vivamente do que eles o quanto esta perda que tivemos é irreparável. Esse homem era um anjo! Felizmente morreu sem sofrer. Deus desatou com mão benfazeja os laços de uma vida que foi um constante benefício para nós.

— Posso perdi-lhe, sem indiscrição, que me acompanhe ao cemitério? Queria dizer a ele uma espécie de adeus.

Butifer e Adriano acompanharam então Genestas e o cura, os quais caminhavam conversando alguns passos adiante. Quando o tenente-coronel ultrapassou o burgo, dirigindo-se para o pequeno lago, entreviu na encosta da montanha um grande terreno rochoso cercado de muros.

— Ali está o cemitério — disse o cura. — Três meses antes de vir para aqui, ele, o primeiro, o sr. Benassis se deu conta dos inconvenientes resultantes da vizinhança dos cemitérios em torno das igrejas; e, para fazer executar a lei que ordena a trasladação a certa distância das habitações, ele mesmo doou este terreno à comuna. Enterramos hoje aí uma pobre criança. Teremos, assim, começado por trazer aqui a Inocência e a Virtude. Será pois a morte uma recompensa? Dá-nos Deus uma lição chamando a si duas criaturas perfeitas? Iremos nós para ele,

depois de termos sido castigados na infância pelo sofrimento físico e numa idade mais avançada pelo sofrimento moral? Olhe, aí está o monumento rústico que lhe erguemos.

Genestas viu uma pirâmide de terra, de uma altura de mais ou menos vinte pés, ainda nua, mas cujos bordos começavam a ser gramados pelas mãos ativas de alguns habitantes. A Fosseuse debulhava-se em prantos, com a cabeça entre as mãos e sentada sobre as pedras que mantinham fixada uma imensa cruz feita com um pinheiro revestido de sua casca. O oficial leu em grandes caracteres estas palavras gravadas no lenho:

D.O.M.
AQUI JAZ
O BOM SENHOR BENASSIS
PAI
DE
TODOS NÓS
ROGAI POR ELE

— Foi o senhor — disse Genestas — quem...

— Não — respondeu o cura —, nós pusemos aí as palavras que têm sido repetidas desde o alto destas montanhas até Grenoble.

Depois de permanecer silencioso durante um momento e de ter-se aproximado da Fosseuse, a qual não o ouviu, Genestas disse ao cura:

— Logo que consiga minha reforma, virei acabar meus dias entre vós.

Outubro de 1832 — Julho de 1833

FIM DO VOLUME XIII

Notas

OS CAMPONESES

1 *S.P.B. Gavault*: Sylvain-Pierre-Bonaventure Gavault, procurador, “tutor” de Balzac, seu amigo eficiente em várias dificuldades financeiras. Ajudou o romancista com seus conselhos e até com dinheiro, sobretudo durante os anos 1840-43, especialmente na venda da casa de campo das Jardies. Em suas cartas à Estrangeira, o escritor refere-se a ele com os maiores elogios. 2 *O Terceiro Estado*: em francês, *Le Tiers État*, a parte da nação francesa (antes da Revolução) que não pertencia nem à nobreza nem ao clero; burguesia. 3 *Eróstrato*: cidadão obscuro de Éfeso, que, desejoso de tornar-se imortal por uma destruição memorável, incendiou o templo de Diana em Éfeso, uma das sete maravilhas do mundo, na própria noite do nascimento de Alexandre (356 a.C.). Seus concidadãos, indignados, promulgaram um decreto que proibia, sob pena de morte, pronunciar-lhe o nome. 4 *Esse ano de 1830*. Alusão à Revolução de junho de 1830, de caráter liberal e burguês, que levou Luís Felipe ao poder. 5 *Nathan*: Raul Nathan, escritor, protagonista de *A Comédia Humana*; desempenha papel importante em *Uma Filha de Eva*. 6 *Florina*: personagem balzaquiana, atriz de costumes livres; amante, depois esposa de Nathan. 7 *Des Lupeaulx*: personagem balzaquiana, alto funcionário e estadista; entre outros romances apareceu em *Os Funcionários*. 8 *Marquês de Ronquerolles*: personagem balzaquiana, um dos Treze; figura em *Ferragus*, *A Duquesa de Langeais* etc. 9 *Conde de Soulanges*: personagem balzaquiana; a história de sua reconciliação com a mulher é contada em *A Paz Conjugal*. 10 *Bruegel-de-Veludo*: Jan Bruegel (1568-1625), o mais moço de três famosos pintores da mesma família e que deve o apelido ao frescor do seu colorido. 11 *Luini*: Bernardino Luini (1480-1532), pintor da escola milanesa, discípulo de Leonardo da Vinci. 12 *Limagne*: antiga região do Auvergne, planície fértil regada pelo Allier. 13 *As Chartreuses*: provável alusão ao vale da Grande-Chartreuse (Grande Cartuxa), mosteiro fundado por São Bruno em 1084. 14 *Bouret*: Etienne-Michel Bouret, filho de lacaio, arrendatário-mor de Luís XV, favorito da Pompadour; *parvenu* grosseiro e tolo. 15 *Boucher*: François Boucher (1703-1770), pintor ornamentista, especializado em graciosas cenas pastorais ou mitológicas. 16 *Maupeou*: René-Nicolas de Maupeou (1714-1792), chanceler da França, cujo ministério se tornou memorável por uma tentativa de reformar a Justiça, que o levou a suprimir o Parlamento, e pela instituição de “conselhos do rei”, aliás de breve duração. 17 *Regnault Saint-Jean-d'Angély* (1761-1819): estadista francês, secretário de Estado junto à família imperial. 18 *Príncipe de Conti*: provavelmente Armando, Príncipe de Conti (1629-1666), do ramo secundogênito da casa de Bourbon-Condé; tomou parte nos motins da Fronda; desposou uma sobrinha de Mazarino. 19 *Maneja, Susana do Vai-Nobre, Túlia*: mulheres galantes, personagens de *A Comédia Humana*. 20 *A Condessa Dubarry*, favorita de Luís XV, morreu decapitada durante o Terror, em 1793. 21 *Maire*: esposa do *maire*, chefe da administração comunal. 22 *Bagnolet*: comuna

nos arredores de Paris. 23 *Montcornet*: personagem balzaquiana; já apareceu em *A Paz Conjugal* e outras narrativas, de sua ligação íntima com a srta. Fortin teve uma filha ilegítima, Valéria Marneffe (*A Prima Bete*). 24 *Essling*: aldeia da Áustria perto de Viena; cenário de uma sangrenta batalha de Napoleão (21 de maio de 1809) na qual morreu o Marechal Lannes. 25 Em princípio, não gosto de notas; esta é a primeira que me permito. Seu interesse histórico me servirá de excusa. Ela provará, de resto, que a descrição das batalhas deve ser feita de um modo diferente das secas definições dos escritores técnicos que, de três mil anos a esta parte, não nos falam senão de ala esquerda ou direita, ou de centro, mais ou menos rompidos, mas que não dizem palavra sobre o soldado, seus heroísmos e seus sofrimentos. A consciência com que preparo as *Cenas da Vida Militar* leva-me a todos os campos de batalha regados pelo sangue da França e dos estrangeiros; quis, pois, visitar a planície de Wagram. Chegando às margens do Danúbio, em face de Lobau, observei na praia, onde crescia uma grama fina, ondulações semelhantes aos grandes sulcos dos campos de luzerna. Supondo tratar-se de algum método de cultura, perguntei a que era devida essa disposição do terreno. “Aqui”, disse-me o camponês que nos servia de guia, “dormem os couraceiros da Guarda Imperial: o que o senhor está vendo são os túmulos deles!” Estas palavras textuais me causaram um arrepio; o Príncipe Schwarzenberg, ao traduzi-las, acrescentou que aquele camponês tinha conduzido o comboio das carretas peçadas de couraças. Por uma dessas singularidades tão comuns na guerra, nosso guia fornecera o almoço de Napoleão na manhã da batalha de Wagram. Apesar de pobre, guardara o duplo napoleão que o imperador lhe dera pelo leite e pelos ovos. O cura de Gross-Aspern levou-nos ao famoso cemitério onde franceses e austríacos lutaram banhados em sangue até a barriga das pernas, com uma coragem e uma persistência igualmente gloriosas, de um lado como de outro. Aí me disse ele, com profunda melancolia, explicando-nos que uma pedra de mármore sobre a qual se concentrara toda a minha atenção e onde se lia o nome do proprietário de Gross-Aspern, fora a única recompensa concedida à família; *Foi o tempo das grandes misérias, e foi o tempo das grandes promessas, mas agora é o tempo do esquecimento...* Achei essas palavras de uma simplicidade magnífica; mas, refletindo nisso, dei razão à aparente ingratidão da casa da Áustria. Nem os povos nem os reis são bastante ricos para recompensar todos os devotamentos suscitados pelas lutas supremas. Aqueles que se batem por uma causa com o pensamento oculto de uma recompensa e estimam o próprio sangue, que se façam *condottieri!*... Os que manejam a espada ou a pena por amor da pátria só devem se preocupar em *fazer bem*, como diziam nossos pais, e não aceitar nada, inclusive a glória, senão como um feliz acaso. Foi quando pela terceira vez ia retomar esse famoso cemitério que Masséna, ferido e transportado numa caixa de cabriolé, dirigiu aos soldados a sublime alocução: “*Como é isso, cães de m..., vocês só têm cinco sous por dia; eu tenho quarenta milhões, e vocês me deixam ir à frente?!...*”. É conhecida a ordem do Imperador ao seu lugar-tenente, transmitida pelo sr. de Sainte-Croix, que três vezes atravessou o Danúbio a nado: “Morrer ou reconquistar a aldeia; trata-se de salvar o Exército! As pontes estão cortadas” (*Nota de Balzac.*) 26 *Elizabeth à entrada do castelo de Kenilworth*. Alusão a uma cena do romance *Kenilworth*, de Walter Scott. 27 *Os Debates*: o *Journal des Débats*, primitivamente apenas registro das assembleias revolucionárias; durante a Restauração tornou-se órgão do Centro-Esquerda, de tendências semiliberais. 28 Blondet: Emílio Blondet, crítico, um dos protagonistas de *A Comédia Humana*; filho adulterino da sra. Blondet e de um prefeito da One, era detestado pelo juiz Blondet, seu pai legítimo, que por isso o afastou de Alençon e o mandou estudar Direito em Paris. Personagem de grande número de romances e novelas, desempenha papel importante em *A Solteirona* e *O Gabinete das Antiguidades*. 29 *Bucólica*: poesia pastoral, chamada também *écloga* ou *idílio*; os espécimes mais famosos do gênero são de Teócrito (ver a nota 98) e de Virgílio. 30 *Quakers*: membros de uma seita puritana, fundada no século XVII e

espalhada principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos; notável por seus princípios humanitários e certos excessos de rigorismo formal. 31 *Armida*: sedutora heroína de *Jerusalém Libertada*, de Torquato Tasso, e que vive num palácio cheio de encantos. 32 *Felipe II* (1527-1598): rei da Espanha, filho de Carlos V; anexou Portugal à Espanha, mas não conseguiu vencer a resistência dos Países Baixos. Sua “Invencível Armada”, enviada contra a Inglaterra, foi dispersada por um temporal. 33 *Rouvet*: Jean Rouvet (século XVI), inventor do transporte da madeira pelos rios por meio de flutuação. 34 *Je Soule Agir* (em francês antigo): “Tenho o costume de agir”; falsa etimologia do nome de Soulanges. 35 *Charlet*: Nicolas-Toussaint Charlet (1792-1845), desenhista de renome, conhecido sobretudo pelos seus retratos de soldados da guarda e por suas cenas populares. 36 *Os peles-vermelhas de Cooper*. Alusão, ao romancista norte-americano James Fenimore Cooper (1789-1851), autor de romances de aventura, dos quais o mais conhecido, *O Último dos Moicanos*, apresenta uma reconstrução pitoresca dos ingênuos e rudes costumes dos indígenas dos Estados Unidos. 37 *Marechal de Richelieu*: Armand du Plessis, Duque de Richelieu (1696-1788), sobrinho-neto do cardeal, igualmente famoso por seu espírito e pela sua devassidão. Balzac parece aludir aqui à ignorância notória dessa personagem, que não lhe impediu a eleição à Academia das Ciências. 38 *Charles Pothier* ou *Potier* (1775-1837); *Baptiste moço*, de seu verdadeiro nome Paul-Eustache-Anselme (1765-1839); *Antoine Michot* (1768-1826); *Monrose*, de seu verdadeiro nome Claude Barisain (1783-1843), todos conhecidos atores cômicos. 39 *Seu pai, juiz em Alençon*. Ver a nota 28. 40 *Sub dio* (em latim): “ao relento”, “ao ar”. 41 *Telêmaco*: filho de Ulisses e de Penélope que, sabiamente aconselhado por Mentor, partiu à procura do pai. O romance que Fénelon consagrou às *Aventuras de Telêmaco* (1699), escrito à maneira das epopeias antigas, teve êxito enorme. 42 *Panís angelorum* (em latim): “o pão dos anjos”. 43 *Lavater*: Johann Kaspar Lavater (1741-1801), inventor da fisionomia ou arte de julgar o caráter pelos traços do rosto. 44 *Filosofia rabelaisiana*: isto é, da arte de gozar os prazeres da vida; por alusão a François Rabelais (1494-1553), “o bom cura de Meudon”, autor da *Vida Inestimável de Gargântua* e dos *Feitos e Ditos Heroicos do Grande Pantagruel*. 45 *David*: Louis David (1748-1825), pintor francês, membro da Convenção; ditador das artes durante a Revolução; sob o Império, pintor de Napoleão. Representante da escola neoclássica, afeiçoava assuntos históricos, como *O Juramento dos Horácios*, *O Rapto das Sabinas* etc. 46 *Summum jus, summa injuria* (em latim): “excesso de justiça, excesso de injustiça”. Adágio do direito romano que se costuma citar para lembrar que a aplicação demasiadamente rigorosa da lei leva muitas vezes à injustiça. 47 *O rus!* (em latim): “ó campo!” (por oposição à cidade). 48 *Troisville*: família da alta nobreza inventada por Balzac. O Visconde de Troisville, marido da Princesa Sherbellov, que aparece em *A Solteirona*, é pai de Virgínia de Troisville, esposa do General Montcornet. 49 *Jacquerie*: levante de camponeses, em 1358, contra a nobreza, que o reprimiu com extrema crueldade. 50 *Conquista*: a conquista normanda (século IX). 51 *A famosa Companhia Minoret*, fornecedora de mantimentos do Exército, parece pertencer a uma família ligada aos Minoret de Nemours (*Úrsula Mirouët*). 52 *Fouquier-Tinville*: Antoine Quentin Fouquier-Tinville (1746-1795), promotor público do Tribunal Revolucionário, o grande abastecedor da guilhotina durante o Terror; morreu no cadafalso. 53 *Piccinni*: Niccolò Piccinni (1728-1800), compositor italiano, cujas óperas correspondem ao modelo tradicional na Itália; sua rivalidade com Gluck (ver a nota 70) provocou a famosa disputa entre gluckistas e piccinnistas. 54 *O Diretório* mal durou quatro anos, de 1795 a 1799. 55 *Pitt e Cobourg*. Durante a Revolução Francesa, todas as pessoas suspeitas de atividades contrarrevolucionárias eram qualificadas de partidários de Pitt e Cobourg, o primeiro chefe do gabinete inglês, o segundo marechal e estadista austríaco, chefes da coalizão contra a França. 56 *Partilha à Montgomery*: expressão proverbial que Littré explica assim: “Tudo para um, nada para outro”. 57 *O Tartufo*: comédia de Molière, em que o protagonista, um

hipócrita devasso que finge devoção, se insinua na simpatia de Orgon, instala-se-lhe em casa, mete-se-lhe em todos os negócios e torna-o alheio aos verdadeiros interesses da sua família. A vítima só vem a abrir os olhos quando Tartufo lhe quer seduzir a mulher. 58 *Paul-Louis Courier* (1772-1825): publicista liberal, adversário da Restauração, célebre por seus panfletos. Foi assassinado pelo couteiro. 59 *Urbi et orbi* (em latim): à cidade (de Roma) e ao universo. Palavras que fazem parte de bênção papal para indicar que ela se estende ao mundo inteiro; empregam-se também no sentido geral de “a todos”. 60 *A casa Leclerc e Cia.* não aparece em nenhuma outra obra de *A Comédia Humana*; quanto à sua rival, a famosa casa Grandet, pertencia ao irmão do pai Grandet, o rico avaro de Saumur (*Eugênia Grandet*). 61 *Filinto*: personagem de *O Misanthropo*, de Molière; homem de caráter indulgente, que desculpa as fraquezas alheias e procura sempre o apaziguamento. 62 *Exército do Loire*: nome que se dá ao exército formado em 1815 por oficiais fanáticos fiéis a Napoleão, desejosos de tentar uma resistência desesperada à ocupação da França pelos aliados. 63 *Maquiavel* político e historiador florentino, autor do célebre tratado *O Príncipe*, baseado num conhecimento profundo da natureza humana. 64 *Ver Uma Estreia na Vida*, *Cenas da Vida Privada*. (Nota de Balzac.) 65 *Ver O Gabinete das Antiguidades*, *Cenas da Vida Privada*. (Nota de Balzac.) 66 *Mestre Crottat, tabelião em Paris*: personagem de *A Comédia Humana*; César Birotteau pensou um instante casar a filha com ele; aparece também em *A Mulher de Trinta Anos*. 67 *Jorge Marest, escrevente de cartório e rapaz rico*: personagem balzaquiana, apareceu em *Uma Estreia na Vida* como organizador de uma grande farra. 68 *Barão Boursac*: personagem balzaquiana, procurador-geral que fez condenar à prisão a sra. de la Chanterie e executar a filha desta (*O Averso da História Contemporânea*). 69 *Miss Edgeworth*: Mary Edgeworth (1767-1849), escritora inglesa, autora de contos moralizadores destinados à mocidade. 70 *O cavaleiro Gluck*: Christoph Willibald Gluck (1714-1787), compositor alemão que executou uma reforma no gênero ópera, transformando-o num drama cheio de emoção e paixão. Suas óperas representadas em Paris — *Ifigênia em Áulide*, *Orfeu e Alceste* — provocaram a hostilidade dos partidários de Piccini (ver nota 53). 71 *Dorat*: Joseph Dorat (1734-1780), poeta galante e frívolo, autor de madrigais, dramas e poemas descritivos cheios de afetação. 72 *Mercure de France*: semanário publicado em 1672 por Visé para publicar as novidades da Corte, anedotas, pequenos poemas; continuado por diversos autores, com algumas interrupções, até 1825. 73 *Faubourg Saint-Antoine*: bairro popular de Paris. 74 *Ponte Real*: Pont Royal, uma das pontes do Sena em Paris, que liga a margem direita ao faubourg Saint-Germain. 75 *Os Navarreins, os Lenoncourt...*: todas famílias da alta aristocracia inventada por Balzac. 76 *Faubourg Saint-Germain*: o bairro aristocrático de Paris. 77 *Duquesa de Carigliano*: personagem de *A Comédia Humana*; foi quem, na novela *Ao “Chat-qui-pelote”*, deu conselhos a Augustina de Sommerieux sobre a maneira de uma mulher conseguir a fidelidade do marido. 78 *O Duque de Berry*, segundo filho do Conde de Artois (o futuro rei Carlos X), foi assassinado em 1820 por um operário seleiro. O acontecimento, explorado pelos ultrarrealistas, suscitou a queda do gabinete Decazes, de tendências liberais. *O Pavilhão Marsan* era a residência do Conde de Artois e o lugar de reunião de seus partidários. 79 *Villèle*: Conde Joseph de Villèle (1773-1854), primeiro-ministro de 1822 a 1828, ultrarrealista, autor de medidas reacionárias. 80 O título de *mestre*, em francês *maître*, é dado na França, ainda hoje, aos advogados, tabeliães, solicitadores etc. 81 *Domínios*: os bens imobiliários do Estado. 82 *A floresta de Bondy*, perto de Paris, era antigamente um refúgio de bandidos, cenário de vários assassinios famosos. Daí a frase, tornada proverbial. 83 *O Bearnês*: Henrique IV (por ter nascido no Béarn, antiga província francesa). 84 *Veronese*: apelido de Paolo Caliari (1528-1588), pintor italiano nascido em Verona, autor de *As Núpcias de Cana*, *O Rapto de Europa* etc. 85 *Wouwermans*: Philips Wouwermans (1619-1668), pintor holandês, notável por seus quadros de caça, de animais, de quintais de taverna. 86 *Vandermeulen*: Adam van der Meulen (1632-1690),

pintor flamengo; representou cenas das batalhas do reino de Luís XIV. **87** *Le Constitutionnel*: jornal liberal, fundado durante os Cem Dias, em 1815, de tendências bonapartistas; suas campanhas prepararam a Revolução de 1930, depois da qual ficou favorável ao governo de Luís Felipe. **88** *Padre Grégoire*: Henri Grégoire (1750-1831), sacerdote francês, membro da Convenção e bispo constitucional de Blois. **89** *O grande orador Francisco Keller*: personagem balzaquiana, banqueiro e político; apareceu, entre outros romances, em *César Birotteau*. **90** *Conde Marcial de la Roche-Hugon*: personagem balzaquiana; protagonista de *A Paz Conjugal*. **91** *O jugo social, chamado de Contrato por J.-J. Rousseau*: alusão a *O Contrato Social* (1762), livro célebre de Rousseau, no qual o autor afirma estar baseada a vida social num contrato pelo qual cada contratante aliena a própria liberdade à comunidade e se obriga a aceitar a vontade geral. **92** *O Conde de Castéran* deve ser algum parente da Marquesa de Rochefide, em solteira Beatriz de Castéran, heroína do romance *Beatriz*. **93** *Os processos La Chanterie e Rifoël* são relatados em *O Averso da História Contemporânea*. **94** *De re vestra agitur* (em latim): “Trata-se do vosso caso”. **95** Poussin: Nicolas Poussin (1594-1665), um dos pintores mais ilustres da França, autor de quadros de assuntos bíblicos e mitológicos. **96** *In petto* (em italiano): “em segredo”. **97** *Chouans*: nome dado aos rebeldes monarquistas de 1799, sobre os quais Balzac escreveu *A Bretanha em 1799*. **98** Na fábula *A Leitura e a Bilha de Leite*, de La Fontaine, a mocinha *Perrette* leva uma bilha de leite à cidade para vendê-la. No caminho, diverte-se em imaginar o que fará com o preço obtido: comprará ovos, criará galinhas, com o preço destas há de adquirir um porco, depois uma vaca... quando, de repente, tropeça e deixa cair a bilha. O leite derrama-se: adeus vaca, porco, galinhas. **99** *Teócrito*: poeta grego (século III a.C.), autor de élogos e epigramas; criador do gênero da écloga, idílio ou bucólica (ver a nota 29). Seu *XXVII Idílio* — cujo título *Oaristo* significa “conversa amorosa” — relata o encontro amoroso de um pastor e de uma pastora. **100** *Eugène Delacroix* (1798-1863): pintor, chefe da escola romântica, amigo de Balzac, que o retratou na personagem de José Bridau (*Um Conchego de Solteirão*). — *David d'Angers*: Pierre-Jean David d'Angers (1788-1856), escultor, autor entre outras obras de um busto e de um croqui de Balzac. **101** *Buffon*: Conde Georges-Louis Leclerc de Buffon (1707-1788), autor de monumental *História Natural*. **102** *Ranelagh*: um dos mais antigos bailes públicos de Paris, situado no Bois de Boulogne; existiu até 1854. **103** *De Marsay*: protagonista de *A Comédia Humana*, tipo de aventureiro político inescrupuloso, cínico, boa-vida; notável por sua elegância e suas aventuras; um dos Treze (*A Duquesa de Langeais*, *A Menina dos Olhos de Ouro* etc. **104** *No festim de Baltasar*, este rei da Babilônia profanou os vasos sagrados do templo de Jerusalém, depois do que viu aparecer em letras de fogo na parede as palavras *Mané tecel fares* (“contado, pesado, dividido”), explicadas pelo profeta Daniel como anúncio do próximo fim da Babilônia. **105** *O novo camponês do Danúbio*: personagem de uma fábula de La Fontaine (livro XI, fábula 7), deputado dos povos danubianos que faz um requerimento corajoso contra o imperialismo romano perante o Senado de Roma. **106** *O Vingador*: Le Vengeur, navio de guerra francês que, num combate com a esquadra inglesa, se deixou afundar, mas não se rendeu. **107** *Aristides*: general e estadista ateniense (séculos VI e V a.C.) a quem sua integridade fez apelidar de “O Justo”. **108** *Courtebotte* (“bota curta”): trocadilho com o nome de Courtecuisse, que significa “coxa curta”. **109** Em francês comum: *Un bel endroit de sa vie*
Fut qu'à table un jour
Il changea l'eau du pot
En vin de Madère.

“Belo passo de sua vida foi um dia à mesa transmutar a água do pote em vinho Madeira.”

110 *Gévaudan*: antiga região da França, no departamento da Lozère, em cujas florestas, por volta de 1765, apareceu a famigerada “fera de Gévaudan”, talvez algum lobo de tamanho extraordinário. **111** *Lovelace*: personagem de *Clarisse Harlowe*, de

Richardson; tipo do sedutor inescrupuloso. **112** *O pai Grandet*: personagem balzaquiana; protagonista do romance *Eugênia Grandet*, pai da heroína. **113** *Gobseck*: personagem balzaquiana; protagonista da novela deste nome. **114** Barão de Nucingen: protagonista de *A Comédia Humana*, grande banqueiro desonesto cuja história financeira é contada em *A Casa Nucingen*. **115** *O velho Hochon*: personagem balzaquiana, protagonista de *Um Conchego de Solteirão*. **116** *O pequeno La Baudraye*: personagem balzaquiana; protagonista de *A Musa do Departamento*. **117** *Heliogábalos*: imperador romano (século III); famoso por suas loucuras, crueldade e devassidão. **118** Os trocadilhos não se prestam à tradução. **119** *Thelemista*: morador da abadia de Thélème, comunidade ideal de epicuristas, onde se goza uma vida feliz, imaginada por François Rabelais (ver a nota 44) em seu *Gargântua*. **120** *Sra. Amphoux* (ou Anfoux): conhecida fabricante de licores a cujos produtos se atribuía efeito afrodisíaco. **121** *Tibério*: segundo imperador romano (42 a.C. — 37 d.C.), príncipe esclarecido e prudente. — *Richelieu* (1585-1642): primeiro-ministro de Luís XIII, realizador de importantes reformas econômicas, jurídicas e culturais, que acabou com as guerras de religião, quebrou o poder excessivo da nobreza e reforçou o prestígio da França no exterior. — *Fouché* (1759-1820): ministro da Polícia de Napoleão, a quem traiu depois dos Cem Dias; conhecido como intrigante dos mais hábeis e dos menos escrupulosos. **122** *Lúculo*: general romano que dirigiu, antes de Pompeu, a guerra contra Mitridates e se tornou famoso por seu luxo e seu excessivo amor aos prazeres da mesa. **123** *Ver O Cura da Aldeia*. (Nota de Balzac.) **124** *Mansart*: François Mansart (1598-1666), arquiteto da Corte. **125** *Fructus belli* (em latim): frutos da guerra. **126** *Olho-de-Boi*: nome pelo qual se designava um salão oblongo, iluminado unicamente por um olho-de-boi e que precedia o quarto de dormir do rei em Versailles; era onde os cortesãos aguardavam o rei, tramavam intrigas, trocavam novidades e maledicências. **127** *Strass*: composição que imita o diamante e as pedras preciosas. **128** *O famoso Germain*: Thomas Germain (1673-1748), arquiteto e cinzelador, cuja habilidade foi celebrada por Voltaire na poesia *Les Vous et les Tu*. **129** *Mesa de Mármore*: tribunal que existia antigamente em Paris para julgar os recursos das causas julgadas pelos juízes florestais. **130** *Buffon*: ver a nota 101. — *Cuvier*: Georges Cuvier (1769-1832), fundador da Anatomia Comparada e da Paleontologia. **131** *Piron*: Alexis Piron (1689-1773), autor da comédia *Metromania* e de grande número de canções cheias de espírito e licenciosas. **132** Os escritores enumerados aqui, todos medíocres, fazem parte de um grupo classicizante que teve uma efêmera popularidade no fim do século XVIII e durante o Império: *Luce de Lancival* escreveu tragédias, como *Heitor*, e a epopeia *Aquiles em Ciro*; *Evariste Désiré de Parry*, elegias e poemets graciosos de amor; *Jean François de Saint-Lambert* (1716-1803), um poema didático em quatro cantos sobre *As Estações*; *Roucher* — e não *Rauché* — (1745-1794), outro poema didático, em doze cantos, sobre *Os Meses*; *Vigée* (1768-1820), poesias frívolas e comédias; *François Andreiex* (1759-1833), fábulas e comédias; *Joseph Berchoux* (1765-1839), um poema didático sobre a *Gastronomia*. **133** *Delille*: abade Jacques Delille (1738-1813), tradutor de Virgílio e de Milton, autor de poesias campestres; bom versificador, de imensa popularidade; suas perífrases ficaram célebres. **134** *A Estante de Coro* (em francês: *Le Lutrín*), poema herói-cômico em seis cantos (1683), de Boileau, em que o autor trata no estilo altissonante da epopeia clássica um assunto dos mais fúteis: a colocação de uma estante de coro na Santa Capela de Paris. **135** *Singe-Vert* (Macaco Verde): parece tratar-se de uma casa de comércio especializada em jogos de sociedade e que devia o nome, como tantas outras, ao desenho da tabuleta. **136** *Sotto voce* (em italiano): “cochichando”. **137** *Senhor de Pourceaugnac*: comédia de Molière, com caráter de farsa, em que se faz acreditar a dois boticários que o sr. de Pourceaugnac, ridículo advogado de província, é doido: eles põem-se a curá-lo. **138** *Milão de Crotona*: atleta do século VI a.C., várias vezes vencedor nos Jogos Olímpicos, de força e apetite lendários. **139** Trocadilho obtido com a expressão *point de Côté*, “pontada”. **140** *Tivoli*: popular parque de

diversões em Paris, no bairro da Europa, durante a Restauração, com salão de dança, orquestra, bilhares, montanha-russa, fogos de artifício, saltimbancos etc. **141 Biron:** Duque Carlos de Biron (1562-1602), marechal da França sob Henrique IV; ávido de dinheiro e julgando-se insuficientemente recompensado, conspirou com o Duque de Saboia e a Espanha contra a França. Preso, foi condenado à morte e decapitado no pátio da Bastilha. **142 Jano:** antiga divindade romana, representada com dois rostos opostos. A porta de seu templo, fechada, indicava paz; aberta, guerra. **143 A nova Agar:** Alusão a uma personagem da Bíblia, escrava egípcia de Abraão e mãe de Ismael, à qual o patriarca despediu após o nascimento de Isaac. Mãe e filho erraram longamente no deserto de Bersabé e quase morreram à falta de água, quando um anjo veio mostrar uma fonte em que a mãe desesperada pôde abeberar ao filho e a si mesma. **144 Latreille:** Pierre André Latreille (1762-1833), naturalista, um dos fundadores da entomologia. — **Conde Dejean:** Pierre-François Dejean (1780-1845), general e entomologista. — **Gené:** Giuseppe Gené (1800-1847), zoólogo italiano nascido em Turim, autor de uma *Fauna Sarda* a quem Balzac pode ter conhecido pessoalmente durante sua viagem na Sardenha. **145 Vésperas Sicilianas:** nome que se dá à noite do massacre dos franceses na Sicília em 1282; a expressão está empregada aqui no sentido de “carnificina geral”. **146 Raspail:** François-Vincent Raspail (1794-1878), criador da Química Orgânica; mais tarde, homem político. **147 Murillo:** Bartolomé Esteban, dito Murillo (1618-1682), pintor espanhol, autor de quadros de assunto religioso e de cenas populares, igualmente tratados com vigoroso realismo. — **Teniers:** nome de dois grandes pintores flamengos, David, o Velho (1582-1649) e David o Moço (1610-1690), que exceliem na pintura de cenas populares, feiras, quermesses, festas de seu país. — **Callot Jacques.** Callot (1592-1635), gravador francês, célebre pelas águas-fortes aterradoras de realismo, da série *As Misérias da Guerra*, em que se revela um precursor de Goya. **148 Teatro dos Italianos:** Théâtre des Italiens ou Bouffons, companhia de atores e cantores italianos organizada no século XVII, em Paris, e que funcionou em vários locais até se instalar na sala Ventadour, onde permaneceu até seu desaparecimento em 1878. **149 Bando Negro:** alcunha dada pelos arqueólogos e pelos amigos das antiguidades às companhias de especuladores que, depois da Revolução, compravam castelos antigos, conventos, casas de nobres emigrados, para demoli-los e vender-lhes os materiais e os objetos de arte. **150** Deve-se supor o autor de *Os Camponeses* bastante informado sobre as coisas do seu tempo para saber que não havia couraceiros na Guarda Imperial. Ele toma aqui a liberdade de observar que reuniu em seu gabinete os uniformes da República, do Império e da Restauração, a coleção de todos os trajes militares dos países que a França teve como aliados ou como adversários, e mais obras sobre as guerras de 1792 a 1815 do que as possuídas por um marechal de França. Serve-se da via do jornal para agradecer às pessoas que lhe fizeram a honra de se interessar por seus trabalhos a ponto de enviarem notas retificativas e esclarecimentos.

Uma vez por todas, declara que suas inexatidões são voluntárias e calculadas. Esta não é uma *Cena da Vida Militar*, onde teria o cuidado de não pôr bolsas de couro em soldados de infantaria. Tocar na história contemporânea, ainda que seja somente por meio de tipos, tem os seus perigos. A fim de evitar a pequena desgraça das *personalidades*, temos que nos servir, para a ficção, de um quadro cujos pormenores sejam minuciosamente verdadeiros, desnaturando alternadamente os fatos por meio de cores que lhes sejam estranhas. Já com relação a *Um Caso Tenebroso*, embora o fato haja sido modificado em seus pormenores e pertença à história, teve o autor de responder a observações absurdas, baseadas na objeção de que só houve *um* senador raptado e sequestrado ao tempo do Imperador. Sei muito bem disso. Talvez até houvessem coroado de flores quem raptasse um segundo...

Se a inexatidão referente aos couraceiros é demasiado chocante, seria fácil não falar na Guarda. Mas então a família do ilustre general que comandava a cavalaria

repelida no Danúbio nos pediria contas de um milhão e cem mil francos que o Imperador deixou Montcornet tomar na Pomerânia.

Daqui a pouco virão perguntar-nos em que geografia se acham La-Ville-aux-Fayes, o Avonne e Soulanges. Todos esses lugares e esses couraceiros vivem no globo imenso onde estão a torre de Ravenswood, as Águas de Saint-Ronan, a terra de Tillietudlem, Gander-Cleug, Liliput, a abadia de Thélème, os conselheiros privados de Hoffmann, a ilha de Robinson Crusoe e as terras da família Shandy — um mundo isento de contribuições, e onde a posta é paga à razão de vinte centimos o volume pelos que nela viajam. (*Nota de Balzac.*)

O MÉDICO RURAL

1 A dedicatória é dirigida à mãe de Balzac, em solteira Laure Sallambier. Acerca da personalidade desta última, ver *A Vida de Balzac*, no volume I desta edição, págs. 15-17. 2 *Grande-Chartreuse*: ver a nota 13 de *Os Camponeses*. 3 *Moscova*: rio da Rússia Central, perto do qual os franceses, em 1812, venceram os russos numa sangrenta batalha. 4 *Bayard*: Pierre Bayard (1473-1524), célebre capitão francês, modelo de bravura e de virtudes cavaleirescas. 5 *Écarté*: jogo de cartas normalmente jogado entre dois parceiros, no qual estes se descartam. 6 *Pirronismo*: doutrina do filósofo Pirro (século IV a.C.), fundador da escola cética; caracteriza-se pela abstenção de toda afirmação dogmática. 7 *Medeia*, filha de um rei da Cólquida, segundo a mitologia antiga, ajudou Jasão a apoderar-se do toção de ouro e fugiu com ele. Abandonada pelo amante, vingou-se estrangulando com suas próprias mãos os filhos de ambos. Entre as numerosas obras literárias cuja heroína é Medeia, convém assinalar a Medeia de Corneille, à qual Balzac faz alusão um pouco mais adiante. 8 *Srta. Raucourt*: Françoise Marie-Antoinette Saucerotte, dita srta. Raucourt (1756-1815), foi atriz da Comédia Francesa (Théâtre Français ou Comédie Française: o primeiro teatro nacional francês, em Paris). Em 1806, Napoleão encarregou-a de organizar companhias francesas que deviam percorrer a Europa. 9 *Pigault-Lebrun*: Charles Antoine Pigault-Lebrun (1753-1835), romancista e comediógrafo popular, divertido e licencioso; autor de *A Loucura Espanhola*, *Angélica* e *Jeanneton da Praça Maubert*. 10 Acerca dessa cena será interessante citar um trecho da *Correspondência* de Flaubert (Volume II, pág. 164; carta de 1852): “Minha mãe mostrou-me (ela descobria-o ontem) em *O Médico Rural* de Balzac uma cena da minha *Bovary*: uma visita em casa de uma ama. Nunca eu lera esse livro, tampouco quanto a *Luís Lambert*, onde Balzac descobre semelhanças em episódios da própria vida. São os mesmos pormenores, os mesmos efeitos, a mesma intenção, a fazer crer que eu os copiei, se a minha página não estivesse infinitamente mais bem escrita, sem gabar-me”. 11 *Acácia* inermis: espécie de acácia, chamada também acácia sem folhas. 12 *Sopa de pedra*: alusão à conhecida história do irmão esmoleiro que, para fazer uma sopa, pretende de início precisar apenas de água e umas pedrinhas; mas, à medida que a sopa vai fervendo, passa a pedir aos poucos outros ingredientes: sal, pimenta, ossos, legumes etc. 13 *Padre ajuramentado*: isto é, que em 1790 prestou juramento à Constituição civil do clero. 14 *Fénelon*: François de Salignac de la Mothe-Fénelon (1651-1715), arcebispo de Cambrai, notável escritor; teve atuação famosa como preceptor do Duque de Borgonha, neto de Luís XIV, cujo caráter violento conseguiu transformar e para quem escreveu seu livro *As Aventuras de Telêmaco*. 15 *Não é sem motivo* etc. Compare-se a frase com essas palavras de Derville, em *O Coronel Chabert*: “Há na nossa sociedade três homens, o padre, o médico e o legista, que não podem estimar o mundo. Trajam vestes pretas talvez por carregar o luto de todas as virtudes, de todas as ilusões. O mais desgraçado dos três é o advogado”. 16 *Maomé*, fundador do islamismo, nasceu em Meca em 570 e morreu em Medina em 632, ao fim de uma peregrinação. Balzac alude aqui a uma lenda relativa a

sua morte, que não nos foi possível encontrar. 17 *Vauvenargues*: Luc de Clapiers, marquês de Vauvenargues (1715-1747), oficial que, depois de reformado, se dedicou ao estudo do homem e de seus costumes; autor de *Máximas*, em que tenta reabilitar o sentimento contra a razão. 18 *Chamfort*: Sébastien Roch Nicolas, dito de Chamfort (1740-1794), espirituoso moralista, autor de *Caracteres e Anedotas*. 19 *Irmãos morávios*: seita de hussitas dissidentes nos confins da Silésia e da Morávia, a partir do século XV. Viviam em estrita obediência às Escrituras, com princípios rigorosos, entre eles a proibição de usar armas. Perseguidos sobretudo durante a Guerra dos Trinta Anos, viram seu número reduzir-se progressivamente; Genestas deve ter visto alguns de seus últimos remanescentes. 20 *Lollards*: sequazes da heresia de Walter Lollard, surgida na Inglaterra no começo do século XIV, e que mais tarde se espalhou na Alemanha e, sobretudo, na Boêmia. Embora Lollard tivesse sido queimado em 1322 por ordem da Inquisição, sua seita não se extinguiu; seus partidários, na Inglaterra, reuniram-se aos de Wiclef; na Boêmia, tornaram-se os precursores dos hussitas. 21 *O Grande Livro* (da Dívida Pública), instituído pela Convenção em 1793, de todos os credores do Estado com uma importância correspondente à renda real de seu crédito. Aqui a expressão é empregada em sentido figurado. 22 *General Éblé*: Jean-Baptiste Éblé (1758-1812); tomou parte na maioria das campanhas da Revolução e do Império. Durante a retirada da Rússia, recebeu a ordem de romper as pontes do Beresina; teve a feliz ousadia de atrasar de algumas horas a execução dessa ordem, salvando assim a vida de muitos soldados. 23 *Austerlitz*: cidade da Morávia, onde Napoleão obteve uma de suas maiores vitórias sobre os austríacos e os russos, em 2 de dezembro de 1805. 24 *Waterloo*: comuna da Bélgica, perto da qual Napoleão foi vencido em 18 de junho de 1815 pelos exércitos reunidos da Inglaterra e da Prússia. 25 *Aldermen*: palavra inglesa, plural de *alderman*, “magistrado municipal” (na Inglaterra e nos Estados Unidos). 26 *Valutina*: localidade da Rússia perto da qual, em 19 de agosto de 1812, se realizou sangrenta batalha entre os franceses, comandados pelo Marechal Ney, e os russos. 27 *Egípcio*: nome que se dava aos soldados que seguiram Bonaparte ao Egito. 28 *O pequeno tosquiado*: nome que os soldados davam a Napoleão. — 1º de outubro de 1812: parece tratar-se de um erro de data, pois o trecho só pode referir-se à passagem de Beresina (25 a 29 de novembro) ou, eventualmente, a uma batalha de menor importância que se feriu em 1º de novembro perto de Tsarevo — Iaimitché. 29 *O Boletim* 29, datado de Molodetchna, em 3 de dezembro de 1812, relata a trágica retirada dos restos do exército de Napoleão, dizimados por um frio terrível e pelos russos que os perseguiam impiedosamente. 30 *Junot*: Andochejunot (1771-1813), general de Napoleão, governador-geral de Portugal, depois das províncias ilíricas; suicidou-se num acesso de loucura. 31 *Narbonne*: Conde Louis de Narbonne-Lara (1755-1813), ministro da Guerra em 1791; general de Napoleão, embaixador em Viena em 1813; governador de Torgau, onde morreu. 32 *Geh miraus dem Gesicht, oder ich schlag dich tot* (em alemão): “Sai da minha frente, senão te mato!”. 33 *Wagram*: localidade perto de Viena onde, em 6 de julho de 1809, as tropas de Napoleão infligiram derrota às do Arquiduque Carlos. 34 *A volta de Napoleão às Tuileries em 1815* marcou o início de seu segundo reinado, os Cem Dias, de 20 de março a 22 de junho. 35 *Fossoyeur*: coveiro. 36 “*Ergamos nossa tenda e fiquemos aqui*”: palavras de São Pedro, no capítulo XVII, versículo 4, do Evangelho de São Mateus. 37 *Aquele canto*, como veremos mais adiante, é *Malhroukh S'en Va-t-en Guerre* (*Malbroukh Vai à Guerra*), canção ainda hoje muito conhecida na França e que Beaumarchais incluiu em *O Casamento de Figaro*. 38 *A França e a Europa se atiraram contra a Ásia doze vezes em cem anos*: alusão às Cruzadas. 39 *Sila*: general e ditador romano, chefe do partido aristocrático no século I a.C.; venceu o partido popular chefiado por Mário. 40 *Colbert*: Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), grande homem de Estado francês. Inspetor-geral da Fazenda, desenvolveu a indústria e o comércio, reorganizou a Fazenda, a Justiça, a Marinha, protegeu as letras e as artes. 41 *Sully*: Maximilien de Béthune, Duque de Sully (1559-1641), ministro e amigo de

Henrique IV, famoso por sua boa administração nas pastas da Fazenda e da Agricultura. 42 *Eylau*: cidade da Lituânia, perto da qual se realizou, em 8 de fevereiro de 1807, a primeira grande batalha de Napoleão com os russos, um massacre terrível sem resultados práticos para os franceses. Foi nesta batalha que o Coronel Chabert foi deixado no campo entre os mortos. 43 *Duroc*: Géraud-Cristophe-Michel Duroc (1772-1813), general de Napoleão, grão-marechal do Palácio, morto na batalha de Bautzen. 44 *Bessières*: Jean-Baptiste Bessières (1766-1813), Duque de Istria, marechal da França, morto na véspera da batalha de Lutzen. 45 *Lannes*: Jean Lannes, Duque de Montebello (1769-1809), marechal da França; participou da expedição do Egito, distinguiu-se nas batalhas de Montebello e Marengo; tomou Saragossa em 1809; ferido mortalmente na batalha de Essling. 46 *Mântua*: cidade do norte da Itália que, defendida pelo General Wurmser, se rendeu a Napoleão em 2 de fevereiro de 1797. No mesmo ano, a Áustria teve de assinar o Tratado de Campo Formio, no qual renunciava à Bélgica e ao norte da Itália. 47 *Batalha de Abuquir*: a primeira das duas batalhas no porto de Abuquir, em que o Almirante Nelson destruiu quase totalmente a frota de Napoleão. 48 *São João de Acre*: cidade da Palestina; em 1799, Napoleão assediou-a durante dois meses, mas não pôde ocupá-la por faltar-lhe artilharia. Durante o assédio, a peste dizimou o Exército francês. 49 Na segunda *batalha de Abuquir*, em julho de 1799, os ingleses desembarcaram ali um exército turco, mas que foi desbaratado por Napoleão. 50 *Kléber*: Jean-Baptiste Kléber (1753-1800), general francês; comandou os exércitos republicanos na Vendaia e, mais tarde, o exército do Reno; ocupou Alexandria e ganhou a batalha de Monte Tabor. Assassinado por um mameluco, que depois foi empalado. 51 *Ele, porém, convoca o governo*: resumo pitoresco do golpe de Estado de 18 de brumário do ano VIII (9 de novembro de 1799), pelo qual Napoleão se tomou primeiro-cônsul. 52 *E há ainda um etc.*: alusão a Charles Bernadotte (1763-1829), marechal da França que se distinguiu nas guerras da Revolução e do Império; adotado por Carlos XIII, rei da Suécia, virou-se contra a França; rei da Suécia a partir de 1818 sob o nome de Carlos XIV. 53 *Dresde, Lutzen e Bautzen*: três vitórias de Napoleão, em maio de 1813, sobre os prussianos e russos. 54 Na *batalha de Leipzig* (16 a 19 de outubro de 1813) o Exército francês foi derrotado pelos exércitos coalizados. 55 *As ragusadas*: alusão à defeção do Marechal Marmout, Duque de Ragusa, depois da ocupação de Paris pelos aliados. 56 Depois de sua abdicação em Fontainebleau, Napoleão tentou efetivamente suicidar-se com veneno na noite de 12 para 13 de abril de 1814. 57 *Quartier Latin* (bairro Latino): o bairro das escolas em Paris. 58 Balzac voltará anos após a se ocupar do movimento jansenista, ao submeter a uma crítica violenta a *História de Port-Royal* de Sainte-Beuve. 59 *Concordata*: acordo concluído entre Napoleão e Pio VII em 15 de julho de 1801 que regulamentou as relações da França com a Santa Sé, e as do Estado e da Igreja até a lei de 9 de dezembro de 1905. 60 *Epicuro*: filósofo grego (341-270 a.C.). Ensinou que o prazer é o bem supremo do homem, cujos esforços devem tender a obtê-lo; mas, longe de colocar o prazer nos gozos grosseiros dos sentidos, fazia-o consistir na cultura do espírito e na prática da virtude. Um erro generalizado faz com que “epicurista” seja sinônimo entre nós de homem voluptuoso, à procura exclusivamente dos prazeres dos sentidos. 61 *Zenão* (século V a.C.): filósofo grego, discípulo de Parmênides, autor dos argumentos tornados famosos da *flecha que voa* e de *Aquiles e a tartaruga*, por meio dos quais negava a realidade do movimento. 62 *O Pórtico*: seita filosófica dos estoicos, cujo chefe, Zenão (335-264 a.C.) ensinava debaixo de um pórtico de Atenas. 63 *Fuge, late, tace* (em latim): Foge, esconde-te, cala-te. 64 *Um homem de Plutarco*: isto é, um grande caráter. Plutarco, historiador grego (457-125), escreveu as vidas paralelas dos homens ilustres da Grécia e de Roma, destacando sobremaneira os exemplos de grandeza moral. 65 *Meu Renard*, que não tinha roubado o seu nome. Em francês, *renard* significa raposa. 66 *Friedland*: cidade antigamente da Prússia, hoje da União Soviética sob o nome de Pravdinsk, perto da qual Napoleão venceu os russos em 1807. 67

Davout: Louis Nicolas Davout (1770-1823), um dos melhores capitães de Napoleão, que lhe ficou fiel até perceber que o Império chegara ao fim; então assinou com os aliados, em 3 de julho de 1815, o Tratado de Saint-Cloud, para salvar a França de desgraças maiores; membro da Câmara dos Pares durante a Restauração. ⁶⁸ *Ulm*: cidade da Alemanha, perto da qual o exército austríaco de Mack capitulou em 1805 diante de Napoleão. ⁶⁹ *Murat*: Joachim Murat (1767-1815), cunhado de Napoleão e marechal da França; chefe da expedição da Espanha, tomou Madri em 1808; rei de Nápoles de 1808 a 1815.

**Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:**



@editorabibliotecaazul



<https://www.facebook.com/abibliotecaazul>

Copyright da tradução © 1946 Editora Globo S/A

Copyright © 2024 by Cora Tausz Rónai e Laura Tausz Rónai

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

EDITOR RESPONSÁVEL Amanda Orlando

EDITOR-ASSISTENTE Renan Castro

PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini

DIAGRAMAÇÃO Carolinne de Oliveira

REVISÃO Thamiris Leiroza e Lorrane Fortunato

DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO Geni Garcêz

EDITORA DE LIVROS DIGITAIS Ludmila Gomes

PRODUÇÃO DO E-BOOK Ranna Studio

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B158c

Balzac, Honoré de, 1799-1850

A comédia humana [recurso eletrônico] / Honoré de Balzac ; [orientação, introdução e notas de Paulo Rónai ; tradução Carlos Drummond de Andrade, Vidal de Oliveira]. 1. ed. – Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2024.

(A comédia humana; v. 13)

Título original: *La comédie humaine*

ISBN 978-65-5830-219-3

1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Rónai, Paulo. II. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. III. Oliveira, Vidal de. IV. Título. V. Série.

24-92779

CDD: 843
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

1ª edição, 1948-1955; 2ª edição, 1989-1992; 3ª edição 2014; 4ª edição 2024

Direitos de edição em língua portuguesa adquiridos por Editora Globo s.A.

Rua Marquês de Pombal, 25

Rio de Janeiro, RJ — 20230-240

www.globolivros.com.br

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [Plano da presente edição de A comédia humana](#)
4. [Sumário](#)
5. [Os camponeses](#)
6. [O médico rural](#)
7. [Créditos](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Sumário](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)

24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)

- 68. [68](#)
- 69. [69](#)
- 70. [70](#)
- 71. [71](#)
- 72. [72](#)
- 73. [73](#)
- 74. [74](#)
- 75. [75](#)
- 76. [76](#)
- 77. [77](#)
- 78. [78](#)
- 79. [79](#)
- 80. [80](#)
- 81. [81](#)
- 82. [82](#)
- 83. [83](#)
- 84. [84](#)
- 85. [85](#)
- 86. [86](#)
- 87. [87](#)
- 88. [88](#)
- 89. [89](#)
- 90. [90](#)
- 91. [91](#)
- 92. [92](#)
- 93. [93](#)
- 94. [94](#)
- 95. [95](#)
- 96. [96](#)
- 97. [97](#)
- 98. [98](#)
- 99. [99](#)
- 100. [100](#)
- 101. [101](#)
- 102. [102](#)
- 103. [103](#)
- 104. [104](#)
- 105. [105](#)
- 106. [106](#)
- 107. [107](#)
- 108. [108](#)
- 109. [109](#)
- 110. [110](#)
- 111. [111](#)

112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)

156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)

200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)

244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)

288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)
325. [325](#)
326. [326](#)
327. [327](#)
328. [328](#)
329. [329](#)
330. [330](#)
331. [331](#)

332. [332](#)
333. [333](#)
334. [334](#)
335. [335](#)
336. [336](#)
337. [337](#)
338. [338](#)
339. [339](#)
340. [340](#)
341. [341](#)
342. [342](#)
343. [343](#)
344. [344](#)
345. [345](#)
346. [346](#)
347. [347](#)
348. [348](#)
349. [349](#)
350. [350](#)
351. [351](#)
352. [352](#)
353. [353](#)
354. [354](#)
355. [355](#)
356. [356](#)
357. [357](#)
358. [358](#)
359. [359](#)
360. [360](#)
361. [361](#)
362. [362](#)
363. [363](#)
364. [364](#)
365. [365](#)
366. [366](#)
367. [367](#)
368. [368](#)
369. [369](#)
370. [370](#)
371. [371](#)
372. [372](#)
373. [373](#)
374. [374](#)
375. [375](#)

376. [376](#)
377. [377](#)
378. [378](#)
379. [379](#)
380. [380](#)
381. [381](#)
382. [382](#)
383. [383](#)
384. [384](#)
385. [385](#)
386. [386](#)
387. [387](#)
388. [388](#)
389. [389](#)
390. [390](#)
391. [391](#)
392. [392](#)
393. [393](#)
394. [394](#)
395. [395](#)
396. [396](#)
397. [397](#)
398. [398](#)
399. [399](#)
400. [400](#)
401. [401](#)
402. [402](#)
403. [403](#)
404. [404](#)
405. [405](#)
406. [406](#)
407. [407](#)
408. [408](#)
409. [409](#)
410. [410](#)
411. [411](#)
412. [412](#)
413. [413](#)
414. [414](#)
415. [415](#)
416. [416](#)
417. [417](#)
418. [418](#)
419. [419](#)

420. [420](#)
421. [421](#)
422. [422](#)
423. [423](#)
424. [424](#)
425. [425](#)
426. [426](#)
427. [427](#)
428. [428](#)
429. [429](#)
430. [430](#)
431. [431](#)
432. [432](#)
433. [433](#)
434. [434](#)
435. [435](#)
436. [436](#)
437. [437](#)
438. [438](#)
439. [439](#)
440. [440](#)
441. [441](#)
442. [442](#)
443. [443](#)
444. [444](#)
445. [445](#)
446. [446](#)
447. [447](#)
448. [448](#)
449. [449](#)
450. [450](#)
451. [451](#)
452. [452](#)
453. [453](#)
454. [454](#)
455. [455](#)
456. [456](#)
457. [457](#)
458. [458](#)
459. [459](#)
460. [460](#)
461. [461](#)
462. [462](#)
463. [463](#)

464. [464](#)
465. [465](#)
466. [466](#)
467. [467](#)
468. [468](#)
469. [469](#)
470. [470](#)
471. [471](#)
472. [472](#)
473. [473](#)
474. [474](#)
475. [475](#)
476. [476](#)
477. [477](#)
478. [478](#)
479. [479](#)
480. [480](#)
481. [481](#)
482. [482](#)
483. [483](#)
484. [484](#)
485. [485](#)
486. [486](#)
487. [487](#)
488. [488](#)
489. [489](#)
490. [490](#)
491. [491](#)
492. [492](#)
493. [493](#)
494. [494](#)
495. [495](#)
496. [496](#)
497. [497](#)
498. [498](#)
499. [499](#)
500. [500](#)
501. [501](#)
502. [502](#)
503. [503](#)
504. [504](#)
505. [505](#)
506. [506](#)
507. [507](#)

508. [508](#)
509. [509](#)
510. [510](#)
511. [511](#)
512. [512](#)
513. [513](#)
514. [514](#)
515. [515](#)
516. [516](#)
517. [517](#)
518. [518](#)
519. [519](#)
520. [520](#)
521. [521](#)
522. [522](#)
523. [523](#)
524. [524](#)
525. [525](#)
526. [526](#)
527. [527](#)
528. [528](#)
529. [529](#)
530. [530](#)
531. [531](#)
532. [532](#)
533. [533](#)
534. [534](#)
535. [535](#)
536. [536](#)
537. [537](#)
538. [538](#)
539. [539](#)
540. [540](#)
541. [541](#)
542. [542](#)
543. [543](#)
544. [544](#)
545. [545](#)
546. [546](#)
547. [547](#)
548. [548](#)
549. [549](#)
550. [550](#)
551. [551](#)

552. [552](#)
553. [553](#)
554. [554](#)
555. [555](#)
556. [556](#)
557. [557](#)
558. [558](#)
559. [559](#)
560. [560](#)
561. [561](#)
562. [562](#)
563. [563](#)
564. [564](#)
565. [565](#)
566. [566](#)
567. [567](#)
568. [568](#)
569. [569](#)
570. [570](#)
571. [571](#)
572. [572](#)
573. [573](#)
574. [574](#)
575. [575](#)
576. [576](#)
577. [577](#)
578. [578](#)
579. [579](#)
580. [580](#)
581. [581](#)
582. [582](#)
583. [583](#)
584. [584](#)
585. [585](#)
586. [586](#)
587. [587](#)
588. [588](#)
589. [589](#)
590. [590](#)
591. [591](#)
592. [592](#)
593. [593](#)
594. [594](#)
595. [595](#)

596. [596](#)
597. [597](#)
598. [598](#)
599. [599](#)
600. [600](#)
601. [601](#)
602. [602](#)
603. [603](#)
604. [604](#)
605. [605](#)
606. [606](#)
607. [607](#)
608. [608](#)
609. [609](#)
610. [610](#)
611. [611](#)
612. [612](#)
613. [613](#)
614. [614](#)
615. [615](#)
616. [616](#)
617. [617](#)
618. [618](#)
619. [619](#)
620. [620](#)
621. [621](#)
622. [622](#)
623. [623](#)
624. [624](#)
625. [625](#)
626. [626](#)
627. [627](#)
628. [628](#)
629. [629](#)
630. [630](#)
631. [631](#)
632. [632](#)
633. [633](#)
634. [634](#)
635. [635](#)
636. [636](#)
637. [637](#)
638. [638](#)
639. [639](#)

640. [640](#)
641. [641](#)
642. [642](#)
643. [643](#)
644. [644](#)
645. [645](#)
646. [646](#)
647. [647](#)
648. [648](#)
649. [649](#)
650. [650](#)
651. [651](#)
652. [652](#)
653. [653](#)
654. [654](#)
655. [655](#)
656. [656](#)
657. [657](#)
658. [658](#)
659. [659](#)
660. [660](#)
661. [661](#)
662. [662](#)
663. [663](#)
664. [664](#)
665. [665](#)
666. [666](#)
667. [667](#)
668. [668](#)
669. [669](#)